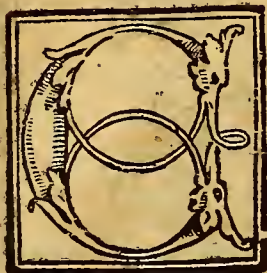
F C

HO LIVRO PRIMEIRO dos dez da hiſtoria do deſcobrimento & conquiſta da India pelos Portugueſes.

Agora emmẽdado & acrecentado. E neſtes dez liuros ſe contẽ todas as milagroſas façanhas que os Portugueſes fizerão em Ethiopia, Arabia, Perſia, E nas Indias, dentro do Ganges & fora dele, & na China & nas Ilhas de Maluco, do tempo q̃ dom Vaſco da Gama conde da Vidigueira & almirante do Mar Indico deſcobrio as Indias, ate a morte de dom Ioão de Caſtro que la foy gouernador & viſorey. Em que ſe contem eſpaço de cinquoenta annos,

Com priuilegio Real

¶ Priuilegio que ho muyto alto, & muyto poderoso Rey dō Ioão ho terceiro deste nome deu a Fernão lopez de Castanheda pera os liuros da historia do descobrimento & conquista da India pelos Portugueses.

EV el Rey faço saber a quātos este meu Aluara virē q̄ Fernão lopez de castanheda, Bedel da faculdade das artes da vniuersidade de Coimbra me ēuiou dizer q̄ ele tinha feytos dez liuros da historia da India, q̄ começauão do descobrimēto dela: dos q̄es tinha impressos â sua custa ho primeyro liuro, & queria imprimir os outros. E porq̄ auia mais de vinte annos q̄ andaua ocupado no fazer da dita historia: & tinha leuado nisso muyto trabalho, & feyto muyto gasto de sua fazenda me pedia q̄ ouuesse por bē, q̄ pessoa algũa não podesse imprimir os ditos liuros senão ele Fernão lopez, nē os vender, nē trazer de fora do reyno polo tempo, & sob as penas q̄ me bem parecesse. E visto seu requerimento, & auēdo respeyto ao trabalho q̄ tem leuado em fazer os ditos liuros, & a despesa q̄ nisso tē feyta, me praz q̄ por tēpo de dez annos q̄ se começarão da feytura deste em adiante, pessoa algũa de qualq̄r qualidade que seja, não possa imprimir, nē mandar imprimir os ditos liuros da dita historia da India, nē cada hũ deles: nem os possa trazer, nem mandar vir impressos de fora do reyno, se não ho dito Fernão lopez, ou quem seu poder pera isso teuer. Sob pena de qualquer impressor, ou liureiro, ou pessoas q̄ os ditos liuros ou cada hũ deles imprimir, ou vēder, ou teuer ē sua casa, ou trouuer imprimidos de fora do reyno, perder os volumes q̄ lhe forem achados & pagar cincoenta cruzados, a metade pera os catiuos, & a outra metade pera quē os acusar. E este se imprimira no principio de cada hum dos ditos liuros. Pelo qual mādo a todos os corregedores, juyzes, & justiças, officiaes & pessoas de meu reynos & senhorios q̄ assi ho cūprão & goardem, & fação inteiramente cūprir & goardar, porq̄ assi ho ey por bē. E este me praz q̄ valha, & tenha força & vigor, como se fosse carta feyta ē meu nome por mim assinada & passada por minha chācelaria: posto q̄ este não seja passado pola minha chācelaria, sem ēbargo das ordenações do segūdo liuro, q̄ ho contrairo dispõe. Ioão de seyxas ho fez ē Almerim, a quatorze dias de Iunho de: M. D. L I I, Manuel da costa ho fez escreuer,

Prologo no primeiro liuro dos dez da hiſtoria do deſcobrimento & conquiſta da India pelos Portugueſes. Dirigido ao muyto alto & muyto poderoſo Rey dõ Ioão noſſo Senhor deſte nome ho terceiro Rey de Portugal & dos Algarues, daquem & dalem mar em Africa, ſenhor de Guiné, Da conquiſta, nauegação & comercio de Ethiopia, Perſia, Arabia, & da India.

Per Fernão Lopez de Caſtanheda.

EM grande obrigação ſamos homẽs aos hiſtoriadores muito alto & muito poderoſo Rey noſſo Senhor, principalmente os princepes pe raquem parece que ẽ eſpecial ſe fez a hiſtoria, couſa tão proueitoſa pera a vida humana q̃ inſina o q̃ façamos & do q̃ auemos de fugir, o q̃ conuẽ muito mais aos princepes q̃ aos outros homẽs, porq̃ qualq̃r homẽ priuado q̃ faça hũ erro não he nada pois não dana mais q̃ a ſi meſmo, & hũ princepe ſe ho faz dana a todos os q̃ tẽ debaixo de ſua gouernãça, porq̃ dela ſer boa ou mâ depẽde ho bem & mal de todos os de ſua Repubrica, Pelo q̃ he muito neceſſario ſer ho princepe mais virtuoſo, mais ſabedor & mais prudente que todos, & peraque aprenda eſtas couſas não tẽ melhor preceitor q̃ a hiſtoria, porque? que doutrina q̃ diſcrição q̃ prudẽcia ha pera boa gouernança da Repubrica aſſi na paz como na guerra que a hiſtoria não inſine com experiẽcia de exempros, que ſam muito mais doque hũ homẽ pode ver em ſua vida por mais comprida q̃ ſeja, & poriſſo todos eſſes princepes famoſos aſſi Barbaros como Gregos & Latinos forão tão dados a ler hiſtorias. E por a hiſtoria ſer tão neceſſaria aos princepes eſpecial as de ſeus anteceſſores de q̃ muito melhor hão de tomar exempro q̃ dos eſtrangeiros foy inſtituido q̃ nos reynos ouueſſe croniſtas que fiel & particularmente ſcreueſſem os feitos dos Reys aſſi na paz como na guerra & os coſtumes & qualidades que teuerão, peraque ficaſſem por regimẽto de ſeus ſubceſores que viſſem no q̃ os auião de ſeguir & doque ſe auião de goardar, No q̃ eles ſe deuião docupar algũas oras do dia pois tãto importa a ſua boa gouernãça, & ſem duuida q̃ iſſo abaſtaua pera per ſi ſe conſelharem melhor do que muitas vezes ſão conſelhados, porque hi & nas hiſtorias acharão caſos conformes aos em que ſe conſelhão, em que elas como peſſoas deſapaſſionadas dão mais verdadeiros cõſelhos que os conſelheiros, que muitas vezes errão como humanos. Do que verdadeiramente ſe pode colegir que a hiſtoria he muyto mais proueitoſa & neceſſaria pera os princepes que pera os homens priuados, & conhecendo eu eſtes ſeus proueitos, por ſeruir a. V. Alteza tomey ho trabalho de fazer eſta, do deſcobrimiẽto & conquiſta da India que os Portugueſes fizerão, aſſi por mandado do muito famoſo & bem afortunado Rey dom Manuel voſſo pay, como pelo de. V. A. & pera ſerem diuulgadas pelo mundo as notaueis façanhas que fizerão com ajuda de noſſo Senhor neſte deſcobrimento & conquiſta, de que não auia nhũa lembrança ſe não em quatro peſſoas, com cuja morte ſe acabaria, & ſendo ſcritas durarião pera ſempre como as dos Gregos & Romãos que ho forão, a que eſtas dos Portugueſes & ás dos Barbaros tem grande & conhecida auãtage, porque as ſuas cõquiſtas forão todas per terra, aſſi como a de Semiramis, de Ciro, de Xerxes do grãde Alexãdre, de Iulio Ceſar & doutros Barbaros, Gregos & Latinos & indo eles cõ ſuas gentes. E a da India foy feita por mar & por voſſos capitães, & cõ nauegação dũ anno & doito meſes & de ſeis ao menos: & não a viſta de terra ſenão afaſtados trezentas & ſeiſcentas leguas partindo do fim do Occidente & nauegando a

te ho do Oriente ſem verem mais que agoa & ceo, rodeando toda a Sphera, couſa nun
ca cometida dos mortais, nem imaginada pera ſe fazer. Com imenſos trabalhos de fo
me, de ſede, de doenças & de perigos de morte, com a furia & impeto dos vẽtos, & paſ
ſados eſtes ſe vem na India em outros deſpantoſas & crueis batalhas com a mais feroz
gente & mais ſabedor na guerra & abaſtada das munições parela, q̃ outra nhũa Daſia.
No que tambẽ inuictiſsimo Principe ſe conhece a muito grãde proſperidade del Rey
voſſo pay & voſſa, que ſem vos bolir de voſſas caſas deſcobriſtes & conquiſtaſtes per
voſſos capitães o que nhũs Principes poderão per ſi deſcobrir nem conquiſtar. E ſin-
tindo eu tamanha perda como fora perderſe a memoria de feitos tão notaueis que os
Portugueſes fizerão, & pelas mais rezões que digo me diſpus a tamanho trabalho co-
mo leuey ẽ afazer, pera o que me ajudou muito ir à India, onde fuy cõ Nuno da cunha
em companhia do licenciado Lopo Fernandez de Caſtanheda meu pay, que por man
dado de. V. Alteza foy ho primeiro ouuidor da Cidade de Goa. E a riqueza que lâ tra
balhey por alcãçar, foy ſaber muyto particularmente o que ate aquele tempo fizerão
os Portugueſes no deſcobrimento & conquiſta da India, & iſto não de peſſoas quaeiſ-
quer, ſenão de Capitães & Fidalgos que ho ſabião muyto bem por ſerem preſentes nos
conſelhos das couſas & na execução delas, & per cartas & ſummarios que examiney
cceſtas teſtemunhas. E aſſi vij os lugares em q̃ ſe fizerão as couſas que auia deſcreuer
pera que foſſem mais certas: porq̃ muitos ſcritores fizerão grandes erros no que ſcreue-
rão por não ſaber em os lugares de que ſcreuião. E não ſomente fiz eſta diligẽcia na In-
dia, mas ainda deſpois em Portugal, por não achar nela quem me diſeſſe tanta diuerſi-
dade de couſas & tão particularmente como queria ſaber. E alẽ de me todos affirmarẽ
cõ juramento o q̃ me diſſerão me derão licẽça pera os alegar por teſtemunhas. E eſtas
peſſoas com que faley em Portugal andey buſcãdo per diuerſas partes, com muito tra-
balho de minha peſſoa & gaſto diſſo pouco que tinha: no que gaſtey vinte ãnos, que foy
ho melhor tempo de minha idade, & ne le fuy tão perſeguido da fortuna & fiquey tão
doẽte & pobre, que por não ter outro remedio com que me mantiueſſe aceitei ſeruir hũs
officios na vniuerſidade de Coimbra, onde no tempo que me ficaua deſocupado do ſer-
uiço deles com aſſaz fadiga do corpo & do ſpirito acabey de compoer eſta hiſtoria, que
reparti em dez liuros que offreço a. V. Alteza, a que Deos noſſo Senhor deſpois de muy
tos & proſperos annos ficando em ſeu lugar ho Principe noſſo Senhor, leue do ſenhorio
da terra ao do ceo.

Ho primeiro liuro da historia do

descobrimento e conquista da India pelos Portugueses. Per mandado do inuictissimo Rey dom Manuel de Portugal de gloriosa memoria deste nome ho primeyro: em que se contem ho descobrimento da India per dom Vasco da Gama cõde da Vidigueira e almirante do mar Indico. E a guerra que fizerão os Portugueses a el rey de Calicut no tempo que forão capitães móres Francisco dalbuquerque e Duarte pacheco.

Feyto per Fernão lopez de Castanheda.

¶ Capitolo. j. De como el Rey dom João de Portugal ho segundo deste nome mandou descobrir a India per mar e despois por terra.

Antes que a India fosse descuberta pellos Portugueses, a mayor parte da especiaria, droga e pedraria dela se vazaua pelo mar roxo donde ya ter á cidade Dalexandria / e ali a comprauão os Venezianos que a espalhauão pela Europa, de que ho reyno de Portugal auia seu quinhão, que os Venezianos leuauão a Lisboa em galés / principalmente reynãdo nos reynos de Portugal el Rey dõ João ho segundo deste nome: que como fosse de muyto altos pensamẽtos / e desejoso dacrecentar seus senhorios e ennobrecelos a seruiço de nosso señor / determinou de prosseguir ho descobrimento da costa de Guiné que seus antecessores tinhão começado: porque por aquela costa lhe parecia q̃ descobriria ho senhorio do Preste João das Indias de que tinha fama: pera que por ali podesse entrar na India, donde per seus capitães podesse mandar leuar aquelas riquezas q̃ os Venezianos lhe yão vender. E cõ esta determinação mandou nouamente continuar este descobrimento per mar / per hũ Bertolameu diaz que foy almoxarife dos almazẽs de Lisboa / que mãdou por capitão mór a este descobrimento / em que descobrio aq̃le muyto grande e espantoso cabo dos antigos não conhecido: que agora se chama Cabo de boa Esperança / e passou auante cento e corẽta legoas ate ho rio do Iffante / e da hi se tornou pera Portugal sem achar nouas do Preste joão nem da India: e naquela viagem pos em certos lugares algũs padrões q̃ leuaua com cruzes e as armas reaes de Portugal. E ho derradeyro foy ẽ hũ ilheo perto da terra firme quinze legoas atras deste rio do Iffante / a q̃ pos nome ho ilheo da Cruz. E despois da partida deste Bertolameu diaz, como el Rey tinha muytos grãdes desejos de descobrir ho Preste joão das Indias pera ho conhecer por amigo / e por sua causa ter ẽtrada na India / determinou de ho mandar descobrir por terra: por onde ja tinha mandado hũ frey Antonio de Lisboa frade de sam Francisco e hũ

vinte cinco Doutubro na vila Daluor / & sucedeolhe el Rey dom Manuel de gloriosa memoria o primeyro deste nome: a quē parece que a diuina prouidēcia tinha escolhido pera este descobrimēto, com q̄ a fé catholica foy tão exalçada / & a real casa de Portugal ganhou tāta fama & honrra.

¶ Capit. ij. De como Vasco da gama com outros capitães foy descobrir a India.

Como quer que el Rey dō Manuel assi como sucedeo nos reynos a el Rey dō João / assi tā bē lhe sucedeo nos desejos q̄ tinha de descobrir a India: logo aos dous annos de seu reynado entendeo no seu descobrimēto / pera q̄ lhe aproueitou muyto as instruções q̄ lhe ficarão del Rey dō João / & seus regimētos pera esta nauegação: & mādou fazer dous nauios da madeira q̄ el Rey dō João mandara cortar. E hū q̄ era de cēto & vīte toneladas ouue nome sam Gabriel: & outro de cento sam Rafael: & comprou pera ir coestes nauios hūa carauela de cincoenta toneladas a hū piloto chamado Birrio de q̄ a carauela tomou ho nome. E estes tres nauios auia de mandar a este descobrimēto & cō a capitania mór deles cometeo hū Paulo da gama caualeyro de sua casa filho q̄ fora Destevão da gama alcayde mór da vila de Sinis no campo dourīq̄, em q̄ tinha grande confiança por ele ser pera isso. Do q̄ se ele escusou por hūa doença que tinha com q̄ não poderia sofrer os trabalhos de capitão mór. pedindo a el rey q̄ fizesse merce daq̄le cargo a hū seu irmão mais moço chamado Vasco da gama q̄ ho saberia muy bē seruir / & q̄ ele iria tambē na armada por capitão pera o acōselhar & ajudar. Do q̄ el Rey foy contente por saber q̄ era assi, & que era Vasco da gama espremētado nas cousas do mar em q̄ tinha feyto muyto seruiço a el Rey dom João: & q̄ era homē de grandes spiritos: & muyto proprio pera dar fim a este descobrimēto / & assi lho disse quādo lhe deu este cargo / encomēdādolhe muyto q̄ satisfizesse ao credito q̄ tinha nele, porq̄ se assi ho fizesse lhe faria por isso muyto grandes merces; que lhe logo começou de fazer de hūa comēda / & de dinheiro pera o apercebimēto de sua viagē. E pera irem coele despachou tambē a Paulo da gama & a hū Niculao coelho ambos criados del Rey & homēs pera qual quer grande feyto. E por quanto nos nauios da armada não podião ir mantimētos q̄ abastassem á gēte dela ate tres annos / cōprou el Rey hūa nao a hū Ayres correa de Lisboa q̄ era de duzentos tonels / pera q̄ fosse carregada de mātimētos ate a agoada de sam Bras, & ali se despejaria & a queymarião. Despachado Vasco da gama em mōte mór ho nouo onde el Rey estaua / partiose cō seus capitães pera Lisboa: ōde feyta sua armada embarcouse a gente dela / q̄ forão cento & corenta & oyto pessoas: ē Restelo, q̄ sera hūa legoa de Lisboa / hū sabado oyto dias de Julho do anno de mil & .cccc.xcvij.

E ao embarcar sayrão todos ē pro-
cissam de nossa senhora de Belē: que
he agora hũ mosteiro da ordē d' sam
Hieronimo/ ⁊ hião em pelote ⁊ ci-
rios acesos nas mãos, ⁊ os frades
rezando: ⁊ ya coeles a mayor parte
da gēte de Lisboa, ⁊ a mais dela cho
raua com piedade dos q̃ se yão em-
barcar crēdo q̃ auião todos de mor
rer. Embarcados todos ⁊ Uasco
da gama cõ os outros capitães, lo
go derão ás velas ⁊ se partirão de
foz ē fora. E Uasco da gama ya na
nao sam Gabriel/ ⁊ leuaua por seu
piloto a hũ Pero dalãquer q̃ fora
piloto de Bertolameu diaz quãdo
fora descobrir ho rio do Iffante: ⁊
Paulo da gama ya em sam Rafael,
⁊ Niculao coelho na carauela ber-
rio: ⁊ hũ Gonçalo nunez criado de
Uasco da gama ya por capitão da
nao dos mantimētos. E na sua cõ-
panhia ya Bertolameu diaz ē hũa
carauela ate a ilha do cabo verde/
⁊ dahi auia dir á mina. E Uasco da
gama mandou a todos q̃ sendo caso
q̃ se perdessem hũ dos outros que fi
zessē seu caminho pera as ilhas do
cabo verde/ ⁊ ali se ajuntarião. E se
guindo sua viagē dali a oyto dias
ouue vista das Canarias. E indo
hũa noyte atraues do rio do ouro
foy de noyte a çarração tamanha ⁊
a tormenta, q̃ se perderão os nauios
hũs dos outros, ⁊ assi apartados
seguirão a rota das ilhas do cabo
verde per espaço de oyto dias. E sē
do ja jũtos Paulo da gama/ Nicu-
lao coelho, Bertolameu diaz, ⁊ Gõ
çalo nunez a hũa q̃rta feyra a tarde
toparão cõ Uasco da gama, ⁊ saluã
do ho cõ muytos tiros dartelharia
⁊ trõbetas lhe falarão. E ao outro
dia que forão. xxviij. de Julho che-
garão todos á ilha de Santiago: ⁊
surgirão na praya de santa Maria,
onde fizerão agoada em sete dias/ ⁊
forão cõcertadas as vergas dos na
uios do dãno q̃ receberão na tormē
ta passada/ ⁊ hũa quinta feyra que
forão tres Dagosto se partio Uas-
co da gama despedindose primeyro
dele Bertolameu diaz: q̃ dali se foy
caminho da mina. E Uasco da ga-
ma seguio por sua nauegação indo
caminho do cabo d' boa Esperāça,
⁊ cõ todas as naos de sua cõserua se
engolfou no mar, per õde nauegou
Agosto, Setembro, ⁊ Outubro cõ
muytas tormētas de vētos, chuuas
⁊ çarrações com q̃ se todos virão ē
assaz de perigo, vendo a morte diā-
te muytas vezes. E sendo ja tempo
de Uasco da gama ir demãdar a ter
ra, ido na volta dela hũ sabado qua
tro dias de Nouembro ás noue ho-
ras foy vista, de q̃ todos forão muy
toledos. E juntos os capitães sal-
uarão Uasco da gama vestidos to-
dos de festa/ ⁊ os nauios embãdei-
rados/ ⁊ chegarão bē jũto cõ terra
⁊ porque a não conhecerão mãdou
Uasco da gama q̃ tornassem a virar
na volta do mar/ ⁊ forão nela ate a
terça feyra seguinte q̃ virarão pera
terra ate q̃ a virão/ ⁊ forã ter a hũa
grande baya q̃ por ter bõ pouso sur
girão nela pera fazerē agoada, ⁊ po
seranlhe nome a angra de santa Ele
na. E segundo os nossos despois a-
charão, os homēs q̃ morauã no ser
tão daq̃la angra: sam peq̃nos de cor
po, ⁊ feos de rosto, de coor baça, ⁊
q̃ndo falauão parecia q̃ saluçauão:

seus vestidos sam de peles dalimarias, feytos como capas francesas. Trazẽ por armas hũas varas dazãbujo tostadas, ꝛ nos cabos metidos hũs cornos dalimarias tostados, q̃lhes seruẽ de ferros/ ꝛ ferem coeles. Mantense esta gente de rayzes deruas/ ꝛ de lobos marinhos, ꝛ baleas/ de que aq̃la angra he muyto abastada/ ꝛ assi de coruos marinhos ꝛ gaiuotas: ꝛ tambẽ comẽ gazelas/ ꝛ rolas, ꝛ cotouias, ꝛ outras alimarias ꝛ aues que ha na terra em que tambẽ ha cães como os d̃ Portugal. Surta a armada mãdou Vasco da gama rodear a ãgra pera ver se se metia nela algũ rio dagoa doce ꝛ achando que não mãdou Niculao coelho no seu batel ao longo da costa pera diante que ho fosse buscar, ꝛ achou hũ dali a quatro legoas a q̃ pos nome Santiago/ ꝛ dele se proueo a frota dagoa. Ao outro dia sayo Vasco da gama em terra cõ os outros capitães ꝛ algũa gente pera ver que gente era a que moraua naquela terra/ ꝛ se poderia saber quanto aueria dali ao cabo de boa Esperança/ porque ho não sabia que se não affirmaua ho piloto mór na certeza do q̃ seria/ porque quando foy com Bertolameu diaz não ouue vista do cabo se não tornandose pera Portugal, ꝛ da ida fora de largo/ ꝛ por isso nã conhecia a terra. E com tudo faziasse trinta legoas do cabo ao mais. Assi q̃ desembarcado Vasco da gama/ ꝛ andando pela terra tomarão os nossos hũ homem dos seus moradores / que andaua apanhando mel aos pés das moutas, õde ho as abelhas fazião sem mais cortiços. E coele se tornou Vasco da gama muyto ledo ás naos cuydando que teria lingoa nele / mas não foy assi, que nenhũ dos lingoas que leuaua ho pode entender/ ꝛ mãdoulhe dar de comer, ꝛ comeo/ ꝛ bebeo de tudo o que lhe derão. E vendo Vasco da gama que se não entẽdia, ao outro dia ho mandou poer em terra bem vestido/ o que parece q̃ ele foy mostrar aos outros, por q̃ ao outro dia vierão obra de quinze onde estaua a nossa frota: ꝛ Vasco da gama lhes mostrou especiaria/ ouro, ꝛ aljofar pera ver se teria aq̃la gente conhecimento dalgũa daquelas cousas. E na pouca conta que fizerão delas conheceo q̃ não tinhão nenhum/ ꝛ ẽtão lhes deu cascaueis, aneis destanho/ ꝛ ceitis: ꝛ coisto folgarão muyto. E dali por diante ate ho sabado seguĩte vinhão muytos onde estaua a nossa frota: ꝛ recolhẽdose a gente da terra pera suas pouoações, hũ dos nossos chamado Fernão veloso, que desejaua muyto de ver a sua maneyra de vida pedio licença a Vasco da gama pera ir em sua companhia: que lhe ele deu mais por importunação que por võtade. E indo Fernão veloso com eles tomarão hũ lobo marinho/ que logo assarão ao pee de hũa serra/ ꝛ ho cearão todos. E segundo despois pareceo a gente da terra tinha ordenada treyção aos nossos, porque aq̃la com que Fernão veloso ceou, tanto que teue acabado de cear ho fez tornar pera a nossa frota q̃ estaua perto. E despois de partido forã a pos ele de vagar, ꝛ quando Fernão veloso chegou a borda dagoa estauão

os nossos ceãdo, τ ouuindo ho Uasco da gama bradar/ τ vẽdo a gente da terra que ho seguia/ pareceolhe quelhe queria fazer mal, deixou de cear τ cõ os d sua nao se meteo logo no batel τ foyse a terra, τ ho mesmo fizerã os outros capitães, τ todos yão desarmados parecẽdolhes que os negros não farião o que fizerão: τ eles em aparecendo os nossos bateis deitarão a correr com grande grita, τ assi sayrão outros que estauão escondidos no mato. E em os nossos desembarcando derão sobreles tirandolhes cõ suas azagayas: de maneyra que aos nossos lhe foy forçado tornarse a embarcar com muyta pressa, recolhendo todauia Fernã veloso. E vẽdo os os negros embarcados tornaranse, mas Uasco da gama foy ferido τ assi tres homẽs. E ainda que os nossos ali esteuerão despois quatro dias não tornarão mais os negros: τ por isso nã se pode Uasco da gama vigar dles.

¶ Capit. iij. De como Uasco da gama dobrou ho cabo de boa Esperança, τ do que lhe aconteceo ate passar ho rio do Iffante.

Feyta agoada τ carnajem, partiose Uasco da gama hũa quinta feyra pela menhaã que forão dezaseys de Nouembro τ fez seu caminho na volta do mar com sul susueste. E ao sabado a tarde ouue vista do cabo de boa Esperança/ τ por lhe ser ho vento contrayro que era susueste/ τ o cabo jaz nordeste suduueste tornou a virar na volta do mar em quanto durou ho dia/ τ de noyte na volta da terra: τ ho mesmo lhe aconteceo ate a quarta feyra seguinte q̃ forão vinte de Nouembro, em q̃ dobrou este cabo/ indo ao longo da costa cõ vẽto a popa/ com muyto prazer de folias τ tanger de trombetas em toda a frota, porque todos esperauão em nosso senhor de acharem o q̃ buscauão. E indo assi ao lõgo da terra virão andar nela muyto gado grosso τ meudo, τ todo muyto grande τ gordo: τ não parecião nenhũas pouoações, porque por esta terra não as ha ao longo do mar/ se não metidas pelo sertão, τ sam tudo casas d terra τ palhaças, τ a gente he baça: τ vestese como a da angra de sancta Elena/ τ assi falão τ da mesma maneyra vsam azagayas, τ tem mais outras armas. A terra he muyto viçosa daruoredos τ dagoas, τ junto com este cabo da banda do sul se faz hũa angra muyto grande que entra pela terra bem seys legoas. τ na boca terá bẽ outras tantas. Dobrado ho cabo de boa Esperança/ logo ao domingo seguinte que foy dia d santa Catherina chegou Uasco da gama a agoada de sam Bras/ que he sessenta legoas auante do cabo. He hũa baya muyto grande abrigada de todos os ventos somẽte do norte: a gente he baça τ cobrese com peles / pelejão com azagayas de paos tostados/ τ cornos τ ossos dalimarias por ferros τ cõ pedras. Na terra ha muytos alifãtes τ muy grandes/ τ assi boys que sam muyto mansos τ gordos em estremo / τ sam capados/ τ deles nã tẽ cornos.

E dos mais gordos se seruẽ os negros pera andar neles, ⁊ trazẽnos albardados cõ albardas castelhanas de tabua ⁊ sobrelas hũs paos q̃ fazẽ feyção dãdilhas ⁊ nelas ãdão. E aos q̃ querẽ resgatar metẽlhe hũ pao destoua pelas vẽtãs. Nesta angra está em mar tres tiros de bésta hũ ilheo em q̃ ha muytos lobos marinhos, ⁊ deles sam tamanhos como vssos muyto grandes, ⁊ sam muyto temerosos ⁊ tẽ grandes dẽtes, ⁊ sam tão brauos q̃ se vão aos homẽs: ⁊ tẽ a pele tã dura q̃ nenhũa lãça os pode passar por grãde força q̃ leue, ⁊ estes dã burros como liões ⁊ os peq̃nos berrã como cabritos: ⁊ sam tãtos q̃ indo os nossos folgar hũ dia a este ilheo virã obra de tres mil ãtre grãdes ⁊ peq̃nos. Ha tãbẽ hũas aues a q̃ chamão sotilicayros q̃ sam tamanhas como patos ⁊ não voão porq̃ não tẽ penas nas asas ⁊ azurrão como asnos. Surto Vasco da gama nesta angra, fez despejar a nao dos mantimẽtos nas outras naos ⁊ mandouha queimar como leuaua por regimẽto. E nisto ⁊ em outras cousas se d̃teue aqui treze dias. E logo a sesta feyra seguĩte despois q̃ a armada chegou, estãdo os nossos nos nauios aparecerão obra de nouẽta homẽs hũs ao lõgo da praya, outros pelos oyteiros. E vẽdo os Vasco da gama se foy a terra cõ os outros capitães, ⁊ toda a gẽte ya armada, ⁊ os bateys com tiros dartelharia, porq̃ lhes nã acõtecesse como na angra de santa Elena: ⁊ chegados os bateis jũto cõ terra, lançaua Vasco da gama nela cascaueis, ⁊ os negros os tomauão, ⁊ lhe yão tomar da mão outros q̃ lhe dauão: do q̃ se ele espantaua por saber d̃ Bertolameu diaz q̃ quãdo ali esteuera fugião dele. E vẽdo a mansidão dos negros sayo em terra cõ os seus, ⁊ fez coeles resgate de barretes vermelhos por manilhas de marfim. E logo ao sabado vierão obra de duzentos negros antre homẽs ⁊ moços que trouuerão doze boys ⁊ quatro carneyros: ⁊ como os nossos forão a terra começarão eles de tãger q̃tro frautas acordadas a q̃tro vozes da musica, q̃ pera negros cõcertauão bẽ: o q̃ ouuindo Vasco da gama, mãdou tanger as trõbetas ⁊ bailaua cõ os nossos. E nesta festa ⁊ no resgate dos boys ⁊ carneyros se gastou aq̃le dia: ⁊ ho mesmo fizerão ao domingo em que veo muyto mais gẽte q̃ dantes, assi homẽs como molheres, ⁊ trouuerã muyto gado vacũ, ⁊ tẽdo resgatado hũ boy virão os nossos algũs negros peq̃nos q̃ estauão escondidos no mato ⁊ tinhã as armas aos grãdes, q̃ parecendo treição mãdou Vasco da gama recolher os nossos ⁊ foyse a outro lugar mais seguro q̃ aq̃le, ⁊ os negros forão ate lá emparelhados coeles: ⁊ ali desembarcou Vasco da gama cõ os nossos q̃ yão armados. E os negros se começarão logo dajũtar como pera pelejarẽ: o q̃ entẽdendo Vasco da gama porq̃ lhes não q̃ria fazer mal se tornou a ẽbarcar, ⁊ por os espãtar lhes mãdou tirar cõ dous berços, ⁊ eles fugirão tão desacordados q̃ deixarão as armas: despois disto mãdou meter em terra hũ padrão cõ as armas de Portugal ⁊ hũa cruz, que

os negros tornarão a derribar estã
do ainda ali os nossos. Passados
estes dias q̃ Vasco da gama aqui es
teue/ partiose caminho do rio do
Iffante hũa sesta feyra oyto dias de
Dezẽbro, q̃ foy dia de. N. S. da cõ
ceição. E indo por sua viagẽ dia de
santa Luzia lhe deu hũa grãde tor
mẽta de vẽto a popa com q̃ correo a
frota todo o dia cõ os traq̃tes muy
to baixos. E nesta rota se ꝑdeo Ni
culao coelho da conserua/ & na noy
te seguinte se tornou a ajũtar. Pas
sada esta borriscada aos. xvj. de De
zẽbro/ ouue Vasco da gama vista d
terra õde se chamão os ilheos chã
os/ q̃ estão. lx. legoas da angra de
sam Bras/ & cinco alem do ilheo da
Cruz/ õde Bertolameu diaz pos
ho derradeyro padrão, & dele ao rio
do Iffante auia. xv. legoas/ & a ter
ra era muyto graciosa/ & bẽ assom
brada. & auia nela muyto gado, & de
cada vez era melhor, & d mais altos
aruoredos, & yão os nossos tão per
to dela q̃ tudo isto vião. E ao saba
do passarã a vista do ilheo da Cruz
& por serẽ tanto auãte como ho rio
do Iffante esteuerão á corda a noy
te seguinte, porq̃ ho nã escorressem.
E ao domingo forão perlõgando a
costa cõ vẽto a popa ate oras de ves
pera/ q̃ lhes saltou ho vẽto ao leuã
te q̃ era pelo olho/ & por isso se fizerã
na volta do mar, & andarã assi pay
rãdo hũa volta ao mar/ outra a ter
ra ate a terça feyra q̃ forão. xx. de de
zẽbro, q̃ ao sol posto lhes tornou po
nẽte q̃ era a popa. E pa reconhecerẽ
a terra esteuerã aq̃la noyte á corda/
& ao outro dia ás dez horas chega
rão ao ilheo da Cruz/ q̃ era sessenta
legoas a ré do q̃ se fazião, & disto fo
rão causa as grãdes corrẽtes q̃ ali
ha. E neste mesmo dia tornou a frõ
ta a passar a mesma carreira q̃ tinha
passada leuãdo muyto vẽto a popa
q̃ lhe durou tres ou q̃tro dias com
q̃ rõpeo as corrẽtes q̃ auião grãde
medo de não poderẽ passar & assi yã
todos muyto alegres por passarem
donde Bertolameu diaz tinha che
gado, & Vasco da gama os esforça
ua/ dizẽdo q̃ assi quereria Deos q̃
achassem a India.

¶ Cap. iiij. De como Vasco da ga
ma chegou a terra da boa gẽte, &
despois foy ter ao rio dos bõs si
naes.

E Prosseguindo por sua
rota/ achou dia de Na
tal q̃ tinha descuberto
por costa setẽta legoas
ẽ leste, q̃ era ho rumo a q̃ leuaua em
regimẽto q̃ a India jazia/ & daqui
andou tãto pelo mar sẽ tomar terra
q̃ lhes falecia a agoa pera beber, & fa
ziasse de comer cõ agoa salgada. E
sẽdo ja a regra da agoa no mais q̃ a
q̃rtilho por dia, hũa quinta feyra
dez dias de Janeyro do ano de mil
cccc xcviij. foy nos bateis ao longo
da terra ꝑa auer vista dela. E ãdãdo
assi virão muytos negros ẽtre ho
mẽs & molheres & todos de grãdes
corpos q̃ andauã ao lõgo da praya.
E vẽdo Vasco da gama q̃ mostrauã
ser gẽte mãsa mãdou sair ẽ terra hũ
dos nossos chamado Martim afon
so q̃ sabia muytas lĩgoas de negros
& co ele outro homẽ/ & forão ambos
bem agasalhados daq̃la gẽte/ & assi
do senhor dela que ali andaua a que
Vasco da gama mandou hũa jaque
ta, calças & carapuças vermelhas/
& hũa manilha de cobre com que foi

gou muyto:⁊ diſſe que daria da ſua terra q̃nto Vaſco da gama quiſeſſe. Cõ cuja licẽça Martim afonſo por que entendia a lingoa/ foy aq̃la noyte á pouoação deſte ſenhor acompanhando ho:⁊ ele ya arrayado com a jaqueta, calças ⁊ carapuça: o que moſtraua a muytos dos ſeus q̃ ho ſayrão a receber/ ⁊ eles batião as palmas por corteſia: ⁊ iſto por tres ou quatro vezes. E aſſi andou pola pouoação de caſa em caſa moſtrãdo aquelas peças cõ grande prazer, ⁊ por derradeyro mandou agaſalhar os Portugueſes muyto bem, ⁊ deu lhes hũa galinha pera cearem ⁊ papas de milho. E deſpois d̃ cea muytos do lugar os forão ver como a couſa noua. E ao outro dia mãdou com os Portugueſes muytas galinhas a Vaſco da gama, mãdãdolhe dizer que ya moſtrar as peças que lhe dera ao ſenhor daquela terra, cujo vaſſalo era. Aqui ſe deteue Vaſco da gama cinco dias: ⁊ a terra era muyto pouoada de gente/ ⁊ a mais dela molheres/ ⁊ os homẽs trazião arcos compridos/ ⁊ frechas/ ⁊ azagayas com os ferros de ferro, ⁊ punhais com goarnições deſtanho ⁊ as bainhas de marfim, ⁊ nos braços ⁊ pernas manilhas de cobre, de que trazião pedaços depẽdurados nos cabelos: pelo que parecia auer ali abaſtança de cobre ⁊ deſtanho. Prezaua eſta gente tanto ho pano de linho que dauão por hũa camiſa muyto cobre: ⁊ por eſta gẽte ſer muyto domeſtica com os Portugueſes ⁊ lhes fazer agoada lhe foy poſto nome a agoada da boa gente, ⁊ a hũ rio onde fez agoada ho rio do cobre. E partioſe daqui aos quinze de Janeyro, ⁊ nauegou ao longo da coſta ate os vinte quatro que ſurgio na boca dũ rio muyto largo. E entrado neſte rio pera ſaber nouas da India achou que de cada vez era mais cuberto de baſto aruoredo. E indo aſſi/ ex que aparecẽ certas almadias pelo rio abaixo carregadas de gente negra, ⁊ tudo homens de bõs corpos ſem outra cubertura mais de hũs panos dalgodão cingidos. E chegados aos nauios entrarão neles ſẽ medo como q̃ conhecião os Portugueſes, porẽ não falauão ſe não por acenos, por não entenderem nenhũ dos lingoas que Vaſco da gama leuaua: que lhes fez bõ gaſalhado, dandolhes caſcaueis/ manilhas ⁊ outras couſas com q̃ moſtrauão folgar. E eſtes idos derão tão boa noua da conuerſação dos Portugueſes que ya muyta gente velos, aſſi por mar como por terra de que os nauios eſtauão perto. E auendo tres dias que eſtauão neſte rio/ forão dous negros ver Vaſco da gama, q̃ no aparato que leuauão parecião ſer ſenhores: ⁊ os panos q̃ cingião erão mayores q̃ os dos outros ⁊ hũ d̃les leuaua na cabeça hũa touca cõ hũs viuos de ſeda, ⁊ o outro hũa carapuça de ceti verde. De q̃ vaſco da gama ficou muyto ledo vẽdo q̃ aq̃les vſauão algũa policia/ ⁊ agaſalhou os muyto bẽ, ⁊ mãdou lhes dar de comer/ ⁊ deulhes de veſtir, ⁊ outras couſas: mas eles parecia q̃ não eſtimauão couſa algũa: ⁊ ẽ hũ pedaço q̃ eſteuerão na capitaina, diſſe hũ dos negros q̃ yão coeles per acenos a Vaſco da gama que

em sua terra / que era dali lõge vira nauios grandes como os nossos, com q̃ se acrecentou muyto ho prazer de Vasco da gama ꝛ de todos / parecendolhes q̃ se chegauão á India: ꝛ muyto mais lho pareceo / porq̃ despois q̃ se estes dous senhores forão pera terra mandauão resgatar á frota hũs panos dalgodão q̃ tinhão hũas marcas dalmagra. E por estas nouas que Vasco da gama achou neste rio lhe pos nome ho rio dos bõs sinaes: ꝛ mãdou meter em terra hũ padrão a q̃ pos nome sam Rafael, porque se chamaua assi ho nauio q̃ ho leuaua. E parecẽdolhe a ele por todos estes sinaes que digo que ainda a India estaua dali longe / ouue por bem com conselho dos outros capitães que tirassem os nauios a monte, o que foy feyto em trinta ꝛ dous dias / ꝛ os concertarão muyto bẽ: ꝛ neste tempo passarão os nossos assaz de trabalho com hũa doença que lhes sobreueo, (parece que do ár daquela região) que a muytos lhes inchauão as mãos, ꝛ as pernas ꝛ os pees. E co isto lhes crecião tãto as gengiuas sobre os dentes que não podião comer ꝛ apodreciãlhe, de maneyra que não auia quem soportasse ho fedor da boca / ꝛ co estes males padecião dores muy grãdes / ꝛ morrerã algũs: o que pos a gente em grãde desmayo. E em muyto mayor a posera se não fora por Paulo da gama q̃ era de tão boa condição que de noyte ꝛ de dia visitaua todos / ꝛ os consolaua ꝛ curaua / ꝛ repartia co eles muy largamente dessas cousas de doentes que leuaua pera sua pessoa.

¶ Capit. v. De como Vasco da gama cõ toda a frota foy ter aa ilha de Moçambique.

Concertadas as naos de todo o necessario Vasco da gama tornou a seu descobrimẽto: ꝛ partiose hũ sabado vinte q̃tro de Feuereyro, ꝛ aquele dia foy na volta do mar: ꝛ assi a noyte seguinte por se afastar da costa que toda era muy graciosa / ꝛ ao domingo a horas de vespera aparecerão tres ilhas ao mar, ꝛ todas pequenas, ꝛ aueria d̃ hũa a outra quatro legoas ꝛ em duas auia grandes aruoredos / ꝛ a outra era calua: ꝛ Vasco da gama não quis que as tomassem, por não auer disso necessidade / ꝛ foyse na volta do mar, ꝛ como foy noyte payrou, ꝛ assi ho fez seys dias. E hũa quinta feyra a tarde que foy ho primeyro de Março vio quatro ilhas / duas perto da costa ꝛ duas ao mar / ꝛ por não ir de noyte dar nelas se fez na volta do mar, porque determinaua de ir por antrelas, como foy / mandando diãte Niculao coelho, por ser ho seu nauio mais pequeno que os outros: ꝛ ido ele a sesta feyra por dẽtro de hũa angra q̃ se fazia antre a terra ꝛ hũa das ilhas, errou ho canal / ꝛ achou baixo / o q̃ foy causa de virar atras pera os outros nauios que yão apos ele / ꝛ em virando vio que sayão daquela ilha sete ou oyto barcos á vela, ꝛ aueria deles ao nauio de Niculao coelho hũa grãde legoa: ꝛ os nossos que yão cõ Niculao coelho derão hũa grãde grita cõ prazer de ver aq̃les barcos, ꝛ forã saluar Vasco da gama dizẽdo Niculao coelho,

Que vos parece senhor ja esta he ou
tra gente. E ele lhe respondeo muy
to ledo, que se deixassem ir na volta
do mar, pera que podessem aferrar
aquela ilha donde sayrão os bar-
cos, ⁊ que surgirião ali pera saberẽ
que terra era/ ou se acharião entre a
quela gente nouas da India. E com
tudo os barcos os seguião sempre
capeandolhes a gẽte deles q̃ os espe
rassem. E nisto surgio Uasco da ga
ma com os outros capitães: ⁊ tãto
que forão surtos chegarão os bar-
cos a eles: ⁊ quãto mais se chegauã
soauão neles atabales como q̃ hião
de festa. A gente q̃ vinha dentro erã
homẽs baços ⁊ de bõs corpos, ve-
stidos de panos dalgodão listrados
⁊ de muytas cores/ hũs cingidos
ate ho giolho, ⁊ outros sobraçados
como capas: ⁊ nas cabeças fotas cõ
viuos de seda laurados de fio dou-
ro, ⁊ trazião terçados mouriscos ⁊
adagas. Estes homẽs como chega-
rão aos nauios entrarã dẽtro muy
seguramẽte como q̃ conhecerão os
Portugueses/ ⁊ assi cõuersarão lo
go coeles, ⁊ falauão arauia: no q̃ se
conheceo q̃ erão mouros. Uasco da
gama lhes mandou logo dar de co-
mer: ⁊ eles comerão ⁊ beberã: ⁊ pre
gũtados per hũ Fernão martinz q̃
sabia arauia/ que terra era aq̃la: dis
serão que era hũa ilha do senhorio
dũ grãde rey q̃ estaua a diãte: ⁊ cha
mauase a ilha Moçãbique/ pouoa-
da de mercadores q̃ tratauão com
mouros da India, que lhe trazião
prata/ panos/ crauo, pimenta/ gen
gibre, aneys de prata, com muytas
perlas, aljofar/ ⁊ rubis. E q̃ doutra
terra q̃ ficaua atras lhe trazião ou
ro: ⁊ q̃ se ele quisesse entrar pera den
tro do porto q̃ eles ho meterião, ⁊
lá veria mais largamente o q̃ lhe de
zião. Ouuido isto por Uasco da ga
ma/ ouue conselho cõ os outros ca
pitães q̃ seria bõ que entrassem: assi
pera verẽ se era verdade o q̃ aqueles
mouros dizião/ como pera tomarẽ
pilotos q̃ os guiassem dali por dian
te/ pois os não tinhão: ⁊ q̃ Niculao
coelho fosse sondar a barra: ⁊ assi se
fez. E indo ele pera ẽtrar foy dar na
ponta da ilha, ⁊ quebrou ho leme: ⁊
quis nosso señor q̃ assi como deu na
ponta, assi tornou a sair pera o alto
⁊ não perigou: ⁊ achando que a bar
era boa pa entrar foy surgir dous
tiros de besta da pouoação da ilha:
que como digo se chama Moçãbiq̃
⁊ está em quinze graos da banda do
sul, ⁊ tem muy bõ porto: ⁊ he abasta
da dos mantimẽtos da terra. A po
uoação he de casas palhaças/ po-
uoada de mouros, que tratauã da-
li pera çofala em grandes naos/ ⁊
sem cuberta nẽ pregadura, cosidas
cõ cayro: ⁊ as velas erão desteiras
d palma: ⁊ algũas trazião agulhas
genuiscas, porque se região por qua
drãtes ⁊ cartas de marear. Coestes
mouros vinhão tratar mouros da
India ⁊ do mar roxo, por amor do
ouro q̃ ali achauão. E quando eles
virão os nossos cuydarão que erão
turcos por a noticia que tinhão de
Turquia pelos mouros do mar ro
xo: ⁊ aqueles que forão primeiro á
nossa frota ho forão dizer ao çol-
tão, que assi chamauão ao gouer-
nador do lugar, que ho gouernaua
por el rey de Quiloa/ de cujo senho
rio era esta ilha.

¶ Capitolo.vj. De como ho çoltão de Moçambique fez paz cõ Vasco da gama cuydando que fosse Turco.

SAbido pelo çoltã a vida dos nossos: ꝛ como Niculao coelho estaua surto no porto/ crẽdo q̃ fossem turcos ou mouros doutra parte/ ho foy logo ver ao nauio acõpanhado de muyta gente/ ꝛ ele atauiado de panos de seda. E Niculao coelho ho recebeo cõ grãde hõrra: ꝛ como não auia lingoa por cujo meo se podessem falar/ não fez ho çoltão muyta detença no nauio. Porẽ bem entẽdeo Niculao coelho que cuydaua ele q̃ os nossos erão mouros, ꝛ deu lhe hũ capuz vermelho de q̃ ho çoltão não fez muyta cõta/ ꝛ ele deu a Niculao coelho hũas cõtas pretas q̃ leuaua na mão: ꝛ isto por seguro. E quando se ouue de ir pediolhe ho seu batel pera ir nele: ꝛ ele lho deu/ ꝛ mandou coele algũs dos nossos q̃ ho çoltão leuou a sua casa, ꝛ os cõuidou cõ tamaras ꝛ outras cousas/ ꝛ mãdou a Niculao coelho hũa jarra de tamaras em conserua/ com q̃ despois cõuidou Vasco da gama, ꝛ seu irmão, a quẽ ho çoltão mãdou logo visitar crẽdo q̃ fossem turcos/ ꝛ lhe mandou muyto refresco/ ꝛ pedir licẽça pera ho ir ver. E Vasco da gama lhe mandou hũ presente de chapeos, marlotas vermelhas/ corays/ bacias de latão, cascaueis ꝛ outras cousas muytas, q̃ segũdo disse o que lhas leuou não teue em conta dizẽdo/ que pera q̃ era aquilo boõ, que porq̃ lhe não mandaua ezcarlata/ que isso era o q̃ queria. E cõ tudo foy ver Vasco da gama, que sabẽdo que ele auia de ir/ mandou embãdeirar ꝛ toldar a frota ꝛ escõder os doentes q̃ leuaua, ꝛ passar á sua nao todos os sãos: ꝛ todos armados secretamẽte pera estarẽ prestes se os mouros quisessem fazer algũa treição. E estãdo assi chegou ho çoltão acõpanhado de muyta gente ꝛ toda bẽ atauiada de panos de seda: ꝛ tangianlhe muytas trõbetas de marfim ꝛ assi outros instromẽtos. Ele era homẽ de bõ corpo ꝛ magro/ leuaua vestida hũa cabaya de pano dalgodão branco, que he hũa roupa apertada no corpo: ꝛ cõprida ate ho artelho: ꝛ em cima desta outra d̃ veludo de Meca: ꝛ na cabeça hũa fota de seda de veludo d̃ muytas cores ꝛ douro/ ꝛ cingido hũ terçado rico ꝛ hũa adaga: ꝛ nos pes hũas alparcas de seda. Vasco da gama ho recebeo ao portaló da nao/ ꝛ dali ho leuou pa a tolda: onde se lhe desculpou de lhe não mandar ezcarlata/ porq̃ a não trazia: se não cousas q̃ desse por mãtimentos quando deles teuesse necessidade. E disselhe q̃ ya descobrir a India por mandado de hũ grãde rey/ cujo vassalo era. E isto lhe dezia pelo lingoa Fernão martinz: ꝛ a pos isto lhe mandou dar muy bẽ de comer dessas conseruas q̃ leuaua: ꝛ do vinho: ꝛ ele comeo ꝛ bebeo de boa võtade: ꝛ assi os q̃ hião coele/ q̃ todos forão cõuidados: ꝛ mostrauão grãde amor aos nossos. Ho çoltão preguntou a Vasco da gama se vinha de Turquia/ porq̃ ouuira dizer q̃ erão brãcos assi como os nossos/ ꝛ dizialhe que lhe mostrasse os arcos de sua terra/ ꝛ os liuros

deſua ley. Elelhe diſſe q̃ não era de Turquia ſe não dũ grande reyno q̃ confinaua coela: ⁊ q̃ os ſeus arcos ⁊ armas lhe moſtraria, ⁊ os liuros de ſua ley não os trazia / porq̃ no mar não tinhão neceſſidade deles, ⁊ moſtroulhe algũas béſtas com q̃ mandou tirar. De q̃ ho çoltão ficou eſpãtado, ⁊ aſſi dalgũas couraças q̃ lhe forão moſtradas. E neſta viſta ſoube Vaſco da gama q̃ dali a Calicut auia noue cẽtas legoas, ⁊ q̃ lhe era neceſſario piloto da terra: porq̃ auia dachar muytos baixos / ⁊ q̃ ao lõgo da coſta auia muytas cidades. E mais ſoube q̃ ho Preſte João eſtaua dali lõge pelo ſertão: ⁊ ſabẽdo q̃ tinha neceſſidade de piloto pedio ao çoltão q̃ lhe deſſe dous / porq̃ ſe hũ morreſſe ficaſſe outro: ⁊ ele lhos prometeo / cõ condição q̃ os contẽtaſſe. E outra vez q̃ ho çoltão ho tornou a ver lhe leuou os dous pilotos q̃ lhe prometeo, ⁊ ele deu a cada hũ trĩta miticaes, q̃ he hũ peſo douro q̃ na terra ſerue por moeda, ⁊ peſa vinte hũ vintẽs: ⁊ marlotas. E iſto cõ condição q̃ daq̃lle dia por diã te auião deſtar coele na nao / ⁊ quãdo quiſeſſem ir a terra ſempre ficaſſe hũ na nao / porq̃ auia aĩda d̃ fazer algũa detença naquele porto.

Capit. vij. De como o çoltão de Moçambique quis fazer treição a Vaſco da gama: ⁊ do que ſuccedeo ſobriſſo.

Feyto eſte concerto: auendo muyta communicação antre os noſſos ⁊ os mouros vierão eles a entender que os noſſos erão Chriſtãos / pelo qual toda a amizade que tinhão coeles ſe lhe tornou em odio ⁊ deſejo de os matarem / ⁊ de lhes tomarem as naos. E iſto concertaua ho çoltão de fazer / o q̃ quis noſſo ſenhor que hum dos pilotos mouros deſcobrio a Vaſco da gama ſendo ho outro em terra. E ſabendo ele iſto / ⁊ receandoſe q̃ ho poſeſſem os mouros em afronta por ſerẽ muytos ⁊ ele ter pouca gẽte, não ſe quis mais deter / ⁊ partioſe logo hũ ſabado dez de Março / auẽdo ſete dias que chegara. E partido foy ſurgir cõ toda a frota junto cõ hũa ilha q̃ eſtaua em mar hũa legoa da de Moçãbique. E iſto pera q̃ ao domingo ſe diſſeſſe miſſa em terra, ⁊ ſe confeſſaſſem ⁊ comũgaſſem os noſſos / porq̃ deſpois q̃ partirã de Liſboa nũca o mais fizerão. E deſpois deſurta a frota / vẽdo Vaſco da gama q̃ a tinha ſegura delha não queimarẽ os mouros / q̃ era o q̃ tambem receaua: determinou de tornar a Moçambiq̃ nos bateys a pedir ho piloto mouro q̃ lhe ficaua em terra: ⁊ deixando na frota ſeu irmão com recado pera lhe acodir ſe diſſo teueſſe neceſſidade, partioſe leuãdo Nicolao coelho no ſeu batel / ⁊ leuaua tãbẽ ho outro piloto mouro. E indo aſſi vio vir cõtrele ſeys barcos com muytos mouros armados darcos, frechas muyto cõpridas, ⁊ eſcudos ⁊ lãças / q̃ como virão os noſſos começarão de lhes capear q̃ ſe tornaſſem pera ho porto da vila. E ho piloto mouro dizia a Vaſco da gama q̃ querião dizer os acenos q̃ os mouros fazião / ⁊ conſelhaualhe q̃ ſe tor

nasse: porq̃ doutra maneyra nã lhe auia ho çoltão de dar ho piloto que ficaua ẽ terra: do q̃ ele ouue grande menẽcoria, parecẽdolhe q̃ ho piloto lhe acõselhaua aquilo pa lhe fugir/ ꝛ porisso ho mandou logo prẽder: ꝛ mãdou tirar cõ as bõbardas q̃ hião nos bateis aos da barcas. E ouuindo Paulo da gama as bõbardas na frota/ cuydãdo q̃ fosse outra cousa acodio logo no nauio berrio em q̃ se fez á vela: ꝛ vẽdoo os mouros vir/ como ja dãtes fugião fugirão muyto mais/ ꝛ acolherãse a terra: ꝛ não os podẽdo Uasco da gama alcãçar tornouse cõ seu irmão onde as naos estauão surtas: ꝛ ao outro dia sayo cõ a gẽte em terra ꝛ ouuio missa: ꝛ todos comulgarão cõ muyta deuaçã estãdo cõfessados da noite passada. E feito isto se embarcarão ꝛ partirã no mesmo dia: porq̃ Uasco da gama desesperou de poder auer ho piloto q̃ lhe ficaua em Moçãbique/ ꝛ mandou soltar o outro q̃ leuaua, q̃ parece q̃ por se vingar dele, determinou de ho leuar á ilha de Quiloa q̃ era d mouros/ ꝛ dizer ao rey dela como aquela frota era de christãos/ pera q̃ os matasse todos: ꝛ disse a Uasco da gama q̃ se não agastasse por ho outro piloto porq̃ ele ho leuaria a hũa grãde ilha q̃ estaua dali cẽ legoas, q̃ era pouoada a metade de mouros a metade d Christãos, q̃ tinhão guerra hũs cõ outros, ꝛ q̃ ali tomaria pilotos q̃ ho leuassem a Calecut: ꝛ ele lhe prometeo grãdes merces se ho leuasse onde dizia. E seguido por sua viagẽ cõ vẽto muyto escasso á terça feira seguinte q̃ forã treze de março a vista de terra vinte legoas donde partira lhe deu calmaria, q̃ durou a terça ꝛ q̃rta feira, E na noite seguinte cõ vento leuante ꝛ pouco se fez na volta do mar: ꝛ q̃ndo veo á quinta feira pola menhaã achouse cõ toda frota a ré de Moçãbiq̃ quatro legoas: ꝛ aq̃le dia ãdou ate a tarde q̃ foy surgir jũto da ilha onde ouuira missa ho domingo passado: ꝛ por lhe ser ho tẽpo porẽ dauãte pera sua nauegaçáo esteue ali esperãdo por vento oyto dias/ ꝛ neles veo ter á frota hũ mouro branco q̃ era caciz dos mouros, q̃ em nossa lingoa quer dizer clerigo, ꝛ disse a Uasco da gama q̃ ho çoltão estaua muyto arrepẽdido da paz q̃ quebrara coele, ꝛ q̃ tornaria de muyto boa võtade a confirmala ꝛ ser seu amigo. E ele lhe mãdou dizer q̃ não faria paz coele, nẽ seria seu amigo ate lhe nã tornar ho piloto q̃ lhe tinha: ꝛ coesta reposta se foy ho Caciz ꝛ nũca mais tornou. E despois de ido este Caciz veo hũ mouro q̃ trazia consigo hũ menino seu filho, ꝛ disse a Uasco da gama q̃ se ho quisesse leuar na frota q̃ iria coele ate a cidade d Melinde q̃ auia dachar na q̃lla rota q̃ leuaua, porq̃ ele se queria tornar pera sua terra q̃ era jũto de Meca dõde viera por piloto ẽ hũa nao a Moçãbiq̃/ ꝛ disselhe q̃ não esperasse reposta do çoltão/ q̃ nã auia d fazer paz coele/ porq̃ era christão. E Uasco da gama folgou muyto coeste mouro, porq̃ ho ẽformasse do estreito do mar roxo/ ꝛ assi dos lugares q̃ auia pola costa por õde auia de nauegar ate Melinde: ꝛ mãdou ho agasalhar na sua nao. E por quãto o tẽpo tardaua pa fazer viagẽ, ꝛ a agoa da frota faltaua determinou

com os outros capitães detrar no porto de Moçambique pera fazer agoada / & que estaria com grande vigia, porque lhe não posessem os mouros ho fogo á frota. Isto determinado entrarão no porto a hũa quinta feyra / & como foy noyte forão os bateys lançados fora pera irem por agoa / que ho piloto mouro de Moçambique disse q̃ estaua na terra firme / & que ele a iria mostrar: & por isso Vasco da gama ho leuou, & partio aa mea noyte indo coele Niculao coelho, & Paulo da gama ficou na frota. E chegado onde ho piloto dizia que estaua a agoa nunca a pode achar: porque ho piloto como andaua mais pera ver se podia fugir q̃ pera mostrar a agoa, enleouse de maneyra que nunca pode dar coela, (ou não quis) em todo aquele espaço que estaua por passar da noyte. E vinda a manhaã vendo Vasco da gama q̃ nã achaua agoa / não quis mais esperar porque leuaua pouca gente / & temeose q̃ dessem os mouros sobrele, & quis se ir reformar de mais gente á frota pera poder pelejar com os immigos se lhe quisessem defender a agoa / porque fez cõta que melhor a acharia de dia que de noyte. E tornandose a reformar á frota, tornou coele Niculao coelho a fazer agoada: & leuando tã bem ho piloto mouro, que vendo q̃ não podia fugir, mostrou logo ho lugar onde estaua a agoa / que era jũto da praya: na qual andauão obra de vinte mouros escaramuçando a pé com azagayas, & fazẽdo mostra de quererem defender a agoa: & Vasco da gama lhes mandou tirar tres bombardadas pera darem lugar que os nossos podessem saltar fora. E espantados os mouros das bõbardas se embrenharão logo no mato, & os nossos fizerão agoada pacificamẽte / & q̃si sol posto se recolherã á frota, õde acharão q̃ fugira pera os mouros hũ negro de João de Coimbra piloto de Paulo da gama. E ao sabado que forão vinte quatro de Março, vespera da Anũciação de nossa senhora, logo pela manhaã apareceo hũ mouro em terra bem defronte da frota: & disse em voz alta / que se os nossos quisessem agoa que fossem por ela: & isto com hũ som que estaua lá quem os faria tornar. E com a menencoria q̃ Vasco da gama ouue deste desprezo se lhe acrecentou a que tinha da fugida do negro do piloto: de maneyra que determinou de esbõbardear a pouoação dos mouros por vingãça. E dizendo ho a seus capitães se embarcarão todos nos bateys armados / & coessa gente q̃ tinhão forão cõtra a pouoação / õde os mouros ao longo da praya tinhão feyta hũa paliçada de tauoado tam basto que se não podião ver os que esteuessem detras dela: & por fora desta paliçada antrela & ho mar andauão obra de cem mouros armados descudos, agomias, azagayas / arcos, frechas / & fundas. E sendo os nossos bateys a tiro de funda lhe começão de tirar ás pedradas: & os nossos lhe responderão logo com muytas bombardadas / com cujo medo os imigos deixarão a praya / & se recolherão pera dentro da paliçada que com as bombardadas foy

toda desfeyta/ fugindo os imigos pera a pouoação, de q ficarão dous mortos na praya. Desfeyta a paliçada & despejada, Vasco da gama se tornou com os seus, & por ver q os mouros fugião daquela pouoação com medo que auião dos nossos & seyão por mar pera outra que estaua da outra banda, & despois de jãtar se foy nos bateys com seus capitães pera ver se podia tomar algũs mouros, cuydando que tomando os aueria por eles ho negro do piloto, & assi dous Indios que lhe disse ho piloto mouro que estauão catiuos em Moçambique. E nesta ida só Paulo da gama tomou quatro mouros em hũa almadia/ & posto que muytas leuauão outros muytos/ vararão em terra/ & fugirão, sem os nossos os poderem tomar, & nas almadias acharão muytos panos finos dalgodão & liuros do alcorão de Mafamede. E com quanto andou aquele dia ao longo da pouoação/ nunca pode auer fala de nenhũ mouro/ & não ousou de sayr em terra porque tinha pouca gente. E determinando ja dese partir sem ho negro nem os Indios, ao outro dia fez agoada sẽ lha ninguẽ contrariar, & a segũda feyra seguinte tornou a esbombardear a pouoação dos mouros & destruyo ha de maneyra que eles se recolherão por dentro da ilha. E a terça feyra vinte & sete de Março se partio do porto de Moçambique/ & foy surgir junto dos ilheos de sam Jorge, que assi lhe pos nome qñdo ali chegou, onde ainda se deteue por lhe ser ho vento contrairo pera sua viagem/ & despois de partido por ser ho vẽto fraco & as correntes serem grandes tornou atras.

Capit. viij. De como Vasco da gama se partio de Moçãbiq, & ho nauio sam Rafael deu ẽos baixos/ q agora tẽ ho mesmo nome.

Prosseguindo sua viagem muyto ledo porque achara que hũ dos quatro mouros q Paulo da gama tomara era piloto q ho saberia leuar a Calicut, hũ domingo primeyro Dabril foy ter a hũas ilhas que estauão bẽ junto da costa/ & á primeyra foy posto nome a ilha do açoutado. E a causa foy porque foy nela açoutado ho piloto mouro de Moçambique por dizer q aquelas ilhas erão terra firme, & como ja Vasco da gama ya inchado dele de quando lhe não quisera mostrar a agoada de Moçambique/ como ho acolheo na mẽtira das ilhas / parecendolhe que o leuaua ali pera se perderẽ as naos antrelas, mandouho açoutar muy cruamente/ & ho mouro confessou q pera se pder ho leuaua. E as ilhas erão tantas & tão juntas que se não podião estremar hũas das outras. E visto como erão ilhas fez se Vasco da gama a lamar delas, & assi foy & a quarta feyra que forão quatro Dabril fez sua rota ao noroeste: & antes do meo dia ouue vista d hũa terra grossa, & de duas ilhas que estauão junto coela/ & derredor delas auia muytos baixos: & chegado jũto

com esta terra que os pilotos mou-
ros a reconhecerão, disserão que a
ilha dos Christãos (q̃ era a de Qui
loa ficaua a ré tres legoas / de que
Vasco da gama ficou muyto agas-
tado, cuydando verdadeyramente
que era de Christãos, ⁊ quisera pin
gar os pilotos, parecendolhe que a
cinte a escorrerão, porque a não to-
masse. E elles se desculpauão cõ ho
vento ser muyto, ⁊ as corrẽtes grã
des / ⁊ que singrarão as naos mais
do que elles cuydarão. E porem a
elles pesou mais de a não tomarem
que a elle, porque esperauão de se
vingar ali dele ⁊ dos nossos, com
morte de todos: de que os nosso se-
nhor liurou milagrosamẽte / que se
lá forão nenhũ escapara: porq̃ Vas-
co da gama cuydando q̃ a terra era
de Christãos ouuera de sayr fora: ⁊
cõ ho pesar que tinha de a escorrer
quis tornar atras pera ver se a po-
deria tomar: no que se trabalhou bẽ
aquele dia, mas nunca paderão por
lhe ser pera isso ho vento contrairo
⁊ as correntes serem grandes. E en
tão ouue Vasco da gama conselho
com os outros capitães que arri-
bassem á ilha de Mombaça, que os
pilotos mouros lhe dizião que era
pouoada de mouros ⁊ d' Christãos
em duas pouoações apartadas / o
que dizião por enganarẽ os nossos,
⁊ os leuarem a matar, que a ilha era
de mouros como ho era toda aque-
la costa. E sabendo que dali a Mõ-
baça erão setenta ⁊ sete legoas fez
seu caminho pa lá, ⁊ acerca da noy-
te vio hũa ilha muyto grande que
lhe demoraua ao norte, em que os
pilotos mouros dizião q̃ auia duas
pouoações hũa de Christãos / ou-
tra de mouros. E isto por fazerem
crer aos nossos q̃ auia por aq̃la ter-
ra muytos Christãos / ⁊ indo assi
cõ vento tendẽte dahi a certos dias
duas horas ante menhaã deu ho na
uio sam Rafael em seco, em hũs bai
xos q̃ estauão duas legoas da terra
firme: ⁊ como deu naq̃les baixos fez
sinal aos outros nauios pera q̃ se go
ardassẽ: ⁊ eles surgirão a tiro de bõ
barda dos baixos / ⁊ lançando os
bateis fora forão acodir a Paulo
da gama: ⁊ virão q̃ a agoa vazaua:
pelo que conhecerão que tornando
a encher nadaria ho nauio / ⁊ logo
lhe lançarão muytas ancoras ao
mar: ⁊ nisto amanheceo: ⁊ acabãdo
a maré de vazar ficou ho nauio de
todo em seco na praya, q̃ era darea,
que foy causa de ele não receber ne-
nhũ dãno / que varou por ela ⁊ esta-
ua dereyto com as ancoras q̃ tinha
ao mar: ⁊ os nossos sayrão na praya
em quanto a agoa não enchia. E por
se ho nauio chamar sam Rafael po-
serão nome aos baixos, os baixos
de sam Rafael, ⁊ a hũas grandes ⁊
altas serranias que estauão na cos-
ta defrõte destes baixos / as serras
de sam Rafael. E estando ho nauio
em seco vierão de terra duas alma-
dias, em q̃ vinhão mouros da ter-
ra a ver os nossos nauios, ⁊ leuarã
muytas larãjas doces ⁊ muyto me
lhores q̃ as de Portugal / q̃ derão
aos nossos. E disserãlhes que esfor
çassem / q̃ como fosse preamar ho na
uio nadaria ⁊ farião caminho: ⁊
Vasco da gama lhes deu algũas pe
ças, assi pelo que dizião, como por
vir em a tal tempo: ⁊ dous deles sa-

bẽdo q̃ ele ya pera Mõbaça lhe pedirão q̃ os leuasse lá, ꝛ ficarã coele/ ꝛ os outros se tornarão pera terra/ ꝛ vida a prea mar sayo ho nauio do baixo/ ꝛ tornarão todos a seu caminho com toda a frota.

¶ Capit. ix. De como Vasco da gama chegou aa cidade de Mõbaça/ ꝛ do que lhe hi aconteceo.

E Seguindo sua rota / hũ sabado sete dabril a horas de sol posto foy surgir de fora da barra da ilha de Mombaça/ q̃ está junto cõ a terra firme/ ꝛ he muyto farta de muytos mantimentos. s. milho, arroz/ gado, assi grosso como meudo/ ꝛ todo muyto grande ꝛ gordo, principalmẽte os carneyros, q̃ todos sã derrabadas ꝛ tẽ muytas galinhas. He tambẽ muyto viçosa de hortas em q̃ ha muyta ortaliça, ꝛ muytas fruytas. s. romaãs, figos da India, laranjas doces ꝛ agras, limões ꝛ cidrões/ ꝛ muy singulares agoas. Nesta ilha está hũa cidade q̃ tem ho nome da ilha em quatro graos da banda do sul/ he grãde ꝛ situada em alto õde bate ho mar, fũdada sobre pedra q̃ se não pode minar: tẽ na entrada hũ padrão/ ꝛ ã ẽtrada da barra hũ baluarte peq̃no ꝛ baixo jũto do mar. He a mór parte desta cidade de casas de pedra ꝛ cal/ sobradadas ꝛ lauradas de macenaria, ꝛ toda bẽ arruada. Tẽ rey sobre si, ꝛ os moradores dela sam mouros / hũs brãcos outros baços / assi homẽs como molheres: ꝛ prezanse de bõs caualeyros, ꝛ andão muyto bẽ tratados: ꝛ assi as molheres cõ panos de seda ꝛ joyas douro ꝛ pedraria. He cidade de grãde trato de todas as mercadorias: tẽ bõ porto õde ha sempre muytas naos/ vẽlhe da terra firme muyto mel, cera ꝛ marfim. Chegado Vasco da gama aa barra desta cidade, não entrou logo pera dentro por ser ja quasi noyte quãdo acabou de surgir/ ꝛ mandou embãdeirar ꝛ toldar as naos por festa, ꝛ fazer em todas grãdes alegrias. E assi estauão todos muyto ledos crẽdo q̃ na ilha auia pouoação de Christãos, ꝛ que ao outro dia auião dir ouuuir missa a terra ꝛ q̃ ali curariã os doẽtes q̃ leuauão q̃ erão quasi todos os q̃ escaparão da viagẽ, porq̃ a mayor parte dos q̃ partirão de Portugal erão mortos de doenças geradas do muyto trabalho q̃ passauão. E estando Vasco da gama aqui surto, forão bẽ noyte obra de cẽ homẽs ẽ hũa barca grãde/ ꝛ todos com terçados ꝛ escudos. E em chegãdo aa capitaina quiserão entrar todos cõ as armas: ꝛ Vasco da gama não quis, nẽ deixou ẽtrar mais de quatro. ꝛ estes sem armas, ꝛ disselhe pelo lingoa que lhe perdoassem porq̃ como era estranjeiro não sabia de quẽ se auia de fiar: ꝛ mandou os cõuidar cõ algũas conseruas de q̃ eles comerão / ꝛ disserãlhe que lhe não tinhão a mal o q̃ fazia / ꝛ q̃ eles ho vinhão ver como a cousa noua naq̃la terra, ꝛ q̃ se não espantasse de trazerẽ armas/ porq̃ se acostumaua naq̃la terra trazerẽnas na guerra, ꝛ na paz. E disserãlhe q̃ el rey d̃ Mõbaça sabia de sua vida, ꝛ por ser noyte ho não mãdara visitar, mas q̃ ho

faria ao outro dia, porque folgaua muyto cõ sua vinda, ꝛ folgaria mais de ho ver: ꝛ lhe daria especiaria cõ que carregasse as naos. E disserã mais q̃ apartado dos mouros auia muytos Christãos q̃ morauão sobre si/ com que Vasco da gama folgou muyto/ ꝛ então acabou de crer q̃ auia Christãos naq̃la ilha, vẽdo q̃ concertauão aqueles mouros cõ o q̃ lhe tinhão dito os pilotos. E cõ tudo ele não deixou de ter algũa sospeita q̃ aqueles mouros vinhão ver se poderião tomar algũ dos nauios. E assi era porq̃ el rey de Mõbaça bẽ sabia que os nossos erão Christãos: ꝛ o q̃ fizerão em Moçãbique, ꝛ desejaua de se vingar deles: ꝛ era sua tenção matalos a todos/ ꝛ tomarlhe os nauios. E cõ este fundamento ao outro dia q̃ foy dia de ramos lhe mandou dizer por dous mouros muyto aluos/ q̃ ele folgaua muyto cõ sua vinda/ ꝛ se quisesse entrar pera ho seu porto lhe daria tudo ho de q̃ teuesse necessidade/ ꝛ ꝛ por seguro lhe mandou hũ anel ꝛ de presente hũ carneyro/ ꝛ muytas larãjas, cidrões ꝛ canas daçucar. E disse aos mouros q̃ lhe dissessem q̃ erão Christãos, ꝛ que os auia na ilha. O q̃ eles fizerão cõ tanta dissimulação q̃ os nossos cuydarão que erão Christãos. E Vasco da gama lhes fez muyto gasalhado ꝛ lhes deu ałgũas peças/ ꝛ mãdou agradecer a el rey ho offerecimento q̃ lhe fazia, dizendo q̃ ao outro dia entraria pera dentro/ ꝛ mãdoulhe hũ ramal de coraes muyto finos. E pera mais confirmar a paz cõ el rey, mandou coeles dous dos nossos. E estes forão dous degradados dalgũs que trazia pera auẽturar coestes recados, ou pera os deixar em lugares õde visse q̃ era necessario pera que soubessem o q̃ ya neles/ ꝛ os tomasse da volta q̃ fizesse. Chegados os nossos a terra cõ os dous mouros ajuntouse logo muyta gẽte a velos, ꝛ foy coeles ate os paços del rey/ onde entrados antes q̃ chegassem a el rey passarão quatro portas/ ꝛ a cada hũa estaua hũ porteyro cõ hũ terçado nu na mão, ꝛ el rey estaua cõ pouco estado/ mas fez muyto gasalhado aos nossos/ ꝛ mandoulhes mostrar a cidade pelos mesmos mouros com q̃ vierão. E indo eles pela cidade virão ãdar por ela muytos homẽs presos cõ ferros: ꝛ como não entendião a lingoa, nẽ os mouros a sua: não preguntarão q̃ presos erão aqueles: ꝛ cuydarão q̃ serião Christãos que os auia por aquelas partes, ꝛ q̃ tinhão guerra com os mouros. Tãbẽ estes nossos forão leuados a casa de dous mercadores Indios/ parece q̃ Christãos de sam Thome: q̃ sabendo q̃ os nossos erão Christãos mostrarão coeles muyto prazer, ꝛ os abraçauão, ꝛ cõuidarão: ꝛ mostrarãlhe pintada em hũa carta a figura do Spirito sancto a q̃ adorauão. E perãteles fizerã sua adoração em giolhos cõ geito domẽs muyto deuotos, ꝛ q̃ tinhão dẽtro o que mostrauão de fora. E os mouros disserão aos nossos por acenos que outros muytos como aq̃les morauão em outra parte dali lõge, ꝛ por isso os não leuauão laa: mas despois q̃ fossem pera ho porto os irião ver. E isto dizião polos en-

ganar/ ⁊ os acolher no porto onde determinauão de os matar. E vista a cidade pelos nossos/ forão tornados a el rey: q̃ lhe mãdou mostrar pimẽta/ gingibre/ crauo/ ⁊ trigo tremes/ ⁊ de tudo lhe deu mostra q̃ leuassẽ a Uasco da gama: a q̃ mandou dizer por seu messageiro q̃ de tudo aquilo tinha muyta abastãça, ⁊ lhe daria carrega se a quisesse. E assi de ouro/ prata, ambar, cera/ ⁊ marfim ⁊ outras riquezas em tanta abastãça q̃ sempre as ali acharia de cada vez q̃ quisesse por menos q̃ em outra parte. E q̃ndo ele vio a especiaria/ ⁊ q̃ el rey lhe mãdaua prometer carrega/ foy muyto ledo/ ⁊ muyto mais da enformação q̃ lhe os nossos derão da terra ⁊ dos dous Christãos q̃ acharão: ⁊ ouue conselho cõ os outros capitães, ⁊ acordarão q̃ entrassem no porto ⁊ tomassẽ a especiaria q̃ lhes dessẽ: ⁊ despois se irião a Calicut/ onde se a não podessẽ auer ficarião cõ a q̃ ali ouuessem/ ⁊ assentarão dẽtrar ao outro dia. E neste tẽpo vinhão algũs mouros á capitaina ⁊ estauão cõ os nossos ẽ tãto assesego ⁊ concordia q̃ parecia q̃ os conhecião de muyto tẽpo: ⁊ vindo ho outro dia em começãdo a maré de repõtar/ mãdou Uasco da gama leuar ancora pera entrar no porto. E não querẽdo nosso senhor q̃ os nossos ali acabassẽ como os mouros tinhão ordenado desuiou ho per esta maneyra, q̃ leuada a capitaina nũca quis fazer cabeça pera entrar dẽtro ⁊ ya sobre hũ baixo q̃ tinha por popa. O q̃ visto p Uasco da gama por não se perder/ mandou surgir muy depressa/ o q̃ tambẽ fizerão os outros capitães. E vẽdo algũs mouros q̃ estauão na nao q̃ surgia parecolhes q̃ não ẽtraria aq̃le dia a frota no porto ⁊ recolherãse a hũa barca q̃ tinhão a bordo pera se irẽ á cidade. E indo por sua popa/ os pilotos de Moçambiq̃ lãçarãse á agoa ⁊ os da barca os tomarão ⁊ forãse/ posto q̃ Uasco da gama bradou que lhe dessẽ os pilotos. E q̃ndo vio q̃ lhos não dauão, disse aos seus que lhe parecia q̃ nosso senhor permitira aquilo pera os goardar dalgũa treição q̃ lhe estaua ordenada. E como foy noyte pingou dous mouros dos q̃ trazia catiuos de Moçãbiq̃, pera q̃ lhe dissessem se lhe tinhão ordenada treição: ⁊ eles confessarão o q̃ disse/ ⁊ q̃ os pilotos se lãçarão ao mar/ parecẽdolhes q̃ ele sabia a treição: ⁊ por isso não quisera ẽtrar no porto. E querẽdo ele pingar outro mouro pa ver se cõcertaua coestes/ deitouse ao mar cõ as mãos atadas ⁊ outro se deitou ao q̃rto dalua. Sabido p Uasco da gama este segredo deu muytos louuores a nosso señor por os liurar tão milagrosamẽte: ⁊ disserã todos a Salue na capitaina. E receãdo q̃ os mouros os cometessẽ de noyte ordenouse q̃ a vigiassem toda todos armados: ⁊ a este tẽpo se achauão ja os doẽtes melhor/ q̃ como forão defrõte desta cidade se acharão sãos, o q̃ parece q̃ foy milagre de nosso senhor pela necessidade q̃ tinhão de saude. E nesta mesma noyte á mea noyte sentirão os que vigiauão no nauio Birrio bolir ho cabre de hũa ancora que estaua surta/ ⁊ logo cuydarão que erão toninhas, se não quãdo atentando bem

virão que erão os imigos/que a nao estauão picando ho cabre cõ terçados, pera que cortado desse ho nauio ácosta ꝛ se perdesse/ ja q̃ doutra maneyra ho não podião tomar. E logo os nossos bradarão aos outros nauios, dizẽdolhes o que passaua pera que se goardassem. E nisto os do nauio sam Rafael acodirão, ꝛ acharão que algũs dos imigos estauão pegados nas cadeas da enxarcia do seu traquete. E vendo eles q̃ erão sentidos calaranse abaixo ꝛ cõ os outros que picauão ho cabre do Berrio fugirão a nado pera duas almadias q̃ estauão de largo em q̃ os nossos sẽtirão rumor de muyta gente, ꝛ remando as cõ muyta pressa se tornarão aa cidade, donde aa quarta ꝛ quinta feyra/ q̃ ainda despois disto Vasco da gama ali esteue yão os imigos de noyte a nado ver se podião picar os cabres das ancoras: mas não poderão por a grãde vigia que tinhão os nossos: ꝛ com tudo derãlhe assaz de trabalho/ ꝛ os poserão em muyto temor de lhes queymarem os nauios. E foy muyto não sayrem os mouros a eles nas naos, o que parece que foy com medo da nossa artelharia, que sabião q̃ vinha na frota: porem ho mais certo he que nosso senhor lhe pos este medo pera liurar os nossos, q̃ saindo os immigos a eles ouuerão de ser todos mortos.

Capit. x. De como Vasco da gama chegou á cidade d Melinde.

Vasco da gama se deixou estar ali aqueles dous dias pera ver se podia auer pilotos que ho leuassem a Calicut, porque sem eles auia de ser muy difficultoso poder láir/ porque os nossos pilotos não a conhecião, ꝛ despois que vio que não podia auer pilotos, partiose aa sesta feyra dendoenças pela menhaã, vẽtandolhe pouco vento: ꝛ ao sair da barra lhe ficou hũa ancora por os nossos estarem muyto cansados de leuar as outras, ꝛ não a poderem leuar: ꝛ achãdoa despois os mouros a leuarão aa cidade/ ꝛ a poserão jũto dos paços del rey onde a achou dõ Francisco dalmeida ho primeyro viso rey da India/ quando tomou esta cidade aos mouros como direy no segundo liuro. E partido Vasco da gama de Mombaça, sendo auante dela oyto legoas surgio hũa noyte junto com terra por lhe acalmar ho vento: ꝛ em amanhecẽdo aparecerão dous zambucos (q̃ sam nauios pequenos) ajulauento da frota tres legoas ao mar. E como Vasco da gama desejaua dauer pilotos pera que ho leuassem a Calicut, parecendolhe que os tomaria nos zãbucos em auendo vista deles se leuou ꝛ arribou sobreles com os outros capitães, ꝛ seguio os ate oras de vespera q̃ tomou hũ deles, ꝛ ho outro se acolheo a terra onde foy varar ꝛ nestoutro se tomarão bẽdezasete mouros/ ãtre os quaes auia hũ velho que parecia senhor de todos/ que trazia consigo hũa moça sua molher: ꝛ assi se acharã muytas moedas douro ꝛ de prata, ꝛ algũs mantimẽtos que Vasco da gama repartio pelos outros nauios. E neste mesmo dia ao sol posto che-

gou a frota defronte da cidade de Melinde que estaa dezoyto legoas de Mombaça em tres graos da bãda do sul. Não tem bõ porto por ser quasi costa braua, & estar de dentro dũ arrecife em q̃ arrebenta ho mar: & por isso he ho surgidouro das naos lonje da terra/ está assentada em hũ campo ao longo do mar & parecese com Alcouchete: tem ao derrador muytos palmares & arequaeis que todo ho anno estão verdes/ & assi muytas hortas com noras em que ha todo ho genero dortaliça & de fruytas, principalmente de larãjas doces que sam muyto grandes & gostosas: he muyto abastada de mantimẽtos, milho/ arroz, gado grosso & meudo/ & galinhas & tudo muyto gordo & barato: he grande & bẽ arruada, & de muyto fermosas casas de pedra & cal/ de muytos sobrados, & eyrados com muytas genelas. A gẽte natural dela he gẽtia preta & bem desposta/ & de cabelo reuolto: os estrangeiros sam mouros arabios/ que se tratão muyto bem, especialmente os nobres/ da cinta pera cima ãdão nuus/ & pera baixo se cobrẽ cõ panos de seda & dalgodã muyto fino: & outros como capelhares sobraçados, & nas cabeças fotas de panos de seda & ouro. Trazẽ adagas ricas cõ grãdes borlas d̃ seda de cores, & terçados bẽ goarnecidos, & todos sam ezquerdos/ & trazẽ arcos & frechas/ & sam grandes frecheiros, & presumẽ de bõs caualeyros. Posto q̃ se diga comũmente caualeyros de Mõbaça/ & damas de Melinde/ porque as molheres daqui sam fermosas & andão todas ricamente atauiadas. Morão tambẽ nesta cidade muytos Guzarates gẽtios do reyno de Cambaya, que he na India, que sam grandes mercadores, & tratão em ouro de q̃ ha algũ na terra/ & assi ãbar/ marfim, breu & cera, que dão aos mercadores que ali vem de Cambaya, com cobre azougue, & panos dalgodão, & hũs & outros ganhão. Ho rey desta cidade he mouro/ & seruese com mór estado & cõ mais policia que os outros reys q̃ atras ficauão. Chegado Vasco da gama defrõte desta cidade, foy grãde prazer em todos os da frota porque vião cidade como de Portugal, & derão por isso muytos louuores a nosso senhor. E querendo Vasco da gama ver se por algũ modo poderia auer dali pilotos que ho leuassem a Calicut, mãdou surgir: porque ate então não podera saber dos mouros que tomou no zambuco/ se auia antreles algũ piloto que soubesse ir a Calicut, & sempre dizião q̃ não/ ainda que forão metidos a tormento.

¶ Capit. xj. De como Vasco da gama mãdou recado a el rey de Melinde, & do que lhe respondeo.

Ao outro dia que foy dia de Pascoa d̃ resureyção aquele mouro velho casado/ q̃ foy catiuo cõ os outros mouros disse a Vasco da gama que em Melinde estauão quatro naos de Christãos Indios & se ho quisesse mãdar a terra cõ os outros q̃ darião por si pilotos Christãos/ & mais lhe darião todo quanto lhe

fosse necessario: do que ele foy muyto contente. E mandando leuar ancora foy surgir mea legoa da cidade donde não veo ninguẽ aa frota/ por auerem medo de os tomarem/ que bem sabião do zambuco que os nossos tomarão que erão Christãos: e cuydauão que erão nauios darmada. E a segunda feyra pela menhaã mandou Vasco da gama leuar ho mouro velho no seu batel a hũa baixa que estaua defrõte da cidade, dõde fazia conta que virião por ele. E assi foy que afastado ho nosso batel, veo de terra hũa almadia e leuou o mouro a el rey: a quem deu ho recado de Vasco da gama. E como nosso senhor queria que a India se descobrisse/ folgou el rey muyto coeste recado/ e despois de comer mãdou ho mouro em hũa almadia e coele hũ seu criado/ e hũ caciz: por quem mandou dizer a Vasco da gama q̃ folgaria muyto dauer paz antreles, e que lhe daria os pilotos que queria, e mais qualquer outra cousa de que teuesse necessidade: e coisto mãdou tres carneyros e laranjas e canas daçucar. Vasco da gama respõdeo a el rey pelo mesmo messejeiro/ agradecendolhe a paz que queria q̃ ouuesse antreles/ e pera se assentar entraria ao outro dia pera dẽtro do porto, e que soubesse que era vassalo dũ rey Christão muyto poderoso da fim de occidente que desejãdo de saber ondestaua a cidade de Calicut a mandaua descobrir, e lhe mãdara que de caminho assentasse amizade com todos os reys q̃ a quisessẽ coele. E que auia dous annos que partira de sua terra. E q̃ el rey seu senhor era tal principe que ele auia de folgar de o ter por amigo. E mãdoulhe de presente hũ balãdrão vermelho que era trajo daq̃le tempo, e hũ chapeo/ e dous ramaes de corais e tres bacias darame, e cascaueis/ e dous alambeis. E ao outro dia q̃ foy a segũda oytaua de Pascoa se chegou a frota mais á cidade, e logo el rey tornou a mandar visitar Vasco da gama cõ mór aparato: porque ouuindo de quão longe era, e o que buscaua, teue a el Rey de Portugal por grande animo em ho mandar, e Vasco da gama em lheobedecer: e estimou ho muyto/ e veolhe grãde desejo de ver homẽs que auia tanto tempo que andauão no mar/ e assi lho mandou dizer, e q̃ se queria ver coele ao outro dia: e a vista seria no mar. E mandoulhe seys carneyros/ e muytos crauos e cominhos, gingibre/ pimenta, e noz. E cõsentindo Vasco da gama que se vissem/ entrou mais pera dẽtro e surgio perto das quatro naos dos Indios que lhe ho mouro dissera: e sabendo os donos das naos q̃ os nossos erão Christãos forão logo visitar Vasco da gama que a este tempo estaua na nao de Paulo da gama, e erã homẽs baços, e de bõs corpos/ e bem despostos: vestião hũas roupas cõpridas de pano dalgodão branco de pouca fralda: trazião barbas grandes, e os cabelos da cabeça compridos como molheres, e entrançados de baixo de fotas que trazião nas cabeças. Vasco da gama lhes fez muyto gasalhado, preguñtãdolhe primeyro se erão Christãos/ e isto pelo lingoa q̃ lhe

falaua arauia/de q̃ eles sabião al-gũa cousa/ꝛ disserão q̃ não era aq̃la a sua propria lingoa,se não q̃ sabião dela algũa cousa pela cõmunicação q̃ tinhão com os mouros/de que a-conselharão a Vasco da gama que não se fiasse/porq̃ sempre auião de ter nas võtades outra cousa do que mostrauão. E ele por espremẽtar se erão Christãos ꝛ tinhão algũa no-ticia de nosso senhor/mãdou trazer hũ retauolo de nossa senhora do prã to em q̃ estauão tambẽ pintados al gũs dos apostolos:ꝛ mostroulho sẽ lhes dizer o q̃ era. E eles ẽ ho vẽdo lãçaranse no chão ꝛ adorarão ho re tauolo ꝛ rezarão hũ pouco. E Vas-co da gama folgou ẽtão muyto ma is coeles/ꝛ preguntoulhes se erão de Calicut:ꝛ eles disserão q̃ não, ꝛ q̃ erão doutra cidade mais a diante chamada Cranganor:ꝛ não soube-rão dizer nada de Calicut. E dali por diãte em q̃nto a frota ali esteue, yão eles cada dia ao nauio de Pau lo da gama a fazer suas orações diã te daquele retauolo/ꝛ offerecião ás imagẽs crauo/pimenta/ꝛ outras cousas. E estes indios nã comião va ca segũdo os nossos souberã deles.

¶ Capit.xij. De como el rey de Me lindese vio cõ Vasco da gama ꝛ assentou coele amizade,ꝛ lhe deu piloto que ho leuasse a Calicut.

A Derradeyra oytaua de Pascoa despois de co-mer foy el rey de Melin de em hũa almadia grã-de jũto da nossa frota/ꝛ leuaua ves tida hũa cabaya de damasco carme sim,forrada de cetĩ verde:ꝛ na cabe ça hũa touca muyto rica. Vinha as sẽtado ẽ hũa cadeira despaldas ao modo ãtigo/ꝛ era darame muyto bẽ laurada ꝛ fermosa/ꝛ nela hũa al mofada de seda:ꝛ outra tal como es ta jũto coele:cobriase cõ hũ sombrei ro de pé de cetĩ carmesim/ꝛ ya jũto coele como pajẽ hũ homẽ velho que lhe leuaua hũ terçado rico cõ a bai-nha de prata. Trazia muytos ana-fis/ꝛ duas bozinas d̃ marfim de cõ primẽto doyto palmos cada hũa,ꝛ erão muyto lauradas:ꝛ tãgiãse per hũ buraco q̃ tinhão no meyo:ꝛ cõ-certauão cõ os anafis. Vinhão cõ el rey obra de vĩte mouros fidalgos atauiados todos ricamẽte. E em el rey querẽdo chegar aos nauios sa-yo Vasco da gama no seu batel em-bãdeirado ꝛ toldado,ꝛ ele vestido d̃ festa cõ doze homẽs dos mais hõr-rados da frota/õde delxaua seu ir-mão. E ẽ chegãdo el rey perto dele/ disselhe q̃ lhe queria falar no seu ba tel pera o ver de mais perto:ꝛ logo se meteo no batel/ꝛ fezlhe tamanha cortesia como se fora rey como ele,ꝛ oulhaua parele ꝛ pa os outros/co-mo pera cousa estranha. E disselhe q̃ lhe dissesse o nome de seu rey,ꝛ mã dou ho escreuer:ꝛ pregũtoulhe muy to meudamẽte por ele ꝛ por seu po-der. E ele lho disse:ꝛ q̃ mãdaua des cobrir Calicut pa auer de lá especia ria:porq̃ a nã auia ẽ sua terra. E des pois d̃ lhe el rey dar algũa ẽforma-ção dela ꝛ do estreito do mar roxo, ꝛ lhe prometer piloto q̃ o leuasse lá, lhe rogou muyto que fosse coele pe ra a cidade,ꝛ que folgaria nos seus paços/ꝛ q̃ descãsaria do trabalho do mar/ꝛ q̃ ele iria tãbẽ folgar aos

seus naulos. Vasco da gama lhe
disse q̃ não trazia licẽça del rey seu
senhor pera sair ẽ terra/ ꝛ q̃ se ho fi
zesse daria de si muyto má conta.
Ao q̃ el rey respõdeo que se ele fosse
aos nauios q̃ cõta daria ao seu po-
uo ou q̃ dirião: ꝛ porem q̃ lhe pesa-
ua muyto de não q̃rer ir ver a sua
cidade/ que estaua a seruiço do seu
rey, a quẽ mandaria seu embaixa-
dor/ ou escreueria se ele quisesse tor
nar por ali de Calicut: ꝛ ele lhe pro
meteo de tornar. E ẽ quanto ali es-
teuerão mandou Vasco da gama
pelos mouros q̃ trazia catiuos ꝛ
deu os a el rey/ dizendo q̃ se lhe po-
dera fazer outro mayor seruiço q̃
lho fizera: do q̃ el rey foy tão contẽ-
te q̃ disse/ que mais ho estimaua q̃
lhe dar outra cidade como a sua. E
despois de acabarẽ de falar ꝛ cõfir
mar amizade antreles, ãdou el rey
folgãdo por antre a nossa frota, dõ
de tirauão muytas bõbardadas, q̃
ele folgaua muyto douuir tirar: ꝛ
Vasco da gama andaua coele: ꝛ el
rey lhe dizia q̃ nunca vira homẽs q̃
folgasse tãto de ver como os Por-
tugueses: ꝛ q̃ folgara de os ter con
sigo/ pera ho ajudarẽ em guerras
q̃ tinha ás vezes cõ seus imigos/
porq̃ lhe parecião homẽs pa muy-
to. E Vasco da gama lhe disse q̃ se
os espremẽtara q̃ muyto mais lho
parecerão/ ꝛ q̃ eles ho ajudariã se
el rey seu senhor mãdasse suas arma
das a Calicut/ como esperaua em
Deos q̃ mandaria: se lha deixasse
descobrir. E despois q̃ el rey assi ã-
dou folgãdo/ pedio a Vasco da ga
ma q̃ pois não queria ir ver a sua
cidade/ q̃ mãdasse lá dous dos nos
sos a verẽ os seus paços, ꝛ q̃ ele dei
xaria dous dos seus na frota pera
q̃ a vissẽ/ ꝛ deixou hũ seu filho, ꝛ hũ
caciz, ꝛ assi se fez: ꝛ leuou cõsigo do
us dos nossos/ deixãdo cõcertado
cõ Vasco da gama, q̃ ao outro dia
fosse no seu batel ao lõgo da terra/
ꝛ q̃ veria seus caualeyros a caualo.
E ele ho fez ao outro dia q̃ foy qui-
ta feira: ꝛ foy coele Niculao coelho
ꝛ nos bateis q̃ yão artilhados, fo-
rão ao longo da praya, onde ãdauã
muytos homẽs, ꝛ antreles dous d̃
caualo escaramuçãdo: ꝛ como Vas
co da gama chegou perto da terra
chegouse toda aq̃la gente ao pé de
hũa escada de pedra dos paços del
rey q̃stauão a vista/ ꝛ ali tomarão
el rey em hũas andas/ ꝛ leuarãno
ao batel d̃ Vasco da gama/ a q̃ disse
palauras d̃ muyto amor: ꝛ tornou
lhe a pedir q̃ fosse a terra: porq̃ seu
pay que estaua entreuado desejaua
muyto de ho ver: ꝛ q̃ em q̃nto fosse
ele ꝛ seus filhos ficarião nos naui-
os. E cõ tudo isto ele se escusou d̃ ir
a terra/ ꝛ espedindose del rey ãdou
hũ pedaço ao lõgo dela. E das na
os dos Indios tirauão muytas bõ
bardadas por festa: ꝛ quãdo eles vi
ão passar os nossos leuantauão as
mãos/ dizẽdo com muyta alegria
Christe/ Christe. E com licença
del Rey/ lhe fizerão aquela noy-
te grãde festa de foguetes ꝛ tiros: ꝛ
dauão grandes gritas. E estando
Vasco da gama ainda neste porto
ao domingo q̃ forão vinte dous de
Abril foy hũ priuado del rey visi-
talo/ ꝛ ele estaua bẽ agastado por a
uer dous dias q̃ não vinha ninguẽ
da cidade á frota: ꝛ temeose q̃ el rey

estaria agrauado dele porque não quisera ir a terra: & quereria q̃brar a amizade que tinhão assentado/ & pesaualhe disso/ porque ainda não tinha pilotos. E quando vio q̃ aq̃le seu criado lhos não leuaua teue má sospeita del rey, & por isso lho deteue. E sabendo el rey a causa disso, mãdoulhe logo hũ piloto guzarate chamado Canaqua/ desculpãdose delho não ter mandado: & assi ficarão amigos como dantes.

¶ Cap. xiij. De como partido Vasco da gama de Melinde chegou a Calicut, & da grãdeza & nobreza desta cidade.

PArtido Vasco da gama d todo ho necessario p͂a sua viagẽ, partiose d Melinde p͂a Calicut hũa ter ça feira .xxiiij. dabril, & dali começou logo datrauessar hũ golfão de setecẽtas & cincoẽta legoas/ porq̃ faz ali a terra hũa muyto grãde enseada, & corre a costa de norte a sul: & Vasco da gama foy em leste a demãdar a Calicut. E logo ao domingo seguinte virão os nossos ho norte/ que aula muyto q̃ deixarão de ver, & vião ho sul. E deulhes Deos tão boa vẽtura que fazendo ja rosto ho inuerno da India/ pelo q̃ faz naq̃le golfão grãdes tormẽtas, ele não achou nenhũa, antes vẽto a popa. E hũa sesta feira q̃ forão dezasete de Mayo, auẽdo vinte tres q̃ era partido de Melinde, & q̃ não vião terra/ ouuerão vista dela/ indo a frota oyto legoas ao mar, & a terra era alta: & logo Canaqua deitou ho prumo & achou corẽta & cinco braças & por se arredar desta costa/ como foy noyte se fez ho caminho ao sueste, & ao sabado a foy demãdar: & não se chegou tãto a ela que podesse auer perfeyto conhecimẽto dela, & isto pelos muyto chuueiros que acharão depois q̃ virão terra, que era ja inuerno na India, cuja costa esta era. E ao domingo vinte d Mayo vio ho piloto hũas serras muyto altas q̃ estã sobre a cidade d Calicut, & chegouse tãto a terra que as conheceo & com muyto prazer pedio aluissaras a Vasco da gama: dizendo que aquela era a terra q̃ desejaua de chegar, & ele lhas deu/ & logo mãdou dizer a Salue, õde todos derã muytos louuores a nosso Senhor, & forão feytas grãdes alegrias nos nauios: & no mesmo dia a tarde forão surgir duas legoas abaixo de Calicut, legoa & mea da costa, defrõte d hũ lugar chamado Capocate, com que se ho piloto enganou, cuydãdo q̃ era Calicut. E surta a frota acodio logo gente de terra em quatro almadias a saber q̃ naos erão aquelas, porq̃ nũca virão outras daq̃la feição/ nẽ ir em tal tẽpo a aq̃la costa. E esta gẽte vinha nua/ saluo q̃ cobrião suas vergonhas com hũs pequenos panos/ & erão baços/ & alguũs ẽtrarão na capitaina. E ho piloto Guzarate disse a Vasco da gama que aquela gente erão pescadores/ & que era gente mezquinha / que assi chamam na India a gente baixa & pobre. E toda via ele lhes fez gasalhado & lhes mandou comprar pescado q̃ trazião: & deles

ſe ſoube que ho lugar não era Cali-
cut que era mais a diante/ ꝛ offere-
cerãſe a leuar lá a frota/ o q̃ logo
Uaſco da gama quis q̃ ſe fizeſſe/ ꝛ
as almadias ho leuarão a Calicut/
que he hũa cidade ſituada na coſta
do Malabar/ hũa prouincia da ſe-
gunda India. Eſta prouincia come
ça no mõte Deli/ ꝛ acaba no cabo
de Comorim que he eſpaço de ſetẽ-
ta ꝛ duas legoas de comprimento/
ꝛ tem dozẽ/ ꝛ quinze de largo/ he to
da terra baixa/ ꝛ alagadiça/ ꝛ de
muytas ilhas/ eſtaa antre ho mar
indico ꝛ hũa ſerra muy alta q̃ põe
termo antrela ꝛ hũ grande reyno
chamado Narſinga. E dizẽ os In-
dios q̃ eſta terra do Malabar foy
mar em outro tempo ꝛ que chegaua
ate a ſerra/ ꝛ que correo pera onde
agora ſam as ilhas de Maldiua q̃
então era terra firme/ ꝛ a cobrio/ ꝛ
deſcobrio eſtoutra do Malabar: ẽ
que ha muytas ꝛ muy viçoſas cida
des/ ꝛ ricas por trato: principalmẽ
te a de Calicut que em viço ꝛ rique-
za precedia a todas neſte tẽpo: cuja
edificação foy deſta maneyra. An-
tigamẽte ho Malabar era todo de
hũ rey que tinha ſeu aſſento na cida
de de Coulão: ꝛ reynando ho derra
deyro rey q̃ ouue neſta terra que ſe
chamaua Sarranaperima (q̃ a eſte
tempo aueria ſeys centos annos q̃
era falecido) deſcobrirão os mou-
ros de Meca a India/ ꝛ forão ter
ao Malabar por amor da pimenta
ꝛ outra eſpeciaria, ꝛ carregarão ſu-
as naos na cidade de Coulão q̃ era
neſte tẽpo a principal de todo Ma-
labar pouoada de gentios: ꝛ ho rey
era gẽtio. E deſta vinda dos mou-
ros tomarã eles a ſua era como nos
tomamos do nacimento de noſſo ſe
nhor Jeſu chriſto. Co eſte rey toma
rão os mouros tanta conuerſação,
ꝛ ele co eles que ſe cõuerteo a ſua ſey-
ta/ ꝛ deixou a q̃ tinha. E foy tanto
ho amor q̃ teue a ſeita de Mafame-
de/ que determinou de ir morrer a
caſa de Meca: ꝛ antes que partiſſe
partio todo ho ſeu ſenhorio cõ ſeus
parentes: ꝛ tendo o dado todo q̃ lhe
nã ficauão mais de doze legoas de
terra q̃ eſtauão ao derrador do lu-
gar donde ſe auia dembarcar/ que
era hũa praya deſpouoada deu ho a
hũ moço ſeu ſobrinho que ho ſeruia
de pajẽ: ꝛ mandoulhe que fizeſſe po
uoar aq̃le lugar em memoria de ſua
embarcação/ ꝛ deulhe a ſua eſpada
ꝛ hũa tocha mouriſca q̃ trazia por
eſtado. E mandou a todos eſſes ſe-
nhores com quem repartira ſeu ſe-
nhorio que lhe obedeceſſem/ ꝛ ho te
ueſſẽ por ſeu emperador/ ſaluo aos
reys de Coulão ꝛ de Cananor/ ꝛ
mãdou que nẽ eles nẽ outro nehũ
ſenhor no Malabar podeſſe mãdar
laurar moeda ſaluo el rey de Cali-
cu.. E co iſto ſe ẽbarcou ali õde ago-
ra eſtaa Calicut/ em q̃ os mouros
tomarão tamanha deuação por ſe a
q̃le rey ali embarcar pera a caſa de
Meca/ q̃ nunca deſpois quiſerão fa
zer ſua carregação ſenão naq̃le por
to, ꝛ deixarão ho de Coulão q̃ por iſ
ſo ſe desfez/ principalmẽte deſpois
q̃ Calicut foy edificada/ ꝛ muytos
mouros aſſentarão nela de viuẽda.
E como erão grãdes mercadores ꝛ
de muy groſſo trato/ veoſe a fazer a
mayor eſcala ꝛ a mais rica de toda a
India/ porque nela ſe achaua to-

da a eſpeciaria, droga, noz/ ⁊ maça q̃ ſe podia deſejar todo genero de pedraria/ perlas, ⁊ aljofar/ canfora, almizquere, ſandalos/ ⁊ aguila, lacre, porcelanas, ceſtos dourados, cofres, ⁊ todalas lindezas da China/ ouro, ambar, cera marfim, ⁊ alaquecas / muyta roupa dalgodão delgada/ ⁊ groſſa, aſſi branca como pintada/ muyta ſeda ſolta ⁊ retros ⁊ todo genero de panos de ſeda ⁊ douro/ ⁊ brocados/ brocadilhos/ chamalotes, graãs, ezcarlatas/ alcatifas/ tafeciras, cobre, azougue, vermelhão, pedra hume, coral, agoas roſadas/ ⁊ todo ho genero de cõſeruas. De modo que nenhũa couſa de mercadoria de todas as partes do mundo ſe podia pedir q̃ não ſe achaſſe nela. A fora iſto era muy aprazíuel por ſer ſituada na coſta ao lõgo dũ arrecife q̃ ſi coſta braua, cercado de muytas ortas em q̃ ha muytas fruytas da terra ⁊ muyta ortaliça ⁊ muy ſingulares agoas: ⁊ muytos palmares ⁊ arecais: na terra ha pouco arroz q̃ he ho principal mãtimẽto aſſi como antre nos ho trigo, ⁊ eſte lhe vẽ de fora ẽ muyta abaſtãça, ⁊ aſſi tẽ de todos os outros: he muyto grande/ ⁊ eſpalhada ⁊ toda de caſas palhaças: ſe não as caſas dos idolos/ mezquitas ⁊ caſas del rey q̃ ſam de pedra ⁊ cal ⁊ telhadas: porq̃ por ley outrẽ as não pode ter deſta maneyra. Era pouoada de gẽtios de diuerſas ſeitas ⁊ de mouros grandes mercadores: ⁊ tão ricos q̃ auia algũs q̃ tinhão cincoẽta naos, ⁊ não auia anno q̃ não vieſſem a eſte porto ſeys cẽtas naos ⁊ dahi pera cima.

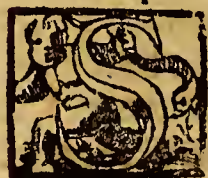
Capit. xiiij. Do grãde poder del rey de Calicut, ⁊ de ſeus coſtumes: ⁊ aſſi dos outros reys do Malabar/ ⁊ da maneyra q̃ viuem os Naires.

Por eſta cidade ſer đ tamanho trato ⁊ tão pouoada, ⁊ aſſi a terra ao derredor crecerão as rendas de ſeu rey ẽ tãta maneyra q̃ veo a ſer o mais rico rey do Malabar de dinheiro: ⁊ mais poderoſo de gẽte: porque ẽ hũ dia ajuntaua trinta mil homẽs de peleja, ⁊ em tres cẽ mil/ ⁊ chamauaſe çamorim q̃ em ſua lingoa quer dizer emperador: porq̃ aſſi ho era ele antre os reys do Malabar que não erão mais đ dous a fora ele. ſ. el rey de Coulão/ ⁊ el rey de Cananor: q̃ poſto q̃ outros ſe chamauão reys não ho erão. Eſte rey đ Calicut era bramene, como tambem ho ſam os outros: q̃ antre os Malabares ſam ſacerdotes/ ⁊ por iſſo hão todos de acabar ſua vida em hũ pagode que he caſa de oração dos ſeus idolos q̃ tem deputado pera iſſo: ⁊ ſempre nela ha dauer hũ rey q̃ os ſirua: ⁊ eſte morto põe logo em ſeu lugar o que reyna: ⁊ no reyno põe outro q̃ lhe ſucede/ ⁊ ainda q̃ o que reyna não queyra entrar no pagode: morto o q̃ eſtá nele hão no de fazer ẽtrar por força. Eſtes reys do Malabar ſam homẽs baços ⁊ andão nus da cinta pera cima ⁊ pera baixo ſe cobrẽ com panos de ſeda, ⁊ dalgodão, ⁊ ás vezes ſe veſtem dhũas roupas curtas q̃ chamão bájus de ſeda ou brocado ⁊ de graã cõ muyta pedraria, principalmẽte el rey de Calicut. Fazem as barbas aa naualha ⁊ deixão

hũs bigodes compridos a maneyra de Turcos/ seruense com pouco esta do/ mórmẽte no comer que he muy pouco: Mas el rey de Calicut se ser uia então com muyto grãde. Estes reys não casam nem tem ley de casa mẽto: porẽ tẽ hũa mãceba de linha gẽ de naires q̃ antre os Malabares fidalgos: ⁊ esta tem em casa aparta da perto dos paços/ ⁊ danlhe certa cousa por mes pera seu gasto: com q̃ viuem muy abastadamente: ⁊ cada vez que os descontentão a deixão: ⁊ os filhos que fazẽ nelas não os tem por filhos, nem herdão ho reyno/ nem outra cousa sua: ⁊ como sam ho mẽs não tẽ mais valia que a da par te da mãy: sam seus herdeiros seus irmãos se os tem/ ⁊ senão seus sobri nhos filhas de suas irmaãs / as quaes não casam, nem tẽ maridos certos/ ⁊ sam muyto liures em esco lherẽ quẽ lhe melhor parece, ⁊ sam muy estimadas ⁊ tẽ muy grandes rendas: ⁊ como chega algũa a dez annos que he a idade pera conhece- rem homẽs mandão seus parentes chamar fora do reyno algũ mance- bo Naire, ⁊ rogarlhe cõ presentes q̃ lhe vá leuar a virgindade: ⁊ quando chega ho recebem com muyta festa. E despois de a corromper atalhe hũa joya ao pescoço/ que ela traz to da sua vida em muyta estima por si- nal da liberdade que lhe foy dada pera fazer de si o que quiser/ porq̃ sem aquela cirimonia não podia co nhecer homẽ. Estes reys tem ás ve zes guerra hũs com os outros/ ⁊ eles mesmos entrão nas batalhas ⁊ pelejão se he necessario: quando morrẽ queimãnos fora dos paços em hũ ressio cõ muyta lenha de san- dalo ⁊ aguila/ ⁊ ao queimar se ajun tão todos seus irmãos ⁊ parentes mais chegados: ⁊ todos os grãdes do reyno, ⁊ ate serẽ todos jũtos se espera tres dias ãtes de ho queima rẽ, pera verẽ se faleceo de sua morte, ou se ho matarão/ porq̃ matãdo ho alguẽ sam obrigados a vigalo. Des pois q̃ os queimão ⁊ que enterrão a cinsa rapãse todos sem ficar cabelo nenhũ/ ate ho mais pequenino me- nino que seja gentio, ⁊ geralmente deixão de comer betele, que he hũa erua de q̃ gostão muyto: ⁊ isto por treze dias: ⁊ ao q̃ ho come cortãlhe os beiços por justiça. E nestes dias ho principe não manda nẽ gouerna pera ver se acodira alguẽ que cõtra diga ser ele rey: ⁊ acabado este ter- mo os grandes do reyno lhe fazem jurar todas as leys ⁊ costumes do rey passado: ⁊ de pagar todas suas diuidas: ⁊ de trabalhar por ganhar algũa cousa que esté perdida do rey no. E este juramento lhe tomão tẽ- do ele a sua espada na mão ezquerda ⁊ a dereyta sobre hũa candea acesa, metido nela hũ anel douro em que toca com os dedos ⁊ ali faz seu jura mento, ⁊ feyto lhe lanção hũ pouco darroz, fazẽdolhe grãdes cirimo- nias em q̃ lhe dizẽ muytas orações: ⁊ ele adora tres vezes ao sol/ ⁊ logo os Caimaes q̃ sam senhores de tito lo lhe jurã na mesma cãdea de lhe se rẽ leaes. Acabados os treze dias tor não todos a comer betele/ ⁊ carne ⁊ pescado como dãtes/ saluo el rey q̃ toma dó por seu ãtecessor: ⁊ o dó he q̃ por espaço de hũ ãno nã come car ne nem pescado nem betele / nem ha

de rapar a barba, nẽ fazer as vnhas nem ha de comer mais q̃ hũa vez no dia, ⁊ lauasse todo antes q̃ coma ⁊ reza certas horas do dia: ⁊ despois de acabado ho anno faz hũa cerimonia pela alma do rey passado a maneyra de saymento em que se ajũtarão cem mil homẽs / em q̃ da muytas esmolas: ⁊ acabada esta cerimonia confirmão ho principe por herdeyro do reyno, ⁊ despois se vay toda aquela gente. El rey de Calicut, ⁊ assi todos os outros reys do Malabar tem hũ regedor que tẽ cargo da justiça / ⁊ assi manda em outras muytas cousas como el rey propria mente. A gẽte de peleja q̃ tem el rey de Calicut / ⁊ assi os reys do Malabar sam Naires, q̃ sam todos fidalgos / ⁊ não tem outro officio se não pelejar quando he necessario, ⁊ sam gentios: trazẽ continuamente as armas com q̃ pelejão que sam arcos / frechas, lãças, agomias, ⁊ escudos, ⁊ tem que andão coelas muyto hõrrados ⁊ galãtes: porem andão nus sómente com hũs panos dalgodão pintados q̃ os cobrem da cinta ate ho giolho: ⁊ descalços com toucas nas cabeças. Viuem todos com el rey ou com senhores de terra de que tem moradia / ⁊ sam tão isentos em sua fidalguia ⁊ tão escoimados / q̃ se não tocão com nenhũ vilão / nem lhe hão dẽtrar em casa. E os vilãos sam obrigados quando vão polas estradas de ir bradando que vão / porque se os Naires vierem lhes digão que se afastem do caminho: ⁊ se ho assi nã fazẽ matãnos os Naires. Nem os reys podẽ fazer Naires se não forẽ de linhagẽ de Naires: seruẽ muyto bem aq̃les com que viuem / assi de dia como de noyte, ⁊ não estimão deixar de comer ⁊ dormir por seruir bẽ: fazem tão pouca despesa que duzentos reaes que tẽ de moradia por mes lhes abasta pera cada hũ ⁊ hũ moço q̃ ho serue. Estes per ley do reyno não podẽ casar / ⁊ por isso não tẽ filhos certos, porque os que tem sam de mancebas com que dormẽ tres ⁊ quatro, per concerto que fazẽ hũs cõ os outros pera ho fazerẽ sem auer briga antreles: ⁊ cada hũ ha destar coela hũ dia certo d̃ meyo dia a meyo dia: ⁊ aq̃le ido vẽ outro. E assi passão sua vida sem os ouuir ninguẽ, ⁊ mantẽna muy hõrradamẽte: ⁊ q̃lquer deles q̃ a quer deixar a deixa / ⁊ ela a eles: ⁊ estas molheres ham de ser Nairas porq̃ não podẽ dormir cõ vilaãs / ⁊ estas tambẽ não casam / ⁊ porq̃ eles sam tantos a hũa molher não tem por seus filhos os que hão nelas / ainda que se pareção coeles, ⁊ os filhos de suas irmaãs sam seus herdeyros. Esta ley de não poderem casar os Naires fizerão os reys: porque não tendo eles molheres nem filhos a que teuessem amor podessem aturar a guerra. E por eles seruirẽ tãbẽ ⁊ serẽ fidalgos são priuiligiados de nã poderẽ ser presos, nẽ morrer por justiça. E quãdo algũ mata outro: ou mata vaca q̃ antreles he grande pecado porque as adorão: ou dorme com molher baixa: ou come em casa de vilão, ou diz mal del rey, se ho el rey sabe certo, daa hum escrito seu em que diz a hũ Naire que com outros dous ou tres mate tal Naire porque pecou, ⁊ eles ho matão aas

cutiladas õde ho achão/ ꝛ despois
de morto põe sobrele ho escrito del
rey pera que saiba ho porque ho ma
tarão. Estes Naires não podem to-
mar armas/nem entrar em desafio
antes de serẽ armados caualeyros:
ꝛ como sam de sete annos logo os
põe a deprẽder a jugar de todas as
armas, ꝛ pera serem nisso muyto
destros seus mestres os desconjũ-
tão/ ꝛ despois lhes insinão a jugar
daquelas armas a que os vẽ mais
incrinados. E as que se mais costu-
mão ãtreles são espadas ꝛ escudos.
Os mestres que os insinão sam gra
duados naquele jogo darmas em q̃
insinão/ ꝛ chamanse panicais na sua
lingoa: ꝛ sam muyto venerados an-
tre os Naires, ꝛ qualquer seu dici-
pulo, posto que seja velho/ ou seja
grande senhor ho ha dadorar em ho
vendo, ꝛ isto por ley: ꝛ mais sam o-
brigados a tomar lição dous meses
do anno em toda sua vida/ pelo que
sam muyto desenuoltos nas armas
ꝛ prezanse muyto disso. Quando al
gũ quer ser armado caualeyro vay-
se a el rey bẽ acompanhado de seus
parentes ꝛ amigos, ꝛ primeyramẽ-
te lhe offerece sessẽta fanões douro,
hũa moeda assi chamada que serão
tres cruzados pela nossa. E logo el
rey lhe pregũta se quer goardar ho
costume ꝛ ley dos Naires: ꝛ dizẽdo
ele que si, mandalhe cingir hũa espa
da, ꝛ poẽdolhe a mão dereyta na ca
beça diz certas palauras como que
reza sem ho ninguẽ ouuir: ꝛ despois
ho abraça/ dizendo em sua lingoa
hũas palauras que na nossa querẽ
dizer, goardaras os bramenes ꝛ as
vacas. Isto dito ho Naire adora el
rey/ ꝛ dali por diãte fica caualeyro.
Estes quando assentão viuenda cõ
alguem/obriganse a morrer coeles
ꝛ por eles, o que goardão de maney
ra que se matão seu senhor em algũa
guerra pelejão tanto ate que os ma
tão/ ꝛ se não sam presentes vão des-
pois matar a quẽ os matou/ ou mã
dou matar: sam grandes agoirey-
ros, ꝛ tẽ dias bõs ꝛ maos/ adorão
ho sol ꝛ a lũa/ ꝛ a cãdea, ꝛ as vacas
ꝛ qual quer cousa que se lhe offrece
ẽ saindo pela menhaã de casa: ꝛ crẽ
leuemente qualquer vaidade. Me-
tesse ho diabo neles muytas vezes/
ꝛ dizem que he hũ dos seus deoses,
ou pagodes, que assi lhe chamão/ ꝛ
faz lhe dizer cousas espantosas que
el rey cree, ꝛ ho Naire em q̃ ho dia-
bo entra vayse cõ a espada nua diãte
del rey tremendo todo, ꝛ dando cu-
tiladas em si/ ꝛ diz. Eu sou tal deos
ꝛ venho te dizer q̃ façes tal cousa, ꝛ
isto bradãdo como doudo: ꝛ se el rey
duuida de ho fazer então dá muyto
mores brados ꝛ gritos / ꝛ muyto
mores cutiladas ate q̃ ho cree el rey.
Ha tãbẽ outros generos de gentes
no Malabar de diuersas seitas ꝛ cu
stumes q̃ seria prolixidade dizelas,
que todos obedecẽ aos reys, se não
os mouros, q̃ sam deles muy esti-
mados pelos grandes dereytos q̃
lhe pagão de suas mercadorias.

¶ Capit. xv. De como Vasco da ga
ma mandou recado a el rey de Ca
licut que lhe queria falar.

SUrto Vasco da gama
fora do arrecife de Cali
cut nas mesmas alma-
dias que ho ali trouue-

rão mandou hũ dos degradados q̃ leuaua a Calicut: assi pera que visse que terra era como pera fazer experiencia nelẽ do gasalhado quelhe fariã por ser Christão: porque cuydaua que auia Christãos ẽ Calicut a cuja praya chegado ho degradado/ começou logo de se ajuntar a gẽte a velo como a homem estranho: e preguntauão aos Malabares que yão coele que homem era. E eles dizião quelhe parecia mouro q̃ vinha com outros naquelas tres naos q̃ vião/ de que os de Calicut se espantauão / por ser ho seu trajo muyto differente do q̃ trazião os mouros que vinhão do estreito/ e yão muytos apos ele/ e algũs q̃ sabião arauia lhe falauão/ mas ele não respõdia/ porque não entendia: do que se eles espantauão, que sendo mouro não entendesse arauia. E indo assi crendo que fosse mouro / leuarãno á pousada de dous mouros naturais de Tunez em Berberia/ q̃ forão ter a Calicut/ e erão hi estantes. E hũ deles q̃ auia nome Bõtaibo sabia falar castelhano, e conhecia muyto bẽ os Portugueses/ segundo despois disse que os vira em Tunez em tẽpo del rey dom João em hũa nao chamada a Raynha, q̃ el rey lá mãdaua muytas vezes buscar cousas de que tinha necessidade. E ẽ entrando ho degradado em sua casa / disselhe logo Mõçaide: e este nome foy corruto pelos Portugueses/ e mudarãno em Bõtaibo como lhe chamauão todos os q̃ forão nesta viagẽ/ conhecẽdo ho por Portugues. Al diablo que te doy quiẽ te traxo a ca: e despois lhe preguntou de que maneyra viera ali ter. Ho degradado lho disse/ e quantas naos yão. Espantado Bõtaibo de irẽ por mar/ lhe preguntou que yão buscar tão longe: e ele lhe disse que yão buscar Christãos, e especearia. E preguntoulhe mais porque não mandauão lá tambem el rey de França e el rey de Castela/ e a senhoria de Veneza. respondeo ele/ que porque lho não consentia el Rey de Portugal: ao q̃ Bontaibo disse que fazia muyto bẽ de lho não consentir. E agasalhou ho, e mandoulhe dar de comer hũs bolos de farinha de trigo, a que os Malabares chamão apas, e coeles mel. E despois que comeo, disselhe Bõtaibo q̃ se tornasse pera as naos, e q̃ iria coele a ver Vasco da gama/ e assi ho fez. E ẽtrado na capitaina, começa de dizer a Vasco da gama ẽ castelhano. Boauentura/ boauẽtura, muytos rubis, muytas esmeraldas, muytas graças deueis de dar a Deos: porque vos trouue a terra onde ha toda a especiaria, pedraria e toda a riqueza do mundo. E quãdo assi ho ouuirão falar estauão todos pasmados, que não crião q̃ ouuesse homem tão lõge de Portugal que entendesse a nossa lingoa: e dauão graças a nosso senhor chorãdo de prazer. e Vasco da gama ho abraçou, e ho fez assentar a par de si/ preguntandolhe se era Christão: e como fora ter a Calicut: ele lhe disse donde era, e que fora ter a Calicut pela via do Cairo, e contoulhe de q̃ maneyra conhecera os Portugueses/ e que sempre fora seu amigo por lhe suas cousas parecerem muyto bem, e que assi ho seria ao presente/

⁊ que ho seruiria em tudo o que podesse. O q̃ lhe Vasco da gama agradeceo muyto, prometẽdolhe de ho fazer coele muyto bem: certificãdolhe questaua ho mais ledo homem do mundo em ho achar ali ⁊ telo de sua parte: ⁊ que cria que Deos lho deparara pera dar ho fim que desejaua a seu descobrimento: porq̃ sem ele pouco fruyto ouuera de tirar de seu trabalho, rogandolhe que lhe dissesse que homem era el rey de Calicut, ⁊ se ho receberia de boa vontade por embaixador del rey de Portugal. E ele lhe disse q̃ el rey de Calicut era bõ homem ⁊ muyto vão/ ⁊ que ho receberia bem por embaixador de rey estrangeiro: porem que muyto melhor recebido seria se dissesse que era vindo a assentar trato em Calicut / ⁊ leuaua mercadoria pera isso, porque do trato resultaua a el rey grande proueito pelos dereytos que tinha, que era sua principal renda: ⁊ q̃ estaua então em Panane hũa vila cinco legoas de Calicut ao longo da costa, que lá lhe mãdasse dizer como estaua ali: o q̃ pareceo bẽ a Vasco da gama/ ⁊ pela võtade que achou em Bõtaibo lhe deu algũas peças, ⁊ rogoulhe que fosse com Fernão martinz ho lingoa, per quem mandou recado a el rey de Calicut: o que ele fez de boa võtade. E chegados diante del rey / Fernão martinz lhe disse per outro lingoa que hi estaua, q̃ Vasco da gama lhe trazia cartas del Rey de Portugal que ho não mandara a outra cousa se não a isso/ que se mandasse q̃ lhas leuaria. El rey antes de lhe respõder mandou dar a ambos de dous senhos panos dalgodão ⁊ de seda dos que ele cingia/ que erão muyto bõs. E despois de lhe terem dados os panos/ preg̃utou a Fernão martinz que rey era aquele que lhe mandaua as cartas/ ⁊ quão lõge era seu reyno. E ele lho disse, dizendo tambem como era Christão ⁊ a sua gẽte Christaã: ⁊ ho trabalho que tinhão passado no mar ẽ chegar a Calicut. E de tudo el rey mostrou espantarse: ⁊ mostrou que folgaua muyto de tão poderoso principe como el Rey de Portugal ⁊ Christão lhe mãdar embaixada/ ⁊ mandou dizer a Vasco da gama q̃ fosse muy bẽ vindo/ ⁊ que ele fosse ancorar suas naos a Pandarane hũa vila a baixo dõde primeyro surgira: que tinha porto mais seguro que Calicut / onde as naos corrião risco de se perderem: ⁊ de Pandarane se fosse por terra a Calicut õde ja estaria pera lhe falar, ⁊ mandoulhe hũ piloto que ho leuasse a Pandarane: que ho leuou lá / ⁊ quando foy ao entrar dẽtro na barra, Vasco da gama não quis tanto entrar dentro como ho piloto quisera/ porque não sabia o que sucederia despois.

¶ Capit. xvj. De como el rey de Calicut mãdou por Vasco da gama a Pandarane.

Estando neste porto derãlhe hũ recado do Catual de Calicut, que he como corregedor da corte/ que ele era vindo a Pandarane com outros homẽs nobres por mandado del rey pera ho acompanharem ate

Calicut q̃ podia desembarcar quã do quisesse. E por ser ja tarde se escu sou Vasco da gama de ir aq̃le dia, ꝛ mais pera auer conselho com seus capitães acerca d̃ sua ida aos q̃es/ ꝛ assi a outros homẽs principaes da frota: disse que queria ir verse com el de Calicut ꝛ assentar coele trato ꝛ amizade. O q̃ seu irmão contrariou dizendo que não deuia de ir a terra, porque posto q̃ fosse de Christãos auia nela muytos mouros, de que se deuia de crer que auião de procurar sua destruyção pois erão seus mortaes immigos: porque quando os de Moçambique ꝛ de Mombaça por somẽte passar por seus portos os quiserão matar/ que farião os de Calicut sabendo que querião estar coeles de mestura ꝛ ter trato onde ho eles tinhão, ꝛ deminuirlhe coisso seus ganhos ꝛ proueitos/ q̃ era de crer que com todas suas forças trabalharião polo destruyr/ ꝛ crẽdo que ho começo ꝛ cabo de sua destruyção estaria ẽ sua morte/ não lhe auião de faltar manhas pera lha dar/ ꝛ ele morto por mais que el rey ho sintisse não ho poderia resucitar: quanto mais que como eles erão naturaes, ꝛ ele estrãgeiro quẽ sabia quanto daria a el rey de sua morte/ ꝛ o que seria deles despois dela: ꝛ se se perderião todos ꝛ ficaria seu trabalho perdido. E pera se isto escusar ꝛ eles estarem seguros/ era bem que não fosse a terra: mas que mandasse hũ deles ou outrem que fizesse o que ele faria, porque os capitães móres não se auião de auẽturar em perigos senão com tanta necessidade que se não podesse al fazer. E coeste parecer se forã todos/ ao que Vasco da gama respondeo. Eu ainda que saiba morrer não ey de deixar de me ver com el rey de Calicut pera ver se posso assentar coele amizade ꝛ trato ꝛ auer especiaria: ꝛ outras cousas de sua cidade pera q̃ sejão testemunhas em Portugal que ho descobrimento de Calicut foy verdadeyro/ porque indo sem elas a cabo de tanto tempo se nos Deos laa tornar seria duro de crer que descobriramos Calicut: ꝛ estaria suspenso ho credito de nossa honrra ate virem ca pessoas sem sospeita que dissessem como era verdade o q̃ diziamos. Pois pareceuos que esperaria eu antes a morte que esperar de sofrer tanto tempo como temos gastado ꝛ auemos de gastar que viessem descobrir a verdade de nosso merecimẽto, ꝛ entre tanto julgarẽ os enuejosos como quisessem. certo que antes me deixaria morrer que esperar o que digo: quanto mais senhores que me não auenturo a tamanho perigo de morte como vos parece/ nem vos ficais em risco de vos perdedes, porque eu vou pera terra õde ha Christãos: ꝛ negocear com rey que deseja de irem muytas mercadorias a sua cidade pelo proueito que lhe delas resulta/ porque quantos mais mercadores tanto mayor crecimento de suas rendas/ ꝛ não vou pera me deter tãtos dias que tenhão os mouros tẽpo de me fazer treição/ porque ho assento q̃ ey de tomar com el rey se acabara de tomar ate tres dias: ꝛ nestes esta rey sempre a recado. E a honrra deste assento se nosso senhor quiser que

das pelas paredes, ⁊ delas tinhão
tamanhos dentes que lhe ſayão fo
ra da boca hũa polegada, ⁊ outras
tinhão quatro braços ⁊ erão feas
do roſto que parecião diabos : o q̃
pos algũa duuida nos noſſos d̃ cre
rem que era igreja de Chriſtãos : ⁊
chegados diante da capela que eſta
ua no meyo do corpo da igreja/ vi-
rão que tinha hũ curucheo a modo
de ſé/ tambẽ de cantaria : ⁊ em hũa
parte deſte curucheo eſtaua hũa por
ta darame per que caberia hũ ho-
mem, ⁊ ſobião a ela per hũa eſcada
de pedra/ ⁊ dentro neſta capela que
era hũ pouco eſcura eſtaua metida
na parede hũa imagem / que os noſ
ſos enxergarão de fora / porque os
não quiſerão deixar entrar dentro:
acenandolhe que não podião lá en-
trar ſenão os Cafres: os quaes ace
nando pera a imagẽ nomeauão ſan
cta Maria, dando a entender que
aquela era a ſua imagem. E parecẽ-
do aſſi a Vaſco da gama, aſſentouſe
em giolhos, ⁊ os noſſos coele ⁊ fize
rão oração. E Ioão de ſaa que eſta-
ua duuidoſo de ſer aquilo igreja de
Chriſtãos por ver aquela fealdade
das imagẽs que eſtauão pintadas
nas paredes / em ſe aſſentando em
giolhos diſſe. Se iſto he diabo eu a-
doro a Deos verdadeyro. E Vaſco
da gama que ho ouuio oulhou pare
le ſorindoſe. E ho Catual ⁊ os ſeus
como forão diãte da capela deitarã-
ſe no chão de bruços com as mãos
por diãte/ ⁊ iſto tres vezes, ⁊ deſpo
is leuãtarãſe ⁊ fizerão oração ẽ pé.

¶ Capit. xvij. De como Vaſco da gama deu a el rey de Calicut a embaixada que lhe leuaua.

Daqui proſſeguirã ſeu ca-
minho ate chegarẽ a Ca
licut, a cuja entrada leua
rã Vaſco da gama ⁊ os
noſſos a outro tal pagode como eſ-
te: ⁊ quando foy ao entrar da cida-
de/ era a gente tãta aſſi da que ſaya
dela a ver os noſſos como da q̃ ya
coeles / que não cabia pela rua. E
Vaſco da gama ya eſpãtado de ver
tanta gente: ⁊ quando ſe ali vio deu
muytas graças a noſſo ſenhor por
ho deixar chegar a eſta cidade / pe-
dindolhe q̃ ho encaminhaſſe de ma-
neyra que tornaſſe a Portugal com
ho recado que deſejaua. E deſpois
de ir hũ pedaço por aquela rua por
onde entrou, por a gente ſer tanta q̃
não podião romper os que ho leua
uão no andor ſe meteo ho Catual
coele em hũa caſa: ⁊ ali foy ter coele
hũ irmão do Catual que era grão
ſenhor / ⁊ vinha por mandado del
rey pera ho acompanhar ate ho pa-
ço/ ⁊ leuaua conſigo muytos Nai-
res/ ⁊ diante muytas trombetas ⁊
anafis que yão tangendo, ⁊ aſſi hũ
Naire que leuaua hũa eſpingarda
com que tiraua de quando em quã-
do. E deſpois de ſe receberem Vaſ-
co da gama ⁊ eſte ſenhor com muy-
to prazer abalarão pera os paços
del rey com grande eſtrondo de tan
geres ⁊ arroido da gente, q̃ deſpois
da vinda do irmão do Catual deu
lugar ⁊ ſe afaſtaua/ ⁊ yão com tãto
acatamento como que fora ali a peſ-
ſoa del rey de Calicut/ ⁊ irião bem
tres mil homẽs darmas, ⁊ pelos te
lhados, ⁊ pelas portas das caſas
não tinha conto a gente que eſtaua.
E Vaſco da gama ya tão ledo de ſe

ver assi receber q̃ disse aos seus rin
do. Quão fora estão agora de cuy-
dar ẽ Portugal q̃ nos fazem tama
nho recebimento: ꝛ coisto chegou
aos paços del rey cõ mais de hũa
ora de sol. Os paços tirãdo serẽ ter
reos erã muyto grãdes/ ꝛ pareciã
ser hũ fermoso edificio, polos muy
tos aruoredos q̃ parecião perãtre
as casas/ ꝛ estes erão de muytos ꝛ
fermosos jardins q̃ auia dentro, ẽ
q̃ auia muytas froles ꝛ eruas chei
rosas, ꝛ tanques dagoa pera recre
ação del rey/ q̃ nũca sae dos paços
se não quãdo vay fora de Calicut.
Dos paços sayrã muytos caimais
ꝛ outros senhores a receber Uasco
da gama: ꝛ ẽtrarão coele em hũ ter
reiro muyto grande: ꝛ dali passarã
quatro patios, ꝛ á porta d̃ cada hũ
estauão dez porteiros: ꝛ estas por-
tas passarão por força de muytas
pancadas que os porteiros dauão
na gente pera fazerẽ afastar, q̃ não
entrasse. E chegãdo á derradeira
porta q̃ era da casa onde el rey esta-
ua/ sayo de dentro hũ homẽ velho
ꝛ baixo de corpo/ que era ho brame
ne mór del rey, ꝛ abraçou Uasco da
gama/ ꝛ leuouho dẽtro cõ os seus
E nesta ẽtrada carregou a gẽte tan
to em demasia q̃ se afogarão algũs
E não aproueitaua darẽ os portei
ros muytas pãcadas de q̃ muytos
forão feridos: ꝛ coisto teuerão os
nossos lugar d̃ entrar. Deste tercei
ro patio ẽtrarão na casa onde el rey
estaua q̃ era grãde ꝛ cercada ao der
redor dassentos de pao hũs acima
dos outros a modo de teatro: ꝛ ho
chão estaua cuberto de veludo ver-
de de pelo/ ꝛ as paredes aparamẽ-
tadas de panos de seda de muytas
cores. El rey era homẽ baço ꝛ grã
de de corpo ꝛ de boa idade/ estaua
lãçado em hũ catele cuberto de hũ
pano branco de seda ꝛ douro: ꝛ per
cima hũ ceo muyto rico. Tinha na
cabeça hũa carapuça d̃ veludo, fey
ta ao modo de celada antiga, cuber
ta de pedraria ꝛ perlas, ꝛ nas ore-
lhas hũas arrecadas do mesmo: ti
nha vestido hũ baju branco/ de pa
no dalgodão finissimo / cõ botões
d̃ perlas muyto grossas ꝛ as casas
de fio douro: tinha cĩgido hũ pano
brãco do mesmo algodão, que lhe
chegaua ao giolho, ꝛ os dedos das
mãos ꝛ dos pés cheos daneis dou
ro com muyto fina pedraria, ꝛ nos
braços muytos braceletes ricos, ꝛ
nas pernas manilhas douro. Jun
to coeste catele estaua hũa batega d̃
pé alto toda douro, que são d̃ feiçã
de copos de Frandes chãos/ se não
q̃ são mayores ꝛ menos couos. E
nesta estaua ho betele q̃ el rey masti
gaua cõ cal ꝛ areca, que são hũs po
mos d̃ tamanho d̃ nozes noscadas:
ꝛ comesse isto ẽ toda a India porq̃
faz bõ bafo, ꝛ ẽxuga muyto ho esta
mago, ꝛ mata a sede: ꝛ como he mas
tigado lançãno fora / q̃ não ho ẽgo
lem ꝛ tomão outro. E pera lãçar es
te betele mastigado ꝛ cospir, estaua
ali hũ cospidor douro, tamanho co
mo hũa bacia meaã tãbẽ d̃ pé, ꝛ assi
estaua hũ guinde douro q̃ he da fei-
çã dagomil ou quasi/ ꝛ estaua cheo
dagoa pera el rey lauar a boca quã
do acabasse de mastigar ho betele q̃
assi se costuma. E este betele lhe da-
ua hũ homẽ velho que estaua jũto
do catele/ ꝛ os outros que estauão

na casa tinhão as mãos esquerdas diãte das bocas porq não fosse ho seu bafo ter a el rey/ o q hã por grãde descortesia/ ⁊ assi cospir ou escarrar, ⁊ por isso nã ho faz niguẽ na casa onde está el rey. Entrãdo Uasco da gama nesta casa fez a el rey reuerencia segũdo ho costume da terra, que he abaixarse todo tres vezes cõ as mãos juntas como quẽ louua a Deos estẽdidas pera diãte: ⁊ el rey lhe acenou logo q se fosse perto dele, ⁊ mãdouho assentar naqles assentos q disse. E assentado ẽtrarão os seus ⁊ adorarão el rey assi como ele fez: ⁊ el rey os mãdou tãbẽ assentar defronte dele: ⁊ mãdoulhes dar agoa as mãos pera desencalmarẽ/ porq posto q fosse inuerno não deixaua de fazer calma. E lauadas as mãos mandoulhes dar figos ⁊ iacas pera q comessem logo/ o q eles fizerão de bõa vontade ⁊ sem pejo, o q el rey folgaua d ver porq oulhaua pa eles ⁊ riase, ⁊ despois falaua com ho velho q lhe daua ho betele. E muyto mais mostrou folgar quãdo os nossos pedirão d beber, q lho derão por guides: ⁊ como sabião q se costumaua beber dalto por auerẽ os Malabares por çugidade tocar cõ os beiços no vaso por õde bebẽ quiserão beber dalto: ⁊ não sabẽdo ainda aqle modo de beber daualhes a agoa no goto ⁊ tussião ⁊ outros errauão a boca, ⁊ cayalhes a agoa pelo rosto/ entornãdoselhe pelos peitos, do q el rey muyto gostaua: ⁊ oulhando pera Uasco da gama, disselhe por hũ lingoa q falasse com aqles homẽs honrrados q ali estauã: ⁊ q disesse o q quisesse q eles ho dirião. Do q ele não foy nada cõtẽte, porq lhe pareceo aquilo desprezo: ⁊ respõdeo pelo lingoa/ q ele era embaixador del Rey de Portugal/ hũ rey muyto poderoso: ⁊ q os reys Christãos costumauão de não receber as ẽbaixadas por terceyras pessoas se não por si mesmos: ⁊ inda perante muyto poucas pessoas/ ⁊ estas de muyta cõfiãça. E por se isto assi costumar nas terras donde ele vinha, não auia de dar a embaixada a outrẽ se não a ele. O q el rey disse q era bẽ, ⁊ q assi se fizesse. E logo mãdou leuar Uasco da gama com Fernão martinz pera outra casa q estaua com outro catale como aqle ⁊ assi aparamentada: ⁊ despois q lá esteue foyse el rey pa ela ficãdo os nossos na casa de fora / ⁊ isto seria sol posto. E el rey como foy na camara/ lançouse no catele não estãdo hi a fora Uasco da gama ⁊ Fernã martinz mais que ho lingoa del rey/ ⁊ ho bramene mór/ ⁊ ho velho q lhe daua ho betele, ⁊ mais hũ seu védor da fazenda. El rey preguntou a Uasco da gama de que parte do mũdo era, ⁊ q queria: ao que ele respõdeo q era embaixador dũ rey Christão do cabo do occidẽte/ senhor dũ reyno principal chamado Portugal, ⁊ assi doutros muytos/ pelo ql era muyto poderoso de gẽte, ⁊ muyto mais rico de todas as cousas necessarias pera hũ rey ser muyto mais rico que nenhũ outro daquelas partes: ⁊ que auia sessenta annos que os reys seus antecessores tẽdo fama que na India auia reys Christãos ⁊ muyto grandes senhores principalmente el rey de Calicut/

mandaua descobrir per seus capitães aqla cidade pera terẽ amizade com os reys dela/ & os terẽ por irmãos como era rezão: & visitarẽnos por seus embaixadores: & não porq̃ tiuessem necessidade de sua riqueza porq̃ a q̃ auia em suas terras/ douro/ prata & outras cousas de preço lhe sobejaua: & q̃ os capitães q̃ yão a este descobrimento andauão nele hũ anno & dous/ ate q̃ lhes falecia ho mantimento: & sem acharẽ oque buscauão se tornauã pera portugal o q̃ tinha custado muyto. E q̃ elrey dõ Manuel q̃ então reynaua, desejando de dar fim a esta empresa que auia tãto tẽpo q̃ duraua, por lhe nã faltar ho mantimẽto como dãtes lhe dera tres nauios carregados dẽles, & ho mãdara por capitão mór de todos tres/ dizẽdolhe q̃ não tornasse a Portugal ate q̃ lhe não descobrisse aquele rey dos Christãos q̃ era senhor de Calicut/ porque se tornasse sem isso lhe mãdaria cortar a cabeça: & q̃ se ho achasse q̃ lhe desse duas cartas suas/ q̃ lhe daria ao outro dia por ser então ja tarde, & q̃ lhe dissesse que ele era seu irmão & amigo/ q̃ lhe pedia muyto q̃ pois mandaua de tão longe buscalo que quisesse aceitar sua amizade/ & lhe mandasse seu embaixador pera a cõfirmar/ & que dali por diante se visitassem por seus ẽbaixadores, como se costumaua antre os reys Christãos. El rey mostrou q̃ folgaua cõ a embaixada, & assi ho disse a Vasco da gama, & q̃ ele fosse muyto bẽ vindo: & pois el rey de Portugal q̃ria ser seu amigo & irmão, q̃ ele ho seria seu/ & lhe mãdaria sobrisso seu embaixador: ho q̃ Vasco da gama lhe pedio muyto q̃ fizesse: porq̃ não ousaria daparecer diante del rey seu senhor sem ele. El rey lhe prometeo q̃ ho mãdaria, & q̃ logo ho despacharia. E despois de lhe pergũtar polo estado dl rey d Portugal, & quãto auia d sua terra a Calicut, & quãto se deteuera na viajem/ por ser ja muyto noyte lhe disse q̃ se recolhesse: & pergũtoulhe se q̃ria pousar cõ mouros se cõ Christãos, & ele disse que cõ nenhũs se não só, & el rey mãdou a hũ mouro seu feytor q̃ o fosse apousentar/ & lhe fizesse dar todo ho necessario.

¶ Capit. xviij. De como Vasco da gama quisera mandar hũ presente a el rey/ & lhe nã foy cõsẽtido.

Espedido Vasco da gama pa se ir a pousada, posto que seriã passadas quatro oras da noyte, ho Catual & os outros q̃ ho acõpanharão se forão coele/ indo todos a pé/ & nisto sobreueo hũa chuua tamanha q̃ as ruas yão todas cheas dagoa. E por isso Vasco da gama mandou algũs criados seus que ho leuassẽ as costas: & assi pola agoa, como pola grande detẽça que fazião em chegar a pousada se agastou/ de maneyra que se queixou com ho feytor del Rey. Dizendo que se ho auia ele de trazer pela cidade toda aquela noyte: & ele lhe disse q̃ se não podia mais fazer porque a cidade era grande & espalhada: & leuouho a sua casa pa des-

canſar hũ pouco/⁊ dauallhe hũ ca-
ualo pera ir nele,⁊ por ſer ſem ſela o
não quis,dizendo que antes iria a
pé:⁊ aſſi foy ate chegar á pouſada
onde aqueles que ho acompanha-
uão ho deixarão bẽ apouſentado/
⁊ ja lá os ſeus tinhão todos ſeu fa-
to. Aqui deſcanſou aquela noyte
com muyto prazer de ver tão bõ co
meço naquela negoceação. E ao
outro dia que era terça feyra deter
minãdo de mãdar preſente a el rey,
porque ſabia de Bontaibo que ſe
não podia mandar ſem ho ſeu fey-
tor ⁊ ho Catual ho verem primey-
ro/moſtroulho,⁊ erão quatro ca-
puzes de graã:⁊ ſeys chapeos,qua
tro ramaes de corais, doze alam-
beis/ hũ fardo de bacias de latão,
em que auia ſete peças / hũa caixa
daçucar / dous barris dazeite, ⁊
dous de mel:Vendo ho feytor ⁊ ho
Catual eſtas peças começaranſe
de ir / dizendo que não era aquilo
nada pera mandar a el rey/ que ho
mais pobre mercador que ya a ſeu
porto lhe daua muyto mais/que a
quilo que ſe lhe queria fazer preſen
te;que lhe mandaſſe algũ ouro:por
q̃ el rey não auia de tomar aquilo.
Do que Vaſco da gama ouue menẽ
coria/⁊ aſſi ho moſtrou, dizendo q̃
ſe ele fora mercador ou fora tratar
que leuara ouro: porẽ que não era
mercador, ſe não embaixador por
iſſo ho não leuaua / ⁊ que aquilo q̃
queria mandar a el rey de Calicut
era do ſeu/⁊ não do del rey ſeu ſe-
nhor,porque não tendo ele certeza
ſe acharia el rey de Calicut,lhe não
dera nada para ele/⁊ que quãdo tor
naſſe a mandar outra vez pela cer-
teza que teria de ho achar ẽ lhe mã-
daria ouro,prata,⁊ outras couſas
muyto ricas. Eles diſſerão que a-
quilo ſeria aſſi:porem que ho coſtu
me daquela terra era que todo ho
eſtrangeiro que ya falar a el rey lhe
auia de fazer preſente,⁊ eſte confor
me á grandeza de ſeu eſtado. Ao q̃
Vaſco da gama repricou, dizendo
que era muy bem que ſe goardaſſe
ſeu coſtume/⁊ ele por ſe goardar fa
zia aquele preſente,que não era de
mór preço por as cauſas que lhe
dizia,q̃ ho deixaſſem leuar a el rey,
⁊ quando ho não quiſeſſe que ho
mandarião pera os nauios: ⁊ eles
diſſerão que logo ho poderia mã-
dar/porque ho não auião de leuar
a el rey,nẽ conſentir que lho leuaſ-
ſem. E dado eſte deſengano de que
Vaſco da gama ficou aſſaz agaſta-
do/ diſſelhes q̃ pois eles não que-
rião que mandaſſe aquele preſente
a el rey,que lhe queria ir falar pera
ſe tornar a ſeus nauios(⁊ iſto era
cõ determinação de dar conta a el
rey do q̃ paſſaua acerca do preſen-
te)⁊ eles diſſerão que era bẽ:porem
q̃ por quãto ſe auião de deter coele
no paço / ⁊ era muyto neceſſario
irẽ fazer hũ pouco,q̃ ho irião fazer
⁊ logo tornarião pera irem coele/
porque el rey não queria que foſſe
ſem eles / por quãto era eſtrãgeiro,
⁊ auia muytos mouros na cidade.
E cuydando Vaſco da gama q̃ lhe
falauão verdade no tornar logo/
diſſe q̃ eſperaria por eles/mas eles
não tornarão em todo aq̃le dia.

¶ Capit.xix. Do q̃ os mouros ordenarão cõtra Vaſco da gama.

Como quer q̃ neste tẽpo os mouros d̃ Calicut tinhão trato ẽ Quiloa/ Mõbaça ꝛ Moçãbiq̃ por amor do ouro q̃ se achaua nestes lugares: quelhes ya de çofala por as naos q̃ lá tinhão mãdado que tornarão inuernar a Calicut ꝛ chegarão primeiro q̃ Uasco da gama/ souberão quãto lhe acõtecera des q̃ chegou a Moçãbique ate q̃ partio: ꝛ no caminho/ ate Mombaça ꝛ ate Melinde: ꝛ como dizia que ya buscar calicut por amor da especiaria q̃ hi auia, pera el rey de Portugal mandar hi carregar suas naos dela. E quando eles virão Uasco da gama: ꝛ souberão q̃ a causa d̃ sua vinda ꝛ a sustãcia de sua embayxada era sobre o q̃ lhes tinhão dito: ꝛ que el rey de Calicut ho ouuira a parte ꝛ mostrara contentamẽto de sua embaixada ficarão muy salteados, porque sabião q̃ el rey auia de folgar de irẽ muytos mercadores a Calicut, porq̃ quanto mais fossẽ tanto mais baratas auião de vender suas mercadorias, ꝛ tanto mays cara auião d̃ cõprar a especiaria o q̃ sintirão muyto porq̃ vião claramente quãto perdião do muyto q̃ ganhauão tendo sós ho trato da especiaria: ꝛ mais ho desgosto grandissimo q̃ terião vẽdo inesturados coeles Christãos, a q̃ tinhão odio mortal: ꝛ mais que os auião de ter por cõpetidores em seus tratos. E isto bẽ cõsiderado ꝛ examinado por todos juntos em consulta, acordarão q̃ trabalhassẽ todo ho possiuel cõ ho catual ꝛ cõ ho feitor del rey de Calicut q̃ lhe fizessem crer q̃ Uasco da gama q̃ era cossairo ꝛ não vinia se não de roubos/ ꝛ q̃ ya espiar a terra pera saber q̃ naos yão a ela pera como fosse verão as ir esperar ao mar ꝛ roubalas: por isso q̃ ho nã deixasse ir de Calicut. E isto a fim q̃ ficãdo ele na cidade cõ os q̃ leuaua os matarião poucos ꝛ poucos porque não tornassem a sua terra cõ nouas do descobrimẽto de Calicut ꝛ lhes impedissem ho trato q̃ tinhão E pera q̃ ho catual ꝛ feitor persuadissẽ a el rey q̃ cresse que Uasco da gama era cossairo cõtarãlhe o que fizera ẽ Moçãbique cõtra os mouros, ꝛ d̃spois q̃ partira ate chegar a Melinde. Eles por amor da peita contarão logo tudo a el rey: ꝛ assi o presente q̃ lhe Uasco da gama quisera fazer: no q̃ se parecia bẽ que nã trazia mercadoria/ nem era mercador se não cossairo. E como el rey era homẽ incostãte: ꝛ vẽdo q̃ Uasco da gama lhe não daua presente como os mercadores lhe costumauã de dar/ começou de crer o q̃ lhe disserão ho catual ꝛ feitor/ ꝛ esteue pa ho mandar prender: mas parece q̃ nosso señor ho estoruou pera se a India descobrir/ ꝛ se lhe fazer lá tãto seruiço como he feito polos irmãos da cõpanhia de Jesu: cõuertẽdo tã o numero de infieis á nossa sctã fé. E por isto em q̃ o catual ꝛ feitor andauão não querião q̃ Uasco da gama mãdasse ho presente a el rey/ ꝛ trabalhauão q̃ não lhe tornasse a falar/ porq̃ não ho ouuindo se indignasse mais cõtrele. E de tudo isto derão conta aos mouros/ que lho agardecerã muyto, ꝓmetẽdolhes

muyto mais do q lhes tinhã dado se leuassẽ aquilo auãte. E por dissimulẽ forãse á pousada de Uasco da gama leuãdo cõsigo Bõtaibo: e fingidose seus amigos mostrarão q ho querião insinar no q auião de fazer. E disserãlhe que quẽ queria negociar cõ el rey q lhe auia d fazer presente, porisso q lho fizesse se qria ser despachado: e Bõtaibo comoa migo lhe disse ho mesmo: e que não somente ho auia de fazer a el rey/ mas aos officiaes q ho auiã de despachar/ se não que nunca seria despachado. E vasco da gama se lhes queixou que ao dia dãtes quisera fazer hũ presente a el rey: e q ho seu feytor e ho Catual lho não cõsentirão e se forão/ e q nunca mais tornarão. E mostroulhe as peças do presente. E os mouros lhe disserão que não erão aqlas peças pera dar a hũ rey tão poderoso como ho de Calicut/ nem lhas desse/ porq lhe pareceria q fazia escarnio dele. E o mesmo lhe disse Bõtaibo: e estranhoulhe muyto não trazer outras cousas de preço/ pois as auia em Portugal: e ele se lhes desculpou cõ não ser certo de descobrir Calicut: e Bõtaibo lhe cõselhou q posto q não desse presente a el rey, que trabalhasse por lhe falar e auer licẽça dele pera se tornar aos nauios porq lhe não fizessem os mouros algũ mal/ que começauã dẽtender neles q lhes pesaua cõ sua vinda/ e coisto se foy coeles.

¶ Capi. xx. De como Uasco da gama ouue licença del rey pera se tornar aos nauios.

Cuydãdo Uasco da gama no q lhe Bõtaibo disse, e vendo q ho Catual e feitor tardauão determinou se não fossem coele ate ho outro dia á horas de comer de se ir sem eles ao paço: mas eles vierão: e ele sem mais falar na tardãça lhes pedio que fossem falar a el rey. E parece q nosso señor andaua abrindo caminho pera se descobrir a India, porq cõ quanto eles qriã estoruar a Uasco da gama q não falasse a el rey/ forãose logo coele aos paços: e mandarão dizer a el rey q estauão ali cõ Uasco da gama. E el rey por estar traitornado algũtãto ho não mãdou ẽtrar se não despois dobra de tres horas q chegou, e q não entrassem coele mais q ho seu lingoa: do q ele ficou muy descontẽte, porq lhe não pareceo bẽ aquele apartamẽto. E entrado onde el rey estaua, não foy recebido dele cõ ho gasalhado da primeira: e disselhe secamente q ho esperara ho dia passado/ e q não fora a ele. Ao q Uasco da gama disse q deixara de ir por se achar muyto cansado do caminho E não quis dizer ho porq, por não dar causa a el rey de lhe falar no presente, q bẽ lhe parecia que lhe não estoruara ho catual e ho feytor de ho mandar a el rey se não por saberẽ que ho aueria por cousa baixa: e mais q lhe auião de dizer como ho virão. Porẽ não se pode escusar de lhe el rey falar nele: dizẽdolhe logo que ele lhe dissera q era de hũ rey muyto poderoso e rico, e que lhe nã trazia nenhũa cousa, trazẽdolhe embaixada damizade/ que nã sabia

que amizade queria coele quem lhe não mandaua nada. Ao que Vasco da gama respondeo, que se não espantasse de lhe não trazer nada, porque não tinha certeza de ho achar/ ⁊ agora que ho achara veria o q̃ el rey seu senhor lhe mãdaua/ se ho Deos deixasse leuarlhe as nouas de seu descobrimento: ⁊ que se ele quisesse dar credito a suas cartas q̃ ali lhas leuaua, ⁊ que nelas veria o que lhe dizia. E el rey ẽ vez de lhe pedir as cartas/ disselhe que ou ho mãdaua ho seu rey descobrir pedras ou homẽs, ⁊ se mãdaua descobrir homẽs como lhe não mandaua algũa cousa: ⁊ pois a não trazia que lhe disserão q̃ tinha hũa sancta Maria douro que lha desse. Vasco da gama se achou muy afrontado de lhe el rey estranhar tanto não lhe leuar presente, ⁊ mais de lhe pedir tão sem vergonha aquela imagem. E respõdeolhe que a sancta Maria que lhe disserão era de pao dourada ⁊ não douro: ⁊ posto que ho fora que lha não ouuera de dar por quanto ela ho goardara no mar: ⁊ ho leuara a sua terra. E el rey não repricou a esta reposta, ⁊ pediolhe as cartas que leuaua del rey: ⁊ ele lhas deu/ hũa em lingoagem Portugues outra em arabigo. E disselhe que vinhão assi porq̃ não sabia el rey seu señor qual daquelas lingoas se entẽderia em sua terra. E pediolhe que pois a lingoa Portuguesa se não entẽdia se não a arabiga/ ⁊ auia hi Christãos Indios que a entendião que as mandasse ler por hũ deles, porque por os mouros serẽ immigos dos Christãos receaua que mudassem as palauras da carta. E el rey ho mandaua assi: porem não se achou Indio que soubesse ler a letra mourisca ou foy feyto acinte. E vendo Vasco da gama que a auião de ler mouros, pedio a el rey q̃ fosse Bõtaibo hũ deles/ ⁊ isto por lhe parecer que falaria mais verdade q̃ os outros pelo conhecimento que tinha coele: ⁊ el rey mandou que a lesse com outros tres; ⁊ lida por eles primeyro antre si, a lerão alto declarãdo a el rey o que dizia: Que era q̃ sabendo el rey de Portugal como ele era hũ dos mais poderosos reys da India ⁊ Christão desejara de ter coele amizade ⁊ trato, pera auer de sua terra especiaria que sabia q̃ auia nela muyta/ ⁊ que de muytas partes do mundo a yão ali comprar. E que se ele lhe quisesse dar licença pera mandar por ela quelhe mandaria de seus reynos muytas cousas que no seu não aueria/ as quaes lhe diria aquele seu capitão mór ⁊ embaixador. E quando daquelas cousas não fosse contente/ mandaria moeda douro ou de prata pera a cõprarem. E que assi das mercadorias como das moedas lhe daria ho seu capitão mostra. El rey ouuindo estas palauras, como desejaua que pera acrecentamento de suas rendas fossem muytos mercadores a Calicut, mostrouse cõtente cõ a carta/ ⁊ fez melhor rosto q̃ dãtes: ⁊ pgũtoulhe q̃ mercadorias auia ẽ portugal. Ele nomeou muytas, ⁊ disse q̃ de todas trazia mostra, ⁊ assi das moedas: q̃ lhe desse ele licẽça pa ir por elas aos nauios, ⁊ que deixaria na pousada quatro ou cinco homẽs dos seus

em quanto lá fosse. El rey crendo mais o quelhe ele dizia/ que o que lhe os mouros tinhão dito / disselhe q̃ fosse embora, ⁊ que leuasse os seus consigo que não era necessario ficar nenhũ em terra/ ⁊ que trouuesse sua mercadoria, ⁊ que a vendesse ho melhor que podesse. Coesta licẽça ficou ele muyto ledo, porque segũdo vio el rey mal assombrado no começo da pratica/ pareceolhe que lha não desse. E coisto se foy pera a pousada/ acompanhandoo ho Catual por mandado del rey. E por ser aq̃le dia ja tarde se não quis partir.

¶ Capit. xx. De como tornandose Vasco da gama pera os nauios ho deteue ho Catual em Pandarane.

E Ao outro dia que foy ho derradeyro de Mayo mandou ho Catual hum caualo em osso a Vasco da gama pera ir nele a Pandarane. E por ho caualo vir daquela maneyra não quis ir nele, ⁊ pedio hũ andor ao Catual, q̃ lhe logo mãdou dar/ ⁊ nele se partio pera Pandarane/ ⁊ todos os seus coele, ⁊ assi muytos Naires q̃ ho acompanhauão. E quãdo os mouros ho virão ir/ parecendolhe que se ya de todo/ ficarão tão magoados que se forão ao Catual, ⁊ peitarãlhe muyto dinheiro porque fosse apos ele ⁊ q̃ ho prendesse dessimuladamente, ⁊ que eles terião maneyra como ho matassem pera que ele ficasse sem culpa. E posto que lhe el rey quisesse dar algũa pelo prender, que eles lhe auerião perdão. E fizerãno partir logo, ⁊ andou tanto que passou pelos nossos que ficauão atras de Vasco da gama por ele ir depressa / ⁊ eles não poderem andar tanto que fazia calma ⁊ afrontauão. E chegado ho Catual a ele, disselhe que porque andaua tão de pressa que parecia que ya fugindo: ⁊ isto por acenos. O q̃ ele bem entendeo: ⁊ disselhe tambẽ por acenos que fugia da calma. E chegados a Pãdarane, porque os nossos não parecião ainda / disse Vasco da gama que não auia dentrar sem eles no lugar, ⁊ meteose em hũ estao (que auia muytos por aquele caminho pera se acolherem das chuuas) ⁊ hi esperou por eles ate quasi sol posto/ que tudo isto tardarão por errarẽ ho caminho. E Vasco da gama se queixou coeles / dizẽdo que não era aquilo tempo pera ho deixarem, ⁊ que ja fora nos nauios se não fora sua tardança. E pedio logo hũa almadia ao Catual pera se ir aos nauios: ⁊ ele pelo que esperaua de fazer lhe disse que era ja muyto tarde/ ⁊ que os nauios estauão longe ⁊ como fizesse escuro que os poderia errar que melhor se iria ao outro dia. Ao que ele disse q̃ se lhe logo não desse almadia pera se ir que se tornaria a el rey, porque el rey ho mandara ir pera os nauios ⁊ que ele ho queria deter / ⁊ que era muyto mal feyto sendo ele Christão como eles. E isto disse muyto menẽcorio/ ⁊ mostrãdo que se queria tornar pera Calicut, E ho Catual por dissimular disse q̃ lhe daria .xx. almadias se tãtas quisesse, q̃ ele lhe acõselhaua por bẽ q̃ ficasse, q̃ se se quis

sesse ir que se fosse: ⁊ fez que manda ua buscar almadias, ⁊ dissimulada mente mandou esconder os donos delas, porq̃ as não dessem. E entre tãto que as yão buscar leuou Vasco da gama ao longo da praya: ⁊ co mo ele ja tinha má sospeita desta gẽte pelo q̃ lhe fora feyto em Calicut, disse a Gonçalo pirez ho marinhei ro/ que cõ outros dous dos nossos fosse diante ho mais q̃ podesse: ⁊ se achasse Niculao coelho com os bateis/ lhe disesse que se escõdesse por que auia medo q̃ ho Catual lhe tomasse os bateis com a muyta gẽte que leuaua: Gonçalo pirez ⁊ os ou tros forão fazer isto. E ho Catual se deu tanto de vagar cõ a almadia por mais q̃ se Vasco da gama apres saua/ q̃ se çarrou a noyte de todo/ ⁊ erão passadas dela bem tres horas. E assi por isto/ como por não tornarem mais os q̃ leuarão ho re cado a Niculao coelho/ se deixou Vasco da gama ficar ali aq̃la noyte/ ⁊ foy apousentado ẽ casa de hũ mouro. E ho Catual os deixou, cõ dizer que ya buscar Gonçalo pirez ⁊ os outros dous/ ⁊ foyse: ⁊ nã tor nou se não pola menhaã. E tanto q̃ tornou logo lhe Vasco da gama pe dio almadias pera se ir: ⁊ ele lhe dis se que mandasse chegar mais pera terra os nauios, ⁊ que ẽtão se iria: do que se ele agastou muyto/ parecendolhe que lho dizia, pera com a muyta gente que tinha/ lhe ir tomar os nauios em almadias: ⁊ por isso não quis. E respondeo cõ grãde animo, que não auia de mandar tal cousa estando em terra/ porque se ho mandasse, que pareceria a seu irmão que ho tinhão preso/ ⁊ que lho fazião fazer po᷑ força/ ⁊ que se iria pa Portugal sem ele. Ho Catual ⁊ os outros falãdo todos jun tamẽte muyto rijo lhe disserão q̃ se ho não fizesse ho não deixarião ir: ao q̃ ele mostrandose muy desagasado: respondeo que se ho não deixassem ir/ que se tornaria a el rey de Calicut/ ⁊ lho diria, ⁊ quando ho ele quisesse deter em sua terra, que folgaria muyto d̃ morar nela. Ho Catual disse que se fosse queixar. Porem não lhe daua lugar pe ra isso, porque as portas da casa estauão todas fechadas/ ⁊ ela toda chea de naires com suas armas/ ⁊ não deixauão sair nenhum Portugues. E quis Deos que ho Catual não ousou de matar Vasco da gama nem os seus, que bem quisera fazelo/ por amor dos mouros que lhe peitarão: ⁊ sendo ele muyto grande priuado del rey/ tomoulhe tamanho medo dele que não ousou. E ho porq̃ dizia a Vasco da gama que mandasse chegar os nauios pera terra/ era porque chegados os poderião os mouros tomar, ⁊ matar quantos estauão dẽtro: ⁊ vendo q̃ Vasco da ga ma não q̃ria mãdar chegar os nauios pera terra/ por ter causa d̃ ho ter ⁊ darlhe opressão/ ja q̃ ho nã ou saua d̃ matar, cometeolhe q̃ lhe des se as velas dos nauios ⁊ os lemes: do q̃ se Vasco da gama começou d̃ rir, dizẽdo q̃ nã auia d̃ dar hũa cou sa nem outra/ pois el rey ho deixa ua ir sem nenhũa condição/ que fizesse ho que quisesse, porque el Rey ho saberia ⁊ lhe faria justiça.

E cõ tudo estaua muyto agastado. E estando assi chegou gonçalo pirez com recado de Niculao coelho q̃ ho esperaua com os bateis: a q̃ logo Uasco da gama mandou dizer que se tornasse aos nauios, noteficandolhe como ficaua, ꝛ assi ho fez Niculao coelho/ ꝛ acolheose com grande afronta, porque forão apos ele muytos immigos em almadias por mãdado do Catual pera ho tomarem/ mas não poderão. O que sabido pelo Catual tornou a cometer Uasco da gama que escreuesse a seu irmão que fizesse chegar os nauios pera terra: ꝛ ele não quis/ com dizer que ho fizera: mas que seu irmão não auia de querer, ꝛ posto que quisesse: q̃ sabia muyto certo q̃ a gente ho não auia de consentir. Ao q̃ ho Catual repricou que não dissesse aquilo porque se auia de fazer o que ele mandasse. E com tudo Uasco da gama não quis escreuer a carta, porque receaua de mandar chegar os nauios pera terra pela rezão que ja disse.

Capit. xxij. De como Uasco da gama se foy pera os nauios, ꝛ do que se passou despois disto.

Listo se passou todo este dia em q̃ os Portugueses esteuerão ẽ grande agonia: ꝛ vinda a noyte os meterão em hũ patim ladrilhado/ ꝛ cercado de paredes baixas/ ꝛ veo ho dobro da gente q̃ os goardou de dia, pera os goardar ð noyte. E Uasco da gama os esforçaua porque sentio q̃ receauão de os apartarem hũs dos outros no dia seguinte: ꝛ ele tambem receaua ho mesmo/ mas não ho daua a entender: ꝛ mostrauase muyto confiado que como el rey de Calicut soubesse que eles assi estauão/ que os mãdaria logo soltar. E por se mostrar desagastado ceou coeles galinhas/ ꝛ arroz que mandou comprar de dia. E ho Catual estaua espantado de ver quão pouco lhes daua de os terem assi/ ꝛ da constancia de Uasco da gama não querer mãdar chegar os nauios a terra, nem conceder em nenhũa das outras cousas que lhe pedia: ꝛ pareceolhe que era por demais telo preso pera o fazer: ꝛ quis Deos que determinou de ho soltar com medo del rey saber q̃ ho tinha preso, sobre ho mãdar ir liuremẽte. E ao outro dia q̃ foy sabado dous de Junho/ disselhe que pois dissera a el rey que tiraria sua mercadoria em terra que a mandasse tirar/ porque ho seu costume era: q̃ qualquer mercador que vinha a Calicut punha logo em terra sua mercadoria ꝛ gente: ꝛ não tornaua aos nauios se não despois de a ter vendida: ꝛ que como a mercadoria viesse ho deixaria tornar aos nauios. E ainda que pareceo a Uasco da gama q̃ lhe não falaua verdade/ disselhe q̃ logo mãdaria pola mercadoria/ que lhe desse almadias pera a trazerem: porq̃ seu irmão não quereria que os seus bateis viessem a terra ate ele não ir aos nauios. Do que ho Catual foy contente/ porque esperaua de se entregar na mercadoria, cuydando q̃ erão cousas de muyto preço como Uasco da gama dizia/ q̃ despachou

hũ dos ſeus cõ carta a ſeu irmão/ q̃
dizia como ficaua/ ⁊ q̃ não tinha ou
tra má vida ſe não eſtar metido em
hũa caſa/ q̃ do mais a tinha muyto
boa/ ⁊ q̃ lhe mãdaſſe algũa pouca d̃
mercadaria ꝑa contentar ho catual
que ho deixaſſe ir: ⁊ q̃ teueſſe ſua pri
ſam por verdadeira ſe ho não viſſe
nos nauios deſpois da mercadoria
ſer em terra: ⁊ ſe aſſi foſſe q̃ não ago
ardaſſe mais ⁊ ſe partiſſe logo pera
Portugal/ ⁊ contaſſe a el rey o q̃ ti
nha feito ⁊ como ficaua, porq̃ cõfia
ua em ſua alteza q̃ lhe deſſe tal arma
da de gẽte com q̃ tornaſſe a liuralo:
q̃ não ouueſſe medo q̃ ho mataſſem
neſte tẽpo porq̃ ele eſtaua diſſo ſegu-
ro. E viſta eſta por Paulo da gama
mãdoulhe logo a mercadoria cõ ou
tra carta/ em q̃ dizia q̃ nunca deos
q̃ſeſſe q̃ tornaſſe ſem ele a portugal/
que q̃ndo os imigos ho não quiſeſ-
ſem ſoltar, que eſperaua em noſſo ſe
nhor d̃ dar tãto eſforço a eſſes pou
cos q̃ eſtauão na frota/ q̃ cõ a arte-
lharia q̃ tinhão ho foſſem liurar/ ⁊
que diſto fizeſſe conta ⁊ não doutra
couſa. E chegada a mercadoria a ter
ra/ ⁊ entregue ao catual/ ⁊ aſſi Dio
go diaz q̃ ficaua por feytor: ⁊ Alua
ro de braga por ſeu eſcriuão: ⁊ foiſe
Vaſco da gama aos nauios, ⁊ não
quis mais mandar nenhũa merca-
doria ate ver como ſe vendia aq̃la/
nẽ quis mais ir a tr̃ra por não ſe ver
noutra afronta/ do q̃ peſou muyto
aos mouros por deſeſperarẽ de ho
poderẽ matar. E não lhe podendo
fazer outro mal zombauão da mer
cadoria que deixara ẽ terra ⁊ fazião
que não ſe vendeſſe: do q̃ ſe ele man-
dou queixar a el rey, ⁊ aſſi do q̃ lhe
ho catual fizera/ dizendo q̃ por eſſa
cauſa não fora mais a terra: porẽ q̃
eſtaua a ſeu ſeruiço cõ aq̃la armada:
⁊ el rey ſe moſtrou muyto menẽco-
rio do q̃ lhe fora feyto/ dizẽdo q̃ ca
ſtigaria aq̃les q̃ lho fizerão: ⁊ q̃nto
á mercadoria mãdou ſete ou oyto
mercadores gentios guzarates q̃ a
cõpraſſem. E mãdou a hũ naire hõ
rado pera q̃ eſteueſſe na feitoria/ ⁊ q̃
ſe hi chegaſſe algũ mouro q̃ ho ma-
taſſe. Mas ou por iſto ſer fingido/
ou por os mouros peitarẽ os mer-
cadores, eles não cõprauão nenhũa
couſa, ãtes a abaterão, de q̃ os mou
ros andauão muyto ledos ⁊ dizião
que agora verião ſe eles ſós erão os
que não querião cõprar a mercado
ria dos portugueſes: ⁊ cõ tudo não
ouſarão mais de ir á feitoria, ſaben
do que hi eſtaua ho naire por mãda
do del rey. E ſe dãtes querião mal
aos portugueſes muyto mais lho
quiſerão dali por diãte: de maneira
q̃ como algũ ya a terra, parecendo-
lhes q̃ ho injuriauão niſſo coſpião
no chão, dizẽdo Portugal, Portu
gal. E eles q̃ ho entẽdião riãſe, porq̃
viſſem quão pouco lhes daua diſſo
⁊ aſſi lho mandaua Vaſco da gama
que ho fizeſſem. E vendo ele q̃ não
cõpraua ninguẽ a mercadoria/ pare
ceolhe q̃ era por eſtar naquele lugar
⁊ q̃ em Calicut ſe venderia milhor/
⁊ ho mãdou aſſi dizer a el rey pedin
dolhe licença pera a mandar lá: que
ele logo deu/ ⁊ por ſeu mandado ⁊ a
ſua cuſta foy la leuada: ⁊ cõ tudo nũ
ca Vaſco da gama q̃s tornar a tr̃ra
pola offenſa q̃ lhe ho catual fizera.
E porq̃ Bõtaibo q̃ ho ya ver muy-
tas vezes lhe dezia q̃ ho fizeſſe aſſi/

porq̃ el rey era homẽ mudauel/ ⁊ po deria ser que os mouros ho mudariáo da võtade q̃ tinha pelo muyto credito q̃ tinhão coele. E era Uasco da gama tão recatado que por ser mouro se não fiaua dle/ nẽ lhe daua conta de nenhũa cousa q̃ ouuesse de fazer, porẽ por ho ter de sua mão ⁊ lhe dar auisos lhe daua muytas peças ⁊ dinheiro.

¶ Cap. xxiij. De como Uasco da gama quisera deixar em Calicut hũ feitor ⁊ escriuão ⁊ elrey nã quis.

Posta a mercadoria em Calecut ordenou Uasco da gama que todos os da armada fossem a terra pera verẽ a cidade ⁊ comprarẽ o que quisessem, ⁊ cada dia mandaua de cada nauio hũ homẽ, ⁊ vindos aq̃les yão outros. E quando fazião este caminho os gẽtios por esses lugares por onde yão os chamauã a casa/ ⁊ lhes dauão de comer: ⁊ cama se era tarde pera passarẽ dali, ⁊ ho mesmo lhe fazião em Calecut ⁊ dauãlhe do q̃ tinhão/ ⁊ os nossos a eles do q̃ leuauão/ que erão manilhas de latão ⁊ de cobre, estanho ⁊ roupa de vestir: ⁊ andauão tão seguros como ẽ Lisboa: ⁊ muyta gẽte da terra pescadores ⁊ outros gentios yão cada dia aos nauios vẽder pescado/ ⁊ figos, cocos ⁊ galinhas, que dauão a troco de biscoito ⁊ por dinheiro. E outros muytos vinhão cõ os filhos pequeninos sem trazerẽ nada a vender/ senão a ver os nauios. E vasco da gama os recebia a todos cõ muyto gasalhado, ⁊ lhes mandaua dar de comer: ⁊ tudo isto por fazer paz ⁊ amizade cõ el rey de Calecut, ⁊ ser deles bem quisto: ⁊ coisto erão eles muytos nos nauios, ⁊ se deixauão tão d vagar estar neles q̃ se çarraua a noite ⁊ não se acabauão de ir ate q̃ os nossos lhe dezião q̃ se fossem. E nisto se passou ate dez dias dagosto que era começo do tempo q̃ podião partir da costa da India, ⁊ se ya acabãdo ho inuerno dela. E vẽdo Uasco da gama ho assessego da gente da terra cõ os nossos, ⁊ a cõmunicaçã que auia antreles, ⁊ quã seguros andauão por Calecut sem receberẽ escandalo dos mouros nẽ dos naires creo q̃ todo aquilo vinha por el rey querer amizade cõ el rey seu senhor que sem sua autoridade não fora possiuel q̃ em perto de dous meses q̃ auia q̃ os nossos conuersauão em Calecut lhe não fizerão os mouros ou os naires algũ escandalo: ⁊ por isso determinou de deixar em Calecut o feitor que la estaua coessa mercadaria que tinha/ posto q̃ a menos dela era vendida: porq̃ estaria ja ho alicece feito pera outra boa que elrey seu senhor mandaria/ deixandolhe nosso senhor leuar nouas daquele descobrimento/ ⁊ não seria necessario tornar de nouo a fazer assento de feitoria: ⁊ cõ conselho de seus capitães ⁊ principais da armada mãdou hũ presente a el rey d Calecut dalãbeis corays ⁊ outras cousas/ mandãdo lhe dizer por Diogo diaz que lho leuou, quelhe perdoasse ho atreuimẽto de lhe mãdar aq̃le presente/ porq̃ desejo de lhe mostrar quãto era seu seruidor lho fizera mandar, ⁊ não parecerlhe que cousas tão baixas

erão pera se apresentar a hũ rey tão
poderoso como ele era. E que se ele
teuera as que se lhe podião apresen
tar, que cõ muyto melhor vontade
lhas mandara do que lhe mandaua
aquelas. E por quanto dali por diã
te se chegaua ho tẽpo pera se poder
partir pera Portugal/ ele queria
ordenar sua partida. E se auia de
mandar embaixador a el Rey seu se
nhor pera confirmação de sua ami-
zade co ele/ ho podia mandar fazer
prestes. E mais que confiãdo ele na
que tinha assẽtada com. S. A. ⁊ assi
nas merces que tinha dele recebi-
das queria deixar em Calicut aq̃le
feytor com seu escriuão com a mer-
cadoria que tinhão/ assi pera teste-
munho da paz ⁊ amizade/ q̃ deixa-
ua assentada com. S. A. como pera
penhores da verdade de sua embai-
xada/ ⁊ do q̃ el rey seu senhor auia
de mandar despois que soubesse no
uas dele. E tãbẽ pera testemunho
de seu descobrimento/ ⁊ ter credito
em Portugal, lhe beijaria as mãos
mandar a el Rey seu senhor hũ ba-
har de canela (que sam q̃tro quin-
tais do peso de Portugal) ⁊ outro
de crauo ⁊ doutra especiaria, ⁊ co-
mo ho feytor fizese dinheiro q̃ lho
pagaria, porq̃ não tinha ao presente
pera o pagar. E primeiro q̃ Diogo
dias desse este recado se passarão q̃-
tro dias sem el rey querer q̃ entrasse
a lhe falar indo cada dia ao paço. E
quando ho mãdou entrar diãte de-
le olhou ho muyto carregado/ ⁊ pre
guntoulhe que queria tão mal assõ
brado/ que Diogo diaz ouue medo
q̃ ho mandasse matar: ⁊ dandolhe o
recado/ quando lhe quisera dar ho
presente não ho quis ver: ⁊ mãdou
que ho dessem a seu feitor. E a repo
sta que deu pera Vasco da gama foy
q̃ pois se queria ir q̃ se fosse: mas que
primeiro lhe auia de dar seys cẽtos
xerafins (que val cada hũ. ccc. rs) q̃
assi era costume da terra. Tornãdo
Diogo dias cõ esta reposta acõpa-
nharãno muytos naires/ q̃ ele cuy
dou q̃ era por bẽ: mas chegãdo á fei
toria eles se poserão á porta/ guar-
dando q̃ não saisse ele nẽ outrem. E
forão logo dados pregões pela cida
de/ que so pena de morte nenhũa al-
madia não fosse abordo da nossa fro
ta. Porẽ antes disto Bõtaibo foy
dizer a Vasco da gama em segredo,
q̃ não fosse a terra nẽ mãdasse/ porq̃
ele sabia certo dos mouros q̃ se fosse
ele ou os seus lhes auia el rey de mã
dar cortar as cabeças: ⁊ q̃ todos aq̃
les cõprimentos que ateli fizera co e
le assi de lhe dar casa de feitoria em
Calecut, como ð bõ tratamẽto dos
nossos forã dissimulações pera ho
acolherẽ co eles ẽ terra/ ⁊ os matar
a todos: ⁊ isto por induzimẽto dos
mouros/ q̃ tinhão feito crer a el rey
q̃ erão ladrões, ⁊ andauão a furtar,
⁊ que não forão a seu porto se não
pera roubar os mercadores q̃ fossẽ
a ele/ ⁊ espiarẽ a terra: ⁊ irẽ despois
tomala cõ grãde armada, ⁊ ho mes
mo disserão a Vasco da gama dous
malabares. E estãdo ele cuydando
no q̃ faria por este auiso q̃ tinha por
verdadeiro, ex q̃ muyto de noite che
gou á capitaina hũ escrauo ð guiné
de Diogo diaz q̃ era Christão/ ⁊ sa
bia bẽ a lingoa Portuguesa: ⁊ disse
como ele ⁊ Aluaro de braga ficauão
presos/ ⁊ a reposta que el rey dera

ao ſeu recado: ⁊ do mais que fizera a
cerca do preſente: ⁊ dos pregões q̃
mandara dar: ⁊ que Diogo diz teue
ra maneyra como ho mandara / dã=
do dinheiro a hũ peſcador que ho le
uaſſe a bordo em anoytecẽdo ⁊ por
não ſer entendido não eſcreuera.
Vaſco da gama q̃ iſto ouuio ficou
muy agaſtado / ⁊ eſperou pera ver ẽ
q̃ aquilo paraua, ⁊ paſſouſe hũ dia
ſem ninguẽ ir a bordo. E ao outro
dia que foy quarta feyra quinze Da
goſto / foy hũa ſó almadia a bordo
da capitaina em q̃ forão quatro mo
ços que leuauão a vender pedras
finas / ⁊ parecendo a Vaſco da ga=
ma que yão por eſpias pera verem o
que lhe fazião, ⁊ pera ſe ſaber como
eſtauão cõ el rey / os agaſalhou co=
mo dantes, fazendo que não ſabia
nada da priſam de Diogo diaz, ⁊ nã
quis lançar mão deſtes porque vieſ
ſem outros mais ⁊ de mais preço
em que faria repreſaria / ate cobrar
os ſeus que eſtauão preſos em ter=
ra a quem eſcreueo hũa carta por eſ
tes moços com palauras diſſimula
das, que querião dizer como ele ſa=
bia ſua priſam / porque ſe foſſe ás
mãos doutrem que a não entendeſ=
ſem. E os moços lhe derão a carta,
⁊ contarão a el rey ho bõ gaſalhado
que lhes fora feyto: que lhe fez crer
que Vaſco da gama não ſabia da
priſam dos noſſos / cõ que folgou
muyto / ⁊ tornou a mandar que foſ
ſem a bordo: ⁊ com grãde auiſo que
não deſcobriſſem como ho feytor ⁊
os outros eſtauão preſos, porque
fazia cõta de deter aſſi Vaſco da gã
ma ate poder armar ſobrele, ou que
vieſſem as naos de Meca ⁊ que ho
tomarião. E dali por diante forão
os malabares a bordo, ⁊ Vaſco da
gama lhe fazia bõ tratamento ſem
lançar mão de nenhũ, porq̃ não via
homẽ de preço / ate q̃ ao domingo
ſeguinte forão ſeys homẽs honrra
dos com dezanoue que leuauão cõ=
ſigo em hũa almadia. E parecendo
a Vaſco da gama que por eſtes aue
ria ho feitor ⁊ ho eſcriuão, fez neles
repreſaria, ſomente deixou dos re=
meiros na almadia / porquẽ mãdou
hũa carta eſcrita em lingoa Mala
bar ao feytor del rey: em que lhe de
zia que lhe mandaſſe ho ſeu feytor ⁊
eſcriuão ⁊ que lhe mãdaria os ſeus.
E vendo ho feytor del rey a carta
deulhe diſſo conta: ⁊ ele lhe mãdou
que fizeſe logo leuar os preſos a ſua
caſa, pera ali os mandar chamar ⁊
fazer que não ſabia nada de ſua pri=
ſam / ⁊ dali os mandar a Vaſco da
gama / porque lhe deſſe os Mala=
bares, cujas molheres lhe yão cho
rar a priſam de ſeus maridos: ⁊ por
iſſo ele queria ſoltar os noſſos, que
ainda eſteuerão algũs dias em caſa
do feytor.

¶ Capit. xxiiij. De como el rey de Calicut mandou Diogo diaz ⁊ Aluaro de Braga, ⁊ do mais que paſſou.

VEndo Vaſco da gama
que lhe não mandauão
os preſos / quis ver ſe
com fazer que ſe partia
lhos mandauão, ⁊ quarta feira vin
te tres Dagoſto mandou leuar an=
cora ⁊ dar ás velas / ⁊ por cauſa do
vento q̃ lhe era por dauante foy ſur
gir quatro legoas a la mar de Cali
cut, ⁊ ali ſe deteue eſperando ate ho

ho sabado pera ver se lhe mãdauão os presos. E vẽdo q̃ não auia disso memoria foyse na volta do mar / ⁊ surgio tãto a ele q̃ quasi q̃ não vião a terra. E estãdo surto ao domingo esperãdo pela viração foy ter coele hũ Tone cõ certos Malabares / q̃ lhe disserão q̃ andauão ẽ sua busca pera lhe dizer como Diogo diaz ⁊ os outros ficauão ẽ casa delrey pa lhos mãdar ⁊ q̃ eles ficauão d̃ lhos leuar ao outro dia, ⁊ q̃ lhos não leuarão logo por se não deterẽ ⁊ o poderẽ alcançar: ⁊ não vẽdo ele os presos parceceolhe q̃ erão mortos / ⁊ q̃ os Malabares lhe mẽtião ⁊ diziãlhe aquilo pera ho deter / ⁊ armarẽ em Calicut contrele ⁊ tomarẽno / ou q̃ esperauão pelas naos de Meca q̃ ho tomarião, ⁊ disselhes que se fossem ⁊ q̃ não tornassẽ mais a bordo sẽ os seus homẽs, ou cartas suas se não q̃ os meteria no fundo ás bõbardadas, ⁊ q̃ se logo não tornassẽ cõ recado que cortaria as cabeças aos q̃ tinha tomados. Coeste recado se partirão / ⁊ vinda a viração Vasco da gama deu ás velas / ⁊ perlõgando ao lõgo da costa foy surgir diante de Calicut ẽ se poẽdo ho sol: ⁊ ao outro dia chegarão a bordo da capitaina sete almadias ⁊ ẽ hũa vinhão Diogo diaz ⁊ Aluaro de Braga / as outras cõ muyta gente / de q̃ nenhũa não ousou dẽtrar nos nauios. E poserão Diogo diaz ⁊ Aluaro de Braga no batel da capitaina / q̃ ainda estaua por popa / ⁊ afastaranse logo esperando reposta de Vasco da gama: a q̃ Diogo diaz disse q̃ como elrey de Calicut soubera q̃ era partido mãdara logo por ele a casa do seu feytor / ⁊ lhe fizera grã de gasalhado como q̃ não sabia nada de sua prisam / ⁊ q̃ lhe pregũtara a causa da prisam dos Malabares q̃ tinha presos ⁊ sabida lhe dissera q̃ fora bẽ feyto. E q̃ lhe pregũtara se lhe pedira ho seu feytor algũa cousa, dizẽdo cõtra ho mesmo feytor q̃ estaua presente q̃ bẽ sabia ele q̃ auia pouco tẽpo q̃ mãdara matar outro feytor / porq̃ leuara peytas a hũs mercadores estrãgeiros: ⁊ despois disto lhe dissera / q̃ lhe dissesse q̃ lhe mandasse ho padrão q̃ dizia q̃ queria q̃ se posesse em terra / q̃ tinha a Cruz ⁊ as armas reaes de Portugal, ⁊ q̃ se fosse cõtente podia deixar a ele Diogo diaz por feytor em Calicut: ⁊ q̃ sobre isto lhe dera hũa carta pera el Rey de Portugal assinada por ele ⁊ escrita por Diogo diaz em hũa ola q̃ he folha de palmeyra, em q̃ custumão de screuer as cousas q̃ hão de durar muyto / ⁊ dizia. ¶ Vasco da gama fidalgo de vossa casa veo a minha terra / com q̃ folguey muyto: ẽ minha terra ha muyta canela / muyto crauo, gingibre / muyta pimenta, ⁊ pedraria: o q̃ eu quero da vossa he ouro, prata, coral, ⁊ ezcarlata. Vasco da gama que ja não se fiaua del rey, não quis respõder a seus offrecimẽtos / ⁊ mandoulhe os seus Naires ⁊ os outros deixou, dizẽdo q̃ ficauão ate lhe trazerem a mercadoria que ficaua em terra / ⁊ mandoulhe ho padrão que lhe mãdaua pedir: ⁊ coisto se forão aqueles q̃ leuarão Diogo diaz, ⁊ ao outro dia foy ter Bontaibo com Vasco da gama / ⁊ disse q̃ fugia de Calicut porq̃ ho Catual lhe toma-

ra per mandado delrey/toda ſua fa
zenda dizendo que era Chriſtão ⁊ q̃
fora por terra a Calicut por mãda-
do del Rey de Portugal pera ho eſ
piar/⁊ diſſelhe mais q̃ tudo aquilo
vinha pelos mouros:⁊ porq̃ aſſi co
mo lhe tomauão a fazẽda lhe farião
mal na peſſoa ſe acolhera antes que
lho fizeſſẽ. Uaſco da gama folgou
muyto coele,⁊ diſſelhe q̃ ho leuaria
a Portugal ⁊ lá cobraria em dobro
a fazenda,a fora outras merces que
lhe el rey ſeu ſenhor faria:⁊ mãdou-
lhe logo dar muyto bõ gaſalhado.
E apos iſto ás dez oras do dia che-
garão a bordo da capitaina tres al-
madias carregadas de gente ⁊ enci
ma das toſtes vinhão algũs alam-
beis dos noſſos/ como q̃ vinha ali
a mercadoria/⁊ a pos eſtas tres vi-
nhão outras quatro que ſe poſerão
de largo:⁊ das tres em q̃ yão os alã
beis diſſerão a Uaſco da gama que
ali vinha a ſua mercadoria,q̃ a po-
rião no ſeu batel: que mandaſſe ele
tambẽ poer os Malabares q̃ tinha
preſos,⁊ q̃ dali os tomarião. E pa-
recendolhe a ele que iſto era engano
diſſelhes q̃ ſe foſſem/porq̃ não que
ria mercadoria ſe nã leuar ꝑa Por-
tugal aqueles Malabares pera teſ-
temunhas de ſeu deſcobrimẽto. E
q̃ ſe viueſſe q̃ ele tornaria muy cedo
a Calicut/⁊ então ſaberião ſe erão
os Frãgues ladrões como os mou
ros fizerão crer a el rey de Calicut,
⁊ por iſſo lhe fizera tantas couſas
mal feytas. E acabãdo de dizer iſto
mandoulhes tirar ás bõbardadas
⁊ os fez fugir. O q̃ el rey ſentio muy
to q̃ndo ho ſoube:⁊ ſe as ſuas naos
eſteuerão no mar ele mandara ſobre
Uaſco da gama,mas eſtauão vara-
das por ſer inuerno:o q̃ he de crer q̃
noſſo ſenhor ordenou q̃ os noſſos
foſſem lá neſte tempo porq̃ podeſſẽ
eſcapar/⁊ dar nouas do deſcobri-
mento deſta terra pera ſe reſtaurar
nela a ſancta fé catholica:o q̃ não fo
ra ſe os noſſos forão no verão/ por
q̃ podera el rey de Calicut ajuntar
ſeu poder que era tamanho como ja
diſſe,⁊ mãdar ſobreles/ ⁊ tomalos
a todos q̃ nenhũ não tornara cõ no
uas a Portugal,ou tambẽ os mou
ros de Meca q̃ eſteuerão ẽ Calicut
os matarão a todos ſegundo erão
muytos ⁊ lhes querião mal.

¶ Capit.xxv. De como Uaſco da gama ſe partio pera Portugal, ⁊ do que lhe aconteceo ate a ilha Danjadiua.

Ainda q̃ Uaſco da gama
eſtaua cõtẽte de ter deſ-
cuberto Calicut/ nã ho
podia ſer d̃ todo por nã
ficar em amizade cõ el rey pera tor-
nar ſeguramẽte a frota q̃ el rey ſeu
ſenhor mãdaſſe. E vendo q̃ não era
mais em ſua mão,contentouſe com
ter deſcuberto o q̃ tinha/⁊ ter ſabi
do da India ⁊ ſua nauegação quã-
to abaſtaua ꝑa poder tornar a ela.
E cõ leuar moſtras d̃ ſpeciaria,dro
ga/⁊ pedraria/⁊ doutras couſas q̃
auia nela,como agora vemos:q̃ tu-
do lhe ouue Bõtaibo. E não tendo
mais q̃ fazer, partioſe leuando os
Malabares q̃ tinha,porq̃ por meo
deles ſe fizeſſe a paz cõ el rey d̃ Cali
cut q̃ndo tornaſſe outra armada. E
logo a quita feyra ao meyo dia ãdã
do ẽ calmaria hũa legoa abaixo de

Calicut forão ter coele obra de se-
tenta tones grãdes carregados de
gente de guerra/com que parece q̃
el rey de Calicut cuydou de ho to-
mar/ ⁊ vendo os mãdoulhes tirar
com a artelharia: ⁊ se ela não fora
sempre eles chegarão aos nossos ⁊
os meterão em trabalho/porque
andarão obra de hora ⁊ mea ladrã-
do apos eles, ⁊ por hũa trouoada
que sobreueo/que por força leuou
os nossos pera ho mar, os deixarão
os immigos/⁊ se forão: ⁊ os nossos
seguirão seu caminho pera Melin-
de com grandes calmarias. E indo
coelas ao longo da costa sem andar
quasi nada/pareceo bẽ a Vasco da
gama, que posto que el rey de Cali-
cut lhe fizesse tantas roindades/q̃
pola necessidade que os nossos que
tornassem despois dele a Calicut/
auião de ter de sua amizade/pera se
poder auer carrega despeciaria, q̃
seria bõ fazer coele algũ comprimẽ-
to, ⁊ mais pois lhe não podia ja em
pecer, ⁊ que el rey folgaria coele se-
gundo ho vira amigo de honrras.
E hũa segunda feyra dez dias de
Setẽbro lhe escreueo hũa carta em
arabigo feyta per Montaibo/em q̃
dizia que lhe perdoasse de lhe leuar
os Malabares, porque os não leua
ua se não pera testemunhas do que
tinha discuberto como lhe mãdara
dizer/⁊ se não deixara feytor ẽ Ca-
licut (do que lhe pesaua muyto) fora
por recear q̃ ho matassem os mou-
ros/por amor de quẽ não fora muy-
tas vezes a terra/mas nem por isso
deixaua de ser muyto grãde seu ser
uidor/⁊ que el rey seu senhor auia
de folgar muyto com sua amizade/
⁊ mandaria muy cedo sua armada
em que lhe mandasse muyta abastã
ça do que lhe mandaua pedir, ⁊ que
ainda ho trato dos Portugueses
em sua cidade lhe auia dacrecentar
muyto suas rendas. E esta carta
deu a hũ dos Malabares que leua
ua pera que a leuasse por terra onde
ho mandou deitar: ⁊ despois se sou-
be que a dera a el rey de Calicut. E
continuando Vasco da gama dali
sua viagem indo a vista de terra no
sabado seguinte a duas legoas dela
foy ter com a frota a hũs ilheos ⁊
dũ deles que era pouoado acodirão
logo muytas almadias com gẽte a
vender pescado ⁊ outros mantimẽ-
tos. E Vasco da gama lhe fez muy-
to gasalhado, ⁊ lhe mandou dar ca-
misas ⁊ outras cousas com que mo-
strarão muyto contentamẽto: ⁊ pre
gũtoulhes se folgarião d̃ deixar ali
metido hũ padrão com hũa Cruz ⁊
armas del Rey de Portugal em si-
nal que os Portugueses erão seus
amigos. E eles disserão que si/⁊ q̃
coele affirmarião que erão os nos-
sos Christãos: ⁊ então ho mandou
meter/⁊ chamauase ho padrão de
sancta Maria: ⁊ por isso se chamou
aq̃le ilheo do mesmo nome. Daqui
como foy noyte q̃ ventou ho terre-
nho se fez á vela, ⁊ indo sempre ao lõ
go da costa a quinta feyra seguinte
dezanoue d̃ Setẽbro foy ter cõ hũa
terra alta muyto graciosa ⁊ de bõs
ares, ⁊ estauão jũto dela seys ilhas
peq̃nas ⁊ ali surgio: ⁊ indo a terra
pa fazer agoada achou nela hũ ho-
mẽ mancebo/q̃ preguntado se era
mouro se Christão/disse q̃ christão
⁊ isto deuia de ser cõ medo q̃ ho não

matassem, que por aq̃la terra não
auia nenhũs Christãos: ⁊ este le-
uou os nossos por dẽtro de hũ rio
⁊ lhe foy mostrar hũa fermosa ago
ada que nacia antre hũs penedos,
⁊ por isso lhe foy dado hũ barrete
vermelho. Ao outro dia pela me-
nhaã vierão de terra q̃tro homẽs
em hũa almadia abordo da capitai
na que trouuerão a vẽder muy tas
aboboras ⁊ pepinos: ⁊ preg̃utados
se auia naq̃la terra canela ou pimẽ-
ta/ disserão que não auia mais que
canela. E pa Vasco da gama auer
mostra dela, mandou coeles dous
dos nossos, q̃ lhe trouuerão dous
grandes ramos daruores de q̃ se
ela tira, ⁊ diziã q̃ auia ali hũa muy
to grande mata delas/ porem que
era braua: ⁊ quãdo tornarão coela
vierão em sua companhia vinte ho
mẽs da terra cõ muytas galinhas
aboboras ⁊ leyte de vacas: ⁊ disse-
rão a Vasco da gama/ q̃ mandasse
coeles algũs dos nossos/ porque
dali a hũ pedaço tinhão muyta ca-
nela seca, ⁊ q̃ tornariã ao outro dia
coela/ ⁊ com vacas porcos ⁊ gali-
nhas: porẽ ele não lhe quis dar nin
guẽ/ porq̃ reçeou de ser aquilo trei
ção. E ao outro dia antes de jãtar
indo os nossos cortar lenha a ter-
ra/ enxergarão lõge do lugar onde
estauão dous nauios pegados cõ
terra. E estãdo Vasco da gama pe
ra ir saber q̃ nauios erão/ mandou
ver da gauia se parecião outros, ⁊
foilhe dito q̃ obra de seis legoas ao
mar parecião oyto naos grãdes q̃
andauam em calmaria: ⁊ coesta
noua deixou de ir saber que naui-
os erã os dous/ ⁊ pose apique
a esperar as naos se ho fossem co-
meter/ ⁊ elas como lhes igoalou
a viração tomarão de ló quãto po
derão: ⁊ sẽdo duas legoas dos nos
sos q̃ os podião ver, foisse Vasco
da gama a elas: ho que vẽdo a gẽte
q̃ ya nelas começarão logo darri-
bar pera terra a popa. E indo assi
quebrou ho leme a hũa antes d̃ che
gar lá/ ⁊ a gente dela se passou logo
ao parao ⁊ se acolheo a terra, ⁊ Ni-
culao coelho que ya mais perto da
nao a foy logo abalroar/ cuydãdo
dachar nela algũa riqueza/ ⁊ não
achou mais q̃ cocos ⁊ jagra q̃ he a-
çucar de palmeiras, ⁊ tãbẽ achou
muytos arcos frechas espadas lã
ças ⁊ escudos, ⁊ as outras sete de-
rão ẽ seco/ ⁊ porq̃ nas naos os nos-
sos lhe não podião chegar, passarã
se aos bateis ⁊ forãonas esbõbar-
dear/ ⁊ os imigos fugirão deixan-
doas: ⁊ vendo isto Vasco da gama
tornouse pera os nauios. E estãdo
surto ao outro dia chegarão a bor-
do sete homẽs da terra ẽ hũa alma
dia, ⁊ disserãlhe q̃ aquelas oyto na
os erão de Calicut/ q̃ as mandaua
el rey pera ho tomarẽ/ ⁊ q̃ isto sou-
berão da gente que fugira delas.

¶ Cap. xxvj. De como Vasco da gama foy fazer agoada/ a ilha Danjadiua/ ⁊ de como prendeo hi hum mouro:

SAbido isto p Vas-
co da gama nã quis
ali estar mais, ⁊ foi
surgir na ilha Dã-
jadiua, que era dali
dous tiros debõ-

barda em q lhe disserão que auia agoa, he ilha pequena, & está hũa legoa da terra firme / ha nela muyto aruoredo / & tẽ dous tãques dagoa doçe nadiuel / & são muyto grãdes & todos de cantaria / & hũ deles era daltura de quatro braças. Ha no mar desta ilha muyto pescado & marisco. Antes que os mouros viessẽ aa India era pouoada de gẽtios & auia nela grandes edificios / principalmente hũ pagode / & despois da nauegação dos mouros do mar roxo que aqui tomauão agoa & lenha, forão deles tão mal tratados que ho não poderão sofrer / & a despouoarão: & antes que se fossem derribarão q̃si todo ho pagode de q̃ lhe não deixarão mais que a capela / & assi os outros edificios. E cõ tudo ainda os gentios da terra firme (q̃ he del rey de Narsinga) tinhão tamanha deuação neste pagode que yão fazer nele suas orações a tres pedras negras q̃ estauão no meyo da capela. E esta ilha foy chamada Anchediua q̃ na lingoa Malabar quer dizer as cinco ilhas / porq̃ ao derrador dela estão outras q̃tro, & os Portugueses corrõperão este nome & ficou em Anjadiua como lhe chamão. Surto aqui Vasco da gama mãdou Niculao coelho a terra a descobrir: & ele foy armado cõ os seus, & achou tudo assi como digo, & mais hũa praya muyto boa pera espalmar os nauios. E porq̃ Vasco da gama tinha ainda muyto caminho pera ãdar / & não sabia quando acharia outra praya tam boa, ouue conselho com os outros capitães q̃ espalmassem ali. E ho primeyro nauio que tirarão a monte foy ho berrio: & cada dia vinha gente da terra a vender mantimẽtos aos nossos. E estando nisto virão vir duas atalayas que saim como fustas & vinhão ẽbandeiradas, & com estendartes nos topos dos mastos & dentro soauão atambores & trombetas como cousa de festa & vinha nelas muyta gente, & elas vinhão a remos, & ẽ sua goarda ficauão cinco ao longo da costa. E dos Malabares que Vasco da gama leuaua, soube q̃ aquelas fustas erão de ladrões de q̃ era capitã hũ gentio chamado Timoja morador em hũ lugar dali perto chamado Honor, & andaua a furtar com manha de mostra que era de paz, & despois que entraua nos nauios se vi... que os podia tomar os tomaua. E por isso chegando os paraós a tiro de bombarda lhes mãdou tirar dos dous nauios que estauão no mar ás bombardadas: & a gẽte começou de bradar. Tambarane, Tambarane / porque assi chamão a Deos / & dizião q̃ erão Christãos. E não lhe deixando os nossos de tirar fugirão pera terra. E Niculao coelho que estaua no seu batel foy a pos eles ás bombardadas: & seguio os tanto que mandou Vasco da gama leuantar hũa bandeira pera que se tornasse / & tornouse. E ao outro dia estando os capitães em terra com quasi toda a gẽte da frota trabalhando no berrio / chegarão dous paraós pequenos em q̃ virião ate doze homẽs da terra, q̃ ẽ seus trajos parecião hõrrados / & derão a Vasco da gama hũ feixe

de canas daçucar/⁊ logo ẽlho dã-
do lhe pedirão que lhe deixasse ver
os nauios porque nũca virão ou-
tros: do que se ele agastou muyto/
parecendolhe que erão espias: ⁊ nes
ta pratica chegarão outros dous
paraós com outros tãtos homẽs.
E os que vierão primeyro vendo
q̃ Vasco da gama se agastaua coe-
les disserão aos que chegauão que
não desembarcassẽ ⁊ q̃ se tornassẽ/
⁊ tornaranse todos. E espalmado
ho berrio estando a capitaina a mõ
te/⁊ todos os capitães em terra/
veo ter coeles hũ homem em hũ pa
raó ⁊ seria de idade de corenta an-
nos / ⁊ não parecia daquela terra
porque trazia hũa cabaya de pano
branco dalgodão que lhe chegaua
ate ho artelho,⁊ na cabeça hũa tou
ca muyto foteada,⁊ na cinta hũ ter
çado:⁊ como desembarcou foy lo-
go abraçar Vasco da gama como q̃
ho conhecera/⁊ ho mesmo fez aos
outros capitães,dizendo que era
Christão leuantisco ⁊ que fora tra-
zido áquela terra em idade muyto
pequena,⁊ que viuia com hũ mou-
ro chamado çabayo senhor de hũa
ilha chamada Goa que estaua dali
doze legoas ⁊ de muyta terra no
sertão/⁊ que tinha corenta mil ho-
mẽs de caualo. E por quãto anda-
ua antre os mouros goardaua de
fora a sua ley,mas dentro em sua al
ma era Christão. E estando em ca-
sa do çabayo soubera que forão ter
hũs homẽs por mar a Calicut em
naos de feyção nunca vista na In-
dia/⁊ que ninguem entendia a sua
lingoagẽ/⁊ que andauão todos ve
stidos. E quãdo ele aquilo ouuira
logo lhe parecera que erão Chris-
rãos ⁊ pedira licẽça ao çabayo pe-
ra os ir ver, a quem dissera tanto
bem deles que desejaua muyto de
os ver,⁊ lhe mandaua dizer q̃ lhe
daria tudo o que quisesse de sua ter
ra:⁊ se andasse enfadado do mar,⁊
quisesse morar nela lhe daria renda
de que fosse contente. E por derra-
deyro lhe pedio hũ queijo, dizendo
que o queria pera mandar a hũ cõ-
panheiro que trazia, q̃ com medo
não quisera passar da terra firme/
⁊ pera que ho não ouuesse ⁊ soubes-
se que era viuo lhe queria mandar
aq̃le queijo por sinal. E Vasco da
gama lho deu ⁊ mais dous pães
moles:⁊ atentando Paulo da ga-
ma nisto,⁊ no muyto q̃ aquele ho-
mem conheceo que era espia: pelo q̃
pregantou a esses homẽs da terra
q̃ hi estauão se ho conhecião. E sa-
bendo deles que era capitão das
oyto naos que auia pouco que fo-
rão cometer Vasco da gama/ disse
lho. E ele ho mãdou logo meter na
capitaina,onde por tormẽtos con-
fessou q̃ era espia do çabayo/⁊ ya
saber como estaua apercebido: por
q̃ estauão muytos nauios darma-
da por esses rios da costa pera irẽ
sobrele,⁊ detinhãse por corẽta naos
grossas que esperauão porque lhes
não podesse escapar. E sabido isto
por Vasco da gama mãdou ho prẽ-
der pera ho leuar a Portugal por
testemunha das cousas da India.
E receando que aquela armada fos
se sobrele,partiose logo a hũa sesta
feira cinco Doutubro. E dali a du-
zentas legoas confessou aquele ho
mẽ que ya preso a Vasco da gama

que era mouro, ꝛ ya por parte do ça
bayo pera lhos leuar: porq̃ lhe dis-
serão q̃ andauão perdidos ao lõgo
da costa. E este se tornou despois
Christão / ꝛ Vasco da gama q̃ foy
seu padrinho lhe pos nome Gaspar
á hõrra dũ dos tres Reys magos,
ꝛ deulhe ho seu apelido da gama / ꝛ
despois se disse que este Gaspar da
gama era judeu por se achar q̃ fora
casado com hũa judia que moraua
em Cochim.

¶ Cap. xxvij. Do q̃ acõteceo a Vas
co da gama ate a ilha Santiago.

Continuando Vasco da gama sua viagẽ pera Melinde despois de bẽ engolfado achou grandes calmarias q̃ são no mar muyto grãde fadiga como eu tenho visto na viagẽ da India. E passados muytos dias de calmarias sobreuierão ventos cõtrairos com q̃ lhe foy forçado pairar ꝛ andar ás voltas quãdo nã podião pairar no q̃ passauão immenso trabalho: ꝛ cessando estes ventos tornarão as calmarias, ꝛ apos elas tornarão os vẽtos, ꝛ hora hũa cousa hora outra durou isto quatro meses com que a gẽte andaua pasmada crẽdo que aqueles tempos erã ali naturais, ꝛ q̃ não auião de poder passar auante, ꝛ mais por adoecerem os mais deles de lhe inchare m as gengiuas ꝛ lhes apodrecerẽ assi como no rio dos bõs finais ꝛ faziãselhe medonhas chagas nas pernas ꝛ nos braços de que morrerão trinta pessoas ꝛ os outros tanto montauão como mortos q̃ não se podião bolir, ꝛ cõisto ya faltãdo a agoa ꝛ aperta uase a regra. E pera mayor descõsolação affirmauão os pilotos q̃ aqueles tempos erão ali gerais ꝛ por isso durauão tanto, que se ho não forão ja se acabarão: ꝛ assi ho cria a gẽte pelo q̃ desmayarão de todo ꝛ se derão por mortos, ꝛ bradauão todos a grãdes brados que arribassem a Calicut ou ao outro lugar da India q̃ melhor seria morrerem em terra que no mar: ꝛ requerião a Vasco da gama ꝛ aos outros capitães que arribassem / ꝛ tambem ho requerião os pilotos ꝛ os mestres em muytos conselhos q̃ Vasco da gama fazia sobrisso: ꝛ respõdia com muyto esforço que não podia ser que aqueles tẽpos ali fossem gerais porque se ho forão nã se podera nauegar por aquele golfão como nauegaua pera Melinde ꝛ outras partes, por isso q̃ cressem que aqueles tẽpos auião de ter fim: ꝛ dizialhes outras muytas cousas pera os esforçar / porẽ os pilotos não ficarão nada cõtentes, ꝛ fizerão todos cõjuração cõ os mestres, ꝛ marinheiros / ꝛ outra gente algũa / q̃ como tornasse vento q̃ arribassẽ cõ ele a Calicut. Ho q̃ sendo discuberto a Vasco da gama prẽdeo os pilotos / ꝛ ele tomou ho cuydado d̃ mãdar a via / ꝛ ho deu aos outros capitães em quãto andassem naq̃le trabalho. E auendo nosso Senhor piedade dele: mandou vẽto q̃ em obra de dezaseis dias pos a frota a vista da outra costa diante da cidade de Magadaxo / q̃ virão a dous de Feuereyro: ꝛ por ser de mouros / ẽ passando ao longo dela / lhe mandou

Vasco da gama tirar muytas bõbardadas. E a hũ sabado cinco de Feuereyro defronte de hũa vila chamada Pate lhe sayrão oyto nauios darmada que com medo da artelharia lhe fugirão/ e dali foy surgir a Melinde onde se deteue cinco dias por amor dos doentes que leuaua/ e com licença del rey mãdou meter em terra hũ padrão com hũa Cruz e armas reais de Portugal: e partiose a dez de Feuereyro leuãdo hũ embaixador que el rey mandaua a el Rey dõ Manuel, e aos dezasete de Feuereyro queimou ho nauio sam Rafael nos baixos deste nome assi por fazer muyta agoa como por não ter gente que podesse marear mais de dous nauios: e Paulo da gama foy coele, e dali com Niculao coelho foy ter á ilha de Zanzibar q̃ está em altura de seys graos dez legoas da terra firme. He grande e muyto viçosa, e abastada de mantimẽtos/ e os matos sam larãjais: he pouoada de mouros, gẽte fraca pera armas/ tratanse bem de suas pessoas, sam os mais mercadores e tratão na terra firme: tem rey sobre si que tambem he mouro. E sabẽdo el rey q̃ Vasco da gama estaua no seu porto assentou coele amizade. E partido dali Vasco da gama foy surgir ho primeyro de Março aos ilheos de sam Jorge, e mandando meter hũ padrão naquele, em que a ida ouuio missa se partio e aos tres de Março fez agoada e carnagem na agoada de sam Bras de lobos marinhos e sotilicairos que não auia outra carne, e esta leuou pera ho resto da viagẽ per que prosseguio sem nenhũ contraste nem tomar mais terra ate a ilha de Santiago.

¶ Capit. xxviij. De como Niculao coelho deu noua a el rey dõ Manuel que a India era discuberta.

Nauegãdo Vasco da gama e Niculao coelho pera esta ilha de Sãtiago/ apartouse Niculao coelho hũa noite e foise caminho de Portugal pera ir diante dizer a el rey dõ Manuel como a India era discuberta/ e ganhar as aluissaras de tam boa noua como sabia q̃ aquela auia d̃ ser pera el Rey. E aos dez dias de Julho do ãno de mil e quatrocentos e nouãta e noue chegou á vila de Cascays. E sabendo hi como el rey dõ Manuel estaua na vila de Sintra desembarcou e se foy logo laa e contou a el rey quanto acõtecera a Vasco da gama despois q̃ partira de Portugal e chegar a Calicut e se tornar, do que el rey ficou tão contente como a quem se daua hũa noua de tamanho prazer como aquela era/ e fezlhe por isso muyta merce dacrecentamento de bõrra e de téça posto q̃ muytos nã podião crer que a India era discuberta/ e mais não vendo nenhũa mostra despeciaria nẽ de nenhũa cousa da India/ porque tudo trazia Vasco da gama que crião que era morto pois não chegara com Niculao coelho/ nem chegou se não da hi a dous meses. E auião todos por muyto impossiuel este descobrimẽto por auer sessenta annos que se andaua a pos

ele sem se poder saber nem rastejar:
⁊ parece que por inspiração diuina
começou ho Jfante dom Anrrique
este descobrimento por mar mais q̃
outro nhũ principe da Europa q̃
erão senhores de muyto mayor esta
do que ele, porque dele herdassem
os reys de Portugal que forão da
li por diante este descobrimẽto prin
cipalmente ho inuictissimo Rey dõ
Manuel, pera quem a diuina proui
dencia tinha goardado ho effeyto
dele que era a India/ cujo descobri
mento estaua profitizado dantes
pola Sibila Cumea segũdo se cõta
em hũ autentico liuro que anda im=
presso em latim que se intitula da sa
grada antiguidade, em que se contẽ
muytos letreiros antigos, q̃ forão
buscados ⁊ achados ẽ muytas par
tes Dasia, Dafrica ⁊ Deuropa, per
mãdado do Papa Niculao quinto
⁊ dalgũs señores ecclesiasticos tão
curiosos destas antiguidades, que
com muyto grande despesa as mã=
darão buscar polo mũdo. E antres
tas foy achado hũ letreiro segũdo
no mesmo liuro conta hũ Ualẽtino
morauio: que diz q̃ no anno de mil
⁊ quinhentos ⁊ cinco que foy seys
ãnos despois deste descobrimẽto/
aos noue dias Dagosto nas rayzes
do monte da lũa a que chamamos
agora a rocha de Sintra junto da
praya do mar forão achadas debai
xo da terra tres colũnas de pedra
quadradas, ⁊ cada hũa tinha ẽ hũa
das q̃dras cortadas nas mesmas
pedras hũas letras romanas, das
quaes em hũa das colũnas se pode=
rão ler por as outras estarẽ gasta=
das do tempo/ ⁊ ainda estas que se
lerão forão as pedras em q̃ estauão
cozidas com grande arte.

E estaua hũa regra como titulo
que dizia em latim.

Sibile vaticinium occiduis decretũ.

Que na lingoajẽ Portuguesa quer
dizer. Proficia da Sibila determi
nação aos do occidente.

E abaixo desta regra estauão qua=
tro versos latinos que dizião.

Voluentur saxa literis & ordine rectis,
Cum videas oriens occidentis opes,
Ganges, Indus, Tagus erit mirabile visu,
Merces cõmutabit suas vterque sibi.

Que querẽ dizer na nossa lingoa.
Serão reuoltas as pedras com as
letras dereytas ⁊ em ordem/
Quando tu occidente vires as ri=
quezas doriente.
Ho Ganges/ Jndo ⁊ ho Tejo sera
cousa marauilhosa de ver.
Que cada hũ trocara cõ ho outro
as suas mercadorias.

E ainda dizem alguũs que pou=
cos dias antes de Niculao coelho
chegar a Sintra forão achadas es=
tas colũnas, ⁊ foy dito a el Rey dõ
Manuel por cujo mãdado Ruy de
Pina que a esse tempo era cronista
tirou em lingoagem estes quatro
versos ⁊ ho titulo. E quãdo el Rey
dom Manuel vio o q̃ dizião ficou
muyto espantado com todos os de
sua corte/ ⁊ ouue sobrisso diuersos
pareceres, porque hũs ho crião ou
tros dizião que por nhũ modo po=
dia ser/ ⁊ que aquilo erão gentilida
des a que não se deuia de dar nhũ
credito. E estando a cousa assi em
duuida, dizem que chegou Niculao
coelho que a desfez com a noua que

deu do descobrimento da India. E foy a profecia auida por verdadeyra: e como quer que os Portugueses sabem melhor pelejar que grãgear antiguidades / não ouue quẽ fizesse mais caso daquela, e as pedras ficarão na praya do rio de maçãs / e querem dizer que aquele Valẽtino morauio que diz q̃ as achou, vendo que os Portugueses não fazião caso disso: quis atribuir assi a gloria de ele ser o que achara aquela antiguidade. E como quer que foy ela se achou / e os versos sam muy celebrados em Italia e auidos por autenticos / e que forão achados da maneyra que digo.

¶ Capit. xxix. De como Vasco da gama chegou a Lisboa.

Achãdo vasco da gama menos Niculao coelho / esperou por ele hũ dia e vendo que não vinha seguio seu caminho pera a ilha de Sã tiago / onde chegado fretou hũa carauela pera ir nela a Portugal mais asinha que na nao em que ya / assi por fazer muyta agoa com que cortaua pouco / como por leuar muyto doente seu irmão Paulo da gama, e deixou por capitão da nao a João de sá seu escriuão. E partido Vasco da gama desta ilha por ir a doença de seu irmão em crecimẽto / lhe foy forçado tomar a ilha terceyra / e tiralo ẽ terra: e hi faleceo como muyto bõ Christão que era. E ele falecido / partiose Vasco da gama pera Portugal / e chegou a Belẽ em Setembro do ãno de mil e quatrocẽtos e nouenta e noue / auẽdo dous annos e dous meses q̃ dali partira com cento e corenta e oyto homẽs de que não tornarão mais que cincoenta e cinco / e ainda forão muytos pera os immensos trabalhos q̃ passarão / de brauas tormẽtas e terriueis doenças / e daqui mandou Vasco da gama recado a el Rey dõ Manuel que era chegado. E recebẽdo el Rey contentamento grandissimo coesta noua / mandou a dom Diogo da silua de meneses conde de Portalegre que fosse por ele com muytos fidalgos / como foy / e ho leuou ao paço onde não podião chegar cõ a multidão da gẽte q̃ acodia a ver cousa tão noua como lhes parecia Vasco da gama, assi por ter feita hũa cousa tamanha como era descobrir a India / como por cuydarẽ todos q̃ era morto, e el Rey lhe fez tanta honrra como merecia quem com aquele descobrimneto daua tãta gloria ao eterno Deos e a ele immenso louuor e fama por todo ho mundo / e proueito aos reynos de Portugal. E em galardão de seruiço tã assinado como este foy lhe fez el Rey merce de dom, e lhe deu por armas as armas reais de Portugal / e de trezentos mil rs de tença na dezima do pescado na vila de Sinis cõ promessa de ho fazer senhor dela / por quanto era da hi natural: e em quãto lha não podesse dar lhe daria quatrocentos mil rs de tẽça. E despois que ouue em Lisboa casa da India lhos passou a ela: e que assentandose trato em Calicut podesse lá carregar duzentos cruzados despeciaria sem pagar nhũs de

reytos em Portugal, e deulhe hũ aluara de lembrança de ho fazer cõ de: e assi lhe fez outras merces que serião largas de contar. E por este nouo descobrimento acrecentou el Rey dom Manuel a seus titulos outros muyto famosos/ como sam senhor da conquista/ nauegação e comercio de Ethiopia, Arabia/ Persia e da India.

¶ Capit. xxx. De como Pedraluarez cabral foy por capitão mór de hũa armada a Calicut.

Sendo el rey dõ Manuel a muyto grãde merce que lhe nosso senhor fizera em descobrir a India, determinou logo d mãdar lá hũ fidalgo com hũa grossa armada pera que assentasse amizade cõ el Rey de Calicut; e assi hũa feytoria naquela cidade onde ho feytor teuesse a fazẽda que fosse necessaria pera se hi gastar/ e lhe carregasse despecearia as naos que a leuassem: e assi determinou de mandar quẽ lá pregasse a ley euangelica/ assi pera reformação dos Christãos q̃ lá ouuesse/ como pa trazerem em conhecimẽto dela os gentios. E pera assentar esta amizade com el rey de Calicut e feytoria escolheo a hũ fidalgo chamado Pedraluarez cabral, que fez capitão mór da armada que auia de mãdar a Calicut q̃ foy de dez naos e tres nauios redõdos, cujos capitães a fora ele forão Sãcho de toar q̃ yá na sua subcessam/ Niculao coelho, Aires gomez da silua, Simão de miranda dazeuedo/ Vasco dataide/ Pero dataide. Simão de pina. Nuno leytão. Bertolameu diaz, e Diogo diaz seu irmão: que auião d ficar em çofala com hũa feitoria q̃ se auia hi de fazer: de que auia de ser feitor hũ Afonso furtado. Yá mais por capitães hũ Gaspar de lemos e hũ Luys pirez. E hia tambẽ cõ Pedraluarez cabral hũ frey Anrique frade da ordẽ de sam Francisco grã de letrado na sancta Teologia pera pregar: e yão coele cinco frades outros pera ho ajudarẽ. E hia por feytor desta armada hũ Ayres correa que tãbẽ leuaua a feytoria q̃ se auia de fazer em Calicut. E hião por seus escriuães Gonçalo gil barbosa de santarẽ/ e pero vaz caminha. E forão feitos pera esta armada mil e quinhentos homẽs: e chegado ho tempo de sua partida estando em restelo por el rey dom Manuel fazer honrra a Pedraluarez cabral foy ẽ procissam a nossa senhora de Belẽ leuandoho consigo e ho teue na cortina em quãto ouuio missa, em que pregou dom Diogo ortiz bispo de viseu. E a mayor parte da pregaçã forão louuores de Pedraluares cabral por aceitar aquela ida: e acabada a missa ho bispo que a disse bẽzeo hũa bandeira das armas reaes de Portugal q̃ el rey deu por sua mão a Pedraluarez: e assi lhe pos na cabeça hũ barrete bẽto que ho Papa lhe mandara. E deitandolhe ho bispo a bẽção ho leuou el Rey a embarcar, falãdo sempre coele ate ho mar: e hi lhe beyjarão Pedraluarez e os outros capitães a mão: e dãdolhes el Rey a benção de deos e a sua se em

barcarão nos bateis/desparando toda a artelheria da frota cõ grãde arroido: e el rey se tornou a Lisboa por não poder a armada partir aqle dia polo estoruo do tempo, e ao outro q forão noue de Março de mil e quinhẽtos fez a capitaina sinal as outras que se leuassem, o que logo fizerão: e posta toda a frota á vela saio aquele dia de foz em fora, e proseguio sua viagem/e aos quatorze d Março ouue vista das Canarias e aos vinte dous passou pola ilha d Santiago/e aos vintequatro se apartou dela com tormenta Luis pirez que arribou a Lisboa.

Cap.xxxj. De como çoçobrarã quatro naos.

DEsaparecida a carauela de Luis pirez esperou Pedraluarez cabral por ela dous dias, e aos vintequatro Dabril q foy derradeyra oytaua da Pascoa foy vista terra, e q era outra costa oposta á de Africa, e demoraua a loeste/e reconhecida a terra pelo mestre da capitaina que lá foy/mandou Pedraluarez surgir pera fazer agoada e a descobrir/e por ho porto em q surgio ser bom, lhe pos nome porto seguro. E em terra forão tomados dous homẽs dos naturais dela/q por não se entenderẽ com nhũ dos lingoas que Pedraluarez leuaua os mandou soltar vestindo os primeyro á Portuguesa, pera q os outros soubessem q era gente de paz/e folgassem de ir a frota como forã dali por diante, leuando muyto refresco, e sem nhũ medo entrauão nas naos, e por isso Pedraluarez se deteue aqui algũs dias/e dia da Pascoela ouuio missa em terra/q foy dita em hũa tenda cõ grande solenidade, e pregou frey Anrique, e em quanto ho officio diuino foy celebrado se ajuntou muyta gente da terra e fazião grandes festas, e despois de comer resgatarão em terra cõ os Portugueses dos mantimẽtos que auia na terra/e barretes/e chapeos de penas daues muyto fremosas/e algũs Portugueses forã ver as suas pouoações, e virão a terra muyto viçosa daruoredo/e fresca com muytas agoas/e abastada de muytos mantimentos/e de muyto algodão/e por esta terra ser a que agora se chama Brasil, que he de todos bem sabida não digo dela mais: e ẽ oyto dias que Pedraluares aqui fez de detença foy visto hũ peixe que ho mar deitou fora, q era da grossura dum tonel/e era de cõprimẽto de tres varas e mea, e era redondo, tinha a cabeça e os olhos como de porco/e as orelhas Dalifante, não tinha dentes, e tinha rabo do cõprimento dũ caualo. Nesta terra mandou Pedraluares meter hũ padrão de pedra cõ hũa Cruz, e por isso lhe pos nome terra de santa Cruz, e despois se perdeo este nome e lhe ficou ho do Brasil por amor do pao brasil: desta terra mandou Pedraluarez a Gaspar d lemos na sua carauela com cartas a el Rey dõ Manuel, em q dizia ho que lhe atee li tinha acontecido/e mandoulhe hũ homẽ daquela terra/e ao outro

dia q̃ forão tres de Mayo partiose
Pedraluarez cabral cõ toda a fro-
ta, leuãdo a rota do cabo de Boa es
perãça/ q̃ fazião dali a mil ꝛ duzen
tas legoas, ꝛ he hũ golfã muy teme
roso/ por amor dos brauos vẽtos q̃
quasi ali sempre cursão. E nauegan
do por ele aos doze d Mayo apare
ceo no ceo da parte do oriẽte hũa co
meta q̃ durou dez dias, ꝛ sempre de
cor d fogo: ꝛ despois a hũ sabado vi
te tres de Mayo deu ẽ toda a frota
hũa trouoada de nordeste/ cõ q̃ to-
dos tomarã as velas, ꝛ correrã q̃si
todo aq̃le dia aruore seca cõ ho mar
muyto grosso/ ꝛ sobre a tarde alar-
gou ho vẽto, cõ q̃ derão algũas ve-
las ꝛ fizerã caminho, ꝛ assi forã ate
ho dia seguinte, q̃ tornou ho vẽto a
esforçar, cõ q̃ todos mesurarã as ve
las ꝛ agarrucharão os papafigos,
ꝛ ãtre as .xj. ꝛ doze oras do dia come
çouse darmar hũ bulcã da parte do
noroeste/ com que acalmou ho ven-
to que cairão as velas sobre os ma-
stos. E como ainda os pilotos não
sabião os segredos daqueles bul-
cões/ cuydarão que era calmaria
verdadeyra ꝛ deixauãose estar/ se
não quando sobreuem hũ peganho
de vento tão furioso, que não deu
tempo pera amainarem, ꝛ çoço-
brou quatro naos sem escapar de-
las pessoa algũa/ de que erão capi-
tães Bertolameu diaz/ Aires go-
mez da silua, Simã de pina, ꝛ Vas-
co dataide/ ꝛ as sete ficarão meas
alagadas, ꝛ ouuerão de çoçobrar
selhe não rompera ho vento as ve-
las/ ꝛ saltandolhes logo ho vento
ao sudueste arribarã coele/ ꝛ por ser
muyto correrã aruore seca ate o ou-
tro dia/ q̃ abrãdãdo ho vento se ajũ
tarã as naos q̃ yão espalhadas, ꝛ po
rẽ tornou logo a tromẽta com q̃ ho
mar se ẽbraueceo muyto mais q̃ dã-
tes/ ꝛ durou vinte dias cõtinos cõ
q̃ a frota correo aruore seca, ꝛ anda-
ua ho mar tã grosso q̃ parecia ĩpossi
uel escaparẽ as naos de serem comi
das, porq̃ as õdas se leuãtauã tã al
tas q̃ parecia q̃ as punhão nas nu-
uẽs ꝛ despois no abismo: cõ os vales
q̃ se abrião, ꝛ de dia era a agoa d cor
de pez/ ꝛ de noyte d cor de fogo, ꝛ o
arroido q̃ faziã as ẽxarcias era muy
medonho, ꝛ tudo era tão espãtoso q̃
ho nã pode crer se não quẽ ho vir/ ꝛ
com a força do vẽto se apartarã as
naos, ꝛ cõ Pedraluarez foy Simã
de miranda, ꝛ Pero dataide/ ꝛ Ni
culao coelho. E Nuno leytão/ com
Sancho de thoar, ꝛ Diogo diaz ar
ribou só/ ꝛ o que lhe aconteceo di-
rey a diante.

¶ Capit. xxxij. De como Pedraluarez Cabral se vio com el Rey de Quiloa.

PRosseguindo Pe-
draluarez Cabral,
cõ aqueles dous ca
pitães que arriba-
rão coele passando
ainda muytas tro
mentas/ se achou com ho cabo de
Boa esperança dobrado/ ꝛ escorrẽ
do çofala, ouue vista das ilhas pri-
meyras. A cuja sombra estauão du-
as naos de mouros que leuauão
ouro de çofala/ que despois de to-
madas pelos capitães da arma-
da/ soube Pedraluarez que eram

dum primo del Rey de Melinde/ que ya nelas, ⁊ por isso lhas tornou sem tomar delas nada/ antes por ser primo del Rey de Melinde lhe fez muyta hõrra. E partindo daqui aos vinte de Julho chegou a Moçambique/ ⁊ feyta agoada ⁊ tomado piloto, tornou a sua viajem caminho de Quíloa/ que he hũa ilha na costa de Ethiopia cem legoas auante de Moçambique, he terra muyto viçosa dortas que dam muyta fruyta ⁊ ortaliça/ ⁊ em que ha muy boa agoa/ colhẽse nela muytos ligumes, ⁊ assi muyto milho/ tem grande criação de gado grosso ⁊ miudo/ ⁊ ho mar lhe da muyto ⁊ bom pescado, está em noue graos da bãda do sul, tem hũa cidade chamada Quíloa/ grande ⁊ populosa pera aquelas partes, de casas de pedra ⁊ cal de muytos sobrados, ⁊ pouoada de mouros. Os naturays da terra são pretos/ ⁊ os estranjeiros brancos, todos falão arauia, ⁊ tratanse bem no vestido, principalmẽte as molheres/ que andão muy arraiadas de peças douro/ sam os mais mercadores de grosso trato, que a este tempo era a mayor parte dele em ouro que auião de çofala/ ⁊ dali se espalhaua por Arabia felix ⁊ outras partes, de que aqui acodião muytos mercadores, de cujos nauios ho porto estaua sempre muy ocupado/ ⁊ estes são cosidos com cairo/ ⁊ breados com encenço brauo, por não auer na terra breu. Ho inuerno desta terra começa ẽ Abril ⁊ acaba em Setembro. Chegado Pedraluarez ao porto desta cidade chegarão tambem os outros capitães que se apartarão dele, com ho grande temporal que disse atras/ ⁊ despois d chegados, viose Pedraluarez com el rey de Quíloa. Ele estaua em hũ batel toldado ⁊ embandeirado ⁊ cõ suas trõbetas/ acompanhado dos capitães da frota/ ⁊ outra gente nobre/ todos vestidos de festa. E el Rey foy muyto acompanhado em muytas almadias/ cõ grande arroido de trombetas/ bozinas d marfim/ ⁊ anafis, ⁊ em chegando ao batel de Pedraluarez/ desparou a artelharia da frota, de que el rey ⁊ os seus ouuerão grande medo/ polo não terem em costume/ ⁊ despois de ele, ⁊ Pedraluarez se receberem/ ⁊ ele ver a carta da mizade, que lhe el rey dom Manuel escreuia, ⁊ sobre ter trato em sua terra/ disse que era contente/ ⁊ que ao outro dia fosse a terra quem lhe disesse as mercadorias que queria. E este foy Afonso furtado/ que ya por feytor pera çofala. Mas el rey induzido pelos mouros estranjeiros, a que pesaua de os Portugueses ali tratarem, não quis comprir nenhũa cousa do que assentara com Pedraluarez/ escusandose com dizer que não tinha necessidade d suas mercadorias. E por Pedraluarez leuar por regimento que lhe nã fizesse guerra/ não lha quis fazer, ⁊ partiose pera Melinde.

Capitolo. xxxiij. De como ho capitão mór Pedraluarez Cabral se vio com el Rey de Melinde.

Partido daqui foy surgir no porto de Melinde aos dous dias dagosto, ꝛ por amor del rey de Melinde não quis tomar tres naos de mouros de Cãbaya que hi estauão carregadas de muyta riqueza. E sabendo el rey q̃ estaua ali, ho mãdou visitar por dous mouros honrrados/ mandãdo lhe muytos patos, galinhas ꝛ carneiros, ꝛ outros refrescos, mandãdoselhe offrecer pera tudo ho de q̃ teuesse dele necessidade/ porque era tamanho amigo del rey de Portugal/ que tinha por suas as suas cousas. Pedraluarez lhe mãdou logo por Aires correa hũa carta del Rey dom Manuel/ ꝛ hũ arréo de gineta que lhe leuaua de presente com outras peças ricas, ꝛ foy com grande magestade de trombetas diante, ꝛ acompanhado d̃ muytos homẽs vestidos de festa. E el Rey ho mandou receber com grande solenidade com que foy leuado ao paço/ onde foy recebido del rey com muyta honrra. E dandolhe Aires correa ho presente que lhe leuaua, esteueho vendo peça ꝛ peça, ꝛ preguntando polo nome de cada hũa, ꝛ despois mandou ler a carta q̃ lhe Aires correa deu del rey dom Manuel, escrita de hũa parte em arabigo, ꝛ da outra em Portugues: ꝛ com liçença d̃ Pedraluarez ficou Aires correa cõ el rey a seu rogo, ꝛ em tres dias que la esteue lhe preguntou el rey muy largamente por el rey dom Manuel/ ꝛ pelo modo de sua gouernãça/ ꝛ polos costumes de seus Reynos. E el rey quisera que Pedraluarez fora a terra folgar pera ho ter por seu ospede/ ꝛ por se ele escusar disso el rey ho foy ver ao mar/ ate onde foy em hũ caualo ageazado do arreo que lhe leuou Aires correa. E nesta vista d̃u el rey hũ piloto a Pedraluarez que ho leuasse a Calicut. ꝛ ele lhentregoo dous degradados pera que se enformassem do sertão daquela terra ate ho estreito, ꝛ hũ deles foy João machado, que aproueitou despois tanto aos Portugueses como se conta no Liuro Terceiro.

¶ Capit. xxxiiij. De como ho capitão mór Pedraluarez Cabral/ chegou a Calicut.

Daqui se partio ho capitão mór Pedraluarez cabral pera Calicut aos sete dagosto ꝛ aos vinte ꝛ dous chegou a Anjediua/ ꝛ hi se deteue algũs dias com esperança de tomar naos de mouros de Meca/ que ali yão fazer naquele tempo agoada/ ꝛ aqui se confessarão ꝛ comungarão todos os da armada. E partindo daqui foy surgir ao mar, hũa legoa de Calicut/ atreze de Setembro: ꝛ os da terra lhe forão logo vender mantimentos. E el Rey ho mandou logo visitar/ com palauras damizade/ rogandolhe que entrasse. E como ele nam podia assentar amizade com el Rey sem falar coele/ determinou de ir a terra, pera o que lhe mandou

pedir por Afonso furtado arrefẽs logo nomeados.s.ho Catual, ⁊ hũ naire chamado Araxamenoca / ⁊ outro. E tãta foy a dificuldade em os dar que se gastarão tres dias antes de consentir nisso. Porque os mouros a que pesaua muyto desta vista pelo efeito dela / trabalhauão quanto podião com el rey que não desse os arrefens / dizendolhe que não fizesse tal cousa / que se os desse ficaua nisso desonrrado / porque parecia que Pedraluares não se fiaua dele / o que era grande abatimẽto de sua pessoa. E com tudo el rey deu os arrefens / pondo primeyro em condição / que auião de partir eles ẽ terra em, Pedraluares abalando da frota. Isto cõcertado aos dezoyto de Setembro se foy Pedraluarez a terra leuando consigo trinta desses principays da armada todos vestidos de festa que auião destar coele em quanto esteuesse em terra, ⁊ leuaua sua cozinha / copa ⁊ cama / porque auia destar com grande estado, conforme ao cargo que leuaua, ⁊ acompanhauãno todos os capitães da frota em seus bateys / que yão todos de festa. E ao mar ho forão receber por mandado del rey de Calicut muytos nayres com muytas trombetas ⁊ outros instormentos alegres ⁊ era todo ho mar cuberto de bateys / tones ⁊ almadias. E nisto forão leuados os arrefens á nao de Sancho de thoar / que chegados entrarão com grande difficuldade pelo receo que tinhão de os catiuarẽ, ⁊ chegado Pedraluarez a terra achou gente sem conto que ho estaua esperando: ⁊ do batel foy tomado em hũ andor que el rey mandou pera isso, ⁊ foy leuado a hũ çarame, que he casa terrea de madeyra que el rey mandou fazer pera se verem / por Pedraluarez não ir aos seus paços que era longe. Ho çarame estaua todo alcatifado, ⁊ no cabo estaua hũa capela pequena em que el rey estaua assentado em hum estrado rico com hũ dossel de veludo carmesim. Tinha cingido hum pano dalgodão branco finissimo, com muytas rosas douro que ho cobria da cinta ate os giolhos, ⁊ todo ho mais estaua nú / tinha na cabeça hũa cousa de brocado feyta a modo de capacete antigo / nas orelhas tinha arrecadas de diamães ⁊ perolas finas / os braços cheos de manilhas douro dos cotouelos ate as mãos com pedraria sem cõto de muyto preço / ⁊ ho mesmo tinha nas pernas / ⁊ cubertos daneis os dedos das mãos ⁊ dos pés de fina pedraria. E por grandeza tinha no dedo polegar de hum pé hũ anel com hũ robi grande / que luzia como brasa. E toda esta pedraria não era nada em comparação da que tinha em hũa cinta que era cousa sem preço. E de todos os mẽbros de seu corpo em se bolindo reberuerauão rayos. Estaua junto coele hũa cadeira real antiga toda de prata ⁊ douro laurada de pedraria / ⁊ da mesma maneira era hum andor em que el rey fora leuado ao çarame / ho cospidor em que cospia era de ouro / ⁊ do mesmo ouro estauão ali muytos perfumadores, de que saya muyto suaue cheyro.

E por estado tinha acesas seys tochas mouriscas douro. Estauão no çarame vinte trombetas/ de q dez e sete erão de prata e tres douro. Seys passos deste lugar em que el rey estaua, estauão dous irmãos seus que se chamão principes/ porque herdão ho reyno: e mais afasta dos estauão Caymaeis Panicaeis e outros grandes/ e todos em pé.

¶ Capit. xxxv. De como Pedraluarez Cabral falou a el rey de Calicut.

Entrado Pedraluares cabral neste çarame onde el rey estaua foy espantado de seu grande estado/ e feyta sua reuerẽcia ao nosso modo/ fezlhe el rey muyto gasalhado com ho rosto/ e mandoulho assentar junto dos Principes/ que era a mayor honrra que se lhe podia fazer. E assentado deu hũa carta ao lingoa que a desse a el rey, que lha mandaua el rey dom Manuel escrita em lingoa Arabica, e em Portugues/ feyta por hũ fidalgo chamado Duarte galuão.

E dezia.

Grande e de muito poder Principe çamorim/ per merce rey de Calicut. Nos dom Manuel por sua diuina graça rey de Portugal Daquem e dalem/ mar em Africa Senhor de Guiné. &c. Vos enuiamos muyto saudar/ como aquele que muyto amamos e prezamos. Deos todo poderoso, começo/ meo e fim de todas as cousas/ por cuja ordenança cursam os dias, tempos e feytos humanos, assi como por sua infinita bondade criou ho mũdo e ho remio per Christo Jesu nosso saluador: Assi em seu grande e infinito saber ordenou muytas cousas pera os tempos que auião de vir/ pera bem e proueito da geração humana, inspirando polo Spirito sancto nos corações dos homẽs, quando aquelas cousas q̃ por homẽs auiã de ser feitas fossem postas em obra em tempos por ele limitados; e não antes nem despois E por isto ser assi verdade e conhecida por experiencia, se com são e verdadeiro juyzo quiserdes considerar a grandeza e nouidade e misterio da ida de nossas gentes e nauios que forão a vos e a essas vossas terras. Deueys de fazer nessas partes Doriente/ o que todos fazemos nestas do ponente/ que he darmos muytos louuores ao senhor Deos, porque em vossos dias e nos nossos fez tanta merce ao mũdo/ que por vista nos podessemos saber e ver e conhecer, e ajuntar e vizinhar por conuersação, estãdo as gentes dessas terras e destas tão afastadas hũas das outras do começo do mundo ategora, e tão sem cuydado nem esperança disto: que ho senhor Deos quis que fosse, inspirando auera sessenta annos em hũ nosso tio vassalo nosso chamado ho Iffante dom Anrrique/ Principe de virtuosa vida e san-

ctos costumes, que por seruiço de Deos tomou proposito inspirado porele de fazer esta nauegação/ & polos Reys nossos antecessores foy ategora prosseguida. E queren do nosso senhor darlhe ho fim por nos desejado, quis que estes nossos que ora la forão de hũa só viagem fizessem outro tanto caminho ate chegar a vos, quanto estaua fei to nas viagens passadas de sessenta annos, Sendo eles os primeiros que pera la mandamos tanto que por graça de Deos tomamos ho regimento de nossos Reynos & senhorios. Assi que ainda que esta cousa seja feyta per homens/ não se deue de julgar se não por obra de Deos a cujo poder he possiuel o que os homẽs não podem fazer. Porque do principio do mũ do ouue em oriente & em occidente muy poderosos reys & principes/ de que contão estoriadores terem grandes desejos pera fazerem esta nauegação: & leuarão nisso muyto trabalho: & não quis nosso senhor darlhe poder pera isso como agora nos deu/ por ser assi sua vontade/ E poys em quanto deos não quis que isto fosse não teuerão os passados poder pera ho fazerẽ/ não deue ninguẽ de cuydar que agora que ho ele quis ho possam homẽs contrariar/ sendo agora muyto mayor injuria contra Deos querer resistir aa sua vontade tam manifesta do que dantes era perfiar contrela/ que não era sabida/ & antre as causas porque principalmente damos muytos louuores a nosso senhor neste feyto/ he por nos ser dito que ha nessas partes gentes Christaãs, que foy & he ho nosso principal desejo/ pera nos concertarmos com vosco em amizade, amor & conformidade, como ha antre os reys Christãos/ porque bẽ he de crer q̃ não ordenou ho senhor deos tã marauilhosa cousa como he esta nossa nauegação pera ser somẽte seruido nos tratos & proueitos temporays dantre nos: mas tambẽ nos spirituaeis & saluação das almas que mais deuemos de estimar & de que ele he mais seruido/ pera que a sua sancta fé seja cõmunicada antre nos como ho foy por todo ho mundo bẽ seyscentos annos despois da vinda de Jesu Christo seu filho ate q̃ por peccados dos homẽs nacerão algũas seytas & heresias contra a fé Christaã/ que Jesu Christo disse primeiro que viessem/ pera proua dos bõs & pera cõdenação dos maos que não auião de crer a verdade pera serem saluos E estas seytas & heresias occuparã antre essas vossas & nossas terras muyta parte da terra/ por onde se impedio a auer por terra communicação das gẽtes de ca com as delá, que agora se pode ter coesta nauegação/ que foy descuberta por Deos a que nada he impossiuel. E conhecendo nos tudo isto, & desejãdo de prosseguir & comprir como deuemos o que nos ho muy alto deos todo poderoso mostra ser tanto sua vontade/ mãdamos agora lá nosso capitão cõ naos & mercadorias/ & nosso feytor pera q̃ la fique, & estẽ

com vosso aprazimento. E manda-
mos pessoas religiosas e doutrina
das na fee e religião Christaã, pe-
ra que celebrem ho officio diuino/
e menistrem os sacramentos, pera
que possais ver a religião e fé q̃ te-
mos, que foy instituydo per Jesu
xp̃o nosso saluador: e dada a doze a
postolos e a seus discipolos/ per q̃
foy geralmente pregada despois de
sua sancta resurreição e recebida ẽ
todo ho mũdo. E dous destes apo
stolos. s. sam Thome e sam Berto-
lameu pregarão nessas vossas par-
tes da India/ fazendo muytos grã
des milagres, tirando essas gentes
do erro da gentilidade e idolatria ẽ
que todo mundo estaua dãtes, e cõ
uertendoas á verdade da sancta fé
Cristaã/ que tambẽ ca foy pregada
por algũs de seus apostolos: E consi
deradas estas cousas e as rezões q̃
ha pera crermos que esta nossa na-
uegação e ida d' nossas gẽtes a vos
foy por vontade do muyto alto d's:
vos rogamos como irmão q̃ vos
queirais conformar cõ seu querer e
vontade/ e por fazerdes vosso pro-
ueito e de vossas terras assi spiritu
al como temporal tenhais por bẽ de
receber nossa amizade, e de ajuntar
a vossa com nosco, e assi trato e con
uersação que vos tão pacificamẽte
apresentamos pera seruiço de nosso
senhor: e queirais receber e tratar
a nosso capitão e gẽte cõ aquele são
e verdadeiro amor que volos man
damos: porq̃ em rezão domẽs cabe
folgardes muyto cõ gente q̃ de tão
longe vay buscar vossa amizade, cõ
uersação e trato/ e q̃ vos leua tãto
proueito de nossas terras/ que não
podereis auer mais doutras ne-
nhũas/ posto que por algũas von-
tades danadas/ que nunca falecem
achassemos em vos ho contrairo:
o que per toda rezão não podemos
esperar de vossa virtude. E com tu
do nosso proposito he seguir a von-
tade de nosso senhor Deos todo po
deroso/ antes que a dos homẽs, e
não deixarmos por nenhũas con-
trariedades de prosseguir e cõtinu
ar esta nauegação/ trato e conuer-
sação nessas terras/ tendo esperan
ça em nosso senhor que nosso traba
lho não seja debalde/ porque firme
mente cremos e esperamos, que po
is ele fez essas terras e volas deu ja
possuir e a gente dela/ ele ordenará
como no seu se faça sua vontade. E
como não faleça quẽ nelas acolha e
receba nossa amizade, e nossas gen
tes que la vão tanto por sua vonta-
de, e aque marauilhosamente abrio
caminho e deu poder pera irẽ a elas
e ele mesmo he sabedor quanto de-
sejamos que seja antes por boa paz,
e amizade, E a ele praza daruos sua
graça pera conhecerdes e obrar-
des as cousas de sua vontade e san-
cto seruiço. E acerca desto crede e
day fee a Pedraluarez cabral/ fidal
go d' nossa casa, e nosso capitão mór
em todo o que de nossa parte vos fa
lar/ requerer e com vosco tratar.
De Lisboa ho primeiro de Março
de mil e quinhentos.

DAda esta carta a el rey foylhe
logo lida pelo lingoa/ e des-
pois lhe deu Pedraluarez hũ
presente que lhe mandaua el Rey
dom Manuel/ q̃ era destas peças:

Hũ bacio de prata dagoa as mãos de bestiães dourado, ꝛ hũ agomil ꝛ hũa copa cõ sobrecopa. Duas maças de prata. Quatro almofadas destrado/ duas de brocado ꝛ duas de veludo carmesim. Hũ esparauel de borcado broslado de veludo carmesim. Hũ tapete muyto fino/ ꝛ dous panos darmar deras/ hũ de figuras/ outro de verdura. Elrey mostrou q̃ folgaua muyto coestas peças/ ꝛ preguntou de que seruia cada hũa. E despois disse a Pedraluares que se fosse pera sua pousada ou pera a frota se quisesse: porq̃ era necessario mandar polos arrefẽs que estauão no mar pera comerẽ em terra/ por seu costume lhe defender q̃ ho não fizessem lá. E pedraluares lhe disse que ainda que mandasse pedir os arrefens os não auião de dar porq̃ auião de cuydar q̃ era recado falso. Ao q̃ el rey disse que se tornasse á frota ꝛ que lhe mãdasse os arrefẽs: ꝛ que ao outro dia tornaria pera assentarẽ ho trato que el rey de Portugal queria ter ẽ Calicut. Do que Pedraluarez ficou muyto agastado porque lhe pareceo aquilo desprezo/ ꝛ teue a el rey por homẽ incostante.

¶ Capi. xxxvj. Do que aconteceo a Pedraluarez cabral em Calicut.

EM quanto Pedraluares esteue falando cõ el rey de Calicut desejãdo os mouros de auer reuolta ãtre les/ porq̃ não ouuesse effeito ho trato q̃ Pedraluarez queria assentar em Calicut: fizerão com hũ escriuão da fazenda del rey que fosse á frota a pedir os arrefẽs da parte de Pedraluares: ꝛ Ayres correa não os quis dar, porq̃ ele deixara dito que posto q̃ lhos pedissẽ da sua parte que os não desse. E estando nesta pratica ho escriuão do mar em hũa almadia ꝛ Ayres correa do bordo da nao/ os arrefẽs polo q̃ lhes ho escriuão disse lançarãse ao mar pera se acolherẽ na almadia ꝛ fugirẽ/ o que fora se lhe Ayres correa não acodira muyto prestes no esquife da nao com algũs marinheiros que tomarão Araxamenoca ꝛ outro/ ꝛ assi q̃tro malabares: mas ho catual fugio. E ẽ Pedraluares saindo do çarame soube o q̃ passaua por hũ Portugues: ꝛ com ho agastamento que trazia del rey, ꝛ com o q̃ isto lhe deu não teue acordo pera recolher o fato que tinha na sua pousada/ nem Afonso furtado que lá estaua com sete Portugueses/ ꝛ embarcandose cõ grande pressa tirou caminho da frota a força de remo, ꝛ entrado na capitaina mãdou logo meter Araxamenoca ꝛ ho outro debaixo de cuberta/ porq̃ não fugissem/ ꝛ mãdou fazer queixume a el rey do escriuão pola reuolta q̃ fizera: mandandolhe dizer que lhe não auia de mandar os arrefens se lhe não mandasse os Portugueses ꝛ ho fato q̃ deixara em terra. E por ser noite quando este recado foy a el rey ficou a cousa assi. Porem el rey não deu nenhũ castigo ao escriuão, nem mandou nenhũa desculpa a Pedraluares/ se não mandoulhe ho seu fato com os Portugueses,

E os que lhos leuauão nunca ousa- rão de chegar á frota cõ medo que os tomassem, pelo que ao outro dia mandou Pedraluarez os arrefẽs por Aires correa/que os entregasse aos Malabares afastados da fro- ta/ estando juntos hũs, outros pera fazerẽ esta ẽtrega/saltou Ara- xamenoca nagoa pera fugir, mas não pode, que hũ marinheiro ho a- panhou pelos cabelos deu coele no batel, ho outro fugio nesta vol ta, acolheose aos Malabares. E Afonso furtado com cinco Portu- gueses teue tẽpo de fugir pera Ai- res correa que se tornou á capitaina contou a Pedraluarez ho q̃ passa ua, q̃ estaua muy espantado da pou ca verdade dos Malabares mais del rey, a que os mouros não deixa- uão de matinar com repetirẽ muy- tas vezes os males que lhe tinhã di to dos Portugueses: fazendolhe crer que se forão pera paz/ q̃ não lhe pedirão arrefẽs/ se fiarão dele co mo fazião todos os mercadores/ sem mais cautela fora Pedraluarez a terra assentara trato, mas por ir de guerra pedia arrefẽs pera se segu rar. E coisto passarão tres dias sem el rey mãdar nhũ recado a Pedral- uarez, que auẽdo dó Daraxa meno- ca por auer tantos dias que não co mia ho mandou a el rey liuremente, ele lhe mandou os dous Portu- gueses que ainda estauão em terra/ ho seu fato. E despois cõ prazme del rey, q̃ deu ẽ arrefẽs dous mou- ros honrrados netos dum mouro Guzarate/foy Aires correa a terra pera assentar feytoria, que assentou com licença del rey / a que disse que el rey de Portugal teria sempre ne- la outras tais mercadorias como os mouros de Meca leuauão a Ca licut: nesta pratica lhe prometeo el rey de lhe fazer carregar as naos em vinte dias/ que a sua carrega seria primeyro q̃ a de nenhũs estrã geiros, porque deixaria todos por dar auiamẽto a el rey d Portugal, mãdou apousentar Aires correa ẽ hũas casas do guzarate auó dos arrefẽs/ aque rogou q̃ fosse lingoa corretor Daires correa/ ho in- struisse no modo de comprar ven- der daquela terra/ ho q̃ ele não fez, porque logo os mouros de Meca ho fizerão da sua parte cõ muytas peitas que lhe derão/ lhe faziã cõ prar a especiaria mais cara do q̃ se vendia aos mouros/ fazialhe vẽ- der a mercadoria de Portugal por menos do que valia: quando Ai- res correa auia de falar a el rey fa- ziaho saber aos mouros pera q̃ fos- sem presentes/ ho estrouassem no que podessem, ho q̃ Aires correa queria dizer a el Rey, mudauao ele ao reues, coisto não podia Aires correa aproueitar a fazenda da fey- toria ãtes perdia muito: tudo isto veo Aires correa a saber, per hum mouro chamado Cojebequim, ho- mẽ muyto principal ẽ Calicut, por ser cabeça dos mouros naturaeis da terra, que tinhão bando contra os do Cairo/ do Estreito de Me ca, de que era cabeça outro mouro do Cairo q̃ auia nome Coje çamece rim/ que gouernaua as cousas do mar de Calicut/ por esta diuisam que auia antre estas duas nações d mouros/ ser Cojebequim cabeça

de hũ dos bandos/ quis ele tomar amizade com os Portugueses pera se fauorecer coeles/ & por isso tinha conuersação cõ Aires correa/ & lhe descobrio a treição q̃ ho Guzarate lhe fazia/ & mais que Coje çamecerĩ a rogo dos outros mouros d̃ Meca por cuidarem que fazião mal aos Portugueses, não deixaua ir á frota nhũ dos que estauão na feytoria: dizendo que assi lho mãdaua el Rey que ho fizesse, & coessa cor não deixaua tornar á frota nhũ dos que dela yão a terra. Ho que sabido por Aires correa ho escreueo a Pedraluarez, affeãdolhe muyto ho caso, & dizendo que lhe parecia q̃ os mouros querião fazer algũa treição: & cuydando Pedraluarez q̃ seria assi, por se segurar se leuou do porto cõ toda á frota/ & se afastou hũ pouco pera ho mar onde surgio, do q̃ se el rey espãtou muyto/ & sabido Daires correa ho porq̃ ho fazia: disselhe q̃ ele proueria como os mouros não fizessem mais ho que fazião dãtes / por q̃ folgaua muyto de os Portugueses terem trato em sua terra: & segurando Aires correa quanto pode se tornou Pedralnarez ao porto, & el rey tirou de corretor & lingoa Daires correa ho mouro Guzarate pelas falsidades q̃ fazia/ & deu ho mesmo carrego a Cojebequim, por saber que era amigo Daires correa/ a quem pera que vendesse melhor a fazenda da feytoria deu hũas casas d̃ Cojebequĩ q̃ estauão junto do mar: & fez delas doação pera sempre a el Rey de Portugal pera ter ali sua feytoria: & a escritura disso foy feyta ẽ hũa folha douro batido. E por que todos soubessem q̃ ali era a feytoria del Rey de Portugal/ mãdou a Aires correa que posesse sobrela hũa bandeira das armas Reais, & assi se fez: & dali por diante ho fauorecia muyto, & por isso os da terra tinhão grãde amor aos Portugueses/ & tinhão coeles muyta conuersaçam.

¶ Capit. xxxvij. De como Pedraluarez cabral, mãdou tomar hũa nao pera el Rey de Calicut.

DUrando esta conuersação antre os Portugueses & os Malabares, mãdou el rey dizer a Pedraluarez cabral/ q̃ ele mandaua comprar hũ Alifãte a hũ mouro de Cochim chamado Patemarcar/ & não lho quisera vender dandolhe por ele tanto quanto outrem lhe podia dar/ & afora não lho q̃rer vender lhe mandara dizer algũas descortesias/ & antrelas fora q̃ mãdaua ho Alifante a Cãbaya, & auia de passar a vista de Calicut q̃ lá lho podia mandar tomar polos Portugueses em que confiaua muyto: pedindolhe q̃ pois a nao auia de passar a vista de Calicut que lha mandasse tomar/ porque compria muyto a sua hõrra tomarse. Pedraluarez como tinha a el rey por incõstãte, receaua que não lhe desse a carrega como lhe tinha prometido, fazia cõta de ir carregar a Cochim, & por isso desejaua destar bem cõ el rey de Cochim, pelo que se lhe fazia graue de tomar a nao, receãdo de ho anojar nisso, & assi ho disse aos capitães

em hũ conselho que sobrisso teue: e elles lhe conselharão que com tudo era necessario tomarse a nao/ pera el Rey ter credito nos Portugueses. E por isso mandou Pedraluarez fazer prestes a Pero dataide no seu nauio/ e deulhe sessenta homẽs, e mãdou a hũ fidalgo chamado Duarte pereyra pacheco q̃ fosse coele/ e a outro que auia nome Vasco da silueira/ ãbos valentes caualeiros. E hũ sabado ao meo dia apareceo ao mar a nao d Cochim que leuaua ho Alifante que era muyto grãde/ e leuaria trezentos mouros de peleja. El rey de Calicut q̃ ainda não sabia como os Portugueses pelejauão, quando soube que vinha a nao saio á praia pera ho ver/ cuydando que auia dir toda nossa frota a pelejar com a nao. E quando vio ho nauio de Pero dataide q̃ era muyto pequeno, e soube que aquele só auia de pelejar com a nao teueo por escarnio, e cuydando q̃ Pedraluarez ho fazia dele, lhe mandou dizer, que se lhe auia de mandar tomar a nao como lhe tinha prometido/ que mandasse outras naos, e não aquela tamanina: ao que Pedraluarez respõdeo que ele sabia bem ho q̃ fazia, e q̃ aquela abastaua pera tomar outra muyto maior q̃ aquela, e pera saber ho que os Portugueses fazião / e como pelejauão/ q̃ mandasse coeles algũs mouros pera que os vissem/ e ainda q̃ el rey não ficou satisfeito coesta reposta/ mandou hũ mouro cõ Pero dataide, q̃ ya á vela apos a nao/ e por se deter ẽ tomar ho mouro/ se alongou a nao muyto dele: a q̃ tornou a seguir ate a noyte q̃ lhe desapareceo/ e perdendoa da vista pareceolhe que surgeria junto da terra e por isso foy costeando, e ao quarto dalua foy dar com a nao, q̃ estaua dando a vela, e arribando sobrela posto a sotauento mãdou aos mouros que amainassem, e eles como que zõbauão dele derã hũa grã de grita/ e tocarão seus instormentos, e tirarãlhe frechadas sem conto: e os Portugueses vẽdo isto lhe derão hũa surriada de bombardadas, e hũa dũ camelo lhe fez na proa ao lume dagoa hũ buraco cõ q̃ lhe ẽtrou muyta agoa, e as outras matarão algũs mouros/ e os nauios cõ medo doutra tal arribarão a Cananor/ e meteranse ja bem de dia ẽ hũa baya que tem, e posserãse antre quatro naos outras, aque chamão meter em concha: Pero dataide entrou na baya e mandou esbõbardear as naos, e quasi que as tinha rẽdidas se lhe não valerão certos paraós de mouros, com que pelejãdo os Portugueses deixarão as naos e os paraós tãbem forão desbaratados se lhe não anoitecera: do que os mouros de Cananor e outra gẽte que forã ver a peleja estauão espãtados, Pero dataide como foy noite de todo que não pode pelejar / saiose da baya pera ho mar/ porq̃ lhe não queimassem d noyte ho nauio/ e achou que lhe nã tinhão feridos mais de noue homẽs/ pelo q̃ determinou com conselho/ que pois não podia meter a nao no fundo d a aferrar/ posto que fosse contra ho regimento que leuaua/ que era não aferrar a nao mas metela no fundo, e como foy manhãa tornou a entrar na

baya/ ⁊ achãdo que os mouros da-
uão a vela pera se acolherem/ man-
dou desparar sua artelharia, cõ que
arrombou a nao ao lume dagoa/ ⁊
vendo os mouros que não tinhão
saluação renderãose/ ⁊ a nao ficou ẽ
poder dos Portugueses: do que a
gente d Cananor q̃ estaua na praya
ficou muyto triste, ⁊ os Portugue
ses os fizerão despejar as bombar-
dadas. Feyto isto partiose Pero
dataide pera Calicut leuãdo a nao
⁊ chegou lá ao outro dia. E el Rey
foy a praya a uer a nao, que teue por
muyto grãde façanha tomarse por
tam poucos Portugueses, ⁊ ficarẽ
todos viuos. E Pedraluarez mã-
dou dar a el rey a nao cõ ho Alifãte
que ele queria ⁊ outros que se acha
rão nela, ⁊ assi todo ho mais: man-
dandolhe dizer/ que não teuesse por
muyto tomarẽ tão poucos Portu-
gueses aquela nao/ porque outras
cousas mayores farião por seu serui
ço: do que lhe el rey mandou muy-
tos agardecimentos/ ⁊ por seu ro-
go lhe mandou Pedraluarez, Pe-
ro dataide, Duarte pacheco, Vasco
da silueira/ ⁊ outros dos que forão
na tomada da nao porque desejou d
os ver, ⁊ a todos fez muyta honrra
⁊ merçe. E vẽdo el rey que tão pou
cos Portugueses tomarão tão asi-
nha hũa nao a tãtos mouros/ lhes
ouue dali por diante tamanho me-
do que desejou de os ver fora d Ca-
licut, reçeando que lha tomassem.

¶ Cap. xxxviij. Do q̃ passarão os mouros de Meca cõ el rey d Calicut, ⁊ de como se leuãtarã cõtra os Portugueses q̃ estauã ẽ tẽrra.

COm a tomada desta
nao se ouuerã os mou
ros d Meca por muy
afrontados/ ⁊ ficarã
muy descõtentes del
rey, porque fazia tan
ta conta dos Portugueses que os
tomaua pera vingadores de suas
offensas/ ho q̃ era em seu desprezo/
⁊ temerão que teuessem os Portu-
gueses tanta valia com el rey q̃ lhes
fizessem perder a sua que era muyto
grande/ em tanto q̃ mandauão os
Gentios como senhores da terra, ⁊
lhes tomauão a pimẽta pelo preço
que queriã, sem eles ousarem d lhes
cõtradizer: ⁊ tão sogeitos lhes erã
que muytas vezes não ousauão de
sair das casas com medo deles/
⁊ por estas opressões q̃ tinhão que-
rião mayor bem aos Portugueses
que a eles/ ⁊ folgauão de lhes ven-
der antes a especiaria q̃ a eles, mas
não ousauão com medo: ⁊ os mou-
ros que ho entendião, ⁊ vendo que
tãbem el rey fazia conta dos Por-
tugueses, ⁊ mãdaua q̃ carregassem
primeyro que todos os estrangei-
ros, deranse por desualidos ⁊ desa-
creditados na terra/ ⁊ mais vendo
que os Portugueses leuauão tan-
tas mercadorias como eles ⁊ tão
boas/ ⁊ que comprauão tãta pimẽ-
ta: ⁊ por isso determinarão destor-
uar por quãtas vias podessem que
Aires correa não podesse comprar
nhũa pimenta/ ⁊ dauão por ela ma
is do que valia, ⁊ porque abatessem
as mercadorias da feytoria dauão
as suas por menos preço, ⁊ coestas
manhas de q̃ vsauão, não pode Ai-
res correa em tres meses que auia

que estaua ẽ Calicut auer carrega mais que pera duas naos, ho q̃ Pedraluarez sentia muyto, porque bẽ sabia as roindades q̃ faziã os mouros de Meca/ ⁊ as manhas que tinhão pera não auer carrega/ ⁊ que tudo fazião cõ atreuimento del rey de Calicut: ⁊ polo fauor q̃ lhes daua ho q̃ se parecia ẽ quã remisso era em os castigar polos queixumes q̃ lhe mandaua fazer deles, ⁊ se nã fora ho rico presente que lhe tinha dado, ⁊ ho muyto tempo que ali tinha despeso ele se fora a Cochim, ⁊ assentara amizade com el rey/ de q̃ tinha fama q̃ era muyto melhor homẽ q̃ el rey de Calicut: porem ho gasto q̃ tinha feyto em Calicut ho constrangia a não se ir a Cochim. E por ser tarde pera carregar as outras naos q̃ podesse partir pera Portugal na monção/ determinou de mãdar aquelas duas que estauão carregadas/ ⁊ escreuer a el rey dõ Manuel a verdade del Rey de Calicut/ ⁊ quanto melhor se faria a carrega ẽ Cochim/ ⁊ ele ficaria ẽ Calicut ate ver seu recado, ou ver se podia auer carrega pera as outras naos. E cõ tudo mandouse queixar a el Rey de Calicut do mao auiamento que lhe tinha dado/ ⁊ de quã mal comprira a promessa q̃ tinha feyta de dar carrega a todas as naos em vinte dias ⁊ primeyro q̃ a todos os mercadores, ⁊ q̃ era dos derradeiros/ ⁊ os mouros tinhão leuado tudo/ sem querer obedecer a seu mandado. E mostrandose el rey muyto espantado, respondeo a Aires correa q̃ lhe deu este recado q̃ tomasse Pedraluarez a pimenta q̃ achasse aos mouros ainda q̃ a teuessem carregada, ⁊ que lha pagasse como a tinhão comprada. Ho q̃ foy logo sabido pelos mouros de Meca/ ⁊ como eles não desejauão mais q̃ ter causa pera pelejar com ho feytor/ ⁊ matar quantos estauão coele, parecendolhes q̃ daqui naceria imizade antre el Rey ⁊ os Portugueses pera q̃ se fossem ⁊ não tornassem ali mais/ concertarão de fazerẽ que Aires correa mãdasse dizer a Pedraluarez q̃ por virtude do que el rey tinha mãdado tomasse hũa nao de Coge çamecerĩ q̃ estaua carregada de pimenta, ⁊ que coela carregaria algũas das naos de Portugal/ ⁊ ho mesmo Coge çamecerĩ q̃ mostraua ser amigo Daires correa lho disse ẽ segredo, mostrando q̃ folgaria de tomar a nao, não dizendo que era sua/ nẽ Aires correa ho soube: ⁊ muyto ledo cõ o ardil ho mãdou dizer a Pedraluarez cabral, q̃ como sabia a inconstãcia del rey, ⁊ ho credito que os mouros de Meca tinhão coele, ⁊ quãto valião ⁊ podião na cidade/ temeo q̃ se tomasse a nao q̃ se escandalizariã ⁊ leuantarião contra os Portugueses/ ⁊ como erão muytos matariã logo os q̃ estauão na feytoria/ ⁊ por isso não queria tomar a nao, mandãdo dizer a Aires correa a rezão porque. E não auendo ele por boa mandou fazer tantos requerimentos a Pedraluarez q̃ tomasse a nao porq̃ seria grãde perda pera el rey d̃ Portugal não se tomar, que lhe foy forçado satisfazer a seu requerimento, ⁊ com quanto estaua doente d̃ quartãs q̃ auia ãnos q̃ tremia ⁊ sangrado daquele dia, mãdou os capitães

da armada nos bateis & com gente que deteuesse a nao que não partisse & quando não quisesse por bem/ que a deteuessem por força, & a descarregassem. E Coge çamecerí & os outros mouros que estauão prestes ẽ lhe fazẽdo hũ sinal q̃ os Portugueses querião deter a nao, dão rebate hũs aos outros, & saẽ como cães danados cõ suas armas caminho da feytoria, & matarã logo esses Portugueses que acharão pola cidade. E tinhão ordida esta treição tão secretamẽte q̃ nunca Coge bequi nem outros amigos dos Portugueses ho poderão saber: & sairão tão de supito/ que não ouue tempo pera Aires correa ser auisado: se não ẽtrou muyto depressa na feytoria hũ veneziano chamado Micer benaiuito estante em Calicut que conhecia Aires correa/ & disselhe q̃ quẽ queria fazer mercadoria, nã tomaua a nao & deixaua a partir, & isto pola nao q̃ os Portugueses estauão tomãdo/ & acabando de dizer isto tornouse á sair cõ apressa q̃ entrou sem esperar reposta. E Coge bequi que soube o impito com q̃ os mouros yão contra os Portugueses/ foy correndo pera auisar Aires correa/ & os mouros lhe yão tanto nas costas/ q̃ entrando ele muyto depressa na feytoria todo enfiado/ não pode mais dizer q̃ Aires correa/ Aires correa, leuantãdo as mãos como homẽ agastado. E nisto chegarão os mouros com grãdes gritas, & erão muytos armados todos darcos, & frechas, lãças/ terçados/ & cofos. E na feytoria estauão setenta Portugueses com os frades/ & tinhão suas espadas, & ate oyto bestas, sem mais outras armas defensiuas, nem offensiuas/ tamanha era a confiança no seguro del rey de Calicut/ & tão pouco ho cuydado do q̃ compria a suas vidas: & cõ quanto os Portugueses erão tã poucos & tinhão tã poucas armas/ defenderãose hũ pedaço sem os mouros os poderem entrar/ & nele mãdou Aires correa aruorar hũa bãdeira sobre a feytoria, pera q̃ lhe acodissẽ darmada como acodirão os bateis que tinhão tomada a nao mas não prestou/ porq̃ ja Aires correa & os mais dos Portugueses erão mortos, & os outros fugirã per hũa porta q̃ saya á praya, indo os mouros apos eles onde acabarão de matar algũs, & outros que forão ate vinte escaparão muyto feridos lançandose ao mar & tomarãnos os bateis/ & ãtrestes foy hũ Antonio correa filho Daires correa que seria moço donze ãnos/ que despois em homẽ fez na India cousas muy notaueis/ como direy no liuro quinto, & assi escapou frey Anrriq̃, q̃ despois foy bispo de Ceita. E acabada de fazer esta destruição pelos mouros, saluou Coge bequi dous Portugueses q̃ escõdeo ẽ sua casa: hũ auia nome Fernão peixoto natural de Vila franca/ & outro João roiz. E el rey de Calicut folgou dos mouros fazerẽ isto aos Portugueses, pera tomar a fazẽda que estaua na feytoria que era muyta/ & toda a ouue.

¶ Capit. xxxix. De como Pedraluarez cabral se vingou do que os mouros fizerão.

Sabida por Pedraluarez a morte Dayres correa, vio quã mal fizera em mandar tomar a nao dos mouros/ & ficou muy agastado de lhe acontecer tamanho desastre a que nã pode fugir vendoho primeyro: & por ser tã tarde, & não ter onde carregar nem onde inuernar se não em Calicut/ não quis logo vingar aquela offensa, mas têporizar cõ el rey ate ver se lhe mandaua algũa disculpa do q̃ os mouros fizerão, porq̃ coisso ficaria satisfeyto por não ficar desauiado/ & esperou todo aq̃le dia por este cõprimento, que el rey não fez, porque lhe não pesou do q̃ os mouros fizerão, ãtes ho ouue por proueito por amor da fazẽda q̃ ouue. E vẽdo Pedraluarez passar aquele dia, & que el rey não mandaua nhũa disculpa, ao outro q̃ forã dezasete de Dezẽbro/ mãdou por seus capitães tomar dez naos d̃ mouros q̃ estauão no porto carregadas de fazenda & de gente, & forão tomadas por força darmas/ & forão mortos seiscẽtos mouros, & outros feridos/ sem morrer nhũ Portugues. Tomadas as naos foy achada nelas algũa especiaria/ & outra fazenda, & tres Alifantes q̃ Pedraluarez mandou salgar pera mantimento da gẽte: & despejadas ficarão nelas os catiuos atados de pés & de mãos/ & assi forão queimadas a vista de muyta gente da cidade q̃ estaua na praya pa lhes acodir mas não ousarão cõ medo da nossa artelharia. E era espantosa cousa d̃ ver arder dez naos todas juntas/ & fazerense caruões, & ouuir a grande grita dos mouros q̃ estauão dentro, & nisto se gastou todo aq̃le dia. E ao outro tẽdo Pedraluarez chegadas as naos a terra ho mais que pode/ mandou desparar a artelharia q̃ em todo ho dia não fez outra cousa, & fez muyto grãde dano por toda a cidade/ derribando casas/ q̃brando aruores/ & matando gẽte sem conto. E a el rey de Calicut lhe foy forçado sairse da cidade, porque jũto dele espedaçou hũ pelouro hũ Naire seu priuado: & da banda do mar não ficou nhũa casa ẽ pé nem a gente ousou desperar/ & passouse da banda do sertão, pelo que Pedraluarez não teue ao outro dia em q̃ os danificar: & vendo que ali não tinha remedio, determinou de se ir a Cochi auer se podia fazer amizade cõ seu rey, de q̃ tinha emformação que era muyto bom homẽ. E estãdo pera partir, vinhã duas naos de mouros pera entrar no porto/ & ele as seguio ate hũ porto chamado Fundarane, onde vararão em terra/ & por isso as não pode tomar.

Capit. xl. De como Pedraluarez cabral assentou amizade com el Rey de Cochim.

Deste porto de Fundarane/ prosseguio Pedraluarez sua viajem pera Cochim com toda a armada & no caminho tomou duas naos carregadas darroz/ que yão pera Calicut & os que yão nelas escaparão deitandose ao

mar. E despejadas as naos forão queymadas: e despois disto aos vinte quatro de Dezembro chegou a Cochim/ que he hũa cidade na costa do Malabar dezanoue legoas auante de Calicut pera ho sul: e está em noue graos da banda do norte situada ao longo dũ rio que se mete no mar cõ que a cidade fica em ilha/ e muyto forte, porque não se pode entrar se não por certos passos. Tẽ bõ porto e limpo q̃ se faz na foz deste rio: a terra ao derredor he alagadiça e feyta em ilhas/ viçosa e fresca/ mas dá poucos mantimentos. A cidade he de casas como as d̃ Calicut, e pouoada de gẽtios e d̃ mouros estrangeiros que sam grandes mercadores por amor da muyta pimẽta q̃ ha na terra e muyto mais que em Calicut. Seu rey era gentio e tinha os costumes do de Calicut: era pobre e senhor de pouca terra e de pouca gente/ nem podia laurar moeda, e mais de cada vez que auia rey nouo em Calicut despunha de rey ho de Cochim, e estaua em sua mão darlhe ho reyno ou nã: e mais era el rey de Cochim obrigado dir a seus parás que sam batalhas que dão a outros reys. Chegado pedraluarez cabral ao porto desta cidade, não quis mandar recado a el rey por Gaspar por recear de não tornar mais/ e mandouho por hũ gẽtio que se tornara Christão estando em Calicut, e queria ir coele a Portugal/ q̃ se chamaua Miguel e por sobre nome Jogue que era antes de ser christão. E Jogues sam homẽs que tem hũa certa religião antre os gentios, e andão polo mundo fazẽdo romarias a pagodes e casas doração da sua seyta. Por este Miguel mandou Pedraluarez offerecer a el rey amizade del Rey dõ Manuel, e rogarlhe da sua parte q̃ lhe mandasse dar carrega de pimenta e doutra especiaria pera q̃tro naos a troco de mercadorias ou comprada por dinheiro. O q̃ el rey outorgou/ mostrãdo pesarlhe muyto da treição que em Calicut fora feyta aos Portugueses/ de que mostrou estar bẽ enformado e estimalos muyto. E pera q̃ Pedraluarez mãdasse a terra quem negociasse a carrega das naos/ mãdou em arrefẽs dous Naires principais/ com cõdição q̃ se auião de reuezar cõ outros dous que ficarião em quanto aqueles fossem comer/ porque não podião comer no mar. E Pedraluarez mandou logo a terra por feytor da carrega Gonçalo gil barbosa de Santarẽ/ e por seu escriuão hũ Lourẽço moreno, e por lingoa hũ Madeira com quatro degradados que os seruissem/ e nã quis q̃ fossem mais porque se perdessem poucos se acõtecesse algũ desastre como em Calicut. E ho feytor foy recebido com muyta honrra per muytos Naires que ho leuarão a el rey q̃ estaua nú, saluo q̃ tinha cingido hũ pano brãco q̃ lhe chegaua ate ho giolho. E assentado ẽ hũs degraos a modo de theatro acompanhado d̃ pouca gẽte. Ho feytor lhe apresentou da parte de Pedraluarez cabral hũ bacio de prata dagoas mãos cheo daçafrão/ e hũ grande barnegal de prata cheo dagoa rosada e certos ramais de corais/ pedindolhe perdão

de lhe não mandar mais/porque aquilo lhe ficara do despojo/ ꝛ que não lho mandaua se não por final damizade. O que el rey agardeceo muyto/ꝛ despois de falar hum pedaço com Gonçalo gil sobre el Rey de Portugal ho mandou apousentar/ꝛ dali por diante ho fauoreceo muyto ꝛ lhe deu todo auiamento quanto pode ser pera fazer a carga: a que os gentios da terra ajudauão com tanto amor ꝗ parecia permissam diuina a mudança de Calicut a Cochim pera a igreja catholica multiplicar na India como multiplica/ꝛ ho estado del Rey dom Manuel se acrecentar tanto/com proueito de sua fazenda.

¶ Capitolo.xlj. De como Pedraluarez cabral se partio pera Portugal.

Omo em Calicut se ouue por muyto estranha a ida dos portugueses por irem de tão lõge soou muyto por toda a terra/ꝛ assi ho rico presente que el Rey de Portugal mandara a el rey de Calicut, ꝛ as mercadorias que mandaua pera a feytoria/pelo que não ouue nhũ rey do Malabar que não ouuesse enueja a el rey de Calicut por tal gente ir carregar a seu porto/pelo grande proueyto que sabião que auia dauer/ꝛ todos desejauão que fossem carregar aos seus portos/ ꝛ estranharão muyto a treição que lhes fez el rey de Calicut, ꝛ sabẽdo que era de lá desauindo/ꝛ que estaua em Cochi mandarãlhe logo embaixadores el rey ð Coulão ꝛ el rey de Cananor reys principais do Malabar despois del rey de Calicut: offrecendolhe amizade ꝛ carrega em seus portos. E Pedraluarez aceitou a amizade ꝛ escusouse de ir lá carregar por ꝗnto tinha começado em Cochi dandolhes esperança que doutra viagem ho faria. E isto soube el rey de Cochi ꝛ ho estimou muyto. E tendo Pedraluarez as naos ꝗsi carregadas/foy auisado por el rey de Cochi que el rey ð Calicut mandaua cõtrele hũa armada de vinte cinco naos grossas ꝛ muytos paraós em que vinhão quinze mil homẽs pera ho tomarẽ porque lhe queimara as naos ꝛ lhe destruira a cidade, offrecẽdolhe gẽte pera ho ajudar/o ꝗ Pedraluarez não quis, porꝗ el rey visse ꝗ não tinha necessidade de sua ajuda. E auendo vista da armada ꝗ ya contrele/se leuou do porto cõ toda a frota pa ir pelejar coela no mar afastado da terra: ꝛ por vẽtar a viração nã lhe podе chegar, ꝛ ãdou ás voltas ate noite. E os mouros comolhe auiã medo/posto ꝗ a viração lhes seruia a popa não se chegarão muyto: ꝛ ao outro dia querendo Pedraluarez chegar a eles cõ ho terrenho ꝗ ventaua acbou ꝗ a nao de Sãcho ð thoar estaua muyto afastada dele por descair aꝗla noyte/ꝛ como ela era a pricipal da cõserua ꝛ ꝗ leuaua mais gẽte despois da sua, cõselharãlhe os outros capitães ꝗ nã pelejasse sẽ ela porꝗ eles leuauã muy pouca gẽte ꝛ essa doẽte. E vẽdo Pedraluarez ꝗ nã podia pelejar cõ os imigos ꝛ

que ho vento lhe seruia a sua viagem pera que estaua prestes / não quis tornar a Cochim ꝛ fezse na volta do mar pera ir a Cananor tomar algũa canela que lhe falecia pera acabar de carregar / ꝛ assi se partio leuando os arrefens del rey de Cochim ꝛ deixando em terra Gonçalo gil barbosa ꝛ os outros. E os immigos vendo que se ya mostrarão que querião pelejar coele ꝛ ho seguirão ate noyte / ꝛ aos quinze de Janeyro de mil ꝛ quinhẽtos ꝛ hum foy surgir no porto de Cananor / que he hũa cidade na costa do Malabar trinta ꝛ hũa legoa de Calicut da banda do norte: tem hũa baya muyto boa que lhe faz ho porto muy seguro / a terra he viçosa ꝛ fresca / ꝛ de muyto boas agoas / ꝛ de poucos mantimẽtos / saluo de pescado de que ha grande soma. Tem pimenta em abastança, muyto gingibre / grãde multidão de tamarindos / mirabolanos / canafistola ꝛ cardamomo que sam mercadorias que se gastão bem: ha nela grandes tanques dagoa em que se crião lagartos como os de sam Thome, ꝛ comem homens / ho seu bafo cheira como algalia: nos matos ha cobras tão peçonhentas que matão com ho bafo, ꝛ outras não tão peçonhẽtas mas muyto grandes / ꝛ ha morcegos tamanhos como minhotos que tem ho focinho como raposa, ꝛ sabem tambem que os gẽtios dão galinhas por eles. A cidade de Cananor he como a de Calicut / saluo que não he tamanha. he pouoada de gentios ꝛ de mouros estrangeiros. Seu rey he gentio, goarda os costumes do de Calicut, não he tão poderoso de gente nem senhor de tanta terra / nem tẽ tanta renda. Neste porto tomou Pedraluarez cabral quatrocentos quintais de canela, ꝛ por lhe el rey mandar mais ꝛ ele a nã querer por não ter necessidade dela, cuydou el rey que seria por não ter dinheiro pera a comprar, ꝛ q̃ lho tomarião todo quando fora a treição de Calicut: ꝛ como desejaua muyto a amizade del Rey de Portugal / ꝛ que mandasse carregar em sua cidade, mandou dizer a Pedraluarez / que se deixaua de tomar a canela que lhe mandaua por falta de dinheiro ou de mercadorias, que ele lha fiaria ate tornar aa India. O que lhe Pedraluarez mãdou agardecer ꝛ dizer a causa porque não tomaua a canela / ꝛ mostrou ao messegeiro muyto dinheiro que ainda tinha pera a comprar se teuera necessidade. E el rey polo desejo que tinha da amizade cõ el Rey de Portugal / mandoulhe hum embaixador com Pedraluarez cabral, que dali escreueo a el rey d̃ Cochim desculpandose de se partir sem lhe falar / ꝛ de lhe leuar os seus arrefẽs, encomendandolhe muyto os Portugueses que ficauão em Cochim, a que escreueo tambem. E os arrefens escreuerão a el rey que folgauão muyto de ir a Portugal / ꝛ que Pedraluarez lhes fazia boa companhia. E cõ tudo el rey ficou muyto agrauado de Pedraluarez por se ir sem lhe falar ꝛ leuarlhe os arrefens / ꝛ dizia que ho engana-

ra, porem tratou sempre Gonçalo gil & os outros muyto bem.

¶ Capit. xlii. Do que aconteceo a Pedraluarez cabral tornando pera Portugal.

Deste porto de Cananor / se partio Pedraluarez cabral pera Portugal / & ho derradeyro dia de Janeyro tomou naqle golfão hũa grande nao de mouros carregada de mercadoria que deixou ir sem bolir nela por saber que era delrey de Cambaya & assi lho mandou dizer / porque sua ida áquelas partes não era pera fazer guerra como dizião os mouros de Meca senão pera fazer amizades & tratar, & se fizera guerra a el rey de Calicut fora pola treição q̃ lhe fizerão os mouros de Meca por seu cõsentimento. E estes comprimentos fazia Pedraluarez porque não esquiuassem na India os Portugueses: & despois disto deu a nao de Sancho de thoar em hũ baixo por má vigia & perdeose / & escorrendo Pedraluarez Melinde foy ter a Moçambiq̃, donde mandou Sancho de thoar em hũa nao das da armada a descobrir a ilha de çofala, mandandolhe que descuberta se fosse pera Portugal / pera onde se ele partio despois de dar pendor ás naos, & ate ho cabo de boa Esperança correo muytas tormentas com que se apartou de sua conserua hũa nao que nunca a mais vio em toda a viagem / & passados muytos & grandes perigos dobrou ho cabo a vinte dous de Mayo. E continuando daqui sua nauegação foy aferrar ho cabo verde / onde achou Diogo diaz hum dos capitães que partio coele de Portugal que se apartou dele com a tormenta com que çoçobrarão as quatro naos / & este lhe contou como por erro do seu piloto se metera no mar roxo / & hi andou muyto perdido, & perdera ho batel / & lhe morrera muyta gẽte. E não se atreuendo ho seu pito ao leuar aa India, se tornou pera Portugal / & no caminho lhe morrera tanta gente de fome & de sede que lhe não ficarão viuas mais de sete pessoas que auia muytos dias que milagrosamente mareauão a nao / & a trouuerão ali com ajuda de nosso senhor / porque doutra maneyra não podera ser / & daqui se partio pera Portugal / & chegou a Lisboa ho derradeiro de Julho de mil & quinhentos & hum & foy recebido com grande solẽnidade. E el Rey dom Manuel lhe fez muyta honrra / & despois chegou Sancho de thoar que descobrio çofala, de cujo sitio direy a diãte: & coesta derradeyra nao tornarão seys a Portugal de doze que forão na armada de Pedrauarez cabral / & as seys se perderão.

¶ Capitolo. lxiii. De como foy por capitão moor da segunda armada da India João da noua.

Antes de Pedraluarez cabral tornar de Calicut/ não sabêdo ainda el Rey dõ Manuel nada do que lhe acontecera, ꝛ cuydando que tudo estaua assentado mandou quatro naos as mais delas de armadores que mandauão fazenda, ꝛ deu a capitania mór delas a hum João da noua alcayde pequeno da cidade de Lisboa homem esforçado. E dando lhe ho regimento do que auia de fazer, se partio de Lisboa coesta armada de quatro naos, de que a fora ele forão capitães Frãcisco de nouais, Diogo barbosa ꝛ outro/ ꝛ hião nelas oytenta homens com a gête do mar/ porque como el rey cuydaua ꝙ tudo na India estaua em paz não quis mandar mais gente. E partido João da noua de Lisboa sem lhe acontecer cousa que seja de contar foy ter a agoada de sam Bras/ onde se achou em terra hũ çapato dependurado em hũa aruore cõ hũa carta dentro que dizia que passara por hi Pero dataide que fora com Pedraluarez cabral, ꝛ contaua ho que lhe acontecera em Calicut/ Cochim ꝛ Cananor/ porꝙ soubessem os capitães Portugueses que não auião dir a Calicut se nã a Cochĩ. E vêdo João da noua esta carta nã quis por conselho dos outros capitães deixar Aluaro de Braga ẽ çofala cõ ho nauio ꝙ leuaua por lhe ficar muy pouca gente, ꝛ desta agoada foy ter a Quiloa / onde soube de hũ Portugues degradado que hi deixou Pedraluarez ho mesmo que dizia na carta de Pero dataide / ꝛ outro tanto soube despois del rey de Melinde / a cujo porto foy ter. E tendo esta noua por certa/ atrauessou ho golfão ꝛ foy surgir em Angediua: ꝛ estando hi passarão sete naos de mouros de Cambaya que não ousarão de pelejar coele com medo de sua artelharia/ ꝛ daqui se foy a Cananor/ onde vêdose com el rey foy por ele certificado de todo o que acontecera a Pedraluarez em Calicut/ ꝛ do mais que despois fez: el rey lhe offreceo carrega pera as naos que leuaua, que ele não quis tomar sem ir a Cochim ꝛ verse com Gonçalo gil que Pedraluarez cabral deixara por feytor, ꝛ logo se partio: ꝛ de caminho tomou por força hũa nao de mouros de Calicut ꝛ queymada chegou a Cochim / ꝛ Gonçalo gil barbosa ho foy ver ao mar / ꝛ lhe disse que el rey de Cochim ficara escandalizado de Pedraluarez cabral por lhe leuar os seus arrefens, porem que sempre tratara bẽ os Portugueses que lá ficarão / ꝛ porꝙ os mouros lhe poserão hũa noyte fogo na casa onde pousauão os recolhera aos seus paços / ꝛ se de dia yão fora mãdaua coeles Naires que os goardassem dos mouros que desejauão de os matar/ ꝛ assi lhe disse que não tinha carrega despeciaria pera lhe dar, porque a mercadoria da feytoria não se vendia que estoruauão os mouros a venda / ꝛ tambem aconselhauão aos gentios que lhe não dessem nhũa pimenta se não a troco de dinheiro, por isso que não poderia carregar se ho nã leuaua. E por

que João da noua nem os outros capitães ho não leuauão se não mercadorias não se quis mais deter/ꝛ tornouse a Cananor pera ver se poderia hi tomar carrega a troco delas. E sabendo el rey como ele nã leuaua dinheiro/ disselhe q̃ por não tornarem as naos vazias de todo à Portugal ficaria por fiador d̃ mil quintais de pimenta ꝛ de cincoenta de gingibre/ ꝛ de quatrocentos ꝛ cincoenta de canela ate se vender a mercadoria que leuaua/ com condição que a deixasse em Cananor cõ hũ feytor ꝛ hũ escriuão: ꝛ assi foy feyto, ꝛ mais deixou com ho feytor algũs Portugueses. E carregada esta especiaria que digo, aos quinze dias de Dezembro aparecerão ao mar oytenta paraós que passauão pera mõte Deli: ꝛ estes erão de hũa grande armada que el rey de Calicut mandaua pera tomar João da noua/ ꝛ os que estauão coele carregando em Cananor. O que el rey mandou dizer a João da noua/ ꝛ porque ele não tinha gẽte com que se defendesse que seria bõ desembarcar essa que tinha, ꝛ a artelharia, ꝛ que em terra se defenderia melhor. E ele não quis/ dizendo que esperaua em nosso senhor de se defender dos mouros com aquela pouca de gente que tinha. E ao outro dia dezaseys de Dezembro amanheceo a baya de Cananor cercada da armada del rey de Calicut, que era de cento ꝛ tantas velas assi naos como paraós tudo cheo de mouros bem apercebidos, de frechas/ del anças / ꝛ despadas ꝛ de muytos arremessos. João da noua tanto que vio esta armada, chamou logo os capitães/ ꝛ disselhes. Se os mouros nos aferrão segundo sam muytos ꝛ nos poucos, não temos saluação: ꝛ pera nos saluarmos he necessario com a esperança em nosso senhor resistirlhes com a artelharia que nos não cheguem, por isso senhores tende cuydado/ ꝛ ponhamos as naos hũas a par das outras em proporção que todas juntamente possam jugar com sua artelharia: o que logo foy feyto. E nisto começa a nossa artelharia de desparar com hum brauo estrondo cubrindo tudo de fumo / ꝛ desaparelhando/ ꝛ espedaçando muytos nauios dos mouros / ꝛ metendo outros no fundo / ꝛ matando em todos muyta gente / o que os mouros não podião fazer aos Portugueses por não terem artelharia/ ꝛ toda sua peleja era com frechadas com que perfiauão dẽtrar os Portugueses como que esperauão de ho fazer, ꝛ assi perfiarão ate ho sol posto. E vendo que de cada vez recebião mais dano, leuantarão hũa bandeira branca em sinal de paz, que se teuerão vento pera fugirem bem ho fizerão segundo estauão destroçados: ꝛ João da noua que tambem tinha a sua gente cansada ꝛ algũa ferida / ꝛ a mayor parte da artelharia arrebentada, folgou muyto quando vio a bandeira / ꝛ porem receou que os mouros farião aquilo pera verem como estauão os Portugueses, ꝛ receou tambẽ que respondẽdolhe ele com bandeira de paz cui-

dada a escala frãca aos Portugueses/ ⁊ os meninos filhos dos mouros mandou dom Vasco goardar ⁊ despois os fez frades em nossa senhora de Belem/ ⁊ logo foy posto fogo á nao estando os outros mouros metidos debaixo de cuberta ⁊ fechados: ⁊ isto por vingança do q̃ os mouros de Meca fizerão a Pedraluarez. Os mouros como sintirão ho fogo/ trabalharão tanto q̃ se soltarão/ ⁊ ho apagarão cõ muyta agoa que a nao fazia polos buracos das bombardadas, que lhe derão na peleja. E dom Vasco que estaua na nao destevão da gama acodio logo ⁊ aferrou a nao dos mouros/ que como homẽs determinados acodirão logo defendẽdose cõ muyto esforço/ ⁊ deles trazião tições acesos com q̃ tirauã aos Portugueses pera os queymarem ⁊ tãbem se defendião que ainda q̃ muytos forão mortos nunca lhes poderão entrar a nao/ ⁊ por anoytecer cessou a peleja, que mandou dõ Vasco que cessasse/ ⁊ que desaferrassem a nao: ⁊ mandou aos capitães que a cercassem com as suas. E assi a teuerão toda a noyte em que os mouros com grandes clamores se encomendarão a Mafamede que os liurasse: ⁊ como foy de dia dom Vasco tornou a mandar dar fogo á nao por Esteuão da gama/ que lho deu cõ algũs bombardeiros/ por mais que lhe os mouros contrariarão: ⁊ ho fogo pegou de maneyra que ardeo a metade da nao/ ⁊ parte dos mouros se afogarão nela com se ir ao fundo/ ⁊ parte forão mortos no mar onde se deitarão/ ⁊ assi forão todos mortos. E daqui se foy dom Vasco a Cananor/ assi pera ver ho feytor q̃ hi deixara João da noua/ como pera se ver com el rey: de quẽ ho feytor lhe disse muyto bem/ ⁊ q̃ era verdadeiro amigo del Rey de Portugal. E despois de lhe dom Vasco mandar ho embaixador que lhe leuara Pedraluarez cabral se vio coele/ em hũa casa de madeira q̃ el rey mandou fazer junto do mar pera esta vista, cõ hũ cais muyto metido no mar todo toldado de panos ricos, em que dom Vasco desembarcou indo acompanhado de todos os capitães da frota/ ⁊ de muyta gente darmas com muytas trombetas/ ⁊ atabales/ ⁊ bateis toldados ⁊ embandeirados/ ⁊ el rey ho estaua esperando á porta da casa q̃ estaua rodeada de dez mil Naires todos com suas armas com q̃ faziã grande arroido. E el rey em dom Vasco chegando a ele abraçou ho ⁊ foranse assentar ẽ duas cadeiras despaldas que dõ Vasco mandou leuar pera isso/ ⁊ el rey se assentou na cadeira por amor de dom Vasco posto que era contra seu costume: ⁊ dom Vasco lhe apresentou dous bacios dagoa mãos cheos de ramos de coral grosso/ cousa fermosa de ver/ ⁊ despois assentou coele amizade em nome del Rey dõ Manuel de Portugal: ⁊ despois que assentasse feytoria em Cochim, a assentaria em Cananor. E isto feyto partiose dõ Vasco ⁊ foy surgir no porto de Calicut pa ver se podia auer restituição da fazenda q̃ se hi tomara quando matarão Aires correa: ⁊ em chegãdo tomarão os da arma

da ate cincoenta pescadores que andauão pescando: o q̃ el rey logo soube ⁊ ficou espantado de ver tamanha frota/ ⁊ com medo q̃ lhe faria muyto dãno se quis saluar cõ mãdar pedir perdão a dom Uasco cõ disculpa que os mouros de Meca fizerão aquela treição sem ho ele saber: pedindo a dõ Uasco que assentasse trato ⁊ feytoria em Calicut como tinha começado: ⁊ mandou este recado por hũ mouro da terra que foy vestido em hũ abito de frade q̃ ficou dos q̃ yão com frey Anrriq̃: ⁊ em chegando a bordo da capitaina falou per Deo gracias, ⁊ então conhecerão que era mouro/ que ate li cuydauão que fosse frade: ⁊ ele disse que vinha assi por lhe não tirarem com a artelharia. E dado ho recado a dom Uasco, respondeo q̃ não auia de falar ẽ cousa damizade/ nẽ de trato ate que el rey não pagasse tudo quanto fora tomado a Aires correa. E sobre como isto auia de ser se gastarão tres dias sem se tomar concrusam/ ate que dom Uasco dagastado mandou dizer a el rey/ que se dali ao meo dia lhe não mandaua a fazenda que fora tomada a Aires correa que lhe auia de fazer guerra a fogo ⁊ a sãgue, ⁊ auia de começar em mandar enforcar os seus pescadores: ⁊ assi ho fez porque el rey nã comprio/ ⁊ em sendo meo dia a hũ tiro que desparou hũa bombarda forão enforcados todos os cincoẽta pescadores q̃ estauão repartidos pelas naos, q̃ muyto espantou aos de Calicut que ho virão da praya: E despois de mortos os ẽforcados lhes forã cortados os pés ⁊ as mãos/ ⁊ forão leuados a terra em hũ parao com hũa carta de dõ Uasco pera el rey em arabigo que dizia q̃ lhe mãdaua aq̃le presente por sinal de quão bẽ lhe auia de pagar as mẽtiras que lhe tinha dito: ⁊ q̃ a fazẽda del rey seu senhor ele a cobraria a cento por hum: do que el rey ficou muyto injuriado ⁊ corrido de não se poder vingar/ nẽ ousaua vẽdo tamanha frota. E dom Uasco chegadas as naos ho mais perto de terra que pode, mandou varejar a cidade com a artelharia q̃ fez muyto grãde dãno ⁊ destruição/ ⁊ derribou ho çarame del rey contra quem ho pouo fazia muyto grande cramor, pedindolhe que fizesse paz com os Portugueses. E feyta esta destruição, dom Uasco se partio pera Cochim ⁊ deixou hũa armada de seys nauios naquela costa pera que fizesse guerra a Calicut tomãdo as naos que saissem do seu porto ⁊ quisessem entrar nele ⁊ ficou por capitão mór hũ Uicente sodré seu parente q̃ de Portugal vinha dirigido pera isso/ ⁊ os outros capitães forão Bras sodré seu irmão Pero rafael Diogo pirez/ Fernão rodriguez badarças ⁊ Pero dataide.

¶ Capit. xlvj. De como dõ Uasco da gama chegou a Cochim, ⁊ do mais que passou.

Chegado dom Uasco ao porto de Cochim Gõçalo gil barbosa/ ⁊ Lourẽço moreno ho forão logo ver/ ⁊ lhe disserão ho escandalo q̃ el rey teuera de Pedraluarez cabral

se ir sem lhe falar, mas que sempre os tratara muyto bem. E el rey ho mandou visitar, & dãdolhe arrefẽs desẽbarcou & se vio coele, & lhe deu hũa carta del Rey dom Manuel em que lhe agardecia o que fizera a Pedralvarez cabral: & assi lhe deu hum presente/ que era hũa coroa douro/ hũ colar do mesmo, dous gomis de prata sobredourados/ dous tapetes grandes & finos/ dous panos darmar deras de figuras/ hũa peça de cetim carmesim & outra de tafeta/ & hũa tenda. O que el rey recebeo com muyto prazer: & armada a tenda dentro nela assentou amizade com dom Vasco & lhe deu hũa casa pera feytoria/ & assi assẽtarão ho preço a que se auia de comprar a pimenta na feytoria/ & de tudo se fez hũ contrato assinado por el rey/ q̃ lhe deu pera el Rey dom Manuel dous barceletes ð pedraria muyto ricos, hũa tocha mourisca de prata de dez palmos de comprido/ duas toucas de bengala finissimas/ hũa pedra tamanha como hũa auelaã/ muyto proueitosa cõtra a peçonha que se acha na cabeça de hũa alimaria a que na India chamão bugoldaf. E logo foy apousentado na feytoria Diogo fernandez correa, que como disse foy de Portugal & forã seus escriuães Lourenço moreno q̃ ja lá estaua/ & hũ Aluaro vaz q̃ ya de Portugal/ & dõ Vasco lhe deu hũ lingoa & certos Portugueses pa seruiço da feytoria, & começou se logo de dar carrega á capitaina. E nisto mãdou el rey de Calicut a dom Vasco por hũ bramene q̃ lhe queria pagar o q̃ se tomara a el Rey de Portugal quando os mouros matarão Aires correa, que ho fosse logo receber. Dom Vasco porq̃ não se fiaua del rey prendeolhe ho bramene pera lho pagar se mentisse: & porq̃ a sua nao tomaua carrega foy na Destevão da gama/ em q̃ partio logo pera Calicut & não quis que outro nhũ capitão fosse coele, posto que lhe todos aconselharão q̃ não fosse assi porque ya a muyto perigo & assi foy, porque vendo el rey de Calicut quão desacompanhado ya quisera ho tomar com trinta & tres paraós darmada que derão sobrele ao quarto dalua/ tão de supito que se não acertara destar sobre hũa ancora no mais fora tomado/ & a esta mandou ele logo cortar a amarra & juntamente desferir a vela, & cõ ho terrenho que ventaua escapou aos paraós que ho seguirão tão apertadamente que ainda correo risco de ser tomado se lhe não acodirão Vicente sodré & os outros capitães q̃ andauão na costa/ que pelejarão cõ os paraós & os fizerão fugir. E dõ Vasco se tornou a Cochim & mandou enforcar ho Bramene del rey de Calicut.

¶ Capit. xlvij. De como el rey de Calicut mandou dizer a el rey de Cochim que não desse carrega a dom Vasco.

Grandemẽte se ouue el rey de Calicut por injuriado de lhe dom Vasco enforcar ho seu Bramene: & vẽdo q̃ não se podia vingar polo medo q̃ tinha da artelharia dos Por-

tugueses/quis atentar se podia fazer com el rey de Cochim que não consentisse na sua cidade a feytoria del Rey de Portugal, nem desse carrega a dom Vasco, ꝛ mãdoulhe por hũ Bramene esta carta.

¶ Soube q̃ fauoreces os frãgues/ ꝛ os agasalhas em tua cidade: ꝛ lhe das carrega ꝛ mantimẽtos: ꝛ quiça que não ves quãto dãno nos vẽ disso a todos, ꝛ quanto me anojas, rogote q̃ te lembre camanhos amigos fomos ategora, ꝛ não queyras anojarme por tão leue cousa como he a amizade dos frangues / q̃ sam hũs ladrões que ãdão a roubar as terras alheas: ꝛ q̃ por amor de mim os não acolhas, nem lhes des nhũa especiaria, que a fora fazeres nisso a todos boa obra/ a fazes a mim: que ta pagarey no que mandares. Não te encareço isto mais porque creo q̃ ho faras tão leuemente como eu farey por ti outras cousas de mór importancia.

Vista esta carta por el rey d Cochi como ele era muyto bõ/ verdadeyro ꝛ prudente/ não ho demouerão cousa algũa aq̃las palauras: ꝛ respondeo a el rey de Calicut por esta maneyra.

¶ Não sey como possa ser que cousa de tamanho peso como he lãçar os frangues fora de minha cidade, tẽdo os tomados sobre mim faça tão leuemente como dizes: tal cousa te não cometi nunca sobre os mouros de Meca/ nem sobre outros muytos mercadores que assentarão em Calicut. E ẽ agasalhar os frãgues ꝛ darlhe carrega/ não cuido que te anojo/ nem a ninguem/ pois se costuma antre nos vẽder nossas mercadorias a quem nolas compra/ ꝛ fauorecermos os mercadores que vem a nossas terras. Os frangues me vierão buscar de muy longe/ ꝛ por isso os recolhi ꝛ emparey/ ꝛ nã sam ladrões como dizes, porq̃ trazem muyta soma de moeda dóuro ꝛ de prata ꝛ de mercadorias/ ꝛ falão verdade. Tua amizade eu a conseruarey fazendo o que deuo/ ꝛ assi ho deues de querer, porque doutra maneyra nã seras meu amigo, ꝛ ati nem a ninguem não deue de pesar q̃ ennobreça minha cidade.

E ficando el rey de Calicut muyto agastado desta reposta, tornoulhe a escreuer esta carta.

¶ Pesame muyto do bordo que leuas comigo, porque vejo q̃ queres deixar minha amizade pola dos frãgues que tenho por immigos / que sera causa de ho ser teu: outra vez te torno a rogar que os não recolhas nem lhes des carrega, ꝛ não ho querẽdo fazer Deos acoime tua culpa: que eu protesto de não ser culpado no dãno que se recrecer.

¶ Capit. xlviij. De como indo dõ Vasco da gama pera Cananor foy cometido de vinte noue naos de mouros.

De todas estas cartas nunca el rey de Cochim quis dar conta a dom Vasco se não quãdo se ouue de partir, dizendo q̃ lho não dissera mais cedo por lhe não dar má vida ẽ cuidar que faria o que lhe el rey de Ca-

licut cometia / affirmandolhe que era tamanho amigo del Rey de portugal que perderia Cochim se fosse necessario pera mostrar sua amizade. O que lhe dom Vasco agardeceo muyto, certificandolhe que el Rey dom Manuel ho ajudaria e fauoreceria de maneyra q̃ não somẽte teria segura sua cidade, mas poderia conquistar outras / e cresse que tudo aquilo del rey de Calicut erão feros, porque dali por diante auia de ter tanta guerra com os Portugueses que faria muyto em se defender quanto mais fazela a outrem. Então lhe disse a armada que auia de ficar na India pera fazer guerra a el rey de Calicut / e de Cananor a mandaria pera Cochim / por isso q̃ não receasse os feros del rey de Calicut. E despedido del rey, se partio pera Cananor com dez naos carregadas, porque lá auia de carregar as tres de treze que leuaua. E sabẽdo os mouros que leuaua as naos carregadas / cuydarão que não se poderia ajudar da artelharia e que ho tomarião / e por isso sayrão do porto de Pandarane vinte noue naos que ho esperauão coessa determinação, todas bem cheas de mouros apercebidos de suas armas / e forãno cometer tres legoas ao mar: sobre que logo mãdou arribar seus capitães: e Vicente sodré que ya diante com Diogo pirez / e Pero rafael forão os primeyros q̃ começarão de pelejar com os inmigos, aferrando duas naos que tambem yão diante afastadas das outras, e Vicente sodré aferrou com hũa / e Diogo pirez e Pero rafael cõ outra. E como os mouros virão jũto de si os Portugueses / quis nosso senhor que lhe ouuerão tamanho medo que se deitarão ao mar / e porque ja se chegaua dom Vasco com os outros capitães desparãdo sua artelharia / de cujo estrondo se os mouros das outras naos espantarão tanto que arribarão fugindo deixando as duas naos em poder dos Portugueses, que nos bateys matarão os mouros q̃ se lançarão ao mar que forão trezentos: e dom Vasco mãdou descarregar as naos em que foy achada muyta riqueza, principalmente hũ idolo douro q̃ pesou trinta arratẽs de monstruosa figura / e tinha por olhos duas finas esmeraldas com hũa vestidura douro e pedraria com hũ robi nos peytos do tamanho da roda dũ cruzado que daua grande claridade, e muytos guindes / e perfumadores e cospidores de prata e seys talhas grandes de porcelana fina de ter agoa. E queymadas estas duas naos / partiose dom Vasco pera Cananor, onde se vio com el rey com que acabou dassentar a feytoria que tinha dada: e obrigou se el rey de dar a el Rey dom Manuel toda a especiaria que fosse necessaria pera carregação de suas naos a hũ certo preço logo nomeado / e que seria amigo del rey de Cochim / e não ajudar contrele el rey de Calicut sopena de os Portugueses lhe fazerem guerea. E dom Vasco se lhe obrigou em nome del Rey de Portugal de ho ajudar contra todos aqueles que por sua causa lhe fizessem guerra: e de tudo isto se fez

hũ contrato assinado por ambos, & em Cananor ficou por feytor Gõçolo gil barbosa, & por escriuães hũ Bastião aluarez & hũ Diogo godinho, & por lingoa Duarte barbosa, & ficarão mais na feytoria Francisco correa/ João da vila q̃ eu ainda conheci em Cananor/ Gaspar homem & outros que por todos forão vinte, que el rey tomou sobre si com a fazẽda da feytoria. E carregadas aqui dom Vasco tres naos mãdou a Vicente sodré que se fosse com a armada dos seys nauios que lhe ficaua pola costa do Malabar onde andaria ate Feuereyro / & se teuesse certeza que el rey de Calicut auia d̃ fazer guerra a el rey d̃ Cochim que inuernasse em Cochim & ho ajudasse: & não auẽdo guerra fosse ao cabo de Goardafum a fazer presas nas naos dos mouros de Meca que fossem da India. E partido Vicente sodré, ele se partio pera Portugal com treze naos a vintoyto de Dezẽbro de mil & quinhentos & tres, & no cabo das corrẽtes passado Moçambique lhe sobreueo hũ temporal de vento/ com que se apartou dele a nao Desteuão da gama / & sem mais outro contraste chegou a Lisboa ho primeyro de Setembro do mesmo anno/ & todos os grandes da corte del Rey dom Manuel ho forão receber ao cays, & ho leuarão ao paço: onde ho el Rey recebeo cõ muyta hõrra, & lhe fez merce do almirãtado do mar Indico, & o fez cõde da vila da vila da Vidigueira.

¶ Capit. xlix. De como foy sabido ẽ Cochim q̃ el rey de Calicut lhe auia de fazer guerra.

Vicente sodré q̃ ficou na costa de Calicut/ fezlhe a mais guerra que pode por mar: & cõ tudo el rey de Calicut não desistia da determinação que tinha de fazer guerra a el rey d̃ Cochim pera que se foy a Panane por ser perto, & ali ajũtar sua gẽte: o que logo foy sabido em Cochim polas espias que el rey lá trazia/ cõ que seus moradores ficarão muy assombrados de medo por saberem quão poderoso era el rey d̃ Calicut & quão pouco el rey de Cochim: & mais porque crião que não tinha rezão pois queria defender os Portugueses que erão immigos de sua ley/ a q̃ por essa causa querião grãde mal & lhes rogauão pragas / & queriãlhe muyto grande mal, & algũs priuados del rey lhe conselhauão que deuia dentregar os Portugueses a el rey de Calicut / & que não quisesse guerra coele pois era mais poderoso: & não quisesse perder ho reyno. O que lhes el rey de Cochi estranhaua muyto, & dizia q̃ esperaua em Deos de vẽcer a el rey de Calicut, porq̃ se lhe fizesse guerra auia de ser sem rezão. E por este aluoroço que el rey via nos seus tinha grãde goarda nos Portugueses. Neste tempo veyo ter ao porto de Cochim Vicente sodré com os seys nauios darmada que disse, cujos capitães erão Bras sodre, Pero dataide/ Pero rafael/ Diogo pirez & Fernão rodriguez badarças que ficou em lugar Dantonio fernandez q̃ se perdeo/ & deixaua feyto grande dãno na costa de Calicut/

assi no mar como na terra. E cõ sua
chegada perderã os Portugueses
ho medo que tinhão. E chegando
ele ao porto, porq̃ tardaua em desẽ-
barcar / lhe mandou Diogo fernan
dez correa dizer por Lourenço mo-
reno escriuão da feytoria (q̃ mo cõ-
tou) a certeza que tinha da guerra q̃
el rey de Calicut queria fazer a Co-
chim ⁊ onde estaua, pedindolhe da
sua parte / ⁊ req̃rendolhe da del rey
de Portugal que lhe desse algũa da
sua gente, ⁊ com a outra esteuesse no
porto ⁊ não se fosse dele / porq̃ com
sua estada ficarião os Portugueses
⁊ el rey de Cochim muyto fauoreci
dos. Ao q̃ Vicẽte sodré respondeo,
que era capitão do mar ⁊ não da ter
ra, ⁊ por isso não auia de pelejar se
não no mar / q̃ se el rey d̃ Calicut ou
uera d̃ fazer a guerra por mar a Co
chim / q̃ ele ajudaria el rey, mas que
por terra não tinha de ver coisso / q̃
queria ir descobrir ho estreyto do
mar roxo pera que ficara na India /
o que lhe Diogo fernãdez tornou a
mandar requerer q̃ não fizesse / nem
se fosse de Cochim / ⁊ q̃ goardasse a
feytoria del rey de Portugal / pera
que ficara na India, ⁊ não pera des-
cobrir ho estreyto: porq̃ el rey d̃ Ca
licut não fazia a guerra a Cochim
se não pera tomar a feytoria del rey
de Portugal / ⁊ os Portugueses q̃
estauão nela / ⁊ que el rey de Cochĩ
não tinha gente ꝑa se defender. por
isso q̃ não se fosse / protestãdo de ser
obrigado a pagar a el rey de Por-
tugal todo ho dano q̃ recebesse por
sua ida: ⁊ com tudo Vicente sodré
não quis se não irse / por esperar de
fazer muytas presas onde q̃ria ir: ⁊
partiose com os outros capitães,
sem lhe lembrar ho perigo em q̃ fica
ua a feytoria / ⁊ os Portugueses, ⁊
el rey de Cochim. E esta he a verda
de / ainda q̃ algũs digão que Vicẽte
sodré se mandou offrecer a el rey de
Cochim pera ho ajudar na guerra
se teuesse necessidade / ⁊ se não q̃ iria
descobrir ho estreyto. E que el Rey
lhe respondeo, que por ser entrada
de inuerno lhe nã auia d̃ fazer el rey
de Calicut guerra, nẽ lha poderia
ja fazer na entrada do verão seguin
te / quando ele auia de vir do estrey
to / por isso q̃ bem podia lá ir inuer-
nar / q̃ ho inuerno ho seguraua del
Rey de Calicut lhe fazer guerra. E
bem parece q̃ quem isto diz não foy
á India / nem soube q̃ ho melhor tẽ
po q̃ el rey de Calicut tinha pera fa-
zer guerra a Cochim era ẽ Março,
Abril, Mayo / ate meado Junho /
em q̃ sabia certo que nã auião de che
gar á India naos de Portugal, cõ
cujo medo sabia que não podia fa-
zer guerra a Cochim se não no tẽpo
q̃ digo. E bẽ se mostrou nesta guer
ra que fez como direy a diante.

¶ Capit .l. De como el rey de Calicut declarou aos senhores que ho ajudauão / que queria fazer guerra a Cochim.

DEspois que el rey de
Calicut foy em Pa-
nane, se ajuntarã cõ
ele muytos senhores
seus vassalos ⁊ ami-
gos / que tinha man-
dado chamar pera ho ajudarem na
guerra: ⁊ outros forão sem serẽ cha

mados/porque sabendo que aque-
la guerra era por amor dos nossos
que estauão ẽ Cochim (que todos
desejauão de ver lançados fora da
India) hião de muyto boa vontade
a destruir elrey de Cochim. Em tã
to q ate os seus proprios vassalos
ajudauão elrey ð Calicut/como fo
rão ho Caymal ð Chirabipil, z ho
de Cãbalão, z ho da ilha grãde q es-
tá defrõte de Cochi. El rey de Cali
cut tẽdo estes señores jũtos/lhes
disse. Se ð boas obras se gera ami-
zade antre as pessoas/eu z vos por
minha causa, z ẽ geral todos os ma
labares a deuemos de ter muyto
grande com os mouros, porque ha
bem seys centos annos que entra-
rão no Malabar, z em todo este tẽ-
po ate oje nunca ninguem recebeo
deles escandalo, não auendo nhũs
estrangeiros que os não fação quã
do nouamente ocupão algũas ter-
ras/antes como que forão nossos
naturais se derão com a gente com
todo amor z amizade q se deue dũs
naturais a outros com que a terra
foy sempre prouida por eles de muy
tos mantimentos z mercadorias q
foy causa de ho pouo enriquecer z
as rendas do reyno irem em grã-
de crecimento, principalmẽte nesta
cidade em que os mouros fizerão a
principal escala de toda a India: pe
lo que eu tenho muyta rezão de os
fauorecer, z desfauorecer aos fran-
gues que com tanto seu perjuyzo
querem assentar na terra/mais pe-
ra a tomarem z destruyrem, que pe-
ra lhe fazerem proueito: do que de-
rão assaz de sinais nesses poucos ð
dias que aqui esteuerão, assi como
foy em me ho capitão mór prender
os meus embaixadores, z em fazer
nouas leys em minha cidade que
carregasse primeyro suas naos que
os mouros as suas/z sobrisso lhe
reteue hũa nao que foy causa de lhe
os mouros fazerem o que fizerão, q
eu cuydo que foy ordenado de Deus
os por sua soberba: z não lhe tendo
eu nisso culpa me queymou dez na-
os em meu porto/z me destruyo a
cidade com sua artelharia/ate me
fazer fugir de meus paços/z des-
pois aida me queymou duas naos,
o que nã fizera se viera pera tratar,
antes me mandara fazer queixume
dos mouros, z esperara que os cas
tigara z não fazer o que fez, que ma
is parece de ladrões como eles sam,
que de mercadores que se querem fa
zer pera coessa cor se poderẽ senho-
rear desta terra: o que elrey de Co-
chim com quanto lho mandey di-
zer nunca quis entender: z sendo
meu vassalo/z sabendo o q me eles
tem feyto/os recolheo/z recolhe/
z lhe deu carregação pa suas naos,
z agora lhe deu feytoria, o que lhe
per muytas vezes mandei rogar q
ho não fizesse. Pelo que determino
de ho destruir/z pera isso vos man
dei pedir que vos ajuntasseis: z tã-
bẽ vos peço q me digais se tenho re
zão de ho fazer assi. O q a todos pa
receo muyto bem/z louuarão muy
to sua determinaçã/principalmẽte
ho señor de Repeli, porq tinha grã
de odio a el rey ð Cochi porlhe ter
tomada hũa ilha chamada Arrul: z
ho mesmo fizerão tres mouros pri
cipais. Contra o que foy hũ irmão
del rey chamado Nambeadarim q

era principe herdeyro por sua morte: e logo ali disse a el rey. ¶ Ho parentesco q̃ tenho contigo, e outras muytas cousas te podem certificar que sobre todos quãtos aqui estão ey de desejar tua hõrra e proueito, e por isso ha de ser mais verdadeyro meu conselho que ho seu, porque eles como não tem tamanha obrigação pera te aconselhar como eu tenho/ mais parece que te cõselhão segundo a vontade que te vem pera a cousa/ sobre que te dão conselho/ que segundo a rezão que ha pera a fazeres. E se eles sem lisõjaria/ e tu sem ira quiserdes julgar a causa dos frangues achareis que ainda ate gora não ha nhũa pera não serem muyto bem agasalhados nas tuas terras/ e nas outras do Malabar, e nã deitalos delas como a ladrões o que se lhe não pode chamar posto que qua viessem/ pois de todas as partes do mundo se ajuntão aqui a comprar as mercadorias que não ha nelas, e assi trazem as que não ha nesta terra. E desta maneyra vierão os frangues, e segũdo costume de mercadores te trouuerão da parte do seu rey ho mais rico presente que te nũca foy dado, e a fora suas mercadorias trouuerã muyta moeda douro e de prata, o que não traz quem vem pera fazer guerra: que se eles pera isso vierão não dissimularão a fugida que quiserão fazer os arrefẽs/ a que chamas embaixadores a que prẽderão porque querião fugir estando ho seu capitão mór ẽ terra, e reconciliandose logo contigo como gẽte sem sospeita forão tomar a nao que leuaua ho alifante, q̃ te entregarão com quanto leuaua/ o que os ladrões não costumão/ nẽ menos pagar tambem, nem tratar tanta verdade como tratauão. Que nunca no tempo que esteuerão em Calicut se ninguem aqueixou deles/ se não os mouros que por serẽ seus amigos, e com enueja de os verem participãtes no ganho que ganhauão, lhes assacauão q̃ tomauão por força a pimenta a seus donos, sendo eles mesmos aqueles que ho fazião, porque os frangues a não podessem auer pera carregação de suas naos. E por isto ser muyto notorio lhe deste licença que lha tomassem: e coesta licença mandou ho seu capitão mór fazer repsaria na nao dos mouros que estaua carregada e tendo eles toda a culpa se aleuantarão cõtra os frangues/ e fizerão o que se sabe. E com tudo eles como homens pacificos esperarão todo hũ dia pera ver se querias darlhe algũa desculpa: e vẽdo que não então se vingarão/ e não com treyção como os mouros/ que não forão pera defender as naos/ ainda que agora falão muyto, e te conselhão q̃ faças guerra a el rey de Cochim/ porq̃ os recolhe em sua cidade: pera o q̃ nã ha nhũa rezão/ pois ele os não recolhe por te fazer pesar/ se não como a quaes quer mercadores q̃ vão a seu porto porque ho mesmo fez el rey de Cananor, e quisera fazer el rey de Coulão/ o que eles não fizerão se sentirão q̃ os frangues erão ladrões. E se os tu queres desarreygar da India e por essa causa q̃res fazer guerra a el rey de Cochim/ he necessario q̃ a faças tambẽ a el rey

de Cananor: porque de Cananor farão o que receas fazerem de Cochim: e se não deixa el rey de Cochim: e não te digão que te atreues coele / porque he menos poderoso que el rey de Cananor. E Mã beadarim falou tão isento a el rey, assi por ser muyto bõ homem e caualeyro muy esforçado, como por ter muyto credito coele / e muyta autoridade: e por isso lhe tinha el rey acatamento, e tanto que se os mouros e os Caimais e senhores que ali estauão se não poserão muy to rijo contra ho seu. El rey torna ra atras da determinação que tinha de fazer guerra a el rey de Cochim: porem todos perfiarão que seria grande abatimento seu ajuntar ali tanta gente como tinha / e tornar atras, sem cometer nhũa cousa / que ao menos deuião de proseguir auante: porque poderia ser que vendo el rey de Cochim que se chegaua faria com medo o que não quisera fazer rogado. E coeste conselho / preguntou el rey aos seus feyticeiros que dia seria bõ pera a partida, e eles lho assinarão e lhe disserão que auia de ser vencedor naquela guerra: e que ainda se auia dajuntar coele mais gẽte. E coesta certeza dos feyticeiros que el rey de Calicut tinha por muy grande se partio pera terra de Repelim quatro legoas de Cochim.

¶ Capitolo. lj. Do grande aperto em que estauão os Portugueses cõ medo que el rey de Cochi os ẽtregasse a el rey de Calicut.

El rey de Cochim sabia tudo isto por espias q̃ trazia com el rey de Calicut: e andaua muy triste não por medo da guerra: mas por não ter gente cõ que se defendesse, porque todos aqueles de que esperaua ajuda por vassalajem e amizade erão da parte del rey de Calicut: que se forão da sua bem certa tinha a vitoria. E assi estaua em duuida porque tinha muyto pouca gente / e a mais dela ho ajudauão contra sua vontade / principalmente os moradores de Cochim q̃ querião grãde mal aos Portugueses / e dizião publicamẽte que el rey os deuia dentregar, ou lançalos de Cochim porque se escusasse a guerra: e a fora isto muytos dos moradores fugião e deixauão suas casas com medo da guerra. E coisto tinhão os nossos grande temor que bem vião ho grande perigo em que estauão, com quanto os el rey seguraua. E ho feytor pedio embarcação a el rey pera se irem a Cananor / dizendolhe que hi estarião seguros ate que viesse a armada de Portugal: e que ele ficaria liure da guerra: e os seus desapressados com que el rey mostrou muyto grande tristeza. E disse ao feytor que bem sabia que de desconfiado lhe pedia a embarcação / e por isso lha não auia de dar: e q̃ lhe rogaua muyto que não desconfiasse dele / porque ele lhe daua sua fee que lhe ya tanto em os ter viuos que antes perderia ho reyno e a vida que os entregar a el rey de

Calicut: nem a outrem que lhes fizesse mal. E quãdo sua desauẽtura fosse tanta que perdesse Cochim: que lhe não faleceria õde se acolhessem ate q̃ viesse a armada de Portugal: ꝛ posto que el rey de Calicut viesse muyto poderoso / nẽ por isso tinha logo certa a vitoria / porque ela se alcançaua mais vezes pelos poucos ꝛ esforçados, que polos muytos sem esforço: quãto mais que a justiça que ele tinha da sua partelha auia de dar: por isso que descansassem ꝛ rogassem ao seu Deos quelha desse. Coestas palauras ꝛ com os Portugueses entederem que el rey as dizia com animo de as comprir: ficarão descansados, ꝛ lhe quiserão beijar a mão / mas ele não quis / nem menos que ho ajudassem na batalha, pera o que se todos offerecerão: ꝛ ele respondeo que os não auia de poer em parte perigosa / porque os queria ter viuos pera testemunhas de quanto trabalhara por sua vida. E dali por diante encomendou a guarda deles a algũs Naires de que confiaua. E porque assessegasse ho aluoroço que auia contra eles / mandou ajuntar esses senhores que estauão coele / ꝛ assi algũs Naires principais dos que fazião ho aluoroço, ꝛ disselhes. Não posso deixar destar muyto triste por vos ver tão desleais / ꝛ não me espanto da gente baixa / pois sua baixeza lhes fazer vilezas: mas de vos outros que soys Naires, ꝛ fostes sempre leaes: estou espantado que me quereis fazer quebrar a fé que dei ao capitão moor dos frangues de lhe goardar os seus como a meus naturais / ꝛ por isso os deixou nesta cidade em que me vos outros conselhastes que os recebesse: ꝛ agora por verdes que el rey de Calicut tem algũa mais gente que eu, conselhais me que faça hũa cousa que se eu fora tão mao que a quisera fazer mo ouuereis destranhar: ꝛ vos ho julgay / se estando em poder doutro rey com seguro se ho tirieis em boa conta fazendouos o que me cõselhais que faça aos frangues: mórmente tendo o que vos pedisse tão pouca rezão pera ser nosso immigo / como tem el rey de Calicut, ꝛ ho rey que vos teuesse tão pouca causa de vos entregar como eu tenho pera entregar os frangues. Pois se isto he assi / como me conselais que faça aquilo que aueis de reprehender a outrem: não me dãdo pera isso mais rezão que medo del rey de Calicut / sabendo que muyto mais pera estimar he a morte honrrada que a vida com deshonrra: que não podia ser mor pera mim que quebrar minha fé, nẽ mayor pera vos que terdes rey mẽtiroso / contra quem lhe tem dado tanto proueito / como me tem dado os frangues. E porque el rey de Calicut sabe que ho ouuera de ter se eles teuerão feytoria em sua terra, com enueja busca estes achaqueus pera me fazer guerra: ꝛ porque lhe parece que posso pouco quer vingar em mim a magoa que tẽ do q̃ perdeo: q̃ se ele quisesse lãçar da India os frangues ꝛ pelejar cõ quem os tem em sua terra / primeyro auia de começar em el rey de Ca

nanor que está primeyro. Mas nã he se não com enueja de meu proueito / e com soberba de lhe parecer que não poderey tanto como ele: e porque eu isto sey / e sey que faço o que deuo em lhe não entregar os frangues / espero em Deos que me ha de dar vitoria contrele / e vos assi ho esperay se soys meus amigos. E vendo todos sua determinação / espantados de sua grande constancia: lhe pedirão perdão do medo que teuerão, prometendo lhe que ho não terião mais / e que morrerião todos por seu seruiço. O que lhes ele agradeceo muyto / e mandou logo chamar ho feytor e os nossos: e deulhe conta do que fizera / e perante eles fez seu capitão moor ao principe Naramuhim que era seu irmão e seu herdeyro / e mandou a todos que lhe obedecessem como a ele mesmo: e mandou lhe que com cinco mil e quinhētos Naires fosse assentar arrayal junto de hum passo: que se chama ho passo do vao, por onde sabia que el rey de Calicut determinaua dentrar na ilha de Cochim. E neste passo com maré vazia da agoa pelo giolho.

¶ Capitolo .lij. De como ho principe de Calicut cometeo muytas vezes dētrar na ilha de Cochim pelo passo do vao.

Sabēdo el rey de Calicut que Naramuhim tinha seu arrayal no passo do vao per onde determinaua de entrar sua gente em Cochim receouho, porque sabia que era hum dos mais esforçados caualeyros que auia em todo Malabar, e muyto ditoso na guerra: e coeste receyo mais que com vontade de fazer comprimentos cō el rey d Cochi / he mādou esta carta.

¶ Muyto trabalhei por escusar esta guerra contigo / se quiseras temperar tua soberba com fazer o que te pedi / pois era tão justo e proueitoso pera todos: e porque esta nossa rotura se não acrecente mais, te faço saber que sou vindo a Repelim com grande exercito pera entrar em tua terra a tomar os frāgues cō todas suas mercadorias. Porem querote primeyro auisar, pera q̃ mos mandes: e se ho fizeres perderey ho odio que te tenho pelo passado: e se não prometote de te tomar a terra / e meter a espada todos os seus moradores.

El rey de Cochim posto que estaua tão mingoado de gente / e via que poderia ser o que el rey de Calicut dizia não se mudou de sua determinação / e respondeolhe esta carta.

¶ Se o que me pedes com tanta soberba / me reqreras por mais brādas palauras não te teuera por menos esforçado do que cuydas que te poderey ter, porque onde ha saber ou esforço não ha descortesia nem mao insino: estas sam as cousas que Deos não sofre / nem eu ho tenho tão agrauado q̃ cōsinta tāto ē meu dāno / q̃ a vitoria deste feyto nā seja minha / e destes esforçados homēs que estão comigo, tu sejas

muy bem vindo com todas tuas soberbas, que eu creo que elas com a justa causa que tenho abastarão pera me defender deti/ꝛ doutros meus immigos: que não acharas nunca tão fraco que faça cousa tão vergonhosa como me pedes: ꝛ se tu costumas tais entregas/ eu as não costumey nunca/ nem as ey dacostumar, dos frangues/ nem de cousa sua não faças conta, porque os hey de defender: por isso não me mandes mais recado.

¶ Coesta reposta jurou el rey de Calicut que auia de destruyr el rey de Cochim, ꝛ partiose logo de Repelim, que foy ho derradeyro dia de Março, ꝛ entrou em terra del rey de Cochim/ em que não fez nhũ dano por os senhores da quelas comarcas ho ajudarem. E aos dous Dabril estando ja muyto perto do vao onde estaua Naramuhim algũs capitães esforçados na muyta gente que tinhão quiserão entrar ho passo, ꝛ ele lhes defendeo a entrada/ matãdolhe muyta gente. O que el rey de Calicut teue a mao sinal: ꝛ com tudo despois dassentar seu arrayal/ mandou ao outro dia ho senhor de Repelim com dobrada gente da que fora ho dia passado/ ꝛ muyta outra por mar em paraós/ parecendolhe que tomaria ho passo, mas não foy assi/ porque Naramuhim ho defẽdeo cõ muyto esforço/ ꝛ ajudouho Lourenço moreno com algũs dos Portugueses/ que tambem ho fez como muy valente caualeyro: ꝛ assi em outras muytas pelejas que despois ouue Naramuhim com os immigos, em que sempre foy vencedor/ fazendolhes muyto grande danno de mortos ꝛ de feridos. O que vendo el rey de Calicut, como era incostante arrependiase de ter começada a guerra que cuydaua de logo em chegãdo ao passo ho entrar. E por isto mandou algũs recados a el rey de Cochim sobre lhe entregar os nossos. Ao q̃ lhe ele respõdeo, que pois fora constante em lhos não dar quando tinha rezão de reccar seu poder/ que faria então que estaua muyto dauantajem, que oulhasse por si: porque se não auia de contentar com defender sua terra/ se não com ho desbaratar de todo, o que ouuera de ter effeyto/ se os desleais de seus vassalos ho não deixarão: coesta reposta ficou el rey de Calicut assombrado/ ꝛ quasi que perdeo a esperança da vitoria, ꝛ se não fora por amor dos seus deixara a guerra/ ꝛ conselharanlhe que mandasse saltear algũs lugares de Cochim que estauão ao derredor, porque Naramuhim lhe mandasse acodir/ ꝛ ficasse com menos gente/ ꝛ que assi ho poderião desbaratar. E com todos estes ardis não pode ser/ porque Naramuhim era de marauilhosa diligẽcia nestas cousas, ꝛ assi acodia a tudo que parecia que nunca faltaua onde era necessario/ ꝛ de todas estas vezes el rey de Calicut perdeo muyta gente.

¶ Capitolo .liij. De como foy morto Naramuhim principe de Co-

chim por treyção del rey de Calicut.

VEndo el rey de Calicut q não podião os seus capitães ẽtrar ho passo a Naramuhim ordenou d' ho fazer entrar por treição: pera o que se concertou secretamente com hũ Naire pagador do soldo dos Naires de Naramuhim a que deu muyto dinheiro / porque não mandasse ao arrayal a paga do soldo que mãdaua cada certo dia, porque os Naires a fossem buscar, z ficando Naramuhim com menos gente ele cometesse ho passo z ho ẽtrasse. E assi ho fez ho Naire / mandando dizer aos do arrayal de Cochim que fossem receber ho soldo porque lho nã podia mandar / z eles forão hũa noyte com licença de Naramuhim / encomendãdolhe muyto que tornassem ante manhaã, o que eles não poderão fazer por lhe não pagarẽ se não bem de dia. E entretanto que estauão em Cochim cometeo el rey de Calicut ho passo com toda sua gẽte por mar z por terra, z com muyta artelharia que trazia: z como Naramuhim estaua com menos ameta de da gente que tinha z ho poder del rey de Calicut era mór do q nunca fora / ẽtrou por força ho passo. E deste impeto leuou Naramuhim ate os palmares: onde ele fez todos os seus em hũ carpo z rompeo muytas vezes os immigos matando muytos, mas como tinha poucos cercarãno. E despois de fazer muytas brauezas, foy morto de frechadas cõ dous seus sobrinhos tambem especiais caualeyros / z os seus se desbaratarão logo, z ficarão no campo muytos mortos. E el rey de Calicut nã quis seguir os viuos por ser quasi noyte que ate então durou a batalha, z tambẽ dos seus forão mortos boa parte. E sabida esta noua por el rey de Cochĩ / esteue hũ pedaço fora de si, z quasi q ho teuerão por morto: principalmẽte os Portugueses que estauão coele / z os Naires não entenderão neles por acudirẽ a el rey, que doutra maneyra segundo todos ficarão com aquelas nouas / z com ho mal que lhes querião nã fora el rey poderoso de os liuar da morte. E nisto tornou el rey a si arrebentando em choro / z dizendo palauras que os nossos não entenderão. E tão desacordado estaua que os não via / z preguntou por eles: z eles se leuantarão então chorãdo com dó dele: que vendoos / lhes disse que não ouuessem medo, porque nem aquela desauentura auia de ter poder pera ho fazer mudar do que lhes tinha dito, polo que lhe eles quiserão beijar a mão, z ele nã quis z sentindo ho aluoroço que tinhão os seus contra os nossos / pera os assessegar lhes disse. Agora que a fortuna se mostra tanto cõtra mim, cuydaua eu q como verdadeyros amigos z leays vassalos auieys de trabalhar por me desagastar: z vos como que seguis a parte del rey de Calicut acrecentais me a paixão que tenho / assi pela morte de meu irmão, z de meus sobrinhos como por serdes contra os frangues / que vos tantas vezes en-

naquele tempo: e que assi ho deuia ele de fazer/ e mudarse pera a outra banda da ilha abrigada de norte: e passada a tormenta tornaria a surgir ondestaua. E cuydando ele que lhe qrião fazer algũa treyção por serẽ mouros, nũca se quis mudar, dizẽdo q̃ as naos que dauão á costa erão as q̃ tinhão âcoras d̃ pao e, as suas erão de ferro, e por mais que os mouros ho tornorão a persuadir nunca quis mudarse: o que não fizerão Pero rafael, nem Fernão rodriguez badarças, nẽ Diogo pirez que logo se mudarão ho derradeyro Dabril: e Vicente sodré e seu irmão ficarão, e quando a tormenta veo as suas naos derão á costa/ por mais ancoras que tinhão e forão espadaçadas: e foy morta muyta gẽte: antre ela morrerão os dous irmãos e perdeose tudo quanto estaua nas naos. E os nauios de Pero rafael e de Fernão rodriguez e de Diogo pirez escaparão ôde se acolherão e assi a carauela de Pero dataide que estaua a monte. E bem lhes pareceo q̃ a perdiçã dos dous irmãos, fora pelo peccado que fizerão ẽ nã acodir a el rey de Cochim, e deixarẽ os Portugueses em tamanho perigo como ficauão: e por isso determinarão de se tornar a Cochim pera os ajudarem se disso teuessem necessidade. E fizerão capitão mór a Pero dataide/ e partirã na entrada de Mayo, e por ho inuerno da India lhe fazer ja rosto passarão na viagem muyto grãdes tormentas com que se virão quasi perdidos: e não podendo arribar a Cochim tomarão Anjadiua: onde lhes foy forçado inuernarem por a mor do tempo. E passados tres ou quatro dias que ali chegarão, chegou tambem hũa nao de que era capitão Antonio do campo que indo com dom Vasco da gama lhe morreo logo ho piloto: e por isso foy sẽpre ao longo da costa pelo que se deteue tanto/ e com muyto trabalho chegou a Anjadiua/ onde inuernarão todos, com assaz de fadiga, por não terem que comer.

¶ Capi. lv. De como partirão pera a India por capitães móres de tres armadas Francisco dalbuquerque, e Afonso dalbuquerq̃, e Antonio de saldanha.

Este anno de mil e quinhentos e tres/ parecẽdo a el rey de Portugal / que ho Almirante dõ Vasco da gama deixaria assentadas pacificamente as feytorias de Cochim, e de Cananor/ e que não aueria necessidade de mandar grande armadada / não quis mandar mais de seys naos repartidas em duas capitanias. Das primeyras tres foy capitão mór hũ fidalgo chamado Afonso dalbuquerque, que despois gouernou a India, como direy no terceyro liuro. E forão seus capitães Duarte pacheco pereyra de que faley atras/ e Fernão martĩz Dalmada que dizẽ que morreo na viagem de gordo: e este partio logo. Das outras tres naos foy por capitão mór Francisco dalbuquerque que foy seu primo

Dafonso dalbuq̃rq̃. Forão seus ca-
pitães Niculao coelho / que foy no
descobrimento da India / ⁊ Pero
vaz da veiga. Outra armada ð tres
naos partio tambẽ pera descobrir
ho estreito do mar roxo, ⁊ esperar
na boca dele as naos dos mouros
de Meca: ⁊ desta foy capitão mór
hũ fidalgo Castelhano chamado
Antonio de saldanha / ⁊ forão seus
capitães Ruy Lourẽço rodriguez
tauasco / ⁊ Diogo fernandez petey
ra. E esta armada partio despois
das duas, ð q̃ a Dafonso dalbuq̃rq̃
partio a seys Dabril, ⁊ a de Fran-
cisco dalbuquerque a quatorze. E
assi hũs como os outros passarão
no caminho muytas tormentas, cõ
que se perdeo Pero vaz da veiga.
E Francisco dalbuquerque q̃ par-
tio derradeyro chegou primeyro q̃
Afonso dalbuquerque cõ Niculao
coelho a Anjadiua em Agosto: on-
de ainda achou Pero dataide, ⁊ os
outros capitães q̃ hi inuernarão /
de que sabendo a guerra que era de-
clarada del rey ð Calicut / ⁊ del rey
de Cochim sobre os nossos, foy lo-
go com toda a frota que era de seys
velas / pera Cananor, pera hi saber
o que passaua ẽ Cochim. E em Ca-
nanor fizerão os nossos grande fes-
ta com sua vinda. E el rey foy falar
ao mar á Frãcisco dalbuquerq̃, ⁊ cõ
toulheo que sucedera em Cochim /
⁊ onde el rey estaua. E sabido isto
partiose logo pera Cochim / ⁊ che-
gou quasi noyte / a hũ sabado dous
de Setembro do mesmo anno. E lo
go foy visto por el rey ter vigias / q̃
ja sabia sua vida. E foy a festa muy
to grande em Uaipim por sua che-
gada / não somente em el rey, ⁊ nos
Portugueses / mas em todos os
moradores de Cochi: ⁊ fazião grã-
des tangidas, ⁊ folias: em que logo
os de Calicut que estauão nas tran
queyras atentarão. E sabẽdo a cau
sa disso, como foy noyte fugirão pe
ra Cranganor / ⁊ assi ho tinha man
dado el rey de Calicut, que tambẽ
sabia a vinda do capitão mór pela
via de Cananor, dõde foy auisado.
E ao domingo como foy manhaã
Frãcisco dalbuquerque foy surgir
na boca do rio de Cochim: ⁊ el rey
ho mãdou visitar polo nosso feitor.
E a segunda feyra pela manhaã dei
xando Francisco dalbuquerque as
naos a recado se foy nos bateis ar-
mados a Uaipim: ⁊ assi leuou con-
sigo as duas carauelas pera lhe aju
darẽ, se viessem paraós de Calicut.
E indo hũ pedaço das naos che-
gou Duarte pacheco: que sabendo
ao que ya Francisco dalbuquerque
se lançou logo no seu batel com al-
gũa gente / ⁊ partio apos ele com tã
ta pressa dos remeyros / que ho al-
cançou antes de chegar a Uaipim,
onde ho el rey de Cochim estaua es-
perando á borda dagoa cõ os Por
tugueses / ⁊ com quanta gente esta-
ua recolhida na ilha. E era ho pra-
zer tamanho em todos / que vendo
el rey de Cochim os nossos bateis
começou de bradar alto, Portugal
Portugal: ⁊ ajudouho toda a ou-
tra gente. E os Portugueses dos
bateys respõderão pelo mesmo mo
do, Cochim Cochim a pesar de Ca
licut. E quando Francisco dalbu-
querque saltou em terra, el rey ho le
uou nos braços com as lagrimas

nos olhos de prazer, dizendo que nã queria mais vida que ate ser restituydo em Cochim, pera que soubessem os seus quanta rezão teuera de passar tanta fadiga por emparar os nossos/ ꝛ seruir a el rey de Portugal: em cujo nome lhe ho capitão mór deu muytos agradecimentos/ ꝛ lhe prometeo vingãça de seus immigos: ꝛ d sua parte lhe deu dez mil cruzados pera gastar entre tanto q̃ não recolhesse suas rẽdas: ꝛ isto do cofre que leuaua. O que el rey d Cochim teue em muyto, porque estaua muy pobre. E os seus teuerão aqui lo por grandeza: ꝛ foy muyto falado antreles ꝛ ja lhes parecia bẽ fazer el rey o que fizera polos Portugueses. E logo el rey foy leuado a Cochim/ ꝛ entrou com grande alegria que fazião os seus: ꝛ os nossos que dali por diante forão muyto bẽ quistos dos de Cochim. E não tardou nada que as nouas del rey estar dẽtro forão a el rey de Calicut/ ꝛ dos cruzados que lhe dera ho capitão mór. E vendo que a guerra se aparelhaua mãdou algũs Caimais pera suas terras por confinarem cõ as del rey de Cochim.

¶ Capit. lvj. De como Francisco dalbuquerque começou de fazer guerra aos immigos del rey de Cochim.

Metido el rey d posse de Cochi, Frãcisco dalbuquerq̃ se despedio dele/ pera aĩda dali ate noyte lhe dar algũa vingança de seus immigos, ꝛ foyse á ilha que está defronte de Cochim. E como os moradores dela estauão bẽ fora de serem cometidos aquele dia, tomarãnos os nossos de sobre salto, ꝛ fizerão neles grãde matança/ ꝛ queimarão algũas pouoações, ꝛ despois se embarcarão sem nhũa afrõta. E indose Francisco dalbuquerque pera a frota/ disse a el rey o que fizera. E ao outro dia tornou á mesma ilha pera a destruir de todo. E leuaua seyscentos homẽs/ que tantos tinha com os dos nauios q̃ achou: ꝛ yão coele todos os capitães. E ho Caymal da ilha o estaua esperãdo á borda da agoa cõ obra de dous mil Naires, os mais deles frecheiros/ ꝛ os outros de lanças, despadas, ꝛ escudos: que trabalhou quãto pode por tolher a desembarcaçã aos Portugueses/ q̃ sem receberẽ nhũ dãno fizerão muyto nos immigos com as setas: ꝛ os fizerão fugir/ indo apos eles ate a outra bãda da ilha: ꝛ forão tão apertados q̃ não teuerão outro remedio senão lançarse ao mar. E ficando muytos mortos/ ꝛ feridos: ꝛ não tendo os nossos com quẽ pelejar, poserão fogo ás pouoações da ilha/ ꝛ destruirãna toda. E ao outro dia foy Frãcisco dalbuquerque a outra chamada Charauaipim/ que era dũ Caimal vassalo del rey de Cochim, que fora ẽ ajuda del rey d Calicut: porque por espias del rey de Cochim sabia que estaua ho Caimal bẽ apercebido pera se defẽder: ꝛ tinha tres mil Naires/ setecentos frecheiros, ꝛ corenta espingardeyros: ꝛ suas casas fortalecidas cõ tranqueyras.

E assi tinha por mar algũs paraós artilhados/ que lhe dera el rey de Calicut. E estes estauão no porto/ onde os Portugueses auião de des embarcar/ pera lhe tolher que não entrassem nele. E sobre isso ouue grã de peleja d bombardadas: ꝛ os imi gos por derradeyro fugirão/ ꝛ os Portugueses ficarã no porto, onde estauão metidos na agoa ate á cin ta grande numero dos imigos/ de fendendolhes que não pojassem em terra, tirãdolhe muyta soma de fre chas, ꝛ de lanças, ꝛ infindas pedra das. Mas como a nossa artelharia começou de jugar/ se afastarão pe ra ho sertão: ꝛ feytos ali em corpo, derão assaz q̃ fazer aos Portugue ses no desembarcar: porque se defẽ dião muy rijo. E por mais q̃ aper tauão coeles/ nunca deixarã ho cã po de golpe, se não pouco a pouco se forão recolhendo aos palmares. E ali com ho embaraço que as palmei ras fazião se defenderã hũ pedaço, ꝛ despois fugirão sem nhũa ordẽ: ꝛ os nossos ho seguirã. E indo no en calço ho condestabre de Francisco dalbuquerq̃/ que se chamaua Pe ro de lares se achou só cõ tres Nai res que virarão a ele, ꝛ hũ deles lhe deu hũa frechada nos peitos: ꝛ por amor dhũ peito q̃ leuaua lhe nã fez nojo: ꝛ ẽ ho Naire deffechando, des fechou ele hũa espingarda que leua ua de tres tiros/ ꝛ todos çeuados: ꝛ deu ao Naire pelos peytos/ ꝛ va zouho da outra parte: ꝛ logo desfe chou outra vez em hũ dos dous q̃ ficauão ꝛ matouho: ꝛ nisto ho ferio ho terceyro cõ á agumia ẽ hũa per na, ꝛ quisera fugir/ ꝛ Pero de la res ho matou cõ a espada. E desba ratados os imigos/ pos se Francis co dalbuquerque em caminho pera as casas do Caimal/ que tinha re colhida nela sua gente/ ꝛ estaua for te cõ tranqueiras. E leuaua os ca pitães repartidos por ãbas as ban das da ilha/ cada hũ cõ sua gente: ꝛ polo meyo da ilha a gente d Cochi E nesta ordem vão todos queiman do/ sem auer quem lhes resistisse. E indo nesta ordenança sobriuierã al gũs poraós de Calicut da bãda da ilha, por onde ya Duarte pacheco: ꝛ por serem muytos saltarã em ter ra/ ꝛ pelejarão coele/ de maneyra q̃ foy necessario acodir Francisco dal buquerq̃ com a gente de sua capita nia/ ꝛ por achar muyto mais dura resistencia nos imigos do que cuy dou: ꝛ se temeo que acodisse ho Cai mal cõ toda a gente q̃ tinha: que ho poeria em muyto grãde trabalho. E mandou a Niculao coelho/ q̃ cõ Antonio do cãpo, ꝛ Pero dataide, fosse dar nas casas do Caimal/ ho que logo foy feyto. E Niculao coe lho foy ho primeyro q̃ chegou ás tranqueiras q̃ ho Caimal tinha fey tas diãte das suas casas pera as ter mais fortes. E foy aqui a peleja muyto grande/ que antre os immi gos auia muytos frecheiros/ ꝛ cõ tudo os Portugueses pelejarã cõ tamanho esforço/ que entrarão as tranqueiras. E ho primeyro q̃ so bio foy hũ Garcia mendez mora dor na vila de Santarẽ/ escriuã da nao de Antonio do cãpo. E entra das as tranqueiras/ os nossos fo rão apos os imigos ate as casas do Caimal, que hi foy morto defendẽ

dose muy bem. E assi forão mortos & feridos muytos dos seus, & as casas roubadas. E dos nossos forão feridos dezoyto, & hũ morto. E no espaço ẽ q isto passou Francisco dalbuquerq, & Duarte pacheco desbaratarão os da armada de Calicut/ ficando na praya muytos mortos, & feridos: & os outros se recolherã aos paraós & fugirão. E per memoria d tamanho feyto como este foy, armou Francisco dalbuquerque ali algũs caualeyros, que certo ho feyto foy pera isso: porque de tres mil Naires q ho Caimal tinha/ os menos escaparão: & a ilha foy toda destruida a ferro & a fogo. E assi ficou el rey de Cochim bem vingado do Caimal.

Capit. lviij. De como Francisco dalbuquerque começou de edificar ho castelo Manuel.

DEspois disto, determinãdo Francisco dalbuqrque, de fazer guerra ao senhor de Repelim, partiose hũa noyte cõ os outros capitães pera hũ lugar seu, que esta quatro legoas de Cochim, onde chegou ao outro dia as oyto horas. E estauã no esperando á borda dagoa bem dous mil Naires: de que os quinhẽtos erão frechiros. E chegando a tiro d berço de terra desparará sua artelharia/ cõ que fizerão despejar a praya aos immigos/ & recolherse aos palmares: & ali esperarão Francisco dalbuquerq: que desẽbarcado cõ os nossos, os foy cometer, indo Niculao coelho na dianteyra/ q logo cõ os seus deu nos imigos/ & apos ele outros capitães. E neste primeyro encontro forão feridos algũs dos nossos/ de frechadas q os imigos tirauão detras das palmeiras, cõ que se emparauão: pelo que vendo os Portugueses q lhe nã podião por diante fazer nhũ nojo/ cometerãnos de traues, tirãdolhe cõ as béstas/ & espingardas, & derribando algũs os fizerão fugir pera ho lugar/ ate onde os forão seguindo: & no lugar fizerão neles muyto mór destroço que no cãpo/ onde andauão espanhados: porq ali tomauãonos juntos nas ruas, & podiãnos melhor ferir: & matarão muytos, & outros fugirão. E ficãdo ho lugar despejado foy q̃imado/ roubãdoho primeyro os Naires d Cochim/ a que Francisco dalbuquerq daua a saco todos estes lugares: porq vissem os imigos, que não fazia a guerra por via d roubar, sen ã pera vingar el rey d Cochim. Que quando ele tornou coesta vitoria/ lhe fez muy alegre recebimento: & rogoulhe que se não posesse em mais trabalho, que se daua por vingado. E ele lhe disse, q posto que se desse por vingado/ ele não estaua satisfeyto, que ho deixasse pelejar/ q nã auia por trabalho seruilo. E vendo quão contente el rey estaua/ pediolhe licença pera fazer hũa fortaleza de madeyra: porq despois q se partisse pera Portugal ficasse a feytoria del rey seu senhor segura/ & assi os nossos: & q este seria ho mór seruiço que poderia fazer a el rey seu senhor. Ao que ele respõdeo, q a el rey de Portugal desejaua ele de fazer outros móres seruiços q aquele.

Porque de sua mão fazia conta q̃ tinha Cochim, pois ele q̃ era vassalo lha restituira/ que podia fazer fortaleza/ ⁊ quãto quisesse: ⁊ que logo a mandaria fazer á sua custa. Auida esta licẽça, acordou cõ os outros capitães/ q̃ se fizesse a fortaleza a borda do rio de Cochim, acima da cidade pera ho sertão, porq̃ hi estaua mais segura: ⁊ defenderia que nã entrassem as armadas de Calicut. E por não terem pedra/ nẽ cal, nẽ officiais que a fizessem/ nẽ outros materiays necessarios/ fizerãna d̃ madeira, que el rey mandou cortar em abastança/ assi de palmeiras, como doutras aruores. E deu muyta gẽte pera fazer a obra, dizendo que nã queria q̃ os nossos trabalhassem: porq̃ bẽ lhes abastaua ho trabalho da guerra: ⁊ cõ tudo eles não deixarão de trabalhar. E os capitães se repartirão cõ sua gente: ⁊ começarão a fortaleza a vinte seys d̃ Setẽbro do mesmo ãno, de mil ⁊ quinhẽtos ⁊ tres. E el rey ya muytas vezes ver como trabalhauão/ ⁊ folgaua muyto de ver a diligẽcia dos nossos no trabalho/ ⁊ dizia que nã auia tays homẽs no mundo/ porq̃ erão pera tudo.

Cap. lviij. De como Afonso dalbuquerque chegou a Cochim.

Avendo quatro dias q̃ a fortaleza era começada/ chegou Afonso dalbuq̃rque, q̃ com tromentas ⁊ tẽpos contrairos não pode chegar mais cedo: porẽ trazia a sua gente saã/ de que Frãcisco dalbuquerq̃ ficou muyto ledo: ⁊ logo lhe deu parte da fortaleza pera a fazer cõ os da sua nao. E com sua vinda se acabou em breue tempo: ⁊ por ser d̃ madeira era tão forte ⁊ fermosa, como podia ser outra de pedra ⁊ cal. Era feyta em quadra/ ⁊ tinha o vão de noue braças de largo, ⁊ de cõprido as paredes erã de duas andainas de palmeiras, ⁊ outras aruores fortes metidas no chão percintadas/ com percintas de ferro muyto fortes, pregadas cõ pregos muyto grandes: ⁊ ho vão dantre as andainas era entulhado de terra ⁊ area. E destas andainas, tinha dous baluartes em cada canto/ ⁊ todos bem artilhados/ ⁊ era cercada de caua q̃ se enchia dagoa. E ao outro dia despois que foy acabada fizerão Frãcisco dalbuquerq̃/ ⁊ Afõso dalbuquerq̃ hũa procissão/ em q̃ ho vigairo da fortaleza leuaua hũ Crucifixo debaixo dũ palyo/ indo diante os trombetas tangendo cõ grande festa. E coesta solẽnidade entrarão na fortaleza, que ho vigairo benzeo: ⁊ lhe foy posto nome Manuel, por honrra de nosso Señor/ ⁊ por memoria del rey dom Manuel, de quẽ erão vassalos aqueles que a edificarã. Bẽta a fortaleza foy dita hũa missa cantada, ⁊ pregou hũ frade de sam Francisco chamado frey Bastão: ⁊ disse quantas graças deuião de dar a nosso Senhor, por permitir que dũ reyno tão pequeno como ho d̃ Portugal/ ⁊ da fim do occidente fossem Portugueses a terra tão longe/ como era a Jndea, fazer fortaleza antre tanta multidão

de imigos de santa fé catholica, q̃
prazeria a nosso Senhor q̃ aquela se
ria começo doutras muytas. E assi
disse a muyta obrigaçã q̃ os nossos
tinhão a el rey de Cochim, pelo que
fizera por seruir a el rey de Portu-
gal. Ho q̃ el rey de Cochi estimou
muyto quãdo ho soube. E acabada
a fortaleza tornarão Francisco dal-
buquerq̃, & Afonso dalbuquerq̃/ a
proseguir a guerra/ contra os imi-
gos del rey de Cochim: & forã dar
em hũas pouoações que estauã na
borda dagoa cinco legoas d Cochi,
porq̃ sabião por suas espias / q̃ auia
ali poucos Naires. E partirã pera
lá cõ setecẽtos dos nossos duas ho
ras ante manhaã/ ás noue do dia
chegarão ás pouoações/ em q̃ aue-
ria passante de seys mil almas/ afo
ra os meninos, & os Naires de goar
nição que serião trezẽtos/ & todos
frecheiros. Afonso dalbuquerq̃ des
embarcou na primeyra pouoaçã cõ
algũs capitães, & Francisco dalbu-
querq̃ cõ os outros em outras, hũ
tiro d falcão desta. E como tomarã
os imigos de sobre salto, fizerãnos
logo fugir: & mais porq̃ em desem-
barcando foy posto fogo a tudo. E
vendo os nossos fugir os imigos/
seguirão apos eles & matarão muy
tos, & cansando de os seguir destru
irão a terra, q̃ neste tẽpo foy toda a-
pelidada pelos imigos. E como he
muyto pouoada ajũtarãose bẽ seys
mil Naires, & derão sobre os nossos
ao embarcar/ & apertarãnos muy-
to: principalmente a Duarte pache-
co, que não achou ho seu batel onde
ho deixou. E carregarã tão rijo so-
brele & sobre os seus, q̃ lhe ferirã oy
to cõ frechas ainda q̃ se defendiã va
lentemente: & fazião grande matan-
ça nos imigos. Mas como eles erã
muytos ẽ demasia tratauãonos des
ta maneyra: & tratarãnos peor, senã
socorrerão os outros capitães mó
res, q̃ estando embarcados se torna
rão a desembarcar. Ho q̃ vendo os
imigos fugirão, deixando ho chão
cuberto de mortos & d feridos, que
cairão cõ as espingardadas, & seta-
das. E fugidos queimarão os Por
tugueses quinze paraós que estauã
varados, & tomarão sete q̃ estauão
no mar/ & forãse, dando grandes a-
pupadas como q̃ zombauão deles.
O que ho senhor de Repelim cuja a
terra era sentio muyto / & mais por
quão mal prouido ho acharã. E te-
mẽdo q̃ os Portugueses fossem so
bre outra pouoação q̃ estaua hũa le
goa daquelas pelo rio acima, a pro-
ueo de gente de guerra.

¶ Capit. lix. Do q̃ Duarte pache-
co fez em Repelim, & em Camba
lão.

Sabẽdo Francisco
dalbuquerq̃, & Afõ
so dalbuquerq̃ deste
lugar, determinarã
de ho destruir: & aq̃-
la mesma noyte par
tirão/ & forão repousar diãte da nos
sa fortaleza ate a mea noyte/ porq̃
chegassem em a manhecendo ao lu-
gar aque yão. E cõ quanto fazia es-
curo partirã a estas horas: & como
se não vião hũs aos outros: recean
do Afonso dalbuquerque de ficar a
tras/ mandou apertar ho remo/ &
coisto se adiantou tanto de todos, q̃

chegou ao lugar hũ grãde pedaço ante mẽhaã: τ enfadãdose desperar disse aos seus q̃ dessem no lugar/ τ ho queimassem/ porq̃ por os immigos estarẽ descuydados de sua vinda ho farião leuemente, τ assi ho fizerão. E sentindo os imigos ho fogo leuantarãse logo τ acodirãlhe: τ indolhe acodir derã os nossos neles τ matarã algũs, τ os outros fugirã, porq̃ erã gente mezquinha τ não tinhã armas. Porẽ os Naires q̃ estauão em goarda do lugar q̃ erão dous mil acodirão logo, τ começarão de pelejar muy brauamente/ τ tãto q̃ conueo ã Afonso dalbuquerq̃ mãdar recolher os seus, porq̃ não seriã mais que quarẽta, de q̃ lhe matarã hũ, τ os outros estauão muyto feridos d̃ frechas: τ ouuerãlhos de matar todos se se não recolhera/ o que fez cõ muyto grande trabalho/ nẽ ho podera fazer se os grometes que ficarão no seu batel posserão fogo a hũ falcão / de cujo medo em desparãdo se afastarão os imigos, τ nisto amanheceo, τ chegou Frãcisco dalbuquerq̃: τ quando soube o q̃ passaua/ mãdou desparar toda a artelharia dos bateis/ pera fazer afastar os imigos que estauã na praya. E estãdo assi quisera Duarte pacheco desembarcar hũ pouco afastado dõde os outros estauão, τ indo pera desẽbarcar achou muytos Naires de peleja, q̃ passauão per hũ passo muyto estreito pera irẽ ajudar. E como aquilo vio/ mandou poer ho batel perto daquele passo/ τ cõ a artelharia lhe tolheo q̃ não pasassem/ ao q̃ logo acodirão os nossos, τ pojarão todos em terra/ τ dando nos immigos os fizerão fugir: τ por não saberem a terra os não seguirão, τ queimarã ho lugar. E Duarte pacheco τ Pero dataide/ se apartarão com sua gente, pera irem queimar outro q̃ estaua mais acima, τ de caminho desbaratarão dezoyto paraós darmada de Calicut/ τ queimado o lugar aque yão tornarãse pera os capitães móres. Que por ser ainda cedo se forão a ilha de Cãbalão pera a destruir: por ho seu Caimal ser immigo del rey de Cochi, τ queimarã hũa grãde pouoaçã. E Duarte pacheco cõ seys paraós de Cochi foy queimar outra / pelejando primeyro hũ pedaço cõ muytos dos imigos, d̃ q̃ matou algũs: τ queimado ho lugar se recolheo cõ os seus, de q̃ lhe ferirão sete: τ recolhido pelejou com treze paraós de Calicut / q̃ desbaratou, cõ ajuda de Pero dataide τ Dãtonio do cãpo que sobreuierã. E acolhendose os imigos em hũ esteyro entrou coeles Duarte pacheco, τ fez varar hũ paraó, τ tomouo: τ entre tãto se acolherã os outros. E por os nossos terẽ os remeyros muyto cansados os não seguirã/ τ tornaranse pa os capitães moóres: com q̃ se forão pera Cochim. E dando conta a el rey do q̃ fizerão/ ele se deu por vingado de seus imigos / τ lhes rogou q̃ nã fizessẽ mais guerra.

¶ Cap. lx. De como Duarte pacheco desbatou trinta τ quatro paraós.

Desta guerra q̃ digo não auia quem ousasse de trazer grão de pimenta a vẽder a feytoria, nẽ os mer

cadores se atreuião a buscala / ⁊ cõ
quanto nisso trabalharão/não po-
derão auer mais que trezẽtos baha
res dela, ⁊ mandarão dizer aos ca-
pitães móres q̃ fossem por ela a no-
ue legoas de Cochĩ: ho q̃ eles logo
fizerão/ acõpanhados dos outros
capitães/ ⁊ por não serem sentidos
partirã de noyte, ⁊ no caminho des
truyo Duarte pacheco hũa ilha, pe
lejando com seys mil Naires, acom
panhado sómente da gẽte da sua ca
pitania. E os capitães móres des-
baratarão trinta ⁊ quatro paraós
dos imigos. E acabado isto, forão
Duarte pacheco, ⁊ Antonio do cã-
po destruir hũa grãde pouoaçã na
terra firme, desbaratando primey-
ro dous mil Naires/ de q̃ forã muy
tos mortos ⁊ feridos, ⁊ dos nossos
nhũ: ⁊ coesta vitoria se tornarão pe
ra os capitães móres, q̃ mandarão
logo pela pimenta q̃ estaua dali per
to: ⁊ ja noyte se partirão pera Cochĩ,
donde auião de mãdar ho tone que
leuaua a pimẽta, carregado de mer
cadoria atroco dela/ ⁊ pera ir segu-
ro mãdarã em goarda dele a Duár
te pacheco cõ tres capitães: ⁊ leua-
ua cada hũ cincoenta dos nossos, ⁊
dos de Cochĩ quinhẽtos. E parti
do Duarte pacheco passou ante ma
nhaã pelo passo estreyto q̃ ja disse: ⁊
por isso não foy visto, ⁊ sendo o dia
bem claro/ passou pela boca dũa en
seada, onde estauão frecheiros sem
conto/ q̃ lhe tirarão com suas fre-
chas/ ⁊ se os bateis não forão apa
dessados receberão os nossos muy
to dano/ porq̃ ho rio he estreyto, ⁊
chegauãlhe as frechas. E vendoos
Duarte pacheco estar apinhoados
parecendolhe q̃ lhes poderia fazer
mal, deixou hũ dos capitães em go
arda do tone/ ⁊ ele cõ os outros do
us, seguindo hos de Cochĩ, poserão
ás proas dos bateis em terra / em
q̃ auia melhoria đ dous mil homẽs,
⁊ mandando jugar os falcões q̃ le-
uauã, por proa derã pelos imigos/
de q̃ espedaçarão muytos/ ⁊ os fize
rão retirar tanto da borda da agoa/
que aos nossos lhes ficou lugar pe-
ra pojarẽ em terra sẽ perigo: ⁊ assi
ho fizerão todos. E como os mais
leuauão espingardas ⁊ béstas / fo-
rão dar santiago neles/ q̃ ja fazião
rosto, tirãdolhe tantas frechadas,
q̃ parecia toparẽse no ar hũas cõ as
outras / ⁊ pelejarão valentemente
hũs ⁊ outros, ⁊ durou ãtreles qua
si hũ quarto de hora E cõ tudo fu-
girão os imigos ficando muytos
mortos porq̃ não trazião armas đ
fensiuas: ⁊ os nossos os forão se-
guindo ate hũ lugar que estaua per
to: de que sairão tantos Naires, q̃
ajuntados cõ os que fugião/ volte
rão sobre os nossos ⁊ poserãnos en
muy grande aperto por serem bem
seys mil homẽs / ⁊ muytos deles
trabalhauão por se meter antre ho
rio ⁊ os nossos pera lhe tolher que
se nã acolhessem a ele/ ho que os nos
sos não consentirão cõ assaz de tra-
balho. E assi como defẽdião ho rio
se chegauão parele: no que fizerão
todos muy grãdes façanhas/ ⁊ co
mo forão perto dele os que estauão
nos bateis se apartarão ẽ duas par
tes ficando hũa rua larga por onde
os nossos se embarcassem sem lhes
tocar a artelharia: com cujo medo
os imigos deixarão embarcar sem

nhũ ser morto nẽ ferido, q̃ pareceo milagre, sendo os inmigos tantos & eles tão poucos. E dali por diãte ate ho tone ser em saluo não achou Duarte pacheco mais perigo, & tornandose pera Cochim quasi ás dez horas do dia chegou ao passo, por õde passou de madrugada & achou ho todo çarrado de trinta & quatro paraós que estauão encadeados/ bem fornidos de gente darmas: pricipalmẽte de frecheiros: & cada hũ tinha seu tiro por proa: & em ambas as pontas do passo em terra estaua muyta gente que crẽdo q̃ os nossos auiã de ser ali mortos: ou tomados acodião a velo. E em os nossos aparecendo derão os imigos hũa grande grita. Duarte pacheco q̃ os vio mãdou ter os bateis: & juntos disse a todos. Se não soubera senhores q̃ ha dous meses que pelejais coestes perros, & q̃ sabeis suas rebolarias: & q̃ os conheceis, aida q̃ vos tenho por muyto esforçados, parecerame q̃ vos posera ẽ afrõta estarẽ como estão, porẽ nã digo eu ha dous meses mas esta manhaã d̃s seja louuado teuestes vos a barba a p̃to de sete mil de q̃ deixastes o chão bẽ cuberto de mortos: & assi fareis aestes cõ ajuda d̃ nosso señor, porq̃ posto q̃ estẽ embarcados a nossa artelharia lhe arrõbara os seus paraós: & como eles sã mais alterosos q̃ os nossos bateis nã nos podera fazer a sua outro tãto: por isso cõ a cõfiãça ẽ nosso deos demos neles leuãdo nossos bateis ẽ cadeados. Ao q̃ todos respõderão q̃ assi seria bẽ: & q̃ nã ya ali nhũ q̃ ouuesse medo a tais perros. E ẽcadeados os quatro bateis & os paraós de Cochim detras desparãdo logo sua artelharia a tiro despingarda forão cometer os paraós/ bradãdo todos por Sãtiago, & os imigos derão tambẽ grande grita/ & poserão fogo a seus tiros q̃ passarã por alto o q̃ os nossos não fizerão antes arrõbarão algũs paraos ao lume dagoa & os desencadearão. E acabãdo esta çurriada estauão os nossos a tiro de lãça dos imigos/ q̃ parece q̃ cõ medo dos nossos os abalrroarẽ lhes derão lugar pera q̃ passassẽ: o q̃ eles fizerão de boa võtade, porq̃ não cuydauão q̃ lhes auia de ser tã facil. E toda via tirãdo a artelharia & arremessos: & como passarão por eles virarãlhe logo as proas porq̃ se os seguissem lhes tirassẽ cõ a artelharia/ q̃ despois de Deos ela era sua saluação/ & segundo os imigos erão muytos ainda ela não abastaua pera os defender: principalmẽte de dez paraos q̃ os seguiã muy brauamẽte, & os outros trabalhauão por se ajũtar coestes, mas não erão remeyros: & isto valia aos nossos, q̃ de quãdo em quãdo fazião arremetidas os imigos/ porq̃ não cuydassem q̃ lhe fugião. O q̃ lhe ouuera de custar a vida, porq̃ nestas arremetidas os outros paraos os alcãçarã, & cercarão ẽ redõdo & apertauãnos cõ frechadas & arremessos/ & feriã lhe algũs: o q̃ vẽdo os de Cochĩ fugirão pa lá q̃ era perto: & disserã como ficauã os nossos: ao q̃ os capitães mores acodirão logo: mas ia seu socorro foi escusado: porq̃ os nossos meterão dous paraos no fundo em q̃ morrerão quantos estauão neles: & como nos outros auia muytos

feridos & mortos fugirão/ & os nos sos ficarão quasi todos muyto feri dos: & por isso Duarte pacheco os não quis seguir, & foyse pa Cochi. E no caminho achou os capitães mores q̃ os yão socorrer/ & cõ muy to grande prazer chegarã a Cochi onde lhes el Rey fez grande festa/ muyto espãtado do que fez Duarte pacheco/ & a ele mesmo rogou q̃ lho cõtasse. E dali por diante o teue em muyta cõta.

¶ Capit. lxj. De como Afonso dal buquerque foy carregar a Coulão & assentou feytoria.

D O desbarato destes paraós foy logo auisado el rey de Calicut/ assi como ho era de todas as cousas q̃ passauão nesta guerra: de que tinha muy grãde cuydado por desejar muyto d lãçar os nossos da India: a que naturalmente queria mal cõ medo que tinha d lhe tomarem a terra. E por isso desejaua de os lançar dela: & ho procuraua com tanta diligencia/ & assi em lhes tolher q̃ não ouuessem pimenta. Porque fazia conta/ que não a leuãdo pera Portugal/ seria causa de não tornarẽ á India: pois essa era a cor que dauão a sua vinda. E dali por diante proueo as armadas q̃ trazia nos rios cõ tamanha força de gente, & tantas munições, que nunca os nossos poderão auer mais de mil & duzẽtos quintais de pimenta dos quatro mil bahares q̃ os mercadores tinhão prometido. E esta foy auida cõ assaz bõbardadas & lãçadas, & cõ infindo derramamẽto de sangue dos imigos. E por derradeyro el rey de Calicut teue maneira cõ os mercadores d Cochim, que não dessem mais pimẽta ao capitão mór/ escusandose com a guerra. E de tal maneyra estauão sobornados, que nem rogos del rey d Cochi, nem peitas de Francisco dal buquerque os poderão mudar, pera que dessem pimenta. E desesperando de a auer em Cochi, foy Afõso dalbuquerq̃/ cõ Pero dataide, & Antonio do cãpo, a buscar carrega á cidade de Coulão: porque sabia q̃ seus regedores desejauão lá nossa feytoria, pelo offerecimento q̃ mandarão fazer a Pedraluarez cabral, & ao Conde almirante. E leuaua determinado que quando lhe não quisessem dar carrega, q̃ lhe fizesse guerra. Partido Afonso dalbuquerque de Cochim com os capitães que digo/ chegou ao porto da cidade de Coulão, que esta doze legoas d Cochi. Esta cidade como ja disse/ ãtes da edificação de Calicut/ era a principal do Malabar/ & ho mais grosso & rico porto de toda aquela costa. E cõ tudo ainda he grãde & fermosa/ suas casas, pagodes/ & mesquitas/ sam como as de Calicut/ & tẽ muyto bõ porto he muyto abastada de mantimentos/ & são como os d Calicut. Seus moradores sã Malabares gẽtios & mouros: Os mouros são muyto ricos/ & grandes mercadores: principalmẽte depois q̃ ouue guerra ãtre el rey d Calicut, & os nossos, q̃ muytos mercadores d calicut se forã lá morar. Tratã pa Choramãdel/ Ceilã/ ilhas d Maldiua/ Bengala/ Pegu/ çamatra/ & Malaca. Ho Rey desta cidade/

he muy grande senhor de terra: em q̃ ha grandes cidades, ꝛ muyto ricos portos de mar / em que tẽ grandes dereytos: ꝛ por isso he muyto rico de tesouros / ꝛ muyto poderoso de gẽte darmas: de que a mór parte sam frecheiros. Traz sempre ẽ sua goarda trezentas molheres, que tã bem sam frecheiras / ꝛ muy destras em tirar. E trazẽ todas nas mamas hũas fũdas de panos de seda: com que as trazem tão apertadas q̃ não lhe fazem nhũ nojo ao tirar. Tẽ ho mais do tempo guerra com el rey de Narsinga: ꝛ dalhe assaz q̃ fazer. Ho mais do tempo está em hũa cidade chamada Cale: ꝛ tem regedores em Coulão: em q̃ esta hũa igreja que milagrosamẽte fez ho apostolo sam Thome, vindo ali pregar a sãta fé catholica. E segũdo a gẽte da terra tẽ, foy desta maneyra: amanheceo hũ dia no mar hum muyto grande tronco darvore q̃ encalhou na praya. E porque fazia nojo mandou el rey tiralo: mas nem gẽte / nẽ alifantes ho poderão tirar tamanho era, que nẽ somẽte ho mouião. E vendo ho apostolo que desesperauão de ho tirar, preguntou a el rey / se tirãdoho lhe daria hũ pedaço de chão em que fizesse hũa igreja ẽ louuor de nosso senhor Jesu Christo, q̃ ho ali mandara. El rey se rio dele vẽdoho tão fraco como ele andaua da muyta austinencia que fazia: ꝛ ele lhe respondeo que ho poder de Deos com q̃ ele esperaua de tirar aq̃le tronco era muyto mór que ho seu. El rey lhe prometeo o que pedia, se ho tirasse. Então atou ho apostolo hũ cordão / q̃ trazia cingido em hũ esgalho do tronco: ꝛ tirãdo por ele leuouho ate ho lugar onde queria. Do que todos sespantarão: ꝛ muytos se tornarão Christãos: ꝛ el rey lhe deu lugar pera a igreja / que ele logo começou de edificar. E por ser costume na terra, que quando se começa algũa obra / antes que os officiaes lhe ponhão mão lhe dão certo arroz: ꝛ despois q̃ começão lhe dã cada dia á noyte hũa moeda chamada fanão q̃ val dezaseys reays. Quãdo ho apostolo ouue de começar a obra chamou os officiaes / ꝛ deu a cada hũ tanta quantidade da rea quanta lhe auia de dar darroz / que por virtude de nosso senhor se tornou nele. E despois q̃ começarã de trabalhar daua á noyte hũa cauaca a cada official / ꝛ tornauase fanão: de que todos sespãtauão muyto: ꝛ dizião que aquele homem era santo / ꝛ chamauãlhe Martama: ꝛ cada dia se conuertião muytos. E ainda agora antre os gentios deste reyno auera bem doze mil casas de Christãos que de geração em geração procederão destes. E tẽ antre si algũas igrejas: ꝛ isto no sertão. Assi acabou ho apostolo a sua igreja, que mandou enmadeirar daq̃le tronco. E vendo el rey de Coulão quantos se conuertião por seus milagres, mãdouho lançar fora de sua terra. E ele se foy a hũa cidade chamada Malaipur na mesma costa, ꝛ do senhorio del rey de Narsinga. E ainda aqui por ser perseguido dos gentios / segũdo dizẽ os Christãos de Coulão / se apartaua soo pelos matos. E andando assi dizem que hũ gentio que andaua ca-

çãdo vio estar muytos pauões jũtos no chão: ⁊ antreles hũ muyto mór que todos / q̃ estaua sobre hũa lagia / a q̃ ho caçador fez hũ tiro cõ hũa frecha / ⁊ atrauessouho: ⁊ leuãtandose cõ os outros tornouse no ár corpo domẽ. Do q̃ ho caçador espantado se foy contalo á cidade: de que veo ho gouernador dela velo: ⁊ vio q̃ aq̃le corpo era ho de sam Thome: ⁊ na lagia estauã figuradas duas pegadas domẽ. E ho gouernador ho mandou entrar em hũa igreja que ali fabricara. E enterrarãno seus discipulos: ⁊ eles leuarão a lagia que tinha as pegadas, ⁊ poserãna junto da coua. E quando ho meterão nela nunca lhe poderão meter debaixo da terra o braço dereyto. E assi esteue por muytos annos ate que ali forão Chis em romaria por ho terem por santo. E quiseranlhe cortar ho braço pera ho leuarẽ em reliquias pera sua terra: ⁊ ẽ ho querẽdo fazer ẽcolheose ho braço pera dẽtro ⁊ nunca mais foy visto. Esta igreja onde foy sepultado he feyta como as nossas cõ cruzes no altar: ⁊ hũa grande no meyo da abobada com pauões por diuisa: ⁊ está muyto dãneficada ⁊ cercada de mato, porq̃ a cidade he despouoada / ⁊ hũ mouro pobre tẽ cuydado dela por não auer na terra derredor Christãos: ⁊ pede esmola aos q̃ ali vão ẽ romaria assi Christãos como gẽtios: ⁊ os mouros lha dão tãbẽ por estar na sua terra. Chegado Afõso dalbuquerq̃ ao porto desta cidade, ⁊ sabẽdoho os regedores forão assẽtar coele paz a sua nao, q̃ se fez cõ cõdição q̃ os nossos teuessẽ feytoria na cidade: ⁊ q̃ pera aq̃las naos lhe dessem carrega: no q̃ se logo ẽtẽdeo. E no tempo q̃ aqui esteue em quãto hũa nao carregaua andauão duas, duas legoas ao mar: vigiando as q̃ passauão doutras partes ⁊ a todas fazião por bẽ: ou por mal q̃ fossem seus donos falar a Afonso dalbuquerq̃, ⁊ darlhe obediencia como a capitão mór del rey de Portugal: ⁊ não lhe fazia nhũ dãno somẽte ás dos mouros do mar roxo, ⁊ a estas queimaua despois de saq̃adas por vingança do que fizerão a Pedraluarez cabral: do que os de Coulão auião grãde medo. E acabada a casa da feytoria / ⁊ carregadas as naos deixou Afonso dalbuquerq̃ nela por feytor a hũ Antonio de sá com dous escriuães. s. Ruy daraujo / ⁊ Lopo rabelo, ⁊ ho Madeyra por lingoa, ⁊ frey Rodrigo por capelão, ⁊ Ruy dabreu, Pero lourẽço / ⁊ Gõçalo gil: ⁊ outros que per todos forão vinte / ⁊ deixãdoos em paz, partiose pera Cochim.

Capi. lxij. De como se assentou paz antre Francisco dalbuquerq̃ ⁊ el rey de Calicut, ⁊ como foy quebrada.

Muyto pesou aos mercadores mouros de Coulão do assento da nossa feytoria porq̃ a fora ho odio q̃ tinhão aos nossos parecialhes que os auião de fazer ir dali ⁊ trabalharão quanto poderão com el rey de Coulão: q̃ não consentisse a feytoria, ⁊ não ho podendo acabar meterão por terceyro a el rey de Calicut a quem escreuerão o que

passaua. Mas tã pouco acabou como eles do que ficou muyto triste: ꝛ mais conheceo que pera lãçar os nossos fora da India lhe aproueitaua pouco não os acolher ẽ seu porto, pois os reys ď Cananor, de Cochi / ꝛ de Coulão os acolhião nos seus ꝛ lhes dauã carrega. E vio claramente que não tendo paz com os nossos perderia suas rendas, porq̃ os mouros que lhas dauão nã tratauão como dãtes cõ medo dos nossos. E tendo paz coeles tornarião a seus tratos: ꝛ ele cobraria seus dereytos, de que tinha perdido muyta parte. Pelo qual ẽ todo caso lhe conuinha ter paz com os nossos. E deitada esta cõta / não quis dar parte dela senão a seu irmão, q̃ lhe acõselhou q̃ assi ho fizesse / dãdolhe pera isso muytas rezões. E secretamẽte mandarão recado a Frãcisco dalbuquerque sobre as pazes, com cõdição q̃ pagaria em pimenta a fazẽda q̃ fora tomada a Pedraluarez cabral. E cõ o parecer dos outros capitães / ꝛ del rey de Cochim foy assentada a paz cõ cõdição q̃ el rey de Calicut mandasse despejar suas armadas q̃ trazia pelos rios: ꝛ pela fazenda q̃ fora tomada a Pedraluarez desse quatro mil ꝛ quinhentos quintais de pimẽta pera os leuarẽ naquelas naos. E que auia de mandar entregar presos em ferros os Itilianos arrenegados: ꝛ q̃ nhũa nao de moures de Calicut podesse nauegar pera ho mar roxo: ꝛ q̃ auia de ser amigo del rey de Cochim. E coestas condições foy feyto hũ contrato de pazes antre el rey de Calicut / ꝛ Francisco dalbuquerque: sómente se tirou a entrega dos dous arrenegados / em que el rey de Calicut não quis consentir. E tirãdo esta cõdição assinou el rey ho cõtrato. E isto foy feyto tão secretamẽte nunca ho senhor de Repelim / nem nhũ dos mouros ho souberão senã despois de feyto: do q̃ eles ficarão muyto escandalizados, ꝛ tão sospeitosos del rey q̃ algũs se forão ď Calicut. E este segredo teue Nambeadarim, porq̃ a paz ouuesse effeyto: porq̃ nunca ho ouuera se ho souberão os mouros. Assentada a paz / logo Nambeadarim se partio pera Cranganor: porq̃ hi se auia de dar a pimenta que não quis q̃ se desse em Calicut / por se escusarẽ brigas, ou outras deferẽças q̃ poderião recrecer antre os nossos / ꝛ os mouros: ꝛ tambẽ pera dali poder logo recolher as armadas q̃ andauão pelos rios. E a Cranganor mandou Frãcisco dalbuquerq̃ Duarte pacheco pa leuar a pimẽta q̃ podesse na sua nao: ꝛ q̃ leuasse a hũ caualeyro chamado Rodrigo reynel pera feytor daquela pimẽta, ꝛ coele dous escriuães. Os quaes Duarte pacheco mandou a terra dandolhe primeyro Nambeadarim arrefens. E como ele desejaua muyto que esta paz fosse por diãte fez aos nossos todo ho bõ gasalhado q̃ pode. E deu na carregação da pimẽta todo ho auiamento q̃ foy possiuel: ꝛ deulhe oyto cẽtos quitais de pimẽta. E sabẽdo Frãcisco dalbuquerq̃ a cousa como ya / porq̃ se desse mór pressa, ẽ quãto Duarte pacheco descarregaua mãdou a Niculao coelho q̃ fosse por mais pimẽta, ꝛ ẽ q̃nto hũ ďscarregaua

ya outro carregar. E andando niſ-
to/ leuãdo hũ dia hũs Malabares
hũ tone de pimenta por dentro dos
rios pera Cranganor/ ho feytor de
Cochim ſem ho ſaber Frãciſco dal-
buquerque ho mandou tomar por
homẽs da feytoria/ dizendo que el
rey de Calicut cõ diſſimulação de
dar pimẽta aos noſſos mãdaua ao
mar roxo contra ho contrato das
pazes. E a pimenta foy tomada/ ꝛ
morto hũ dos Malabares: do que
Nambeadarim ſe aqueixou muyto
a Duarte pacheco/ porq̃ conhecia a
el rey ſeu irmão por tal que ſe auia d̃
querer vingar, ſe Franciſco dalbu-
querque não deſſe diſſo algũa emẽ-
da: mas ele a não deu. O que ſabẽdo
el rey de Calicut mãdou a Nambea
darim que ſoltaſſe pelos rios as ar-
madas que tinha recolhidas, ate co
brar o que valia a pimenta que lhe
tomarão. E reuolueoſe a couſa de
modo que os mercadores que leua-
uão pimenta á noſſa feytoria de Co
chim a não querião leuar. E Fran-
ciſco dalbuquerque que via que ti-
nha culpa naquilo / não ouſaua de
ſe queixar a Nambeadarim das ar-
madas que ſoltara pelos rios/ ꝛ diſ
ſimulaua. E mandou dizer aos mer
cadores que leuaſſem a pimẽta a hũ
certo paſſo: ꝛ que ele a iria hi rece-
ber. E mandou lá Pero rafael na
ſua carauela, ꝛ hũ batel armado em
ſua cõpanhia. E como forão no paſ
ſo forão logo ſobreles corenta pa-
raós/ ꝛ pelejarão coeles, ꝛ ferirão
lhe muytos. E tão mal tratada foy
a carauela/ que foy neceſſario ao ba
tel ir pedir ſocorro a Franciſco dal-
buquerque, q̃ lhe foy logo acodir: ꝛ
com ſua ida fugirão os paraós; ꝛ a
carauela ficou tão furada das bom
bardadas que a leuarão ao porto
da noſſa fortaleza: ꝛ tirarãna a mõ-
te pera a concertarem/ ꝛ daqui fica-
rão as pazes quaſi quebradas: ꝛ nã
ſe deu em Cranganor mais nhũa pi
menta/ nem Nabeadarim não quis
dar licença a Rodrigo reynel: nem
aos outros com quanto lha ele pe-
dio pera ſe ir pera Cochim / ꝛ diſſe
lhe que ſe não foſſe porque as pazes
não erão quebradas de todo q̃ ele eſ
peraua de as tornar a aſſentar: ꝛ fa-
zialhe ho meſmo fauor q̃ dantes/ cõ
todo ho gaſalhado que podia ſer/ ꝛ
ainda que Rodrigo reynel eſcreueo
a Franciſco dalbuquerque que ho
mandaſſe pedir ele não quis/ dizen-
do que ſe deixaſſe eſtar, porque ſe ho
mandaſſe pedir quebrarſeyão as pa
zes de todo: o que ele nã queria por
q̃ eſperaua de as tornar a aſſentar
quando paſſaſſe por Calicut pera
onde eſtaua de caminho.

¶ Capit. lxiiij. De como Franciſco dalbuquerque ꝛ Afonſo dalbuquerque ſe partirão pera Portugal/ ꝛ deixarão por capitão mór a Duarte pacheco em Cochim.

Estando as couſas neſtes
termos foy dado hũ reca
a Franſciſco dalbuquerq̃
de Cojebequim/ mouro
de Calicut q̃ era grande amigo dos
noſſos como ja diſſe/ q̃ el rey de Ca
licut eſtaua determinado de tornar
ſobre Cochĩ deſpois de ſua partida
pa portugal: ꝛ tomalo ꝛ fortificalo
de maneyra q̃ defẽdeſſe o porto a ar
mada q̃ vieſſe. E pa iſſo tinha aqui-

rido todos os senhores do Malabar: e que se affirmaua que ho auião dajudar el rey de Cananor e el rey de Coulão, e os mercadores mouros lhes dauão grandes ajudas. E ho mesmo escreueo Rodrigo reynel dahi a poucos dias/ e que el rey de Calicut ajũtaua gente e mandaua fazer muyta artelharia: e que os mouros de Cochim erão em sua aiuda, por isso que se não fiasse deles. E dali a dous dias foy el rey de Cochim ver Francisco dalbuquerque e contoulhe ho mesmo que ho sabia de hũs bramenes q̃ vinhão de Calicut, dizẽdolhe que oulhassem em que perigo ficaua de perder Cochĩ se não ficasse armada que ho defendesse, pondolhe diante quantos dã nos tinha recebidos por soster nossa amizade: e como por essa causa se leuantarão os seus cõtrele e ainda lhe querião tornar a fazer a mesma guerra: e porem que ele confiaua tã to na ajuda dos nossos, q̃ não queria outra pera se defender de seus imigos: por isso que lha não negassem. Ao q̃ Francisco dalbuquerque respondeo, q̃ se ele soubesse quãto tinha ganhado nos dãnos q̃ recebera por soster os nossos, q̃ receberia outros muyto mõres: se mayores podem ser. Porque deixãdo a fama que ganhara de verdadeyro e magnanimo: tinha cobrado por amigo a el Rey de Portugal que era senhor de taes vassalos como vira/ que tambẽ serião seus pera ho seruir quando cõprisse: e q̃ com pouco trabalho ho farião senhor doutras cidades mayores q̃ as de Cochĩ: e cresse q̃ assi como ho eles restituirã em seu estado/ q̃ assi ho cõseruarião nele: e que ele cria tão pouco ẽ el rey de Calicut/ q̃ posto que as pazes esteuerão mais firmes do q̃ estauão não se fora da India sem deixar nela hũa armada/ porq̃ bẽ sabia quã pouco se el rey de Calicut parecia coele ẽ ser verdadeyro: e se dissimulaua isto/ era pera ver se podia acabar de carregar em paz: porque por guerra não acabaria nunca: e acabaua se lhe a monção de sua viagem. Coesta reposta ficou el rey satisfeyto, e não podendo Francisco dalbuquerque auer mais pimenta que a q̃ tinha que era bem pouca/ determinou de se partir pera Portugal/ e primeyro declarar quem auia de ficar por capitão mõr na India pera que ho soubesse el rey de Cochĩ. E como ele sabia q̃ a ficada era muyto perigosa por a muyto pouca gẽte que podia deixar não ousaua de cometer a nhũ dos capitães que ficasse: e por derradeyro de a offrecer a todos/ e eles a não quererẽ a deu a Duarte pacheco que a aceitou de boa vontade mais pera seruir a Deos e a el Rey: que por lhe ser prouei tosa: que bem sabia quão pouca fazenda auia de ganhar em ficar na India da maneyra que sabia q̃ auia de ficar: e sabẽdo el rey de Cochim como ficaua, ouuesse por contente disso polo que dele sabia. E despois disto se partio Frãcisco dalbuquerque leuando toda a armada com dizer a el rey de Cochim que a leuaua ate Cananor por amor da armada de Calicut q̃ ho não salteasse: e por lhe nã fazer algũa roidaõ no seu porto õde se auia de deter: como deteue

pera pedir Rodrigo reynel / ⁊ os
outros q̃ hi eſtauão. E ſabido por
el rey ſua determinação / lhe man-
dou dizer que ho não leuaſſe: porq̃
ele não auia as pazes por quebra-
das. E ſe quiſeſſe eſperar, lhe aca-
baria de dar a pimenta que auia de
dar. E vendo ele iſto pareceolhe q̃
não era verdade o que dizião do a-
balo del rey de Calicut: ou deu a en-
tender que lho parecia aſſi / porque
ficaſſem de melhor vontade os que
auião de ficar na India. E nã quis
leuar Rodrigo reynel / nem os ou-
tros: nem quis eſperar pera tomar
toda a pimenta / porque era ja tar-
de. E vindo ali ter coele Afonſo dal
buquerque de Coulão ſe partirão
pera Cananor, onde lhes Rodrigo
reynel eſcreueo que a noua da ida
del rey de Calicut ſobre Cochim
era muyto certa / ⁊ que todos os cõ
primentos que fizera forão por me-
do de lhe não queimar as naos que
eſtauão no porto. O q̃ os capitães
móres encobrirão, porque ho não
ſoubeſſe Duarte pacheco / a quem
deixarão na ſua nao / ⁊ mais duas
carauelas / de q̃ erão capitães Pe-
ro rafael, ⁊ Diogo pirez: ⁊ hũ batel
de hũa nao, ⁊ deixarãlhe nouenta
homẽs: porque tirando os de que ti
nha neceſſidade pera marearem as
naos. os mais eſtauão muyto doen
tes. E aſſi lhe deixarão a mais arte
lharia / ⁊ munições que poderão.
E ſabendo todos ho grande poder
del rey de Calicut, eſpantauãſe de
querer Duarte pacheco ficar com
armada tão pequena: ⁊ dauãno ja
por morto / dizẽdo. Perdoe Deos
a Duarte pacheco / ⁊ aos que ficão
coele. E ainda que ho ele ouuia não
deixou de ficar / moſtrando que fica
ua muyto contente / nem nunca pe-
dio mais gente que a que lhe deixa-
uão. E deſpachado partirãſe os ca
pitães móres pera Portugal ho
derradeyro de Janeyro d̃ mil ⁊ qui
nhentos ⁊ quatro, partindo pri-
meyro Afonſo dalbuquerque / ⁊
Franciſco dalbuquerque, ⁊ Nicu-
lao coelho ſe perderão no caminho,
porque nunca mais ouue noua de-
les. E Pero da taide foy ter a Qui-
loa: ⁊ na barra ſe lhe perdeo a nao:
⁊ ele ſe ſaluou com algũa gente com
que ſe foy a Moçambique em hum
zambuco: ⁊ hi morreo de doẽça. E
primeyro q̃ morreſſe eſcreueo hũa
carta pera q̃lquer capitão de Por-
tugal que hi aportaſſe / em que con-
taua ſua perdição, ⁊ como ficaua a
India. E Afonſo dalbuquerque, ⁊
Antonio do campo chegarão a Liſ
boa a vinte tres Dagoſto do anno
que digo. E Afonſo dalbuquerque
contou a el rey como ficaua a India
⁊ deulhe quatrocẽtos arratẽs dal-
jofar ⁊ corenta de perolas ⁊ oyto
com conchas onde ho aljofar nace /
a que chamamos madre perola / ⁊
hũ diamão tauoleta tamanho co-
mo hũa grande faua, ⁊ muytas jo-
yas de pedraria / ⁊ dous caualos
hũ arabio ⁊ outro perſiano.

¶ Capit. lxiiij. Do que aconteceo a Antonio de ſaldanha ⁊ aos ſeus capitães ate chegarem á India.

ATras fica dito como An
tonio d̃ ſaldanha partio
de Liſboa por capitão
mór de Ruy Lourenço

rauasco/ ꝛ de Diogo fernandez pe- teira pera andar darmada no cabo de Goardafum ꝛ descobrir despois ho estreito do mar roxo. Pois par tido ele de Lisboa por culpa do seu piloto foy ter á ilha de sam Thome ꝛ daqui aquem do cabo de boa Es- perança, affirmandose ho piloto q̃ ho tinha dobrado/ ꝛ achouse atras dele onde agora se chama a agoada de saldanha/ que por Antonio de saldanha ir ali ter primeyro ꝛ fazer agoada em hũ rio que se ali mete no mar lhe ficou este nome: ꝛ daqui se partio Antonio de saldanha só por q̃ os outros dous capitães ja ãtes de chegar aqui se apartarão dele cõ tempo, ꝛ no caminho passado Mo çambiq̃ tomou tres naos de mou- ros que se lhe renderão sem peleja, ꝛ coelas chegou a Melinde onde a- chou Ruy Lourenço rauasco/ que apartado dele cõ ho temporal que lhe deu foy ter a Moçambique, dõ de não achando Antonio de salda- nha se foy a Quiloa, ꝛ despois de ho esperar algũs dias ꝛ não vindo se partio/ ꝛ saindo do porto tomou dous zãbucos de mouros de Mõ- baça que mandou dar a el rey de Quiloa por lhe fazer honrra/ ꝛ por andar por ali esperando Antonio de saldanha se foy a hũa ilha que se chama Zanzibar vinte legoas a ré de Mombaça, que tem rey ꝛ he po uoada de mouros, ꝛ antre ela ꝛ a ter ra firme se faz hũ canal/ õde se Ruy Lourenço deixou estar bem dous meses em que tomou muytos zam- bucos carregados de mantimẽtos da terra/ ꝛ despois se foy ao porto da cidade de Zanzibar õde chegou ao sol posto, ꝛ por isso não pode fa- zer mal a algũas naos ꝛ muytos zã bucos q̃ hi estauão: ꝛ ao outro dia lhe mandou el rey hũ recado/ que se ele era o que tomara os mantimẽ tos que leuauão pera sua cidade q̃ lhe perdoaua com tanto que lhe des se a artelharia q̃ leuaua ꝛ restituisse o que tinha tomado. Ao que Ruy Lourenço respondeo/ que se toma- ra os mantimentos fora por lhos não quererem vender: ꝛ que não co stumaua de dar a sua artelharia nẽ lha auia de dar: ꝛ que se quisesse ser amigo del Rey de Portugal q̃ ho seria seu. Ouuida esta reposta por el rey, mandou embarcar muyta gẽte em paraós que tinha pera tomarẽ a nao: o que vendo Ruy Lourenço antes que os mouros acabassem dẽ barcar mandou lá hũ Gomez car- rasco por capitão do batel com trin ta ꝛ cinco homẽs que com hũ tiro q̃ leuaua começou de sacodir os para ós antes que saissem do porto, com cujo medo os mouros os começa- rão de despejar. E nisto chegou Go mez carrasco a quatro que ainda es tauão pejados/ ꝛ aferrando coeles matou com os seus muytos mou- ros ꝛ os outros fez saltar ao mar, ꝛ tomãdo os paraós se tornou á nao ꝛ em se tornãdo chegou á praya hũ filho del rey com quatro mil mou- ros os mais frecheiros que y a aco- dir aos paraós, ꝛ deixarãse estar co mo q̃ goardauão ho porto. E Ruy Lourenço que os vio daquela ma- neyra, mandou depressa passar da nao algũs tiros a dous zambucos que tinha em que mandou por capi- tães Gomez carrasco ꝛ Lourenço

feo que leuando tambẽ ho batel se chegarão a terra ho mais que poderão. E ho filho del rey vendo os ir, cuydãdo que querião desembarcar ajuntou sua gente onde leuauão as proas ꝛ eles fizerão desparar sua artelharia ꝛ da primeyra çurriada derribarão trinta ꝛ cinco mouros segũdo se despois soube, ꝛ antreles foy ho filho del rey ꝛ ouue muytos feridos, ꝛ os outros fugirão ꝛ forão dar as nouas a el rey / que por não ser destruido mãdou pedir paz a Ruy Lourenço que lha deu com cõdição que ficasse vassalo del Rey de Portugal com pagar cem miticais de tributo cadãno ꝛ trinta carneyros. E ele foy contente, ꝛ pagou logo ho tributo daquele anno. Jsto feyto foyse a Melinde ẽ busca Dãtonio de saldanha que não era ainda vindo: ꝛ achou q̃ el rey de Mõbaça fazia guerra a el rey de Melinde por ser amigo del Rey de Portugal / ꝛ que estaua pera vir sobrele cõ muyta gente / do que el rey de Melinde estaua agastado: ꝛ Ruy Lourenço ho esforçou / dizendo que ele faria tanta guerra a el rey de Mõbaça q̃ ho deixasse: ꝛ partiose logo pera Mombaça ꝛ de caminho tomou duas naos ꝛ tres zambucos em q̃ tomou doze mouros que erão os principais regedores dũa cidade daquela costa chamada braua q̃ alem de se resgatarẽ por muyto preço por saluarem hũa nao que vinha atras em que trazião muyta riqueza se fizerão vassalos del Rey d̃ portugal com quinhentos miticais de tributo cadãno que logo pagarão. E chegado Ruy Lourenço á barra de Mombaça pos se ali pera tolher ás naos que fossem de fora que não entrassem / ꝛ soube logo que el rey de Mombaça era partido pera Melinde, ꝛ assi era. E sabẽdo el rey de Melinde como ya ho sayo a receber ꝛ ouuerão batalha. E não ficãdo a vitoria com nhũ el rey de Mõbaça se tornou logo, porque soube como Ruy Lourenço estaua na sua barra ꝛ temeose de desembarcar / ꝛ fazerlhe muyto dãno na cidade por a pouca gẽte que lhe ficaua: ꝛ andãdo muyto depressa chegou a Mombaça onde achou que tinha recebida muyto grande perda de seus dereytos por as naos que Ruy Lourenço estoruara que nã fossem a seu porto, ꝛ vio que lhe não podia fazer outra mayor guerra que aquela. E neste tempo chegou Antonio de saldanha a Melinde. O q̃ sabido por el rey de Mombaça temeose que cõ seu fauor lhe fizesse el rey de Melinde guerra / ꝛ por isso fez paz coele. E vendo Antonio de saldanha que el rey estaua em paz / partiose com Ruy Lourenço / ꝛ dobrado ho cabo de Goardafum forão ter a hũ lugar grande chamado Mete senhoreado por hũ xeque, com cujo consentimento Antonio de saldanha mandou fazer agoada / ꝛ fazẽdoha leuantaranse os mouros contra os Portugueses, que saindo bem da peleja com deixarem tres mouros mortos se recolherão: ꝛ esbombardeado ho lugar, nã se quis Antonio de saldanha ali deter mais / ꝛ atrauessou á costa Darabia acima Dadem pera ir inuernar a hũas ilhas que se chamão de Canacani, ꝛ ãtes

de chegar a elas tomou duas naos de mouros: ꝛ querendo fazer agoada na costa não pode por lho cõtrariarem os mouros per duas vezes, ꝛ tendo muyta necessidade dagoa por as ilhas a não terem, se partio pera outras que não pode tomar/ pelo que lhe foy necessario irse caminho da India/ ꝛ por ser ja lá inuerno foy com muyto perigo tomar a ilha Danjadiua/ onde ho achou Lopo soarez como direy adiãte, ꝛ Diogo fernandez peteira tambem passou muyta fadiga ꝛ foy ter a Cochĩ no cabo da guerra que Duarte pacheco teue com el rey de Calicut como agora direy.

¶ Capit. lxv. Do que ho capitão mór Duarte pacheco fez em Cananor indo pera Cochim: ꝛ do q̃ lá passou com el rey.

Partido Frãcisco dalbuquerq̃ pera Portugal, Duarte pacheco que ficaua por capitão mór na India, em quanto se auia de deter em Cananor pera tomar mãtimentos, foy surgir fora da ponta de Cananor: ꝛ dali mãdaua a Pero rafael andar de largo/ ꝛ que lhe fizesse arribar quantas naos podesse: ꝛ ele ficaua só: porque Diogo pirez ficara em Cochim com sua carauela a monte. E Pero rafael fazia arribar as mais das naos hũas por medo de as meter no fũdo com artelharia/ outras por sua vontade. Duarte pacheco sabia muy miudamente dõde erão/ ꝛ pera onde yão/ ꝛ o que leuauão/ ꝛ se achaua pimẽta tomauãlha. O que fez a algũas naos que yão de Calicut. E tão rigurosamente ho fazia que era muy temido. E fazendo isto hũa noyte derão sobrele obra de vinte cinco velas tão de supito, q̃ lhe fizerão crer que era armada de Calicut por as atoadas q̃ disso trazia. E pola pressa em que se vio mandou alargar a ancora pelo escouuem que a não podeleuar pelo cabrastante. E dando ás velas se fez na volta do mar pera se poer abalrauẽto daquelas velas, em que mandou desparar sua artelharia. E como erão zambucos carregados darroz, acolherão se quanto poderão, ꝛ algũs vararão ẽ terra se não hũa grãde não de mouros que vinha em sua conserua/ em que irião bem quatrocentos que erão do reyno de Cananor. E parecẽdolhe que se podessem ajudar dos nossos andarão coeles ás frechadas/ ꝛ bombardadas até ho quarto dalua que disserão quẽ erão tendolhe mortos noue homens, ꝛ feridos muytos. E porque ja neste tempo não ousaua de passar por ali nhũa nao com medo de ser tomada / partiose Duarte pacheco pera Cochim / ꝛ no caminho pelejou com algũas naos de mouros/ ꝛ delas tomou ꝛ queimou, ꝛ outras meteo no fũdo: ꝛ com muyto grãde vitoria chegou a Cochim á nossa fortaleza õde soube do feytor que a noua da guerra del rey d Calicut era verdadeyra, ꝛ que el de Cochim estaua com grãde medo/ ꝛ que os mouros de Cochim erão muyto contrairos a sofrer a guerra contra el rey de Cali-

cut. E ao outro dia foy ver el rey de
Cochim leuando ſeus bateys apa-
deſſados/ embãdeirados ⁊ artilha
dos: ⁊ fezſe muyto de feſta pera que
alegraſſe el rey de Cochim, que ſa-
bendo quão pequena armada lhe fi
cara não ſe pode alegrar: ⁊ muyto
triſte lhe diſſe q̃ os mouros de Co-
chĩ lhe tinhão dito q̃ ele não ficaua
na India ſe não pera recolher a fazẽ
da da feytoria de Cochim com ho
feytor, ⁊ os mais que eſtauão nela/
⁊ leuar tudo a Cananor/ ou a Cou-
lão: que lhe rogaua muyto que lhe
diſſeſſe ſe era verdade/ porque a ele
lho parecia ſegundo a pequena fro-
ta que lhe ficaua/ nem ele não quere
ria ficar pera pelejar com tamanho
poder como era ho del rey de Cali-
cut, ſenão pera fazer o que lhe os
mouros dizião: por iſſo q̃ lhe diſſeſ
ſe a verdade/ porque ſe era aſſi buſ-
caria ſeu remedio em quanto teueſ-
ſe tempo posto q̃ ele ho tinha bem
mao ſe ho ele deſemparaua, pois nã
tinha outrem que ho ajudaſſe: ⁊ co
nhecendo Duarte pacheco a deſcõ-
fiança del rey agáſtouſe muyto, ⁊
reſpondeolhe, dizendo. Muyto me
eſpanto de ti tendo tanta experiẽcia
da lealdade dos Portugueſes pre-
gũtarme ſe fiquey pera fazer tama-
nha treyção como ſeria ſe fizeſſe em
tal tempo o que te diſſerão os mou-
ros: ⁊ crelos ſabendo que ſam tama
nhos noſſos imigos como eſtá no-
torio: ⁊ ſabendo tudo iſto não deue-
ras de poer ẽ pratica hũa couſa tão
fora de rezão. Porque ſe a Frãciſco
dalbuquerque quiſera fazer muyto
melhor fora fazelo ele cõ todos os
capitães, porque deixandome ſó pe
ra ho fazer corro riſco de me ſair neſ
ſe mar hũa groſſa armada del rey
de Calicut ⁊ tomarme. E querẽdo
todauia que ficara pera ho fazer/
ele to diſſera ⁊ que ho fazia por ſe te
mer del rey de Calicut porque te ti
nha por tão arrezoado que te não
parecera mal fazelo por eſſa cauſa:
pois dela te reſultaua proueito que
ficauas liure da amizade del rey de
Calicut, o que ſe os mouros bem a
tentarão não diſſerão tamanha fal
ſidade, ⁊ cre q̃ ſe nos podeſſem em-
pecer em mais que ho farião, ⁊ ati
pelo amor que nos tẽs/ ⁊ eu ho ſey
muy bem: mas não te de diſſo/ que
poſto q̃ percas a eles ⁊ aos outros
de teu ſeruiço, cobras a mi ⁊ a quã-
tos Portugueſes qua ficão q̃ mor-
reremos todos por te ſeruir ſe for
neceſſario: ⁊ ꝑa iſſo ficamos na In-
dia/ ⁊ eu principalmente: q̃ ninguẽ
me obrigaua a iſſo, ſe eu nã quiſera.
Mas obrigou me ho deſejo que te-
nho de te ſeruir pola fé que goardaſ
te aos noſſos ate perder Cochim, ⁊
ho ver queymado. Do que te deues
de prezar muyto: pois por iſſo ſe eſ-
tendera tua grande fama per toda a
terra: ⁊ ficara teu louuor pera ſem-
pre, que he ho melhor teſouro q̃ os
reys podem deixar: ⁊ porque mais
trabalhão os bõs. E cré que el rey
de Calicut ficou vencido em te quei
mar Cochim. E aſſi como foſte deſ
pois bem vingado de teus imigos
pelos Portugueſes/ aſſi ſeras ago-
ra ajudado, ⁊ emparado por eles: q̃
ainda que pareção poucos, ⁊ a fro
ta muyto pequena/ eu te prometo q̃
muyto cedo pareçamos muytos
nas obras/ que eſpero em noſſo ſe-

nhor que auemos de fazer em defen der qualquer passo/ por onde el rey de Calicut quiser entrar: ꝛ q̃ hi ho auemos desperar: ꝛ nos nã auemos de mudar de noyte nem de dia. E pe ra os passos q̃ são estreitos sobeja a nossa armada. E por isso me nã ficou mayor, q̃ pera os rios abasta esta. E pois me amim escolherão pera ficar/ cre que sabião q̃ deixauão quem te escusará de trabalho/ ꝛ os teus de fadiga. E eu, ꝛ os que comigo ficão, auemos de ter sobre nos todo ho peso da guerra. Tu folga/ ꝛ descansa, q̃ prazendo a nosso senhor não ha de ser como da outra vez/ q̃ perdeste Cochim.

¶ Capit. lxvj. De como ho capitão mór Duarte pacheco fez que não despouoassem a cidade, os mouros de Cochim.

Assessegado coisto el rey, do aluoroço em q̃ os mouros ho tinhã posto: foy ver Duarte pacheco os passos de Cochi/ pera fortalecer os que teuessem disso necessidade/ ꝛ achou que nhũa não tinha se não ho do vao/ em q̃ mandou fazer hũa estacada pera ho çarrar, q̃ não podesse entrar nhũ nauio dos imigos. E neste tempo foy auisado por carta de Rodrigo reynel, que çamalamacar hũ mouro principal de Cochim/ ꝛ assi os outros trabalhauã quanto podião por se despouoar a cidade, porque el rey ficasse só/ ꝛ sobrisso fora çamalamacar falar duas vezes cõ el rey de Calicut, ꝛ lhe escreuia cartas: do que Duarte pacheco ficou muyto agastado: ꝛ por atalhar que não ouuesse efeyto aqle ardil/ pareceolhe q̃ seria bõ enforcar çamalamacar, pera q̃ os outros ouuessem medo. E sabẽdoho el rey de Cochim não quis, dizendo que se enforcassem aquele/ os outros se amotinarião logo, ꝛ não aueria mãtimentos na cidade, porque eles os mandauão trazer por mercadoria/ por isso q̃ seria milhor dissimular. E vendo Duarte pacheco q̃ el Rey não queria/ disselhe que queria fazer hũa pratica aos mouros: ꝛ q̃ tinha cuydado hũ ardil pera q̃ se não fosse ninguẽ da cidade/ q̃ mandasse aos seus que lhe obedecessem no q̃ lhes mandasse. Ho q̃ el rey mãdou perante ele mesmo: ꝛ isto mandado, ele se foy com obra de corenta dos nossos a Cochim a casa de Belinamacar, hũ mouro mercador hõrrado q̃ moraua perto do rio: ꝛ rogoulhe q̃ mãdasse chamar certos mouros que lhe nomeou: porq̃ lhes queria dar conta de hũa cousa que releuaua a todos/ a que os mouros forão logo, porq̃ lhe auião grãde medo, ꝛ vindo eles lhes disse.

¶ Mandeyuos chamar hõrrados mercadores/ pera vos dizer o porq̃ fiquey na Jndia, porq̃ quiça ho nã sabeis todos/ ꝛ por isso dizẽ algũs que fiquei pera recolher a feytoria, ꝛ leuala a Coulão: ou a Cananor: ꝛ porque saybais que não he assi vos quero dizer a verdade. Eu não fiqˡ pera outra cousa se não pera goardar Cochim: ꝛ se for necessario morrer com quantos ficarão comigo sobre vos defẽder del rey de Calicut:

⁊ iſto vereis claramente ſe ele vier/ q̃ vos pꝛometo que ho hey de eſperar no paſſo de Cãbalão/ per onde me dizem q̃ quer entrar: ⁊ ali ſe ouſar de pelejar comigo prẽdelo pera ho leuar a Poꝛtugal. E ate que nã vejais ho cõtrairo diſto, vos rogo muyto q não vos vades d Cochim donde ſey que eſtâis abalados pera vos ir/ ⁊ aluoꝛoçais ho pouo pera iſſo: ⁊ como ſoys os pꝛincipais, tomão os outros de vos exemplo pera ho fazer: ⁊ eu me eſpanto muyto d homẽs tã ſeſudos como vos, q̃rerdes deixar as caſas em q̃ naceſtes, ⁊ a terra em q̃ moꝛais ha tanto tẽpo, não cõ medo do que viſtes/ mas do que ſómẽte ouuis/ q̃ ainda pera molheres he couſa fea/ quato mais pera vos/ que ſe vos quiſereis ir com me verdes deſbaratado/ nã vos po ſera culpa/ mas fazerdelo ſẽ me verdes dar batalha/ ou he poꝛ couardia/ ou poꝛ malicia: pois ſabeis que ainda ontẽ tão poucos Poꝛtugueſes vẽcemos a eſſes milhares dimigos/ q̃ agoꝛa nos hão d vir buſcar, ⁊ ſe me dizeis q̃ eramos mais do q̃ agoꝛa ſomos, aſſi então auiamos d pelejar em cãpo largo/ onde era neceſſario ſermos muytos: ⁊ agoꝛa ẽ paſſo eſtreyto tanto auemos de fazer poucos como muytos/ pois ſe eu ſey pelejar, bem ho ouueries dizer: poꝛq̃ eu fuy ho que fiz mais dãno aos ĩmigos/ ⁊ bẽ ho ſabe el Rey de Cochim, q̃ mais perderá q̃ vos ſe eu foſſe vencido. E confiado ẽ mi ⁊ nos q̃ ficarão comigo/ eſpera ate verem q̃ para eſte feyto que eſperamos, ⁊ pois ele eſpera, vos poꝛque vos ireis. Lẽbꝛeuos q̃ eu ⁊ os que ficarã comigo, ficamos na India tã lonje de noſſa terra pera defẽder el rey de Cochi. E vos ſeus vaſſalos, ⁊ naturais da terra quereis deſẽparar a ele ⁊ a ela: couſa muy vergonhoſa he eſta pera poleás: quanto mais pera homẽs tão hõrrados como vos: peçouos muyto q̃ nã façais tamanha deſhonrra a vos meſmos, nem a mim tamanha injuria/ em deſcõfiar q̃ vos defenderey/ poꝛque vos dou minha fé, q̃ vos poſo defender doutro poder mayoꝛ q̃ ho del rey de Calicut, ⁊ poꝛ iſto me eſcolherã pera eſte feyto: q̃ bem ſabiã os q̃ me deixarã na India á guerra que el rey de Calicut auia de fazer/ ⁊ ho poder q̃ tinha/ poꝛ iſſo vos toꝛno a rogar que creais q̃ ſendo eu viuo que nunca el rey de Calicut metera pé em Cochi. E rogouos q̃ ninguẽ bula conſigo/ poꝛq̃ quem fizer outra couſa ſaiba certo q̃ ſe ho tomo que ho ey denfoꝛcar, ⁊ aſſi ho juro poꝛ minha ley, ⁊ ſabe que ninguẽ me pode eſcapar: poꝛq̃ aqui ey deſtar neſte poꝛto vigiando de dia ⁊ d noyte/ ⁊ agoꝛa veja cada hũ o que lhe cũpꝛe: ⁊ ſe fizer o q̃ lhe rogo termeha poꝛ amigo/ ⁊ ſe não poꝛ immigo/ ⁊ mais cruel do que eſpera q̃ ha de ſer el rey d Calicut: ⁊ cada hũ diga logo o que quer fazer. E dizẽdo iſto acendeoce tanto ẽ ira, que ſem atentar poꝛ iſſo falaua tã alto como q̃ pelejaua cõ alguẽ: ⁊ tinha o roſto tão vermelho que parecia verter ſãgue, com que aos mouros ſe lhe dobꝛou tanto ho medo q̃ tinhão dele/ que cuydauão q̃ os queria logo enfoꝛcar/ ⁊ começarão de ſe lhe diſculpar do que lhes dizia. E ele os não

quis acabar douuir / pera lhes fazer mór medo. E mandou logo surgir a nao defrõte de Cochim, ⁊ hũa das carauelas / ⁊ os dous bateis / postos ẽ tal compasso, que ningue͂ podesse sayr de Cochi per mar, que não fosse visto: ⁊ tinha tãbem muytos paraós esquipados / com q̃ de noyte vigiaua os rios q̃ cercauão a cidade. E como era sol posto, tomaua todos os barcos q̃ podião leuar gente ⁊ fato / ⁊ mãdauaos amarrar aos seus nauios / ⁊ faziaos vigiar: ⁊ pola manhaã os tornaua a seus donos. E continuamente corria estes rios, amanhecendo ⁊ anoytecendo em diuersas partes: porq̃ não teuessem dele nhũa certeza: ⁊ pera q̃ lhe ouuessem medo / mandaua prender algũs dissimuladamẽte, ⁊ mandauaos acusar pelos nossos q̃ se q̃rião ir: ⁊ tinhaos presos, cõ dizer q̃ os auia de mandar enforcar. E andando vigiando hũa noyte, topou q̃tro macuas, que são pescadores / pescãdo sem sua licẽça: ⁊ fez q̃ sospeitaua que se quirião ir / ⁊ prendeos em ferros, dizẽdo q̃ os auia de mandar enforcar. E sabendoho el rey, ⁊ crẽdo que os auia denforcar mãdoulhos pedir: do que se ele mostrou muyto menencorio / dizendo q̃ não auia de fazer ley pera a nã goardar / por isso que lhos não auia de mandar: ⁊ que os auia denforcar. E logo os mandou leuar pelo seu meirynho a hũa ilha pera q̃ os enforcasse: ⁊ secretamente lhe disse que lhos tornasse a trazer, ⁊ maudouos meter debaixo da cuberta da sua nao: õde despois de os ter escõdidos algũs dias, os mãdou a el rey muyto secretamẽte, porq̃ se não soubesse que os nã enforcarã. E co isto lhe ouuerã tamanho medo / que ningue͂ ousaua de sayr d Cochim sem sua licença: ⁊ com isto se assessegarã os mouros ⁊ gẽtios. E com todos estes trabalhos q̃ Duarte pacheco tinha / as mais das noytes saya em terra de Repeli, em que queimaua lugares, mataua gẽte / tomaua vacas, ⁊ barcos, ⁊ lhe fazia muytos outros dãnos: de q̃ os mouros de Cochi sespantauã muyto, como podia sofrer tanto trabalho / ⁊ dizião que era diabo.

¶ Capit. lxvj. De como o capitão mór Duarte pacheco fez hũ salto em terra de Repelim, ⁊ de como se partio pera ho passo de Cãbalão a esperar el rey d Calicut.

NEste tempo foy certificado el rey d Cochim, q̃ el rey d Calicut era chegado a Repelim, pera hi ajuntar sua gente, ⁊ irse a Cochim pelo passo de Cãbalão. E o mesmo recado escreueo Rodrigo reynel / qne a este tempo ficaua muyto doẽte, ⁊ morreo despois. E el rey de Calicut mãndou tomar quanto lhe acharão. E sabendo os mouros de Cochim q̃ el rey de Calicut estaua em Repelim / quiserã aluoroçar ho pouo pera q̃ fugissem: mas ninguem ousou de ho fazer, cõ medo de Duarte pacheco. E ele que isto sabia / por mostrar a todos quã pouco temia el rey de Calicut / nem a seu exercito ⁊ armada / deu hũa noyte em hũa pouoação de terra d

Repelim a horas q̄ todos dormião ⁊ poſlhe ho fogo. E ele bem ateado forão os noſſos ſentidos/ ⁊ acodio logo grande multidão de Naires/ aſſi do lugar como dos derredor. E Duarte pacheco ſe recolheo aos bateis cõ muyto perigo/ ⁊ ferirãolhe cinco homẽs: ⁊ dos imigos ficarão muytos mortos ⁊ feridos: ⁊ cõ tudo os viuos ſeguirão os noſſos hũ bõ pedaço em ſe tornando pera Cochĩ. E tãtas forão as frechadas ſobre os bateis que as padeſſadas yã todas cubertas de frechas. E ſabẽdo el rey de Cochim como era chegado á fortaleza foy ho ver, porque ouue por muyto grãde couſa ouſar ele de ſaltear a terra, em q̄ eſtaua el rey de Calicut tão poderoſo/ ⁊ aſſi lho diſſe. Do q̄ Duarte pacheco ſe rio/ ⁊ diſſe que não queria ſe não q̄ acabaſſe el rey d̃ Calicut d̃ chegar, ⁊ que rõpeſſe coele batalha/ ⁊ ali veria pera quanto erão os noſſos. E deixãdo coiſto aſſeſſegada a gẽte de Cochim, ⁊ tãbem com fazer hũa fala aos principais, ordenou ſua gẽte, que ſe queria partir pera ho paſſo d̃ Cãbalão. E na ſua nao deixou vĩte cinco homẽs com ho meſtre dela/ q̄ ſe chamaua Diogo pereyra/ q̄ deixou por capitão em ſua auſencia: ⁊ deixoulhe bem dartelharia ⁊ muniçõẽs pera ſe defẽder. E os nomes dos que ficauão coele erão, Chriſtouão pirez eſcriuã da meſma nao, Aluaro vaz/ Afonſo aluarez, Joã do porto/ João pirez/ João girarte/ Rodrigo afonſo/ Simão aluarez/ Bertolameu/ Antonio vaz/ Aluaro dobidos/ Diogo d̃ curuche, Frãciſco ramos/ Afõſo do porto, Paulo genues: aos outros nã ſoube os nomes. Na fortaleza ficauão trinta ⁊ noue homẽs, cujos nomes erão: Diogo feranndez correa feytor, ⁊ alcaide mór/ Lourenço moreno, Aluaro vaz, eſcriuães da feytoria/ Aires lopez alcaide pequeno, ho vigairo João de ſantiago, Gonçalo fernandez/ Simão mazcarenhas, frey Baſtião/ Diogo fernãdez/ Ruy gomez, João fernandez/ João pirez/ Aluaro cotano barbeiro, Andre diaz, Goterre, Joã pirez/ Aluaro dabreu, Coronel, Pero fernãdez, Fernão ſoarez/ João de ſogouia mercador Caſtelhano, ho Teixeira, Lopo d̃ carualhais/ João fernãdez/ Triſtão de repeda cirieiro, Baſtiã dalmeida, Martĩ bõbardeiro, Chriſtouão juſarte/ João caramenho/ Manuel martĩz criado da Ifante/ Diogo fernandez criado do biſpo da Goarda/ João Luys/ Pero ribeiro, João do baſto/ Rodrigo correa/ Diogo rodriguez/ João marquez, Lião rodriguez. E os que leuou forão eſtes, Pero rafael/ q̄ era capitão da carauela ſanta Elena/ leuaua vinte quatro homẽs coele: que forã Duarte fernãdez eſcriuã: Eſteueanes meſtre/ Franciſco fernãdez, Pedreanes/ João diaz/ Lourẽço darmada, Pero vaz, Jorge do porto/ Gonçalo fernandez/ João fernandez/ Franciſqueanes/ Niculao hires, Pero coelho, Pero bras/ Maçarelos/ João de leça/ Joã de ſantarem, Bautiſta genues, Jſbrão dolanda, Pero alemão, bõbardeiros/ ⁊ dos outros não ſoube os nomes. Em hũ dos bateis/ em q̄ mãdou que andaſſe Diogo pirez capi-

ção da carauela santa Maria / em quanto se lhe concertaua, forão Rodrigo esteuez, Manuel gonçaluez mestre da carauela, Bras fernãdez, João de caminha / Pero mendez, Diogo de Bragãça / Saluador gõçaluez / Antonio delgado / Luys de maçãs / João gonçaluez / Fernãdo de sam Pedro / ho Cardoso / ho Leytão / Domingueanes / Diogo de sam Pedro, Francisco Castelhano / Afonseanes, Adão gonçaluez / Fernando desmeralda, Fernãdo do mestre, Diogo rodriguez peqno / Ausbrote / Miguel afonso bõbardeyros. Ho capitão mór foy em outro batel, em q̃ leuaua estes homẽs que erão coele vinte ꝛ hũ. s. Simão dandrade / que era ainda moço / Afonso anibal / João fernãdez / João do vale meirinho da carauela santa Martha / Antonio gomez / Lopo de çãcal, Matheus bõbardeiros / Pero vaz / Tristão fernãdez, Garcia afonso, Inhigo d Portugalete / Marcos luys, Pedreanes carpinteiro / Jorge grego / João gomez ho jardo / Diogo fernandez, Diogo canario, João de vila de conde / Jeronimo pirez Fernão luis: ꝛ por todos erão setenta ꝛ tres os da carauela: ꝛ dos bateis. E todos confessados ꝛ comungados, se partio Duarte pacheco pera ho passo de Cambalão em sesta feyra de ramos dezaseys Dabril de mil ꝛ quinhentos ꝛ quatro. E desamarrouse do porto com muyto prazer ꝛ festa de tiros ꝛ folias. E chegando defrõte de Cochim foy falar a el rey que ho esperaua á borda dagoa tão triste q̃ ho nã podia ẽcobrir. E Duarte pacheco fazẽdo q̃ ho não entẽdia / lhe disse / q̃ ali yão todos cõ muyto grãde võtade pera ho defender del rey de Calicut: a que yão buscar / porq̃ não cuydasse q̃ lhe auião medo. El rey se sorrio como por força: ꝛ deulhe quinhẽtos Naires de cinco mil que tinha / de q̃ fez capitães Candagorá, ꝛ Frangorá seus vẽdores da fazenda, ꝛ ao Caimal de Palurte, ꝛ ao Panical darraul / a q̃ mandou q̃ obedecessem a Duarte pacheco como a sua propria pessoa. E acabado isto oulhou el rey pa a nossa armada / ꝛ pera os seus Naires ꝛ entristeceose muyto / como quẽ via quão pouca cousa aquilo era em comparação do poder del rey de Calicut: ꝛ disse a Duarte pacheco. Lembrame ho perigo em que te vejo: ꝛ o q̃ me acõteceo ho anno passado: rogote q̃ queiras o q̃ poderes: ꝛ nã te engane o coração. E lẽbrete q̃nto pde el Rey de Portugal se te perdes. E coesta derradeira palaura se lhe arrasarão os olhos dagoa: do que se Duarte pacheco agastou muyto, ꝛ diselhe q̃ mais podiã poucos ꝛ esforçados, q̃ muytos ꝛ couardos. E se os nossos erão esforçados bem ho tinha visto: ꝛ quão couardos erão os immigos. E q̃ no lugar onde os auia desperar poucos abastauão pa ho defẽder: por isso q̃ se não agastasse. E coisto se partio / ꝛ chegou ao passo de Cambalão duas horas ante manhaã. E não achãdo nhũ sinal da vinda del rey d Calicut / foy dar ẽ hũa pouoação do Caimal da mesma ilha, õde chegou ẽ amanhecẽdo. E no porto estauão ẽ terra bẽ oyto cẽtos frecheiros cõ algũs espingar

deiros. E posto q̃ sobre os nossos
chouião muytas frechadas/ ꝛ espi
gardadas/ as padessadas os defen-
dião, q̃ erão de tauoas de grossura
de dous dedos. E chegando a ter-
ra despararão sua artelharia/ com
q̃ fizerão alargar ho campo: ꝛ eles
desembarcarão. Porem logo os imi
migos tornarão sobreles/ ꝛ teuerã
lhe rosto bẽ mea hora: ꝛ despois fu-
girão ficando muytos mortos. E
como ja os nossos tinhão posto fo-
go ao lugar, ꝛ andaua bem ateado/
recolheose Duarte pacheco: ꝛ tor-
nãdose ao passo matarão os nossos
em terra muytas vacas q̃ leuarão,
posto que bem contrariados pela
gente da terra. E sendo ja no passo,
mandoulhe ho Caimal de Camba-
lão pedir pazes com hũ presente q̃
lhe ele não quis tomar, nẽ fazer paz
coele por ser imigo del rey ď Cochĩ:
donde lhe chegou recado per hum
Bramene/ q̃ ao outro dia lhe auia
el rey de Calicut de dar batalha: ꝛ
q̃ estaua injuriado de se lhe ele poer
naq̃le passo por õde queria entrar.
E disselhe que se affirmauão todos
que el rey de Calicut ho auia de prẽ
der: ou matar na batalha. Ao que
ele respondeo que aquilo esperaua
ele de fazer a el rey por amor do dia
que era de grande solẽnidade pera
os Christãos: q̃ mal acertarão os
seus feiticeyros de lhe prometerem
a vitoria em tal dia. Hũ Naire que
vinha cõ ho Bramene ouuindo di-
zer isto/ disselhe rindo como por es-
carnio: q̃ lhe via muy pouca gẽte pe
ra fazer o que dizia, ꝛ que a del rey
de Calicut cobria a terra ꝛ ho mar:
q̃ como auia de ser vẽcido. Do q̃ ele
ouue muyto grande menẽcoria, cuy
dando que fosse del rey de Calicut/
ꝛ deulhe muytas bofetadas, dizẽ-
do que lhe fosse dizer que ho vingas
se: do que os outros ficarão com tã
manho medo que nunca mais ousa
rão dabonar a el rey de Calicut. E
aquela tarde lhe mandou el rey de
Cochim quinhẽtos Naires de que
ele não fez nhũa conta/ nem dos ou
tros: porque sabia q̃ auiã de fugir:
ꝛ nos nossos despois ď nosso senhor
tinha confiança. E todos aq̃la noy
te fizerão grandes alegrias/ porq̃
soubesse el rey de Calicut q̃ ho não
temião, ꝛ mostrauã muyto esforço
pera lhe dar batalha. Do q̃ estaua
muyto ledo ꝛ antes que amanheces
se lhes disse a todos.

¶ Senhores ꝛ amigos meus o pra
zer ꝛ contentamento q̃ vejo em vos
tenho por muyto certo pronostico
da grandissima merce que nosso se-
nhor auera por seu seruiço de nos
fazer oje/ ꝛ creo verdadeyramente
q̃ assi como nos dá ousadia/ pera q̃
sendo tão poucos ousemos despe-
rar a tantos milhares de gente co-
mo sam nossos imigos: que assi nos
ha ď dar esforço pa lhe resistirmos:
ꝛ que quer oje fazer tamanho mila-
gre como este sera/ pa q̃ seja conhe-
cido seu poder: ꝛ sua santa fé exalça
da, ꝛ da sua parte vos peço eu q̃ assi
ho creais/ porque sem isso ainda q̃
nos fossemos tantos como os imi-
gos/ ꝛ eles tãtos como nos: todas
nossas forças não serião nada pera
os vencer/ ꝛ sendo como digo toda
a multidão dos imigos vos parece
ra muyto pouca pera os vẽcerdes/
ꝛ eles vos julgarão pelo dobro do

q̃ eles sam pera vos temer: ⁊ crede q̃ se vindo oje cõ tamanha presunção por serẽ muytos: ⁊ terẽ por tão certo de vos tomar vos ouuerẽ medo, daqui por diante lhes ficarão os spiritos tão quebrados pera vos cometer/ que se ho fizerẽ mais ho farão por medo del rey de Calicut, que por võtade q̃ tenhão pera isso. Por tanto lembreuos q̃ coesta confiãça aueis de pelejar pera vos nosso senhor fazer tamanha merce como sera daruos vitoria cõ honrra sobre todos os Portugues: ⁊ fama antre os estrãjeiros/ ⁊ merecimẽto diãte del rey nosso senhor pera vos fazer merces cõ que sustenteis vossas vidas. Ao q̃ todos responderão que no combate veria quam bẽ lhe lembrauão suas palauras: ⁊ logo ẽ giolhos disserão a Salue regina ẽtoada: ⁊ despois hũa Aue Maria cõ voz baixa. E nisto chegou Lourenço moreno da nossa fortaleza: ⁊ trazia quatro dos nossos espingardeyros pera se achar no combate/ ⁊ Duarte pacheco folgou muyto cõ sua vinda por ser muyto esforçado.

¶ Capit. lxviij. De como el rey de Calicut combateo os nossos no passo de Cãbalão: ⁊ de como foy desbaratado.

Esta noyte por conselho dos dous Jtilianos arrenegados mãdou elrey de Calicut fazer hũa estancia de cinco bombardas defronte donde estaua Duarte pacheco pera dali lhe darẽ combate quãdo ho dessem por mar/ porq̃ pola estreiteza do passo lhe podião fazer muyto dãno. E como amanheceo que foy domingo de ramos/ abalou el rey por terra com corenta ⁊ sete mil homẽs de peleja antre Naires ⁊ mouros/ ⁊ acompanhauãno aq̃les reys ⁊ Caimais q̃ ho ajudauão cõ suas pessoas ⁊ gente. s. Betacorol rey de Tanor com quatro mil Naires/ Cacatanãbari rey de Sipur, ⁊ de Cucurrão junto da serra de Narsinga cõ doze mil Naires/ Cocagatocol rey de Cotogão antre Cananor/ ⁊ Calicut junto da serra cõ dezoyto mil Naires/ Curiuacuil rey de Curiua/ antre Panane, ⁊ Cranganor cõ tres mil Naires, ⁊ assi Nambeadarim principe de Calicut, Nãbea seu irmão, ⁊ del rey de Calicut, Paranhira eratocol senhor de Cranganor/ Elancol nambeadarim senhor de Repelim, Papucol senhor de Chalião antre Calicut, ⁊ Tanor/ Parinhara mutacoil senhor da terra que está antre Cranganor/ ⁊ Repelim, Benara nambeadarim acima de Panane pera a serra, Nambari senhor de Banalacheri/ Papapucol senhor de Bepur ãtre Chani ⁊ Calicut/ Papucol senhor de Papuranguri: ho Caimal de Mãgate/ Nara/ ⁊ outros muytos caimais: q̃ por serem muytos os não escreueo. Os instormentos de guerra erão tantos, q̃ quando tocauão parecia q̃ furauão ho ceo: ⁊ a gente cobria a terra: ⁊ os que yão na dianteira, chegando á estancia derão fogo a artelharia, que segundo estaua p̃to da carauela/ parece q̃ foy milagre não lhe acertar nhũ tiro. E dos nossos acertauã todos nos imigos ⁊ matauão muytos: ⁊ ate ho sol say

do tirou a carauela trinta tiros: ꝛ então começou de sayr do rio de Repelim a armada dos immigos, que era de cento ꝛ sessenta nauios de remo.s.setenta ꝛ seys paraos com arrombadas de sacas dalgodão/ que este ardil derão os Italianos, porque lhe a nossa artelharia não fizesse nojo: ꝛ leuaua cada hũ duas bombardas/ ꝛ vinte cinco homẽs, cinco espingardeiros/ ꝛ os outros frecheiros. E vinte destes paraos yão encadeados/ ꝛ çarrados pera aferrarẽ logo a carauela: yão mais cincoenta ꝛ quatro catures/ ꝛ trinta tones de coxia com cada hũ sua bombarda / ꝛ dezaseys homẽs de peleja de diuersas armas. E a fora estes nauios armados yão muytos outros com gẽte q̃ cobrião ho rio: ꝛ yão em todos dez mil homẽs / de que era capitão mór Nambeadarí, ꝛ soto capitão ho senhor de Repelí. E certo q̃ era cousa de grande espãto ver tamanha multidã de imigos por agoa, ꝛ por terra, q̃ tudo cobriã ꝛ todos meyos nús/ ꝛ hũs baços, ꝛ outros negros. E o sol daua nas lãças ꝛ agomias q̃ trazião muyto luzentes: ꝛ resprandecião muyto mais com ho sol reuerberar nelas/ ꝛ assi os escudos q̃ erão de muytas cores, ꝛ tã finas q̃ parecião espadas açacaladas. E pera mais espantar os nossos aleuantauão grãdes gritas, ꝛ apos eles tocauão seus instromentos de guerra: ꝛ isto tão ameude que nunca cessauão cõ hũa cousa ou com outra. E os nossos estauão no meyo de tamanha multidão, q̃ quasi se não exergauão metidos na carauela/ ꝛ nos bateis/ com q̃ tomauão quasi todo ho passo/ cõ cabos dados d'hũs aos outros: ꝛ as amarras forradas de cadeas por lhas nã cortarẽ, ꝛ todos muyto esforçados dãdo fogo aos tiros, com q̃ recebe rão aos imigos. E neste tempo os del rey de Cochĩ fugirão todos, ꝛ ficarão somente Candagorá ꝛ Frãgorá por estarem na carauela ꝛ não os deixarem fugir/ pera q̃ vissem o q̃ fazião os nossos no combate/ que andaua ja muyto trauado. E erão tantas as bõbardas ꝛ espingardadas q̃ nem auia quẽ ouuisse/ nẽ visse cõ ho fumo da artelharia/ ꝛ a carauela/ ꝛ os bateis ardião em fogo. E na primeyra çurriada arrombarã algũs paraos dos imigos, ꝛ lhe matarão ꝛ ferirão muyta gẽte, sem os nossos receberẽ nhũ dãno, estãdo dos imigos a tiro de lança: ꝛ como erão muytos ꝛ sem ordẽ / hũs torrauão os outros q̃ não pelejassem. E com tudo a çarraçada dos vinte paraos q̃ estaua diante, apertaua muyto os nossos com a espingardaria q̃ trazião. E os nossos so frião muyto grãde trabalho mais de cansados, que de feridos. E auendo hũ pedaço q̃ duraua esta afrõta, mandoulhe Duarte pacheco tirar cõ hũ camelo q̃ ate ẽtão não tiraua pera outras partes: ꝛ de duas vezes q̃ tirou desmãchou a carraçada ꝛ arromboulhe quatro paraos / q̃ logo ficarão alagados: ꝛ coisto foy desbaratado ꝛ fugio. E logo outros paraos cõtinuarão ho cõbate: de q̃ os nossos meterão oyto no fundo/ ꝛ arrõbarão treze/ ꝛ os outros se afastarão cõ muytos mais mortos ꝛ feridos q̃ os primeyros. E apos

estes entrou ho senhor de Repelim cõ outro escoadrão, τ apertou muyto rijo os nossos: τ assi el rey de Calicut de terra. E este combate foy muyto mais rijo q̃ nhũ dos outros em q̃ forão mortos τ feridos muytos mais imigos q̃ dantes: q̃ éra ja a agoa de cor de sangue. E por mais q̃ ho senhor de Repelim bradaua q̃ aferrassem a carauela nũca ousarão antes fugirão, τ assi fugirão os da terra. E seria ja despois ð vespera/ q̃ ate então durou ho combate, em q̃ dos imigos assi na terra como no mar forão mortos trezẽtos τ cĩcoẽta homẽs conhecidos a fora os outros q̃ passauão ð mil: τ dos nossos não morreo nhũ somẽte algũs feridos de frechadas, τ algũs escalauados dos pelouros dos imigos: q̃ com quanto lhe acertauão τ yão muyto furiosos/ τ erã de ferro coado não fazião mais q̃ escalauralos como qualquer pedra darremesso, porem as suas arrõbadas forão todas passadas τ q̃bradas: τ hũ dos bateis foy arrõbado: mas não de maneyra que não fosse concertado antes da noyte.

¶ Capit. lxix. Do q̃ fez ho capitão mor Duarte pacheco despois deste combate.

Candagorá τ Frangorá q̃ estauã cõ Duarte pacheco quãdo virão os imigos desbaratados sem nhũa perda dos nossos ficarã muyto espantados: τ pedirãlhe perdão da desconfiãça q̃ teuerão de poder resistir aos imigos/ τ cõfessarãlhe q̃ ouuerão tamanho medo q̃ cuydarão de morrer/ τ q̃ ja estauão bẽ seguros de el rey de Calicut não poder ẽtrar por aq̃le passo: ele lhes rogou q̃ assi ho dissessem a el rey ð Cochi τ a sua gẽte: τ q̃ lhes fizessẽ perder ho medo q̃ tinhão/ τ despedios logo pera Cochi, õde eles achárão noua q̃ Duarte pacheco fora desbaratado, q̃ assi ho forão lá dizer os Naires q̃ fugirão em se começando ho combate. E sabẽdo el rey como passara a os castigou ð paláura muy rijamente: τ mandou visitar Duarte pacheco pelo principe de Cochi, τ por não deixar a cidade em tal tẽpo ho não fez por sua pessoa: τ assi lho mãdou dizer com outras muytas palauras da mor. E coesta vitoria q̃ nosso senhor deu aos nossos crerão el de Cochi τ seus vassalos tanto neles q̃ perderão ho medo del rey de Calicut, τ não ouue quem fallasse em se ir de Cochim. Duarte pacheco naquela noyte seguinte mandou aos seus q̃ erão da vigia que a cada quarto fizessem folias τ muytas festas de tangeres: porq̃ os imigos soubessem q̃ ficarão muyto descansados: τ q̃ os não tinhão em cõta: τ sabendo ele que no dia seguinte lhe não auião de dar combate/ despois de comer foy cõ corenta Portugueses sobre hum lugar do Caimal de Cãbalão em q̃ matou muyta gente/ τ ho queymou sem lhe matarẽ nem ferirem nhũ dos seus. E ao outro dia foy pola outra carauela que estaua concertada/ τ ẽtregue a capitania dela a Diogo pirez acabou de çarrar ho passo/ τ deu a capitania do batel em q̃ andaua Diogo pirez a Christouã jusarte. E ate

lhe el rey de Calicut dar outro cõbate fez sempre muyto dãno em Cãbalão, e a vespera do cõbate correo ho rio dambas as bandas e fez grã de destruyção.

¶ Capit.lxx. Do segũdo combate que el rey de Calicut deu ao capitão moor Duarte pacheco.

El rey de Calicut ficou muyto magoado de nã poder desbaratar os Portugueses daquele primeyro combate/ cujo esforço deitou em rosto aos seus capitães e lascarins deshonrrandoos grandemẽte. E auido perdão dos seus pagodes que os Bramenes lhe fizerão crer que estauão menencorios dele/ lhe disserão ho dia em q̃ auia de desbaratar os Portugueses que acertou de ser em dia de Pascoa/ pera o q̃ fez hũa armada mayor q̃ a passada de cem paraos e outros tantos catures e oytenta tones/ em que se embarcarão quinze mil homẽs: de que os cinco mil erão frecheiros, e duzentos espingardeyros/ e trezẽtos e oytẽta tiros dartelharia/ os mais deles de metal q̃ lhe fazião os dous milaneses q̃ por isso os tinha em grande estima, e lhe fazia muytas merces. E vido ho dia de Pascoa cuydou el rey de Calicut de tomar por manha Duarte pacheco, e mãdou sessẽta paraos sobre a sua nao pera que indo lhe acodir deixasse ho passo desemparado/ e ele podesse entrar em Cochim. E estes paraos forão sem os ver Duarte pacheco por hũ esteiro de marẽ que se metia no rio de Cochim/ por õde tambẽ el rey de Calicut podera ir sem passar pelo passo de Cambalã: e deixaua ho de fazer porque auia por injuria deixar de ir por aquele passo por amor de Duarte pacheco que lho defendia. E estãdo ele esperando polo cõbate espantado de como tardaua tãto/ sẽdo noue horas do dia lhe foy dito da parte del rey de Cochim q̃ acodisse á sua nao porq̃ lha tomauão os paraos que estauã sobrela. E entendẽdo ele logo ho ardil del rey d Calicut teue cõselho, ẽ que foy acordado que fosse socorrer a nao com a carauela de Diogo pirez e ho batel de Christouão jusarte/ porque tinha terrenho e vazãte de marẽ q̃ ho auião dajudar a ir mais asinha: e que se ho cõbate da nao fosse ardil pera os imigos entrarẽ ho passo que não podia a sua armada ser tamanha pois estaua repartida/ que lhe nã defendessem a entrada a carauela e ho batel que ficauã no passo ate que ele tornasse: que seria muy cedo com a marẽ e viração que começarião a esse tempo. E coeste conselho se partio: e indo a vista da nao deu a carauela em hũ baixo com que Duarte pacheco fez algũa detença em a tirar dele: e como os imigos a virão fugirão logo cõ medo. E nisto vẽtou a viração cõ que se Duarte pacheco tornou ao passo õde ja a frota del rey de Calicut estaua as bõbardadas cõ a carauela e cõ ho batel por mar e por terra e tinhãnos ẽ grande apto. E cõ a vinda de Duarte pacheco que lhe deu nas costas e os outros por diante forão tão mal tratados que fugirã;

bũs pelo rio acima & outros varãdo ẽ terra. E nesta peleja perderão os imigos dezanoue paraós queimados & alagados & forão mortos perto de duzẽtos deles & dos Portugueses nhũs: o que parecia milagre/ porq̃ a hũ calafate Bizcainho q̃ auia nome Inhigo de Portugalete deu em hũ ombro hũ pelouro de pedra do tamanho de hũa grande laranja/ & derribãdoho passou ainda lonje sem lhe fazer mais que hũa pisadura no hombro & no rosto & esteue hũ pouco atordoado: & a outro deu outro pelouro sẽ lhe fazer mal, & despois foy dar na padessada da carauela q̃ era d̃ boa grossura & passouha. E outro despois de dar em dous homẽs/ a que nã fez nada passou a amurada da carauela & assi outros. O q̃ os Portugueses tinhão por milagre & louuauão nosso señor que lhes daua esforço pera resistirẽ aos imigos de q̃ não fazião conta: & por isso logo ao outro dia foy Duarte pacheco q̃imar hũ lugar do Caimal de Cãbalão, & no caminho desbaratou quatorze paraós carregados de gẽte. E tornado ao passo foy certificado por dous Bramenes q̃ no dia seguite lhe auia el rey de Calicut de dar outro combate/ polo q̃ lhe deu hũ fardo darroz, que pera ho tempo era grande dadiua por a grande valia que tinha.

¶ Capit. lxxj. De como el rey d̃ Calicut foy desbaratado no terceyro combate.

Como quer que el rey d̃ Calicut tinha por muy ecrto leuar nas mãos os Portugueses no primeyro combate: & vio q̃ nã pode no primeyro nẽ no segundo arrepẽdeo selogo de fazer esta guerra & quisera deixala se podera/ mas os mouros ho estoruarão: & tambẽ seus vassalos se ẽfadauão coela cõ ho medo q̃ auião aos Portugueses/ em tãto que não se querião embarcar pera este terceyro cõbate, & embarcarãse cõ pregações dos Bramenes q̃ el rey mandou que lhes pregassem. E a armada cõ q̃ deu este terceyro combate foy mayor q̃ a do segũdo, & de mais artelharia, & auia corenta mil homẽs por mar & por terra/ & ẽ terra hũa estancia dõze tiros dartelharia: & por conselho dos dous milaneses forão os nauios da armada repartidos por escoadrões pera q̃ em cansando hũs entrassẽ outros. E em amanhecendo começarão os de terra de dar ho combate estando coeles el rey de Calicut que ho atiçaua cõ muyta pressa. Duarte pacheco porque os do mar se chegassẽ bẽ as carauelas/ & lhes fizesse mayor dãno, mandou a todos q̃ não se mostrassem ate os imigos não serẽ bẽ chegados. E eles cuydãdo q̃ era cõ medo derão hũa grãde grita dãdoos por tomados porq̃ assi ho dissera o os Bramenes da parte dos pagodes, & os immigos ho tinhão por tão certo q̃ indo em boa ordem se desordenarão cõ enueja de quem chegaria primeyro pera aferrar. E chegando a tiro de lãça despararão os Portugueses toda sua artelharia dãdo pelos da terra & pelos do mar/ matando muytos imigos, & metendolhe oyto paraós no fundo, de que ficarão tão salteados que se

teuerão sem passar auãte. E como
por comprirẽ com el rey de Calicut
que os via jugauão cõ sua artelha-
ria. E vendo el rey quão pouco fa-
zião/ mandou afastar ho senhor de
Repelim que estaua na dianteira ⁊
meter Nambeadarim com lhe mã-
dar que aferrasse logo as carauelas
mas tão pouco fez hũ como ho ou-
tro, posto que os de sua capitania
trabalharão bẽ por aferrarẽ: porẽ
os Portugueses faziã marauilhas
em se defender. E era a peleja muy
aspera dambas as partes/ assi dar-
remessos, frechadas ⁊ espingarda-
das que cobrião ho ceo/ ⁊ muytas
frechas cairão nas carauelas tran-
cadas hũas nas outras: por onde se
pode ver quantas erão que se encõ-
trauão no ár: ⁊ co isto ⁊ cõ ho fumo
da artelharia não auia quem se vis-
se nem ouuisse, ⁊ ver antre toda esta
matinada ⁊ multidão dos imigos
quatro cousinhas tão pequenas co
mo as carauelas ⁊ os bateis de que
os Portugueses se defendião tam-
bem que os não podião os imigos
aferrar era pera louuar a nosso se-
nhor por tão milagrosamente mos-
trar seu poder/ de ho dar aos Por
tugueses pera alẽ de se defenderem
offenderẽ aos immigos com tãtas
mortes/ feridas/ aleijões ⁊ destrui
ção de nauios/ que de ho não pode
rem sofrer se afastarão do combate
sem darẽ polos brados de Nambea
darim nẽ por seus ameaços: ⁊ bras-
femauão dos Bramenes que lhes
mentião. E em começãdo de se afas
tar acendeose fogo no batel de Chri
stouão jusarte, pelo que tornarão
ao combate cõ grandes gritas cuy
dando de tomar ho batel/ que não
tomarão por lhe ser defendido muy
rijamente/ pelo que se afastarão de
todo ⁊ fugirã/ ⁊ ho mesmo fez el rey
de Calicut com quãtos estauão cõe
le leuando a artelharia da estancia.
E isto seria hũa hora despois d meo
dia, ⁊ ho cõbate foy muyto mayor
q̃ nhũ dos passados: ⁊ despois sou-
be Duarte pacheco que forão dos
immigos mortos seys centos/ ⁊ q̃
lhes meterão no fundo vinte dous
paraós. E vẽdo ele que fugião foy
apos eles nos bateis tirandolhes
muytas bombardadas, ⁊ despois
saltou em terra ⁊ queimou dous lu-
gares/ ⁊ co isto estauão os imigos
muyto espantados, ⁊ dizião que
ho Deos dos Portugueses peleja
ua por eles. E logo na noyte seguin
te rendido ho quarto da prima foy
Duarte pacheco com corẽta ⁊ cin-
co Portugueses nos bateis quei-
mar hũa grande pouoação por as
espias lhe darẽ auiso que ho podia
fazer o que fez ate ho quarto dalua.
E tornado ao passo/ mandou dizer
a el rey de Cochim o q̃ fizera aq̃la
noyte/ por onde podia julgar quão
cansado ficaua com os seus do cõ-
bate: por isso que descansasse ⁊ não
lhe lẽbrasse a guerra, ⁊ por isso mã-
dou el rey fazer grandes festas. E
os mouros de Calicut q̃ ho sabião
tinhão por isso grande magoa/ ⁊
vendo que nã se podião vingar dos
Portugueses que estauão com Du
arte pacheco/ quiserão vigarse dos
q̃ estauão nas feytorias de Coulão
⁊ de Cananor escreuẽdo a estes do-

us reys que tal dia tomara el rey de Cailcut as carauelas: ꝛ matara os Portugueses,ꝛ estaua pera entrar em Cochim que matassem os que estauão nas suas cidades como ho tinhão prometido a el rey de Calicut,o que eles quiserão fazer se os não tornarão os Bramenes/dizendo que não matassem tão leuemente homẽs que tomarão em sua goarda ate que el rey de Calicut lhe não escreuesse/ꝛ assi ho fizerão:ꝛ logo se soube a verdade,pelo que tambem cessarão de fazer o que os mouros querião.

¶Capit.lxxij. De como el rey d Calicut quisera deixar a guerra.

Algũs daqles senhores que ajudauão el rey de Calicut vendo quão mal lhe socedia a guerra, ꝛ quão bem a Duarte pacheco temerão q̃ ho desbaratasse de todo / ꝛ porque se assi fosse ficauão perdidos por terem suas terras ao longo dos rios que lhas tomaria: ꝛ por isso determinarão de se ir do arrayal ꝛ poerse em parte que se a el rey de Calicut lhe não fosse melhor reconciliarião cõ el rey de Cochim pera q̃ Duarte pacheco esteuesse bem coeles / ꝛ se não tornarseyão pera el rey de Calicut. E estes forão ho Mangate muta Caimal vassalo del rey de Cochim / ꝛ hum seu irmão / ꝛ hum primo, que logo ao outro dia despois deste derradeyro combate se partirão secretamẽte ꝛ forão se pera a ilha de Vaipim. E quando el rey de Calicut ho soube sintioho muyto / ꝛ renououse lhe a magoa de se ver desbaratado tantas vezes/ ꝛ lembrandolhe quanto dãno tinha recebido despois de ter começada a q̃la guerra não tinha nhũa paciencia. E querendo ho algũs daqueles reys ꝛ senhores cõselhar,lhe dizião que não se agastasse por logo não vẽcer/ porque os Portugueses não se defendião se não como desesperados / ꝛ porem como erão poucos não lhes auia daproueitar/ ꝛ que os auião de tomar por derradeyro, ꝛ q̃ lhes parecia que se não erão ja tomados que era por a sua gẽte os não ter em conta. E ficando el rey muyto agastado destas palauras/lhes respondeo. Ainda que cada hum de vos seja tão esforçado que vos pareça pouco serem os frangues vẽcidos, não sou tão fraco que mo não pareça,nem me parece que vedes em mi temor pera me esforçardes coessas palauras / porque me podeis dizer que eu mais não sinta:pelo que neste caso me não podeis dizer cousa que me satisfaça / ꝛ se sintisseys o que eu sinto conheceríeis camanho feyto sera vencer os frangues que vos fazeis tão pequeno/ꝛ não ho hey por grande em serem vencidos se não em se defenderem como se defendem / que parece que ho seu Deos peleja por eles/ꝛ que os faz inuenciueis : ꝛ quereis ver que he assi/a nossa gente he muyta, ꝛ se he esforçada ꝛ sabe pelejar viose em muytas batalhas que venceo

desbaratādo grandes exercitos como sabeis/ & despois que peleja cō os frangues parece q̄ perdeo ho esforço, & ho saber pelejar: & he ho seu medo tamanho q̄ sendo sem cōto a respeito dos frangues/ não ousam daferrar coeles: no q̄ vejo o que todo homem de bō juyzo deue de ver q̄ esta obra mais he de Deos q̄ dos homēs, pois quē ha d̄ pelejar coele & quē lhe não ha dauer medo, & mais vendo que lho hão algūs dos q̄ nos ajudauão, q̄ nos deixarão & se forão. E tambē chegasse ho inuerno em que sera forçado recolherme, & na entrada do verão chegara a armada de Portugal & fara a que fez a do anno passado/ & nūca sayrey de desauenturas com que me acabe de perder de todo: pelo que me parece que deuo de deixar a guerra/ vede vos se vos parece assi. E logo o prīcipe Nambeadarim oulhando pera todos disse. Pois el rey nos pede conselho q̄ deue de fazer no que lhe vay tanto, eu como quē mais sinte sua perda direy meu parecer: que he de fazermos paz cō os frangues & sermos seus amigos, porque como diz el rey/ ho seu Deos peleja por eles/ & eu assi ho creo: porq̄ doutra maneyra ja forão tomados. E tambem me ajuda a crer isto a sem rezão que fazemos em fazer guerra aos frangues pera destroirmos el rey d̄ Cochi/ a q̄ sem nhūa causa temos feyto tanto dāno, matandolhe ho anno passado os seus principes, & q̄si toda sua gente: & queimandolhe Cochim sem nhūa causa como digo pois não foy por mais que por recolher em sua terra os frangues, que ēgeitados del rey de Calicut ho forão buscar/ não somente ēgeitados mas mortos/ & roubados, & lāçados fora de Calicut tēdo seguro del rey/ & recebidos ē sua goarda/ sem terē feyto porque recebessem tanto mal: porque se foy por deterē a nao de Cogeçameçadim nā tinhão culpa/ porque el rey lhe mandou que a deteuessem. E se ētão fora de todos conselhado tão verdadeiramēte como ho foy de mim, os mouros ouuerão de pagar o q̄ fizerão: & se ho pagarão mostrarase não ter el rey culpa no que eles fizerão pois a nā tinha, & isto abastara pera cōseruar a amizade dos frangues/ & não se forão de Calicut a Cochi, ōde el rey por maos conselhos trabalhou tanto polos auer como que lhe teuerão feyto grandes males, sendo eles tā bōs/ tão verdadeyros, tão mansos & tão esforçados & agardecidos do bem q̄ lhe fazem/ que por amor del rey de Melinde que os agasalhou alargarão duas naos carregadas douro: bē vistes quão rico presente trouuerão a el rey / q̄ mercadorias tinhão & quanto dinheiro pera a carga: bē vistes como derão a nao dos alifantes a el rey, não fazē isto ladrões q̄ lhe os mouros chamão/ nē no sam se não homēs pera folgarē de os ter por amigos: & mais pois el rey perde tanto em suas rendas não tēdo coeles amizade & se lhe acrecentão muyto tēdoa, porque nā a tēdo como sam muyto poderosos no mar defēderā q̄ nā venhā nhūas naos a Calicut/ & el rey ficara sem nhūa rēda: pelo q̄ se deue de fazer a paz. E como q̄ntos ali estauā erā pei

tados pelos mouros q̃ cõselhassẽ a el rey q̃ nã desistisse da guerra, assi o fizerã estranhãdolhe muito dizer q̃ queria desistir dela, abonãdoo de poderoso/ louuãdoo de muy ciuel, poẽdolhe temor de infame se desistis se da guerra. E os mouros lhe offre cerão logo suas pessoas ꝛ fazẽdas pera a guerra: ꝛ tãto fizerão hũs ꝛ outros q̃ el rey escolheo a guerra: ꝛ logo ali se assentou/ q̃ pois el rey nã podia passar polo passo de Cãbalã, q̃ passasse por outro q̃ auia nome pa linhar lonje daq̃le, q̃ por ser muyto forte ꝛ q̃si impossiuel a passagẽ por ele nã se goardaua: ꝛ despois d̃l rey passar por ele passaria a Cochi po lo passo do vao como fizera ho ãno passado. E isto assentado, logo ao outro dia foy leuãtado ho arrayal, ꝛ el rey passou pelo passo q̃ digo/ ꝛ assentou seu arrayal ẽ terra de Re peli ꝛ de Porquá sẽ ho saber Duar te pacheco/ q̃ nã teuerã suas espias tẽpo pera lho dizerẽ se não q̃ndo el rey d̃ Calicut começaua de passar.

¶ Capit. lxxiij. De como el rey de Calicut deu ho quarto cõbate a Duarte pacheco.

Como Duarte pache co sabia q̃ não podia estoruar a el rey a pas sajem por Palinhar por nã poder leuar la as carauelas nem os bateis por amor dos baixos q̃ auia: porẽ sospeitãdo q̃ a passajẽ del rey por ali era pera ẽtrar pelo passo do vao: determinou de lho defender, ꝛ porq̃ não podia leuar lá as carauelas tambẽ por amor d̃ baixos leuou as a outro chamado Palurte que esta dous terços de legoa do passo do vao, q̃ he de largo hũ tiro de bes ta ꝛ d̃ cõprido hũ pouco mais/ ꝛ cõ baixamar dá a mayor altura da goa pela cinta/ ꝛ ho outro he quasi descuberto ꝛ cõ preamar nã se pode passar por ser a agoa muy alta: ꝛ por este passo do vao ser tão perto do de Palurte fazia Duarte pacheco cõ ta que ho goardaria na vazante da maré cõ os bateis, ꝛ ho de Palurte ficaria goardado cõ as carauelas. E chegado a este passo, saltou na ilha Darraul em q̃ soube que anda uão quinhẽtos Naires de Calicut ꝛ cõ sua gente matou muytos ꝛ ca tiuou cincoẽta q̃ deixou denforcar por lhos el rey de Cochim mandar pedir. E sabẽdo q̃ ao outro dia que era ho primeyro de Mayo auia el rey de Calicut de cometer dentrar polo vao/ deixou Pero rafael nas carauelas cõ hũ sinal q̃ lhe faria se se visse em afrõta: ꝛ ele foyse antema nhaã cõ os bateis ao vao: ꝛ em che gãdo mandou dar aos seus grãdes gritas pera q̃ os imigos soubessem q̃ era chegado ꝛ q̃ os nã temia. E vẽ do q̃ ho não cometião/ tornouse a Palurte cõ a enchẽte dagoa ꝛ cõ a vazante se tornou ao vao/ ꝛ assi se reuezaua de dia ꝛ de noyte nas va zãtes ꝛ ẽchẽtes cõ muytas calmas ꝛ chuuas ꝛ cõ outros muytos tra balhos q̃ passou cõ os seus em hũ mes ꝛ vinte tres dias despois q̃ se mudou do passo de Cambalão. E em quanto lhe el rey de Calicut nã deu combate fez grande destruy ção na terra: ꝛ nisto foy auisado que el rey de Calicut ho auia de cõ

bater no passo de Palurte ꝛ q̃ ho se nhor de Repeli tinha a dianteira cõ quinze mil homẽs. E assi fez ele mo stra da armada hũa tarde vespera do dia em que se auia de dar ho cõ bate / ꝛ tirou toda a artelharia / ꝛ dauão os imigos suas coquiadas / ꝛ Duarte pacheco mãdou fazer ho mesmo aos Portugueses: ꝛ man dou arrasar a põta da ilha Darraul porq̃ os imigos não assentassem an tre ho aruoredo algũ tiro secreto com q̃ lhe fizessem dãno, ꝛ mandou dar cabos dũa carauela a outra pe ra fazer dous bordos se lhe com prisse: ꝛ toda a noyte fez cõ os seus grandes alegrias. E antemanhaã chegarão do vao Simão dandrade ꝛ Christouão jusarte, porq̃ ficaua seguro cõ a maré que enchia. E des pois de todos comerem, lhes disse. Bem sabeis companheiros q̃ el rey de Calicut vem oje sobre nos deter minado de nos entrar, ou por este passo / ou polo do vao: eu pela expe riẽcia que de vos tenho não lhe hey medo. E sobre tudo com a confiãça na misericordia de nosso senhor que por sua piedade nos não ha de ne gar sua ajuda / onde importa tanto pera sua gloria, por cuja honrra pe lejamos principalmente: ꝛ despois pola del Rey nosso señor. E deueis d̃ crer q̃ assi como nos ajudou sẽp̃ nos ajudará agora ꝛ tẽde por final disso ser oje baixa mar ao meo dia ate cujo termo não podẽ os imigos cometer ho vao, ꝛ por a força d̃ sua peleja sera ate estas horas se ate elas lhe defendemos este passo como es pero: eu vos dou por seguro o vao. E pera nos defendermos não vos ponhão temor seus feros / pois sa beis bẽ onde chegão: ꝛ lembreuos q̃ o que ategora tendes feyto pola misericordia d̃ nosso senhor (ele seja louuado) he hũa cousa tamanha / q̃ pa muyto mais: ꝛ muyto mais gẽ te do q̃ somos se pode cõtar por mi lagrosa. E pois ho nosso bõ Deos todo poderoso, vos quis cõ sua aju da deixar fazer cousas tão milagro sas: encomendouos muyto como a verdadeyros Christãos q̃ não quei rais perder esta gloria por algũa pouca dafrõta q̃ podereis oje mais receber q̃ os outros dias: porq̃ sera pera acrecentamento da honrra ꝛ fama q̃ ganhastes ategora. Ao que todos respõderão, q̃ assi ho farião: ꝛ que todos estauão pera ho ajudar ate morte. E sendo ho dia claro apa receo a põta da ilha cuberta de imi gos, pera darẽ dali combate com al gũas bombardas q̃ tinhão assenta das em estancias de terra, q̃ os em parasse da nossa artelharia. E dali começarão logo de cõbater muyto rijo: ꝛ nisto apareceo a frota, q̃ era de.ccl. nauios. E por vir ainda lõje ꝛ os imigos aptarẽ de terra / se me teo Duarte pacheco nos bateis / ꝛ a força de remo remeteo a ela: ꝛ sem temer os muytos tiros q̃ lhe tira uão saltou nela cõ os nossos: de que os imigos pola misericordia de nos so señor ouuerão tamanho medo q̃ se recolherão detras das suas estã cias / õde os nossos esteuerão pele jãdo coeles, ate q̃ a frota chegou p̃ to q̃ se tornarão a recolher. E vẽdo Duarte pacheco doze paraos q̃ vi nhão desmãdados diãte, foy pa os cometer: ꝛ por se eles d̃terẽ / ꝛ nã ou

farẽ de passar auãte, os não pode aferrar: ꝛ por ja chegar toda a frota recolheose ás carauelas: deixãdo arrombados dous paraós. E recolhidos mãdou abaixar todos os seus, porque os não matassem os tiros dos imigos q̃ erão muyto bastos: ꝛ chegarão se logo corenta paraós encadeados muyto perto das carauelas que as querião aferrar. E nisto mandou Duarte pacheco dar ás trõbetas, ꝛ os nossos se leuantarão cõ hũa grande grita desparando toda sua artelharia q̃ desencadeou logo algũs dos paraos, E por isso ho senhor de Repelim mandou ajũtar coeles outros: ꝛ os tiros erão tantos dambas as partes q̃ nhũa das frotas se enxergaua cõ fumo ainda q̃ dos imigos morrião boa soma como erão muytos: ho senhor de Repelim os fez passar auante/ que q̃si chegauão as carauelas. E dãdo as por aferradas, cessarão de tirar cõ a artelharia/ ꝛ então se acẽdeo a peleja mais braua q̃ dãtes: ꝛ as frechas/ ꝛ setas/ ꝛ lanças/ ꝛ paos tostados erão em tanta auondança/ q̃ faziã sombra nos nauios: ꝛ erão os gritos ꝛ brados tantos, q̃ parecia fundirse ho mũdo. E durou a peleja hũ bõ pedaço sem se inclinar a vitoria a nhũa parte: em q̃ os nossos sofrerão trabalho immenso. Porq̃ como os imigos erão sem cõto/ como hũs cansauão entrauão outros de refresco. O q̃ os nossos nã podiã fazer, ꝛ de cada vez lhes era necessario terem nouas forças: no q̃ se pode crer sem duuida/ q̃ nosso senhor supria ali com sua misericordia: ꝛ assi ho dizia Duarte pacheco aos seus trazendolhe a memoria o q̃ tinhão feyto, ꝛ ó que lhe prometerão de fazer naq̃la batalha. E assi ho fazião eles: ꝛ arrombarão/ ꝛ meterão no fundo tantos paraos, ꝛ matarão tantos dos immigos, que ja cõ medo nã querião pelejar, nem por mais promessas q̃ lhe ho senhor de Repelim fazia: a quẽ el rey de Calicut, que estaua de terra combatendo os nossos, mãdaua dizer muyto a miude que apertasse com as carauelas/ ꝛ as aferrasse. Mas nem por isso a gente ho queria fazer/ tamanho era ho medo que auia dos nossos. O q̃ vendo ho senhor de Repelim quis entrar ho passo pera cõtẽtar el rey: ao que eles resistirão muyto rijo/ posto que com afrõta grandissima: porque os imigos apertauão muyto por entrar: ꝛ como os paraos yã muy fechados, fez a nossa artelharia muy grande destroço neles/ ꝛ nos immigos. E as carauelas tambem receberão muyto dãno, que todas forão passadas/ ꝛ as arrombadas espedaçadas, ꝛ feridos muytos dos nossos. Mas quis nosso senhor, que ho fizerão tão esforçadamente/ q̃estes do mar se afastarão/ ꝛ os que estauão em terra deixarão logo a ponta com muyto dãno que receberão. E vendo el rey de Calicut que ho combate dos paraos cessaua/ mandou dizer ao senhor de Repelim que mal compria coele o q̃ lhe prometera daferrar as carauelas/ ou entrar ho passo: ꝛ que ho via muy afastado delas/ ꝛ que seu irmão seria ja perto do vao: ꝛ ele estaua lonje de ir laa. E coeste recado tornou ho senhor de Repe-

lim a apertar com as carauelas: ꝛ começou de chamar os seus: de que ho seguirão algũs que os ou tros auião medo: ꝛ com aqueles fez tanto como dantes. E estando Duarte pacheco nesta fadiga, chegou Candagorá/ ꝛ disselhe da parte del rey de Cochim, que Nambeadarim ya ao vao com grossa gente: ꝛ que não tardasse: porque el rey de Calicut lhe auia dir nas costas. E vẽdo do ele q̃ ainda era muyta agoa por vazar/ mandoulhe dizer / que se nã agastasse: que bem sabia ho tempo a que auia dacodir. Partido este messegeiro chegou logo outro com ho mesmo recado a Duarte pacheco que respondeo que os deixasse: porque nã era aquele ho dia del rey de Calicut/ nem era tempo de perder ponto/ que se a venturaria nisso muyto: ꝛ que não era ainda desembaraçado dos paraós. E posto que Nambeadarim chegasse ao vao/ nã ho auia de poder passar / por auer muyta agoa por vazar: que ele sabia quando auia dir. E como ja se chegaua a vazãte da maré/ foyse el rey de Calicut com a gẽte q̃ tinha pera ajudar a seu irmão a entrar ho vao: ꝛ com sua ida os immigos se afastarão de todo/ ꝛ se forão. E deixando Duarte pacheco este passo seguro, partiose pera ho vao: onde auia de fazer pouca detença/ por ali durar pouco a vazante da maré. E chegãdo lá foy baixa mar de todo/ ꝛ a gẽte de Nambeadarim começaua de chegar ꝛ leuaua algũs berços ẽcarretados: Duarte pacheco pos a proa neles / ꝛ entrou pelo vao ate dar em seco tirando cõ a artelharia ꝛ espingardaria, ꝛ almazẽ de setas/ ꝛ arremessos com que fez neles tanto dãno, q̃ se detiuerão sem passar mais auãte. E como eles erão muytos/ os nossos não podião errar tiro: ꝛ os imigos não acertauão nhũ: porq̃ todos dauão nas padessadas dos bateis. E nisto chegou a força da gente de Nãbeadarim, q̃ erão doze mil homẽs/ ꝛ hũs cometerão dẽtrar ho vao, outros carregauão sobre os bateis que não nadauão. E foy hũa braua peleja sobre chegarẽ a eles: ꝛ os tiros ꝛ arremessos erão muytos dambas as partes: q̃ certo não se pode contar quão medonha cousa era ver os bateis q̃ se não podião bolir/ ꝛ os nossos dentro cercados de tantos imigos/ q̃ não trabalhauão por outra cousa se nã por chegar a eles. E como Deos milagrosamente os tinha/ q̃ ho não podião fazer/ antes muytos se retirauão/ ꝛ outros se tinhão quedos/ caindo muytos mortos, ꝛ feridos. que era a agoa de cor de sangue. E isto duraria hũa grande hora: ꝛ no cabo dela começarão os bateis de nadar. Os nossos que ho entenderão apertarã tão rijo cõ os imigos q̃ lhes fizerão deixar ho vao/ ꝛ acolherãse a terra muyto cõtra võtade de Nãbeadarim, a q̃ neste tẽpo chegou gẽte de refresco, q̃ lhe el rey mãdaua. E coela tornou a entrar no vao/ ꝛ tão aluoraçado que não atẽtou pola maré que crecia. E Duarte pacheco polo ẽganar mostrãdo q̃ lhe auia medo se retirou bẽ pera dẽtro do vao, sẽ tirar sua artelharia: ꝛ cõ a gẽte abaixada. Os imigos dãdo grãdes gritas entrarã apos ele

com agoa pela cinta: ⁊ vendo os ele bem metidos virou sobreles as bõbardadas, ⁊ ferindo ⁊ matando algũs os fez fugir. E mór dãno lhes fizera, se os deixara entrar mais dẽtro. E não os deixou porq̃ a gẽte de Cochĩ começaua ja de sayr ao vao. E não quis q̃ cuydassem que ho ajudauão/ nem menos quis que ho ajudassem no começo: porq̃ trabalhaua por lhes mostrar que os seus abastauão pera desbaratar os imigos sẽ sua ajuda. E recolhidos os immigos a terra, que seria a horas de vespera/ fez lhe tanto dãno que se meterão bẽ pelo sertão: ⁊ assi nesta peleja como na de Palurte lhe não matarão nhũ dos seus: ⁊ dos imigos não se pode saber ho numero dos mortos, se não q̃ forão muytos ⁊ perderão muytos paraós. E el rey d' Calicut ficou tão agastado, ⁊ triste por ho senhor de Repeli não aferrar as carauelas, nẽ seu irmão entrar ho vao, que lhes disse a ambos palauras muyto injuriosas.

¶ Capit. lxxiiii. De como algũs q̃ erão da parte del rey de Calicut se passarão pera el rey de Cochĩ.

Esbaratados os imigos/ ⁊ chea a maré no vao tornouse Duarte pacheco aas carauelas/ que achou em paz. E el rey de Cochim lhe mandou preguntar como lhe ya/ ⁊ aos seus: ⁊ ele lhe respondeo que bem, ⁊ que assi lhe iria sempre/ se soubesse que se auia por seruido do que tinha feyto. Vẽtida esta batalha, ho Mãgate, ⁊ seu irmão que estauão na ilha de Vaipĩ perderão de todo a esperãça que el rey de Calicut ouuesse vitoria. E tẽdo mandado parte de sua gente a el rey de Cochim se forão parele com a outra/ com que Duarte pacheco não folgou nada/ porque se não fiaua deles pola deslealdade q̃ tinhão cometida a el rey de Cochim ho anno passado: ⁊ por lhe não quererem acodir com sua gente no começo daquela guerra sendo seus vassalos: porẽ dissimulou isto. Ao outro dia que el rey ho foy ver leuando os cõsigo ⁊ todos ho abraçarão despois, ⁊ oulhauãno como espantados do que tinha feyto contra el rey de Calicut. E entendendoos ele disselhes que se não espantassem/ porque ainda tornaria a fazer o que tinha feyto/ ⁊ que não ouuessem por muyto desbaratar a el rey de Calicut/ porque a outros mores reys desbarataria com aquela gente. E os senhores responderão que se não espantauão de desbaratar a el rey de Calicut/ se não de como ousara de ho cometer: ao q̃ ele disse que assi fizera el rey grande doudice nisso. E passadas antreles outras muytas palauras de muyta honrra de Duarte pacheco/ offrecerãselhe ho Mãgate ⁊ outros senhores por seruidores del Rey de Portugal: ⁊ despois se tornarão pera Cochĩ/ a q̃ logo foy noua q̃ no arrayal del rey de Calicut sobreuiera hũa supita doẽça: que como hum homem adoecia morria logo, ⁊ aquele que mais duraua não passaua de dous ou tres dias, ⁊ erão muyto poucos

os q durauão tanto, ꝛ a doença era como peste: se não que nã nacião leuações: ꝛ morrião cada dia duzentos homens: ꝛ por isso se foy a moor parte da gẽte do arrayal, porque a doença durou muytos dias/ ꝛ foy cousa de milagre que não morrião se não no arrayal del rey de Calicut q̃ com esses reys ꝛ senhores que ho ajudauão se afastou hũ pouco do corpo da gente porq̃ se lhe nã pegasse este mal. E assi esteue ẽ quãto durou, que sem duuida parece que foy praga mãdada por nosso senhor pera que os nossos teuessem tregoas: ꝛ descansassem/ porque cessarão os inmigos da guerra em quãto durou esta doença: ꝛ os de Cochim estauão coela muyto ledos. E neste tẽpo forão ter a Cochim muytas naos dos mouros que hi morauão: que por seu mandado yão de Charamãdel inuernar a outras partes: porque não ouuesse em Cochim mãtimentos: ꝛ se despouoasse. E parece que nosso senhor não quis que isto ouuesse effeyto ꝛ deu tempo nas naos com que lhes foy forçado arribar a Cochim, ꝛ ali inuernarão ẽ que lhes pesou/ ꝛ venderão os mãtimentos que trazião com que a terra foy muyto abastada.

¶ Capit. lxxv. Como el rey de Calicut em pessoa combateo ho passo do vao.

Todas estas prosperidades del rey de Cochim forão logo sabidas por el rey de Calicut q̃ lhe acrecẽtarão mais a magoa q̃ tinha d' ver quão mofino era. E descõfiando de seus capitães fazerem cousa boa, quis meter coeles sua pessoa pa ẽtrar ho vao: ꝛ esquecido de q̃ntas injurias dissera aos Bramenes/ preguntoulhes q̃l seria bõ dia pera este cometimẽto. E eles lhe disserão q̃ os pagodes estauão muyto menencorios dele por as injurias q̃ lhes dissera: ꝛ q̃ em pẽdẽça lhe mãdauão q̃ fizesse hũ turcol no lugar da peleja: ꝛ q̃ aueria vitoria, ꝛ q̃ desse a batalha a hũa quĩta feyra seys ou sete de Mayo. Do q̃ logo Duarte pacheco foy auisado por suas espias/ ꝛ mandou fazer padessadas nouas: ꝛ arrombadas, ꝛ muyta soma de dados de ferro pera meter ẽ rocas de fogo com q̃ tirassem aos imigos ꝛ assi muytos paos tostados agudos pera arremessos/ ꝛ muytas estacas dareca de pontas agudas ꝛ fotis, pera meter no vao pera os imigos se estreparẽ nelas: porq̃ todos yão descalços/ ꝛ ja tinha metidos abrolhos de ferro: ꝛ por serẽ curtos acrauauãse na area. E feyto isto tornouse pa as caranelas, õde deixou repousar sua gẽte atee a mea noyte. E despois de comerẽ deixando em seu lugar a Pero rafael, partiose pa ho vao nos bateis: ꝛ chegou la hũa quinta feira sete de Mayo hũa hora ante manhaã dando suas gritas, ꝛ fazẽdo suas festas costumadas por esforçar os de Cochim: ꝛ porq̃ soubessem os de Calicut q̃ era chegado, ꝛ achou trezentos Naires na estacada, q̃ lhe disserão/ q̃ ao dia dantes despois de ele ido: se forã dali muytos Naires do Mangate: o q̃ lhe pareceo treyção ꝛ mandouho dizer por hũ Naire ao

rincipe de Cochi, τ q̃ se viesse logo
a a estacada, porq̃ ele estaua ja no
ao esperãdo por el rey de Calicut
seria coele em amanhecẽdo. Mas
ste Naire não deu ho recado ao pri
ipe, se não a tẽpo q̃ nã aproueitou.
E em amanhecendo começou da so
nar ho exercito dos imigos q̃ vi-
lha repartido por esta maneyra: yã
diante trinta tiros dartelharia/ τ
ogo ho principe Nambeadarim cõ
hũ escoadrão de dez mil homẽs/ os
dous mil frecheiros, τ trinta espin
gardeiros: detras dele ho senhor de
Repeli cõ outra tanta gẽte: τ nas
costas el rey de Calicut com quinze
mil homẽs, τ obra de q̃trocẽtos cõ
machados pera cortarẽ a estacada.
E Duarte pacheco nã tinha mais
q̃ corẽta homẽs em ãbos os bateis:
τ ẽ cada hũ q̃tro berços/ porem bẽ
prouidos d̃ munições. Os imigos
q̃ acõpanhauão a artelharia, q̃ era
hũ bõ corpo de gẽte: em chegando
começarã logo d̃ tirar aos nossos.
O q̃ vẽdo Duarte pacheco foyse a
eles tirãdo sua artelharia com que
lhes fez deixar a praya τ recolherse
ao palmar ficando algũs mortos.
E dali esteuerão hũ pedaço jugãdo
as bõbardadas ate q̃ chegou todo
ho corpo dos imigos/ q̃ cobrião to
da a terra. Nambeadarim q̃ tinha a
dianteira mandou logo cometer os
nossos cõ grande furia/ τ eles ho fi
zerão ter: assi cõ a artelharia, como
cõ as rocas de fogo q̃ lhe lançauão,
τ os dados matarão muytos: τ vẽ-
doos os imigos saltar ficauã muy
espãtados, τ cuydauão q̃ erão feyti
ços, τ porq̃ a agoa vazaua muyto
rijo recolheose Duarte pacheco pe-
ra ho alto por não ficar ẽ seco/ τ mã
dou a Christouão jusarte q̃ tomas-
se a boca do vao τ a defendesse, porq̃
a não tomassem os immigos/ que
cada vez apertauão mais pera en-
trar: τ entrarão muytos/ τ sobre is
to foy hũa muyto crua τ espantosa
peleja/ τ forão tantos mortos τ fe-
ridos dos imigos/ q̃ se teuerão por
mais que Nambeadarim lhes brada-
ua q̃ passassem auãte/ τ era a pressa
tamanha dos nossos em se defẽder
pelo grande aperto em q̃ esteuerão
que não ouuio: q̃ lhe disserão algũs
que os Naires de Cochi erão fugi-
dos da estacada/ τ a deixarão só. E
nisto se auiuou mais a peleja, porq̃
chegou el rey de Calicut, q̃ Duarte
pacheco conheceo por a bandeira/
τ sombreiro q̃ leuaua/ τ mandou ti
rar cõ hũ berço ao lugar õde pare-
cia com tenção de ho matar, τ não
foy morto por se ele baquear do an-
dor em q̃ ho leuauão/ τ ho pelouro
matou dous homẽs jũto dele, τ co-
mo ele isto vio afastouse logo dali/
com que os seus se aluoraçarão tã-
to que se meterão de roldão ao vao,
τ com a furia que leuauão se encra-
uarão muytos nas estacas sem atẽ
tar por isso: τ cayão hũs por cima
dos outros / τ embaraçaranse de
maneyra que esteuerão quedos / τ
teuerão os nossos tempo de os ma-
tar com setadas τ espingardadas/
mas nem por isso deixauão de co-
brir a agoa τ a terra tantos erão
E nisto os dos machados derão
na estacada (sem os nossos atenta-
rem com acupação que tinhão) τ
como a acharã sem goarda por serẽ
fugidos os de Cochim começarão

de a cortar: ꝛ entrarão logo algũs frecheiros dando grandes gritas, ꝛ tirarão aos nossos que ficarão cercados de todas as partes: de q̃ os combatião fortemente. Duarte pacheco q̃ vio a estacada entrada esteue em grãdes duuidas/ porq̃ se lhe acodisse ẽtrauão os imigos ho vao ꝛ dãdolhe nas costas ho tomarião ás mãos/ ꝛ se lhe não acodia entrarião por ela todos ꝛ irião destruyr Cochi sem lho poder defender. E por derradeyro determinou dacodir á estacada, porque nela se poderia melhor emparar dos inmigos ꝛ offendelos/ que do batel. E dizẽdo isto aos seus, remeteo a ela desparando sua artelharia em rodauiua/ ꝛ tirando cõ as rocas de fogo/ ꝛ com outros arteficios, ꝛ arremessos, ꝛ entra polos imigos que yão pera a estacada/ ꝛ tolheolhes q̃ não passassem auante matando algũs. E andãdo nisto quasi que ficou em seco por ser muyta agoa vazia. E logo Nãbeadarim carregou sobrele com dezaseys mil homẽs/ ꝛ dando grandes gritas chegarão tanto ao batel que lhe lançauão mão dos remos/ ꝛ a barafunda era tamanha q̃ parecia que se fundia ho mundo/ ꝛ as frechadas dos inmigos ꝛ arremessos erão tão bastos q̃ matauão a eles mesmos/ ꝛ os nossos se defendião com grande esforço de detras de suas arrombadas/ ꝛ por isso os não podião entrar/ porem afogauã nos por serem tantos. E desta vez esteuerão quasi perdidos se lhe nosso senhor não acodira cõ sua misericordia, porq̃ tinhão rachado hũ trauessam: ꝛ desfeytas q̃si todas a arrõbadas/ ꝛ gastadas as munições q̃ durou a peleja mais tempo do q̃ Duarte pacheco cuydou. E estãdo nesta afronta chega a maré q̃ se não via cõ a grãde reuolta: ꝛ pola falta q̃ tinha de munições, ꝛ se reformar da gente por ter ferida muyta lhe foy forçado chegar á boca do vao onde esperaua dachar tudo por deixar dito a Pero rafael que lho mãdasse/ ꝛ leuou trabalho grãdissimo em sayr donde estaua/ que nũca ho batel pode virar cõ os imigos que ho tinhão cercado/ ꝛ cercado deles sayo com a popa por diante/ ꝛ assi foy ate chegar a Christouão jusarte, q̃ tambẽ teue assaz de fadiga em defẽder a boca do vao/ ꝛ matou cõ os seus muyto grãde soma dos imigos. E achando aqui o que ya buscar, refezse de tudo cõ Christouão jusarte: ꝛ leuouho consigo por não ser necessario defender mais a boca do vao por amor da enchẽte dagoa q̃ ho fazia despejar dos imigos, ꝛ ho mesmo fizerão outros q̃ estauão na estacada polos apertarem muyto cõ a artelharia, ꝛ muytos forão mortos, hũs de feridas/ outros dafogados: ꝛ os nossos os seguirão ate a banda de Porquã onde estaua el rey de Callicut muyto enuergonhado pelo que dissera a seu irmão ꝛ ao senhor de Repelim ꝛ não fazia mais q̃ eles: ꝛ apertados os imigos dos nossos fugirão todos. E indo el rey fugindo pela borda dũ palmar defrõte das carauelas: mãdoulhe Pero rafael tirar com hũa bombarda grossa, q̃ lhe matou dũ tiro treze homẽs ꝛ hũ deles daua ho betele a el rey, ꝛ matouho tão

perto dele q̃ ho encheo de sangue: ꝛ
el rey se baqueou do ãdor cõ medo/
ficandolhe na peleja morta gẽte sem
conto, sem dos nossos morrer nhũ,
durando ela de pola manhaã ate ho
meo dia. E quando el Rey dõ Ma-
nuel de Portugal soube despois es
ta vitoria por amor da lealdade q̃ el
rey de Cochi vsou cõ os nossos na
guerra passada ꝛ nesta, ꝛ do seruiço
que lhe fez lhe deu seys centos cru-
zados de tença de juro/ q̃ se lhe pa-
gão cõ grande solẽnidade: ꝛ ho pa-
drão desta tença lhe leuou despois
dom Francisco dalmeida primeyro
visorey da India como direy no se-
gundo liuro.

¶ Capit. lxxvj. Do que Duarte pa
checo disse ao principe de Cochi
sobre a treyção q̃ lhe foy feyta.

DEspois que el rey de Ca-
licut fugio/ partiose Du
arte pacheco pera as ca-
rauelas sem querer falar
ao principe d Cochim por amor da
treyção q̃ lhe fizerã os seus Naires
em deixarẽ a estacada: ꝛ pareceolhe
que ele fora em consentimento disso
pois não viera a tẽpo: ꝛ mandando
lhe ele pedir q̃ lhe falasse a borda da
goa/ lhe mandou dizer q̃ não podia
por leuar suã gẽte cansada, ꝛ q̃ pola
manhaã lhe ouuera de falar quãdo
lhe mãdou dizer q̃ el rey de Calicut
ya peleiar coele no vao: ꝛ pois não
fora nã tinha mais q̃ falar q̃ deixar-
lhe Cochi seguro del rey d Calicut
ꝛ coisto mandou remar rijo: ꝛ tirar
bõbardadas, ꝛ dar gritas. E pare
cẽdo ao pricipe aq̃la reposta aspera:
ꝛ por quẽ estaua agrauado dele/ tor-
noulhe a mãdar pedir q̃ lhe falasse/
ꝛ ele de importunado lhe foy falar:
queixandose ho principe de sua re-
posta/ lhe preguntou q̃ culpa lhe da-
ua. E ele lho disse, ꝛ que lhe parecia
q̃ aquilo fora treyção do Mangate
ꝛ de seus parẽtes: ꝛ porem que não
cresse que lhe podia empecer: porq̃ a
descõfiança q̃ tinha dele ꝛ dos seus
lhe faria fazer suas cousas com me-
lhor recado, ꝛ quẽ tão mal goarda-
ua sua terra q̃ leuemẽte a perderia/
ꝛ se aquilo fora trato que pouco ga
nhara em se ele perder/ ꝛ se ho não
era que nã podia disculpar os seus
de fracos/ ainda q̃ ser a gente fraca,
ou esforçada lhe vinha do capitão.
Ao principe vierão as lagrimas
aos olhos cõ aspereza destas pala-
uras: ꝛ disse q̃ lhe não desse culpa no
q̃ dizia/ porq̃ a não tinha/ nẽ cresse
dele o que dizia, porq̃ seu recado lhe
não fora dado mais cedo/ nem sou-
bera q̃ el rey de Calicut auia dir ao
vao, ꝛ q̃ ho não julgasse por homem
de tratos/ ꝛ mais pera quẽ tantas
vezes se auenturaua a morte por a-
mor del rey de Cochim/ que se lhe
mais cedo fora dado seu recado,
mais cedo fora: ꝛ coisto disse outras
cousas com q̃ Duarte pacheco per-
deo a sospeita q̃ tinha ꝛ ficarão ami
gos. E Duarte pacheco se foy pera
as carauelas õde el rey de Cochim
ho foy ver saindo ele em terra a rece
belo: ꝛ el rey ho abraçou cõ muyto
amor, ꝛ a todos os nossos: ꝛ assi mã
dou q̃ o fizessẽ os señores q̃ yão coe-
le. E q̃rẽdo el rey desculpar ho prici
pe da culpa que lhe deu/ disselhe q̃
não soubera que el rey de Calicut a

uia de ir ao vao se nã quando ele mã
dara chamar ho principe que fora
ja tarde: ⁊ que não vira os Brame-
nes: porquem lhe mãdara dizer da
vinda del rey de Calicut. Duarte
pacheco lhe disse, que ele quisera es
cusar de falar naquilo, mas q̃ pois
vinha aproposito que lhe diria o q̃
entendia: que era não lhe serem ho
Mangate / nem seus parentes tão
leays como ele cuydaua, ⁊ que se ho
eles nã forão dãtes / como ho auião
de ser querendo sua amizade mais
por constragimento de temor q̃ por
amor: ⁊ que era certo q̃ eles fizerão
que os Bramenes lhe dessem seu re
cado pois mandarão ir a tal tempo
a sua gente da estacada: ⁊ por a cul-
pa que sabião que tinhão ho não fo-
rão ver / ⁊ pois não tinha necessida-
de deles pera que os queria em Co
chim, que os deixasse ir pera el rey
de Calicut: porque lá se temeria de-
les menos que em Cochim. E que
tambem os seus Naires ho deixarã
ja duas vezes que não sabia q̃ aqui-
lo era, que se lhes mãdaua hũa cou-
sa perante ele: ⁊ outra em secreto q̃
ho desenganasse, ⁊ que isto lhe não
dizia por necessidade q̃ teuesse dos
seus: mas porque não conhecessem
os immigos quão fracos erão. El
rey de Cochim ficou muyto triste
do que lhe Duarte pacheco disse: ⁊
disculpouselhe tanto que ele ficou
satisfeyto: ⁊ outra vez tornou el rey
a mandar aos seus que lhe obede-
cessem como a ele mesmo.

¶ Capit. lxxvij. De como el rey de Calicut mãdou deitar peçonha nos mantimẽtos que os nossos auião de comprar.

EL rey d̃ Calicut fi-
cou muyto espan-
tado de ver tantos
mortos dũ só tiro:
⁊ teue por grande
marauilha escapar
dali viuo: ⁊ porem ficou muyto cor
rido de não fazer mais que os ou-
tros indo ele em pessoa, ⁊ polo enco
brir tornaua a culpa aos bramenes
⁊ feiticeyros que lhe conselharão q̃
desse a batalha: ⁊ disselhes que erã
muyto grandes mintirosos, que ca
da dia ho enganauão, ⁊ que os não
auia mais de crer, que se ho assi fize
ra da primeyra vez q̃ ho ẽganarão /
que não recebera tanta perda como
recebeo. E assi disse muytas inju-
rias aos Naires: ⁊ estaua tão menẽ
corio que parecia doudo. Os reys
que ali estauão lhe disserão que não
tinha rezão de os culpar de fracos:
porque não ouuera outros homẽs
que lhe resistirão se não os frangues
que erã feyticeiros ⁊ com feytiços
podião tanto. Ao que ho senhor de
Repelim tambem quis ajudar. E el
rey lhe disse q̃ se eles erão pera tão
pouco como lhe nã aferrara as ca-
rauelas cõ tão grossa armada como
leuaua: ⁊ que ẽ lhe matara tãta gẽte /
⁊ porq̃ lhes não entrara ho vao: di-
zẽdolhe muytas vezes q̃ se calasse q̃
não fizesse tão pouco do q̃ era tãto,
q̃ se não podia vencer cõ tantos mi-
lhares de homẽs / q̃ nã posesse a cul
pa de serẽ os seus vẽcidos aos fey-
tiços se não a seu pouco esforço: do
q̃ ele ficou grandemẽte ẽuergonha
do ⁊ dissimulou, ⁊ cõselhoulhe que
mãdasse deitar peçonha na agoa d
q̃ se presumisse q̃ os nossos podião
beber: ⁊ assi os mãtimẽtos q̃ lhe vẽ

deſſẽ ⁊ q̃ mãdaſſe Naires a Cochi, q̃ mataſſẽ ſecretamẽte dos noſſos os mais q̃ podeſſem, ⁊ por eſta maney-ra os apouquentaria pois não po-dia por outra. E eſte conſelho man-dou logo el rey q̃ ſe poſeſſe em obra: ⁊ ouuera dauer efeyto ſe não fora por Charcanda hũ Naire que fora criado do principe Naramuhim q̃ ho deſcobrio a Duarte pacheco, q̃ mãdou logo q̃ ſopena de morte ſe nã tomaſſe nhũa agoa ꝑa os noſſos ſe nã ẽ fõte q̃ cada vez ſe abriſſe de no-uo, porq̃ na terra auia tanta agoa q̃ abaſtaua pera iſſo. E pera os mãti-mentos ordenou dous homẽs q̃ os não compraſſem ſem primeyro to-mar a ſalua quem lhos vendeſſe. E pera os Naires que auião de matar os noſſos proueo el rey de Cochim como era neceſſario/ aſſi ficarão os ardis del rey de Calicut todos ata-lhados, a que deſpois que ho ſoube foy conſelhado pelos mouros que mãdaſſe queimar Cochim ſecreta-mente/ ⁊ que mandaſſe combater jũ-tamente a nao ⁊ as carauelas, ⁊ que mãdaſſe leuar cobras de capelo em panelas pera que as deitaſſem nas carauelas ⁊ mordeſſem aos noſſos, ⁊ quando pelejaſſem mandaſſe dei-tar pelo ár pós peçonhẽtos que os cegaſſem: ⁊ que tornaſſe a combater ho paſſo do vao, ⁊ leuaſſe alifantes armados pera traſtornarẽ os ba-teis/ ⁊ que não podia ſer que co iſto nã deſbarataſſe os noſſos: o que ele creo que ſeria aſſi. E começando de ſe perceber ꝑa iſſo, foy dito a el rey de Cochim, onde ſe leuantou gran-de rumor com ho medo que a gente ouue co eſtas nouas: ⁊ el rey foy ver Duarte pacheco ⁊ lho diſſe: do que ſe ele rio dizendo q̃ tudo aquilo erão feros del rey de Calicut que fazia ſempre pera ver ſe lhe auião medo/ ⁊ em fim auia de fazer tão pouco co-mo ate li. Porque ele tinha ordena-da hũa couſa que ſe el rey vieſſe ho auia de prender, ⁊ tomarlhe os ali-fantes / ⁊ matarlhe quanta gente trouueſſe. E que ja ho fizera / ſe lhe lembrara mais cedo: por iſſo que ſe não agaſtaſſe/ ⁊ que ſe tornaſſe a Co-chim, ⁊ que lhe mandaſſe quantas cadeas/ ⁊ amarras de naos lá ou-ueſſe / porque lhe erão neceſſarias pera o que auia de fazer. Do que el rey foy muyto ledo: ⁊ logo lhas mã-dou. E Duarte pacheco fingio que queria fazer hũ grande edificio / ⁊ dous dias não conſentio que nhũ de Cochĩ foſſe ao vao. E neſte tẽpo mandou abrir á borda dagoa gran-des couas ⁊ altas: ⁊ traueſſar nelas grandes vigas. O que vendo os de Cochim/ crerão o q̃ lhes dizia: ⁊ perderão ho medo que tinhão/ ⁊ deſejauão que vieſſe el rey de Cali-cut: a que forão as nouas de todas eſtas couſas, ⁊ do que Duarte pa-checo dizia. O que os ſeus crerão/ ⁊ ouuerão tamanho medo que por nhũa maneyra quiſerão ir coele ao vao nem menos pelejar com as ca-rauelas. E nã fez tão pouco quãdo os pode perſuadir que foſſem pele-jar com a nao de Duarte pacheco: o que ele ſabendo mandou recado a Diogo pereira: ⁊ que fizeſſe como homem, que lhe não auia dacodir: porque ſe temia, que mandar el rey de Calicut ſobre a nao/ era tra-to. E Diogo pereyra lhe reſpõdeo/

que perdesse o cuydado, q̃ ele lhe daria boa cõta dela, & assi ho fez: posto q̃ pelejarão coele oytẽta paraós: de q̃ alagou dous/ & arrombou tres: & matãdolhe muyta gẽte os fez fugir. E estes se forão a hũa ilha q̃ está hi perto, q̃ se chama a terra dos cĩco caimais: & refazendose de gẽte forãse a outra ilha del rey de Cochĩ/ q̃ está q̃si defronte da nossa fortaleza/ & saltarãnela muytos dos imigos, & poserãlhe fogo. E os moradores q̃ erã gente baixa & não pelejauão fugirã logo/ lançãdose ao mar pela outra bãda da ilha: & forãse a nado pera a nossa fortaleza. E Lourenço moreno quisera ir sobre os imigos/ mas ho feytor não quis/ dizendo q̃ erão muytos/ & q̃ ele ao mais q̃ podia leuar dos nossos seriã quinze: & q̃ yã ẽ grãde risco, q̃ melhor acodiria Duarte pacheco. E mandoulho dizer: & q̃rẽdo ele lá ir/ soube q̃ os imigos erão idos: & por isso não foy.

¶ Cap. lxxviij. De como ho capitã mór Duarte pacheco pelejou cõ cincoenta & dous paraós dos immigos.

DEspois disto estãdo Duarte pacheco hũ domigo jentando na sua carauela q̃ viera de vigiar aquela noyte, como fazia as outras, disselhe hũ homẽ que estaua no topo do masto, q̃ pola bãda d Repelĩ vinhã dezoyto paraós de Calicut. E sabendo que não erão mais disse aos seus: Ea filhos/ vos outros estais pera dar nestes paraós. Bem sey q̃ estais cansados do trabalho desta noyte & doje: porẽ estes sam os paraós q̃ queimarã a ilha de Cochĩ, eles sã poucos & recolhẽse, & agora passa de meo dia: se dermos neles, espero q̃ nosso senhor nos ajude/ & q̃ os leuemos na mão. Todos disserão q̃ estauão prestes. E deixando recado a Pero rafael que lhe socorresse na sua carauela se fosse necessario, ẽbarcouse nos bateis/ & mandou a dous paraós d Cochĩ q̃ hi estauão que se adiantassẽ, porq̃ erã mais remeiros pera q̃ lhe fizessẽ deter os imigos: q̃ vendo ir os nossos contreles amainarão/ & tomarão os remos/ & deixaranse ir pareles. E chegãdo aos nossos a meo rio, sairão supitamẽte detras de hũa ponta dezaseys paraós, & apos eles dezoyto: & feytos cõ os primeyros em tres esq̃drões, poserãse a tiro d bõbarda hũs dos outros. Duarte pacheco q̃ vio tantos pesoulhe d os ter cometido por quã singelo ya, q̃ não leuaua mais q̃ corenta & quatro dos nossos: & como ja nã auia outro remedio determinou de os aferrar: & esforçãdo os seus pos a proa ẽ os primeyros/ & tirãdolhe as bõbardadas arrõbou dous. Ho q̃ vendo os imigos teueranse/ & os nossos lhe derã hũa grãde grita: & remetendo a dous q̃ yão diante pera os aferrar, sentirã nas costas hũ dos outros esq̃drões/ q̃ apertauão coele as bõbardadas. E por isso Duarte pacheco virou a estes cõ ho seu batel: & poẽdo a popa na do outro deixoulho/ pera q̃ pelejasse com os dous q̃ ya aferrar. De que ho estrouarão os imigos que sobreuierão: & poseranse hũs com os outros as bombardadas/ & os nossos ficarão cercados deles: porem estauão mais seguros dos ti-

ros que os imigos/por amor das padessadas que tinhã: ꝛ meterãlhe quatro paraos no fundo/ ꝛ em outro arrebêtou hũ tiro, ꝛ matoulhe ho bõbardeiro/ ꝛ outros dous homẽs, ꝛ os outros se lãçarã logo ao mar ꝛ fugirão pera terra a nado. E os nossos tomarão ho paraó, ꝛ outros fugirão, indo os nossos apos eles as bõbardadas: ꝛ alcançãdoos jũto cõ terra chegarãse tão perto, q̃ jugauão as lançadas, tẽdo os imigos as popas dos paraós ẽ terra. E os nossos os desbaratarão logo, senã sobreuierão por terra muytos ẽ sua ajuda: ꝛ cõ tudo aferrarãnos. E os primeyros q̃ saltarão ẽ hũ paraó dos imigos forã/João gomez bojardo, ꝛ Niculao bires/ ꝛ cõ outros q̃ saltarão logo fizerã recolher os imigos a popa do paraó/onde se defenderão hũ pouco: ꝛ assi neste paraó como em outros foy a peleja muy grande. E dos imigos hũs pelejauão, outros se lançauão ao mar ꝛ fugião pera terra: ꝛ por deradeyro assi ho fizerã todos cõ medo dos nossos/que fizerão este dia cousas marauilhosas. E segũdo se depois soube/nunca os imigos teuerã por tamanho feyto nhũ de quantos os nossos fizerã nesta guerra como este: nem ouue ate este tẽpo outro q̃ lhe tanto quebrasse os corações, porq̃ afora serem vencidos morrerã muytos: ꝛ dos nossos ficarão algũs feridos. Desbaratados os imigos/ os nossos tomarão quatro paraós que nã poderão leuar mais/ ꝛ acharão neles muytas armas/ ꝛ treze bombardas, as quatro delas eram muyto boas, ꝛ hũa era de metal, q̃ tiraua ferro coado, ꝛ mais furioso q̃ hũ falcão. E partido Duarte pacheco tornarão os imigos a meterse nos paraós, ꝛ seguirãno as bõbardadas, mas nã q̃ lhe chegassẽ. E ele os leuou assi ate as carauelas. E dixãdoos hi, tornou sobre os imigos as bõbardadas/ ꝛ arrõbou algũs deles, ꝛ os outros fugirão sẽ os poder alcãçar. E tornãdose vio da bãda d Repeli grãde multidã dos imigos q̃ acodiã aos paraós. E da bãda de Cochi estaua el rey co esses senhores q̃ ho ajudauão: q̃ indo visitar Duarte pacheco chegou defronte das carauelas a tẽpo q̃ ya de largo pelejar cõ os paraós/ ꝛ por isso vio a peleja/ ꝛ fez grãde festa cõ a vitoria dos nossos. E conhecẽdo Duarte pacheco q̃ el rey de Cochi estaua ẽ terra/ mãdou logo q̃ fizessẽ as carauelas prestes/pera ho festejarẽ cõ a artelharia. E foyse logo pa ele que ho recebeo bradando cõ todos os seus/Portugal/Portugal. E Duarte pacheco cõ os nossos/Cochim/Cochi. E apos isto saluã as carauelas cõ a artelharia: ꝛ Duarte pacheco saltou ẽ terra, ꝛ el rey ho leuou nos braços cõ grãde alegria: ꝛ os outros senhores ho abraçarã despois: ꝛ esteuerão falando no que lhe acontecera cõ os imigos. E crẽdo el rey q̃ fora pelejar cõ os paraós cõ os ter visto todos dissellhe/ q̃ se posera ẽ grãde risco: ꝛ ele nã lhe q̃rẽdo dizer como fora/ lhe disse q̃ cada vez q̃ se achasse cõ outros tãtos, pelejaria cõ eles: ꝛ q̃ cometeria por seu seruiço outros mores feytos que aquele: ꝛ offreceolhe a presa dos paraós que tomara, q̃ el rey não quis:

saluo quatro bombardas, e outras muytas armas: e fez Duarte pacheco perante ele noue caualeyros: e dizendolhe el rey, como cada dia se yã parele muytos daqueles que lhe forão reueis, que ajudauão a el rey de Calicut: ele ho auisou que se não fiasse deles.

Cap. lxxix. De como os imigos ẽtrarã na ilha de Cochim, e forã desbaratados per certos poleás.

Muyto triste ficou el rey de Calicut pelo desbarato do seus paraós, e por as bõbardas q̃ perdeo: e disse sobre isso muytas palauras magoadas. E por não anojar os mouros não disistio da guerra, q̃ temia irẽse de Calicut/ e perder toda sua renda. E os mouros lhe conselharã q̃ mandasse meter naos grandes pelo rio de Cranganor: que ya ter ao de Repeli/ por onde yão ao passo de Palurte: e como as naos erão muyto mais altas que as carauelas podelas yão aferrar. E el rey ho quisera fazer, mas não pode ser/ por nã poderem as naos chegar ao passo por hũs bayos que estauã no caminho e tornar anse. E vendo os mouros isto conselharão a el rey, q̃ mandasse cõbater ho vao pelo principe, e pelo senhor de Repelim tantas vezes que cansassem os nossos/ e os tomassẽ: e isto se determinou. Do que sendo Duarte pacheco auisado/ foy amanhecer ao vao/ leuando com os bateis os quatro paraós que tomara, e posse da bãda da terra de Porquá/ onde saio a esperar os immigos como costumaua/ porem eles não vierão: Porque sabendo ho principe, e ho señor de Repelim como a nossa armada estaua acrecentada, ouuerão medo de serẽ desbaratados, e não quiserão ir. E porque não andassem em delongas de pelejas, determinarão de entrar na ilha de Cochim por outro passo que se chamaua o d Palinhar hũa legoa a baixo do vao que era muyto estreyto: e era tão forte com vasa muyto alta/ e espinheyros muyto grosos e bastos, que parecia q̃ era impossiuel poder entrar gente por ele. E por isso ho mais do tempo estaua sem goarda: e tambem porque nunca os imigos fizerão inclinaçã de entrar por ele: e como ho principe, e ho senhor de Repelim sabião q̃ estaua mal goardado, quiserão prouar de entrar por ele: e mandaram ir diante muyta gente baixa/ cõ machados/ enxadas/ e cestos, pera fazerem caminho aos Naires: e como o passo estaua sem goarda logo foy feyto, e os Naires começarão dentrar/ e forão dar com muytos poleás, que são trabalhadores/ gente muyto ciuil antre os Malabares. E como virão entrar os immigos, e não virão quem lho defendesse: defenderão ho eles: e apilidarão logo a terra dando suas coquiadas/ aque acodirão hũs com enxadas/ outros com paos feytiços e pedras, porq̃ não podẽ ter outras armas: e hũs de ca/ outros dela fizerão hũ bom corpo de gente/ e derão nos immigos/ ainda que erão Naires/ que lhe defendia a sua ley sopena d morte, que se nã tocassem coeles. Porq̃

crem os Naires que ficão çujos: ꝛ tanto crem isto, que ainda aqui com medo de se çujarẽ, vẽdo remeter os poleás a eles fugirão. E como os diãteiros derão nos traseiros desbarataranse, ꝛ fugirã tão desatinados que cayão hũs por cima dos outros, ꝛ os poleás tomando as armas a muytos que matarão/ as pãcadas matauã coelas outros: ꝛ assi os desbaratarão ꝛ lançarã fora da ilha: ꝛ os outros que estauã por entrar nela não ousarão de passar auãte/ crẽdo que andaua ali Duarte pacheco. E assi se forão desbaratados ho principe/ ꝛ ho senhor de Repeli, com muyta gente morta/ por se os seus Naires não quererẽ tocar com os poleás de Cochim. E sabẽdo na fortaleza dsta peleja acodiolhe Lourenço moreno cõ algũs dos nossos, ꝛ ja nã achou que fazer, que era ho feyto acabado, que se fez tão prestes que nem a gente que mandou el rey de Cochim em socorro não achou q̃ fazer: mas posse em goarda daquele passo. Os poleas despois que desbaratarão os immigos atauiarãse per mandado de Lourẽço moreno, dos paos ꝛ armas dos mortos: ꝛ forão dar conta a Duarte pacheco do que tinhão feyto, que nunca soube da ida dos imigos a Palinhar/ se não a tempo q̃ nã podia socorrer. Porque pera ir por agoa auia baixos por onde os seus bateis não podião nadar. E quando vio os poleas que chegauão a ele, leuantouse a recebelos/ crendo que fossem Naires. Candagora que estaua com ele lhe disse, que se não aleuantasse por que erão os poleas que desbaratarão os imigos. E ele folgou muyto cõ sua vinda, ꝛ fezlhe muyto gasalhado/ ꝛ mãdouos assentar/ ainda que Candagora nã quisera/ ꝛ mandauaos leuantar, ꝛ ele não quis/ dizendo q̃ rezã era que se fizesse hõrra a homẽs que a tambẽ souberão ganhar: ꝛ pois fizerã hũ feyto tã hõrrado que ja não auião de ser poleas, se não Naires/ ꝛ que assi ho auia de pedir a el rey. E lago Cãdagora lhe disse que el rey ho não auia d fazer/ porq̃ não podia: porem Duarte pacheco os mandou todos asentar ẽ rol/ pera pedir a el rey de Cochim que os fizesse Naires/ ꝛ assi lho pedio. Do que se el rey escusou, dizẽdo que era seu costume não poderẽ ser Naires, se nã os que nacião Naires: que se ho podera fazer ho fizera de muyto boa vontade/ que bem via q̃ ho merecião: mas que os Naires se leuantarião contrele/ porq̃ tinham por preuilegio antigo, que não podesse ser Naire quẽ ho nã era de seu nacimento. E insistio tanto Duarte pacheco com el rey que lhe fizesse Naires os poleas/ que lhe disse que pois lhos não queria fazer, que buscaria quẽ lhos fizesse. E el rey disse q̃ se ouuesse rey na India que o quisesse fazer, q ele o faria. E vẽdo Duarte pacheco q̃ não podia ser/ contentouse que el rey desse preuilegio a estes poleas, ꝛ aos seus descẽdentes, q̃ podessem passar pelos caminhos, posto q̃ pasassem os Naires/ sem terẽ por isso pena/ ꝛ q̃ podessem trazer armas/ ꝛ que fossem liures de todo tributo. E co isto que ouue se acresentou ho amor que lhe tinhã os de Cochim.

¶ Capit.lxxx. De hũa treyção que hũ mouro de Cochim quisera fazer ao capitão mor Duarte pacheco.

El rey de Calicut q desejaua muyto da uer as treze bõbardas que lhe os nossos tomarão, cõcertouse cõ hũ mouro d Cochim chamado çamalamacar mercador rico ꝛ honrrado q lhas ouuesse. E ele se offreceo a isso, por querer grande mal a Duarte pacheco / como todos os outros de Cochi lho querião, posto que dissimulauão. E pera auer as bombardas ordenou hũa treyção / q ou as auia dauer, ou se auia Duarte pacheco d perder: ꝛ começou de a ordir, cõ lhe fazer saber por el rey de Cochi que tinha cem babares de pimenta pera vender na nossa feytoria: ꝛ por se temer dos nossos que estauão nos passos do vao ꝛ Palurte, lhe era necessaria hũa bãdeyra que leuasse aruorada em hũ tone, onde tinha ẽbarcada a pimẽta, pera quẽ vẽdoha os nossos ho nã salteassem. Duarte pacheco deu a bãdeyra, ꝛ disse q se fosse necessario que ele iria pelo tone: o mouro disse que abastaua a bandeyra / porq ele não se temia tanto dos imigos, como dos nossos sem seu sinal. E esta palaura pareceo mal a Duarte pacheco, porq conhecia ho mouro por roim: ꝛ porq el rey era o corretor a não especulou bem. E como ho mouro teue a bandeyra mãdou dizer a el rey d Calicut que este uesse toda sua frota detras da põta de Repelim, ꝛ que vendo ir pelo rio abaixo hũ tone com hũa bandeyra branca que tinha hũa cruz vermelha / saissẽ a ele dez ou doze paraos ꝛ q ho tomassẽ, pa q Duarte pacheco lhe fosse acodir cõ os bateis, a q logo sairia toda a armada / ꝛ q ho tomariã: ꝛ quãdo não, que pelo tone q tinha feyto crer que ya carregado de pimenta aueria as treze bombardas. E estãdo el rey d Calicut muyto ledo cõ este ardil, hũ dia pela manhaã passou ho tone: ꝛ por amor da bandeyra que leuaua deixouho Duarte pacheco passar / se não quando indo hũ pedaço das carauelas vio sair a ele dez ou doze paraos. E vendo isto acodiolhe com os bateis / ꝛ paraós / ꝛ hũ catur em que ya Pero rafael. E indo ao longo da terra vio vir contrele hũ homẽ correndo, ꝛ acenandolhe que esperasse: ho que ele fez / posto q neste instante os imigos tomarão ho tone. E chegando ho homẽ que era hũ Panical a borda dagoa / disse a Duarte pacheco, que não passasse auante: porque detras da ponta de Repelim estauão cento ꝛ oytenta paraos d Calicut: ꝛ porque ho Panical ꝛ outros Naires que hi estauão não cuydassem q ele auia medo aos imigos, disse que bem sabia que estauão ali / mas que não auia de sofrer tomarẽ assi ho tone. E dizendo isto pos a proa nos q ho tomarão, ꝛ fez que os ya demãdar. E mandou a Pero rafael que fosse descobrir a ponta, ꝛ se visse os imigos que tirasse hũ tiro, ꝛ virasse logo: ꝛ se não que aruorasse hũa bãdeyra. E ele virou logo, tirando hũ tiro porque vio os imigos: ꝛ eles sairão apos ele, vendo que erão descu

bertos:⁊ tirauanlhe muytas bom=
bardadas. E Duarte pacheco lhe
acodio logo/tirando do seu batel ⁊
dos outros; E sobꝛe recolher Pe=
ro rafael foy hũ aspero jogo de bõ=
bardadas:⁊ os imigos apertauão
os nossos muyto rijo, ⁊ cõ muyto
trabalho se ajũtou Pero rafael cõ
eles:⁊ logo Duarte pacheco se reco=
lheo pera as carauelas com as põ=
pas poꝛ diante, ⁊ as pꝛoas nos imi
gos poꝛlhes poder tirar cõ a arte=
lharia. E eles trabalhauão quanto
podiã poꝛ lhe chegar sem temoꝛ da
nossa artelharia: ⁊ as vezes chega=
uã a bote đ lãça, ⁊ assi foy cõ muyta
afrõta ate chegar as carauelas, õde
se recolheo cõ outra muyto mayoꝛ,
⁊ todos os seus: poꝛq̃ como os imi
gos yão tã pegados coeles, passarã
os nossos muy grãde perigo: ⁊ os
imigos ficarã tão perto das caraue
las como nũca esteuerã/ ⁊ tudo foy
pera moꝛ seu mal, q̃ como elas come
çarão de jugar cõ a artelharia fize=
rãnos afastar com algũs paraós ar
rõbados, em q̃ lhe matarão algũa
gẽte: ⁊ os nossos lhe dauã grandes
apupadas, fazendo escarnio de quã
pouco fizerão. E indose ja os immi=
gos, Duarte pacheco foy apos eles
nos bateis/ tirandolhe bõbardas
cõ magoa do tone que vira tomar/
que cuydaua que ya carregado de
pimenta/ como lhe dissera çamala=
macar. Do que aquele dia atarde o
desenganou ho mesmo Panical q̃
lhe dera ho auiso da armada del rey
de Calicut: ⁊ disselhe a verdade do
trato de çamalamacar/ ⁊ a cilada q̃
lhe tinha armada cõ ho tone/ ⁊ dis=
selhe mais que se não fiasse de nhũ
mouro de Cochim, poꝛque todos
erão seus imigos. E poꝛ estes aui=
sos lhe fez Duarte pacheco merce:
⁊ ao outro dia estando ele em terra,
foy çamalamacar ao passo com ou=
tros mouros/ ⁊ mostrouse muyto
triste pela perda do seu tone. dizen=
do q̃ ya carregado de pimenta Du
arte pacheco lhe disse q̃ nã se agasta
se, poꝛque tudo faria poꝛ ele nã per=
der sua pimenta. E ele respondo q̃
se cometessẽ el rey de Calicut cõ os
paraós ⁊ bõbardas q̃ lhe tomarão
q̃ poderia ser que daria a pimenta a
troco. Ao q̃ Duarte pacheco disse/
que pera tão pouca pimenta lhe pa=
recia muyto grãde pꝛeço ho das bõ
bardas ⁊ paraós/ ⁊ poꝛẽ que tudo
faria poꝛ ele ser satisfeyto, ⁊ q̃ fossẽ
ver as bõbardas: ⁊ isto dizia indose
coeles pera os bateis, ⁊ chegando a
eles disselhe que ẽtrasse no seu pera
ir ver as bõbardas que estauão nas
carauelas. E ele cõ medo sem saber
de que não quisera entrar: mas Du
arte pacheco ho fez entrar poꝛ foꝛ=
ça: ao que os outros fugirão pera
Cochĩ. E chegado Duarte pache=
co a sua carauela cõ çamalamacar,
mandouho açoutar/ ⁊ despois pi=
car com hũ caniuete/ dizendolhe q̃
como lhe teuesse dado muytos toꝛ=
mentos ho auia logo demandar en
foꝛcar, pola treyção que lhe quisera
fazer, ⁊ contoulhe como a soubera.
picãdoho sempꝛe cõ ho caniuete: cõ
ho que ho mouro pagou bem ho q̃
tinha feyto. E estando pera ho en=
foꝛcar foy dito a Duarte pacheco
da parte del rey de Cochim que lhe
pedia que não fizesse nada ate ele ir,
que ja ya đ caminho: poꝛque lhe ya

muyto em se fezer assi. E a causa deste recado lhe chegar tão cedo, foy acharêno no caminho os mouros que fugirão/que ya visitar Duarte pacheco: de quê se lhe queixarão/dizêdo que leuaua çamalamacar ás carauelas pera ho matar/prometêdolhe se tal fosse de se irem todos d Cochim. E como este era hum dos grandes medos que el rey tinha naquela guerra pola falta de mãtimêtos que aueria mandou este recado tão depressa, e Duarte pacheco por amor dele não mandou enforcar çamalamacar/posto q̃ lhe pesou muyto de ho não ter feyto: e ate q̃ el rey veo ho atormentou fortemente que nhũ cabelo lhe deixou na barba. E chegado el rey côtoulhe toda a treyção que ordenara; pedindolhe muyto que lho deixasse enforcar: o q̃ ele não quis conceder pela rezão que disse/pedindolhe por isso muytos perdões/e certificandolhe que leuara tanto gosto como ele em ser enforcado, porque ho merecia: e vendo Duarte pacheco isto lho deu. E el rey ho leuou consigo a Cochim reprendendoho muyto do q̃ fizera.

¶ Capit. lxxxj. De como hũ mouro inuentou a el rey de Calicut hũs castelos de madeira/com que podessem aferrar as nossas carauelas.

VEndo el rey de Calicut quão pouco lhe aproueitauão seus ardis: e que cô quanto poder tinha não podia fazer que tendo os nossos tão pouco deixassem ho passo/quisera leuantar ho arrayal/e irse se não fora pelos mouros que ho reprenderão disso, e assi esses reys e senhores que estauão coele: e quasi q̃ ho deteuerão por força/com lhe affirmarê que Duarte pacheco não podia estar ali muyto: e q̃ como se fosse entraria ho passo/e tomaria Cochim. E el rey estaua ja tão quebrado dos espiritos, que posto que via que aquilo não auia de ser/deixauase ir com o que lhe dizião. E sabêdo Duarte pacheco o que disserão a el rey de sua partida, pera que soubesse quão de vagar estaua/mandou fazer hũas casas em hũa ponta que entraua muyto no rio: e mandou abrir hũa caua pera que ficasse em ilha/porq̃ ho não podessem entrar pola banda da terra firme. E na pôtinha da ponta mandou fazer hum bastião muyto forte de terra/e de madeira cercado d caua, em que mãdou poer dous falcões com que varejaua ho rio: e ali junto tinha sua armada, em q̃ saya muytas vezes aos paraós dos immigos/que por lhe fazerem sobrançaria se lhe mostrauão: e quando lhe fugião os ya buscar por esses rios/e esteiros: e fazialhes tanto dâno que os immigos não ousauão daparecer se não muytos: e porem poucas vezes por estarem ja muytos cansados e quebrados de verê tâtas vitorias aos nossos, e eles não poderê alcançar nhũa. E por isso lhe não sayão se nã quando lho el rey mãdaua: o que nã esperauão da primeyra. E costa fraqueza dos immigos tinhão os nossos têpo de fazer ê sua terras muy-

to grande destruyção cõ ferro & fogo. Com que andauão os moradores tão espantados que nã ousauão de dormir nos lugares, porque os nossos os salteauão de noyte: & yão se dormir ao campo/ por estarẽ mais seguros: & tinhã tamanho medo que yão clamar a el rey de Calicut que lhes valesse/ & que acabasse de destruyr os nossos, ou fizesse paz co eles: porque ja não podião sofrer as fadigas daquela guerra: & se não q̃ lhes seria forçado irẽ buscar outra terra em que morassem. E co isto estaua muyto triste, & nã se sabia dar ã cõselho porque se queria falar na paz, ameaçauão os mouros/ que se irião de Calicut: o que ele temia muyto pola rẽda que nisso perdia: & doutra parte via perder sua terra com que perdia seu estado. E sem se poder determinar estaua em grande agonia. & ela ho pos em tal estremo que determinou de querer paz com Duarte pacheco, & tão secretamente que se não soubesse se não despois de feyta. E a ninguem deu então conta de seu pensamento se não a dous mouros mercadores de Cochim, de que hũ auia nome Chirina marear/ & ho outro Mamalle marear. E estes instruidos por ele dissimuladamente disserão a Duarte pacheco antre outras cousas que se ele quisesse paz com el rey de Calicut, q̃ nã faria mais guerra a Cochim, & que logo se iria cõ toda sua gente. E isto dizião dando a entender que el rey de Calicut não sabia nada disso/ se não que se ele quisesse negociarião aquilo com el rey polo seruir. E ele que bem entendia sua roindade, lhes respondeo muy secamente: que não podia crer que hum rey tão poderoso & tão rico como se cuydaua no Malabar q̃ era el rey de Calicut/ estando tão acõpanhado de reys & grandes senhores, & d̃ tanta gẽte de guerra, quisesse fazer paz cõ quẽ não tinha mais q̃ setẽta & quatro companheiros, nẽ quisesse deixar por seu medo o que tinha começado: & pois eles erão tamanhos seus seruidores como sabia q̃ não dissessem cousa de que ele receberia tamanha vergonha, nem lhe deuião dacõselhar que desistisse da guerra como sabia que lha cõselhauão que não desistisse: porq̃ a ele não lhe daua nada dela, nem queria paz ainda que el rey quisesse, se nã segui-lo ate entrar em Calicut: o que soubessem certo que auia de fazer ainda que se el rey fosse, & que eles assi lho fossem dizer: porque lhe prometia que se não fora por el rey de Cochim q̃ lhe dera a paga dos tratos em que andauão/ & que se fossem logo/ porque lhe não daua nada de serem quão roins erão. O que eles fizerão mais rijo que de vagar/ & teuerão em muyto irense sem outra pena: & não ousando de ir a Calicut mandarão dizer isto a el rey: q̃ coesta reposta desesperou d̃ poder fazer paz, & não quis falar nela. E nestes dias tornou ao arrayal a doença q̃ se aleuãtara os dias passados, & tornou a matar muyta gente, & cõ medo dela fugia tambem muyta: & este ueho arrayal em risco de se leuãtar de todo. Porem os mouros mandarão trazer de Cananor & de Termapatão seys mil & quatrocentos

homẽs os mais deles frecheiros/ ⁊ algũs espingardeiros: ⁊ assi refize rão a frota com corenta paraós / q̃ trazia cada hũ duas bombardas, ⁊ ainda despois veo muyta gente. E porque com tudo isto entendião os mouros que el rey tinha vontade de desistir da guerra por quão mal lhe ya nela/ acharão hũa enuenção pera q̃ podessem aferrar as nossas carauelas. E esta deu hũ mouro de Repelim chamado Cogealle / que andara por muytas partes do mũdo/ õde vira muytas cousas: ⁊ por isso, ⁊ por ter bõ natural era d̃ muy sotil engenho. Este fez hũ castelo d̃ madeira sobre dous paraós/ lançã do duas vigas da proa ⁊ popa dũ, a proa ⁊ popa do outro, ⁊ de tamanho comprimẽto camanha auia de ser a largura do castelo que foy feyto em quadra. E antre estas duas vigas yão outras tão jũtas que fazião hũ sobrado: ⁊ de cada quadra auia hũa andaina de vigas daltura dũa lança ou pouco menos / encaixadas as cabeças ẽ conchas de madeira/ ⁊ pregadas com grãdes pernos de ferro: ⁊ nos corpos das vigas auia tres ordẽs de furos fechados com barões de ferro/ q̃ ao parecer era cousa muy forte. E neste castelo podião ir ate corenta homẽs com algũs tiros dartelharia/ ⁊ por amor dos paraós sobre que era fundado podia ir polo rio ⁊ aferrar as carauelas por sua altura: de que el rey ficou muyto ledo q̃ndo ho vio/ ⁊ fez muyto grande merce a Cogealle. E por a vitola daquele castelo mandou fazer ainda sete pera q̃ coeles aferrassem os seus as nossas carauelas: o que tinha por muyto certo que auia de ser assi.

Capit. lxxxij. Do ardil que inuẽtou Duarte pacheco pera q̃ lhe não abalrroassem as carauelas cõos Castelos.

Destes castelos foy logo Duarte pacheco auisado per suas espias: ⁊ mais q̃ auiã os immigos de fazer balsas de fogo pera queimarem as carauelas: ⁊ quando as não podessẽ queimar as aferrarião com os castelos. O q̃ ouuindo a gente de Cochim ho creo logo, ⁊ foy toda muy toruada de medo: ⁊ cõ o que lhe os mouros fazião, dãdolhe por certo ho desbarato dos nossos, ⁊ q̃ auião os immigos de tomar Cochim aluoraçandose pera se irem. Do que el rey de Cochim foy assaz triste/ ⁊ mais tão desconfiado que lhe parecia que com aqueles castelos auião os nossos de ser desbaratados. E dissimulando isto por amor dos seus/ mandaualhes polos esforçar/ que fossem preguntar a Duarte pacheco se esperaua poder resistir a el rey d̃ Calicut: o que eles fazião assi pera verem o que ele dizia/ como pera saberem de que maneyra estaua. E ele lhes dizia/ que porq̃ lhe preguntauão aquilo: pois el rey de Calicut ja fora com outros medos tamanhos como aqueles ⁊ leuara a cabeça quebrada/ que assi seria então, ⁊ que sespãtaua muyto domẽs que sabião tambẽ quão couardos erão os de Calicut crerẽ logo qualquer

medo que lhes fazião: ꝛ que esperassem ho fim daquele combate porq̃ auia de ser como ho dos outros. E que quando não, que ainda terião tempo pera se saluar: ꝛ com quanto eles viāo que ele dizia bē era ho seu medo tamanho / que se nã atreuião a esperar: ꝛ como que nã tinhão ouuido lhe preguntauão de nouo, se auia desperar el rey d̃ Calicut. E importunarãono d̃ maneyra cõ estas preğũtas, que dagastado espancou tres deles, dizēdo que se lhes dizia hũa cousa, ꝛ sabião por experiencia do passado q̃ lhes falaua verdade / porque ho nã crião. E pera os mais espantar, mãdou perante todos meter no chão hũ pao muyto alto, ꝛ agudo / que antre os Malabares se chamaua caluete / ē que matã por justiça a mais ciuel gente da terra: ꝛ espetãnos nele. E porque matão assi nele a gente ciuel, se dizem a hũ Naire. Naire caluete têno pola mayor injuria que se lhe pode fazer. E posto assi aquele caluete, jurou de espetar nele el rey de Calicut se lhe desse combate: porque dizia que ja tinha achado hũ ardil pera ho prēder logo: ꝛ mandou a todos os seus que por desprezo del rey de Calicut dissessem com grande grita çamori caluete: ꝛ eles começarão a dizer assi muytas vezes. O que a gente de Cochim teue por tamanha ousadia como tinhão, que era esperarem os nossos ho combate: ꝛ forão perdendo parte do medo q̃ dantes tinhão: ꝛ dizião que auião desperar ho dia em que se desse ho cõbate. E como foy aruorado ho caluete / yão a velo todos os de Cochim: ꝛ antreles forão ho Mangate, ꝛ outros muytos senhores q̃ erão vindos nouamente em fauor del rey de Cochim, crendo q̃ os nossos auião de ser desbaratados: ꝛ arrependiãose de terē deixado el rey de Calicut: ꝛ nhũ deles não podia crer q̃ Duarte pacheco mandasse meter aquele caluete por desprezo del rey de Calicut. E pera saberē aquilo certo ho forão ver / ꝛ disserãlhe o que se dizia em Cochim que daquela vez auião as carauelas de ser aferradas: por isso que visse bem o que lhe compria. E ele q̃ entēdia a tenção com que lhe aquilo diziã / respõdeolhes / que ho q̃ lhe cũpria pera segurança de Cochim era não deixar aquele passo / ꝛ se isso nã fora que no passo de Cambalão agardara ele ho seu rey d̃ Calicut pera ho não deixar passar. E se cuydauão que auia com os seus tamanho medo del rey de Calicut como eles auião / que estauão nisso muyto ēganados: porque não auia cousa em toda a Jndia que lho fizesse: por isso não temia ho lião del rey de Calicut, nem fazia estima dele nē de seus feros: ꝛ se eles ousassem desperar sua vinda ali ho virião desbaratar com toda sua armada. E cressem que se ele ho fosse aferrar em pessoa / ou se posesse em parte onde lhe ele podesse chegar / que ho auia de prender / ꝛ despois metelo naquele caluete que viāo: porq̃ pera isso ho mandara leuantar. E isto dizia cõ hũ aspeito tão menēcorio / que eles ouuerão medo que lhes fizesse algũ mal / ꝛ por isso quiserão dissimular cõele / dizēdo q̃ não crião eles que el rey de Calicut ho podesse desbara-

tar: mas que ho auisauão como seruidores del rey de Portugal. E ele lhes disse q̃ se forão seruidores del Rey de Portugal/ como dizião q̃ não ouuerão de mandar a sua gente que se fosse da estacada/ auendolhe elrey de Calicut de dar batalha: & que auião dassessegar a gente de Cochim do aluoroço em que andaua/ & mostrarselhe muyto esforçados: & não irem com biocos a ele & aos seus/ que não erão fracos de coração, que por medo fizessem o q̃ eles fizerão ho anno passado: & que se ho não entendião que tornassem despois do combate, & lho declararia: & que ho deixassem entender no que lhe releuaua mais. E eles se forão sem responder palaura/ de medo q̃ auião dele. E com quanto ele dissimulaua que não tinha em conta os castelos del rey de Calicut/ eles lhe dauão assaz de trabalho no spirito que receaua muyto de ho aferrarẽ/ por amor da muyto pouca gente q̃ tinha. E pera que lhe não podessem aferrar suas carauelas, mandou fazer hum caniço de mastos de naos chapados com muytas chapas de ferro: & era de largura do comprimento dos mastos, & de oyto braças de comprido: & estaua por proa das carauelas afastado obra dũ tiro de pedra, amarrado com seys ancoras, tres a montante & tres a jusante pera que esteuesse mais firme, & porque ficassem as carauelas tão altas como erão os castelos, inuentou Pero rafael hũs chapiteos feitos de meos mastos, q̃ estauão impinados & pregados nas amuradas das carauelas/ em cujos mastos çarrauão os sobrados dos chapiteos/ que erão tamanhos que podião bem espaçosamẽte pelejar seys ou sete homẽs em cada hũ. E tendo isto feyto a vespera do dia que auia de ser ho combate/ ho foy elrey de Cochim visitar. E ele ho recebeo com os seus foliando & cantando pera que se alegrasse/ que bem entẽdia pelo que conhecia dele quã triste andaua, & quão cheo de medo. E com todas estas festas não se pode alegrar/ antes lhe vierão as lagrimas aos olhos com piedade dos nossos q̃ daua a todos por mortos: & abraçando com muyto gasalhado a Duarte pacheco/ ho fez tambem abraçar a esses senhores q̃ yão co ele. E isto com hũ geito de ser aquela a derradeyra vez q̃ se auião de ver. E despois se apartou coele/ & com algũs dos nossos: & como homem fora de si lhe disse. Elrey de Calicut tem muyto grãde poder, & nos muyto pouco: & eu não tenho nhũa esperança de defender Cochim, nẽ menos os meus: & co isto estão pera fugir como fores desbaratado. E pois eu estou perdido, rogote que te salues em quanto tẽs tempo, por que despois não sey se ho auera. E como que se lhe dera hũ nó na garganta não pode mais falar. Do que se mostrando Duarte pacheco muyto agastado/ lhe respondeo quasi cõ ira, dizendo. Que fraqueza he a q̃ conheces em mim pera me dizeres que me ponha em saluo? Que aqui & em qualquer parte que esté/ estou muyto seguro, não somente de me defender del rey de Calicut mas de ho desbaratar por mais poderoso

q̃ venha. Não me dizias tu todos estes dias, q̃ d's pelejaua polos Portugueses? Pois como duuidas q̃ ho não faça agora? Eu espero nele q̃ a menhaã me vejas poer naq̃le caluete el rey de Calicut. E nisto não tenho eu duuida, se me ele esperar/ nẽ tu a deues de ter se quiseres cuidar nas vitorias que nos nosso senhor tem dadas tantas vezes/ tendome el rey de Calicut a mesma auãtajem que me agora tem. E isto deues de crer/ ⁊ não o que te dizem os mouros de Cochim, q̃ todos nos querem mal: nem os aluoroços que fazem os Naires que hão medo de qualquer cousa: pesete muyto do q̃ me tẽs dito, ⁊ tornate pera Cochi, ⁊ tem a gente que se não va, ⁊ deixame coeste passo/ que eu te darey boa conta dele. El rey por não lhe dar paixão se mostrou muyto esforçado com aquelas palauras q̃ lhe respõdeo: ⁊ tornouse pera Cochim/ onde tambem por esforçar sua gente se mostrou ir muyto esforçado/ ⁊ cõfiado em os nossos defenderem ho passo, segundo ho esforço q̃ achara em Duarte pacheco: ⁊ affirmoulhe por sem duuida/ que ho defẽderião ⁊ coisto assessegou os Naires ⁊ toda a gente de Cochim do aluoroço que trazião pera fugir, crendo que auião os nossos de ser desbaratados. E ainda sobristo atentarão os mouros de os fazer fugir, poendo lhe grandes medos, mas nunca poderão.

¶ Capit. lxxxiiij. De como el rey de Calicut deu combate aos nossos com os castelos, ⁊ de como foy desbaratado.

Partido el rey d' Cochim/ Duarte pacheco se foy pera a sua carauela dissimulãdo o d'scõtẽtamẽto q̃ lhe ficou d' ver el rey tã fraco de coração: o q̃ podia ser causa de despouoar Cochi, de q̃ ele tinha grãde receo. E querendo cear cõ os seus chegou Lourenço moreno cõ esses da feytoria, com q̃ costumaua de ir: porq̃ como disse nunca errou nhũa batalha das q̃ os imigos derã aos aos nossos. Acabada a cea repousarão todos ate a mea noyte/ ⁊ cõfessados ⁊ ausolutos pelo vigairo/ Duarte pacheco lhes disse. Senhores ⁊ amigos meus / muyto alegre estou de ver q̃ vos lembra ho princi pal, q̃ he a alma: porq̃ sou certo q̃ co esta lẽbrança tera nosso senhor cuydado de vos dar vitoria de vossos imigos, não somẽte por satisfação de vosso trabalho/ como por exalçamẽto de sua fé catholica. E pera q̃ saiba el rey de Cochi/ ⁊ os seus que nosso señor he Deos verdadeyro/ ⁊ poderoso sobre os poderosos: ⁊ nã desconfiẽ do q̃ lhes eu prometo em seu nome/ assi como ontẽ desconfiaua da vitoria q̃ lhe prometia: q̃ bẽ vistes quã triste ⁊ descõfiado partio/ q̃ de nos ter por perdidos me dizia q̃ me posesse ẽ saluo. E nunca enxerguey nele tamanho medo / nẽ nos seus tã grãde desmayo. E isto lhes faz terẽ ho poder del rey d' Calicut por mayor do q̃ he q̃ posto q̃ fosse tamanho como eles cuidã muyto mayor sem cõparação he ho d' nosso senhor: ⁊ vos bem ho vistes nos socorros passados que nos mandou. E assi espero que seja agora: ⁊ coesta confiança venceremos a nossos

imigos:sustentaremos a honrra q̃ temos ganhada/que daqui por diãte crecera tanto que ficaremos no mundo por espelho de valentia. E coisto tão temidos na India / que nem el rey de Calicut,nẽ outro nhũ nos ousara de cometer/assi que ganhando hõrra seguraremos repouso pera os trabalhos que temos. E acabando responderão todos que sem a vitoria nã querião vida. E estando nisto que seria duas horas despois d̃ mea noyte começarão de ouuir algũas bõbardadas que tiraua a frota de Calicut:começãdo da balar:ꝛ el rey ya por terra acompanhado de passante de trinta mil homẽs com seus tiros de cãpo como costumaua:ꝛ muyto confiado/ que auia de desbaratar os nossos/ ꝛ coisto dobrada soberba da que tinha. E ya diante ho senhor de Repelim com algũa gente que auia de fazer algũs valos na ponta Darraul pera emparo dos imigos no combate ꝛ trazia grande vozaria de gritas/ ꝛ tangeres. Duarte pacheco se foy logo a terra muy caladamẽte ꝛ pos se na ponta pera onde os immigos yão:a que defendeo que não fizessẽ os valos:ꝛ sobristo matarã os nossos algũs. E sabendo el rey de Calicut que Duarte pacheco ho fora esperar mandou aos seus cõ grande menẽcoria que lho tomassem viuo pera se vingar dele á sua võtade. E sobristo ouue grande peleja ꝛ morrerão muytos dos immigos: que nem ho prenderão nem poderão fazer os valos. E começando damanhecer que era dia Dacensam apareceo a outra frota q̃ vinha perto. ꝛ nisto recolheose Duarte pacheco aos bateis,ꝛ porẽ com muyta fadiga por a grãde multidão de imigos que carregou sobre os noss os q̃ todos se embarcarão sem falecer nhũ ficando dos imigos muytos mortos ꝛ feridos. E despejada a ponta poseranse os immigos nela ꝛ come çarão de combater os nossos com a artelharia/a que eles tambem acodirão com a sua fazendolhe muyto grande dãno/porque todos os tiros empregauão nos immigos que estauão descubertos:ꝛ eles emparados,ꝛ por isso lhe não fazia a artelharia nhũ mal. O que vendo el rey de Calicut,mandou recado aos da frota que fizessem remar rijo/ꝛ acodissem a desapressalo dos nossos. E chegãdo aa frota vinha cousa muyto medonha/porque diante yão as balsas de fogo ardẽdo: ꝛ apos elas cento ꝛ dez paraós cheos de gente/ ꝛ dartelharia/ ꝛ muytos deles encadeados,ꝛ detras cẽ catures da mesma maneyra/ꝛ oytenta tones de coxia larga,cada hũ cõ trinta homẽs de peleja:ꝛ sem os tiros/ꝛ por goarda de tudo os oyto castelos que ficarão pegados com a põta por não ser ainda de todo a decente da maré. Os immigos yão fazendo grãdes alaridos de gritas/ ꝛ tangeres dãdo os nossos por tomados / ꝛ coisto tirauão tantas bombardadas q̃ era cousa despãto. As balsas q̃ yão diante chegarão aos caniços q̃ estauão por proa das carauelas: ꝛ por isso lhe não poderão chegar pera as queymarẽ,ꝛ nã somẽte elas mas nhũs dos nauios da frota/ de q̃ todos os q̃ poderã caber na diãteira se

pegarão com ho caniço:⁊ dali com
batião os noſſos/ que ſem duuida
forão daquela vez aferrados ſe ho
caniço não fora. Com eſte impeto q̃
foy muyto grãde durou a peleja hũ
pedaço ate que a maré começou de
decer:⁊ neſte tẽpo receberão os imi
gos muyto dãno:aſſi de paraós ar
rombados ⁊ metidos no fundo, co
mo de muyta gente morta ⁊ ferida/
⁊ decendo a maré alargaranſe os ca
ſtelos da ponta / ⁊ ajudando os cõ
cabos/ porque os alauão forãſe de-
reytos pera as carauelas no mayor
yão corenta homẽs de peleja / ⁊ em
dous meãos trinta ⁊ cinco em cada
hũ:⁊ nos outros trinta todos fre-
cheiros ⁊ eſpingardeiros / ⁊ a fora
iſſo leuauão bombardas:⁊ yão poſ
tos em ala,⁊ tão medonhos que erã
pera lhe auer medo hũa groſſa ar-
mada,quãto mais duas carauelas
⁊ dous bateis. E eſte foy hũ dia em
que noſſo ſenhor moſtrou bem que
tinha de goardar os noſſos:porque
nẽ a viſta de tantos ⁊ tão ſoberbos
artificios pera os combateaem / nẽ
hũa tamanha frota ⁊ tã poderoſa/
nem a medonha grita dos imigos/
nẽ ho brauo eſtrondo da artelharia
os fizerão eſpantar. E chegãdo ho
mayor dos caſtelos junto com ho
caniço deſparou ſua artelharia nas
carauelas. Duarte pacheco lhe mã
dou tirar com ho ſeu camelo q̃ lhe
deu em cheyo mas não lhes fez nhũ
dãno/ nem menos com outro tiro
com que lhe logo tirarão: de que fi-
cou tão triſte/ q̃ leuantou os olhos
pera ho ceo dizẽdo. Senhor não me
acoimes meus peccados ẽ tal tẽpo.
E iſto tão alto q̃ algũs lho ouuirã.

Neſte tẽpo chegarão os outros caſ-
telos/ ⁊ poſeranſe a par deſte:⁊ cõ
ſua chegada ſe auiuou ho combate
muy rijo de todas as partes,⁊ fo-
rão as frechas tão baſtas q̃ fazião
ſombra:⁊ algũas vezes nã parecia
ceo nem terra/ com a fumaça da ar-
telharia. Duarte pacheco tornou a
mandar tirar ao caſtelo mayor com
ho camelo:⁊ como dos tiros paſſa
dos lhe tinhão abalados os fechos
que erão delgados acabarão d' que
brar,⁊ leuou hũ lanço de vigas cõ
algũs homẽs mortos:ao q̃ os noſ-
ſos derão grande grita. E Duarte
pacheco poſto em giolhos deu gra-
ças a noſſo ſenhor:⁊ tornãdo ho ca-
melo a tirar outro tiro,leuoulhe ou
tro lanço de vigas cõ muytos mor-
tos ⁊ feridos. E carregãdo mais a
artelharia foy todo deſfeyto ẽ pou
co eſpaço/ ⁊ os imigos ſe afaſtarão
coele:porẽ os outros ſe deixarão eſ-
tar pelejando muy fortemẽte:⁊ aſſi
eles como os noſſos leuarã eſte dia
mór trabalho q̃ em todas as pele-
jas paſſadas. E por derradeyro os
noſſos fizerão tanto dãno nos caſte
los/ ⁊ meterão no fundo,⁊ arrõba-
rão tantos parrós que não ho po-
dẽdo os imigos ſofrer ſe afaſtarão
do cõbate ⁊ foranſe:⁊ ſeria hora de
veſpera q̃ tanto durou começando
pola manhaã. E dos imigos mor-
rerão muytos ſegundo ſe vio nos
corpos q̃ ficarão ſobre a agoa:⁊ dos
noſſos não morrerão nhũs/ nẽ forã
feridos mais q̃ algũs q̃ ficarão eſca
laurados dũ tiro groſſo que deu na
proa da capitaina,⁊ paſſouha ⁊ ho
pelouro deu per ãtre muytos q̃ ali eſ
tauão ⁊ nã lhe fez nhũ mal. E vẽdo

Duarte pacheco q̃ os imigos se yã foy apos eles nos bateis, ꝛ paraós esbombardeandoos: ꝛ deu nos que estauão na ponta Darraul cõ el rey ꝛ por força das bõbardas os fez fugir, ficando mortos trezẽtos ꝛ vinte homẽs. E feyto isto se tornou pera as carauelas, õde aq̃la tarde ho foy ver ho principe de Cochim da parte del rey q̃ se lhe mandou discul par de ho não poder ir ver por sua pessoa. E ele lhe mandou dizer que lhe não auia de receber nhũa discul pa/ ate não saber q̃ nã estaua triste: ꝛ q̃ lhe pedia q̃ dali por diante cresse melhor ẽ Deos: porq̃ ia ho dia dos castelos era passado/ ꝛ ele estaua no passo como dantes cõ sua gẽte muyto prestes pera o seruir. E neste mes mo dia ho forão tãbẽ visitar algũs senhores dos q̃ ajudauão el rey de Cochĩ onde auia muyto grande alegria por esta vitoria. E assi ho forã ver muytos mouros mercadores q̃ lhe leuarão grãdes presentes cuidã do q̃ ganhauão sua amizade, ꝛ fazia a todos muyto gasalhado rogãdo-lhes q̃ fossem leais a el rey d̃ Cochi porq̃ co isso seria seu amigo. E ao ou tro dia pola manhaã ho foy ver el rey de Cochi ꝛ fizerão ãbos grãde festa: ꝛ despois desta vitoria perderão os de Cochi ho medo del rey d̃ Calicut ꝛ ho não tinhão em cõta.

¶ Cap. lxxxiiij. De como el rey de Calicut quisera desbaratar com hũ ardil ho capitão mór Duarte pacheco.

Muyto espantado ficou el rey de Calicut de nã poderẽ os seus castelos afer rar as carauelas. E auẽdo por impossiuel poderẽse aferrar nẽ desbaratar Duarte pacheco, qui sera desistir da guerra ꝛ irse pa Calicut se os mouros não forão/ ꝛ assi os dous Italianos milaneses que lhes derã hũ ardil pera desbaratar Duarte pacheco: ꝛ este foy q̃ ho cõbatesse de noyte, ꝛ como era de noy te ẽtrarião os seus ho passo sem os Portugueses os verẽ/ q̃ tãbẽ por ser de noyte não se auião de defẽder tambẽ como d̃ dia. E parecẽdo isto bẽ a el rey, ꝛ a todos os do cõselho/ foy acordado q̃ se desse de noyte ho cõbate por terra somẽte: ꝛ q̃ ho pricepe Nãbeadarim, ꝛ ho senhor de Repelim cõ corenta mil homẽs começarião ho cõbate, ꝛ em começãdo certos Naires que terião sobre palmeiras acenderião fogo / a cujo sinal acodiria el rey de Calicut com ho resto de sua gente com cincoenta mil homẽs ꝛ cometeria dentrar po lo passo acima dondestaua Duarte pacheco/ q̃ ocupado cõ a peleja do principe ho nã veria, ꝛ assi entraria na ilha de Cochĩ/ ꝛ a tomaria o q̃ ouuera de ser/ se nosso senhor nã atalhara q̃ ordenou q̃ soubessem isto as espias del rey de Cochĩ que andauã no arrayal del rey de Calicut/ ꝛ delas ho soube el rey de Cochĩ que ho mãdou dizer secretamẽte a Duarte pacheco por Lourenço moreno / q̃ ficou coele pera ser na peleja q̃ auia de ser na noyte seguinte/ pera o que logo Duarte pacheco se percebeo, ẽcomẽdãdose mui d̃uotamẽte a nosso señor cõ todos os outros porq̃ se lhes aparelhaua grãde pigo nẽ Duarte pacheco teue por tamanho ho cõbate dos castelos como aq̃le por ser de noyte em q̃ não podia ver tã-

dē como de dia/ ꝛ vlase ē grande a- frōta. E cō tudo como confiaua ē nosso senhor achou cō sua ajuda hū ardil pera dessazer ho del rey de Calicut: ꝛ foy cōtraminarlhe ho sinal do fogo ꝗ lhe auião de fazer/ ꝛ mā- darlhe fazer outro mais cedo pera ꝗ a sua gēte sembaraçasse cō a do prin cipe/ ꝛ ꝗreria Deos ꝗ coeste ēbara- ço nā faria nada: pera o ꝗ em anoy- tecēdo mādou poer hūs Maires em hūas palmeiras a ꝗ deu auiso do ꝗ auião de fazer/ ꝛ mādou espias ꝑa ꝗ lhe dessē recado de quādo ho prin cipe d Calicut abalasse ꝑa ho vao/ ꝗ ho fizerão assi. E ē ho pricipe ꝛ ho senhor de Repelim ꝗrendo chegar ao vao mādou ele fazer ho sinal do fogo. E os ꝗ estauão cō el rey d Ca licut como tinhão ho tēto no fogo ꝗ auia de ser sobre as palmeiras em ho vēdo disserāno a el rey, ꝗ muyto apressado cuydādo ꝗ tardaua aba- lou logo: ꝛ como ainda a gente do principe não era chegada ao vao ꝛ não esperaua a del rey se nā despois de começarē a peleja no vao/ ē a sin- tindo cuydou ꝗ era gēte del rey de Cochim ꝗ lhe saya dalgūa cilada ē ꝗ estaua, ꝛ ajudou os a ēganar/ nā auer nhūa deferēça antre hūs ꝛ os outros/ nē na cor/ nē nas armas/ nē nos trajos. E cuydādo ꝗ fossem imigos virão a eles offendendoos muy rijo cō suas armas: o ꝗ visto pe los del rey cuydarão tambē que os do pricepe erão imigos ꝗ lhe sayão de cilada, poense ē defensam sobre ꝗ trauarão hūa braua peleja ꝗ durou ate pola manhaã em que morrerão muytos dābas as partes. E Duar te pacheco ꝗ ouuia ho arroido ꝗ fa- zião ꝛ não os via cometer ho vao es taua muyto espantado d o ꝗ aquilo seria, ꝛ per dous homēs ꝗ mandou a isso soube o ꝗ era pelo ꝗ com todos deu muytos louuores a nosso señor ꝛ vio claramēte a merce grādissima ꝗ lhe fizera em os liurar de perderē Cochim ꝗ perderão sem duuida se ouuera effeyto a determinação del rey. E rompēdo a alua foyse a terra nos bateis ꝛ paraós, ꝛ desparando primeyro sua artelharia nos imi- gos/ desembarcou ꝛ deu neles ꝗ ja fugião cō medo dele ꝛ do desastre ꝗ lhes acōtecera / ꝗ em amanhecēdo conhecerão ho engano ꝗ teuerão ꝛ fugirão muy espātados. E Duarte pacheco achou muytos mortos no cāpo ꝛ cō grande prazer se recolheo ás carauelas ꝛ coele recebeo a el rey de Cochī ꝗ logo ho foy ver/ ꝗ ficou pasmado do ꝗ acōtecera a el rey de Calicut: ꝛ disse ꝗ nunca conhecera claramēte ꝗ deos peleja polos Por tugueses se não ētão, nē teuera por certo ꝗ ho auia de liurar del rey de Calicut se não então: ꝛ mandou fa- zer grande festa ē Cochī.

Cap. lxxxv. Dū ardil com ꝗ el rey de Calicut quisera matar ho ca- pitão mór Duarte pacheco.

Muyto espātado ficou el rey de Calicut de ꝟ quā milagroso desuio deu nosso senhor pera os nos sos nā serē desbarados como ele cui daua, ꝗ nūca teue por tão certo de ho serē como daquela vez: ꝛ então desesperou de todo de ho serē: ꝛ por isso assentou consigo de disistir da guerra se os mouros fossem disso contentes, ꝛ tambem os reys ꝛ se-

nhores que ho ajudauão: ⁊ juntos hũs ⁊ outros lhes disse. Bẽ vedes quão pouco nos aproueita nosso poder cõtra os frangues/ ⁊ quão pouco nos fundem quantos ardis inuẽtamos pera os desbaratar: ⁊ bem vistes quão desuiado sayo este derradeyro do que cuydauamos: que parece q̃ Deos ho ordenou assi pera que escapassem de nossa furia/ no que he de crer q̃ os fauorece pola pouca justiça q̃ temos nesta guerra o que nos mostrou no começo: ⁊ se eu fora bẽ conselhado não a prosseguira mais como os não desbaratamos no primeyro combate. E q̃reis ver como deos os fauorece ⁊ pele ja por eles a fora as muyto grãdes vitorias que tem alcãçado de nos/ ⁊ os muytos dãnos q̃ nos tem feyto/ q̃ não ha poder na India que se nos podera tanto defender segũdo estamos poderosos: ⁊ estes q̃ não tẽ poder nem sam nada em nossa cõparação/ defendense ⁊ offendẽnos como q̃ forão mais q̃ nos: ⁊ recẽnos cõ festas nas pelejas como q̃ fossemos os poucos ⁊ eles os muytos, ⁊ a terra fosse sua ⁊ nos os estrãjeiros: pois q̃ he isto se não q̃ Deos os fauorecẽ, ⁊ peleja por eles, ⁊ segũdo estão vitoriosos ⁊ ho credito q̃ tem alcançado no Malabar hey medo q̃ nos fação daqui aleuantar ⁊ nos destruão de todo, ⁊ não sera muyto porque ho inuerno vense ⁊ os rios crecẽ, ⁊ eles correnos todos. E está certo q̃ se prosseguimos a guerra q̃ hão aqui de chegar/ ⁊ q̃ nos hão de fazer recolher cõ muyto dãno ⁊ deshonrra: ⁊ pois não somos poderosos pera os desbaratarmos por guerra parece q̃ deuemos q̃rer paz coeles ⁊ fazer deles amigos. E ho primeyro a q̃ preguntou seu parecer foy a seu irmão q̃ agastado del rey não tomar seu conselho no começo daquela guerra lho nã quisera dar, ⁊ importunado dele lhe deu seu parecer/ dizendo q̃ receaua q̃ Duarte pacheco não quisesse sua amizade, ⁊ pera lha offrecer/ ⁊ ele engeitarlha seria tamanha deshonrra como ser tantas vezes desbaratado como fora: ⁊ pois com a amizade não podia ganhar tanto como perderia engeitandoselhe que lha não deuia de pedir se não deixarse pera ho capitão mór que fosse de Portugal no anno seguinte: q̃ vendo quão pouco lhe aproueitaua a guerra ⁊ como não sabia como lhe iria nela folgaria cõ a paz. E sobristo porq̃ não parecesse q̃ fugia cõ medo q̃ se deixasse estar ⁊ não se fosse se não quando parecesse q̃ se ya por amor do inuerno. E depois de ido, ⁊ que parecesse q̃ pola necessidade do tempo se fora, bẽ poderia falar na paz, ⁊ poderia ser que Duarte pacheco a quisesse temeroso de se mudar sua boa vẽtura: ⁊ pera ho prouocar a querer amizade q̃ lhe nã desse mais cõbate: ⁊ pois lhe não seruião de mais q̃ de perder sua gente. Este conselho de Nambeadarim foy reprouado pelos reys ⁊ senhores/ ⁊ polos mouros principalmẽte q̃ disserão q̃ el rey não se deuia de ir/ nẽ por mór inuerno q̃ fizesse/ nẽ por mais gẽte q̃ perdesse: ⁊ q̃ auia d̃ dar tãtos cõbates aos nossos ate q̃ os tomasse, ⁊ não somẽte auião de procurar a destruyção daqueles: mas tambem a dos que estauão em Cananor ⁊ ẽ Coulão/ a cujos reys deuia logo de mãdar homẽs de cre

dito com cartas em que affirmasse que aferrara os nossos com os castelos ꝛ os matara a todos ꝛ tomara as carauelas/ por isso que matassem todos os nossos que la estauão como lhe tinhão prometido. E posto que a el rey pareceo melhor ho cõselho de seu irmão que este/ tomou ho por amor dos mouros que recea ua irense de Calicut: ꝛ logo ele ꝛ os mouros escreuerã aos reys de Coulão ꝛ de Cananor: o que se assentou no conselho, mas não se lhe deu fé por outra noua como esta que lá fo ra ser falsa: ꝛ com tudo por induzimento dos mouros que morauão nestes dous lugares forão os nossos postos em afronta/ ꝛ não ousauão de sayr das feytorias. E ē Coulão foy morto hũ ás cutiladas ꝛ os outros não/ porque foy recado certo de Calicut que mandarão os gẽtios que os nossos erão viuos ꝛ ho que fizerão. Pelo que foy respondido a el rey de Calicut que nã auião de matar os nossos em quanto os do passo não fossem desbaratados que os desbaratassem ꝛ então compririão coeles. O que sabido pelo senhor de Repelim ꝛ pelos mouros apertarão logo cõ el rey de Calicut que os combatesse. O que ele quisera escusar por estar muyto quebrado dos spiritos/ mas não pode: ꝛ mandãdo dar ho combate per mar ꝛ por terra sucedeolhe como dãtes, ꝛ por isso mais por importunação dos mouros q̃ por sua võtade deu ē pessoa outro cõbate cõ os castelos ꝛ cõ muyto mais gẽte ꝛ mais nauios q̃ da outra vez: ꝛ durou ho combate mais espaço/ ꝛ tambẽ foy desbaratado ꝛ recebeo mór perda que dãtes. E coesta vitoria dos nossos ficarão os de Cochim seguros de todo dos immigos, ꝛ assi el rey que foy visitar Duarte pacheco em hũ andor/ ꝛ com mais estado do que tinha despois que começou a guerra. o q̃ logo foy sabido no arrayal dos imigos/ ꝛ esses reys ꝛ senhores q̃ estauão cõ el rey de Calicut lhe disserão que se não auia de sofrer / que estando ele tão poderoso de gente, el rey de Cochim ho teuesse em tão pouca cõta que se desse por liure dele. Ao que el rey de Calicut respondeo que el rey de Cochim tinha rezão de fazer o que fazia pois ele estãdo tão poderoso podia tão pouco q̃ ho não desbarataua, que se eles sintião o que dizião que pelejassem cõ os nossos porque ele se lançaua de mais entender na guerra / porque tinha por sem duuida q̃ de cada vez auia de receber mór dãno/ ꝛ parece que de muyto agastado mandou a todos que ho deixassem só, ꝛ assi esteue hũ grande pedaço muyto cuydoso: ꝛ despois disso mandou a algũs Naires em que tinha cõfiança que se fossem dissimuladamente a Cochi/ ꝛ trabalhassem por matar Duarte pacheco / ꝛ quaisquer outros dos nossos: ꝛ como os Naires sam homẽs que não tem mais segredo na cousa que em quãto a cuydão logo se isto rompeo / de maneyra q̃ ho soube Duarte pacheco / que logo teue mais recado ē si: ꝛ nos nossos do que dantes tinha, ꝛ pera auer os Naires que ho vinhão matar fez duas quadrilhas de Naires d Cochi de q̃ se muito fiaua hũa

que andaſſe ao longo do vao ⁊ outra ao lõgo do rio que per quartos vigiauão de noyte, ⁊ de dia os que yão ⁊ vinhão. E durando aſſi eſta goarda ſoube que era ſua eſpia hum Naire de Cochi da caſta dos leros, ⁊ trazia conſigo algũs Naires não conhecidos q̃ parecião de Calicut o que ſabido por ele fez de maneyra que logo lhos prenderão a todos: ⁊ trazendolhos mandou os açoutar muy brauamente perante os outros Naires de Cochim / ⁊ deſpois mandou que os enforcaſſem. O que vendo os de Cochim lhe pedirão q̃ lhe deſſe outra pena pois erão Naires: ⁊ que lhe não fizeſſe tamanha injuria. E não querendo ele ſe não q̃ os ẽforcaſſem / lhe diſſerão os ſeus capitães que ho não deuia de mandar, ⁊ que lhe lembraſſe quanta perda ⁊ trabalho paſſara el rey de Cochim por defender os noſſos: ⁊ que ſinteria muyto enforcarem aqueles Naires pois os prendera em ſua terra / porque era tomarlhe a juſtiça: ⁊ moſtraua aos ſenhores de fora que eſtauão com ele que era rey empreſtado: ⁊ pois lhe tiuera ſempre grãde acatamento que ho nã deuia deſacatar no cabo. O que pareceo bẽ a Duarte pacheco, ⁊ agardeceolhes muyto eſte conſelho: ⁊ logo mãdou polos Naires que mandara enforcar, de que dous eſtauão ja meos mortos, ⁊ com os outros os mandou a el rey de Cochim: ⁊ lhe mandou dizer como lhe merecião a morte / ⁊ a cauſa porque os não mandara enforcar. O que el rey eſtimou, porque lhos derão perãte muytos ſenhores de fora / ⁊ algũs mouros de Cochim / que por vituperarem el rey dizião que os noſſos erão os que mãdauão: ⁊ não ele. E dali por diante teue Duarte Pacheco tal auiſo: que ho ardil del rey de Calicut não ouue effeyto.

¶ Capit. lxxxvj. De como el rey de Calicut ſe meteo em hũ pagode: ⁊ deſpois ſe tornou a ſayr.

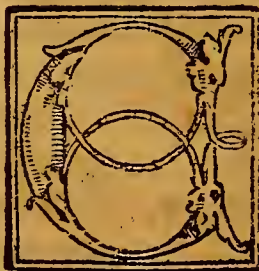
Sendo ja na fim de Junho, que ho inuerno ya em crecimẽto pareceo a Duarte pacheco que por eſſa cauſa nã podia el rey de Calicut eſtar ali muyto / ⁊ por iſſo determinou de dar nele ao leuãtar do arrayal, porque a experiẽcia que tinha dos immigos das vitorias paſſadas / lhe fazia crer q̃ lhe faria muyto dãno. E eſtando pera deſencadear os maſtos ⁊ poerſe à pique / foy auiſado que el rey de Calicut mãdaua reformar os caſtelos ⁊ fazer mayor armada pera ho combater. E eſta fama lãçou el rey, porque bem lhe parecia pelo que tinha viſto Duarte pacheco que auia de dar nele ao leuantar do arrayal que determinaua de leuantar ⁊ irſe: ⁊ iſto tão ſecretamente que ninguẽ ho ſabia ſe não Nambeadarim: ⁊ pola rezão que digo fazia moſtra de querer combater ho paſſo de Palurte: ⁊ ho do vao tudo juntamente / porque ocupado Duarte pacheco ẽ os defẽder ambos ſe podeſſe ele ir a ſeu ſaluo. E hũ ſabado a tarde veſpera de ſam Joã em q̃ dizião que auia de ſer ho combate / moſtrouſe a ar-

mada dos immigos como coſtuma
ua. Duarte pacheco eſteue eſperan-
do toda a noyte que ho auião de cõ-
bater, ⁊ em amanhecẽdo não ouuio
nhũ ſinal de combate. E eſtando ſuſ
penſo no que ſeria, ſoube pelos Bra
menes que el rey de Calicut leuan-
tara ho arrayal ⁊ ſe fora a Repeli, ⁊
que ja lá ſeria: do que ele ficou muy-
to magoado/ ⁊ no meſmo dia ſayo
em Repelim ⁊ pelejou com muyta
gente dos immigos, em q̃ fez muy-
ta deſtruyção: ⁊ tornandoſe ao paſ-
ſo ficou ainda nele algũs dias pera
mais ſegurança de Cochim, q̃ auia
medo que el rey de Calicut tornaſ-
ſe ſe ſe foſſe logo. Do que el rey eſta-
ua bem fora/ antes ya tão corrido
do pouco que fizera, ⁊ tão triſte ⁊
deſcontente do mundo, que como
paſſou ho rio de Repelim, apartou
ſe com os reys ⁊ ſenhores que ho a-
cõpanhauão, ⁊ diſſelhes chorando.
¶ A tão enuergonhado homẽ co-
mo eu eſtou/ pequena vergonha ſe-
ra deitar eſtas lagrimas, que a ma
goa de minha deſauentura me arrã
ca do coração que de muyto afadi-
gado (porque ho não podera fazer ẽ
pubrico) q̃r ir deſabafar onde ho nĩ
guẽ veja. Outra dor tenho tambẽ
a fora a de minha deſhõrra, que he
não vos poder pagar a obrigação
em que vos ſou/ que hey por tama-
nha que ſe me viſſe liure dela ficaria
mais contente que de tornar a to-
mar Cochi. E pois Deos não quis
que ho tornaſſe a ganhar ⁊ me pos
em tamanha deſhonrra/ não q̃re-
ra ele que eu mais viua em abito
de rey, antes por enmenda de meus
peccados quero acabar meus dias
em hũ turcol: ou viuer aſſi ate deos
tirar ho odio q̃ moſtrara neſta guer
ra q̃ me tinha. Doje por diante po-
deis fazer o que quiſerdes: ⁊ de mi-
nha terra ⁊ gente o q̃ vos comprir.
Não vos offreço minha peſſoa, por
que homẽ tão deſauẽturado como
eu nã ho deueis de querer em voſſa
cõpanhia. E coiſto acabou, ⁊ eles
ho quiſerão conſolar/ mas não po-
derão/ nem tiralo daquela determi
nação, ⁊ foyſe meter em hũ turcol
com algũs Bramenes que leuou cõ
ſigo. E ſabendo ſua mãy como ali
eſtaua, lhe mandou dizer que ela nã
eſtaua menos triſte que ela/ ⁊ q̃ por
ſeu ençarramento auia grande re-
uolta em Calicut/ ⁊ erão idos muy
tos mercadores/ ⁊ outros eſtauão
pera ſe ir, nem auia nhũs mantimẽ-
tos, porque os não trazião com me
do dos noſſos: ⁊ pois acertara tão
mal em tomar guerra coeles (do q̃
lhe a ela peſara muyto) que não de-
uia de tornar a Calicut ate não co-
brar ho credito que tinha perdido:
⁊ proſeguiſſe a guerra com os noſ-
ſos/ ⁊ ſe perdeſſe nela de todo: ou vẽ
ceſſe. Coeſte recado ficou el rey muy
to mais agaſtado: ⁊ mandou logo
chamar ſeu irmão, ⁊ encomendou-
lhe ho regimento do reyno/ mas
deſpois ſayo do turcol ⁊ tornou a
ſer rey.

¶ Cap. lxxxvij. De como muytos daq̃les reys ⁊ ſenhores que ajudauão a el rey de Calicut pedirã paz a Duarte pacheco.

AQueles reys ⁊ ſenhores
que ajudauão a el rey de
Calicut, deſpois que ſe
ele meteo no turcol ſe de

teuerão algũs dias em Repelim/esperando se se arrependeria do que tinha feyto: ꝛ vendo que não cada hũ se foy pera suas terras: porque como os mais as tinhão ao longo dagoa/ꝛ ela começaua de crecer cõ ho inuerno/ouuerão medo q̃ Duarte pacheco ẽtrasse pelos rios ꝛ lhas destruisse: ꝛ perdẽdo a esperãça de lhas poderẽ defender quiserão procurar dauer sua amizade. E tomãdo por intercessor a el rey de Cochĩ q̃ por sua boa condição ho quis ser, sem lhe lembrar ho mal que lhe fizerão/ꝛ mãdoulhes seguro pera que podessem ir a Cochĩ/donde ya coeles a Duarte pacheco ꝛ lhe rogaua que os recebesse em sua amizade: o que ele fez por amor dele. E outros reys ꝛ senhores que não poderão ir mandarão seus embaixadores a fazer estas pazes, assi tambẽ muytos mercadores mouros moradores ẽ Calicut pera poderem tratar se forão pera Cochim de morada com licença: ꝛ outros se forão pera Cananor, ꝛ outros pera Coulão: de modo q̃ Calicut se despejaua cada dia. E por a passajem dos mouros pera Cochim se deixaua Duarte pacheco estar no passo, ꝛ porque andauão muytos paraós de Calicut pelos rios pera os goardar com que pelejou algũas vezes: ꝛ lhe fez muyto dãno/ꝛ assi em terra de Repelim ẽ q̃ sayo a tomar vacas/ꝛ nestas saydas pelejou com muytos immigos em q̃ fez grande destruyção. E hũ dia toparão certos dos nossos com algũs tones dos immigos que estauão em hũa alagoa, ꝛ tirandoos de la ꝛ leuãdoos pera ho rio ouuerão com os immigos hũa braua peleja, em q̃ forão mortos muytos ꝛ dos nossos nhũs. E despois disto logo ho senhor de Repelim fez amizade com Duarte pacheco, ꝛ se vio coele ꝛ acodio com muyta pimenta que auia em sua terra.

¶ Capit. lxxxviij. Das armas q̃ el rey de Cochim deu ao capitão mór Duarte pacheco.

Estando assi Duarte pacheco no passo foy ter coele hũa noyte por dentro dos rios Ruy daraujo escriuão da feytoria de Coulão que lhe disse da parte do feytor como ele ꝛ os outros nossos que estauão na feytoria ficauão cercados de muyta gente per mãdado dos regedores de Coulão/que primeyro que os mandassem cercar lhe tomarã por força toda a pimenta que tinhão em Coulão/ ꝛ em Caycoulão/ ꝛ matarão sobrisso hũ dos nossos. E tudo isto por induzimento dos mouros da terra/per amor do recado que lhe fora de Calicut que os nossos erão desbaratados. E porque ainda era necessario estar ali Duarte pacheco oyto dias se não partio logo ꝛ mãdou a Ruy daraujo que esperasse. E nesta detença lhe leuarão hũ dia algũs dos nossos tres Naires de Calicut que ho espiauão pera ho matar. Do que el rey de Cochĩ foy auisado: ꝛ porque lhe pareceo que Duarte pacheco leuaria gosto em os mandar enforcar por ho caso ser

pera isso/ ⁊ por amor dele ho deixaria de fazer ⁊ lhos mandaria: em sabẽdo que lhos leuauão lhe mãdou dizer, que lhe pedia muyto que fizesse deles o que lhe bem parecesse por que leuaria nisso muyto gosto, que nã queria outro senão ho seu. E conhecẽdo Duarte pacheco que el rey de Cochim fazia aquilo por lhe dar contentamento/ porem q̃ não goardaua seus costumes/ mãdoulhe os Naires/ dizendo que nunca Deos quisesse que ele por sua causa deixasse de goardar seus costumes/ que não dizia ele mandarlhe aq̃les tres Naires/ mas que se quisesse lhe iria por outros a Calicut: porque tudo merecia ho seruiço que tinha feyto a el rey d Portugal. E isto estimou el rey tanto como defenderlhe Cochim: ⁊ por estas cortesias ⁊ outras de que Duarte pacheco vsou sempre com el rey/ ⁊ ho muyto acatamento que lhe sempre teue como q̃ esteuera em sua liberdade lhe tinha ele grande amor. E auendose de todo por seguro, se foy hũ dia ao vao a rogar a Duarte pacheco que não leuasse mais má vida/ ⁊ que se fosse pera Cochim que ja estaua seguro del rey de Calicut, ⁊ por isso se foy Duarte pacheco aos tres dias de Julho/ auendo tres meses ⁊ meo q̃ ali estaua sofrẽdo com os q̃ estauão cõ ele tanto trabalho como nũca sofreo em nhũ cerco dos mais apertados que forão no mundo, ⁊ fazẽdo tãtas façanhas como nũca outros nhũs fizerão, assi gregos como latinos nẽ barbaros. E dando muytos louuores a nosso senhor pola muy assinada merce que lhe fez em lhe dar tantas ⁊ tão sobre naturais vitorias se foy a Cochim, onde lhe el rey com todos os moradores lhe fez ho mais festejado recebimẽto q̃ pode ⁊ dahi ho acompanhou ate a nossa fortaleza. E vẽdo el rey quãto Duarte pacheco fizera em sua defensam lhe pedio muyto perdão de lho não poder satisfazer como desejaua por causa de sua pobreza/ ⁊ daualhe grãde soma despeciaria / que ele não quis tomar por saber quanta necessidade el rey tinha / ⁊ disselhe que ho trabalho que leuara por defender sua terra não fora por outro interesse mais que por desejar de ho seruir / porque conhecia sua bondade ⁊ tamanho amigo era del Rey de Portugal seu senhor ⁊ de seus vassalos. E vendo el rey q̃ lhe não queria tomar nada, acrecentou lhe sua honrra com lhe dar dom ⁊ armas como rey que era/ pera testemunho de suas façanhas: porque soube quanto se estas duas cousas estimauão antre os Portugueses, ⁊ a carta das armas vi eu em publica forma com ho blasam delas q̃ foy tirada da lingoa Malabar em que a fez Chericãda hũ escriuão da fazenda del rey de Cochim, ⁊ tirou ha em lingoa jem Portugues Aluaro vaz escriuão que era naquele tempo da feytoria de Cochi sendo lingoa hũ Teixeira lingoa da feytoria ⁊ ho mesmo Chericãda escriuão da fazenda. E eu vi esta carta assinada por el rey de Cochim ⁊ dizia.

¶ Iterama maratiquel vnirramacoul trimum: parti rey de Cochim senhor de Vaipim, ⁊ Darraul/ ⁊ Charauaipil, ⁊ Narengate, Draine

ne mór/mediante os deoſes tiuerẽ pagode. Aos que eſta minha carta virem faço ſaber que no ãno de mil ⁊ quinhentos ⁊ quatro, pela conta dos Chriſtãos no mes de Março/ elrey de Calicut veo ſobre minha terra com toda a força ⁊ poder do Malabar com ſoberba induuida cõtra vontade dos deoſes pera me deſtruir minha terra ⁊ gente/ por eu acolher ⁊ fauorecer os Portugueſes que a meu porto arribarão, ⁊ lhe dar carrega pera ſuas naos/ polo qual reſpeito os mais dos reys ⁊ ſenhores do Malabar me forão cõtrairos, ⁊ veo acompanhado de cinco reys de ſua valia que erão/ elrey de Tanor/ elrey de Curior, elrey de Cotogão, elrey de Bepur, ⁊ ele çamorim rey de Calicut cõ muytos Nambeadaris/ ⁊ Caimais, ⁊ ſenhores de terras com muy groſſa gente, no qual tempo eu não tinha nhũ ſocorro somẽte ho dos deoſes, por cuja graça ⁊ vontade me ficou hũa pequena armada dos Portugueſes: da qual era capitão Duarte pacheco pereyra fidalgo da caſa del Rey de Portugal meu ſenhor ⁊ irmão/ ⁊ com ſua armada ⁊ gente ſofreo ho dito Duarte pacheco muy grandes afrontas ⁊ perigos em muytos combates ⁊ pelejas que ouue com elrey de Calicut em paſſos ⁊ vaos de Cochim que lhe ele defendeo porque não entraſſe em minha terra: ⁊ ſete vezes foy cercado ⁊ cõbatido por elrey đ Calicut ẽ peſſoa ⁊ por eſſes reys ⁊ ſenhores que coele erão/ por terra ⁊ por os rios cõ grãdes frotas de nauios de remo: em os quaes combates ⁊ pelejas dous vezes ho vierão combater com oyto caſtelos de madeira armados na agoa ſobre dous nauios raſos: cada caſtelo cõ bombardas groſſas ⁊ muytos archeiros ⁊ eſpingardeyros/ cõ toda outra frota de nauios de remo com muyta gẽte ⁊ artelharia em hũs paſſos que ele por mim tinha no rio de Cochim: ⁊ ho dito Duarte pacheco cõ os ſeus ho deſbaratou, ⁊ lhe ferio ⁊ matou muyta gente: ⁊ ouue dele a vitoria em todos os combates ⁊ pelejas que coele ouue; ⁊ cõ ſeus capitães ⁊ gente/ ⁊ tres meſes ⁊ meo eſteue em guerra com elrey de Calicut nos paſſos de Cambalão/ ⁊ Darraul/ ⁊ Palurte ſofrendo muy grandes afrõtas fauorecendo meu partido: ajudando me a ſoster minha terra com mais riſco de ſe perder a juyzo đ todos/ que de me poder ſocorrer nem ſaluarſe aſſi meſmo/ ⁊ por vontade ⁊ ajuda dos deoſes fez ho dito Duarte pacheco tanto dãno a elrey de Calicut neſta guerra que ho não pode ſofrer ⁊ lhe conueo aleuantarſe com ſeu arrayal ⁊ irſe cõ eſſes reys ⁊ ſenhores que ho ajudauão que eſtauão ja muy deſbaratados ⁊ mingoados de credito, ⁊ tinhão perdida muyta gente aſſi morta como ferida/ em a qual guerra me ho dito Duarte pacheco tem feytos muy grandes ⁊ aſſinados ſeruiços: ⁊ no começo dela ele me prometeo de ir receber elrey de Calicut ao caminho no paſſo đ Cambalão: ⁊ aſſi ho fez poendoſe em riſco de ſe perder. E coiſſo ⁊ com as couſas que fez me ſegurou minha terra, as quaes couſas Duarte pacheco fez cõ ſua gẽte

& algũa pouca minha de que lhe ti-
nha dado carrego/ & muytas delas
fez em minha presença, que eu man-
dey todas escreuer por pessoas au-
tenticas/ porque forão muy gran-
des segundo sua pouca força & ho
grande poder del rey de Calicut: &
a juyzo d todos os Malabares ma
is parecião suas cousas serẽ feytas
por mão & fauor dos deoses/ q por
rezão nem força humano: & porq eu
fuy muy bem socorrido & ajudado
por ho dito Duarte pacheco & sua
gente/ & me tem feytos muy gran-
des & assinados seruiços nesta guer
ra/ & defẽdeo a el rey de Calicut os
passos/ & vaos & entradas de Co-
chim/ & me ajudou a defender mi-
nha terra questaua em condição de
a perder se ele não fora/ o q lhe não
posso negar que forão seus feytos
muy notorios & gerais em toda a
India, nẽ lhe posso pagar seus grã
des seruiços como eles merecẽ não
querendo ele de mim tomar nada.
Eu Iterama maratinquel vnirra-
macoul trimumpati rey de Cochi
de meu proprio moto & liure vonta
de, & poder ausuluto: por memoria &
sinal de seus feytos, & das afrõtas
que por mim passou nesta guerra/
& por honrra de sua pessoa, & dos q
dele decenderem lhe dou ho dom q
soube que os Portugueses tem por
honrra/ que ele se possa chamar dõ
Duarte pacheco, & todos os q dele
decenderem: & assi lhe dou por insi-
nias & sinais de seus feytos & hõrra
que nisso ganhou hũ escudo verme
lho por sinal do muyto sangue que
derramou dos de Calicut nesta
guerra/ & dentro nele lhe dou cinco
coroas douro em quina por cinco
reys que nela desbaratou. E a bor-
dadura deste escudo lhe dou branca
com ondas azueis/ & nela oyto cas-
telos verdes de madeyra armados
nagoa sobre dous nauios rasos ca-
da castelo/ por duas vezes que ho
combaterão cõ estes oyto castelos
& dambas os desbaratou: & doulhe
sete bandeiras de põta ao derredor
deste escudo/ tres vermelhas & du-
as brancas/ & duas azueis por sete
combates que lhe el rey de Calicut
deu por sua pessoa, & em todos sete
ho desbaratou/ & por sete bãdeiras
que lhe tomou/ das mesmas cores
& feyção que abaixo irão: & doulhe
hũ elmo de prata aberto goarneci-
do douro & ho paquife douro & ver
melho/ & por timbre hũ castelo do
mesmo teor com hũa bandeira ver-
melha de ponta nele: as quais insi-
nias & armas ele podera trazer mes
turadas com as armas d sua linha-
gem, ou sem elas/ ou como ele qui-
ser cõ a dita bordadura ou sem ela,
como lhe melhor parecer que eu de
meu proprio moto & liure vontade,
& poder ausoluto lhas dou como di
to tenho cõ ho dom a ele & a todos
os q dele decenderem por muy grã-
des & assinados seruiços que me tẽ
feytos como acima he declarado: &
pera sua goarda & minha lembran-
ça lhe mandey ser feyta esta carta
por mi assinada. Chericanda escri-
uão de sua fazẽda a fez em Cochim,
& foy terladada por mi Aluaro vaz
escriuão da dita feytoria de Cochi
& assinada por el rey de Cochi. Fey
ta ẽ Cochi aos dous dias do mes
Dagosto de mil & .ccccciiij. ãnos.

Capit.lxxxix. De como ho capitão mór Duarte Pacheco foy socorrer ao feytor de Coulão.

SAbẽdo Duarte pacheco a necessidade que auia dir socorrer ao feytor de Coulão esperou ate q̃ ho tẽpo não fosse tão verde como era: ⁊ pera ir mais seguro foy na sua nao ⁊ deixou as carauelas em Cochim pera q̃ goardassem ho porto de Cochim/ ⁊ deixou por capitão mór Pero rafael, ⁊ quis nosso senhor que afastado de terra achou ho mar brãdo ⁊ chegou sem perigo a Coulão: ⁊ com sua chegada ficarã os mouros muyto tristes por terem algũs lançadas ao mar cinco naos que carregauão cõ grãde pressa porque se partissem antes que ho capitão mór chegasse, q̃ bem lhes parecia que auia de ir na entrada do verão, mas não tão cedo porq̃ repousaria da guerra passada: ⁊ muitos se forão logo com medo. Os da cidade decercarão logo os nossos, ⁊ todos amigos forã receber ho capitão mór ao mar/ ⁊ leuarãlhe muyto refresco, assi os da cidade como os mouros: que ele cecebeo muyto bẽ dissimulando o que tinhão feyto por não aluoroçar a terra. E disselhes que era ali vindo pera fazer tudo o que lhe comprisse ⁊ goardar a amizade ⁊ paz que estaua assentada antreles/ ⁊ el Rey de Portugal seu senhor. E porque hũa das condições do cõtrato da amizade fora que se não leuasse pera fora nhũa especiaria ate q̃ ho nosso feytor não comprasse a de que teuesse necessidade pa carregação das nossas naos, que ele não auia de consentir que esta cõdição se quebrasse por ser muyto principal ãtre todas as outras: ⁊ por isto nã auia nhũa nao de sayr do porto sem as mandar buscar primeyro se leuauão especiaria. O que os mouros sofrerão muyto contra sua võtade, porem consentirão polo medo que lhe auião/ ⁊ por ele mostrar aos mouros que tinha cõprimento coeles mandou rogar aos senhores das naos que estauã no porto que não comprassem nhũa especiaria se nã pera comer: ⁊ lhe dessem a que tinhão carregada: porque de toda tinha necessidade pera as nossas naos que esperaua q̃ erão muytas. E isto das naos serem muytas lhes dizia pera lhes quebrar os espiritos/ ⁊ mandoulhes q̃ logo descarregassem a especiaria ⁊ a ẽtregassem ao nosso feytor. O que os mouros ouuerão por muyto graue cousa ⁊ não ho querião fazer ⁊ por isso se detinhão: o que ele vendo/ ⁊ temẽdo que a tardança era pera se fazerẽ fortes/ mandou logo atrauessar a sua nao diante das proas das cinco q̃ estauão começadas de carregar ⁊ mandou fazer prestes os seus pera pelejarem: mãdando aos senhores das naos que logo descarregassem a especiaria. E porq̃ na praya andaua muyta gente ⁊ se temeo que fosse socorrer as naos/ mandou lá ho seu batel bem artilhado que ho defendesse ⁊ nele y a Ruy daraujo/ assi pera isso/ como pera ẽtrar nas naos ⁊ as fazer descarregar: porq̃ ja os senhores delas cõ medo ho consen-

tião. E descarregadas as naos/ mã
dou dizer aos regedores da cidade,
porque parecesse que tinha coeles
comprimento que nã ouuessem por
mal o que fizera aos mouros / porq̃
mais lhe merecião pola afronta em
que poserão os nossos que estauão
na feytoria: e que se auisassem que
não deixassem sayr do porto nhũa
nao sem lho primeyro fazerẽ saber
pera as mandar buscar/ se não que
soubessem certo que as mãdaria to
mar pera el rey seu senhor, o que lhe
eles prometerão. E com tudo ele es-
teue aquela noyte em vigia sobre as
naos/ e com ho seu batel ao longo
da praya, pera que nhũa gente da
terra fosse ás naos: e assi esteue al-
gũs dias que ho tempo não deu lu-
gar pera sair ao mar, e com sua licẽ-
ça sayrão do porto tres naos dos
mouros hũa, e hũa, e coesta diligẽ-
cia ouue muyta especiaria: e tambẽ
porque os mouros de Calicut co-
mo ho virão no porto fugirão com
medo. E sendo ho tempo brando ja
na entrada de Setembro/ sayose pe
ra fora da barra a vigiar q̃ não pas-
sasse nhũa nao com especiaria/ e to-
mou algũas que mandou descarre-
gar: o que os mouros, e assi os da ci
dade auião por muyto grãde sugei-
ção. E entendendo ele isto / porque
não se posessem coele em algũ estre-
mo com que faria pouco proueito
na fazenda del rey seu senhor: deu li-
cença aos mouros e aos regedores
da cidade que pera Choramandel le
uasse cada nao certos fardos de pi-
menta e mais não. Do que eles fo-
rão muy contentes, e lho agardece
rão muyto. E auẽdo ainda os mou
ros isto por opressam, quiserão por
manha deitalo dali/ deitando fama
que estauão em Coulão homẽs de
hũa nao de Calicut muyto rica que
ficaua em hũa pequena ilha ao mar
de Coulão porque indo em sua bus-
ca carregassem e se fossem. E querẽ
do ele ir buscala foy auisado do ar-
dil dos mouros/ e por os acolher
na empresa mostrando que ya bus-
car a nao/ foyse a Caicoulão que he
perto: e tornãdo achou na costa du
as naos de mouros que se partião
carregadas e tomouas. E vẽdo os
mouros que lhe não aproueitara a
quele ardil buscarão outro, que fize
rão hũ patamar dissimulado q̃ ya
de Calicut: e dizia ãtre outras cou
sas que se armauão em Calicut vin
te naos pera irem sobrele: e isto se
teue por tão certo que crendoho ho
feytor lhe mandou recado, e tambẽ
algũs mouros seus amigos que ho
forão ver lho affirmarão por muy-
to certo. E ele lhes respondeo que
viessem com suas naos quando qui
sessem que ali ho auião dachar on-
de esperaua dẽ as desbaratar. E dali
por diante ho mais do tempo anda
ua de largo e de dia surgia, e de noy
te andaua á vela, hũa volta ao mar
outra a terra por lhe não escapar ne
nhũa nao como não escapaua. E an
dando assi hũa madrugada tomou
hũ barco que saya de Coulão pera
ir a hũa nao que ele deixara ir e no
barco tomou algũs mouros de Ca
licut, e conhecendo que erão de lá:
porque lhe pareceo que poderiã ser
culpados na morte daquele homẽ
nosso da feytoria que fora morto ás
cutiladas mandaua que os enfor-

cassem: o q̃ se ouuera de fazer se lhe os regedores da cidade não mandarão pedir que sobrestevesse ate lhe fazerem certo como os mouros nã erão de Calicut se não naturais de Coulão: ⁊ assi ho prouarão, ⁊ por isto escaparã. E despois disto tomou duas naos ⁊ roubou as, ⁊ assi como vigiaua ẽ Coulão assi ho fazia Pero rafael em Cochim, ⁊ por isso ouue aquele anno a mais fermosa carrega pera as nossas naos, que nũca despois ouue: o que se fez cõ muyto trabalho ⁊ perigo / assi do capitão mór como dos seus.

¶ Capit. xc. De como Lopo soarez partio pera a India por capitão mór da armada que foy no anno de mil ⁊ quinhẽtos ⁊ q̃tro.

DEste anno de mil ⁊ quinhẽtos ⁊ quatro sabẽdo elrey d Portugal como elrey de Calicut ficaua de guerra com os nossos, mãdou em seu fauor hũa armada de doze naos grossas / ⁊ deu a capitania mór delas a hũ fidalgo chamado Lopo soarez, que em tempo del rey dom João ho segundo fora capitão na Mina. E os capitães desta armada forão Pero d mẽdoça, Lionel coutinho / Cristão da silua / Lopo mendez de vasconcelos Lopo dabreu / Felipe de crasto, Afonso lopez da costa, Pedrafõso daguiar Vasco da silueira, Vasco carualho, Pero dinis d Setuuel todos fidalgos ⁊ caualeyros / ⁊ que forão por capitães naquela viagẽ da India: ⁊ todos leuauão consigo boa gẽte de peleja ⁊ bẽ armada. E despachado se partio de Lisboa a vinte dous dias Dabril do mesmo anno: ⁊ continuando sua viagem aos dous dias de Mayo foy na parajem do cabo verde: ⁊ fazendo aqui ajuntar os capitães, mestres ⁊ pilotos da armada lhes fez hũa fala, trazẽdolhes aa memoria quão tarde partirão de Portugal: ⁊ por isso tinhão necessidade de terem grande diligẽcia ⁊ não fazerem os desmanchos que se ateli fizerão / ⁊ todos por mao recado / assi como foy dar hũa nao pola capitaina / ⁊ outras duas por outras: no que se correra grãde perigo ⁊ assi não seguirem algũs de noyte ho seu forol / ⁊ hũs yão diante outros ficauão atras: ⁊ algũs a balrauento por onde se poderião perder hũs dos outros: ⁊ por atalhar a isso, ⁊ pera bõ regimento da armada fez hũa postura escrita pelo seu escriuão, ⁊ assinada por ele ⁊ por os outros capitães q̃ todas as naos seguissem de noyte seu forol / ficando detras da sua nao: ⁊ q̃ em nhũa nao ouuesse de noyte outro fogo se não a candea da bitacora / ⁊ dẽtro na camara do capitão, ⁊ q̃ vigiassem os mestres ⁊ os pilotos, ⁊ teuessẽ grãde tento que hũa nao não desse por outra, ⁊ que lhe respondessem quãdo fizesse final, ⁊ que ho saluassem de dia / ⁊ não passassem diante dele de noyte, ⁊ quem fizesse ho contrairo pagasse dez cruzados ⁊ fosse preso ate a India sem vencer soldo. E porq̃ algũs mestres ⁊ pilotos erã negrigẽtes ⁊ por sua culpa dauã hũas naos pelas outras mandou os mu

dar das em que yão pera outras. E coesta diligēcia que fez foy dali por diante a armada em boa ordem: & não se fez nhū mao recado. E indo assi no mes de Junho que se fazião na volta do cabo de boa Esperança sobreueolhe hum dia hum muy forte temporal de vento com que toda a frota correo dous dias & hũa noyte aruore seca com muyto grāde perigo de se perderē: & era a çarração tamanha que mais parecia noyte que dia. E passados estes dous dias virão sinais de terra que pareceo a todos que serião perto dela: & por essa causa era a çarração tamanha/ q̃ despois de verē estes sinais foy muyto mayor. E por isso mandou Lopo soarez q̃ a cada relogio tirassē na sua nao duas bõbardadas a que as outras respondessem: porque se não perdessem hũas das outras. E acabada esta tormenta/ achouse menos a nao de Lopo mendez/ que vendo Lopo soarez que não parecia seguio seu caminho. E logo a poucos dias deu hũa nao tamanha pancada em outra que abrio tanto pela roda que se via dētro muyto bem, & entroulhe tanta agoa de roldão que se yaa ao fundo. Lopo soarez arribou logo sobrela & chegou tão perto que podião ouuir ho esforço que daua aa gente dizendo que trabalhassem por tomar a agoa sem medo de se perderem: porque ele lhes acodiria como acodio com gente que mandou no seu batel, posto que ho mar andaua grosso & corria ho batel risco de se perder. E coisto trabalhou tanto a gente da nao/ que quando anoyteceo acabou de tomar ametade da agoa: & pera se tomar a outra que ficaua/ mandou Lopo soarez que naquela nao se fizesse ho forol, & os capitães a seguissem pera lhe acodirem se teuesse necessidade. E abonaçando ho tempo ao outro dia a agoa foy tomada de todo com hũs couros que pregarão & brearão. Passado este perigo sem mais lhe acontecer cousa que de contar seja, chegou a Moçambique ē dia de Santiago, onde ho xeque lhe fez grande recebimēto/ & lhe mandou muytos mantimentos/ & lhe deu a carta de Pero dataide que lhe deixou antes q̃ morresse, como ja disse. E sabendo per ela a guerra del rey de Calicut com os nossos/ concertada a nao que tirou a monte se partio pera Melinde ho primeyro Dagosto. E chegado ao seu porto el rey ho mādou visitar por Adebucar hũ mouro muyto honrrado/ porquē lhe mandou os dezaseys nossos que escaparão da nao de Pero dataide. E passados dous dias partiose caminho da India & chegou a Anjadiua, onde achou Antonio de saldanha & Ruy Lourenço que hi inuernarão como disse atras/ q̃ quādo virão tamanha frota cuydarão que era de rumes.

¶ Capitolo. xcj. Como ho capitão mór Lopo soarez chegou a Cananor & se vio com el rey.

EStando aqui Lopo soarez veo hi ter Lopo mendez de vasconcelos que se perdera de sua conserua

cõ tẽpo, e despois de vindo se partio pera Cananor, õde chegou ho primeyro de setẽbro: e ali soube do feytor a guerra delrey d Calicut: e como ele cõ os outros nossos q̃ estauã em Cananor, se virão p muytas vezes ẽ perigo de morte. E ao outro dia despois q̃ chegou foy a terra pa se ver cõ el rey de Cananor: e forão coele todos os capitães da frota ẽ seus bateis vestidos d festa cõ os q̃ os acompanhauão/ e os bateis embandeirados e artilhados. Ho de Lopo soarez ya toldado e alcatifado/ e ele assentado em hũa cadeira despaldas de veludo carmesim com almofadas do mesmo aos pés: leuaua hũ gibão de cetim de cores feyto em enxadrez/ e hũas calças desta maneyra, hũs çapatos d veludo negro com muytas põtas douro miudas/ e hum barrete cõ outras grossas: hũa roupa francesa de veludo negro apertada com hũ cinto de fio douro/ com hũ punhal e bracamarte douro/ e hũ colar de tres voltas feyto dalcatruzes esmaltados, e nele hũ apito douro esmaltado. Leuaua dous pajes vestidos como ele/ e seys trombetas com bandeiras de seda/ leuaua hũs orgãos que lhe yão tangendo em hum esquife junto do seu batel/ e nele hum presente pera el rey de Cananor q̃ lhe mandaua el rey de Portugal. s. seys colchões dolanda/ dous trauesseiros enfronhados com suas almofadas, tudo laurado douro: dous cubertores de veludo carmesim/ e ho decima quartapisado de tres tiras de borcado: a do meo de largura dũ palmo/ e as outras d tres dedos: hũ leyto dourado cõ cortinas de cetim carmesim com a forcadura de fio douro. E quando Lopo soarez se desamarrou das naos desparou toda a artelharia e despois tocarão as trombetas e atabales, e em acabãdo começarão os orgãos que forão tangendo ate chegarem a terra õde auia grande multidão de mouros e de gentios que sayão a ver Lopo soarez, que desembarcado se meteo em hũ çarame q̃ pera isso estaua feyto junto do mar: e nele foy armado ho leyto e feyta a cama, e junto coele hũ estrado em q̃ se ho capitão mór assentou. El rey de Canor quando veo leuaua diante tres alifantes armados como pera pelejarem, e detras hũ esquadrã de tres mil Naires despadas/ e escudos, e lanças: e outro de dous mil frecheiros. E detras destes ya el rey em hũ andor muyto rico. E chegando ao çarame desparou toda a nossa artelharia. Lopo soarez recebeo el rey aa porta do çarame: e despois de se abraçarem / lhe apresentou a cama: em que se el rey logo lançou/ e ele se assentou no estrado, e ali esteuerão falando por espaço de duas horas. E neste tempo hũ seu lebréquisera filhar hũ dos alifãtes: e porq̃ ho tinhão preso daua saltos e huyuos q̃ não auia quẽ se ouuisse, nẽ quẽ ho teuesse: o q̃ foy causa de se el rey e Lopo soarez deterẽ menos do q̃ se ouuerão de deter. Despois desta vista cõ el rey chegou hũ mouro de Calicut cõ quẽ vinha hũ moço Portugues que leuaua a Lopo soarez hũa carta dos nossos q̃ ficarão catiuos do tẽpo de Pedraluarez

rez/em que diziáo que el rey de Calicut ficara táo quebrado da guerra que teuera com Duarte pacheco q̃ se metera no turco/ dauorrecido do mundo: ⁊ que muytos mouros desesperados de terem trato em Calicut se forã morar a outras partes: ⁊ por isso auia em Calicut grande fome. Pelo que el rey de Calicut ⁊ ho principe ⁊ seus regedores/ ⁊ assi todos os moradores d̃ Calicut desejauão de ter paz cõ os nossos. E determinando ja de a mãdar pedir, derão licença aos nossos q̃ estauão catiuos que lhe escreuessem aquela carta que lhe escriuião: assi pera lha rem como pera lhe pedir que os tirasse de catiueiro. E ele vista esta carta/ quisera responder a ela pelo mouro ⁊ que ficara ho moço: mas ele não quis/ dizẽdo que de necessidade auia de tornar cõ ho mouro: porque lhe derão licença pera leuar a carta com condição q̃ nã tornãdo que cortassem as cabeças aos nossos que ficauão em Calicut/ a que Lopo soarez mandou dizer de palaura/ que quando fosse pera Cochĩ surgiria ho mais perto que podesse de Calicut/ ⁊ que fugissem eles de noyte pera a frota, ou a nado/ ou em almadias: ⁊ isto porq̃ soube do mesmo moço que os catiuos andauão sem ferros pela cidade cõ dous Naires q̃ os goardauão/ ⁊ de noyte dormião em hũ çarame. E despois disto partiose pera Calicut/ onde chegou hũ sabado sete de Setembro. E como surgio foy a ele ho moço que lhe leuara a carta a Cananor ⁊ foy coele hũ mouro criado de Cojebequim que lhe leuou hum presente dos regedores de Calicut. De cuja parte lhe disse/ que se quisesse dar seguro a Cojebequim que iria falar coele sobre ho concerto de paz. A que ele respõdeo que não auia de tomar ho presente, nẽ outra cousa algũa ate a paz não ser feyta/ ⁊ quãto a Cojebequim que lhe poderia ir falar seguramente como seruidor del Rey de Portugal. E mandou dizer aos nossos que trabalhassem por fugir. Sabida esta reposta pelos regedores, mandarão logo Cojebequim q̃ leuasse a Lopo soarez dous dos nossos que estauão catiuos, crendo que co isso ho prouocarião a fazer paz/ pedindolhe que esperasse quatro dias que el rey poderia tardar/ porque ja erão a chamalo/ ⁊ que sabião que faria quanto ele quisesse. E ele respondeo/ que não auia d̃ fazer cousa algũa ate lhe primeyro não entregarem os dous Italianos que se lançarão em Calicut: ⁊ que sendo lhe entregues faria o que fosse bem. E não lhe mandou nhũ recado sobre os catiuos/ porque tinha pera si que poderião fugir: mas não poderão, porque sabendo os Italianos como Lopo soarez os pedia / conselharão aos regedores q̃ teuessem grande goarda sobre os catiuos: porque polos auer faria ele a paz com as condições que el rey quisesse, porque erão muyto estimados antre os nossos: ⁊ que os não auia de deixar por nhũ preço. E crendo os regedores isto/ esfriarão de falar mais na paz, ⁊ poserão os catiuos em tal recado que não poderão fugir. E ficarão assi ate ho tẽpo do visorey dõ Frãcisco

dalmeida que fugirão algũs: & os outros morrerão de doença.

¶ Capit. xcij. Da destruição que ho capitão mór Lopo soarez fez em Calicut: & de como chegou a Cochim.

Vendo Lopo soarez q̃ os regedores não tomauão nhũa concrusam coele: & desesperado de auer os catiuos / quis se vingar em esbombardear a cidade hũ dia & meo / em que fez nela muyto grande destruição, que derribou ho çarame del rey, & parte dũa mezquita, & outras muytas casas, & matou muyta gẽte q̃ acodio á praya: de q̃ ele estaua perto com sete naos das mais pequenas da frota / & pegados com terra todos os bateis artilhados. Feyto isto partiose pera Cochim, õde chegou hũ sabado quatorze de Setembro: & este dia esteue no mar / & foy visitado dos nossos. E ao outro dia desembarcou na nossa fortaleza da mesma maneyra que desembarcou em Cananor. El rey de Cochim ho estaua esperãdo á porta da fortaleza: & dali ho recebeo com grande festa. E despois de se abraçarem se tomarão pelas mãos / & se forão a hũa sala: em que estaua feyto hũ estrado real cõ hũa cadeira despaldas. E porque el rey se assentou no estrado segundo seu costume / q̃ he assentarse no chão: mãdou Lopo soarez afastar a cadeira pera fora do estrado / & assentouse nela: o que lhe foy tachado per todos, & disserão que se ouuera dassentar no estrado com el rey: a quem ele deu hũa carta del rey de Portugal de muytos agardecimẽtos do que fizera por amor de seus vassalos: offrecendoselhe muyto por essa causa: & el rey disse que de tudo era pago / no que Duarte pacheco fizera por ele. E ao outro dia lhe mandou Lopo soarez hũa boa soma de dinheiro que lhe el rey de Portugal mandaua / porque sabia que estaua pobre. E dspois disto mãdou a Pero de mendoça, & a Vasco carualho q̃ fossem darmada ẽ suas naos a goardar aquela costa ate a de Calicut pera que tomassem as naos dos mouros que saysem com a especiaria. E assi mandou Afonso lopez da costa, Pedrafonso daguiar, Lionel coutinho / & Ruy dabreu q̃ fossem carregar a Coulão por saber que auia la especiaria em auondança. E mãdou a Tristão da silua q̃ fosse a Crãganor por dentro dos rios cõ quatro bateis armados pera pelejar cõ algũs paraós de Calicut que andauão darmada: & Tristão da silua esbõbardeou algũs: & assi algũs Raires que lhe sayrão em algũas pontas: & sem chegar a Cranganor tomou hũ zambuco de Calicut carregado de pimenta com que se tornou a Cochim, onde carregou com os outros capitães que carregarão muy pacificamente: & foy a especiaria tanta que sobejou muyta.

¶ Capit. xciij. De como Duarte pacheco se partio de Coulão pera Cochim.

Duarte pacheco que ãdaua na costa de Coulão co mo la vio os capitães/ ꝛ q̃ era chegado capitão mór: porq̃ não tinha mais q̃ fazer/ partiose pera Cochim a vĩte dous Doutubro: ꝛ indo por seu caminho ouue vista de hũa nao muyto ala mar, a que deu caça todo aquele dia ꝛ parte da noyte, que selhe acolheo a Coulão, onde auẽdo fala dela soube que era de nossos amigos/ ꝛ que vinha de Choramandel/ ꝛ q̃ detras vinhão tres naos de Calicut: pelo que foy logo em sua busca/ ꝛ perlõgou aquela noyte a costa cõ ho terrenho. E em amanhecendo que ya na volta do mar ouue vista de hũa vela quelhe fugio tanto q̃ a não pode alcançar se não tarde perto da costa, onde pelejou coela hũ pedaço/ porque trazia muyta gẽte ꝛ defendiase: ꝛ por derradeyro amainou/ não se atreuendo a defender. Rendida a nao, que os nossos a entrárão, mandou Duarte pacheco alijar dela algũa da gente em terra: ꝛ a outra mandou meter na sua nao presa em ferros. E sabendo que esta nao era hũa das tres de Calicut que ele ya buscar/ metẽdo nela dos nossos que a goardassem a leuou consigo, ꝛ as outras duas. E sendo tanto auãte como Comorim, deulhe hũa toruoada com que se ouuera de perder: ꝛ passada dela surgio na costa hũa legoa de terra ꝛ ali esteue aq̃la noyte em quelhe fugirão a nado trinta mouros/ de que tomarão doze com ho batel: ꝛ despois disso andou doze dias as voltas esperando pelas naos. E vendo que não vinhão, nẽ achãdo nouas delas, leuou a nao q̃ trazia a Coulão. E despois de a entregar ao feytor com toda a fazẽda que era muyta/ se foy pera Cochĩ.

¶ Capit. xciiij. De como ho capitão mór Lopo soarez pelejou em Cranganor com hũa armada de Calicut.

Acabadas de carregar as naos que carregauã em Cochim: ꝛ chegadas as que carregarão fora, pos Lopo soarez em conselho se daria em Cranganor por quanto era da parte del rey de Calicut, que ja estaua em Calicut fora do turcol: ꝛ estaua ho seu capitão mór do mar com oytẽta paraós ꝛ cinco naos: ꝛ em terra Nambeadarim com boa soma de gente. E auia noua q̃ como se Lopo soarez partisse pera Portugal que auia el rey de Calicut de tornar a prosseguir a guerra. E acordado per todos os capitães q̃ dessem em Cranganor, partio de Cochim hũa noyte com quinze bateis ꝛ vinte cinco paraós de Cochim todos artilhados/ ꝛ apadessados: ꝛ hũa carauela em que irião passante de mil dos nossos, ꝛ mil Naires: ꝛ antemanhaã chegou a Paliporto q̃ não pode mais andar por os baixos do rio: ꝛ os bateis erã pesados por amor das padessadas ꝛ artelharia. E ali foy ter coele ho principe com oytocentos Naires, ꝛ hũs per terra, ꝛ outros ꝑ mar partirão pa Crãganor, õde estaua ho capitã mór do mar ð Calicut ẽ duas naos nouas: ꝛ tinha as ẽcadeadas ꝛ artilha

das ꝛ bastecidas de muyta gẽte de guerra/os mais deles frecheiros: ꝛ detras destas naos, ꝛ das ilhargas estauão os paraós tambem cõ muyta gente: ꝛ tinha consigo dous filhos valentes homẽs. Chegada a nossa frota começou ó jugar a artelharia dũa parte ꝛ doutra: ꝛ Tristão da silua/ Afonso da costa, Vasco carualho/ Pedrafõso daguiar, ꝛ Antonio de saldanha que yão na diãteira abalrroarão com as duas naos sobꝛe o que pelejarão hũ pouco. E entradas as naos forão despejadas/ moꝛrendo pꝛimeyꝛo ho seu capitão móꝛ/ ꝛ seus dous filhos q̃ pelejarão muyto valentemẽte/ ꝛ outros muytos: poꝛque aqui foy toda a foꝛça da peleja/ q̃ nos paraós a quem os outros capitães cometerão ouue pouco que fazer, que logo que virão as naós entradas se desbaratarão. Desbaratados os immigos do mar/ mandou Lopo soarez que desembarcassem os nossos: ꝛ desembarcarão pꝛimeyꝛo os cinco capitães que digo q̃ leuauão a dianteira/ a que Nambeadarim quis resistir com algũs Naires que tinha com que os nossos pelejarão com tanto esfoꝛço que os fizerão fugir indo a pos eles/ ꝛ poserão fogo a algũas casas/ que todo ho lugar estaua despejado dos mouros / ꝛ dos gentios/ que bem souberão como yão sobꝛeles. E tambem Nambeadarim ꝛ sua gente assi como fugirão da pꝛaya vazarão logo foꝛa. Duarte pacheco/ ꝛ o feytoꝛ Diogo fernãdez coꝛrea desembarcarão poꝛ outro cabo cõ os outros capitães/ ꝛ começarão de queimar. E Lopo soarez ficaua na pꝛaya tendo a gẽte que se não desmandasse. Os Chꝛistãos da cidade que estauão escondidos pelas casas como virã que lhe punhão ho fogo sayꝛão donde estauão bꝛadando aos nossos q̃ os não matassem/ que erão Chꝛistãos. E algũs se foꝛão logo a Lopo soarez a pedirlhe poꝛ amoꝛ de nosso senhoꝛ que mandasse cessar ho fogo poꝛ se não queimarem algũas igrejas de nossa senhoꝛa, ꝛ dos apostolos que auia na cidade : ꝛ as casas tambem que estauão de mestura com as dos gẽtios/ ꝛ dos mouros. E poꝛ seu rogo mãdou ele que fizessem cessar ho fogo. E assi se fez / mas com tudo erã ja queimadas muytas casas/ que poꝛ serem feytas de madeira arderão logo. E apagado ho fogo foꝛão roubadas as casas dos mouros que foꝛão muytas ꝛ despois queimadas, ꝛ assi cinco naos ꝛ os paraós. E Lopo soarez quisera ir pelejar com Nambeadarim que estaua hi perto/ ꝛ indo ele lhe fugio ꝛ poꝛ isso se toꝛnou: ꝛ feytos algũs caualeyꝛos se foy pera a nossa foꝛtaleza/ onde el rey de Cochim ho foy visitar.

¶ Capit. xciiij. De como el rey de Tanoꝛ pedio paz ao capitão móꝛ Lopo soarez.

Dahi a dous ou tres dias chegou hũ embaixadoꝛ del rey de Tanoꝛ rey do Malabar ꝛ vezinho delrey de Calicut / que lhe disse da sua parte que seria vassalo

del Rey de Portugal selhe desse a- juda contra el rey de Calicut q̃ lhe fazia guerra: ꝛ que lha deuia de dar porque sabendo ele que el rey de Calicut yа em socorro de Cranganor se posera em cilada com quatro mil Naires, ꝛ lhe matara dous mil, ꝛ ho desbaratara: pelo que el rey de Calicut não podera socorrer a Cranganor. E logo Lopo soarez o recebeo por vassalo del rey de Portugal/ ꝛ mandou Pero rafael em sua ajuda que foy na sua carauela cõ cẽ Portugueses/ que pelejarão tambem q̃ desbaratarão el rey de Calicut/ ꝛ lhe matarão muyta gente: do que ficou mais abatido que com as vitorias de Duarte pacheco por ser cõ seu vezinho/ q̃ foy causa de lhe os outros perderem ho medo/ ꝛ se leuantarem contrele / ꝛ por isso os mouros de Calicut ꝛ de Crãganor desconfiarão de poderem tratar pera Meca q̃ muytos determinarão de se tornar pera suas terras/ pera o q̃ carregarão dezasete naos grossas em Pandarane.

¶ Capi. xcv. De como ho capitão mór Lopo soarez pelejou com os mouros em Pandarane.

Chegado ho tẽpo de Lopo soarez se partir pa Portugal deixou pera segurança de Cochĩ hũa armada de duas carauelas ꝛ hũa nao, de que ficou por capitão mor hũ fidalgo que auia nome Manuel telez de vascõcelos, ꝛ por seus capitães Pero rafael/ ꝛ Diogo pirez. E de ficar este Manuel telez ꝛ não Duarte pacheco pereyra, pesou muyto a el rey de Cochim/ ꝛ se não conhecera Lopo soarez por tão seco de condição sempre lhe pedira que ficara Duarte pacheco por capitão mor/ ꝛ rogoulhe a ele que lho rogasse: do que Duarte pacheco se escusou. E conhendo el rey a causa porque ho fazia, não quis apertar coele que ho fizesse: ꝛ não tẽdo nada que lhe dar offreceolhe grande soma de pimenta, que lhe ele não quis tomar porque sabia a necessidade q̃ tinha dela: ꝛ deixando grãde soidade em el rey de Cochim ꝛ em todos os seus se foy embarcar, ꝛ partiose com Lopo soarez que por roim pilotagem escorreo ho porto de Panane que quisera tomar pera se ver com el rey de Tanor. E dali por diãte mãdou a Pero rafael ꝛ a Diogo pirez que fossem diante da frota vigiando ho mar: ꝛ sendo eles tanto auante como Pandarane ao longo de terra/ sayrãlhe do porto dez paraos de mouros da cõpanhia das dezasete naos que disse: ꝛ de cuydarem que Lopo soarez nã ousaria de pelejar coeles por irẽ as suas naos carregadas, lhe começarã de tirar com a artelharia dãdo grandes gritas, Lopo soarez ꝛ os outros capitães q̃ yão ala mar ouuindo as bõbardadas arribarão a terra/ ꝛ chegarão tão perto que virão as dezasete naos que carregauão. E sabẽdo Lopo soarez que erão de mouros, assentou em conselho de pelejar coelas nas carauelas ꝛ nos bateis da armada que erão quinze: porque as naos por irem carregadas não po-

poderião chegar a terra onde as ou tras estauão: e mais q̃ em chegãdo a elas as aferrassem: e porq̃ os mouros erã muytos e os poderião tratar mal em os aferrãdo posessem logo fogo. E embarcados todos forão contra as naos que estauão de dentro dũ arrecife pegadas hũas com as outras e as popas ẽ terra, e os lemes atrauessados nas proas e tinhão boa soma dartelharia/ e muyta gente a mais dela brãca/ e estes frecheiros: e na boca do arrecife estaua hũa estancia com dous tiros pera defender a entrada. E que rendo Lopo soarez entrar no arrecife, vio que ãdauão as carauelas largas de terra por não auer vẽto e os bateis yão a remos, pelo q̃ tornou pera as rebocar com ho batel em q̃ ya. E os outros capitães posto que ho virão não quiserão tornar e passarão auante fazendo apertar ho remo: porq̃ os pelouros chouião da parte dos mouros e as frechas erã sem conto. E como os bateis erão rasos, e as naos altas ficauão os Portugueses em discuberto e recebião muyto dano. E com tudo rõperão per antre toda aquela multidão de tiros: e entrando no arrecife bradando por Santiago forão aferrar as naos: e ho primeyro capitão que aferrou foy Tristão da silua. E como a gente da nao era muyta derãlhe tantas frechadas/ pedradas e zagunchadas que ho fizerão desaferrar, e foy aferrar com outra em que por não auer tanta gẽte entrou logo cõ os seus a pesar dos mouros que lho quiserão defender, de q̃ forão mortos algũs e os outros lançarãse ao mar. E Tristão da silua aferrando coesta aferrou Afonso lopez da costa com outra que parecia a capitaina/ de que era capitão hũ turco/ e assi os que estauão coele q̃ erão muytos. E ao aferrar foy a pedrada/ e lançada tanta que era cousa despanto: e foy acerto que antes dos nossos chegarẽ a ela tirarãlhe os immigos com hũ tiro do cõues, e com a força do couce que deu desfez hũ pedaço da amurada da nao: e abriose hũ grande portal, em que os immigos não atentarão por acodirem á proa da nao. E ficando ho nosso batel ao longo dela daquela parte donde estaua ho portal, entrarão os nossos por ele. E os primeyros que entrarão forão ho mestre Dafonso lopez/ e hũ Aluaro lopez criado del Rey, que agora he escriuão da camara de Santarem/ e assi outros de que não pude saber os nomes: que todos juntos com outros que despois entrarão pelejarão cõ os immigos: e matando muytos fizerão meter hũs debaixo de cuberta/ e outros saltar na agoa: de que se afogarão a mor parte/ porque leuauão sayas de malha. Juntamẽte com estes capitães aferrou Pedrafonso daguiar cõ outra nao de hũa bãda, e Lionel coutinho da outra: e assi Duarte pacheco/ Vasco carualho, Antonio de saldanha, e Ruy lourenço, e todos ho fizerão muy esforçadamente. E assi como tomauão a nao/ assi lhe punhão logo ho fogo que se ateou nelas com muyta furia: O que fez grande espãto nos immigos/ e desmayarão de maneyra que os mais se lançarão ao mar.

E andando niſto chegou Lopo ſoarez com as carauelas:⁊ entrãdo no arrecife,q̃ as deixou da toa hũ dos tiros de terra deu logo com hũ pelouro pola carauela de Pero rafael ⁊ matoulhe tres homẽs,⁊ feriolhe dez. E por falta do vento a leuou a agoa que enchia/⁊ deu coela na gorja de hũa nao das que eſtauão por aferrar/que tinha muyta gente. E como a nao era mais alta que ela,⁊ a tinha debaixo da proa,em que os imigos carregarão/tratauão muyto mal os noſſos. E outra bombardada matou ho meſtre a Diogo pirez que ya gouernando a carauela: ⁊ deixando de gouernar antes que lhe acodiſſem ao leme foy dar ſobre hũs penedos,em q̃ jouue ate a batalha ſer acabada. E vẽdo Lopo vaz ho perigo em q̃ Pero rafael eſtaua, mãdou q̃ lhe acodiſſem:⁊ aſſi ho fizerão entrãdo na carauela que eſtaua chea de mouros:⁊ os noſſos ho fizerão tambem que os fizerão deſpejar:porem os da carauela ficarão todos feridos. E entre tãto todas as naos dos immigos forão queimadas,⁊ aquela por derradeyro ẽ que ardeo muyta fazẽda que eſtaua ja carregada. E porque em terra auia muyta gente q̃ ſe ajuntaua quãto podia ⁊ dos noſſos eſtauão muytos feridos/ſayoſe Lopo ſoarez cõ os ſeus capitães ⁊ foyſe ás naos: onde achou que forão dos noſſos mortos vinte cinco/⁊ feridos cẽto ⁊ vinte ſete:porẽ a vitoria foy muyto grande,porque a fora arderẽ as naos com muyta riqueza q̃ tinhão, ſoubeſe por mouros de Cananor q̃ forão mortos naquela peleja duas mil almas. E coeſte deſtroço ficou el rey de Calicut tão deſtroçado/q̃ dahi a bõs dias ſe não pode reſtaurar/porque perdeo ali muyto,⁊ os mouros ſe forão todos de Calicut: pelo que auia tamanha fome que ſe deſpouoaua a cidade.

¶ Capi.xcvj. De como ho capitão mór Lopo ſoarez chegou a Liſboa/⁊ da muyto grande honrra que el rey dom Manuel fez a Duarte pacheco.

AO outro dia que foy ho primeyro de Janeyro ſe partio Lopo ſoarez pera Cananor pera ſe abarrotarem as naos:⁊ chegado ſoube do feytor q̃ ſua vitoria fora muyto ſentida dos mouros,⁊ ficarão coela tão quebrãdos que auia por ſeguros os noſſos que ficauão na India:porque ſegũdo a ſoberba que ate que fora a vitoria vira nos mouros de Cananor ſempre lhe parecera q̃ auião de ho matar,⁊ aos que eſtauão em ſua cõpanhia:⁊ ho meſmo lhe diſſe el rey de Cananor. E auẽdoſe Lopo ſoarez de partir,antes de ſua partida fez hũa fala a Manuel telez ⁊ aos q̃ ficauão coele ſobre o q̃ auião de fazer:trazendolhes á memoria a Duarte pacheco:⁊ não lhe quis deixar mais armada do que deixou Franciſco dalbuquerque ⁊ cẽ homẽs de peleja. Porem não ouue na India guerra deſpois de ſua partida/por el rey de Calicut ficar como diſſe. E partido de Cananor pera Portugal/chegou a Melinde ho primey-

ro de Feuereyro, onde sem ele sayr em terra Antonio de saldanha foy aa cidade por muytas & muy ricas presas que hi deixara/ que fez no cabo de Goardafum quando passou pera a India, & daqui foy ter Lopo soarez a Quiloa pera arrecadar as parias do rey dela/ que ele nã quis dar. E dali partio a dez de Feuereyro, & sem lhe acontecer cousa que de contar seja chegou a Lisboa a vinte dous de Junho de mil & quinhentos & [illegible] cinco annos, com mais duas naos das que leuara quando partio pera a India & todas carregadas de muytas & muy grossas riquezas/ pelo que lhe el rey dõ Manuel fez muyta hõrra, & assi a Duarte pacheco sabendo o que fizera na India/ com que lhe susteue as feytorias que la tinha/ & ho credito de seu poder. E porque todos soubessem seruiços tão assinados/ logo a hũa quinta feyra despois da chegada do capitão mór mandou fazer hũa solẽne procissão como em dia de corpo de Deos: em q̃ foy da See ate ho mosteiro de sam Domingos, leuando cõsigo a Duarte pacheco. E pregou dom Diogo ortiz bispo de Uiseu & disse por ordem todas as cousas que Duarte pacheco fez na guerra contra el ey de Calicut. E não somente se fez isto em Lisboa, mas no Algarue/ & em todas as cidades & vilas notaueis de Portugal: & isto por mãdado del Rey & ele creueo todo ao Papa per dõ João sutil, bispo que então era de çafim q̃ leuou as cartas, & assi ho escreueo a muytos reys da Christãdade pera q̃ fossem la sabidas façanhas tão notaueis. O que se não acha q̃ nhũ rey nestes reynos fizesse por vassalo.

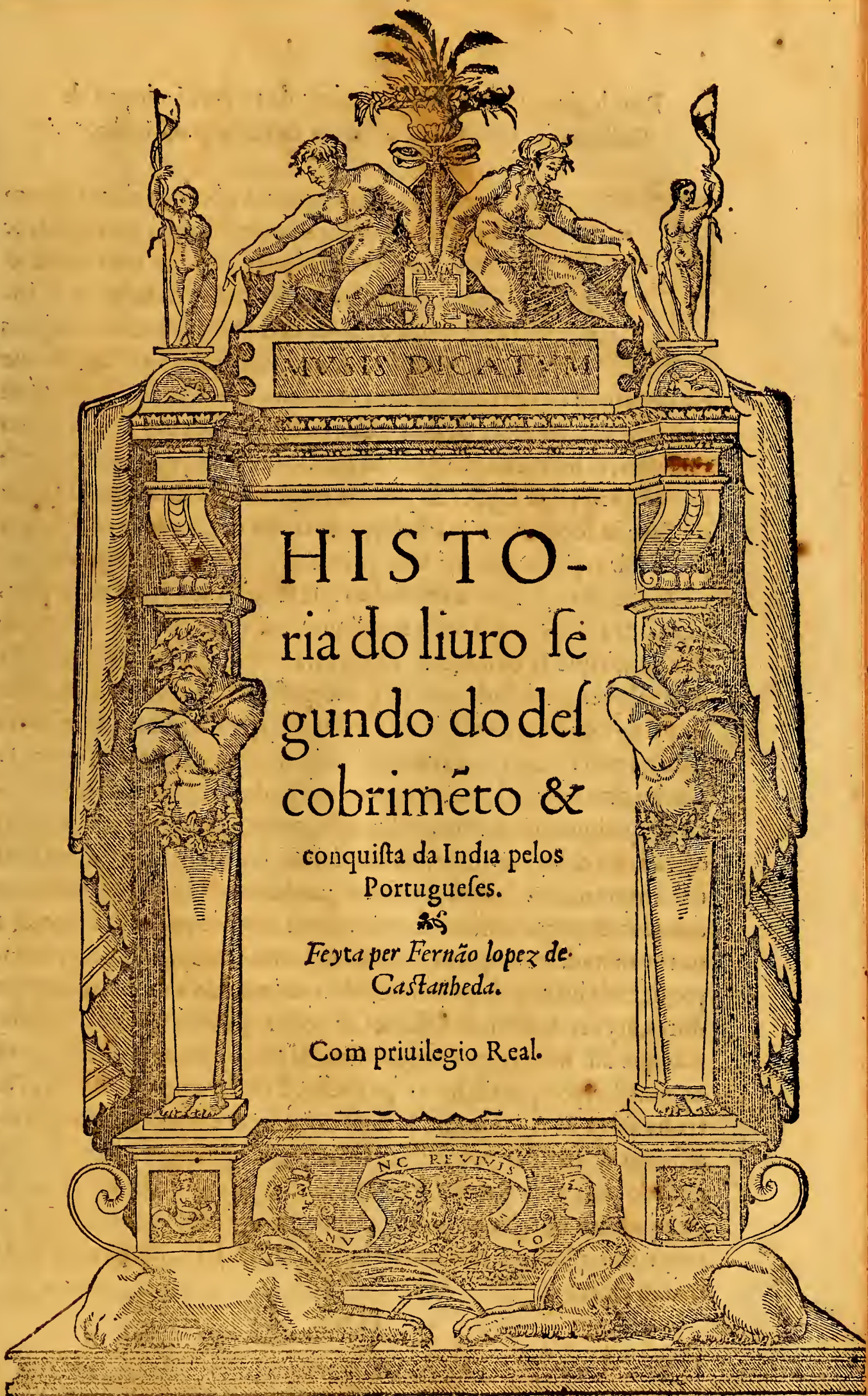
LAUS DEO.

Foy impresso este primeiro livro da historia da India em a muyto nobre & leal cidade de Coimbra, por Ioão da Barreyra impressor del rey na mesma vniuersidade. Acabouse aos vinte dias do mes de Iulho. De M. D. LIIII.

HISTORIA DO LIURO SEGUNDO DO DESCOBRIMẼTO & CONQUISTA DA INDIA PELOS PORTUGUESES.

HISTO-
ria do liuro ſe
gundo do deſ
cobrimẽto &
conquiſta da India pelos
Portugueſes.

*Feyta per Fernão lopez de
Caſtanheda.*

Com priuilegio Real.

Priuilegio que el rey nosso senhor deu a Fernão lopez de Castanheda, pera todos os liuros da historia da India.

EV el rey faço saber a quantos este meu aluara virem que Fernão lopez de castanheda, bedel da faculdade das artes da vniuersidade de Coimbra me enuiou di zer que ele tinha feytos dez liuros da historia da India, que começauão do descobrimẽto dela: dos quaes tinha impresso á sua custa ho primeiro liuro, & que ria imprimir os outros. E porque auia mais de vinte annos que anda ua occupado no fazer da dita historia: & tinha leuado nisso muyto trabalho, & feyto muyto gasto de sua fazenda: me pedia que ouuesse por bẽ que pessoa algũa não podesse imprimir os ditos liuros se não ele Fernão lopez, nem os vender, nem trazer de fora do reyno polo tẽ po, & sob as penas que me bem parecesse. E visto seu requerimen to, & auendo respeyto ao trabalho que tem leuado em fazer os ditos liuros, & a despesa que nisso tem feyta, me praz que por tempo de dez annos que se começarão da feytura deste em diãte, pessoa algũa de qualquer qualidade que seja, não possa imprimir, nem mandar imprimir os ditos liuros da dita historia da India, nem cada hũ deles nem os possa trazer, nem mandar vir impressos de fora do reyno, se não ho dito Fernão lopez, ou quem seu poder pera isso teuer. Sob pe na de qualquer impressor, ou liureiro, ou pessoas que os ditos liuros ou cada hũ deles imprimir, ou vender, ou teuer em sua casa, ou trou uer empremidos de fora do reyno, perder os volũmes que lhe forem achados, & pagar cincoenta cruzados, a metade pera os catiuos, & a outra metade pera quem os accusar. E este se imprimira no princi pio de cada hũ dos ditos liuros. Pelo qual mando a todos os correge dores, juyzes, & justiças, officiaes, & pessoas de meus reynos & senho rios que assi ho cumprã & goardem, & fação inteiramente cumprir & goardar, porque assi ho ey por bem. E este me praz que valha, & tenha força & vigor, como se fosse carta feyta em meu nome por mĩ assinada & passada por minha chancelaria: posto que este não seja passado pola dita chancelaria, sem embargo das ordenações do se gundo liuro que ho contrairo dispõe. Ioão de seyxas ho fez em Al meyrim, a quatorze dias de Iunho, de M. D. LII. Manuel da costa ho fez escreuer.

El rey.

PROLOGO NO Segundo liuro da hiſtoria

do deſcobrimento & conquiſta da India pelos Portugueſes. Dirigido ao Sereniſſimo & illuſtriſſimo Principe de Portugal Dom Ioão noſſo ſenhor.

Por Fernão lopez de Caſtanheda.

OS ANTIGOS REIS DE EGIPTO, tinhão por coſtume, Sereniſſimo & Illuſtriſſimo Principe, terem cada dia lição das hiſtorias: não ſoomente de ſeus anteceſſores: mas doutros reys eſtrangeiros, pera que delas tomaſſem doctrina de como auião de gouernar ſeus reynos na paz, & na guerra. Coſtume de grande louuor, & muyto digno de ſer notado: & que os reys & principes ainda agora auião de goardar, porque os que gouernão bem, ho farião de cadauez melhor, & os que mal, ſe enmendarião (pois nas hiſtorias ſe achão os melhores exemplos que podem ſer pera qualquer eſtado de vida) & por iſſo deuião eles de ter cada dia lição delas, principalmente das de ſeus anteceſſores, de que podem tomar a mais neceſſaria doctrina pera boa gouernança de ſeus reynos que doutras algũas, por ſerem daqueles a que naturalmente tem mais affeição que aos outros, aſſi polo parenteſco, como pola igoaldade dos coſtumes que tem mais neceſſidade de ſaber que os eſtrangeiros pois hão de ſer as regras por onde hão de gouernar ſua repubrica. E a fora eſtes & outros muytos proueytos particulares que calo da hiſtoria por não ſer prolixo. Tem tambem outro com que os reys deuẽ muyto de folgar, que he ſaberem o que fizerão ſeus naturaes: pera que ſaybã ſe forão bõs, que tẽ por vaſſalos a ſeus filhos q̃ ſe hão de parecer cõ ſeus pays, & que os hão de ſeruir bẽ: & os animẽ pera iſſo, com lhe fazerem merces (que he proprio dos principes) o que não fazẽ muytas vezes por não ſaberẽ ho merecimento de ſeus vaſſalos, que ſe ho ſoubeſſem lhas farião, o que polas hiſtorias podem ſaber muy particularmente. E por todas eſtas rezões deuião de ocuparſe ao menos hũa ora cada dia em lição tão neceſſaria & proueytoſa. No q̃. V. A. principe muy eſclarecido, he digno de muyto louuor, pois em idade tã pequena quer ter eſta lição dos feytos tã memoraueis como fizerão os ſeus Portugueſes por mandado do inuictiſſimo rey dom Manuel voſſo

ano de glorioſa memoria, ſegundo ſe moſtrou na continuação que teue de ouuir ho primeyro liuro que fiz da hiſtoria do deſcobrimento & conquiſta da India: no que recebi tamanha & tão ſingular merce, que a fora me ficar por galardão do immenſo trabalho que leuey em a fazer, me fez nouo deſejo pera com mais breuidade do que poſſo ſayr a luz com os outros liuros, porque logrem de tamanha merce como fez ao primeyro, & os que hão de ſer voſſos vaſſalos a recebão, em que Voſſa A. ſayba as façanhas que fizerão: não ſoomente com esforço & valentia, mas com conſelho de muyta prudencia, & de grande viueza de engenho. E ſayba que ſe em Athenas ouue hũ Themiſtocles, hum Alcebiades, & hũ Miltiades, & em Macedonia hũ Alexandre, & em Epiro hũ Pirho, & em Thebas hũ Epaminõdas, & em Roma hũ Iulio Ceſar, hũ Fabio maximo, dous Catões, tres Scipiões, & outros muytos em geral, mas de cada hũ dous tres em eſpicial: q̃ tem vaſſalos, que não em hũ, dous, & tres no particular: mas geralmente quando he neceſſario, ſam todos cada hum deſtes Gregos & Romãos, aſsi no esforço, como no conſelho, como na preſteza da execução dele, de que a meſma hiſtoria dâ muytos teſtemunhos. E pois noſſo ſenhor quer que voſſa alteza ſuceda em ſer ſenhor de taes vaſſalos, como eſperamos em ſua grande miſericordia que ſerâ, deſpois de muytos annos. Aſſi auerâ por ſeu ſeruiço que ſucederâ em ſe fazerẽ em ſeus tempos tão notaueys feytos darmas contra mouros, como ſam feytos, & ſe fazem cada dia no do muyto alto & muyto poderoſo rey dom Ioão voſſo pay noſſo ſenhor, que em grandeza, eſpanto, & fama tem muyto grande auantagem aos de ſeus anteceſſores.

Fim da tauoada.

¶ Neste liuro vão algũs erros, assi ẽ nomes de pessoas, como em hũ rey Dormuz que se chamaua Turuxa, & poserão Tuxura, & ẽ algũs vocabulos em que falecẽ letras, ou postas hũas por outras, ou demais, o que passou pola muyta meudeza que ha na impressão que por não auer tempo se não poderão resaluar.

Liuro ſegundo da hiſtoria do deſcobrimento & conquiſta da India. Em que ſe contem o que os Portugueſes fizerão, ſendo della Viſorey Dom Franciſco Dalmeyda, do anno de mil & quinhentos & cinco, ate ho de mil & quinhentos & noue.

E aſſi ho que fizeram neſte tempo na coſta Darabia, & da Perſia Sendo capitão môr Afonſo Dalbuquerque.

Capitolo primeiro. De como partio pera a India por Viſo rey dela Dom Franciſco Dalmeyda: & do que paſſou na uiagem ate chegar a cidade de Quîloa.

SEndo el rey de Portugal certificado q̃ os reys de Cochim, de Cananor, & de Coulão eſtauão certos em ſua amizade: não ſoomente em ſeus reynos, mas em outros eſtranhos fez grandes eſmolas a muytos moſteyros & a outros templos, como que pagaua os dizimos dos frutos que lhe noſſo ſenhor daua de ſeus ſanctos trabalhos. E pera que os negocios da India foſſem feytos com môres forças, & mais autoridade do que ſe ateli fizerã lhe pareceo bem de mandar a ela hũ capitão mór & gouernador que ſteueſſe daſſento por algũs annos. E tendo eſcolhido pera eſte officio hũ fidalgo chamado Triſtão da Cunha que cegou neſte comenos, eſcolheo outro chamado dom Franciſco dalmeyda filho do primeyro conde Dabrantes, que tinha feita aſſaz experiencia de ſua peſſoa em feitos que fez deſforçado caualeyro aſſi na cõquiſta do reyno de Grãda, como em outras partes em que ſe tinha achado. E eſtando ele a eſte tem

po na cidade de Coímbra cõ ho bispo
dela seu hirmão, bẽ descuidado de tã
honrrado trabalho, ho mandou el rey
chamar, com engeitar muytos fidal-
gos de sua corte que lhe pedião este
carrego q̃ ele deu a dom Francisco cõ
palauras muy fauoraueis da confiança
que tinha em sua pessoa: & lhe fez mer
ce de grande ordenado des que partis-
se de Portugal ate que tornasse: & pera
goarda de sua pessoa na India lhe orde
nou cẽ alabardeiros: & assi capela & ou
tras cousas, pa q̃ teuesse tamanho esta
do como conuinha ao grande cargo q̃
leuaua: porque por ser ho primeyro q̃
hia coele, queria que lhe não falecesse
nada pera parecer hũ principe. E deu
lhe poder pa que em seu nome podes-
se cadanno tomar certas pessoas no fo
ro que lhe bem parecesse, & conforme
a ele lhes daria amoradia. E assi lhe deu
mero & misto imperio na justiça, &
na fazenda. E os capitulos de seu re-
gimento forão estes: que do dia q̃ par-
tisse de Portugal ate que chegasse à In
dia & fizesse fortalezas em Cananor,
Cochi & Coulão se chamaria capitão
moor & gouernador: & feitas se cha-
maria visorey. & esta cõdiçam lhe pos
pera que posesse deligencia em as fa-
zer. & que de caminho deixasse em ço-
fala hũ fidalgo chamado Pero danha-
ya (que auia dir coele) pa fazer hi hũa
fortaleza, & que fizesse outra ẽ Qui-
loa pera moor segurança do trato de ço
fala, & inuernarem ali as suas naos se
não podessem passar aa India: & que
fizesse outra em Anjadiua porque se
a India esteuesse de guerra lha fizesse
dali. Ou se tambem os reys de Cana-
nor, Cochim, & Coulão não quisessẽ
consentir as que mandaua fazer que te
rião os seus aquela onde se acolhessem
& dali os conquistaria, & não auend
disso necessidade aproueitaria pa tra
zer ali algũs nauios darmada que to
massem as naos de Meca que hião p
ho Malabar, & pa os portos delrey d
Narsinga que estão naquela costa.
Baticala, Bracelor, Mangalor & Baca
nor. E que na India aueria dous capi
tães móres do mar, hũ do cabo de Go
ardafum ate Cambaia outro de Cam-
baya ate ho cabo de Comorim, ho d
cabo de Goardafum pa goardar abo
ca do mar roxo pera que os mouros d
Calecut não leuassem lá especiaria: h
outro pera goardar que os mouros d
Cambaia não fossem à çofala nem a
mar roxo. E mais deu a dom Frãcisc
presentes pera esses reys da India seus
amigos antre os quaes foy hũa rica co-
roa douro pera el rey de Cochim a quẽ
mandou ho padrão da tẽça de seis cẽ-
tos cruzados de juro pola causa que ja
disse no liuro primeyro. E assi hião ou
tras cousas como direy adiante, & afo-
ra grandes merces que fez a dom Frã
cisco polo seruiço que lhe fazia, as fez
tambem a dom Lourenço dalmeyda
seu filho que auia dir coele: & assi muy
tos fidalgos & caualeyros seus criados
que hião naquela armada que foy de
quinze naos & seis carauelas, de que a
fora ho gouernador forã por capitães,
dom Fernando deça, Fernão soarez,
Ruy freire, Vasco gomez dabreu que
auia dandar por capitão mór do cabo
de Goardafũ ate Cambaya, Iohão da
noua tambem capitão mór do mar de
Cambaya ate ho cabo de Comorin,
Pero danhaya que auia de ficar em ço-
fala & por capitão da sua nao dali pera
a India auia de ir hũ Pero barreto de
magalhães a que algũs chamauão ho
lião por amor de hũ que matou em

Africa, Bastiã de sousa, Diogo correa filho de frey Payo correa, Pero ferreyra fogaça que auia de ficar por capitão na fortaleza de Quiloa, Lopo sanchez Felipe rodriguez, Ioão serrão, Antão gõçaluez alcaide de Cezimbra, & Fernão bermudez. Das carauelas Gõçalo vaz de goyos, Gõçalo de payua, Lucas dafonseca, Lopo chanoca ho grande, Ioão homem, & Antão vaz todos fidalgos & caualeyros. E estando ho gouernador pera partir foy el rey á sua nao pera ho ver partir cuydando que fosse aquele dia sua partida: (& não foi por ser ho tempo contrairo pera isso) & assi durou ate vinte cinco de Março sem nunca segurar pera se a frota poder partir. E neste tempo se perdeo a nao de Pero danhaya, & por isso cessou sua ida com ho gouernador, por se não poder logo fazer prestes outra nao em que fosse: porem foy despois como direy adiante. E a bonançãdo ho tempo ho gouernador se partio de Belem a vinte cinco de Março de mil & quinhẽtos & cinco, & el rey foy per mar a velo partir, & esteue ate ver desfirir a frota que se desamarrou com grandes gritas & estrondo de toda sua artelharia & assi da torre. E indo esta frota polo rio abaixo, mandando os pilotos aos do leme que gouernassem a bõbordo, & a estribordo, como se costuma quando saem dalgũ rio, embaraçauanse os marinheiros por não serem ainda versados naqueles vocabulos, principalmente os da carauela de Ioão homẽ, & quando auião de gouernar a bõ bordo que he da mão dereita, gouernauão a estribordo que he a ezquerda: o q̃ vendo Ioão homẽ disse ao piloto que falasse aos marinheyros por vocabulos que eles sabião: & quãdo quisesse que gouernassem a estribordo que disesse alhos, & quando a bombordo cebolas: & a cada banda mãdou pendurar hũa reste destas cousas: & como ho piloto falou por aqueles vocabulos não se embaraçarão mais os marinheyros, & gouernarão dereito. E seguindo sua rota a trinta de Março ouue vista da ilha da madeira que he cento & cincoenta legoas de Portugal: & dali fez seu caminho pera as ilhas das Canarias & ouue vista da Palma sesenta legoas destoutra: & daqui seguio pera Bezeguiche onde auia de fazer agoada: & polo não poder tomar a foy fazer abaixo do Porto Dale na costa de Guinê, onde se deteue noue dias & dali se partio a xv. dabril caminho da linha Equinocial que he trezentas & vinte legoas deste porto dale, & antes de a passar andou em calmaria quatorze dias: & por algũs justos respeytos que pera isso ouue partio ho gouernador a frota em duas partes & pera si deixou hũa de doze naos & a carauela de Gõçalo de payua pera que lhe leuasse ho forol. E a capitania mór das carauelas, & a nao de Lopo sanches, & a de Bastiã de sousa deixou a Manuel paçanha hũ fidalgo sogro de Bastião de Sousa ẽ cuja nao hia: & por ele ser pessoa de merecimẽto & hir por capitão da fortaleza Danjadiua & sospeitar ho gouernador que hia na sua sucessão lhe fez aquela honrra. E feita esta repartição passou a Linha a vinte Dabril, & aos vintoyto começou de fazer caminho pa ho cabo de boa Esperança, & aos cinco de Mayo lhe sobreueyo grande calmaria: na q̃l a nao de Pero ferreira sômente com ho vanzear do mar abrio de velha per duas vezes hũa agoa: & da derradeira foy a agoa tamanha que sem aproueitarem

nenhũs remedios se foy ao fundo, & saluouse toda a gente sem mais outra cousa se não hũa arca de prata da capela do viso rey, & Pero ferreira foy ho derradeiro que se sahio da nao, a qual q̃ndo se meteo debaixo dagoa fez hũ arroido muy temeroso, & tamanho q̃ se ouuiria a hũa legoa. A este tempo erão ja as frotas apartadas hũa da outra, & não se virão se não dahi a quatro meses. Cessando esta calmaria, & tornando ho vento seguio ho gouernador sua via pera ho cabo: & auendo os pilotos medo dempeçar nelle se meterão tanto debaxo do sul que se poserão em quarenta graos. E ali acharão que era ao meo dia ho sol ao noroeste, & a quarta do norte, que foy cousa que nũca acõteceo a outra frota: & era a neue tanta que continuamente andauam ho mês a lançala fora das naos, & eram os dias tam pequenos, que leuantandose muyto cedo a fazer de comer, anoytecia em acabando de jantar. E nesta parajem achou grandes tormentas, assi de ventos como de trouoadas, & muyto grandes frios, com muyto grandes trabalhos & medos de toda a gẽte: foy ate a parajẽ do cabo que dobrou a vinte seys de Iunho, passando alamar cẽto & setenta & cinco legoas. E indo assi afastado de terra aos dous de Iulho lhe deu hũa muyto grande toruoada com hũ pee de vento tã brauo que rompeo as velas da capitaina, & da nao de Diogo correa, de que forão tres homẽs ao mar: & hũ deles que se chamaua Fernã Lourenço aleuantou hũ braço nadãdo & dizendo ao capitão que mandasse por ele porq̃ nadaria ate ho outro dia, deitaram entam ho esquife & tomarãno andando ho mar muyto brauo, o q̃ se ouue por milagre, & os dous se afogarão: & todo aquele dia foy de tamanha çarração q̃ se nã vião as naos hũas âs outras. E tornando bonança achouse menos a nao de Ioão serrão, porquem ho gouernador esperou: & vendo que não vinha seguio auante. E aos dezoyto de Iulho vio as ilhas primeyras que sam quinhentas & cincoenta & cinco legoas auante do cabo, donde mandou a Gonçalo de payua que fosse a Moçãbique a saber nouas de como estaua, & se passarão â India as armadas de Frãcisco dalbuquerque, & de Lopo soarez & se tornarão pera Portugal: & despedido Gonçalo de payua seguio seu caminho pera Quiloa pera dar ordem â fortaleza que hi auia de fazer, porque vio que Gonçalo de payua lhe ficaua a tras mandou a Fernão bermudez que fosse saber a Moçambique as nouas q̃ mandara saber a Gonçalo de payua, & isto porque ho não queria tomar & passou a vista dele: & ao outro dia ao quarto da prima, & aos vinte dous dias de Iulho chegou a barra de Quiloa.

Capit. ij. De como não querendo el rey de Quiloa pagar as parias que era obrigado, ho gouernador lhe tomou a cidade.

Vjo rey era aquele a que ho cõde dom Vasco da gama fizera tributario del rey de Portugal, & este tinha vsurpado ho reyno ao verdadeyro rey de Quiloa, que faleceo despois de ser lançado do reyno, ficando dele hũ filho ainda mãcebo que moraua em hũa ilha trinta legoas de Quiloa, onde viuia muy pobremente. E por este que reynaua ter assi aquele reyno tirãnicamente estauão

os da cidade de muyto mal,& pela mes ma causa ho estaua tambem Mafamede alconez:aquele mouro que ficou por arrefens deste rey quãdo ho conde almirante ho prendeo,como disse no liuro primeyro,& por Mafamede alconez não querer ser rey ho não era, que a gente mais contente era que ho ele fosse que ho que reynaua:& sabendo este tirano isto,temeose que sabendo ho gouernador como ele tinha ho reyno, não somẽte lho tirasse, mas lhe fizesse algũ mal,& por isso não ousou de ho yr ver nem desperar na cidade, & fugio tão secretamente que ho não souberão se não algũs criados seus. E sabida sua fugida na cidade logo os moradores fizerão corpo com Mafamede alconez,& lhe pregũtarão o q̃ fariã se ho gouernador quisesse entrar na cidade,& ele lhes disse que ho esperassem ate desembarcar,& segundo vissem q̃ assi farião:& fazendo alardo dos q̃ erã acharanse mil & quinhentas pessoas q̃ podião pelejar,& estes ficarão na cidade & os outros se sayrão logo dela:& vendo ho gouernador que el rey lhe nã hia falar,tendolhe mandado dizer que yria,prendeo cinco mouros hõrrados que lho forão dizer:& parecendolhe que estaua leuantado determinou de por força ho someter a obediencia delrey de Portugal,& assi ho disse aos seus capitães com quem acordou que dessem na cidade ao outro dia seguinte,& que ele com trezentos homens cometesse pela parte questaua defronte da frota:& dom Lourenço desse mais acima com dozentos,& q̃ todos se fossem ajuntar nas casas del rey. E ao outro dia que era vespera do apostolo Santiago em rompendo a alua estauão todos os capitães embarcados com sua gẽte em seus bateis,& absolutos pelo vigayro a balaram pera terra,onde chegarão em amanhecendo, & como era prea mar chegaua a agoa junto das casas,em que não parecião nenhũs dos imigos:do q̃ se ho gouernador muyto espantou por que a aparẽcia da cidade prometia que ouuesse nela boa soma de gente, polo qual não aparecẽdo nhũa lhe pareceo cilada,& por isso mandou aos capitães de sua companhia q̃ desembarcassem com tento:& ele foy ho primeyro que desembarcou com a bandeira real,que assi vinha ordenado,& despois desembarcaram os outros capitães com sua gente,a que a agoa daua pela cinta,& mais acima. E vendo ho gouernador q̃ toda via lhe não defendião os imigos a entrada da cidade,a ẽtrou repartindo as ruas aos capitães,& mandandolhes que ainda que achassem imigos q̃ lhes nã fizessẽ mal se se lhe nã defẽdessem:& isto foy porque entrando vio algũs sem armas como homẽs pacificos:porẽ mais dentro sayrão outros armados & quiserão resistir,mas não poderão,antes forão mortos,& coeles de mestura outros q̃ se nã defendiã. E nisto se sayo Mafamede alconez com toda a gente da cidade & a desemparou:& não achãdo ho gouernador mais defensam chegou as casas del rey,a cuja porta dom Lourenço seu filho ho estaua esperãdo acompanhado desses que desembarcarão coele,& na entrada lhe socedeo ho mesmo que a seu pay:& ho primeyro que chegou âs casas del rey foy Felipe rodriguez,& dom Lourenço não quis que ninguem entrasse ate seu pay não chegar,que chegado mandou quebrar as portas com machados,& quebradas mandou a dom Lourenço que entrasse dentro com parte da gente,& que se a-

chasse el rey que ho não matasse,mas que ho prendesse, & dom Lourenço não achou a ele nem a outrem. E sabẽdo ho gouernador q̃ não auia ninguẽ nos paços foyse pela cidade a buscar se auia com quẽ pelejasse,& não achando pessoa algũa dos immigos: jà como senhor da terra recolheose a hũa das melhores casas que auia nela,donde ho sayrão a receber em procissão,ho vigayro & os frades de sam Francisco q̃ hião na armada,& leuauão duas cruzes leuãtadas:& despois que ho gouernador & os seus as adorarão,começarão os clerigos & frades de cantar ho cantico de Te deum laudamus. E dando todos muytos louuores a nosso senhor por lhe dar tão pacificamẽte hũa cidade como aquela,& que estaua tão bem prouida de gente: recolheose ho gouernador a esta casa que digo,& da li soltou a gente que fosse a roubar a cidade:mandandolhes que tudo quanto achassem metessem em hũa casa junto da sua,pera que despois se repartisse, & assi se fez:& achouse muyto & muy rico despojo,assi como ouro,prata,aljofar,ambar,& muyta soma de mercadorias.s.panos dalgodã,fotas do Xeq̃ Ismael,encẽso,almecega,cera,marfim & outras mercadorias que não conhecião,& muytos mãtimentos da terra. E saqueada a cidade fez ho gouernador muytos caualeyros,antre os quais foy Fernão perez dandrade que agora he armador môr,q̃ então era de idade de dezaseys annos,&foy seu padrinho dom Aluaro de noronha que hia prouido da capitania da fortaleza,que se auia de fazer em Cochim.

Capitolo.iij. De como ho gouernador fez hũa fortaleza na cidade de Quilôa,& de como fez nela nouo rey.

AO outro dia que foy de Sãtiago pela manhaã ouuio ho gouernador missa que foy dita com grande solenidade,& em hũa pregaçam que fez ho vigayro mestre Diogo:encarregou a todos que dessem muytos louuores a nosso senhor por tão assinada mercê, como lhes fizera em lhes dar aquela cidade tanto a seu saluo,& trazelos de tão longe pera fazerem nela morada em que ho culto diuino fosse celebrado Acabado ho officio diuino logo ho gouernador cõ sua gente começou de fazer a fortaleza naq̃las casas em q̃ se recolheo: as q̃es estauão na entrada da cidade da bãda do ponente tão pegadas cõ ho mar que batia nelas,& mandou primeiro derribar muytas q̃stauão ao derredor pera que ficasse grande terreyro,& a fortaleza esteuesse desabafada:a que foy posto nome de Santiago, por honrra do bem auenturado apostolo,ẽ cujo dia se começou:& como quer que grã parte dela consistia nas casas que estauão ja feitas surdio muyto em pouco tempo,& porque auia pedra,cal & madeira em abastança. Em quanto se a obra fazia fez ho gouernador concerto com Mafamede alconez que ho faria rey de Quilôa,cõ tanto que fizes

se com seus moradores que fugirã que a tornassem a pouoar, & que elle lhes daria seguro de não receberem nenhũ dano,&lhes entregaria as fazẽdas que teuessem na ilha,& que ele auia de ficar por vassalo del rey de Portugal, & lhe auia de pagar as pareas que pagaua ho rey antepassado. Feyto este concerto logo Mafamede alconez se tornou pera a cidade: leuando consigo todos os moradores questauão fugidos: & no mesmo dia que vierão foy ele jurado & leuantado por rey: o que ho gouernador quis que fosse com grande aparato: & deulhe este dia hũa marlota dezcarlata muyto fina, laurada toda,& goarnecida de fio douro:& mandoulhe selar hũ caualo ao modo Portugues. E acompanhado de muytos mouros que hião a pê, vestidos muy ricamente; foy leuado por toda a cidade, & Gaspar hia diante dizendo por arauia aos mouros com alta voz. Este he ho vosso rey obedeceilhe,& beijailhe os pees: este ha de ser sempre leal a el rey de Portugal nosso senhor. E despois que ho assi trouuerão pela cidade, foy trazido ao terreyro da fortaleza, onde ho gouernador estaua em hũ cadafalso assentado em hũa cadeira posta sobre hũ estrado muyto rico, onde el rey jurou em suas mãos vassalagem a el Rey de Portugal: & despois lhe entregou ho gouernador ho reyno de Quiloa, coroandoho com suas mãos. E dali ho leuou aos paços: onde ficou com grande prazer de todos, especialmente dos nossos por serem vassalos de hũ rey tão poderoso que da fim do occidente, fazia rey em terra tão apartada da sua. E estando nisto chegarão a Quiloa, Gõçalo de payua, & Fernão bermudez que forão a Moçambique saber nouas dos capitães mores das armadas, que hião de Portugal pera a India: & disserã ao gouernador que ho Xeque de Moçambique estaua firme na amizade com el rey de Portugal,& que lhes dera cartas de Francisco dalbuquerque, como passara pera Portugal auia hũ anno. E assi de Lopo soarez que tambem era passado com toda sua frota,& dos bõs acontecimentos q̃ lhe acõtecerão na India. E estas cartas costumauão então os capitães q̃ hião a India deixar em Moçambique quando tornauão pera Portugal, pera que os que fossem soubessem se estaua de paz, ou de guerra. E logo apos estes dous nauios chegou Ioão serrão capitã da nao bota fogo, q̃ auia dias q̃ se apartara com tempo da conserua do gouernador,& auendo dez dias que a obra da fortaleza se continuaua. Em dia de nossa senhora das neues foy el rey de Quiloa ao gouernador &lhe disse que na terra firme mea legoa da ilha estaua hũ filho do rey q̃ matara ho tirano que elle deitara da cidade,& que lhe vinha pedir ho reyno como dereyto sucessor delle. E porque ele fora grande amigo de seu pay, & ho conhecia por seu filho, folgaria muyto que ainda q̃ tinha herdeyro, de lhe suceder por sua morte aquele filho que era do verdadeyro rey de Quiloa, & lho pedia muyto que assi ho quisesse, & antes que se dali fosse ho fizesse jurar por principe. Ho que ho gouernador lhe teue a muyto grande virtude, & lhe concedeo sua petição. E mandando a Ioão da noua polo filho del rey, ho fez jurar por principe herdeiro, despoys da morte de Mafamede alconez, ho qual seria de setenta annos, jurando ho principe vassalagem a el rey de

Portugal,& auendo desaseys dias que ho gouernador aqui estaua, acabouse a torre da menajem da fortaleza que ali fazião, a qual era de tres sobrados todos argamassados, & assi quatro baluartes com suas bombardeyras & seteiras, & no cerco da fortaleza auia casas pera a feitoria,& almazem, & pera outras officinas da fortaleza. Cuja capitania ho gouernador entregou a Pero ferreyra fogaça que a trazia de Portugal por el rey: & por a fortaleza estar ja de maneyra que se podia defender determinou ho gouernador de se partir, porque tinha muyto que fazer a diante,& entregou os officios da fortaleza aos officiaes que os traziã,& deu setenta homens darmas ao capitão & dous clerigos pera dizerem missa, & tambem lhe deu toda a prouisam necessaria pera sua defensam: & deixou hũa prouisam pera Manuel paçanha capitão môr da frota que ficaua a tras que deixasse ali Gonçalo vaz de goyes na sua carauela pera andar darmada por aquela costa.

Capitolo.iiij. De como está situada a cidade de Mombaça,& de como ho gouernador foy sobrela pera a tomar.

Feyto tudo isto partiose ho gouernador com determinação de hir sobre a cidade de Mombaça, & tomala, & destruyla: porque com sua destruição ficaua Quîloa mais forte,& mais senhora daquela costa: & pera ho meterem na barra de Mombaça leuou consigo dous pilotos mouros que a sabião bem. E partiose a noue de Agosto, & logo na noyte seguinte, no quarto da prima se achou tão junto com terra que se fez na volta do mar,& tirando hũa bombardada fez sinal que virasse tambem: & nesta volta se deteue tanto a nao de Fernão soarez que ficou soo a tras. E ao outro dia que era dia de sam Lourenço, estando ela perto de terra acalmoulhe ho vento,& a agoa a chamaua pera terra: & por isso ho capitão mãdou surgir hũa ancora,& não se achou fundo se não com quatro cabres de comprimento, & nesta altura surgio sobre hũa pedra de que se teue grande receyo que lhe cortasse os cabres, que por não auer outros ficaua a nao perdida sem eles: & ho mar arrebenraua em frol perto dela,& por isso estaua em muyto risco de se perder,& assi se daua a gẽte por perdida vendose em tamanho perigo E não tendo nenhũ remedio de saluação, ho Capitão com toda a outra gente assentados em giolhos pedirão a nossa senhora de Goadalupe que os liurasse daquele perigo: & prometeran lhe de mandar hũ romeyro a sua casa, ho qual tirarão logo: & tanto que foy tirado quis nosso senhor por sua misericordia, que acodio hũ pouco de vento com que a nao foy afastada da terra,& foy a ancora cobrada. E escapando daquele perigo seguio a via de Mombaça, onde ho gouernador chegou a treze Dagosto & surgio na boca da barra, donde mandou a Gonçalo de payua q̃ a fosse fondar, & forão coele os dous pilotos mouros que vinhão de Quîloa: & indo pola barra auante foy ter com hũ baluarte donde lhe tirarão duas bombardadas,& hũ dos pelouros

passou a carauela:& entrou dẽtro o que vendo Gonçalo de payua mandou dar fogo a sua artelharia & começou de ho esbombardear:& nisto acẽdeose fogo na poluora do baluarte, de tal maneyra que ho não poderão os mouros apagar, & com medo de serem queymados fugirão,& Gonçalo de Payua acabou de destruir ho baluarte. E achando ele que a frota podia entrar tornou com ho recado ao gouernador, que entrou logo com toda a frota & surgio diante da cidade: & surto ouue conselho com seus capitães, & com os fidalgos & caualeyros, dizendo que lhe parecia bem que primeyro que fizessem cousa algũa contra a cidade mãdassem recado a el rey de Mombaça sobre se querer fazer vassalo del rey de Portugal,& quando ele não quisesse que então lhe faria a guerra. E este recado lhe mandou per hũ dos pilotos mouros & leuouho Ioão da noua no seu batel: & antes que chegassem a terra se poserão a fala com algũs mouros que andauão pela praya, que ho piloto pedio seguro pera ir falar a el rey: os mouros se mostrarão muy menencorios cõ trele chamandolhe cão, perro, que comia porco,& que era mais Christão q̃ os Christãos pois os trouuera ali:& q̃ fosse certo que se saya fora que lhe cortarião a cabeça,& que dissesse aos perros dos Christãos que Mombaça não era Quiloa, nem tinha galinhas pareles que se tornassem. E sabendo ho gouernador este recado mandou aquela noyte Ioão da noua & outro capitão nos bateis a terra pera que tomassem lingoa: & andando â borda da praya disseranlhe de terra em Portuges, que saysem fora que feita tinhão a cea: mas que não ousarião como em Quiloa, porque ali auia homẽs,& preguntãdo Ioão da noua quem era, ho que falaua, foylhe respondido que era hũ Portugues natural de Lisboa q̃ ali ficara da nao Dantonio do campo & que se tornara mouro. E Ioão da noua lhe rogou que fosse falar ao viso rey, & que lhe perdoaria,& ele não quis. E andando assi correndo a praya foy tomado hũ mouro q̃ acertou de ser criado del rey de Mombaça de dentro de casa: & ho gouernador lhe prometeo a vida & liberdade se lhe dissesse a verdade, do que el rey determinaua:& ele lhe disse que sabendo el rey como ele tomara Quiloa com receo de vir sobre Mombaça se fortalecera ho mais q̃ podera & mandara fazer em hũ passo estreito da barra ho baluarte que vira, & que tinha na cidade algũa artelharia:& assi quatro mil homẽs de peleja, em que entrauão muytos escrauos, como os de Quiloa, dos quaes quinhentos erão frecheiros:& no sertão tinha mandado fazer dous mil homens de peleja,& que quantos auia na cidade estauão determinados de se defender.

Capitolo. V. De como ho gouernador mandou por fogo a cidade de Mombaça,& de como foy queimada grande parte dela.

ESta noua do ſocorro que el rey de Mombaça eſperaua acrecentou muyto mays a preſſa que ho gouernador tinha pera tomar a cidade:& logo ao outro dia que foy veſpera da aſſunção de noſſa ſenhora pela manhaã chamou a conſelho , & ſendo juntos lhes cõtou o que ſabia da diſpoſição da cidade,& da gente que el rey tinha, & do ſocorro que eſperaua: pedindo a cada hũ ſeu parecer ſe cometerião a cidade . Ao que todos responderão que lhes parecia bem:ſaluo a Ioão da noua & Antam gonçaluez que ho contradiſſeram , dizendo que a não deuião de cometer, aſſi por ella ſer muyto forte, como por ter muyto roim deſembarcadoiro, que era couſa muy perigoſa pera a gente: & mais ſendo os Portugueſes muyto mal mandados ao recolher, o que ſe vira em Maçarquibir, & em outras taes como aquela. E ſendo caſo que lhe não ſucedeſſe como elles eſperauão:& aconteceſſe algũ perigo a ſua peſſoa, que ſeria hũ mal muyto grãde pela perda & deſhonrra que aſſi el rey de Portugal, como elles recebião, E vendo ho gouernador q̃ os mais erã de parecer que ſe tomaſſe a cidade diſſe. Pois neſte feito queſperamos de fazer ha tantos pareceres taes como ho meu que he tomarſe a cidade : jagora ſem receyo poderey dizer que a tomemos:ho que crede que não diſſera ſe vira algũ perigo neſte feito daqueles que ſe aqui apontarã, porque ho principal que foy do roim deſembarcadoiro que tem a cidade, & que ao recolhernos faria muyto dano ſe nos ſuceder ao reues do que eſperamos. Bem creo eu q̃ quãto mais roim for ho deſembarcadoiro, tanto melhor ha de ſer defendido dos imigos, pelo qual ſe cõ toda ſua defenſam nos deſembarcarmos, eu vos afirmo que auemos de ficar tão ſenhores do campo que auemos de gaſtar mais de tres dias ẽ embarcar ho deſpojo da cidade:& ſendo iſto aſſi, como eſpero em Deos que ſera, não tenho de ver q̃ os Portugueſes ſejão deſmandados ao recolher:pois como digo prazera a noſſo ſenhor que ſera muyto de vagar, & falouos como homem que ſou de cincoenta annos dos quaes os quinze gaſtey na guerra de que ſey arrezoadamẽte, & outra vez vos afirmo que ſe não vira a cidade pera leuarmos auante o que nos parece que a não cometera, por iſſo ſenhores encomẽdemoſnos a noſſo ſenhor & a ſua glorioſa madre, de cuja aſſunçã a manhã a igreja faz feſta, por que em dia tão ſolenne & aſſinado cõ ſua ajuda façamos hũ feito tão notauel como eſte ſera:& no deſembarcadoiro mais perigoſo quero eu q̃ cometa meu filho, & apos ele Ioã da noua, pegada a gente de ſuas capitanias hũa com a outra:& entre tanto que a eles forem cometer daremos nos bateria. E co eſte cõcerto ſe tornarão os capitães a ſeus nauios:& cada hũ ſe pos no lugar aſſinado pelo gouernador pa cercarẽ a cidade ao derrador, como cercarão:& logo

todos desparou a artelharia na cidade, & nos mouros de que auia muytos na ribeira, & eles tambem começaram de jugar com as suas bombardas, que tirauão muy furiosamente, & muytos pelouros passauão polas ẽxarcias dos nossos nauios & por cima de muyta gẽte: & quis deos que não fizerão nojo a ninguem, & os nossos derribarão & atroarão algũas casas. E estando nisto chegou Fernão soarez que escapara do perigo que disse, & surgio junto do gouernador, a que foy logo ver: & ele lhe cõtou ho que estaua determinado, rogandolhe que verdadeyramente lhe desse seu parecer a cerca disso: & ele disse q̃ lhe parecia muyto bem o que estaua assentado, & quẽ lhe dissesse ho contrairo que não era amigo de sua honrra. E porẽ que por quãto a cidade era muyto grande & a sua gente pouca, que antes que a cometesse deuia de trabalhar que de noyte, ou de dia lhe fosse posto fogo pera arder parte dela, porque despois ao entrar teuessem os nossos menos q̃ fazer. Ho gouernador ho leuou nos braços com prazer, agardecendolhe ho conselho que lhe daua que ouue por muyto bom: & concertarão que ho fogo fosse posto per duas partes, per hũa Fernão soarez, Diogo correa & Ioão da noua, per outra dom Lourenço, dom Fernando deça, Ioão serrã & Antão gonçaluez, Fernão soarez cõ os de sua quadrilha, se ẽbarcarão em seus bateis com obra de trezentos homẽs os mais deles espingardeiros, & besteiros. E partirão com prea mar q̃ chegaua a agoa as casas, & desembarcarão pela parte da alfandega da cidade, onde auia muytos mouros que os receberão com muytas frechadas & pedradas: & os nossos lhe tirauão com as bombardas que trazião nos bateis, & assi espingardadas, & setadas: & era a barafunda muy grande da mestura q̃ se fazia de tudo. Entre tãto chegou dõ Lourenço a terra cõ os outros capitães que hião coele, & cometerão pela parte onde estauão os paços del rey, q̃ era ho mais forte da cidade & mais perigoso: & porisso cuidauão os mouros q̃ os não cometerião por ali. E vẽdo chegar os nossos acodirão logo, ãtre os quaes forão muytos daqueles que defẽdiã a parte dalfandega. E por isso a defensam daquela parte não ficou tão rija como dãtes: que sentindoo os nossos que ali pelejauão apertarão tão rijo com os mouros q̃ os fizerão afastar, & darlhes lugar pera que desembarcassem, & em saltando em terra todauia com grande peleja, aqueles que leuauão cargo de poer ho fogo ho poseram logo com panelas de poluora em muytas casas de madeira que estauão antremetidas cõ as de pedra & cal: & nelas se acendeo logo ho fogo, & começou de arder muyto brauamente, aque algũs mouros acodirão pera ho apagar: & outros acodiã aos que defendião a dom Lourenço q̃ não desembarcasse; & era cousa despãto ver os muytos que recrecião, porem por mays que forão, & por mays ousadamente que se defendião dom Lourẽço poyou em terra com os outros capitães & sua gente, dos quaes em desembarcando foy ferido Ioão serrão de hũa frecha que lhe atrauessou hũa coxa: & outra deu pelos peitos a hũ bombardeyro & logo cahio morto, & segũdo se despois vio era eruada, & assi matou outra a hũ criado do gouernador chamado Frãcisco correa, q̃ tãbẽ morreo logo, & forã feridos outros muytos q̃ os imigos carregauã de cada vez mais

em tal maneyra que a dom Lourenço lhe foy forçado recolherse aos bateis: & este recolhimento fez ele como prudente capitão & valente caualeyro matando muytos mouros, & sempre com tamanho tẽto que os seus se recolherã sem perigo & nam forão mais feridos q̃ ao desembarcar, & assi se embarcou tambem Fernão soarez com os seus: porq̃ neste tempo era ja ho fogo muy brauo por toda a cidade saltando de rua ẽ rua, & como de cada vez achaua mais em que pegar não ho podião os mouros apagar, antes muytos q̃ muyto trabalhauã por isso chegãdose a ele mais do necessario forão queimados & morrerão, & soubese q̃ a fora estes morrerão bem setenta que forão mortos pelos nossos, assi onde cometeo dõ Lourenço, como onde cometeo Fernã soarez: & ho fogo que andaua na cidade durou toda aquela tarde & a noyte seguinte, & era espãtosa cousa de ver, porq̃ parecia que toda a cidade era hũ fogo, o qual fez grãde destruição, assi nas casas de madeira, que arderão todas, como nas de pedra & cal, de q̃ arderão muytas & cayram, & nelas foy queymada muyta riqueza.

Capit. VI. De como ho gouernador tomou a cidade de Mombaça.

TOrnados dom Lourenço & Fernão soarez de porẽ ho fogo ã cidade: & visto pelo gouernador ho dano que nela era feyto, aq̃la tarde chamou a cõselho pera determinar como a auiã de cometer, & foy acordado que fosse cometida por duas partes, & por hũa cometesse ho gouernador, que era defronte donde estaua surto. E auião de ir coele Dom Fernando deça, Ruy freire, Gonçalo de payua, Felipo rodriguez, Fernão bermudez, Antão gonçaluez, & assi a gẽte da nao de Ioão serrão, que auia de ir na sua capitania por ele estar doente, & por outra parte desembarcaria dom Lourenço, & acompanhalo hião Fernão soarez, Diogo correa & Ioão da noua com a gente de suas capitanias que era muyta & a principal da frota: & porque donde as suas naos estauão se não via a capitaina nẽ os outros nauios, & auião de dar na cidade em amanhecendo, auia ho gouernador de fazer sinal com hũa bombardada quando quisesse desembarcar, pera que desembarcassem todos a hũa. E neste concerto encomẽdou ho gouernador muyto a todos os capitães que mandassem a sua gente sopena de treiçam que ninguem se não antremetesse a roubar, ate q̃ a cidade não fosse de todo despejada dos immigo, porque fazendo ho contrairo seria muyto grãde perigo, & poderse hião perder todos como acontecia muytas vezes: & que despejada a cidade ele a mãdaria saquear de modo q̃ todos ficassem contẽtes. Coeste cõcerto que se acabou ja de noyte se tornarão os capitães a seus nauios & notificarão a sua gẽte o questaua determinado acerca do cometimento da cidade & todo ho mais que lhes ho gouernador encomendara. E duas oras ante manhaã se embarcarão todos nos bateis & se forão pegar com a terra, onde ainda ho fogo que andaua na cidade daua assaz de claridade cõ que os nossos emxergauão tudo muyto bem & espantauanse de não verem nenhũs dos imigos na praya pera lhe defẽderẽ a desembarcação, do que eles estauão bem fora, porque assi com medo do

fogo;como com medo dos nossos que os salteauão de noyte não ousarão os mouros de ficar daquela bãda do mar, & recolheranse ho mais que poderão pera dentro da cidade pera a parte per que dom Lourenço auia dentrar, onde fazião conta de se defender de cima dos terrados das casas com muytas pedras que la tinhão, & assi outras armas E como as ruas erão tão estreitas q̃ se não podião andar por elas se não a fio: parecialhes que se poderião defender ao menos ate que lhes viesse ho socorro quesperauão da terra firme. E estãdo eles coeste pensamento ho gouernador questaua pegado com terra em amanhecendo mãdou fazer ho sinal da bombardada questaua ordenado, & a pos elle saltou em terra com a bandeira real, a qual leuaua hũ caualeyro esforçado chamado Pero cão, & a pos ele desembarcou sua gente, & todolos outros capitães cõ a sua, assi por esta parte como pela em que dom Lourēço desembarcou, que era da bãda do sertão da ilha, onde estaua a môr força dos mouros, & era a mais perigrosa entrada, & dom Lourenço hia diante cõ sua gente & pegada coela hia a de Ioão da noua que hia na bē goarda, & a pos ele hia Fernão soarez, & despois Diogo correa, & todos a fio por a grãde estreiteza das ruas: em tanto que começãdo dom Lourenço dentrar por hũa: duas molheres cafras & algũs mouros de cima dos terrados das casas õde estauão lhe impedirão a passajem, derribãdo as cafras de cima cantos muyto grãdes & tirando outras muytas pedras mais peq̃nas, & os homēs tirando infindas frechas & muytos zagunchos: & foy de maneyra que os nossos não tinhão tempo pera tirar com as espingardas nē com as bēstas: pelo qual lhe foy forçado acolherense debaixo das sacadas que as casas faziam pera se empararē do dano que lhe poderiam fazer os arremessos dos imigos: o que ho gouernador não teue nem menos os da sua companhia por yr coeles o mouro que Ioã da noua tomâra de noyte: & ate bē dētro na cidade não achou quem lhe defendesse a entrada, & dali por diante acharam resistencia de cantos que lançauão os mouros dos terrados, & assi tirauão tambem muytas pedradas. Porē como as ruas erão muyto estreitas & os mouros se não ousauão de descobrir cõ medo das espingardadas & seetadas que os nossos tirauão não deitauão os cãtos dereytos, & dauão primeiro nas paredes defronte, & assi fazião as pedradas: de maneira que quando decião ao chão ja trazião a força quebrada, & mais os nossos acolhianse debaixo das sacadas, pelo qual as pedras lhe não fazião nenhũ dāno, antes os immigos ho recebião muyto: em tanto que despejarão os terrados, & delles fugirão pera fora da cidade, na q̃l a reuolta era muy grande, porque não cuydauão que dos nossos escaparia nenhũ se os acolhessē dentro. E sabendo el rey como os nossos se hião chegãdo aos seus paços sem auer quem lhe podesse resistir, & ho destroço que deixauão feyto nos mouros, não ousou de esperar, & fugio de seus paços, pelo qual ho gouernador q̃ndo chegou a eles não achou nenhũa defensa. E sabendo como el rey era ja fora não se quis deter, & passou a diãte com os capitães & gente. E porque os paços não fossem roubados dalgũs mouros que ainda estauão neles deyxou em sua goarda Ruy freyre, & Fernão Bermudez com a gente

de suas capitanias,& ele como digo passou pera buscar el rey. E ja por aquela parte não achou tanta resistencia como a tras,porque dos immigos hũs fugião pera fora da cidade, outros hião ajudar aos que defendião a entrada a Dom Lourenço:ho qual como disse achou muy dura defensam naquela rua primeira assi polos mouros, como pelas duas cafras que atormẽtauão muy rijo os nossos, que se virão tão afogados,que algũs a q̃ não soube os nomes poserão os hombros âs portas desta casa em questauão as cafras,& dando cõ elas fora do couce entrarão dentro, posto que fosse contra a defesa do visorey E como as cafras sentirão que as entrauão remeterão â porta da escada das casas pera a defender,& hũ dos nossos tirou hũa setada,& quis deos que deu a hũa das cafras pela garganta,& derribouha morta. E coisto entrarão a casa: & logo á outra cafra,& os mouros fugirão dali pa outras casas: & nisto se passaria obra de mea hora. E despejada esta casa que os arremessos cessarão, passarão os nossos auante: & os imigos q̃ os virão em passando dom Lourenço com sua gente,começãdo a de Ioão da noua de passar,derribarão hũa parede velha que ali estaua, Pelo qual Pero vaqueiro que leuaua ho guião de Ioão da noua,& hia antre os seus diãteiros q̃ hião pegados nas costas dos de dõ Lourenço, se deteue debaixo dhũa sacada: porque assi as pedras que cahião da parede que os imigos derribauão como outras que lançauão de cima dos terrados & frechas, & zagunchos erão de maneira que passando os nossos auião de ser mortos:& como ho guião se deteue logo a gẽte esteue queda. E Ioão da noua que hia na bẽgoarda que não sabia a causa de sua detença bradaua ao guião que passase auante, porque a gẽte dos outros capitães que vinhão detras dele começaua de carregar: mas por mais q̃ bradaua ho guião não quis passar auante:& os nossos fizerão ali represa, & quebrarão ho fio de dõ Lourenço:que não sabendo nada disso passou auante, pelejando sempre com os imigos que trabalhauão quanto podiã por lhe resistir. E estando os capitães q̃ lhe ficauão a tras no aperto que digo, vendo ho cõtramestre da nao de Ioão da noua ho dano que os imigos fazião dos terrados determinou de subir acima,& tomando consigo dous seus matalotes,hũ chamado Martim fernandez, que despoys foy seleyro del rey dom Manuel, & Ioão lopez que foy seleyro do Cardeal: & todos tres quebrando as portas de hũas casas grandes sobirão acima,a que algũs mouros acodirão: & vendoos tam poucos lhes quiserão defender a entrada: mas não poderão,porque os tres pelejarão tão esforçadamente,que os fizerão fugir, por hũa escada abayxo,& não os seguirão por não saberem as casas. E nisto foy ter coeles Fernão perez dandrade & apos elle ho feytor,& ho escriuão da nao de Ioão da noua, & Duarte frz que despoys foy tesoureyro del rey dõ Manuel,& assi outros,que por todos serião doze,& derão nos mouros q̃ estauão nas casas que erão muytos: & com tudo os nossos matarão algũs deles, & fizerão fugir os outros:& despejada aquela casa forã os nossos por outras, de terrado em terrado pelejando com os mouros questauão neles leuando os diante âs lançadas & cutiladas,& fazẽdo os despejar, o que foy causa de os immigos darẽ vao aos nossos que estauão na

rua de represa; antre os quaes a cõfusão & reuolta era tamanha, assi de carregarẽ hũs sobre os outros, como de se q̃rerẽ goardar dos arremessos dos imigos que hũs aos outros desarmauão as bestas com os encontros que se dauão & estauão tão apertados que se não podião ajudar das lanças, porq̃ não erão as casas tão altas que não podessem co elas chegar aos imigos se se punhão ás janelas. E durando a peleja dos nossos nos terrados Duarte fernãdez, & Ioão lopez que se apartarão dos outros chegarão ao cabo dhũ terrado pera passar a outro ondestauão hũs poucos de mouros: antre os quaes terrados ficaua ho vão de hũa rua que atrauessaua per antre aquelas casas. E tamanha foy a vontade de pelejar com os mouros q̃ vião que buscarão hũ pao ho mais grosso q̃ poderão, & atrauessarão no de terrado a terrado pera passarem, & Ioão lopez passou primeiro tomando a lãça por jũto do aluado do ferro, & tinhã pelo cõto. Ho feytor da nao que chegara a este tẽpo, & Duarte fernandez tirauão aos imigos ás setadas, que como sentião ja ho desbarato dos outros, não ousarão de esperar ali, & deceranse a outro sobrado. E nisto passou Ioão lopez com muyto grãde perigo, por ser dali a bayxo grande altura q̃ airselhe hũ pé caira & espedaçarase: & passado elle, passou Duarte fernãdez indo escãchado pelo pao. E sendo da outra bãda decerão ambos onde os mouros estauão: nos q̃ es tinha entrado tamanho medo q̃ logo fugirão: & os dous forão a pos eles ate os deytarẽ fora das casas: & algũs ficarão mortos, & os dous se forão ajuntar cõ Ioão da noua, que ja quãdo os mouros forão desbaratados nos terrados estaua soo com a gẽte de sua capitania, por que Diogo correa, & Fernão Soarez ẽ começando dabrandar as pedras dos terrados passarão a diãte em busca de dom Lourenço, que com assaz de trabalho rompeo pelos imigos, & chegou aos paços del rey, onde em chegando a pareceo encima deles Fernão Bermudez com ho seu guião aleuantado, brãdãdo alto, Portugal, Portugal. E ouuindoo dom Lourenço chegou aos paços, a cuja porta achou Ruy freyre, a q̃ preguntou pelo gouernador, & ele lhe mostrou a rua por õde elle fora, & dõ Lourenço não quis mais deterse, & seguio por ela ate ho alcançar, & em chegãdo a ele acabaua ele de dar hũa lançada a hũ mouro questaua sobre hũa casa bayxa. E ja a este tempo a força dos mouros era muyto quebrada por serem os mays fora da cidade. Porẽ ainda ao gouernador lhe deram duas pedradas jũtas, & a dom Lourẽço lhe deram outra em outro braço: & cõ tudo a rua foy despejada dos mouros, & quasi todos forão mortos: & os nossos ho fizerão muyto bẽ, assi ali, como no q̃ ficaua feito a trás E isto acabado dom Lourenço cõtou a seu pay como achara entrados os paços del rey pelos nossos: do que ho gouernador se mostrou muyto agastado dizendo que ele não deyxara Ruy freyre, nẽ Fernão Bermudez pera entrarẽ os paços, se nã pera os goardarẽ & mãdou a dõ Lourenço q̃ se tornasse logo aos paços: & que leuasse ho mouro criado del rey que Ioã da noua tomara de noyte, q̃ ele leuaua por guia: & q̃ este lhe mostraria ho tesouro del rey que arrecadaria. E estando nisto virão passar por outra rua hũ corpo de gẽte, em que aueria obra de setenta homẽs de cabayas de graã & terçados ricos & frechas, & cofos & fotas ri

cas: & aqui hia el rey de Mombaça, o qual se acolheo a hũ palmar questaua da cidade hũ tiro despingarda, onde estaua recolhida toda a gente q̃ fogira da cidade. Ho gouernador não quis seguir el rey por sentir nos nossos que andauão tão cansados, q̃ quasi não podião andar, & dando por aquela parte hũa rebusca aos mouros muyto de vagar, não achãdo nenhũs se tornou aos paços del rey quasi ao meo dia, onde dom Lourenço que já la estaua lhe disse que não achara nenhũ tesouro que goardar, somenre dous cofres de latão onde parecia que esteuera ho tesouro, os quaes achara abertos na goarda roupa del rey, a que ho mouro ho logo leuara. Ho gouernador por não ser tẽpo pera outra cousa dessimulou com a roindade q̃ lhe aquilo pareceo, & mãdou aos capitães que já estauão todos juntos q̃ saqueassem a cidade cada hũ pela rua que lhe assinou: & q̃ leuassem todo ho despojo ás naos, pera despois se repartir por el rey & pelas partes. E em quanto hũs saqueauão, outros embarcauão a artelharia que se achou na cidade, de q̃ a mais foy de ferro, & antrela foy achada hũa camara q̃ cinco homẽs teuerão bẽ que fazer em a meter em hũ batel, & disserão que deuia de ser dhũ nauio nosso que ali se ꝑdera que se chamaua ho rey grande, & assi foy achada a ancora que ali ficou ao cõde almirante quando ali foy ter, indo descobrir á India. E ho gouernador a quisera mandar recolher, & a gente se não atreueo de cansada, porq̃ a fora ho estar muyto da peleja ho estauã tã bẽ de matarẽ & catiuarẽ muytos mouros que andando saqueando acharão ainda escõdidos pelas casas, & coestes & cõ os que morrerã na peleja serião passante de setecentas almas, & forão catiuas perto de duzẽtas, das quaes forão muytas molheres brãcas de bõ parecer, & muytas moças de quinze anos pera bayxo. E assi forão catiuos os senhores de tres naos de Cambaya que ali estauão varadas: & dos nossos nãoforã mortos mais de cinco homẽs dos que leuaua dom Lourenço: & forão muytos feridos. E hũ deles foy dõ Fernando deça de hũa frechada no dedo polegar do pee dereyto que lho passou: & esta trazia em lugar de ferro hũ pao tostado encastoado na aste, & vntado com hũa vntura que se não soube de que era, se não que era peçonhenta. E algũs dizião que ho mesmo pao de seu natural era peçonhento, & esta maneyra de frechas costumã aqui grãdemẽte, & tambem as de ferro: mas estas ainda que sam heruadas não sam tão peçonhentas como estoutras: o que se mostrou na frechada de Ioam serrão que não morreo, & dom Fernando si dahi a poucos dias. E depois de sua morte hũ cirurgião que ho gouernador leuaua q̃ se chamaua mestre Fernando, começou de curar as frechadas com mechas de toucinho, que metia nelas, & chupauão a peçonha & despois que hũas chupauão metia outras: & cõisto sararão dali por diante todos os feridos. E este remedio lhe insinou hũ mouro que ho gouernador leuaua preso de Quiloa, & insinouho ꝑa que ho gouernador lhe fizesse merce da liberdade como fez.

Capitolo VII. De como Vasco gomez dabreu foy ter a Mõbaça & de como ho gouernador se partio pera Melinde.

VEndo ho gouernador como a sua gente acabara de cansar de todo com matar os mouros que ainda achārão escondidos, mādou que posto que não tinhão saqueado se não pouco que descansassem, & que ao outro dia acabarião de saquear a cidade: & mādoulhes dar de comer. E estando assi descansando aquele dia à tarde, virão os nossos sayr do palmar q̄ disse onde os mouros estauão acolhidos, hũ mouro que trazia ao pescoço hũa grāde cadea de prata que era final de paz que assi trazem ali os messegeiros, & as cadeas sam daqueles que os mandam, & auido seguro do gouernador lhe foy falar & disselhe. Mandate dizer hũ grāde homem que te ha tamanho medo que não ousa de vîr diante de ti sem lhe dares arrefens, que selhos quiseres mandar que te virâ falar. Ho gouernador lhe respondeo por Gaspar que era ho lingoa, que ele era vassalo del rey de Portugal que era muyto grande señor & que nunca dissera mentira, nem ele que estaua em seu lugar a não auia de dizer. Por isso que aquele q̄ ali ho mādaua podia hir muyto seguro, assi da vida como da yda. E tornado ho mouro coesta reposta não tornou mais ninguem: & presumiose q̄ aquele recado mandaua el rey de Mombaça pera vîr falar encuberto ao gouernador, pera assentar paz coele. & por lhe não dar os arrefens que pedia não quisera vîr, & ho gouernador nā lhos quis dar, por não ter nhũa necessidade da sua paz, nem do porto da sua cidade, por quā perto estaua Melinde de Quiloa. Vida a noyte mandou ho gouernador sayr toda sua gēte da cidade p̄a ho cāpo daq̄la parte donde os mouros estauão acolhidos: & poseranse em estancias q̄ ali estauão feitas, cada capitão na sua; & nā quis ficar na cidade porq̄ se auia a gēte despalhar & se auia de deitar: & como andaua cansada auia de adormecer, & poderião vir os mouros por que ainda erão muytos, & ho meteriā em afronta: & estando no campo auiā destar todos jūtos, & empee, & poder sehião vigiar & acordar que não dormissem: & não ho poderião os mouros cometer que os não visse primeyro. E ele & dom Lourenço com outros capitães & fidalgos roldarão & velarão toda a noyte, & a môr parte dela passarā em pee: assi que se de dia leuarão trabalho de noyte não lhes faleceo a todos. E ja bem de dia tornou a gēte a saquear a cidade onde foy achado muy rico despojo, assi douro como de prata em moeda & ē barras, aljofar & muyta roupa de Cambaya, & muytos panos de persia, douro & de seda, que se chamão camarabandos, & touças doxeque ismael & al catifas, canfora, sandalos, marfim, cobre, latão, arame, & anfião. E cō tudo os nossos não poderão roubar quāto auia na cidade porque estauão muy cāsados, & por isso ho gouernador mādou que cessassem: & aquele dia ja perto da noyte se recolheo à frota. E ao recolher quiserão os nossos pegar fogo as naos de Cambaya, & ele não quis dizēdo que ainda poderião fazer viagēs: & os nossos fariā nelas presas. E em se ho gouernador saindo da cidade com os seus p̄a se recolher, entrarā os mouros pela outra parte q̄ hião a ver o que os nossos deixauão feito: & por muytos q̄ erão auianlhes tamanho medo que nūca ousarão de os cometer. Recolhido ho gouernador â frota quiserase partir aquela noyte, mas não pode por lhe ser

ho vento pordauante:& desta maneyra durou sete dias:nos quaes chegou ali Vasco gomez dabreu na sua nao q̃ era da conserua da armada q̃ ficaua a tras. E indo falar ao gouernador lhe disse como passado ho cabo de boa esperãça se perdera da outra frota cõ hũa muyto grande tormẽta,em que lhe quebrara ho masto grande: de maneyra q̃ viera a gauia abaixo:&que de tres homens q̃ estauão nela que não perigara nenhũ. E vendo ho gouernador que lhe não vinha vẽto pera se partir mãdou tirar as naos & nauios pelos bateis à toa pera fora porque no pego lhe seruiria mais asinha ho vẽto.E como a sayda foy de noyte tocou a nao de Diogo correa em hũa baixa,& esteue quasi perdida:& escapou com ho leme perdido, & nunca lho mais poderão achar,& fizeranlhe outro: & de cada nao lhe derão hũ macho dos outros lemes.

Capit.VIII.De como ho gouernador não pode aferrar Melinde & do que aconteceo a Ioão homem na uiagem ate melinde.

ACabado ho leme ho gouernador se partio pera Melinde,& por as agoas correrẽ muyto a escorreo,&foy ter a hũa angra que esta a diante cinco legoas ẽ dia de sam Bertolameu. E nesta angra que se chama de sancta Helena achou as carauelas de Ioão homẽ que erão em Melinde,& fora por terra,& tambem Lopo chanoca que era vindo fora lã na sua carauela a buscar refresco: & não forão de caminho porq̃ tambem a escorreram,& os desta carauela lhe não souberão dar nouas da outra frota:& lhe disserão que em ele saindo da barra repartira logo pelos da carauela todo ho mantimento q̃ se podera repartir,pera que cada hũ goardasse o seu quinhão:dizendo que ele não auia de ser despenseiro,& que ho vinho & a agoa ho fossem tomar quando quisessem.E indo assi hũa noyte se perdera da frota antes de passar ho cabo de boa Esperança,& isto com tormenta:& despois quatrocẽtas legoas do cabo lhe disserão ho mestre da carauela & ho despenseiro chorando que não auia mais que mea pipa dagoa com as larguezas que fizera,& que ele lhe respõdera. Vilãos porque tendes tão pouca fee naq̃la senhora que ali està.(E isto dizia olhãdo pera hũa imagem de nossa senhora do rosayro de que era muyto deuoto) porque não credes que vos dara agoa, pão,ouro,& prata: Ora calaiuos q̃ ela nos dara mantimento. E que logo dali a hũ dia amanhecerão ao socayro de de hũa ilha muyto alta,& decia dela hũa grande ribeira:& era ho alcãtil tamanho q̃ a carauela ajũtaua ho bordo cõ a terra,& q̃ ali tomarão agoa: & matarão muyto pescado cõ redes:& matarão muytos passaros & muytos lobos marinhos em hũ ilheo que estaua jũto da ilha,a q̃ poserã nome a ilha de Ioão homem. E deste pescado,passaros & lobos fizerão salga que lhes abastara ate Quiloa,& que trinta & noue legoas auãte dela tomara a ilha de Zanzibar, onde ho rey dela lhe fizera muyta hõra & ho bastecera de mantimentos,& lhe dissera que estaua a seruiço del rey de Portugal. Desta angra quisera ho gouernador ir a Melinde,porque desejaua muyto de ver el rey:& assi lho mãdara dizer de Mõbaça per hũ capitão

da sua conserua & o que fizera nela posto que ho não disse: & porem ele não pode ir por lhe ser ho vẽto por dauãte, pelo qual mandou a Diogo correa, & a Fernão soarez que lhe fossem em hũ batel visitar a el rey de Melinde: & por eles lhe mandou hũ rico presente que lhe leuaua del rey de Portugal. E hũa das peças do presẽte era hũa copa douro muyto rico, & as outras não pude saber. E com Diogo correa, & Fernão soarez se tornou Ioão homem: & em sua companhia Lopo chanoca. E el rey de Melinde escreueo hũa carta ao gouernador, em que lhe dizia ho prazer que teuera com a tomada de Mombaça, & a tristeza de ho não poder ver, & mãdoulhe muyto refresco. Nesta angra teue ho gouernador conselho cõ os pilotos da frota se poderia ir â cidade de Magadoxo, porq̃ desejaua de a tomar: & os pilotos lhe aconselharão que não fosse, porque ela estaua mea legoa do mar, & q̃ tinha roim desembarcadoiro por a costa ser braua, & que era fora do seu caminho: & sobre tudo que se lâ fosse perderia a Moução pa atreuessar ho golfam: pelas quaes rezões que parecerão bem aos capitães, & fidalgos, & caualeyros da frota não quis ho gouernador ir a Magadoxo. E a vĩte sete Dagosto se partio daqui pera a India hũa noyte, em que faleceo dõ Fernãdo deça. E ao outro dia deu o gouernador a capitania da sua nao a hũ Rodrigo rabelo caualeyro da casa del rey por virtude dhũ aluara que trazia pera lhe ser dada a primeyra capitania q̃ vagasse. E seguindo ho gouernador por sua nauegação atrauessou ho golfam cõ vẽto a popa, saluo dous dias q̃ lhe acalmou, bem a cem legoas da costa da India virão os nossos andar sobela agoa cranguejos, & trinta legoas mais a diante virão muytas cobras com rabos como enguias, que eu tambem vi quando fuy com Nuno da cunha: & dizẽ algũs que vem da costa da India ter ao mar com as cheas dos rios que as trazem, outros q̃ se crião no mar, assi como se ca crião cobras na agoa: & a mayor destas não passa de vara de medir de cõprimẽto.

Capitolo. ix. De como ho gouernador chegou â ilha Dãiadiua & começou hi hũa fortaleza, & de como chegou hi Bastião de sousa.

Seguido assi ho gouernador sua rota pera a costa da India foy surgir no porto da ilha de Anjadiua a treze de setembro de mil & quinhentos & cinco, onde achou hũ patamar que antre os Indios, sam como antre nos os correos. E este tinha cartas de Gonçalo gil barbosa feitor de Cananor, & del rey da mesma cidade pera qualquer capitão mõr, em q̃ lhe dauão nouas que tinhão muyta especiaria pa as naos que trouuesse, & que se deteuesse ali algũs dias com grande vigia no mar: porque sabião certo que naquele mes de setembro esperauão ẽ Calecut por tres naos de Meca muyto ricas, & que trazião gente branca a soldo del rey de Calicut. Vistas estas cartas pelo gouernador mandou com a reposta delas a Ioão homem, & que de Cananor fosse a Cochim, & a Coulão, & disesse sua vida aos feitores: & assi as naos que auião de tornar pera Portugal com carga pera que teuessem prestes a especiaria necessaria. E despachou Io-

go a Lopo chanoca, & a Gonçalo de payua que vigiassem ho mar, & teuessem tento nas naos de Meca que auião de passar pera as tomarem. E logo aos quatorze de Setembro começou de edificar a fortaleza junto do mar sobre os aliceçes dhũs edificios q̃ ali estauão, como ja disse: & ele foy o que pos a primeyra pedra, ao que foy feita grande festa com toda a artelharia que despa-rou, & com muyto tanjer de trombetas & cantando Tedeum laudamus: com suas sobre pelizes vestidas: & era em todos ho prazer tamanho que ninguẽ nã sentia ho trabalho. Continuãdose esta obra em hũa quarta feira q̃ forão vinte quatro de Setembro chegou Bastiã de sousa, em cuja nao vinha Manuel paçanha seu sogro capitão môr da frota que ficara a tras, & vinha coele Antão vaz na sua carauela: & Bastião de sousa contou ao gouernador que correra muyto grandes tormentas, & que mil vezes desesperara de poder escapar, & que não ficarão coele mais que Antão vaz, & Gonçalo vaz de goyes, que por seu mandado deixara em Quiloa, & que nem hi nem em Moçambiq̃ não achara nouas de Lucas dafonseca, nem de Lopo sanchez, que tinha medo de serem perdidos, porque de todos os outros capitães achara recado, se não destes dous: & quanto a Lopo sãchez dizia verdade que se perdera ao cabo das correntes, onde ho nauio deu a costa com tormenta, & da gente se saluou algũa, & a outra morreo afogada ãtre os quaes foy Lopo sanchez, & da que se saluou direy a diãte. E Lucas da fonseca despois de Bastião de sousa passar por Moçambique foy hi ter tão tarde que não pode passar a India & inuernou.

Capitolo. VIII. De como Pero danhaya partio com hũa armada pera Sofala, & do que lhe sucedeo na uiagem.

ATras fica dito como quãdo ho gouernador partio pera a India ouuera de ir em sua cõserua Pero Danhaya pa hũa fortaleza q̃ auia de fazer em Sofala, & a causa porque deixou de ir. E desejando el rey de Portugal que esta fortaleza se fizesse logo no mayo seguinte despois da partida do gouernador ordenou de mãdar Pero danhaya, & deu lhe a capitania môr de seys naos, & nauios que mandou coele: cujos capitães a fora ele forão Pero barreto de magalhães da nao sancto Spiritu, Ioão leyte natural de Santarem da nao sancto Antonio, Francisco danhaya do nauio são Ioão, Manuel fernãdez que hia pa feitor doutro nauio, & Ioão de queyroos do nauio sam Paulo. E em çofala auia de ficar por capitão môr do mar, Francisco danhaya seu filho de Pero danhaya, & em sua conserua ho nauio de Manuel fernãdez. E assentada a fortaleza de çofala se auia de partir pera a India Pero barreto por capitão môr das quatro velas. E despachado Pero danhaia partio de Lisboa a dezoyto de Mayo do mesmo anno de mil & quinhentos & cinco em que foy dia da Trindade, & tanto auante como a serra lioa indo conuento fresco, quis Ioão leyte fisgar hũ dourado do garoupez do seu nauio & cayo ao mar, & afogouse. E cõtinuã-do sua rota desta parajem forão tanto na volta do sul pera dobrar ho cabo de boa esperança que se poserão em altura de quarenta & cinco graos: õde a ne

ue era tanta que auia bẽ que fazer em a deitarem fora das naos,& coalhauase a agoa,& tambem ho vinho:& os dias erão tão pequenos que quasi se não podia fazer nada neles.E padecẽdo aqui a gente muyta fadiga cõ tamanho frio mandouse ho capitã mõr fazer na volta de leste & delesnordeste pera demãdar ho cabo.E nesta volta correo a frota grande tormenta hũ dia & hũa noyte sem saberem hũs parte dos outros, nem se virão mais ate auerem vista da terra de dentro do cabo, E a quatro de Setembro ho capitão mõr passou ho cabo das correntes & foy logo pera dẽtro do parcel de çofala indo em sua conserua Francisco danhaya,& Manuel fernandez,& surgio sobre a barra,& ali se deixou estar esperãdo pola outra armada. E estando assi chegou a nao sancto Antonio & ho nauio de Ioão de queyrõs,em que hia por capitão hũ fidalgo chamado Ioão vaz dalmada,q̃ disse ao capitão mõr que Ioão dequeirõs fora surgir na baya das vacas:&por cobiça de fazer carnajem se fora obra de mea legoa pelo sertão com algũs do nauio,& lá lhe sayra muyta gẽte da terra com suas armas & pelejara coele,& na peleja matarão a ele,& ao mestre,& ao piloto do seu nauio,& outros.E Antão de gaa que era escriuão dele escapou muyto ferido,& assi outros quatro que se acolherão ao nauio,& partiose: & na volta do mar toparão a nao sãcto Antonio,& pedirão a Iorge mendez seu capitão hũ capitã pera os reger,& hũ piloto pera mandar a via pois não achauão a ele capitão mõr pera que os prouẽsse,& que Iorge mendez lhe rogara que aceitasse a capitania,& pa mãdar a via dera ho mestre da sua nao. E chegados Ioão vaz,& Iorge mendez chegou hũ batel com certos Portugueses de que hia por capitão Antonio de magalhaẽs hirmão de Pero barreto,& disse ao capitã moor que Pero barreto ficaua no cabo de sam Sebastião,&por ho seu piloto nã saber ho parcel não ousara dentrar nele,pelo qual lhe mandaua pedir ho seu piloto pera ho leuar a çofala:& que indo ao lõgo da terra achara cinco Portugueses do nauio de Lopo sanchez que se perdera antre ho cabo das correntes,& a agoada de boa paz: &que aqueles cinco auia vinte dias que não comião outra cousa se não cangrejos mouros crus:& estauão tão fracos que quasi se não podião ter nas pernas, & hũ morrera logo.E sabẽdo ho capitã mór õde estaua Pero barreto mãdou lá a Ioão vaz dalmada no seu nauio,& que lhe leuasse ho piloto de Francisco danhaya.E chegados todos tres a barra de çofala entrou ho capitão mór pera dentro nos quatro nauios,& as duas naos deixou de fora:porque por serem grandes as não ousou de meter dentro. Entrado ho capitão mõr no rio deu ordem como se visse com el rey çufe que assi auia nome elrey de çofala:& a vista auia de ser nas casas del rey que estauã situadas ao longo do rio junto com hũa pouoação chamada Sagoe, de obra de mil vezinhos, antre os quaes auia muytos mouros mercadores,estas casas erão grandes & terreas,& as paredes erã de sebes barradas porcima de barro,& erão tão lisas,como que forão de tauoas, & ho chão era argamassado & erão cubertas dola:auia das portas a dẽtro muytos patios cercados daruoredo,& as casas erão cercadas despinheyros muytos bastos pera serẽ fortes:el rey seria homem de setenta ãnos & era ja cego,& fora muyto valente ca

ualeiro,& muyto temido:& assi ho era ainda cõ quãto era velho & cego. Ho capitão mõr despois q̃ teue recado del rey pera lhe falar vestiose dos melhores vestidos q̃ tinha,& assi os fidalgos, & capitães da frota,& ho feitor,& officiaes da feitoria,& assi a outra gente q̃ hia armada,como por goarda,& diãte as trõbetas de todas as naos tangẽdo: q̃ a gẽte da terra folgou muyto douuir,& acodião todos a ver muyto espantados. Chegado ho capitão mõr ás casas del rey:entrou dentro cõ certos fidalgos& assi ho feitor,& officiaes da feitoria, & a gẽte darmas ficou de fora: & despois de passar hũ grãde patio entrou ẽ hũa casa muy cõprida & estreita,onde estauão assentados bem cẽ mouros homẽs baços todos mercadores com fotas de seda nas cabeças,& nús da cinta pera cima,& dahi pa baixo cingidos panos dalgodão,& de seda,& outros taes sobraçados,& nas cītas hũs cuytelos nûs cõ tachas de marfim goarnecidos dou ro,a q̃ eles chamão quifios:tinhão nas mãos hũs ramaes dalambres serrados pelo meyo com borlas de sedas de muytas cõres,estauão assentados dhũa parte & doutra em trepeças baixas de tres pês ẽ triangulo, & os assentos erão de coyro com cabelo. Entrado ho capitão mõr nesta casa leuantarãse os mouros & fizeranlhe grãde cortesia,& passando per antreles foy ate ho cabo da casa õde el rey estaua em hũa casinha armada de panos de seda,& não era mõr q̃ quanto cabia hũ esquife da India em q̃ el rey estaua deitado sobre hũ pano de seda:era homẽ de grãde corpo,mẽbrudo,& preto:estaua atauiado da mesma maneyra q̃ os mouros,se não q̃ os seus panos erã de moor preço,& tinha jũto consigo hũ grande molho dazagayas.

Capit.ix. De como Pero danhaya se uio com el rey de Sofala,& ouue licença pera fazer fortaleza & a começou.

El rey posto que não via, sabendo que ho capitão moor ali estaua fez lhe muito grande gasalhado & cortesia,& pelo lingoa lhe disse que folgaua muyto cõ sua vinda,porque sempre desejara a dos Portugueses a sua terra: ho capitão moor lhe disse que ho mesmo desejo teuera sempre el rey de Portugal seu senhor de os mandar a ela,& de ter coele paz & amizade:& assentar trato ẽ sua terra que lhe rogaua muyto de sua parte que aceitasse,& lhe desse lugar pera fazer hũa casa forte em que teuesse segura sua gente,& suas mercadorias,porq̃ tudo auia de ser pera muyto seu prouei to:& tudo el rey concedeo, & disselhe que tomasse ao longo do rio ho melhor lugar que visse pera fazer a casa forte, porque ainda que não fosse seu ho cõpraria pera lho dar. Assentado isto despediose ho capitão moor del rey pera se tornar aos nauios, & sahio coele hũ daqueles mouros que estauão cõ el rey grande seu priuado,& tĩdo dele ẽ mór cõta que nenhũ dos outros,por ser bõ

homẽ & discreto, & chamauase Acote & era cafre de naçã & tornarase mouro:& vendo ele quão bem recebido fora del rey ho capitão moor,& como cõsentia ali feitoria,começou logo de ser da sua parte, & fezlhe muytos offrecimentos damizade que ho capitão mór estimou muyto,& lhos agardeceo por saber a valia que tinha com el rey:a que despois que foy nos nauios mandou hũ presente de cousas com que el rey muyto folgou,& mandou tambem outro a acote,que lhe mandou em retorno vinte Portugueses que tinha,que forão ali ter daqueles que escaparã do nauio de Lopo sanchez,& elrey lhe mãdou muito refresco,& algũ ouro.E vendo ho capitão mór os Portugueses folgou muyto:& eles lhe disserão como forão ali ter por terra, passando muyto perigo de fome,& que aquele mouro os agasalhara dizẽdo que era grãde amigo dos Portugueses por amor das cousas que ouuia dizer que fizerão na conquista da India, & lhe dera sempre muyto largamente todo ho necessario.E este acote aproueitou tambem muyto pera ratificar a amizade del rey com ho capitão mór,& lhe dar de melhor võtade ho lugar pera fortaleza,que ho capitão mór escolheo antre Iangoe,& outra pouoação dobra de.cccc. vezinhos que ficaua na boca da barra: & era hũ chão grande com sete casas de palha, cercado da bãda do sul dhũ grãde palmar,& do norte do rio:posto q̃ destas casas ao rio auia hũ bõ tiro de bẽsta,& do leuante a pouoação de Iangoe,& do ponẽte a outra da boca da barra:nestas sete casas que digo se aposentou ho capitão mór com ho alcaide mór,feitor, & officiaes da feitoria que logo foy assentada pera q̃ se começasse ho trato.

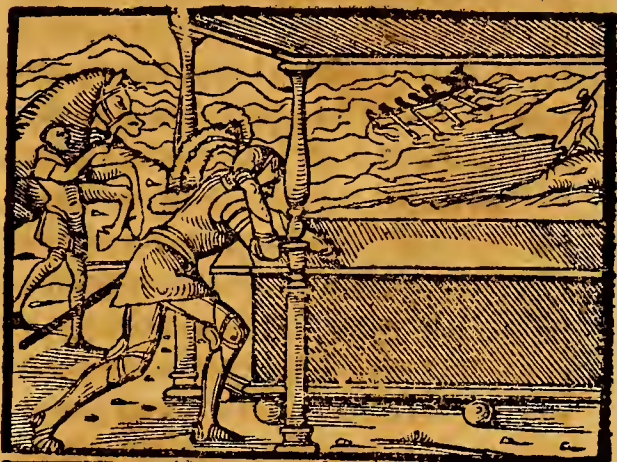
E a vinte hũ de Setẽbro do ãno de mil & quinhentos & cinco mandou ho capitão mór cercar aquelas casas de caua de doze palmos de altura,& outros tãtos de largura:& auia de ser quadrada, porque dentro se auia de fazer a fortaleza,& forão repartidos os quatro lanços da caua que era cada hũ de cento & vinte paços em comprido,pelo capitã mór.Pero barreto,Ioão vaz dalmada & Francisco danhaya,pera q̃ cada hũ fizesse ho seu com sua gente:mas Pero barreto não pode acabar ho seu lanço, porque durando a obra sobreueo grãde tormenta de vento com q̃ a sua nao corria risco de se perder,& assi a capitaina por ser costa braua:& por isso se partio pera India, & foy por capitão da capitaina Gonçalo aluarez,que fora por piloto mór da frota:& antes de sua partida se perdeo ho batel de Pero barreto & afogaranse nele Farausto da gama feitor da nao,& ho contra mestre, & os outros capitães não forão cõ Pero barreto,como hiã ordenados por a fortaleza não ser acabada. E acabada da brir a caua mandou Pero danhaya fazer por dentro hũa trãqueyra de duas faces,& entulhada darea: & era de vinte palmos daltura,& muyto forte,tãto que bem podia passar por fortaleza:& Pero danhaya a fez ainda muyto mais forte com artelharia que mandou assẽtar nela.E foy acabada esta obra per todo ho mes de Nouẽbro do mesmo ãno com muyto grãde trabalho dos nossos q̃ todos andauão ocupados nesta obra, & não auia nenhũ que não trabalhasse sem auer deferença de pessoas:& como ho trabalho era muyto de cauar:& cortar madeyra & acarretala ás costas, & não auia nenhũa recreaçã parele,& os ares da terra muyto rois & cõtrairos

ã compreição dos nossos, adoecerão muytos & morrerão bem quarenta de les, & outros chegarão muy perto da morte: & dosque ali leuarã môr trabalho forão Frãcisco danhaya, Ioão vaz dalmada, o feitor Manuel Fernãdez, Diogo dalcaçoua, Ioão rodriguez mea lheiro, & Sancho tauares escriuães da feitoria.

Capitolo. x. De como el rey Dhonor & Timoja, & ho alcayde de Citacora mandarão pedir pazes ao gouernador & ele lhas deu.

PAssados dous dias que Bastião de Sousa era chegado, chegarão Lopo chanoca, & Gonçalo de payua cõ certos zambucos de mouros que tomarão, em que traziã muytos catiuos: & em sua companhia hia hũ catur de malabares, onde hia hũ Portugues cõ recado do feitor de Cananor, & disse ao gouernador q̃ das tres naos de Meca q̃ esperauão era chegada hũa a Calicut, em que forão quatro venezianos mestres dartelharia, que ho soldão mãdara a el rey de Calicut por lhos ele mãdar pedir, & que el rey estaua cõ grande medo de sua vinda por saber a tomada de Quiloa, & a destruição de Mõbaça, & q̃ se fazia prestes como homẽ que esperaua que lhe fizessem guerra, & mais que em Cananor, Cochim, & Coulão aueria vinte mil quintaes despeciaria. E sabendo ho gouernador como a nao de Meca era passada tornou logo a mandar Lopo chanoca, & Gonçalo de payua a vigiar por amor das outras que esperauão, & que hũ andasse ao pego, & outro ao longo da costa: & os mouros catiuos q̃ eles trouuerão tomou os todos pera pouoarem hũa galê real de duas que trazia lauradas de Portugal, cujas capitanias trazião Ioão serrão de hũa, & doutra Lopo sanchez pera andarem ao longo da costa: & esta primeyra galê que se armou deu a Ioã serrão, & foyse nela ao longo da costa da ilha pera goarda de cossairos q̃ ali soyão de cursar. E fazẽdo se assi a fortaleza veo ao gouernador hũ embaixador d' Merlao rey Dhonor hũa cidade que estaua dali doze legoas contra ho sul, situada ao longo de hũ rio que se hi mete no mar hũa legoa & mea por ele acima pouoada de muytos mercadores mouros & gentios, com os quaes tratauão os Malabares, & lhes leuauão especiaria: & este Merlao pagaua parias a el rey de Narsinga hũ grande rey no sertão, de cuja mão era senhor daquela cidade em que el rey Merlao consentia a colherse hũ armador gentio chamado Timoja cossairo de toda roupa, porq̃ lhe pagaua cadanno quatro mil cruzados de parias das presas que tomaua cõ naos & gente que tinha pera as armar, & coeste Timoja se fez el rey Dhonor muyto rico, & se fez muyto forte. E sabendo ele & Timoja como ho gouernador estaua em Anjadiua, lhe mãdarão pedir paz por aquele embaixador que digo, & por ele lhe mãdarã hũ bõ presente de mantimentos: & ho gouernador lhe concedeo a paz, & por grãdeza lhe mãdou mostrar ao embaixador ho despojo q̃ trazia de Mombaça que ainda estaua junto quãto se tomara, & auia nele peças muy ricas & de muyto p̃ço: & assi lhe mãdou mostrar a sua baixela, do que ele ficou muyto espãtado & assi se tornou pera sua terra, & dele soube ho gouernador que hũa legoa dali na entrada dhũ rio dagoa doce q̃ se

metia no mar estaua hũa grande fortaleza de mouros chamada Cintacora, ẽ que aueria bem mil mouros de pé & de caualo, & esta era do reyno de Decão fronteira do reyno de Narsinga, q̃ por aquele rio se apartauão hũ do outro, & que ho alcayde desta fortaleza era vassalo do çabayo senhor de Goa, de que faley no liuro primeyro, que tinha às vezes guerra com ho rey Dhonor: & despois da partida do embaixador mãdou ho gouernador a dom Lourenço a sondar a barra deste rio, & q̃ trabalhasse por saber a disposição da fortaleza: & mandou coele Bastião de sousa, Ioã da noua: & Antão vaz, & todos hiã em bateis & leuauão bandeyra de paz: & chegados ao rio acharão que na foz tinha tres braças daltura & dẽtro cinco, & virão que na entrada estaua a fortaleza sobre hũ oyteiro assaz igrime, de que logo decerão mouros a praya vẽdo entrar os bateis, & segundo ho corpo q̃ fazião serião mil homẽs todos bracos, & gente limpa, & bem armada das armas que costumão. s. arcos & frechas, lanças, espadas largas, & escudos redõdos q̃ os cobrião da cabeça ate abaixo do giolho: & ẽ saindo da fortaleza hũa bombarda que tinhão de camara tirou tres tiros, esta gẽte q̃ digo vinha a pee, saluo oyto q̃ vinhão ẽ caualos abastarda, & muyto fermosos ꝺ̃ gordos & grãdes. E vendo ho alcayde q̃ vinha coeles como os nossos hião cõ bãdeira de paz mandou aos seus q̃ não bolissem cõ armas. Chegado dõ Lourẽço a borda da praya fez paz cõ ho alcayde pelo seu lingoa q̃ mandou a terra ficandolhe dous mouros em arrefens. E feita a paz recolheose ho alcayde a fortaleza sem saber quẽ era dõ Lourenço, & mãdou hũ presente pa ho gouernador de hũa vaca, & duas cabras, & dous cestos hũ de larãjas & de limões, outro de pepinos, & doutra ortaliça cubertos cõ mangericões, & assi mãdou coisto muytos cocos: mãdandolhe dizer q̃ aquilo lhe mãdaua ẽ sinal de paz, & q̃ ele lhe mandaria seu messejeiro, porq̃ estaua a seu seruiço, & q̃ se quisesse ter trato coele lhe daria mãtimẽtos, & mais rubis, & diamaẽs. E dali a noue dias mandou seu ẽbaixador pera confirmar esta paz cõ dous zambucos carregados darroz, & trigo, & outros mãtimẽtos. E ho gouernador lhe confirmou a paz, & deu seguro pa poder tratar: & assi ficarão amigos.

Capitolo. xi. De como el rey Dhonor quebrou a paz q̃ tinha assentada cõ ho gouernador, & a causa porq̃.

Porque nesta fortaleza Dajadiua auia de ficar gẽte a que despois seria trabalho a ver as suas partes do despojo de mombaça quis ho gouernador partilo primeyro q̃ se dali fosse, pera o que fez quadrilheyros a Fernã soarez, & a Nuno vaz pereyra hũ fidalgo que vinha coele, & a outro chamado Guadalajarra que era castelhano, & tudo o que foy tomado em Mombaça que veo a monte foy vẽdido ẽ Leilão, a quẽ

por ele mais deu, saluo a roupa de Cābaya q̃ era boa pera ho trato de Sofala q̃ se tomou pa el rey ē sua valia, & assi estas peças, hūa tenda de seda de cores muyto rica, hūa alcatifa de seda carmesim, hū alquicē branco, & roxo muyto fino, hūa marlota de brocado rico, hūa peça debrocado de muytas cores, & outra do mesmo cō listras azuis & verdes hū pano de seda de trezentas cores cō viuos douro, outra marlota de ouro, & seda de muytas cores, hūa touca de seda brāca cō viuos douro, outra de seda & douro cō listras azuis cō viuos douro, & daljofar, hū pano douro, & seda de muytas cores cō viuos douro, hū mādil finissimo, hū laudel de seda cō suas calças & luuas tudo acolchoado & forte q̃ ho não passa nenhūa estocada, & he antre os mouros hū corpo darmas, como antre nos hū darmas brācas, hū auano muyto rico, hūa faca selada com hūa seela cuberta dalaquequas, & de seda carmesim do pelo da alcatifa, & os outros areyos muyto ricos & seu azorrague, ou zeribando como lhe os mouros chamão, hū q̃ drāte, dous molhos de frechas heruadas, ho selo del rey de Mōbaça: cujas estas peças forão todas. E feita pelos quadrilheiros a cōta mōtarāse nisto q̃ se tomou pa el rey, & no q̃ se vēdeo trinta mil cruzados a fora o q̃ se furtou q̃ seria outro tanto, de q̃ ainda se ouue algūa cousa por as grādes diligencias q̃ ho gouernador fez sobrisso. & pagas as partes andādo ho gouernador pa se partir virão os nossos atrauessar hūa nao de mouros â vista da ilha, q̃ segūdo despois pareceo era Dormuz a que logo sayrão algūs capitães cō sua gente em seus bateis: & apertarā a nao de maneyra q̃ os mouros por se saluar poserão aproa em terra ja perto do rio Dhonor ōde forão varar ate encalhar nela: & saltādo logo fora da nao se acolherão pelo sertão, & chegādo os nossos a nao acharão dentro. xix. caualos, os quaes determinarão de leuar nos bateis por não poderē desencalhar a nao: & andādo os mudādo pera os bateis supitamente se leuātou grāde tempesta de de vento, & por ser baixo ōde a nao estaua fazia ho mar ali tamanho escarceo q̃ se ouuerā os bateis de pder, pelo qual os nossos não curarão mais dos caualos, & cōtentaranse cō noue q̃ tinhā ja embarcados: & ainda estes cō a braueza do mar senão atreuerão aleualos, & deitarānos em terra, ōde ja acodião algūs mouros de hūa pouoação q̃ staua perto a ver como os nossos tirauā os caualos, & os capitães lhes rogarão q̃ como vassalos del rey Dhonor, cuja aq̃la terra era, & cō quē ho gouernador estaua de paz, lhes goardassem aq̃les caualos ate q̃ abrandasse a tormēta que tornarião por eles. E acabādo de dizer estas palauras, pera q̃ ho tempo escassamēte lhe daua lugar acolherāse a Anjadiua, donde despois tornarão a buscar os caualos: lhes disserão os mouros q̃ os não tinhão, porq̃ el rey Dhonor lhos mandara pedir, & não poderão al fazer se não darlhos, posto q̃ lhe disserão cujos erão: coisto se tornarā os nossos ao gouernador & lho disserā, & ele mādou dizer a el rey q̃ sespātaua muyto de ter coele paz & tomarlhe os seus caualos que lhos tornasse, porq̃ doutra maneyra aueria a paz por quebrada & lhe faria guerra: ao que el rey respōdeo. disculpandose, & que pagaria os caualos porque ja os não tinha. E não comprindo o que dizia determinou ho gouernador de ir sobrele, & mais porque tinha pouco que fazer na nossa fortale

za,que estaua de maneira que se podia defender,& por isso a entregou a Manuel paçanha seu capitão pera a fazer acabar:& lhe deu muyta artelharia, muytos mantimẽtos,& oytẽta homẽs de peleja.Isto despachado partiose pa Honor em hũa quinta feira, dezaseys Doutubro: & no mesmo dia â noyte chegou â foz do rio daquele lugar,que como disse està legoa & mea. E a sesta feira pela manhaã mandou a Fernão soarez que fosse no seu batel sondar ho rio pera ver que nauios poderião ẽtrar nele.E tornado ele cõ recado disse ao gouernador que no rio não podião entrar se não carauelas & outros nauios pequenos:& que auia muytas naos varadas,& delas tamanhas como as nossas:& que segundo a gente que vira se poderião ajuntar quatro mil homẽs de peleja ẽ pouco espaço,& q̃ algũs mouros mercadores lhe disserão que lhe nã queymassem suas naos que ali tinhão, porque querião paz com ho gouernador,& que farião com el rey que pagasse ho preço dos caualos.E sobresta palaura esperou o gouernador todo aq̃le dia,& não vendo nenhũ efeito do que os mouros disserão a Fernão soarez ordenou sua gente pera dar na cidade,& em cada nao deixou vinte homẽs,porque auião de ficar na barra:& a outra gente que serião seyscentos homẽs mãdou embarcar nos bateis,& nos esquifes,& em hũa carauela,& com grande lũar que fazia foy ter antemanhaã sobre a cidade.E por a esta hora se poer a lũa,& ficar grande escuro pareceo bẽ ao gouernador que se deteuesse a gẽte sem desembarcar ate ser ho dia claro porq̃ não sabião a terra:toda esta noyte os moradores da cidade não fizerão se nã despejala de molheres,filhos,& fazendas:& leuarão tudo a hũa serra q̃ se faz sobre a cidade;porque auião grã de medo que ho gouernador a ẽtrasse: & bẽ quiserã que el rey pagasse os caualos,porem ele não quis por ser muy cobiçoso,& fazia conta que os nossos se desembarcassem q̃ auião de queymar a fazẽda dos seus,& q̃ a terra q̃ era sua auia de ficar inteira,& quem quisesse morar nela que a auia de grangear,& pagarlhe dereytos. E soubese que isto respondeo aos seus apertandoho que pagasse os caualos,por isso q̃ os pagassem eles.E ainda ao outro dia em amanhecẽdo forão dous mouros ao gouernador,& lhe disserã da parte dos mercadores,que querião paz,& que farião com el rey que pagasse os caualos:ao q̃ ele respondeo que posto quelhos pagasse que as naos, que estauão no porto auião de ser queymadas,porq̃ sabia certo que estauão ali algũas de Calicut, o que os mouros negarão,& se forão & não tornarão mais.

Capitu.xij. Como ho gouernador destruyo a cidade Dhonor,& como despois el rey lhe pedio paz.

ENtre tanto q̃ durauã estas dilações el rey Dhonor da serra dondestaua nã fazia se não mandar gente pera pelejar cõ ho gouernador o que ele conheceo no crecimento dela.E agastandose co isso mandou a dom Lourenço que entretanto q̃ se não tomaua cõcrusam no que os mouros diziã,saysse em terra cõ algũa gẽte & queymasse as naos:& assi foy feito desparando toda a nossa artelharia em dom Lourenço desembarcando cõ a gente de cujo estrõ

do os imigos fugirão com medo:o que deu lugar aos nossos q̃ mais asinha posesem ho fogo âs naos que estauã varadas, & algũas casas hi perto. El rey quãdo vio ho fogo aleuantado mandou a esses questauão coele que se fossem ajuntar com os que ja tinha mandado â cidade, & que a defendessem:& hũs cõ os outros fazião mostra de quatro mil homẽs, de que os mais erã frecheiros, & os outros adargados, & deles de lanças:& todos muy esforçados, & costumados a pelejar:& ajuntaranse em hũ campo que se fazia no cabo da cidade. Ho gouernador que vio que ho corpo da gente dos immigos crecia mandou tambem da sua a dom Lourenço, pera q̃ os fosse cometer:& ele deixouse estar nos bateis pera defender que não apagassem os imigos ho fogo das naos, nẽ o que andaua ja na cidade. Dom Lourenço que hia pelejar cõ os imigos chegou a eles & achou os em muy boõ concerto:porque os adargados estauão diante emparando os frecheiros que lhe ficauão detras, & dali tirauão aos nossos sem se descobrir, & estauão todos çarrados, & as frechas chouiã sobre os nossos, & das primeiras matarão hũ delles que logo cayo morto: & em caindo derão os imigos hũa grande grita. Dom Lourenço esforçou os nossos dizendo que não era aquilo nada q̃ logo se vingarião, como vingarão, apertandoos tão rijo com setadas & espingardadas que os fizerão retirar pera a fralda da serra, derribando mortos treze que se logo virão. Ho gouernador que tudo via dos bateis, vendo q̃ os imigos fugião, temeose q̃ os nossos os seguissẽ mais do necessario cõ a furia que leuauão de que se lhe recrecia perigo, pelo qual mandou dizer a dom Lourenço que se recolhesse, & ele ho fez assi: & cuydãdo os immigos que era cõ medo voltarã sobre ele tirandolhe muytas frechadas, & os nossos tambem lhe faziã rosto pera os fazerẽ fugir, porem elles não se apartauão tanto que não tornassem logo sobreles, & nisto forão ate ho rio, onde os nossos acharã os bateis metidos pera dentro, & mandaraos ho gouernador meter porque não ficassem em seco que vazaua a marê, & isto foy causa de se os nossos embarcarem pola agoa:& os imigos hião tão pegados co eles que se meterão coeles nagoa: porẽ fugirão logo cõ medo das bombardadas que os nossos começarão a desparar dos bateis, & dom Lourenço se embarcou sem afronta:& achou ferido ho gouernador de hũa frechada q̃ lhe deu no dedo polegar do pee ezquerdo ao recolher dos nossos, & logo foy curado q̃ era pouca cousa. E partiose pera onde estauão as naos deixando queymadas quatorze dos imigos, & mortos vinte dous deles & muytos feridos, & queymada grãde parte da cidade:& dos seus não foy morto mais q̃ hũ, & ele soo ferido. E indo ao lõgo da terra começarã dous mouros q̃ estauã nela a bradar & diziã paz paz. E detẽdose ho gouernador a estes brados lhe disserão q̃ erã mercadores:& assi eles, como outros q̃ estauão na cidade que nunca consentirão na guerra & sempre quiserão paz, & assi ho conselharão a el rey, q̃ lhe pediã por amor de deos que lha desse, & assi aos outros mercadores:& tambem lhe pedião por amor de deos q̃ lhe nã queymassem tres naos que tinhão junto da barra muyto grandes & boas, que pera la mandarão em quanto se deteuera em pelejar com os da cidade. E coisto lhe offerecerão hũ presente

de galinhas, larãjas, & figos da India: o gouernador ouue dó dos mouros, & deulhe paz: & prometeolhe de lhe não queymar as naos. E recolhido a frota a quele dia à tarde lhe mandou el rey dizer por dous mouros q̃ ele estaua muy arrepẽdido do que fizera, & que conhecia seu erro de quebrar a paz tornando lha a pedir, com condição que lhe pagaria os caualos, & se faria vassalo del rey de Portugal, & lhe pagaria parias: & q̃ eles mesmos ficariã por arrefens de se comprir o que dizião, & que se ho dinheiro não viesse ao outro dia que lhe cortassem as cabeças. Ho gouernador respondeo que ele não sentira tanto tomar el rey os caualos, como quebrarlhe a verdade que deuia de ser muyto gardada de todos, especialmente dos reys: & que se lhe tornaua aconceder a paz era porque não queria guerra, se não com quem a quisesse coele: & porẽ que então nã podia assentar coele paz, porque tinha muyto que fazer a diante & era ja tarde pera isso & que não podia deixar de se partir logo, & depois que fosse em Cochim ele mandaria seu filho, & coele assentaria a paz & lhe pagaria os caualos: & entre tanto lhe ficaria hũa bandeira cõ as armas de Portugal pera que a nossa armada lhe não fizesse dano, & deulhe a bandeira, & coela mostrarão os mouros muyto prazer, & disserã ao gouernador q̃ se quisesse vinte naos pera ir a Meca q̃ lhas dariã: & tornaranse pera a cidade com a reposta do gouernador que se partio no mesmo dia q̃ forão. xviij. doutubro.

Capit. xiij. Do que Ioão homem fez a hũs mouros de Calicut q̃ estauão em Coulão, & do mais q̃ lhe acõteceo: & de como ho gouernador chegou à Cananor, & se chamou viso rey.

A Tras fica dito como da ilha Danjadiua mãdou ho gouernador a Ioão homẽ na sua carauela a dar recado de sua vinda aos feitores de Cananor, de Cochim, & de Coulão: & dado recado em Cananor, & Cochi foyse a Coulão, onde tambem ho deu ao feitor: que lhe disse que na terra auia muyta pimẽta, mas que estauão ali muytos mouros de Calicut que tinhão trinta & quatro naos pera carregarem, & ja forão carregadas se ele não fora: porque começando os mouros de carregar se queyxara a el rey de Coulão dizendo q̃ não compria o que estaua assentado nas pazes, que se não desse carrega a nenhũa nao de mouros ate que as del rey de Portugal não fossem carregadas, & q̃ tinha por noua certa que ho gouernador trazia muytas, por isso que requeria q̃ defendesse q̃ não vendessem a pimenta aos mouros se não a ele: & q̃ el rey lhe dissera que assi ho mandaria, & porem a Ioão homem não lhe pareceo bẽ esperar por aquele mandado, & assi ho disse ao feitor: & que nã era necessario falar mais com el rey, porq̃ por derradeyro auia de mandar o que fosse proueito dos mouros porq̃ erão todos hũs & pera q̃ era mais q̃ tomar os lemes & as velas das naos dos mouros, & como não podiã nauegar sẽ eles não poderiã partir sem lhos darẽ: & coisto lhes impediriã mais asinha a carrega, q̃ com quãtos mãdados el rey mandasse. Ho feitor sem mais pesar o q̃ se dali poderia recrecer, por se vingar dos mouros rogou a Ioão homẽ q̃ fizesse o q̃ dizia, o q̃ logo fez, & ajudouho a isso Pero rafael q̃ tãbẽ a hi estaua na sua carauela, sẽ os mouros ousarẽ de lhes resistir cõ medo que lhes metessem as naos no fũ

do & calaranse porque não vião a sua. Tomadas as velas & os lemes Ioão homem deu tudo ao feitor que ho goarda se, com o q̃ ele foy muyto ledo, crendo que ficaua muyto seguro com aqueles penhores que lhe custarão tão caro, co mo direy adiante, & pera que ouuesse melhor tempo pera isso. Tanto q̃ Ioão homem entregou os lemes & as velas partiose pera ir ter cõ ho gouernador & darlhe conta do q̃ fizera: & sua partida foy como de homem pouco atentado, porque lhe deuera de lembrar o q̃ fez aos mouros, & que erão muytos. E que despois de ele ido se poderião vingar no feitor que ficaua em terra cõ no mais q̃ dez ou doze homẽs: & ouuerase de deixar estar, & mandar por terra pedir socorro ao gouernador, & se ho fizera ouuerão os mouros medo de fazer o que despois fizerão. Assi q̃ partido Ioão homem chegou a Cochim, onde não achãdo ho gouernador seguio auante: & na parajem de Cananor topou com hũa nao pequena de mouros, que tomou por força: & desta maneyra tomou despois outra. E prendendo os mouros dambas pos em cada hũa tres Portugueses pera que os gouernassem & leuaua as assi ꝑa aparato, & receber coele ho gouernador se ho topasse no caminho, & ãtes de dobrar mõte Deli ho topou. E ainda os do gouernador vendo de supito as tres velas cuydarão que erão imigos, porque sabião que nã fora diãte mais que a carauela de Ioão homem: que foy tão mofino q̃ em ho descobrido ho gouernador, soltaranse os mouros de hũa das naos que hia afastada dele alamar, & matarão os tres nossos & fugirão sem os poderẽ tomar Do que ho gouernador ouue tamanha menencoria q̃ logo quisera tirar a Ioão homem a capitania da carauela, dizendo que ho merecia pois por sua culpa forão mortos os nossos homẽs, & que ele os não podia meter na nao dos mouros: & sempre lhe tirara a capitania da carauela se não forão muytos fidalgos que lhe rogarão que ho não fizesse, & cõ tudo nũca Ioão homẽ entrou mais em sua graça como dantes. E neste mes mo dia que foy hũa quarta feira vinte dous dias Doutubro chegou ho gouernador ao porto de Cananor com determinação de deixar hi por feitor a hũ Lopo cabreira, que pera isso vinha ꝓuido de Portugal, & hirse a Cochĩ a carregar as naos que auia de mandar pera Portugal. O q̃ sabido polo feytor Gõçalo gil barbosa que ho foy logo ver â nao, lhe disse que não erão os mouros de Cananor homẽs pera ficarẽ em Cananor Portugueses sem fortaleza: porque posto que ho rey daq̃la cidade fosse muyto seu amigo não podia tolher aos mouros q̃ não fizessem o q̃ quisessem porque erão muyto ricos & poderosos: & que lhe certificaua q̃ muytas vezes esteuerã pera ho matar, no mais q̃ por ser Christão, porq̃ tinhão grãde odio a este nome, assi por natureza, como pelo medo q̃ tinhão q̃ os nossos os auião de deitar fora da India, & q̃ em todos estes perigos nũca el rey de Cananor lhe podera valer: por isso lhe cõselhaua q̃ não deixasse Portugueses ẽ Cananor, se não em fortaleza que era ali muy necessaria por a necessidade q̃ el rey de Portugal tinha daq̃la terra ꝑa ho trato da especiaria porque auia nela muyto gingibre, & não ho auia em outro lugar que soubessem se não em Calicut de que ho não podião auer por estar de guerra. E que pera a fortaleza ele tinha ja começados os aliceces,

azendo crer a elrey de Cananor que rão pera hũa casa de feitoria que fosse forte, em q̃ se podesse defender dos mouros. Por estas rezões de Gonçalo gil que parecerão bem ao gouernador e mudou ele do proposito que leuaua e ir primeyro a Cochim & fazer lãa fortaleza, & despois em Cananor, & ẽ Coulão. E assentado nisto disselhe Gõçalo gil que auia algũs dias q̃ ho estaua li esperando hũ embaixador del rey de Narsinga ho mais poderoso de gẽte que auia rey na India & mais rico, & q̃ por auer dias que esperaua lhe queria logo falar ao outro dia. E por conselho de todos os fidalgos & capitães da frota foy acordado q̃ lhe falasse ao outro dia na nao, por quãto não tinha ainda em terra casas pera ho estado que conuinha a tamanho officio como era ho seu: E mais foy acordado por todos que pois aquele embaixador era dhũ rey tã rico & tamanho senhor & ho gouernador representaua a pessoa del rey de Portugal, que pera mór magestade de & decoro de seu estado lhe chamassem dali por diante visorey, & lhe falassem por senhoria: posto que disse sse em seu regimento que não vsasse destas duas cousas ate não fazer fortalezas em Cochim, Cananor & Coulão, & que suprissem em lugar delas as de Quiloa, & Dãjadiua, & a de Cananor que com ajuda de nosso senhor estaua tão perto de se fazer: o que ho viso rey agardeceo muyto a todos. E mandou a Gonçalo gil que trouuesse ao outro dia ho embaixador del rey de Narsinga: de cujo estado & reyno direy primeiro algũa cousa

Capit. xiiij. Do grande reyno de Narsinga, & dos mais dos costumes de sua gente.

HO reyno de Narsinga he na segunda India, & tamanho que dizem q̃ nã ha nela outro mayor Cõfina de leuante com ho reyno de Deli, & do ponente com ho mar oceano Indico & com ho Malabar, & do norte cõ ho reyno de Decanĩ ou de Daquẽ como lhe agora chamamos, & do sul com ho reyno Doria he repartido em cinco prouincias. A primeyra se chama Talinate: & começa da fortaleza de Cintacora, de que atras faley, per onde comarca com ho reyno de Daquem: & daqui se estẽde ao lõgo do mar per espaço de cincoẽta legoas, pouco mais ou menos ate hũ lugar chamado Ancolá em que ha estes lugares. s. Manjauarrão, Bracelor, Mangalor, Vdebarrão, Caramate, Bacanor, Barrauerrão, Baticalá, Honor, & Mergeu que sam todos muyto grandes & bõs portos. A segũda se chama Teãrragei & he no sertão, & tambẽ comarca cõ ho reyno de Daquẽ. A terceyra se chama Canará, tambem no sertão. A quarta Choramandel: & estendese ao lõgo do mar da fim do reyno de Coulão ate hũa serra que ha nome Vdigirmele, q̃ aparta este reyno de Narsinga do reyno Duria: & tem por esta banda perto de cẽ legoas de costa, a quinta he no sertão & chamase Telengue. Cada hũa destas prouícias he muy abastada darroz, carnes, pescados, & fruitas, & muitas caças de mõte, & de ribeyra. E muyto viçosa de ortas & outros aruoredos, & de fontes, & rios: & em muytos deles ha ouro & pedraria. E na prouincia de Canará ha hũa grãde pedreira de diamães de muyto pço, na q̃l se achã muytos ja laurados, & sã peq̃nos, & chamãse de roca velha: & ẽ todas ha muytas

cidades & lugares, os do longo domar pouoados de mouros, & os do sertão de gẽtios, sam deles baços & deles pretos, tem muytas & muy diuersas idolatrias & crem muyto em feitiços & agoyros. Crem principalmẽte em hũ deos, que confessam ser senhor de todas as cousas, & despois nos diabos: & crem que lhes podem fazer mal, & por isso lhes fazem muyta honrra: & fazem lhe casas dedicadas aos diabos, a que chamã pagodes, de q̃ ha muytos por todo este reyno & muy sumptuosos & de grãdes rendas: nos quaes em hũs estão homẽs religiosos segundo sua seyta que se chamão bramenes, ẽ outros molheres solteyras de partido, que ganhão por seu corpo pera ho pagode, & crião ali muytas meninas pera ganharem coelas despois que sam de idade. Ha tambem outros homẽs que tem por sanctos, que se chamão Bannianes, que trazem ao pescoço hũa pedra tamanha como hũ ouo metidas certas linhas por ela, & dizẽ q̃ aquele he ho seu deos. Estes sam de todos muy acatados por reuerẽcia da pedra que trazem, a que chamão tambarane: & não comem carne nem pescado, & andão seguros por todos os reynos: & passam dhũs aos outros muytas mercadorias & dinheyro de mercadores, por lhe nãoser roubado: casam hũa sô vez na vida, & quando morrem enterrãnos & as molheres se enterrão cõ eles viuas. Fazem todos muyto grãdes festas a estes pagodes que digo, a que vão em romarias de muyto longe: tem jejuũ certo tempo do anno, como nos a quaresma. Tem domingo que he a sesta feira: crẽ que ha outra vida despois desta, & que os bõs tem gloria & os maos pena: mas nã pera sempre, geralmente se queymão quando morrem,

& enterrãlhe a cinza. Os ricos casam com quantas molheres podem mãter & os pobres com hũa sô: as molheres queymão viuas despois da morte co maridos algũs dias, nos quaes fazem grandes conuites a parentes & amigos & dão sua fazenda a seus herdeiros, o a outrem se os não tem: & despois vão encima dhũ caualo branco per todo h lugar onde morão com trombetas, & muytos cantares, & muytos jogos: & diante chocarreyros que vão louuãd a honrra que aquela molher faz a se marido: & isto faz tres dias com grãd festa. E ao terceyro se veste dos melh res panos q̃ tem & das melhores joyas & despois de andarem pelo lugar, vãs ao lugar onde ho marido foy queyma do: & hi está feita hũa coua, naqual est ardendo muyta lenha: & junto coest coua esta feito hũ cadafalso de tres de graos, noqual se decem estas molheres E estando ao derrador toda aquela ger te que vem coela, diz ás molheres q̃ s lembrem de quanto deuem a seus ma ridos, pera lhe darẽ aquela honrra: po que a fama dela duraua pera sempre & a dor que elas podião receber passa ua em hũ momento: & despindose lan ção suas joyas & panos a quẽ querem & ficãdo nuas dão tres voltas ao redo do cadafalso chorando com as mãos a leuantadas, & na derradeyra lhe dã hũ cantaro cheo de manteiga, & posto na cabeça olha pera ho sol, encomendãdo se a seus idolos: & virandose pera ho fo go lãça nele ho cantaro, & despois a si. E em se lançando seus parentes q̃ estã ao redor do fogo lanção nele muyto azeite & manteiga, pera que acrecentẽ a fortaleza do fogo que logo as faz ẽ cinza: & as que não podem fazer esta cirimonia por serem pobres queimanse lo

go com os maridos,& as que não se que rem queymar ficão deshonrradas, como que fizessem adulterio, porq̃ ninguem as obriga aqueymarense se não suas honrras. A gēte deste reyno he toda bem desposta & fermosa, principal mente as molheres, & tratãose muyto bem em seu comer & vestir, costumão muyto andar damores, & fazēse muytos desafios por amor de molheres, em que muytos perdem as vidas: & os que se desafião pedem campo a el rey, o q̃l lho da, & assi padrinhos: & se sam homens de preço vay ver ho desafio, o q̃l fazē a pē em hũa praça cercada de grades, ōde ētrã nûs & ēcachados cõ hũas toucas, suas armas sam espadas & escu dos, & nas cintas adagas, & tem padrinhos & juizes que julgão a batalha, & sam os desafios ātreles tã custumados: & folga el rey tãto coeles que a hũ que sabe que he valente caualeyro manda lhe por no braço dereyto hũa cadea de ouro por ser mais valente que todos, & este fica obrigado a defendela por armas a quem quer quelha pedir se não perdea, & quē ho quer desafiar diz a el rey que ho agraua, porque deu a cadea a aquele que não he tão bõ caualeyro como ele: ao que el rey diz que se aq̃le que a traz lha quiser dar que ele lha da: & se não que se mate coele, & sobristo entrão ambos no campo, & se o que pe de a cadea mata o q̃ a traz dalha el rey & mais as suas armas, & se o que a tem vence fica cõ mais honrra: & estes desa fios tem tambem os officiaes hũs cõ ou tros sobre quē sabe melhor seu officio, & assi outras pessoas sobre qualq̃r manha das que os homēs sabē, porq̃ tambem ao que sabe melhor traz a mesma cadea, que se chama berid, ate que venha quem lhe leue auantajē: costuma-

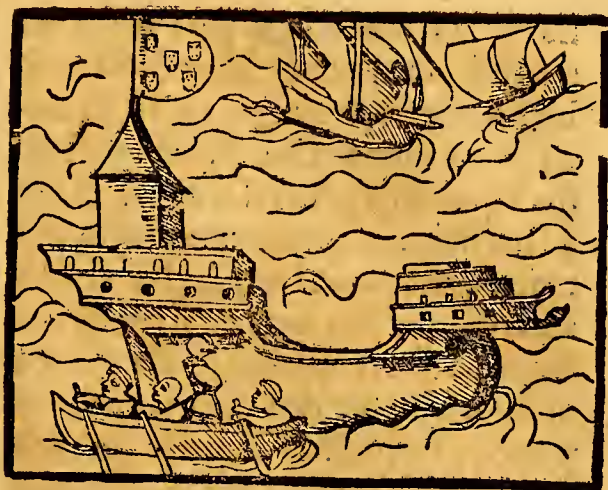
se tambem neste reyno q̃ se algũa molher moça deseja de casar com algũ ho mem q̃ não pode auer por marido encomendase a algũ pagode de q̃ he deuota, & ꝑmetelhe de lhe fazer hũ grã de sacrificio de seu corpo se casar com quem deseja: & se casa antes que tenhã copula ajuntase em sua casa muyta gē te dōde a leuão em hũ pao alto metido em hũa carreta q̃ leuão dous boys, & el la vay dependurada pelos lombos em dous ganchos de ferro q̃ a possam ter que vão metidos neste pao, & leua na mão ezquerda hũ escudo, & cõ a outra tirando laranjas & limões que leua em hũ saquitel aos que vão coela, & cãtando, que parece que não sente ho sangue que lhe vay correndo das feridas dos ganchos, & a porta do pagode a decē & lha offrecē, & ali he logo curada, & des pois a tornão a seu marido com muyta honrra: ha tambem algũas molheres q̃ costumã de offerecer a virgindade de suas filhas a hũ pagode que he deputado para lhas offerecerē: & como estas moças sam de idade de dez annos, leuanlhas muy honrradamente como q̃ as vão casar, & â porta do pagode a q̃ as offerecē estâ hũ padrão de pedra q̃ drado de altura de hũa braça cercado de grades em que ha muytos candieyros que acendem de noyte, & neste pa drão estaa metido hũ pao agudo em que aq̃las moças perdem sua virginda de despois de suas mãys & outras molheres fazerē muytas cerimonias, & ē quãto isto dura estão as grades cuber tas com hũ pano porq̃ não possam ser vistas. A môr cidade deste reyno, & a principal se chama Bisnegar q̃ estâ na prouĩcia de Canara, sessenta legoas da costa do mar, assentada em terra chaã cercada de duas partes douteyros em

que ha grandes rochas,& fica a cidade como ẽ vale por onde corre hũ grãde rio que cerca parte dela,he toda cercada de muro forte,& terà hũa boa legoa de cerco, he bẽ arruada, & tẽ muytas praças,& muyto boas casas de pedra & outras palhaças, & muyto grandes,& muy fermosos pagodes:ha nela tanta gẽte q̃ não cabe pelas ruas,ha muytos mercadores gẽtios,& algũs mouros q̃ tẽ muy grosso trato:porq̃ todos os mercadores do mundo podẽ ali vir segura mente cõprar & vẽder,ha nela toda a pedraria em mór abastãça q̃ em outra cidade algũa, & aljofar, ꝑlas, & coral laurado q̃ val muyto por toda Narsinga,ha muyto ouro amoedado em hũa moeda q̃ se chama pardao douro que val cada hũ trezentos & sesenta rs,& assi em meyos pardaos,ha muyta especiaria,droga noz,& maça,muytos panos decores de laã baixos, & algũas graãs,muytos veludos, cetins, tafetas veludos de Meca,chamalotes,grande soma de canfora de borneo, daçafrão de verdete dazul,muytas agoas estiladas cheirosas,muytas conseruas daçucar,muyto açucar refinado, & muytas outras mercadorias que leuão dos portos de mar deste reyno & não passam coelas se não se leuão caualos Dormuz da Persia & Darabia q̃ vão descarregar neles,que vão seguros de ladrões, & francos de pagar dereytos ẽ muytos lugares por onde passam.q̃ se pagassẽ estes dereytos sam tantos q̃ não ganharião nada,ou tã pouco que passaria ho gasto pelo ganho,& esta liberdade da el rey de Narsinga aos mercadores q̃ leuã caualos porq̃ lhe leuẽ muytos,& nã ao Hidalcão nem a outros senores do reyno de Daquem cõ que ele tẽ guerra porque não os tẽdo leue ele ho melhor deles,& assi lhe vã cada ano dous & tres mil caualos:nesta cidade esta el rey de Narsinga quando não anda na guerra, & tẽ nela hũs muyto grandes & muy suntuosos paços,assi de casas,como patios,jardis,& tanques,em q̃ ha muyto pescado:el rey he gentio & serue se cõ muy grãde estado,& viue mais polidamẽte ẽ seu comer & vestir q̃ os reys do Malabar,quãdo esta dassento sae fora dos paços muy poucas vezes,cõtinuamẽte tẽ goarda de muyta gẽte,& muytos porteyros,& falanlhe com difficuldade ate os grãdes senhores:estes reys não casam,mas tẽ trezentas mançebas & mais,porq̃ se deleitão muyto na luxuria,& sam todas filhas de grandes senhores do reyno,& estão no paço aos meses,& ho outro tempo estão em casa dos pays,& q̃ndo estão no paço lauãse cada tarde nos tanques q̃ ha dentro,& el rey as ve lauar,& a q̃ lhe melhor parece na agoa lançalhe hũa joya em final que ha de jazer coele aq̃la noyte. Estes reys quando morrẽ queymãnos em fugueiras de sandolos daguila,& doutros paos muyto cheirosos,& queymãse co eles todas estas molheres,& quãtos priuados tẽ,& todos os officiaes de sua casa:& assi queymã muyta moeda douro crẽdo q̃ tudo aquilo vay coele ao outro mundo,& q̃ tem lã necessidade dele, fazẽ estes reys goardar a justiça muy inteiramente aos estranjeiros,principalmente aos mercadores,& cõ seus vassalos não goardão nhũa & sam muy tiranos,trazẽ muyto grande corte de muytos fidalgos,& de muyto grãdes senhores q̃ tem mais terra que algũs reys em Europa:& estes tẽ por sobre nome raos q̃ antreles he como dõ ẽ espanha,estes tem tambẽ grãdes & fermosas casas de pedra & cal na cidade de Bisnegar,&

andam pela cidade em andores,& trazem trezentos de caualo, & menos & mais segundo tem a renda,& quando vão falar a el rey que estão coele os de caualo,acompanhão os seus andores à porta do paço.E ha destes senhores algũs que tem de renda hũ conto douro, & toda lhes el rey da,& por isso lhe são muyto sogeitos.E se fazem algũ erro q̃ não mereça morte,mãdaos el rey açoutar secretamente no paço estando ele presente:& despois lhe mãda dar hũa cabaya rica de sua guardaroupa,& mãdalhe que se vã pa casa.E despois que estes senhores tem feyto tesouro, se el rey ho sabe assacalhe algũa cousa por onde ho mande matar: mas primeiro lhe ha de mãdar matar os filhos,& despois dele a todos os parentes ate ho q̃rto grao,porque não fique quẽ vingue sua morte,& recolhe pera si toda a riq̃za do morto,& da as terras que ho morto tinha a outro fidalgo.E desta maneira a fora estes reys terem a mór renda que nenhũ rey da India,ajuntão grandissimos tesouros:& cada rey ha de fazer seu tesouro,& não ha de bolir com o que fez seu antecessor:& isto tem por grande gloria.E com isto he ho tesouro que está em Bisnegar ho mayor que se sabe em todo ho mundo, assi douro amoedado sem entrar nenhũa de prata:& riquissimas joyas douro & pedraria:& tanta soma de pedraria solta que se mede aos alq̃ires.E ha aqui diamães & outras pedras tão finas que não tem preço.E estãdo eu na India ouui dizer a mouros mercadores que em hũ assento de pazes que então fizera el rey de Narsinga cõ ho Hidalcão lhe dera hũ diamão por laurar,ho qual pesaua duzentos mangelins,que antreles sam como antre nos os quilates,se não que hũ mangelim he mais a metade q̃ hũ quilate:& que ho lapidairo que ho lauraua dizia que ho seu preço era dinheiro q̃ chegasse ao ceo.E ho Hidalcão ho estimou tãto que deu ao que ho laurou hũa aldea que rendia duzentos cruzados. E em auerem esta pedraria põe estes reys grande diligencia,dando grãdes penas a quẽ vende pedras de certo preço pera cima se não a eles, ou a quẽ a compra.E assi como estes reys ajuntão grãdes tesouros,assi fazem grandes esmolas aos seus pagodes, & a bramenes q̃ estão neles que sam os seus sacerdotes. E ho antecessor daq̃le que reynaua neste tẽpo em hũa doẽça prometeo de se pesar a ouro em hũ pagode, & assi ho fez:& acabado de pesar deu os vestidos que trazia, (que erão muyto ricos) ao bramene do pagode,& logo lhos fez vestir,& em os acabando de vestir cayo ho bramene morto,& os feiticeiros fizerão crer a el rey q̃ ouuera de morrer da doença passada, & por aquela gran de esmola que fizera ao pagode, matara ho bramene em seu lugar: & ele ho creo,porque crẽ todos muyto em feytiços:& nenhũa cousa fazẽ sem conselho de feiticeiros,& crẽ tãto em agoyros q̃ se el rey estaa pera partir cõ hũ grãde exercito,& em abalando voa por cima hũa gralha,ou outra aue ẽ que tẽ agoyro,cessa logo sua partida ate tomar ho parecer dos feyticeyros.Estes reys tẽ sempre guerra cõ reys seus vezinhos, pelo qual tem continuamente grande multidão de gẽte assi de pee,como de caualo a q̃ pagão soldo,E em seu reyno ninguẽ tem caualos nẽ os pode cõprar se não eles,& tem cem mil caualos,& q̃tro mil alifantes, & todos mantẽ à sua custa:& de sua mão os entrega aos capitães q̃ tẽ, & eles os repartẽ polos lasca-

rins de suas capitanias, q̃ assi chamão soldados: os quaes lascarins sam recebidos em soldo com grãde exame, porq̃ se sam estranjeiros despense ẽ hũa casa perante quatro escriuães, os quaes escreuẽ quãtos sinaes tẽ no corpo, & sua cor, & idade, & ho seu nome, & de sua terra, & de que nação he, & de que ley & despois ho assentã em soldo de tres, quatro, ate quinze pardaos douro q̃ val cada hũ trezẽtos & sessenta rs: & assentado em soldo fica obrigado a não poder sair do reyno sem licença del rey, a q̃ lele da poucas vezes: & a fora seu soldo lhe dão hũ caualo, & hũ moço pera ho seruir, & hũa escraua pera lhe fazer de comer: & pera ho caualo mãda cada dia por de comer a cozinha del rey, a qual ha cõtinuamẽte, ou em Bisnegar, ou no arrayal se el rey anda no campo, ou em outra parte posto que el rey laa não ande, & nelas se faz de comer pera os caualos, & alifantes, de grãos, arroz & outros ligumes cozidos com jagra, q̃ he açucar de palmeyras, porq̃ não ha naquela terra ceuada, & aos soldados, ẽ cujo poder medrão os caualos que lhe dão, tomanlhos & dãolhe outros milhores, & pelo cõtrairo se desmedrão: & se estes lascaris ho fazẽ bem na guerra acrecentãlhe ho soldo, & se despois ho fazem melhor danlhe capitania de gente, & assi vão acrecentando os bõs caualeyros q̃ vẽ a ser grãdes capitães, & assi tem cẽ mil homẽs de caualo, os quaes andão armados de laudeis acolchoados dalgodã muyto grosso, & ceruilheiras, & de coyros de bufaros, & deles sã as outras armas, & tẽ tãtas peças como os nossos arneses, pelejão com agomias, lanças, & zagunchos: os piães sam sem conto, porque logo se ajuntão em hũ exercito hũ cõto, dous cõtos de homẽs por ser a terra muyto pouoada, & estes nã tẽ mais armas defensiuas q̃ escudos, soomente os frecheiros que os não trazem, & por isso morrẽ muytos nas batalhas, nas quaes etrão tambem muytos alifantes armados cõ cubertas de coyros de bufaros, ou dãtas as quaes os cobrẽ ate os pes & todas muyto pintadas, & assi leuã testeiras dos mesmos coyros, & cubertas as trombas de hũas argolas largas d cobre ou arame, & nos dentes atadas duas espadas largas, & agudas de cada parte hũa, pera q̃ rompendo pelos imigos os matẽ: sobrestes alifãtes vão postos hũs castelos de madeira em que cabẽ ate oyto homẽs que dali pelejão com frechas, & vão os castelos apertados com hũas cilhas, tãto que não podẽ cair por mais que os alifãtes corrão, & he muyto fermosa cou sa hũ exercito coestes alifantes, & com tanta gente. Quãdo estes reys hão dir a fazer guerra em pessoa sae primeyro hũ dia ao campo sobre hũ alifante acõpanhado de muyta gẽte de pẽ & de caualo, & com seus alifantes acubertados de sedas & de borcados, & lá caualga ẽ hũ caualo, & tira hũa frecha pera a parte a q̃ quer ir fazer guerra, & logo diz dali aquãtos dias a de partir & assenta seu arrayal onde estã ate se acabar ho prazo que põe: neste tempo mãda despejar a cidade de quãta gente ha nela, saluo daquela que he ordenada pera agoardar que fica nos seus paços, & assi nas casas dos senhores, porq̃ as da gẽte comũ que sã palhaças sam todas queymadas despois de despejada a gente: & porque assi as queymão de cada vez q̃ el rey vay a guerra as não fazẽ de telha & a causa porque as el rey mãda queymar he porq̃ quer que todos vão coele a guerra com suas molheres & filhos,

credo q̃ coestes penhores que tẽ no arrayal porq̃ os não percão não fugirão aos imigos: costumão estes reys de trazer em seus arrayaes ate q̃tro mil molheres solteiras de partido, a que pagão soldo primeyro q̃ a nhũa outra gẽte, & dizẽ q̃ coelas fazẽ mais guerra que cõ seys tantos homẽs, porque por sua causa pelejão os homẽs com mais esforço, & que os caualeyros mãcebos se chegã mais onde ha molheres que onde as nã ha: & antrestas ãdão molheres muyto ricas de dinheiro, & de joyas de pedraria, & cada hũa traz cõsigo muytas moças fermosas, & como anoytece vanse as estancias dos caualeyros mancebos, & tanjem, cãtã, & dançã ao seu costume que ho sabẽ muy bem fazer, & dãlhe por isso muyto dinheiro, & assi por lhe deixarem aquela noyte a moça que lhe mais contenta, & desta maneyra tẽ sẽpre estes reys muytos lascaris estrãjeiros. E sabendo ho rey que reynaua a este tempo as grandes façanhas que os nossos tinhão feitas na cõquista da India cõ quanto era tão poderoso, & não tinha necessidade dos nossos, nem eles lhe podião fazer nojo se não naqueles portos de mar que tinha, desejou de ter paz & amizade cõ el rey de Portugal sobre que mãdou ho embaixador que dissera ao visorey q̃staua ẽ Cananor.

Cap. XVI. Da embaixada que foy dada ao Visorey da parte del rey de Narsinga, & de como ho Visorey concertou com el rey de Cananor que fizesse fortaleza em sua cidade: & começada o uisorey se partio pera Cochim.

Ho qual chegado ho visorey ao porto lhe foy falar ao outro dia a sua nao, onde ho estaua esperando assentado em hũ estrado real q̃ estaua armado na tolda q̃ estaua toldada & embandeirada, & assi toda a frota: ho visorey tinha vestida hũa opa de borcado sobre hũ pelote de cetim & hũ rico colar dõbros & hũ paje lhe tinha hũ estoq̃ rico, & acompanhauão ho seu filho com todos os fidalgos capitães & caualeyros que hiã na armada, todos vestidos de festa. E chegando ho embaixador a bordo desparou toda a artelharia, de cujo estrõdo ele & os seus se espãtarão muyto, & quando entrou na nao tocarão as trombetas & atabales: ho visorey se leuãtou ao receber fora do estrado, & ho fez assentar em outra cadeira como a sua: & assentado lhe deu a embaixada, cuja cõcrusam foy, q̃ el rey d̃ Narsinga cria q̃ a nossa fẽ era verdadeira, pelo q̃ os nossos tinhão feito contra tamanho poder como era ho del rey de Calicut, & doutros reys a que tinhão desbaratado, & isto que sabia lhe fizera desejar de ser amigo del rey de Portugal, a quem de boa vontade ajudaria cõ muytas naos & em seus portos lhe consentiria fazer fortalezas tirãdo ho de Baticala, porq̃

ho tinha arrendado,& pera as fortale zas se se ouuessem de fazer daria todo ho necessario,& que pera mais firmeza de sua amizade lhe ofrecia hũa hirmaã que tinha pera casar cõ ho principe seu filho,no q̃ receberia muyto contentamento,& acabada de dar a embaxada lhe deu hũa carta ꝑa el rey de Portugal em que se continha toda a embaxada:& mais lhe deu pera mandar ao principe hũs colares douro & pedraria muyto ricos,& aneys & panos de muyto preço.E despachado logo do visorey pera se ir pera Narsinga quando quisesse se tornou pera terra, onde ao outro dia desembarcou ho visorey pera falar com elrey deCananor que ho estaua esperando em hũa tenda muyto rica, de panos de seda & douro,armada em hũ palmar quasi pegada cõ ho mar: & dele ate ela estaua feyta hũa ponte de cõprimẽto de dez palmos, cuberta & toldada de panos de seda. Leuaua ho visorey diãte suas trõbetas, & detras delas sua goarda vestida de librê:& a pos ela seus porteiros d̃ maça,cõ maças de prata douradas,& logo ho visorey,& diante dele hũ pajẽ que lhe leuaua hũ estoque. Acõpanhauãno todos esses fidalgos & capitães da frota, & hia cõ grã de estado de que os malabares estauão espantados:& chegando à tenda foy recebido del rey cõ muyto grande cortesia. E assentado deulhe ho visorey hũ cofre em que hião peças muy ricas do despojo de Mombaça: com que el rey mostrou q̃ folgaua muyto.E a pos este presente lhe disse que desejando el rey seu senhor de assentar por bẽ trato & amizade cõ os reys doMalabar,principalmente com elrey de Calicut,de que tinha mais noticia,não quisera ate entã mostrar seu poder, nẽ vsar de rigor: mas já que estaua desenganado da contumacia del rey de Calecut em querer antes a amizade dos mouros de Meca que a sua,determinaua de lhe fazer conhecer quanto perdia nisso:& defẽder cõ todas suas forças que nẽ as naos de Calicut leuassem especiaria ao estreito nẽ as naos do estreito trouuessem à India as mercadorias que trazião,por nã abaterẽ as suas que erão taes como as q̃ trazião os mouros de Meca, & todas ele auia de mandar em tãta abastãça q̃ as dos mouros se não achassem menos: as quaes queria ter em Cananor & em Cochim pera ẽnobrecer estas duas cidades & enriquecer seus reys: & os defender de seus imigos,em pago de receberẽ por bẽ sua amizade, & do bõ gasalhado que fizerão a seus vassalos, q̃ já deuião de ter bẽ sabido q̃ não erão ladrões,nem hião a conquistar a terra como el rey de Calicut cria, mas q̃ hiã assẽtar trato & amizade como homẽs pacificos.E pera se poder tudo isto fazer milhor & cõ mais possança & autoridade ho mandara el rey seu senhor ẽ seu lugar pera estar na India em quãto fosse seu seruiço: & lhe encomendara muyto que de sua parte pedisse a elrey de Cananor que ꝑa segurança de seus vassalos & de suas mercadorias lhe deixasse ali fazer hũa fortaleza, por quanto os mouros erão muyto poderosos:& ja vira em quão pouco esteuera de lhe matar ho seu feytor,& os questauão cõ elle & roubarlhe a feytoria,& q̃ considerasse ele bẽ quã proueitosa lhe seria ali a fortaleza,por q̃ os seus teriã força pera lhe defender sua terra:& ho trato de suas mercadorias lha ennobreceria & faria rica. E pois lhe dali resultauão tantos proueitos q̃ as mercadorias del rey seu senhor,nẽ dos seus que se ali vẽ

dessem lhe não auião de pagar nenhũs dereytos nem das que comprassem. O que el rey concedeo de boa võtade, mostrando muyto prazer com ho trato q̃ el rey de Portugal queria ter em sua terra: porque como ele nenhũa cousa estimaua tanto como seu proueyto conheceo bem camanho este era pera ho crecimento de suas rendas. Porque posto que el rey de Portugal & os seus ao vender nem ao comprar lhe não pagassem nenhũs dereytos fazia cõta que os mercadores da terra pagarião tudo por inteyro, & que daquele trato se ennobreceria muyto sua cidade: & que cõ a nossa fortaleza sugigaria melhor os mouros. Deste assento forão feytas duas escrituras assinadas polo viso rey & por el rey, hũa ficou a hũ & outra a outro. Isto acabado ho viso rey se tornou pa sua nao, & ao despedir el rey lhe deu certos aneys de rubis de muyto preço, & a dom Lourenço, & aos capitães. E deste assento que ho viso rey tomou cõ el rey de fazer a fortaleza pesou muyto aos mouros, assi por serem imigos dos Christãos, como porque vião que de ca dauez se fazião mais poderosos na India, & que lhes auião de tirar a liberdade de nauegar por onde quisessem: & tambem sabião que aquela fortaleza era muy perjudicial aos mouros de Calicut, porque daqueles portos de mar del rey de Narsinga que estauão antre Anjadiua & Cananor mandauão eles leuar mantimentos, em que tratauã & ganhauão muyto: os quaes auião de passar todos a vista da nossa fortaleza donde lhos auião de tomar os nossos. E auido ho consentimento delrey de Cananor pera se fazer a fortaleza, logo ao outro dia pola manhaã que forão vinte tres Doutubro desembarcou ho viso rey com toda a gente que leuaua com grande prazer & festa na ponta de Cananor, onde Gonçalo gil barbosa com nome de casa de feytoria tinha ja feytos aliceces pera fortaleza que parecião sobela terra, o qual lugar era muyto forte por ser hũa pontinha muyto delgada cercada de penedia & de mar: & da bãda do sertão tinha a entrada dobra de vinte braças, & outras tantas estaua fora dela hũ poço dagoa, de que forçadamente os da fortaleza auião de beber, por dentro na ponta não auer nenhũa. Sobrestes aliceces que digo mãdou ho viso rey proseguir a obra em que ele cõ todos os nossos trabalhauão sem auer deferença de fidalgos a piães, porque todos trabalhauão aos quartos. E tambem el rey de Cananor deu muyto grã de ajuda pera esta obra, assi dos materiaes necessarios como de pedreyros, carpinteyros, & outros officiaes: & como a gente era muyta em cinco dias foy posto ho muro da fortaleza todo ã roda em altura que se podia assentar artelharia. E posto nesta altura não se quis ho viso rey mais deter, porque tinha muyto que fazer em Cochim na carregação das naos que auião de ir pera Portugal & por se começar de soar que matarão os mouros ao feytor de Coulã, & a quãtos estauão coele: & determinãdo de se ir deu a capitania da fortaleza, a q̃ pos nome Sanctangelo a hum fidalgo chamado Lourẽço de brito, que trazia por el rey a capitania da fortaleza q̃ se auia de fazer em Coulão: mas ele quis antes esta por estar ja começada, & a alcaydaria mõr deu a hũ fidalgo castelhano cujo sobre nome era Goadalajarra, & por feytor ficou Lopo cabreyra. E por frõteiros ficarão na fortaleza cento & cincoenta homẽs, & muyta artelharia, &

outras munições:& no mar duas carauelas pera goardarem aquela costa. E dada a traça da fortaleza a Lourenço de brito partiose ho viso rey pera Cochim a vinte sete Doutubro ja noyte.

Capit. XVII. De como ho feytor de Coulão & quantos estauão coele forão queymados pelos mouros de Calicut. & de como ho uiso rey mandou seu filho dom Lourenço a uingar estas mortes.

PArtido Ioão homẽ de Coulão os mouros senhores das naos aq̃ ele tomara os lemes & as velas se tornarã a queixar a el rey, dizendo q̃ não era pera sofrer quererẽ os nossos fazer em sua terra tamanha força, & mais estando ele presente: q̃ bem dauão a entender q̃ ho não tinhão em conta, & q̃ ja lhe não faltaua nada pera serẽ senhores da terra: & q̃ cedo ho serião de todo se ele não acodisse aos deitar fora antes q̃ teuessem nela mores forças, & q̃ fizesse como fizera el rey de Calicut, ou lho deixasse fazer, porq̃ eles tomarião sobresi à vingança pois ho dano da injuria a eles erá feyto: & tãtas cousas lhe disserão q̃ lhes deu licença q̃ se vingassem. Auida està licença cõ muyta gente da terra que os ajudou derão na feytoria õde ho feytor estaua cõ doze Portugueses, q̃ vendose assi cometer: porq̃ a feytoria nã era forte trabalharã por fugir pera a hermida de nossa señora, õde se acolherão. E defendendose q̃ os nã podião entrar por consentimento del rey, poserão os mouros fogo à hermida, & ela, & os nossos arderão todos. Pero rafael q̃ estaua no porto na sua carauela não se atreueo a socorrer aos da feytoria, & vẽdo como forã queimados, mãdou deitar fogo cõ hũa panela de poluora ẽ hũa das naos q̃ estauão no porto: & dali se pegou tão brauamẽte em outras q̃ arderão cinco q̃ estauão carregadas de pimẽta, & em quãto ardião esteue hũ pedaço cõ as outras às bombardadas. E vendo que não era tempo pera mais partiose pa Cochĩ: onde despois de chegado chegou ho viso rey a trita Doutubro, & achouho no porto cõ Manuel telez & Diogo pirez: q̃ ho receberão cõ muyto grande festa de sua artelharia, & ho forão visitar: & lhe derão conta do q̃ os mouros de Calicut fizerão aos nossos em Coulão. Pelo qual determinou de mãdar logo sua armada a vingar a morte dos nossos, & queymar quãtas naos de mouros de Calicut & de Meca là esteuessem, assi por fazer mal aos mouros como pa lhes impidir q̃ não leuassem ao mar roxo a pimẽta q̃ queriã leuar. E a capitania mór deste feyto deu a seu filho dõ Lourẽço q̃ foy na nao de Ioão da noua, & forão coele Manuel telez, & Pero rafael, & todos os outros capitães da frota em seus nauios & naos, saluo a nao do viso rey, & duas carauelas q̃ ficarão em Cochĩ. E despachado dõ Lourẽço partiose logo em anoytecendo, & foy tanta a breuidade porque os mouros não se fossem primeyro que ele chegasse. E partido dõ Lourenço desembarcou ho viso rey ao outro dia: & soube do feytor & alcayde mòr q̃ el rey de Cochim q̃ perdera ho reyno por amor dos nossos ja não reynaua, porque se metera no pagode por morrer outro q̃ là estaua: & q̃ lhe sucedera hũ sobrinho, q̃ tambẽ era grande seruidor del rey de Portugal, & muyto amigo dos nossos. E mais lhe disse o feytor q̃ despois que este reynara temẽdo se q̃ não fosse tão leal como seu tio, determinara d̃ fazer hũa fortaleza: & por

q̃ não fosse entendido lhe dissera q̃ bẽ via como a nossa fortaleza era d̃ madeira,& q̃ auia dapodrecer cõ a humidade da terra:& tambẽ el rey de Calicut por ser imigo dos Portugueses lhe poderia mãdar pegar fogo secretamente,& q̃ arderia,por isso tinha necessidade de fazer hũa casa forte de pedra & cal p̃a goardar nela a fazẽda da feytoria,e os Portugueses estarẽ nela mais seguros.E coesta dissimulação tinha ja feytos os aliceces na boca do rio de Cochi muyto perto do mar:& q̃ tinha começada hũa torre de madeira no passo do vao por ser ali muy necessaria pera sua goarda.El rey de Cochi como soube q̃ ho viso rey era desembarcado ho foy ver,& se lhe offreceo por tamanho amigo,& hirmão delrey de Portugal como ho era seu tio:& tambẽ por grãde amigo do viso rey & dos nossos.E ho viso rey como quer q̃ trazia a coroa q̃ disse p̃a a dar ao rey velho,não quis dala a este ate não auer conselho sobrisso,& se não determinar a q̃l a daria.O q̃ sabendo ho rey velho que a trazia parele lha mãdou pedir,dizendo q̃ ainda q̃ steuesse no pagode a não deixaria d̃ receber.

Capit.XVIII.De como dõ Lourẽço queymou em Coulão uinte sete naos de Calicut,& despois se tornou a Cochim.

Dom Lourẽço q̃ hia cõ sua armada chegou a barra de Coulã,& por q̃ não sabia se estarião no porto algũas naos d̃ mercadores nossos amigos,mãdou dizer a terra q̃ se hi esteuessem algũas q̃ se sayssem,porque lhe não fizesse mal:& posto q̃ hi estauão algũas não se quiserão sayr,confiando q̃ os mouros de Calicut erão tãtos q̃ lhe não auião os nossos de fazer dano.E sabẽdo eles q̃ a nossa frota estaua na barra encadearão as suas naos q̃ erão.xxvij.cõ pranchas lãçadas dhũas às outras p̃a se poderẽ seruir por todas,põdo as popas ẽ terra,porq̃ as nossas lhes não podessem chegar.E sabẽdo dõ lourẽço q̃ as nossas naos não podiã chegar a terra deixãdo algũa gẽte ẽ guarda delas fez embarcar a outra nos bateis p̃a os leuar,cõ as carauelas.E mãdou pregoar q̃ so pena de morte ninguẽ fosse ousado de tomar cousa algũa das naos dos imigos,senão q̃ todos trabalhassem polas queymar cõ quanto tinhão.Deitado este p̃gão abalou p̃a as naos,de q̃ estaria mea legoa,& ẽ aparecendo,começou de desparar muyta artelharia dos imigos,& muytas frechas:& assi tirauã da praya a gẽte da terra multidã delas sem cõto porque temião se os nossos vẽcessem q̃ os auiã de destruir.E cõ ajuda de.N.S.rõperã per meo de toda aq̃la furia dos pelouros,& p̃ antre aq̃la bastidã de frechas,jugãdo cõ sua artelharia,espingardaria,& cõ seus almazẽs de setas,& chegarão às naos dos imigos quasi todos a hũa,& logo deitarã nelas muytas lãças & rocas de fogo,de q̃ se ateou nas naos,& começarão darder muy brauamẽte cõ hũ vẽto q̃ vẽtaua p̃a sua mòr destruiçã.E vẽdo os nossos quão bẽ laurauã cõ a ajuda do vẽto q̃ parecia q̃ ho daua.N.S.afastarãse a fora cõ grãdes gritas de Vitoria,vitoria que deos he cõ nosco.E poseranse a tirar aos imigos que punhão toda sua diligencia por apagar ho fogo o que era por de mais,porque andaua tão furioso que ja não tinha remedio.E nisto esteuerão os nossos ate noyte:& neste espaço matarão muytos

dos immigos,& dos nossos não morreo nhũ,& forão algũs feridos de frechas, que erão tantas que me jurarão homés, que hũa pregou no âr hũ minhoto que virão cayr nagoa pregado, & assi pregou outra hũa taynha no mar:& a Ioão homẽ lhe deu hũa bombardada sobre ho coração que lhe rompeo a adarga & as couraças,& não lhe fez outro dano se não pisarlhe a carne,de que andou hũs dias mal sentido.E vẽdo dom Lourẽço que ho fogo estaua bẽ seguro de se não poder apagar tornouse pera a sua frota onde a craridade do fogo chegaua tãto que cearão muytos dos nossos a ela:& assi durou toda a noyte & acabou dabrasar as naos,q̃ todas estauão carregadas pelo q̃l os mouros receberã perda grãdissima,& assi el rey de Calicut nos dereytos que tinha se tornarão a seu porto & assi ho sentio ele muyto quando ho soube,& logo determinou de se vingar como direy a diante.Porem em Coulã ficarão os mouros muy assombrados; porque não virão ainda queymar ho fogo dos nossos:& a gente da terra estaua muy fora de si,& muytos fugirão pera ho sertão,como se despois soube, cuydãdo que auião os nossos de sayr a queymar a cidade.E com tudo os regedores dela nunca mãdarã recado a dõ Lourẽço sobre recõciliarẽ coele.E vẽdo ele q̃ não tinha mais que fazer partiose pera Cochim:& sabendo quãto ho viso rey auia de folgar cõ a queima das naos mãdou diante a Ioão homem que lhe fosse pedir as aluisaras,& isto com tenção que ho viso rey tornaria a recõciliar co ele,porque sabia quãto lhe descõtentaua pelo que ja disse.E a este tempo ho viso rey estaua muyto descontente por que soubera a verdade que Ioão homẽ fora causa de fazerem os mouros em Coulão o que fizerão na feytoria, por lhe ele tomar os lemes & as velas das suas naos:& em chegando a Cochim lhe tirou a capitania da carauela,que despois deu a hũ fidalgo chamado Nuno vaz pereyra valẽte caualeyro,& sesudo.Assi que o que dom Lourenço cuydou que aproueitaua a Ioão homẽ lhe fez moor perda:porq̃ se fora em sua companhia podera ele rogar a seu pay que lhe não tirara a capitania,& fizeralho com ho prazer de sua vitoria:& indo sô não teue quem rogasse por ele,& assi o dizia ele despois a dom Lourẽço:que seguindo sua rota pera Cochim chegou là cõ todos os capitães q̃ ho acompanharão: & a ele,& a eles recebeo ho viso rey cõ grande festa.

Capit. XXI. De como ho viso rey deu hũa coroa douro que trazia a el rey de Cochim, & seyscentos cruzados de tença. E de como mandou dom Lourenço darmada às ilhas de Maldiua.

CHegado dom Lourenço a Cochim logo ho viso rey fez conselho,em que propos aq̃l dos reys de Cochi daria a coroa douro q̃ trazia,se ao q̃ estaua no pagode,se ao q̃ reynaua:& por todos os q̃ estauão no conselho foy determinado q̃ se desse ao q̃ reynaua, porq̃ dando se ao q̃ estaua no pagode erã ꝓuocalo a tirarse dele,& tornar a reger ho reyno,o q̃ ho outro auia de cõtradizer,& naceria dali diuisã no reyno,de q̃ a guerra estaua na mão,& seria muy fea cousa serẽ os nossos causa dela pois sesperaua q̃ teuessem a terra em paz,& que seria muyto grande de seruiço del rey de Portugal auer guer-

ra no reyno de Cochim, & mais q̃ ho rey questaua no pagode era muyto velho, & segundo natureza deuia de viuer muy pouco, & assi como assi oque reynaua lhe auia de soceder: & pois ja reynaua, & em reynar se goardaua seu antigo costume, que não era bẽ que ho quebrassem por tão pouca cousa como auia de ser a vida do que estaua no pagode, & mais com darem causa à guerra, do que se seguião tantos males: pelo qual a coroa se deuia de dar ao que reynaua. Isto determinado, vindo el rey visitar ho visorey, ele lhe disse que el rey seu senhor por se mostrar agardecido a el rey seu tio de quantas boas obras lhe fizera, lhas quisera galardoar: & pois ele lhe sucedera no reyno que a ele se galardoarião. E que do dia que el rey de Calicut fora vencido por Duarte pacheco no passo do vao, quando indo fugindo a bombardada lhe matara seu pajẽ do betele, & outros doze nayres, por cujo medo se el rey de Calicut baqueara do andor: lhe daua pera todo sempre a ele & a seus sucessores seys cẽtos cruzados de tença pera hũa copa: & ho fazia rey de Cochim isento de toda obediencia & sugeição q̃ os reys de Cochim deuião dães aos reys de Calicut: & lhe daua poder pera q̃ podessem mãdar laurar moeda por toda sua terra, assi douro, de prata como de cobre: & teuesse todos os outros mais priuilegio, liberdades & preheminencias que os reys tem. E em sinal de ser rey perfeyto lhe mandaua aquela coroa pera que a teuesse como insignia real que os reys deuião de ter: & q̃ lhe pedia muyto el rey seu señor q̃ assi como sucedera no reyno a el rey seu tio, & lhe sucedera no galardão que merecia por suas boas obras, assi lhe sucedesse na amizade & lealdade que lhe sempre teuera, & no bõ tratamẽto q̃ fizera a seus vassalos. E que lhe lẽbrasse q̃ ho reyno q̃ tinha ou ho teuera ou não, se el rey seu señor não fora. E que os seyscentos cruzados lhos mandaria a sua casa. Ao que el rey de Cochim respondeo cõ muytos agardecimẽtos de promessas de perder ho reyno, & a vida por amor del rey de Portugal. E ho visorey lhe mãdou a sua casa os. dc. cruzados per Lourenço moreno q̃ auia de ficar por feytor na vagãte de Diogo frz correa: & leuoulhos ẽ hũ bacio de prata dagoas mãos, & diante muytas trombetas, & acõpanhado de muyta gente: cõ que el rey folgou muyto & ho teue por muyto grande hõrra: E os naires assi ho tinhão, & ficarão muyto mais contentes que dantes da amizade dos nossos. E despois disto aos dous dias de Nouembro começou ho visorey de mandar carregar as naos q̃ auião de tornar pera Portugal. E assi mandou algũas naos & nauios a fauorecer as fortalezas de Cananor & Anjadiua: & mandou a dom Lourenço q̃ fosse no nauio de Felipe rodriguez às ilhas de Maldiua q̃ estão sessenta legoas da costa da India a fazer presas em muytas naos & jũgos q̃ tinha por certeza que passauão por ali, assi de Malaca, cõmo de çamatra, & de Bengala, & doutros reynos da banda do sul, q̃ trazião muyta especiaria, droga, pedraria, ouro, prata, & outra muyta riq̃za, & mandou cõ ele Lopo chanoca, & Nuno vaz pereira.

Capit. xxij. De como Fernão soarez capitão mõr das naos de carga, se partio pera Portugal: & de como descobrio a ilha de sã Lourẽço pela bãda de fora: & chegou a Lisboa.

A Cabadas ď carregar as naos que auiã de ir pera Portugal,& deſpachado ho capitão mór delas q̃ foy Fernão ſoarez, partioſe de Cochim a .xxvj. de Nouembro cõ ſeys naos a fora a ſua de que forão capitães Baſtião de Souſa, Ruy freyre, Manuel telez, Antão gonçaluez, Diogo correa, Gonçalo gil barboſa que fora feytor de Cananor, Diogo fernãdez correa alcaide mór & feytor do caſtelo de Cochim. E neſtas naos não foy mais gente que a neceſſaria pera ás marear,& na parajẽ de Calicut lhes deu calmaria cõ que andarão tres dias ſobre a cidade,& tão perto q̃ enxergauão ho tamanho dos nauios q̃ eſtauão no porto, o que meteo a gente da terra em reuolta cuydado que hião ſobre a cidade. E vindolhes vẽto forão ter a Cananor, donde partirão a dous dias de Ianeyro de mil & quinhẽtos & ſeys:& ho primeyro dia de Feuereyro ouuerão viſta de terra,& afirmouſe q̃ era hũa ilha chamada Alioa,& ãdãdo junto dela com calmaria, hũ ſabado ſete dias do meſmo mes ſayrão dela dez almadias em q̃ vinhão muytos homẽs baços de cabelo reuolto,& todos traziã lanças, eſcudos, arcos,& frechas,& andarão derredor das naos acenando, como que pedião ſeguro,& oulhauão cõmo q̃ nũca virão naos: ho capitão mór mandou acenar a hũa almadia que chegaſſe a ſua nao,& chegou,& dela entrarão vinte cinco homẽs na nao: mas das outras não entrou ninguẽ,& eſtes hião todos nuus,& erão mouros: ho capitão mór lhes mandou logo dar panos com que ſe cobriſſem, cõ que moſtrauão q̃ folgauão muyto,& cõ nhũa das lĩgoas q̃ hião na nao ſe poderão entender,& deſpois de lhe darem os panos lhes foy dado de comer,& comerão de boa võtade, porem em acabando ſem fazerẽ nenhũ ſinal de agardecimento ſe embarcarão na ſua almadia tão de ſupito q̃ os não poderão tomar,& arredãdoſe da nao tirauão aos que eſtauão a bordo. O que vendo os noſſos poſerão logo fogo ás bõbardas,& fizerão nos fugir ſem tomarem nenhũs por não terẽ bateis fora, nẽ menos eſquifes:& por q̃ ho capitão mór vio ir algũas daq̃las almadias pera nao de Ruy freire que ſta ua perto da ſua mãdoulhe auiſo no ſeu eſquife do q̃ lhe fizerão os mouros.& que tomaſſe os que podeſſe. O que ſabido por Ruy freire, mãdou eſtar preſtes os ſeus,& em as almadias chagãdo a bordo ſaltarão dentro, & os mouros ſe lançarão ao mar:& com tudo tornarão os noſſos vinte hũ,& dos outros ferirão algũs. Paſſado iſto ſeguio ho capitão mór ao longo daquela terra, de q̃ a mór parte era muyto alta, leuãdo ſempre os pilotos grandes duuidas, ſe era terra firme, ſe ilha: & aſſi forão ter a hũa ponta deſta terra, õde ſe metia no mar hũa ribeira cõ que moerião moynhos. E aqui eſteue o capitão mór quatro dias,& fez agoada. E em deſembarcando hũ dia pela manhaã a gente de hũ batel em terra, auiſou os hũa atalaya que lhes ſayão mouros de cilada,& eles ſe acolherão ao batel ſeguindoos os mouros, & tirandolhes muytas frechadas, tão perto eſtauão ja,& ferirão hũ dos noſſos,& não fizerão mais dano por amor da noſſa artelharia que cõmeçou de jugar & os fez deter. E deſpois acharão os noſſos dous mortos, & a terra toda tinta de ſangue. Feyta agoada partioſe ho capitão mór, in-

do sempre ao lõgo desta terra com sos peyta de não ser ilha, porque auia desa sete dias q̃ continuaua ao longo della, & em todos estes dias, tanto que ho sol se punha leuãtauase logo hũ vẽto muy brauo, & sobreuinhão chuueiros, & fazia grande tormenta que duraua toda a noyte: & fez se noyte que correo a fro ta trinta legoas aruore seca: & hũa quarta feira que forã .xviij. de Feuereiro sobreuindo hũ grande temporal de vẽto & de chuueyros, veo juntamẽte hũ toruão tão medonho que parecia abrirse ho ceo, & cayo hũ corisco na capitaina que deu pelo masto do traquete dauãte & ãdou ao derredor dele, & dali saltou sobre cuberta, õde desapareceo sem fazer mais nojo que derribar algũs pedaços de traquete dauante. E ao outro dia pela manhaã se achou ho capitão mõr no cabo desta terra, & ali foy conhecida por ilha: & acharão os pilotos que tinha por aquela banda .clxxxix. legoas: & poserãna na carta de marear. E posto q̃ a então não conhecerão, esta era a ilha a q̃ os mouros chamauão da lũa, & a que antigamente chamauão Madeigastar: & a que agora chamã os nossos a ilha de sam Lourenço. E estes forão os primeiros que a descobrirão pola parte de fora, & que leuarão a Portugal gente dela. E daqui seguio ho capitão mõr sua rota pera o cabo de boa esperança: & despois de passar hũa grande tormenta ho dobrou hũ domingo oyto de março, & sem lhe mais acontecer cousa de contar chegou ã costa de Portugal a vinte dous de Mayo. de mil & quinhẽtos & seys: & ao outro dia foy ter a Lisboa a saluamento.

Capit. xxiiij. Em que se escreuem as cousas notaueis da ilha de Ceilão assi no mar como na terra.

Partido dom Lourẽço pera as ilhas de Maldiua com os outros capitães, como os seus pilotos erão ainda nouos naqla nauegação não se souberão goardar das corrẽtes q̃ sam grãdes por aqla paragẽ, & elas os fizerão errar as ilhas & forão auer vista do cabo de Comorĩ onde ventauão terrenhos, & coeles se fez dom Lourenço na volta da ilha de Ceilão, onde lhe ho viso rey mandara que fosse. E esta querem algũs dizer q̃ he aquela a que antigamẽte chamauão Taprôbana que está setenta & cinco legoas de Cochim: & apartase da terra firme por hũ parcel chamado Chilão: em que ha muytos baixos per antre os quaes se faz hũ canal muyto estreito: & por este passo passão todas as naos que vão da India pera Choramandel, & dele pera a India, & perdense semp̃ muytas nestes baixos por ser ho canal tão estreito que com dificuldade se pode acertar: & por isso os mercadores Indios hũ dos perigos que rogão a deos q̃ os goarde he dos baixos de Chilão. Dizẽ que tẽ esta ilha de roda perto d̃ .ccc. legoas. Os mouros Arabios & Persios lhe chamão Ceilão, q̃ em sua ligoa q̃r dizer cousa de canal. Este nome lhe poserão por amor do canal que a cerca da banda da terra firme. Os malabares & outros indios lhe chamão Hibenaro, que quer dizer terra viçosa: & assi ho he ela de muytas & muy boas agoas, & de muyto & diuerso aruoredo, de que grão parte he das aruores de que se tira a canela q̃ tẽ a folha como louros & a casca he a canela q̃ vẽ ca, q̃ se tira dos ramos despois denxaporados & secos, & isto faz a gẽte baixa que a vẽde por muy pouco preço. Ha tambẽ muytas

larangeyras doces, & antrelas hũas q̃ dam hũas laranjas que tem a casca tão doce como ho gomo:& assi ha todalas aruores despinho, & outras muytas muy diferentes das nossas que dão diuersas fruitas,& todo ho mato he destas aruores: em que ha tambẽ muytas eruas cheirosas, assi como mangiricões alfauacas,& outras.E criãse nos matos muytos & muy grandes alifantes que tomão com outros mansos que prendem polos pees em aruores,& fazẽlhe derredor grandes couas que cobrẽ cõ rama aonde caem os brauos que se vẽ pera os outros.E despois de cairem nas couas os deixam estar sete ou oyto dias vigiandoos continuamente, & falandolhe sempre que os não deixão dormir:& ali lhes deitão algũa rama q̃ comẽ,& despois vão pouco & pouco entulhãdolha cõ terra, & assi como lha vão lançando, assi ho alifante se vay aleuantando:& ali na coua ho prendem polos pees com cadeas, & polas mãos porque não possa fugir,& despois de se rem fora da coua os deixão estar sem comer hũ dia ou dous pera que ajão fome & estem fracos,& despois lhe dão de comer falandolhe sempre, & afagãdoos.E eles tem tam bõ natural q̃ vẽ a entender a lingoa,& tomão amizade com aquele que lhes da de comer:& despois de mansos & que entendem os leuão a vender ao Malabar, a Narsinga, & a Cambaya, & a outras partes onde os prezão muyto pera a guerra: & vendennos por couados que medẽ dos pés atẽ as ancas: & val ho couado dos bõs & praticos na guerra a mil pardaos de ouro,& dos outros a seyscẽtos, & a quinhentos.Nace tambẽ nesta ilha muyta pedraria, assi como rubis muyto finos, vermelhos & brancos, balais, jacintos, çafiras, topazios, jagonças, amatistas, crisolitas,& olhos de gato, que os Indios estimão muyto. El rey de Ceylão recolhe a milhor pedraria & a vende de sua mão: & a comũ vende desta maneyra. Tem lapidairos que a conhecem tambẽ que trazẽdolhe hũ punhado de terra, em a vendo logo dizem as pedras que acharão:& isto sabido concertase el rey com ho mercador em ho preço que lhe ha de dar por certa quantidade de terra em que possa cauar & tirar a pedraria que achar, reseruando a que teuer de tantos quilates pera cima que he pera el rey: & assi a tem toda escolhida,& feito dela grãde tesouro, antre a qual ho rey que reynaua neste tẽpo dezião que tinha hũ rubi de hũ palmo em comprido & de grossura de hũ ouo, todo limpo sem nenhũa magoa, & que daua tanta craridade como hũa vela. E esta pedraria não he toda de hũa qualidade, porque cada genero de pedras tem suas especias, hũas rijas, outras frias, & outras pesadas.E algũas ha que sam a metade rubis,& a metade çafiras na cor, outras a metade çafiras, a metade topazios.

No canal que se faz antre esta ilha & a terra firme, que he doyto & dez braças daltura, se pesca grande soma daljofar grosso & meudo & perlas:& vem fazer esta pescaria duas vezes no anno os gentios de Calecare, que he hũa cidade que està dali perto, no tempo que ho rey dela solta a pescaria, & irão ali de dozentas ate trezentas champanas que sam hũs nauios pequenos em que vão vinte cinco & trinta homẽs cõ mãtimento perã ho tẽpo que ali andarem. Esta gẽte desembarca toda ẽ hũa ilha peq̃na & despouoada q̃ està naq̃le parcel õde se faz o canal,& dali vão pescar

ho aljofar de dous em dous encima de tres paos feytos em triangulo, cubertos de tauoado, & quasi que vão nadando. & vay hũ abaixo com hũa tala nos narizes, & hũa pedra atada nos pês, & hũ redofole de corda ao pescoço, a que vay atado hũ cordel, cujo cabo tem na mão ho parceiro que fica nos paos que digo: & o q̃ vay de mergulho anda debaixo ate que ho enche de hũas ostras que ali ha mais pequenas que as nossas & muyto lisas & fermosas, & cheo ho redofole deixa a pedra que tẽ nos pês & tornase acima, porque ela ho detẽ, & ambos tirã pelo redofole & ho alão acima: & este encima vay ho outro abaixo. & tiradas as ostras lançãnas em terra ao sol ate que apodrecẽ, & então as lauã, & apanhão ho aljofar q̃ cae delas. E as perlas grandes que se achão antreles sam pera el rey, o qual tem hi quẽ lhas arrecade: & assi seus dereytos que lhe pagão. E esta pescaria perde elrey de Ceilão por não ter nauegação, por q̃ esta riqueza jaz no limite de seu reyno: & dizem q̃ ho aljofar se gêra desta maneira: no inuerno se sobem estas ostras sobela agoa & recolhẽ em si algũa da chuiua, & quantas gotas entrão dentro na carne da ostra, tãtos grãos se gêrão & se fazem perfeytos, & as q̃ não entrão na carne ficão em meos grãos.

No meo desta ilha se leuãta hũa serra muy alta & sobrela hũ eltissimo pico, em que està hũ tanque dagoa nadíuel, E em hũa lagia que està junto dele està hũa pegada dhomẽ, que dizẽ os mouros que he de nosso padre Adão, a quẽ chamão Baba adão, & crẽ que dali subío aos ceos, & por sinal disso ficou ali aquela pegâda. E junto desta lagia està hũa casinha como hermida em q̃ estão duas sepulturas onde dizẽ q̃ forã sepultados os corpos de Adão & Eua: & sobreste tãque que digo està hũa aruore que dâ hũa baga que se parece cõ Amoras de silua quando deixão de ser vermelhas & se querem fazer negras: de que agora os nossos fazem cõtas des pois pue sam secas, porque ficão muito duras, Pola openião que os mouros tẽ que deste pico subio Adão ao ceo, de muyto longe vão eles ali em romaria em trajos de peregrinos, vestidos de peles dalimarias, cingidos com cadeas & leuão botões de fogo nos peytos, & nos braços, pera que leuẽ chagas abertas por seruiço de deos & de Mafamedr, & de Babr adão: & antes q̃ cheguẽ a esta serra vão sempre por terras alagadiças em que ha multidão de sambexugas q̃ se pegão nas pernas, & todos leuão facas pera as despegar, & ao pico não podem sobir se não por escadas de cadeas que estão dependuradas ao derredor dele, & sam tão grossas que he espanto: & os degraos sam de paos que estão metidos polos fuzis: & porque se gastão com a muyta gente que sobe por eles cada perígrino leua por sua deuação hũ pao pera meter por degrao onde achar algũ podre ou quebrado, & sobidos ao piquo lauanse no tanque, & fazem suas orações sobre a lagea, & dentro na hermida, & coisto crẽ que ficã absolutos de culpa & pena de todos os peccados que tinhão. Antre os portos destas ilhas ha sete que sam os principaes, & sam grandes cidades, principalmente Columbo que he da banda do sul, onde sempre està dassento elrey de Ceilão. Outras cinco estão tambẽ da banda do sul. s. Panatore, Verauali Licamaon, Gabeliquamma, & Torrauair. E da banda do norte estaa outra que se chama Manimgoubo.

E em todas estas cidades que sam de ca sas palhaças se vẽ meter no mar rios dos quaes sam algũs muyto grandes & fermosos que correm pela ilha: & andã nelles lagartos dagoa. A todas estas cidades principalmente a de Columbo vã carregar muytas nãos de canela, da lifantes & de pedraria, & leuão ouro, prata, panos de cãbaya, açafrão, coral, & azougue. E estoutras cidades tirando a de Colũbo sam gouernadas por hũs señores que se chamão reys: & assi tem estado segundo seu costume: porẽ todos dam vassalagem & obediencia ao principal rey que està em Columbo & a ele conhecem por senhor. E todos sam gẽtios, & assi sam os moradores de toda a ilha, saluo q̃ em todolos portos de mar ha muytos mouros mercadores q̃ estã a obediencia dos señores da terra. A lingoa dos gentios he Canarâ, & Malabar: eles sam homẽs que entendẽ pouco em feytos darmas: porque a fora serẽ mercadores sam muyto dados a boa vida & effeminados: sam bẽ apessoados & quasi brancos, & os mais delles barrigudos: & tẽ a barriga por hõra. Andam nuus da cinta pera cima, & pera baixo se cobrẽ com panos de seda & dalgodão que chamão patolas, trazem toucas nas cabeças, & nas orelhas arrecadas muy ricas douro & pedraria & aljofar grosso, de tanto peso que fazẽ estirar as orelhas, tanto que chegão ao pescoço. A gẽte pobre desta ilha costuma venderse, & dase hũ homẽ por duzentos & trezentos reaes.

Capi. xxiiij. De como dom Lourenço chegou a ilha de Ceylão, & foy ter ao porto da gale, & do que hi fez. E de como se partirão pa Portugal Ioam da noua & Vasco gomez dabreu.

Ndo dom Lourenço na volta d'sta ilha, foy ter ao porto de gabaliquãma, a q̃ os nossos agora chamão ho porto de gale: & sabida sua chegada pelo senhor da terra, temeose de lhe queymar as naos questauão no porto, ou de lhe destruir a terra por quanto ele não tinha gente cõ que se atreuesse a defender, pelo qual mãdou logo recado a dom Lourẽço comettendolhe paz & amizade, & que faria tudo o que fosse rezão. E porque este concerto se não podia fazer sem algũ dos nossos ir a terra, dãdo el rey arrefẽs pa segurança de quẽ fosse mandou dõ Lourẽço a terra a hũ caualeyro chamado Fernão cotrim pera que fizesse ho concerto: & chegado âs casas del rey achou ho questaua no cabo de hũa muyto grande casa assentado em hũ estrado muyto rico feito a modo dhũ altar, tinha vestido hũ bajo de seda, que he hũa vestidura de feição de jaqueta çarrada, q̃ era de seda, & cingido hũ pano da mesma seda que lhe chegaua ate ho giolho, & dali pera baixo descalço com muytos aneis nos dedos das mãos, & dos pees: & em lugar de coroa tinha na cabeça hũa carapuça com dous cornos douro, & pedraria muyto fina, & do mesmo tinha grandes arrecadas: de cada ilharga do estrado estauão tres dos seus fidalgos que tinhão acesas senhas tochas de cera posto que era de dia, & assi auia acẽsas outras muytas tochas mouriscas d' prata, de cada parte da casa q̃ estaua chea de muytos fidalgos & nobres da terra, & âtreles ficaua hũ caminho pera seruentia, & por este foy Fernão cotrim onde el rey estaua de q̃ foy muy bem recebido, & despois assenta-

rão ambos amizade & trato:& q̃ elrey daria cada anno de tributo a el rey de Portugal cento & cinquoenta quintaes de canela, & isto foy assi assẽtado se ho visorey disso fosse cõtente & logo esta canela foy ẽtregue a dõ Lourẽço:& em quanto se carregaua mandou ele meter na praya por consentimẽto del rey hũ padrão de pedra com as armas de Portugal dhum cabo,& a diuisa da Sphera do outro. E isto em sinal que aquela terra estaua ẽ paz cõ os Portugueses. Acabadas todas estas cousas, dõ Lourenço se tornou pera Cochim & de caminho tomou algũas naos de mouros. E chegado a Cochim deu conta ao visorey do que lhe acontecera. E do que deyxaua assẽtado com ho señor de Gale que ele cuydaua que era ho proprio rey de Ceilão,& folgou muyto cõ a canela pera a mandar a Portugal por Iohão da noua:ou por Vasco gomez Dabreu, cujas naos se começauão de carregar pera partirẽ pera Portugal:porque vẽdo ho visorey que por amor dos carregos que trazião auião de ficar na India, õde era necessario que iuernassem ate os ꝑuer pera que podessem seruir,& inuernando era necessario que se tirassem as suas naos a mõte pera ho que não auia aparelhos,& pera as meterem no rio auia medo q̃ se perdessem: porque erão de quoatrocẽtos toneis cadahũa,& ho rio não era tão alto como elas req̃rião: pos em conselho se seria melhor auenturalas a perderẽse ou mandalas pera Portugal:& pelas rezões q̃ ja disse lhe foy aconselhado que as deuia de mãdar:& isto acordado deu ho visorey a escolher a Vasco gomez dabreu & a Iohão da noua se queriã ficar na India sem as naos & que lhes daria algũs nauios ou ir se nelas pera Portugal:dandolhe todas as rezões que se derão no conselho. E eles escolherão tornarse nelas pera Portugal, ainda que começaua de ser tarde pera dobrarẽ ho cabo de boa Esperança:& assentada sua partida por quãto a India ficaua sem capitão moor do mar deu este officio a dõ Lourenço seu filho,& logo ho despedio cõ a armada que fosse visitar as fortalezas de Cananor:& Danjadiua. E corresse aquela costa,& a guardasse que não saissem dela nhũas naos de mouros cõ especiaria. E deulhe hũa prouisão pera recolher debaixo de sua capitania quãtos capitães lá andauão pera q̃ lhe obedecessem como a ele visorey. E despois despachou Iohão da noua, & Vasco gomez dabreu a q̃ entregou hũ alifãte pera leuar a el rey seu sñor por ser alimaria tão estranha em Portugal, pera onde partirão ẽ Feuereiro do ano de mil & q̃nhẽtos & seis, & Iohão da noua arribou do cabo de boa Esperança por fazer a sua nao tanta agoa que se não atreueo a passar auãte,& iuernou na ilha de Zãzibar, & Vasco gomez inuernou em Moçãbique:porq̃ era muyto tarde quãdo hi chegou,& vẽtauão ja os ponẽtes.

Capitulo. XXV. De como dõ Lourẽço foy darmada â costa do Malabar,& como soube em Cananor que fazia el rey de Calicut hũa grande armada pera peleiar coele.

Despois de partido dõ Lourenço de Cochim foy correndo a costa ate a India,& sabẽdo que Manuel paçanha não tinha necessidade de nada tornouse a Cananor & de caminho tomou algũas naos de mouros:& desẽbarcou

em Cananor pera cõ a gente de ſua armada ajudar a Lourẽço de brito que eſtaua acabãdo de fazer a fortaleza, por que q̃ria ho viſorey q̃ ſe acabaſſe de fazer antes do inuerno, que receaua q̃ nele acercaſſẽ os mouros: porq̃ ſabião que ſe lhe não podia acodir. E ja em Feuereiro de mil & quinhẽtos & ſeis eſtãdo dõ Lourenço hũ dia deſpois de comer na ſala da torre da menajem ẽtrou hũ dos noſſos, & vinha coele hũ homẽ branco veſtido como mouro q̃ ſe deytou aos pees de dom Lourenço, & lhos beyjou dizẽdo que ouueſſe piedade de le q̃ era Chriſtão & lhe q̃ria falar apar te: porq̃ vinha de Calicut. Ouuido iſto por dõ Lourenço meteoſe coele na ſua camara, & metidos, ho homẽ lhe diſſe que auia nome Luis patricio, & era natural de Roma, dõde auia anos q̃ partira a ver mũdo: & deſpois de ter viſta a mor parte Daſia tornãdoſe pera Europa fora ter a Calicut, onde lhe fora forçado deterſe por amor da guerra q̃ auia antre os noſſos, & os de Calicut: & no tẽpo deſta detẽça topara dous Milaneſes q̃ lá andauão fugidos dos noſſos auia algũs ãnos: & lhes vira inſinar aos Malabares como fizeſſẽ hũa galeota q̃ fizerão muyto bẽ feyta: & lhes vira fundir hũa bõbarda muyto groſſa de metal q̃ lãçaua hũ pelouro muy furioſo. E eſtes lhe diſſerão q̃ por saberẽ fundir artelharia erão muy eſtimados del rey de Calicut, & lhe tinhão fundido q̃tro centas peças dartelharia, & tinhão inſinados algũs gẽtios a fundila, & a ſerem muyto bõs bõbardeiros. E q̃ el rey de Calicut cõ todos os da cidad̃ eſteuerão cõ muy grãde medo q̃ndo ho viſorey paſſou de caminho pera Cochim, q̃ cometeſſe Calicut: & coeſte medo ajuntara muyta gẽte de peleja, & grãde armada. E vẽdo q̃ as não cometera, cobrara coração pera mãdar aos ſeus q̃ pelejaſſem cõ os noſſos no mar, & eſperauão de os catiuar todos: porq̃ ſabião q̃ a noſſa armada andaua eſpalhada, & que ele eſtaua em Cananor: & tomados os que andauão no mar parecialhe que ſeria muyto pouco tomar os da terra. E porque ſe iſto não ſoubeſſe auia grandes goardas em Calicut, & não deixauão ſair pera fora a nhũ eſtrãgeiro ainda q̃ foſſe mouro: & ho meſmo fizerão a ele que cuydauão que ho era, ate que teue ra maneira pera fugir ſecretamente, & ir dar auiſo ao viſorey do q̃ ſe ordenaua em Calicut. E enformado dõ Lourẽço, bẽ miudamente do que eſte Luis dizia, mandou ho ao viſorey na galee de Ioão ferrão, que ẽformado dele ho tornou a mandar a Cananor na meſma galee, eſcreuendo a dom Lourenço que recolheſſe a noſſa armada: & pelejaſſe cõ a frota de Calicut, & que lhe lembraſſe q̃ pelejaua pola fe catholica, & por ſua honrra, poriſſo que fizeſſe como Chriſtão, & como ſeu filho. E trabalhaſſe por auer os dous milaneſes que ãdauão em Calicut. E que deſſe a Luis quanto dinheiro lhe pediſſe pera eſta negociação, porque ele a auia de fazer. Porem não ouue efeito porque eſtando os Milaneſes demouidos per meyo de Luis, pera ſe tornar aos noſſos forão ſẽtidos dos mouros, & logo forão mortos muy cruelmente, & aſſi pagarão ho mal que fizerão.

Capitulo. XXVI. De como dõ Lourenço foy buſcar a grande armada de Calicut, & ouue uiſta dela.

DEterminando dõ Lourẽço de pelejar cõ a armada del rey de Calicut como lhe ho visorey mandaua recolheo se à sua frota de q̃ erão os ca pitães Felipe rodriguez na nao spera Rodrigo rebelo na Aueyro, q̃ era nao de.cccc.toneis, & hia coele dõ Lourẽço Fernão bermudez na taforea, Nuno vaz peira, lopo chanoq̃, Gõçalo de pai ua & Antão vaz: ẽ carauelas, Ioão Ser rão & Diogo pirez amo de dõ Lourẽ- ço em galês, & hũ caualeyro chamado Simão martinz. ẽ hũ bargãtim, & este era tão valente homẽ de sua pessoa que dizia ho visorey que auẽdo de poer sua honrra em desafio que ho encomenda ria a Simão martinz, & outro capitão com que se çarraua ho numero de õze velas em que hirião ate oytocentos ho mẽs. E vendo Ioão homẽ que estaua em Cananor embarcar dom Lourẽço embarcouse coele ainda que estaua a- grauado do visorey por lhe tirar a capi tania da carauela, como ja disse. E aos quinze de Março de mil & quinhẽtos & seis andando dõ Lourenço ao longo dacosta começou daparecer a frota dos imigos que andaua em sua busca, & era de duzentas & oytenta velas. s. oytenta & quatro naos grossas, & cento & vin- te quatro paraôs grandes ẽ q̃ auia mou ros & Naires de peleja sẽ cõto, q̃ os ma is erão frecheyros, & algũs espigardey ros, & outros de lãças, espadas & escu- dos, & todos armados de laudeis de se- da, & celadas, & galhardos de coyros de bufaros laurado tudo de seda de cô- res, & muytos trazião manilhas douro & pedraria, & todas estas velas muy- to bem artilhadas de muyto boa arte- lharia, & como erão tantas como digo. E hião juntas a multidão dos mastos pa recia hũa mata muy espessa, & assi fa- zia sombra. E vendo dom Lourenço esta armada tão grossa entrou logo em conselho com os fidalgos & capitães & outras pessoas principaes de sua arma- da, em que mostrou a carta que lhe seu pay escreuera em que lhe mandaua q̃ pelejasse com os imigos. E sobrissolhe disse que se lembrassem de nosso sñor & que de boa vontade se ofrecessem à morte por sua santa fê, pois elle de muy to milhor padecera por os saluar, & que lhes lẽbrasse que era aquele hũ dia em que sem serẽ rogados lhes deuia de lẽ- brar os muy grandes tormẽtos que ele padecera por sua saluação, & não por interesse q̃ lhe nisso fosse, senão pera q̃ liurãdoos de seus peccados os leuasse à gloria: por isso q̃ ho acõpanhassẽ muy to ledos pera pelejar com aqueles cães de que tiuessem por muy certa a vi- toria, porque nosso senor tinha muyto grande cuydado dos Christãos, nem a uia nũca de sofrer q̃ a sua santa fé fosse abatida. E em q̃nto ele hia fazẽdo esta fala hũ capelã seu se subio ao chapiteo da nao, & mostrando hũ crucifixo à to dos os da frota dizia pregandolhes q̃ se lembrassem dos mandamentos de de- os, & que ele perdoaua de sua parte os peccados a todos aqueles que se arrepẽ dessem de coração & cõ tenção de pe- lejar por sua sãta fê, & dizia Ora filhos meus vamos cõtra os imigos de boa võ tade com confiança que os auemos de vençer, pois leuamos por capitão a nos so señor Iesu Christo crucificado por nossos peccados com ho grãde amor q̃ nos tem. E ho feruor com que dezia es tas palauras, & juntamente a vista do crucifixo comoueo a todos que choras- sem com deuação, & que desejassẽ de morrer naquela batalha por amor de

nosso sñor & assi ho dizião, & por isso foy assentado que pelejassem cõ os imigos & que dõ Lourenço, & Nuno vaz pereyra porq̃ leuauão melhor gẽte & mais, aferrassem cõ a capitaina, & sota capitaina dos imigos q̃ erão as mõres de toda a frota & hião diante de todas, & enquanto os nossos hião nisto os imigos que leuauão ho vento apopa se chegauão de cada vez mais pera os nossos que hião pela bolina: & não podião tanto surdir, & sendo dõ Lourẽço a tiro de bombarda das duas capitainas mãdou lhes tirar cõ a artelharia pera ver se trazião os imigos muyta: & ho mesmo fez Nuno vaz pereyra: & eles derão talmostra domẽs que vinhão bẽ prouidos, & por acalmar ho vẽto não ouue este dia mais batalha.

Capitulo. XXVII. Da muyto famosa uitoria que dom Lourenco, & seus capitães ouuerão da armada de Calicut, & como despois dela se partio dom Lourẽco pera Cochim.

EAo outro antes de ventar ho terrenho mandarão os capitães mõres dos imigos algũs recados a dõ Lourẽço dizendo q̃ eles hião pera Cananor a tratar em suas mercadorias & com esse proposito hião & não de pelejar coele nem ho auião de fazer que os deyxasse ir em paz, ao que dõ Lourenço respondeo que ele era bem lẽbrado de quam mal os mouros goardarão sempre a fẽ aos nossos, como erão testemunhas os q̃ matarão em Calicut, & os quatro mil cruzados que roubarão na feitoria: por isso que se não auia de fiar deles, q̃ passassem se podessem, porque auia de fazer que soubessem quanto pesauão os golpes dos nossos, & que esforço era ho seu, ao que os imigos responderão que pois assi queria que Mafamede os defẽderia & destruiria seus imigos, & começãdo de ventar derão as capitainas dos contrayros as velas poendo as proas na nossa frota que estaua da bãda da terra obra dhũ tiro de bõbarda de Cananor, donde se podia ver a peleja, & porque elrey dessa cidade a visse & fosse testemunha da valentia dos nossos, sofreo dõ Lourẽço espar ali os imigos, & ẽ q̃nto se chegauão a ele fez almorçar os seus. E despois lhes disse, Ora sus hirmãos agora he tempo que cada hũ mostre seu esforço & valentia, & dizendo isto como as duas capitainas estauão ja a tiro de lança dele poẽ a proa neles, ao que eles derão muy grãdes gritas que parecia que furauão ho ceo, & era cousa medonha de ver ho artoido das trombetas, & doutros instrumẽtos que trazião, porẽ dom Lourenço que os não tinha em conta com a esperãça em nosso sẽñor q̃ lhe daria vitoria foy abalrroar a mayor das capitainas q̃ trazia seiscentos homẽs de peleja, & tres vezes deytou ho arpeo, & outras tãtas lho desaferrarão os immigos como homẽs que receauão de pelejar cõ os nossos. Mas da quarta vez foy aferrada, & os nossos saltarão logo dentro muy ousadamente, principalmente dõ Lourenço, Felipe rodriguez, Ioão homẽ, Fernão perez dandrade, Vicente pereyra, Ruy pereyra & outros, & começouse hũa crua batalha, & dõ Lourenço pelejaua com hũa alabarda pequena com que fazia assaz de dano nos immigos, ferindo hũs & matãdo outros sem lhe valer a multidão de frechas que tirauão, & outras armas offensiuas de

que se aproueytão, porque tambem os nossos vendo a valentia do seu capitão môr, por se parecerem coele faziã cousas muy assinadas: & de tal maneyra pelejarão que quãtos immigos estauão na nao forão todos môrtos. Porque cõ verem que erão muyto mais que os nossos sempre lhes pareceo que ficasse coeles a vitoria: & isto os enganou pera morrerem todos. E cõ tudo muytos dos nossos forão aqui feridos, antre os quaes forão Fernão perez dandrade, Vicente pereyra, Ioão homem: & outros a que não soube os nomes. Vencida esta nao foy dom Lourençoacodir a Nuno vaz pereyra que estaua em grande perigo, porque indo pa abalrroar a outra nao ficou atraues dela: & ho vento & a agoa ho deitarã debaixo da proa da nao por ser a carauela pequena em respeyto da nao, que com ho arfar que fazia com a proa ouuera de meter a carauela no fũdo: & mais acodião todos os immigos à proa, & como estauão dalto podião ferir os nossos à sua vontade, & tratauão os mal. E estando neste perigo chegou dom Lourenço, & aferrou com a nao, & entrouha. E sentindoho os immigos acodirão logo pera lhe defenderem a entrada, & serião mais de quinhentos: & coisto ficou Nuno vaz desaliuado & pode entrar na nao, & entrou pela proa de maneyra que ficarão os immigos antre le, & dom Lourẽço. E tambem aqui foy a peleja muy braua, & os immigos forã todos môrtos sem escapar nenhũ. Os outros que virã desbaratadas estas duas naos que cuydauão q̃ ambas abastauão pera desbaratar a nossa frota remeterão a ela com muy grãde impeto, & como as suas velas erão tantas como disse fizerã as apartar hũas das outras. E apartadas foy logo cada hũa cercada de quinze ou vinte das dos immigos, &

& algũas de mais, de maneyra que quasi se não enxergauão, mórmẽte com as nuuẽns de frechas que os immigos tirauão, & com os infindos tiros dartelharia que desparauão. E era ho arroydo tamanho que não se ouuia ninguem posto que esteuesse muyto perto hũ do outro, & os nossos com quanto estauão tã cercados: & que auia mais de duzentos pera cada hũ, & que trabalhauão muyto por entrar coeles. Daua lhes nosso senhor tamanho esforço que se defendiã dos immigos que os não entrassem: & não soomẽte se defendião, mas fazião grande destruyção neles. E hũ dos capitães que mais marauilhosamẽte a fez foy Ioão serrão, o q̃ algũs auerão por impossiuel. Porque lhe aconteceo por vezes acharse cercado de cincoenta paraos muy bem artilhados, & tiraremlhe todos & não lhe fazerem nenhũ nojo na galê, nem lhe matarem nenhũ dos seus, bem que lhe ferião muytos de frechadas. E durando assi a batalha aconteceo que ho bargãtim de Simão martiz se apartou hũ pouco da nossa frota pa ho mar, o q̃ deu causa a quatro paraos dos immigos ho hirem logo cercar: & como ho bargantim era rasteiro & os paraos altos, alem de ho afogarẽ antresi ficauão os immigos dalto, & tratauão muyto mal aos nossos, de frechadas, & zagunchadas, com que todos forã feridos, o que eles lhe não podião fazer por quão baixos estauão, nẽ menos podião fazer nojo aos paraos por não terẽ poluora, que a tinhão gastada dos muytos tiros q̃ tinhão feytos: & em tanta estreiteza se virão que por força se ouuerão de recolher ao toldo do bargantim pera ali se empararẽ dos arremessos dos imigos: de que hũs quinze saltarão no bargantim dando ja os nossos por vencidos. O q̃ vendo Simã martinz como era muy esforçado não ho pode sofrer, & remete a eles cõ a espada leuãtada dizẽdo muyto alto. O bõ Iesu ajudanos porq̃ tua sancta fe nã receba deshõrra. E dizendo isto entraua pelos immigos ferindo os tão de pressa & tão brauamẽte que derribou seys mórtos, & os outros espantados de tal valẽtia derão cõsigo no mar & nadãdose forão a outros paraos, do que os que estauão neles enuergonhados se ajuntarão logo outros quatro paraos, & forão socorrer aos que tinhão cercado ho bargãtim, que com o que Simão martinz fez estaua mais desaliuado. E vendo Simão martiz ho socorro que vinha cobrio muy asinha hũ barril que fora de poluora cõ hũ pano grande pintado pera que assi cuberto parecesse que era algũa grande bombarda, & fez que lhe punha ho fogo pa a desparar, o que visto pelos immigos, & cuydando que era verdade ouuerão tamanho medo de os meter ho tiro no fũdo q̃ se afastarão. E liure Simão martinz de tamanho perigo teue lugar de se tornar a ajuntar com dom Lourenço, que neste tempo abalrroara cõ sete paraos & ajudado dos seus os despejara dos immigos, matando os mais deles: & cõ a artelharia meteo no fundo dez naos, de que hũa hia carregada dalifãtes, & assi ho fizerão muy esforçadamente todos os outros capitães, & os de suas capitanias, fazẽdo grãdes façanhas. E por isso se os immigos desbaratarão & fugirão cada hũ pera onde podia. Pelo qual dom Lourenço deu muytos louuores a N. S. & mais porq̃ em tamanho c[õ]flito como aquele fora lhe não matarão ninguẽ, & isto lhe fez dizer a todos q̃ pois tinhã vencido que seguissem a vitoria. E derã a pos os imigos que fugião da

nossa frota, como q̃ esa fora de cẽ velas grossas & com quanto era ja noyte não cessarão os nossos do encalço q̃ durou quasi toda ela, porque ho luar os ajudaua, dandolhe claridade pera verem os imigos em que fizerão espãtosa destruição assi de mortos como de feridos, & meterão hũa nao grossa no fundo com bõbardadas em que forão mortos quinhẽtos homẽs juntos & assi foy desbaratada a frota dos imigos de horas dal morço ate toda aquela noyte, sem dos nossos falecer pessoa algũa, & dos immigos morrerão passante de tres mil assi na frota como no alcanço, segundo se despois soube per quem dom Lourẽço os mãdou cõtar, & afora outros muytos que forão afogados no mar, de q̃cõ a marẽ sahião despois tantos na praya que se fazião deles bardas muy altas. E nas naos que os nossos tomarão que forão noue foy achada muyta riqueza, & forão tomadas duas bandeyras del rey de Calicut. Auida esta vitoria dõ Lourenço se tornou a Cananor, & na ponta achou Lourenço de brito com todos os da fortaleza postos em armas, & as portas dela fechadas, porque tãto que a batalha foy começada crendo os de Cananor que a vitoria auia de ficar com os de Calicut se ajuntarão todos ao derredor da fortaleza pera lhe darem combate como dõ Lourenço fosse desbaratado & por isso mãdou Lourẽço de brito fechar as portas, & estaua assi apcebido, & quando vio dom Lourẽço tornar com a vitoria choraua de prazer com todos os outros; & os mouros de pesar por a destruição que virão fazer em seus naturaes porque muytos dos q̃ escaparão da batalha forão varar em terra onde escaparão. E sabida esta vitoria por el rey de Cananor cõsiderando ho grande esforço dos nossos começou delhe querer muyto mayor bẽ que dantes, & telos em muyta cõta, & se fora em sua mão ele tomara vingãça nos immigos que se acolherão a sua terra, mas não podia, porque os mouros como disse podião muyto. E foy logo visitar Dom Lourenço: & darlhe os prolfaças da vitoria com muytos louuores E despois desta milagrosa vitoria dõ Lourenço mandou edificar na põta de cananor em hũa hermida de mouros q̃ ali estaua outra da auocação de nossa señora da vitoria, a cuja honrra promete ra de a fazer quãdo entrou na batalha, se lhe deos deyxasse sayr cõ a vitoria. E algũs dizem que deixou ho cuidado de fazer a hermida a Lourenço de brito, & que ao outro dia se partio pa Cochim, onde ho visorey estaua com grã de fadiga do sprito, esperando a noua da batalha. E quando vio dom Lourenço viuo, nã cabia de prazer: & fez muyto grande festa a quantos hião coele, louuando muyto seu esforço.

Capit.xxviij. Do que acõteceo a Frãcisco danhaya indo pera moçambiq̃ E de como Pero barreto de magalhães com os outros capitães chegarão a India.

DEſpois de acabada a tranqueyra de çofala mãdou ho capitão Pero danhaia hũa armada a correr aquela coſta ate Moçambique como leuaua por regimento del rey de Portugal porquem hia prouido pera capitão môr deſta armada Franciſco danhaia, que foy no nauio em que fora de Portugal. E leuou em ſua cõſerua ho nauio de Ioão de queyros, em que hia por capitão hũ criado de Pero danhaia que ho auia ſẽpre de ſeguir, & leuou mais em ſua companhia ate Moçambique, a Gõçalo vaz de goios, & a Ioão vaz dalmada que dahi ſe auião de ir pera a India & chegados a Moçãbique, que ſe apartarão indo Frãciſco danhaia ſô ſem ho outro nauio tomou por força darmas hũa nao de mouros de Cãbaia carregada de mercadoria em que catiuou ſeſſẽta deles, & indoſe coeſta preſa a Moçãbique determinado de carregar coela ho ſeu nauio, & deyxar hi ho outro, & tornarſe a çofala hũa noyte por mâ vigia ſe ꝑdeo cõ a nao dos mouros em hũ bayxo porto de terra, & de hũa ilha â que com bayxa mar podião ir a pê enxuto, & neſta ilha ſe ſaluou Frãciſco danhaya com os que leuaua que todos eſcaparão, & perdeoſe a mercadoria ſômente, & primeyro que ſe acolheſſe a eſta ilha mandou matar todos os catiuos porque ſe lhe não leuãtaſſem, & vẽdoſe aſſi perdido ouue conſelho cõ a gẽte que ſe foſſem a Quiloa q̃ eſtaua perto, porque não tinhão outro remedio, & forão no ſeu batel a que fizerão grãdes arrombadas, & de caminho tomou hũ zãbuco de mouros que hia carregado de Marfim que todos forão mortos & tomado eſte Zãbuco mudouſe a ele parte da gente do batel, & aſſi chegou à Quiloa em veſpera de Ramos do anno de mil & quinhẽtos & ſeis. E aqui achou Pero barreto & Gõçalo aluarez q̃ não poderão paſſar com os leuantes, & eſtaua Lucas dafonſeca que ſe perdera da armada do viſorey, & inuernara ali: & eſtauão tambẽ Gonçalo de goios, & Ioão vaz dalmada, & ſabendo ho capitão de Quiloa como ſe ꝑderão no bayxo ho nauio de Franciſco danhaya, & a nao de Cambaya mandou lá tirar de mergulho a artelharia do nauio: & aſſi ſe tirou, & tãbem a mòr parte da mercadoria da nao de Cambaya, & vendo Franciſco danhaya que não tinha embarcação em q̃ ſe tornaſſe a çofala, & q̃ ſe Pero barreto eſtaua de caminho ꝑa a India determinou de ſe ir coele, porq̃ foy aconſelhado que ho fizeſſe. E preſtes Pero barreto pera fazer viajẽ partiose de Quiloa pera a India ſegunda feyra da ſomana mayor, & leuou debayxo de ſua capitania môr Ioão vaz dalmada, Gonçalo aluarez, Iorge mendez, & Lucas dafõſeca, & ao ſair da barra deu a ſua nao em hũ bayxo, & perdeoſe, & com tudo nam deyxou de ſe partir, & embarcouſe no nauio de Lucas dafonſeca, porque ja quando ſe perdeo, Ioão vaz dalmada, & Gonçalo aluarez erão fora da barra, & poſto que ſouberão a perdição da capitania não poderão tornar atras por ſerem as corrẽtes muyto grandes & ho vento contrairo pera tornar. Aſſi que partido Pero barreto de Quiloa chegou a Melinde na ſegunda oytaua de Paſcoa, & hi achou Ioã vaz, & Gonçalo aluarez que ho eſtauão eſperando, & por vir menẽcorio deles parecendolhe que acinte ſe forão diante por ho não acompanharem lhes tirou as capitanias ſem lhe querer leuar em conta a diſculpa que lhe derão de não

poderẽ tornar atras, & tiradas as capitanias tomou pera si a nao de Gonçalo aluarez, & a de Ioão vaz dalmada deu à Payo de sousa que era seu primo, & atrauessando de Melinde pera a India passou aquele golfão em treze dias, & chegou a ilha danjadiua a dezoyto de Mayo do mesmo anno: & temendo que a sua nao & a de Pero de sousa & de Iorge mendez lhe dessem a costa se passasse a Cochim por ser entrada dinuerno, não quis passar, & ficou ali inuernando & Lucas dafonseca por ser ho seu nauio mais peq̃no se atreueo a passar, & indo coele muyta gente das tres naos que ficauão em Anjadiua foy ter a Cochim, onde contou ao visorey tudo ho que disse atras.

Capitulo. XXIX. De como foy comecada a fortaleza de Cochim, & de como ho uisorey mãdou tirar os olhos a hũ Naire de Calicut por hũa treycão que lhe quisera fazer.

Aeste tẽpo estaua feyta grã de parte da fortaleza de Cochim, porque afora a gran de diligẽcia que ho visorey punha em a fazer foylhe grande ajuda achar feytos os alicesses, & algũa cousa das paredes como ja disse. E assi deixou começada hũa fortaleza de madeira no passo do vao que era ali muyto necessaria pera escusar goarda de nauios, se el rey de Calicut quisesse tornar a fazer guerra. E esta fortaleza mandou ho visorey acabar despois, & foy capitão de la hũ caualeyro chamado Ioão pegas, & a capitaina da fortaleza de Cochim foy dada a dom Aluaro de noronha q̃ a leuaua de Portugal. E nestas obras leuauão os nossos muy grãde trabalho por que como ainda não auia gẽte da terra pera ho seruiçio, assi fidalgos como caualeyros, & todos os outros dahi pera bayxo trabalhauão continuamente: & hũs erão cauouqueiros, & cayeiros, outros pedreyros, & carpenteyros, & outros fazião caruão pera as ferrarias, & varauão os nauios, & tudo isto se fazia com tam boa vontade que mais não podia ser. E afora a terem todos de seu natural pera ho seruiço de seu rey: & ho visorey lha acrecentaua com ser muyto brando & benigno pera todos, & muyto cõuersauel. E se isto não fora não podera aturar tanto trabalho. Ho visorey tinha esta ordem, leuantauase ante manhaã & ouuia logo missa com toda a gẽte junta, & dali se hia coela ao trabalho, que duraua ate oras de comer: & despois tornauãose a trabalhar ate noyte, & ainda nela os nossos não tinhão descanso, porque vigiauão os nauios questauão varados por os não queymarem os mouros. Assi que nem de dia nem de noyte nunca estauão sem trabalho, nẽ tão pouco se guardauão os dias de festa por necessidade q̃ auia. E jũtamẽte cõ este trabalho do corpo tinhã outro ẽco mer muyto mal, q̃ sòmẽte os q̃ comião

a mesa do visorey comião pão fresco de trigo, cada pessoa hũ a cada comer, & muyto pequeno: & algũas galinhas, pescado & arroz. Mas os q não comião a ela não matauão a fome mais que cõ arroz, sem outra nenhũa mestura. E assi hũs como os outros não bebião vinho, porque ho não auia. E aqueles que não comião mais que arroz perdião a cor & andauão empãturrados & doentes. E deste trabalho dos nossos se espãtaua muyto a gente da terra. E el rey de Cochim não podia acodir cõ mantimẽtos por ser a terra muy pobre deles. E esse arroz q ho visorey tinha tomarão os nossos nessas naos de presas. E durãdo assi este trabalho foy ho visorey auisado secretamente per hũa malabar gẽtia que passando ela per hũ dos passos de Cochim vira estar nele hũ parao bẽ esquipado de Malabares de Calicut: & que lhe disserão que estauão esperãdo por hũ Nayre Christão morador em Cochim, & casado com hũa nayra Christaã. E por lhe não parecer aquilo bẽ: lho dizia nẽ ho visorey menos não ouue aquilo por bẽ, porq sabia que ho Nayre era natural de Calicut, & viera ter a Cochim mostrando que por agrauos que recebera del rey: & por ser sua tornada daquela maneyra lhe pareceo ter algũa cor de treyção, & por isso ho mandou prender: & vendose ho Nayre preso disse logo ao visorey que lhe desse a vida, & que lhe diria a verdade: & isto cuydando que se sabia ho que andaua pera fazer. E seguro da vida pelo visorey lhe disse que sua vinda a Cochi não fora cõ outro ꝓposito senão pa ho matar, & q ymarlhe a frota: & isto per mandado del rey de Calicut que grãdemente desejaua estas duas cousas, ou q l quer delas quando não podesse ambas & pera melhor executar sua determinação se fingira agrauado del rey de Calicut, & fingira tornarse Christão, & casar cõ Christaã pera se fiarẽ mais dele: & parecendolhe que estaua muy perto de alcançar ho fim de seu proposito mãdara pedir aquele parao a el rey de Calicut. Ouuido isto pelo visorey não ho quis matar por lhe ter prometida a vida, mas mandoulhe arrancar os olhos per Ioão de la camara cõdestabre dos bombardeyros da fortaleza: & desta maneira ho mandou cõ hũa carta a el rey de Calicut: em que dezia que se não fora estimar ele a vida dũ Portugues mais que todo seu reyno, que ele fora a Calicut a matalo & a q ymarlhe a cidade: Mas porque estimaua mais a vida dum Portugues que tudo aquilo ho não hia fazer. E deste recado ficou el rey de Calicut muy assombrado, & muy receoso de ho visorey ir sobrele, & fortaleceose muyto bem, & estaua sẽpre apercebido pera se defender.

Capitulo. XXX. De como os mouros de çofala induzirão a el rey çufe que se leuantasse contra os nossos & ho fez pelo qual foy morto: & como despois disto morreo Pero da nhaia capitão de Sofala.

Neste tẽpo os nossos que estauão na tranqueyra de çofala estauão ẽ muyta paz cõ a gente da terra & auia grande resgate douro, ho q os mouros sentirão muyto porq vião que lhe tirauão os nossos ho ganho que dãtes tinhão & de cada vez lho auião mais de

tirar ſe lhe não atalhaſſem com os faze
rem lançar da terra.E pera iſſo fizerão
crer a el rey çufe q̃ os noſſos nã erão alí
vindos pera reſgatar ouro ſoomente,
mas pera lhe tomar a terra, porque fi-
caſſem de todo ſenhores do ouro que a
uía nela,& pera lha poderẽ tomar mais
facilmente ſe aſſentauão nela com cor
de tratarem porque ſe fizeſſem pode-
roſos:& que ſe ele os queria lançar fora
da terra que então tinha muyto bom
tempo,aſſi por eles ſerem muyto pou-
cos & doentes,como por não lhes po-
der vir ſocorro de nenhũa parte:&que
quãdo outros vieſſem teria ele a ſua trã
queyra,& artelharia onde ſe faria forte
& defenderia. El rey çufe como ouuio
que os noſſos lhe querião tomar a terra
dando credito a iſſo tomou lhes logo a-
borrecimento, & pareceolhe bem ho
conſelho dos mouros & apercebeo ſua
gente pera ho executar. O que ſabido
por Acote ho deſcobrio ao noſſo capi-
tão,prometendo lhe de ho ajudar com
todo ſeu poder, & ſe ir pera ele tres ou
quatro dias antes que os mouros & a gẽ
te del rey deſſe ſobrele: & que teueſſe
grande tento,porque os mouros deter-
minauão de lhe poer fogo âs caſas da
trãqueyra com frechas de fogo que lhe
auião de lançar dentro.E ido Acote ho
capitão fez ajuntar os ſeus; que ſerião
quarenta homens ou pouco mais todos
doentes.& ele tambem, & diſſe lhes.
Se não ſoubera ſenhores & cõpanhey
ros as muytas façanhas ſobre naturaes
que os Portugueſes tem feytas deſpois
do deſcobrimento da India poſeramẽ
em grande afronta o que agora me diſ-
ſe Acote,que el rey çufe induzido pelos
mouros que morão em ſua terra he tor
nado noſſo immigo,& manda ſua gẽte
ſobre nos pera nos tomarem eſta tran-
queyra.E ho principal ardil em que ſe
fundão he deitarennos fogo dentro cõ
frechas,pera o que com ajuda de noſſo
ſenhor ja lhe tenho buſcado remedio:
& eſte ardir a talhado não ha mais que
temer ajudando nos noſſo ſeñor como
eu eſpero.Porque poſto q̃ os immigos
ſejão muytos & nos poucos & doentes
temos hũa tranqueyra muyto forte,&
artelharia que abaſta pera defender q̃
não poſſam chegar a nos, & eles não a
tem pera nos offender,nem tem com
que ſe emparar dos noſſos tiros,& mòr
dano lhe podemos fazer com hum ſoo
de hũa vez que eles a nos em dous me-
ſes,por iſſo não aja quẽ não folgue coe
ſta afronta por mais fraco & doente q̃
ſe ache:porque noſſo ſenhor ha de ſer
cõnoſco.E vede que ainda bẽ não veo
logo nos mandou ho ſocorro donde ho
menos eſperauamos,q̃ he d Acote que
ſendo cafre & mouro que por rezão a-
uia de ſer mais amigo de ſeus naturaes
que noſſo:ele me deſcobrio a treyção,
& me prometeo de nos ajudar com ſua
gente.Pois que he iſto ſe não milagre
de deos noſſo ſenhor,que ſem ho me-
recermos o quer fazer aſſi com noſou
tros,demoslhe por iſſo graças & lou-
uores: & confiemos que pois nos deſ-
cobrio a treyção q̃ nos ha de liurar dela

& coesta fee nos comecemos desforçar & aperceber pera nos defender dos immigos. Ao que todos responderão que assi ho farião, & mostrarão todos muyto esforço. E logo per mandado do capitão forão cheas dagoa muytas tinas pa apagar o fogo: & mãdou fazer prestes sua artelharia, & descobrir as casas da ola cõ questauão cubertas porq̃ ho fogo dos immigos não pegasse nela. E ao outro dia chegou acote muyto de pressa acompanhado de cem cafres, & disse ao capitão que vinhão os immigoa. E com a vinda dacote forão todos muyto ledos, & derão muytos louuores a nosso señor: & ho capitã os repartio logo por suas estancias. E nisto aparecem os immigos da banda do sertão per antre hũ palmar muyto basto, & serião mais de mil homẽs. Ho capitão mandou q̃ não jugasse a nossa artelharia ate que todos se não descobrissem: o que não tardou muyto que não fizerão. E remetendo â tranqueyra cõ hũa furia bestial, hũs tirauã com muytas frechas de fogo, outros querião a tupir a caua com os pees: & como forão descubertos desparou a nossa artelharia & matou muytos dẽles, o que fez afastar os outros: não que deixassem ho combate de todo, se não dar remetidas tornauão achegarse â tranqueyra, & deitauão dentro frechas de fogo, tições acesos, pedras, & paos tostados, & recolhianse logo ao palmar: mas não podia ser tão asinha que os nossos tiros os não pescassem. E nisto andarão ate noyte sem poderem fazer nenhum dano aos nossos: & por derradeiro fugirão de puro medo muyto destroçados, que todo ho campo ao derrador da trãqueyra ficou cuberto de mórtos: com o que se não cõtentou ho capitão questaua muy magoado da treyção que lhe el rey quisera fazer sem ter rezão pera isso. E prouocãdo os seus a vingança coesses que estauão sãos, & com os menos doentes se embarcou ao outro dia em dous bateis bem artilhados, & foy dar em Iangoe onde el rey estaua. E como os immigos estauão atimurizados do dia passado em vendo os nossos fugirão logo & recolherãse nas casas delrey: onde teuerão com os nossos hũa muy aspera peleja sobre a ẽtrada: & todauia os nossos entrarão fazendo grande matança nos immigos. E vẽdo se el rey entrado, & sentindo os nossos na casa em que estaua, com quanto era velho & cego não perdeo ho coração que sempre teuera, & começou de tirar com as azagayas q̃ tinha a par de si: & acertou de dar com hũa no pescoço ao nosso capitão & ferio ho pouco. O que visto pelo feytor remeteo a el rey & cortoulhea cabeça, & com sua morte se desbaratarão de todo os imigos & fugirão, & os nossos ficarão senhores das casas & do lugar, a que ho capitão não quis fazer mais dano por ser ja morto el rey çufe: cuja cabeça ho capitão mór mãdou pregar no bico dhũa lança & aruorala diante da trãqueyra pera que os da terra a vissem, & se escarmentassem pa goardarẽ lealdade aos nossos. E pera que os animasse â isso, & desse a cote ho galardão q̃ merecia selo rey de çofala, & coisso ficou a terra de todo pacifica. E da hi a algũs dias adoeceo ho capitão de febres, & morreo: & os nossos fizerão capitão ao feytor, que auia nome Manuel fernãdez, que como ho foy fez dentro na trãqyra hũ cobelo de pedra & cal. E por este seruiço ho fez despois el rey dom Manuel fidalgo de sua casa, & lhe deu apelido de menajem por amor do cobelo que fez. Deu lhe por armas hũa tor-

re de menaje azul em campo verde, & encima da torre hũa cabeça dũ rey ne-gro por amor del rey çufe que ele ma-tou, porẽ ho feytor durou pouco nesta capitania: porq̃ sabendo ho visorey na India a morte de Pero danhaia man dou por capitão a çofala a Nuno vaz pe reyra, & por alcayde mòr a Ruy debri to patalim, & no mesmo nauio em que eles forão se foy Manuel fernandez pa a India, & não q̃s tornar a ser feitor

Capitulo. XXXI. De como partio pera a India Tristão da cunha por capitão mòr da frota que foy pera lá no anno de seis, & do que passou na uiagem, ate chegar a Moçambique.

COmo quer que a el rey de Portugal lhe parecesse que ho principal ponto em que consistia ho assento da India era em lançar fora dela aos mouros do mar roxo, porq̃ eles fazião aluoroçar os reys do Malabar determinou de buscar maneyra cõ q̃ lhe tolhesse a nauegação que fazião pera a India assi do mar roxo como do estreyto da Persia: & a maneyra q̃ achou pera isto foy mandar fazer naquelas partes algũas fortalezas pricipalmẽte na ilha de çacotora situada ãtre ho cabo de Fartaque & ho cabo de Goardafum que fora de Christãos & ao presente tinha vsurpado seu señorio el rey de Fartaq̃ que era mouro. E tãbem naquela paragem determinou de trazer hũa armada por quãto os mouros que vinhão do mar roxo não tinhão outro caminho se não por ãtre estes dous cabos onde estaua esta ilha, & pera fazer esta fortaleza escolheo a Tristão da cunha fidalgo de sua casa a quem fez capitão mòr da frota que auia de mandar a India no ãno de mil & quinhẽtos & seis que foy de oyto naos grossas & hũ nauio de gauea & hũa carauela. Das naos forã por capitães afora ele que hia na nao Santi ago, Aluaro telez na garça, Lionel coutinho na leitoa velha, Ruy pereyra coutinho em são vicente, Iob queymado na sua nao, Ruy diaz pereyra alferez mòr em são jorge, Ioão gomez dabreu na judia, Aluaro fernãdez de sintra hirmão de Gaspar gõcaluez, na nao de lagos em que hia tambem Andre diaz alcayde pequeno de Lisboa. E as mais destas naos erão darmadores a quẽ as el rey fretou. Da carauela era capitão hũ Tristão aluarez moço da camara delrey, & do nauio q̃ auia nome santo Antonio hũ criado de Tristão da cunha: porq̃ ho nauio era do mesmo Tristão da cunha com quem auia de ir Afonso dalbuquerque, que cõ Francisco dalbuquerque fizera em Cochim ho primeyro castelo. E por ser pessoa em q̃ el rey tinha muyta confiança pola experiencia q̃ tinha dele lhe deu a capitania mòr da armada que auia dandar no cabo de Goardafũ cõ poder de Mero & misto imperio tirando que cometẽdo os capitães que ouuessem dandar coele, casos por onde merecessẽ morte lha nam daua, mas presos com os autos de suas culpas os mandaria a el rey que os castigasse & assistiria a chamado do visorey quãdo ho mandasse requerer pera seruiço del rey, & por galardão do seruiço que el rey esperaua de aqui receber Dafonso dalbuquerque lhe deu hũ aluara de subcessão da gouernança da India acabando ho visorey tres annos que lhe erão ordenados pera gouernar, ou se falecesse primeiro, & este lhe foy da-

do çarrado, & asselado: & dizia no sobrescripto. Este se abrira quado Afonso dalbuquerque ho requererer, & ho sobrescripto asinado por elrey. E mais lhe deu outro q podesse tomar em seu nome os que lhe bem parecesse, & assẽtalos em moradia, & ordenoulhe logo os nauios & capitães que auia de trazer em sua armada no cabo de Goardafũ, os quaes forão afora ele que hia na nao Cirne em que tinha algũa parte, Francisco de tauora em hũa nao grossa que se chamaua ho rey grande, Manuel telez barreto capitão do rey peqno. Antonio docãpo da nao Santispríto, Afõso lopez dacosta dhũa taforea: & ẽ Moçambique ou em Quiloa lhe auia Tristão da cunha de dar outro capitão q se chamaua Peroquaresma que partira de Portugal ho anno passado, & andaua no trato de Quiloa pera çofala: & assi lhe auia de prefazer quatrocentos & cinquoẽta homẽs q tantos queria elrey q trouuesse em sua armada, porẽ Afõso dalbuquerque & seus capitaẽs auião de ir debayxo da capitania de Tristão da cunha ate q fizesse a fortaleza ẽ çacotora, & pa mais breuidade de sua edificação el rey mandou laurar hũa fortaleza de madeira que leuasse Tristão da cunha que logo mãdasse armar pera q por dentro se fizesse outra de pedra, & a gente se defendesse, & feyto tudo isto & fornecida a frota, partiose Tristão da cunha de Lisboa a seis Dabril do anno de mil & quinhentos & seis. E por quãto a este tẽpo morrião de peste em Lisboa foy a frota atormentada desta doença ate Bezeguiche onde fez agoada, & aqui forão deixados os doentes q trazia, & feyta agoada seguio ho capitão mõr sua rota costeando a costa ate se fazer na volta do Brasil pera dobrar ho cabo de santo Agostinho, & na fim de Iunho ouue vista do rio de São Sebastião na mesma costa do Brasil a rẽ do cabo de santo Agostinho que nũca pode dobrar cõ tempo contrayro, & arribou â costa de Guinẽ õde ouue vista do cabo do monte, & arribãdo assi a mea boroa desapareceo hũa noyte a nao de Iob queymado, que arribaua coele, & foy ter â ilha de são Thome donde tornou a sua viagẽ & cõ terrenhos, & viraçães foy sẽpre ao lõgo da costa, ho que nũca aconteceo a nao nesta carreyra, & assi foy ter a Moçãbique onde achou ho capitão mõr que do cabo do monte tornou a sua nauegação pera ho cabo de santo Agostinho & ho dobrou. E indo na volta do cabo de boa esperança hũ domingo pela manhã ouue vista daquelas ilhas q se agora chamão de Tristão da cunha & assi lhe pos nome por ser ho que as discubrira, & estas estão dabãda do sul em altura de trinta & oyto graos, & são despouoadas & tẽ grandes rochedos, & ha nelas muytos passaros, principalmente coruos marinhos, & atrauessando delas pera ho cabo de boa esperança deu hũa grande tormẽta na frota, & as naos se espalharão per diuersas partes, & delas dobrarão ho cabo cõ muyto trabalho ẽ diuersos tẽpos & ho capitão mõr foy ter ao parcel deçofala de q mandou saber nouas per Afonso lopez da costa, & ele ficou no parcel onde andou algũs dias em q lhe morreo algũa gente, & dahi foy ter a Moçãbique no mes de Dezẽbro, onde auia dinuernar por não poder passar a quele anno â India, & hi se forão ajũtar coele os outros capitães da frota, saluo Lionel coutinho que passou & foy inuernar a Quiloa, & Aluaro telez que foy ter ao cabo de Goardafum, & hi

fez muytas presas cõ que enrriqceo,& dahi foy despois ter a çacotora cõ ho capitão mór:& Ioão gomez dabreu indo caminho de Moçãbiq foy ter a ilha de são Lourenço pela bãda de dentro, a hũa baía q se agora chama a baía fermosa,& ẽtrarão nela,ho saio a receber hũa almadía em q vinhão dezoito mãçebos remando, & estes baços: & erão da mesma ilha,& forãose a nao muyto seguros,& entrarão dentro mostrãdo muyto prazer cõ os nossos: & vinhão nus,& ẽcachados cõ panos de palma & trazião algũs inhames, & galinhas q derão ao capitão & assi trazião hũas cousas redõdas como bugalhos q cheyrauão a crauo,ho capitão lhes mandou dar de vestir,& pregũtoulhe se auia daqueles bugalhos na terra & isto por acenos que ali não auia quẽ os entendesse, & dizendo os mançebos que si:tomou dous deles pa os leuar ao capitão mór cõ os bugalhos:porq auendo lá quẽ os entẽdesse soubessẽ se erão os bugalhos crauo & assi que terra era aquela,os mãçebos ficarão coele de boa vontade,& hũ deles se chamaua Olo, & coisto se partio pera Moçãbiq onde achou ho capitão mór:& lhe fez relação do que digo & vendo ele que os bugalhos cheirauão a crauo & por lhe dizerem algũs da terra que naqla ilha auia muyto gingibre,& prata & que era muyto grãde, determinou de ir saber dela ho mais q podesse,& dizẽ que ele lhe pos nome a ilha de são Lourenço por Ioão gomez ir dar coela ẽ tal dia, & afora a causa q digo porq ho capitão mór quis ir a ela, foy tãbem porque auia destar em Moçãbique esperãdo a moução dos ponentes com q auia de ir a çacotora,que vẽtauão então os leuantes q era ho proprio tempo pera ir a esta ilha;& assi ho disse a Afonso dalbuquerque, & no cõselho que teue sobre sua ida onde todos acordarão que fosse, & concertada sua ida partiose pera lá na fim do mes de Dezembro.

Capitulo. XXIII. De como ho capitão mór foy a ilha de são Lourenço de que lhe aconteceo, & algũs dos capitães: & se tornou a Moçambique.

Os capitães q hião coele forão Afonso dalbuquerque Antonio do cãpo, Manuel telez, Francisco de tauora, Ioão gomez dabreu, Ruy pereira coutinho Tristão aluarez as outras naos ficarão ẽ Moçãbiq saluo a Dafõso lopez da costa q não era ainda vindo de çofala & deixou ho capitão mór recado a Ruy diaz pereira que vindo ali ter Pero çoresma que atras disse que lhe tomasse ho nauio de q andaua por capitão,& ho desse a hũ Ruy soarez comendador da ordẽ de são Ioão que fora criado do prior de Crato dõ Diogo dalmeyda que trazia hũa prouisão pa lhe ser dado pera andar cõ Afonso dalbuquerque. E deyxou regimẽto a Ruy soarez que se fosse a çofala com a mercadoria que ho nauio trouuesse,donde se tornaria a Moçãbique pera ir coele, & ficar com Afonso dalbuquerque, & ho nauio foy dado a Ruy soarez,& foy a çofala:mas quando tornou nã achou ho capitão mór como direi adiãte, Assi que partido ho capitão mór chegou a ilha de são Lourẽço pela banda de dẽtro,& deu em hũ lugar chamado çada, & ẽ outro q auia nome Lulangane por q a gente da terra ho não quis receber:

& em ambos achou resistencia porque posto que a gente da terra anda nua tẽ varas tostadas com hũs ossos dalimari as por ferros de q̃ se aproueytão muyto na guerra, & fazẽ coelas grãde passa da: E destruidos estes lugares, foy o capitão môr costeãdo a ilha pera dobrar o cabo dela per aquela bãda, & rodeala pela bãda defora ꝑa ver se achaua prata, gimgibre, ou crauo: porque ainda nã tinha achada nhũa cousa destas pela banda de dentro: & chegou ao cabo dela ẽ dia de Natal: & por isso lhe pos nome ho cabo do Natal, & ali lhe deu tamanho tẽporal de vento pordauante que nunca pode dobrar ho cabo. E coesta tormenta a nao de ruy Pereira que hia perto de terra se perdeo na costa & morreo muyta gente, & antrela ruy Pereira: & as outras naos escaparã por irẽ alamar: & vẽdo ho capitão môr ꝑder aquela nao ouue medo de se perder tãbem, & arribou pera Moçãbique fazẽdo sinal à frota que arribasse como arribou toda, saluo a nao de Ioão gomez dabreu, que quando sobreueo a tormẽta que digo tinha ja dobrado ho cabo da ilha, & saio fora, & indoa costeãdo foy surgir na boca dũ rio que se chama Matatana ꝑa esꝑar pelo capitão môr cuydando que viesse que ele não sabia nada do que passara cõ a tormenta, & surto vierão logo à nao obra de vinte almadias, & nelas gẽte da terra que trazia pescado: & assi canas daçucar. Ioão gomez porque ho mestre da nao sabia arauia, & outras limgoas: mãdou q̃ entrasse nas almadias pera fazer cõ os negros que entrassem na nao, & mãdou que entrasse ele sô: porq̃ os não escandalizasse, & tãto que foy dentro, derão eles supitamẽte ao remo, & forãose ꝑa terra leuãdo ho consigo, de que Ioão gomez ficou assaz agastado, & armandose com vĩte & quatro homẽs embarcouse no batel que tãbem hia armado dartelharia, & seguio por onde vio recolher as almadias que vio tornar cõtrele chegãdo a mea legoa da terra, & chegarãse ao batel como amigos, & tornarãlhe a trazer ho seu mestre, q̃ vinha vestido ao vso da terra com panos dalgodão, & trazia ao pescoço hũa cadea grossa de prata q̃ teria ate trinta cruzados, & nos braços manilhas, & nos dedos aneis, tudo de prata, & disse a Ioão gomez q̃ aquelas peças lhe dera hũ rey daquela pouoação onde os negros ho leuarão que lhe fizera muyto gasalhado, & lhe dissera que seria muyto ledo se elle capitão quisesse ir a terra, porq̃ desejaua muyto de ho ver, & quãdo os negros ho leuarão não forão por outra cousa senão pera que ho seu rey ho visse, & pois tãbem desejaua de ho ver: q̃ lhe pedia que ho fosse visitar ao outro dia, Ioão gomez cõ ho prazer q̃ tinha de cobrar ho mestre não teue juizo ꝑa determinar se era bẽ hir a terra ou não antes disse logo que iria, & que se auia de ir: que milhor iria então pois estaua tão perto de terra que hir à nao, & tornar ao dia seguinte: E assentado q̃ fosse, foy, & chegando a terra mandou saluar com a artelharia que leuaua, & desembarcado foy recebido del rey cõgrãde festa, & esteue coele ate tarde: E neste tẽpo sobreueo hũ temporal mũy brauo, & çarrouse a foz do rio com ho grãde escarceo do mar, & assi ho achou Ioão gomez emtãto que nunca pode sair pera fora, & desta maneyra durou quatro dias. E vẽdo os que ficauão na nao que Ioão gomez não tornaua cuidarão que era morto: porque por as bõbardadas que ouuirão pareceolhes que segũ-

do hia agastado pelo mestre que lhe os negros leuarão que pelejara, & que ho matarião & a quãtos hião coele quãdo virão que não tornaua: & aparecerlhe isto ajudaua tambem não saberem ho çarramẽto da barra que não tinhão em que ir lá. E desesperados da saude do capitão, & receando que dessem cõ aquele tẽporal â costa determinarão de se ir ainda que não tinhão piloto, porque fora com Ioão gomez. E estando em conselho a cerca da partida disse ho despẽseiro q̃ se não deixassem de partir por falta de quem mandasse a via, porque ele a mãdaria, que bem sabia que demoraua Moçambique onde nacia ho sol, & que não estaua dali mais que sessenta legoas pouco mais ou menos. E coisto se partirão: & indo assi em grãde perigo defronte da ilha Dangoxa quarenta legoas de Moçambique toparão a nao em que andaua ho comẽdador Ruy soarez que hia de çofala pera Moçambique, a que ho feytor da nao requereo da parte del rey que tomasse cargo daquela nao por quãto era de sua alteza, dizẽdolhe logo da maneyra que hião. O que sabẽdo ho comendador tomou a nao em sua companhia, & lhe deu ho seu piloto: & pos na nao por capitão a hũ Iorge bote no seu primo caualeyro da casa delrey: & assi forão ate Moçambique, onde ja não acharão ho capitão mór Tristão da cunha: & o que mais lhe sucedeo ja diante ho direy, por tornar a Ioão gomez que ficou cõ el rey de Matatana: & cessando a tormenta quisera ele tornar â nao, & não a achou. Pelo q̃l, assi ele como os de sua cõpanhia ficarão tão tristes, como a quem aconteceo tamanha desauentura: & cõ quanto Ioão gomez assi ficou sempre o el rey hõrraua muyto, porem ele não podia perder a tristeza q̃ tinha de se ver assi ficar, de q̃ lhe sobreueo hũa doença de que se finou, & tambem dos seus morrerão oyto. E dos dezaseys que ficarão determinarão os treze de se ir pera Moçambique por cõselho do piloto, que lhes disse que pois estãdo ali auião de morrer, que melhor seria auẽturarense ao mar. Quãto mais que ele esperaua em nosso senhor de os leuar a saluamento a Moçambique: & derão conta à el rey de sua determinação, & ainda que lhe pesou lhe deu licença pera se yrem: & eles concertarão ho batel, acrecentando ho cõ arrombadas por amor dos mares que lhe não entrassem, & meterão dentro os mais mãtimentos que poderão, & de muy grossas canas q̃ ha na ilha fizerão canudos em que leuauã agoa, & erão tamanhos que leuaua cada hũ perto dhũ almude, & pera tomar ho sol fez ho piloto hum astrolabio de pao. E percebidos desta maneyra se partirão dali, ficando el rey com grande soydade deles, & coele ficarão tres. E os treze como digo se partirão ja no anno de mil & quinhentos & sete indo ao lõgo da ilha, & por lhes faltar a agoa no atrauessar do golfão a quiserão tomar em hũa ilheta q̃ era pouoada, cujos moradores lhe quiserão defender a agoa, & sobrisso pelejarão os nossos coeles, & lhes matarão algũs: & dos nossos os mais forão feridos dazagayas & pedras que estas erão suas armas. E indo desta maneyra a traues da ilha dãgoxa toparão com Lucas dafõseca que hia da India na sua carauela carregada pera çofala, & leuaua a Ioão vaz dalmada pera ser lá feytor por mandado do viso rey que lhe deu a feytoria despois q̃ Manuel fernandez foy ter a India: & Lucas dafonseca os recolheo na sua carauela onde forão curados: & despois

fazendo volta de çofala os leuou a Moçambique, donde se forão a India.

Capitolo. XXXIII. De como ho viso rey mandou desfazer a fortaleza Danjadiua, & a causa porque.

Acabado ho inuerno, & vindo ho verão em Setembro de mil & quinhentos & seys partiose dom Lourẽço de Cochim a goardar a costa do Malabar, porque não podessem sayr de Calicut, nem doutros lugares pera ho Mar roxo nenhũas naos de mouros com especiaria. E forão com ele os capitães que ja disse, soomente Nuno vaz pereyra que ficaua pera ir por capitão de çofala, cuja capitania lhe ho viso rey dera por saber que Pero danhaya era finado. E partido dom Lourenço veo noua ao viso rey por carta de Manuel paçanha capitão Danjadiua, que aquele inuerno ho teuerão cercado mouros da terra firme & ho poserão em grãde afronta: & lhe ouuerão de queymar hũ bargantim, & as naos que hi inuernarão. E contudo q̃ sayra a pelejar coeles algũas vezes, & que pola misericordia de nosso senhor sempre ficara com a vitoria. E por esta causa, & por el rey de Portugal não receber nenhũ proueito daquela fortaleza como dãtes parecia que auia de receber, antes recebia perda em ter ali gẽte auenturada a perderse que fazia gasto escusado, se determinou em conselho que ho viso rey a mandasse derribar, como logo mandou a dom Lourẽço por seu recado: & escreueo a Manuel paçanha, & ao feytor, & officiaes da fortaleza as causas que forão dadas em conselho pera que fosse derribada. E posto q̃ se derribasse ele auia por seruiço de Deos & del rey, que assi ho capitão como ho feytor, & outros officiaes ouuessem seus ordenados pelo tempo que os auiã dauer como se seruirão seus carregos: porque não era rezão que por se fazer aquilo que compria a seruiço del rey ficassem aqueles que ho seruião com perda. E coesta carta que ho viso rey compriо não sentirã ho capitão & officiaes derribarse a fortaleza. E em quanto se ela derribaua vendo ho viso rey que nã vinha a armada de Portugal, & que passaua ho tempo de sua vinda, mandou pera laa a hũ cide barbudo capitã dhũa nao que chegara despois dentrado ho verão: & partira de Portugal no ano de cinco em companhia de Pero quaresma que a tras disse, & hião buscar Pero de mendoça, & sua gente que se perdera da armada de dom Vasco da gama indo pera Portugal: & tinha el rey de Portugal por noua que se saluara em terra do cabo de boa Esperança com toda a gente, & por isso mandaua estes dous capitães a buscalo. E mandoulhe que sendo caso que ho não achassem que passassem auãte, & Pero quaresma ficasse em çofala pera andar goardando a costa ate Quíloa, & cide barbudo fosse carregar a Cochim: & não achando eles nenhũas nouas de Pero de mendoça nem dos seus (no que se deteuerão todo ho tempo que digo) fizerão o que lhes el rey mandaua em seu regimento. E por este Cide barbudo escreueo o visorey a elrey de Portugal o q̃ se fizera na India despois da partida das outras naos: mas se esta nao

hegou a Portugal eu ho não soube, & ndãdo ho visorey nesta negoceaçã re. uereolhe el rey de Cochi que lhe mã- dasse dar goarda a certas naos suas q̃ tiuha mãdadas a cidade de Chaul cõ es- peciaria, porq̃ tinha sabido que era lá hũa armada del rey de Calicut. E q̃ re- ceaua q̃ lhas tomasse por serẽ imigos. Ao q̃ ho visorey satisfez, porque assi es- taua assentado no cõtrato damizade q̃ fizera com el rey de Cochim, & man- dou recado a dõ Lourẽço que fosse dar goarda as naos.

Capitulo. XXXIIII. De como dõ Lourenço quisera peleiar ẽ Dabul cõ a frota del rey de Calicut, & a causa porque não peleiou, & do mal que se disso seguio.

Esfeyta a fortaleza Dãjadiua, dõ Lourẽço se partio pa Chaul: & afora Felipe rodriguez ẽ cuja nao hia forã cõ ele estes capitães, Rodrigo rabelo, Fernão bermudez, Francisco pereyra coutinho, Lucas dafõseca, Gõçalo de payua, Lopo chanoca, Antão vaz, Ioão serrão, & Diogo pirez. E ido hũs ao pego outros ao lõgo da costa fez muytas presas assi no mar como na terra em q̃ sahio per vezes a tomar lingoa, & a queymar algũas pouoações, & de caminho foy surgir hũa tarde na barra de hũa cidade chamada Dabul, q̃ esta metida por hũ rio acima, & dele sairão logo hũs mouros de Cochi q̃ forão a dõ Lourẽço, & lhe disserão q̃ naq̃le rio es- tauão muytas naos carregadas de mer- cadoria, assi de mouros de Cochi como de Cananor, os q̃es erão todos vassalos del rey de Portugal, & seus escrauos. E por essa causa hũ capitão del rey de Calicut que ali estaua com hũa armada os tinha deteudos pera os saquear, & lhes queymar as naos segũdo tinhão sabido & sabẽdo os señores das naos como ele ali estaua, lhe pedião por amor de deos q̃ como a escrauos del rey de Portugal os fosse socorrer, & os liurasse das mãos dos de Calicut, de q̃ a vitoria estaua muy certa se pelejassẽ coeles, & assi ho proueyto, porq̃ estauão carregados de muyta riq̃za, & que ganhãdo hõrra, & ꝓueyto faria ho q̃ deuia, dõ Lourẽço se enformou de q̃ velas seria a armada dos imigos: & determinando de pelejar coeles disse aos mouros q̃ lhe não podia res põder ate não falar cõ seus capitães por q̃ ho visoreylhe defendia q̃ nhũa cousa fizesse sẽ seu conselho. E por ser ja tarde q̃ falaria coeles ao dia seguinte pola manhã. E cõ tudo ele se determinou logo como digo dẽtrar pera dẽtro do rio segũdo todos julgarão pelas palauras q̃ disse dahi a pouco estãdo ceando cõ os q̃ andauão coele: & foy que acertando a nao de fazer agoa, & lhe acodisse Felipe rodriguez ficou dõ Lourẽço pẽsatiuo. E aq̃les q̃ stauão a mesa cuidãdo que seria por amor dagoa q̃ a nao fazia, lhe dissefão q̃ não era a agoa perigosa. A q̃ ele respõdeo, não cuydo nisso senão se cearemos amanhã jũtos como agora es tamos. E ao outro dia ãtes de vẽtar a viração chamou a cõselho, & propos ho q̃ os mercadores lhe mãdarão pedir pe dido a cada hũ seu parecer, ao q̃ foy res põdido por Fernão bermudez, & Gõçalo de paiua q̃ a petiçã dos mouros era justa, & q̃ lhes parecia bẽ q̃ pelejassem cõ os imigos se nã esteuerã metidos naq̃le rio, o q̃ auião por grande incõuenięte polo ainda não saberem, porque quiça seria a barra perigosa, & se ho fos se & ẽtrauão, auẽturauã muito mais do que ganharião ẽ desbaratar os imigos,

& se ao ẽtrar da barra lhe acõtecesse al gũ desastre eles erão os desbaratados & q̃ não auia tẽpo pa se saber se na barra auia perigo por estar tão goardada dos imigos como estaua, & q̃ bẽ podia ser q̃ como os mouros de Cochi erão parẽtes, & amigos dos de Calicut lhe q̃rerião dar ajuda daq̃la maneyra pois não podião por outra, & fingiã aq̃le medo q̃ lhe querião queymar as naos pera da rẽ coeles em algũa cilada, porq̃ como auia dauer q̃ seus parentes & amigos lhe quisessẽ então queimar as naos mais q̃ em outro tẽpo tendo sempre tãto pera ho fazer, pelo q̃ aq̃la noua imizade lhe parecia fingida pa fazerẽ ho q̃ sospeytauão, & cõ tudo se teuerão certeza da barra ser sẽ perigo q̃ seu parecer fora q̃ ẽtrarão, & pelejarão cõ os imigos: mas pois não sabião q̃ janda era q̃ não ẽtrassẽ, & se tornassẽ pa Chaul a goardar as naos q̃ la estauão, que erão as proprias del rey de Cochi, & muyto mais q̃ aquelas q̃ estauão naq̃le rio, & seguras as de Chaul verião se podião segurar aq̃las q̃ndo tornassẽ. E deste parecer forão Ioão serrã, Rodrigo rabelo, Francisco peyra coutinho. E Antão vaz, & Felipe rodriguez, Lopo chanoca, Lucas da fonseca, Diogo pirez, & dõ Lourenço disserão q̃ lhe parecia ho cõtrayro: por que q̃nto ao perigo que podia auer na barra, isso era cousa duuidosa: & q̃ assi podia ser muyto lĩpa, nẽ podia ho perigo ser tamanho q̃ eles não podessẽ entrar vazios como os mouros entrarão carregados, & aida q̃ ouuesse algũ que não podia ser tamanho q̃ se perdessẽ todos jũtos, & posto q̃ perdessẽ hũ nauio que melhor seria perderse cõ saberem na India a causa porq̃, que saluar toda a frota cõ perda de seus amigos, & mais sabẽdo a necessidade em q̃ estauão, & que a treyção q̃ dizião isso não se sabia, & serẽ os donos das naos seus amigos era pubrico, & pubrico ho perigo ẽ que estauão, & a treyção q̃ eles querião sospeytar muyto secreta, & a sospeyta q̃ tinhão não os auia de liurar da culpa se queymassẽ as naos aos de Cochi, & mais auião de ficar tidos ẽ cõto de fracos por não pelejarẽ cõ os imigos, o q̃ bẽ oulhado tãto vinhã pa isso como pa dar goarda âs naos del rey de Cochi, & pois hião pa fazer hũa cousa, & outra serião dignos de grãde castigo se as nã fizessẽ ãbas pois tinhã tpo, & q̃ as naos q̃ estauão ẽ Chaul não tinhã necessida de de socorro, & aq̃las si como vião por isso q̃ a elas auião de socorrer, & q̃ abastaua pera ẽtrarẽ no rio ho credito q̃ perdião na India, porq̃ se cuidaria q̃ a vitoria q̃ ouuerão da grande armada de Calicut fora mais por desastre q̃ por esforço nẽ valẽtia de coração. E crẽdose isto cõfirmassẽ bẽquã abatidos ficauã, & q̃ soberba cobrariã dali os mouros, & q̃ alteraçã: por isso q̃ deuião de pelejar cõ os imigos. E cõ todas estas rezões os outros capitães não forão de voto q̃ se pelejasse, & insistirão q̃ se não entrasse no rio, & porq̃ dõ Lourenço trazia por regimẽto q̃ não fizesse senão ho q̃ lhe cõselhassẽ os mais dos capitães, principalmẽte Fernão bermudez, & Gõçalo de payua nã quis seguir ho parecer dos q̃tro: & foyse cõ ho dos seis: do que Felipe rodriguez se agastou tãto que logo se sahio do cõselho ẽ dãdo seu parecer, porq̃ via ho q̃ auia de ser, & ẽ saindo virão Fernão pez dãdrade, & Ioão rodriguez paçanha, & pregũtandolhe q̃ hia la respõdeo. Vay tanto mal q̃ prouuera a deos que nũca la entrara. E sabido na frota que nam auião de pelejar cõ os immigos pareceo muyto mal aos

q̃ eſtauão de fora do cõſelho principalmente aos fidalgos que ho eſtranharão muyto a dõ Lourẽço dizendo q̃ pera q̃ os mãdaua ali ho viſorey:& q̃ couſa era eſtarẽ ali os imigos:& terem ẽ poder as naos de ſeus amigos & deixarẽlhas. Ao q̃ ele reſpõdeo q̃ lhe peſaua muyto de não pelejar, mas q̃ tomaua ho cõſelho de quẽ lhe ſeu pay mãdaua, & pera ſua goarda, & diſculpa cõ ho viſorey ſenã ouueſſe por bõ aq̃le conſelho ouue por eſcrito os pareceres daq̃les q̃ ho derão aſſinados por eles. E reſpondeo aos de Cochĩ q̃ não podia deterſe ate ir a Chaul polas naos del rey de cochĩ q̃ aſſi lho tinha mãdado ho viſorey & q̃ da vinda q̃ tornaſſe os ajudaria. Ao q̃ os mouros diſſerã q̃ ſe ho aſſi fazia q̃ os deiſſe por pdidos & cõ tudo não lhe ſocorrerão. E Ioã ſerrão neſte tẽpo q̃ ſe ali deteue rão ſayo em terra cõ ſua gente, & pelejou cõ a que ſtaua no Baluarte da barra & tomou o por força, & derribouho, & recolheo a artelharia q̃ tinha, & iſto fei to por mais req̃rimento q̃ os mouros ſẽnhores das naos fizerão q̃ os não deyxaſſe em poder de ſeus imigos q̃ lhe auião de ſaq̃ar as naos como ſaquearão logo que ſe dõ Lourẽço partio. E tudo iſto ſe fez por culpa daq̃les que lhe conſelharão que não ẽtraſſe no rio, q̃ ſe entrara deſbaratara, & deſtruira os imigos & os mouros de Cochim ficarão ſem perda, & os noſſos cõ muyto gran de ganho, aſſi de hõrra como de riq̃za q̃ leuaua a armada dos imigos: os quaes ſe não contẽtarão de roubar as naos em q̃ ouuerão muy rico deſpojo, mas por deſprezo dos noſſos queymarão as naos todas & matarã a mor parte dos que eſtauão nelas, & receãdo a tornada de dõ Lourenço, & q̃ lhe fizeſſe ho q̃ lhe não fez a ida ſe forão pa Calicut: & hiã tã ſoberbos q̃ de caminho tirarã muitas bõbardadas a fortaleza de Cananor, & aſſi a outros lugares de noſſos amigos & coiſto ſe acolherão à Calicut, dõ de logo foy a noua à Cochim, onde foy feyto grande prãto polos mouros que forão mortos na queyma das naos: & el rey de Cochĩ ficou muyto cortado de dor, & de triſteza, porq̃ perdeo muyto de ſeus dereytos ẽ não tornarẽ as naos a Cochi & ho viſorey quãdo ho ſoube ficou q̃ ſi morto de payxão, & mandou cõſolar el rey de Cochi prometendolhe q̃ ſe ſeu filho tinha culpa na deſtruição das naos q̃ ele faria juſtiça dele & ſe não de quẽ achaſſe culpado, & cõ tudo el rey ſe não pode cõſolar & todos os de Cochim andauão muyto triſtes.

Capitulo. XXXV. Em que ſe eſcreue ho reyno de Daquẽ, & como acabarão os reys dele, & como he agora gouernado.

Porque neſta ida de dõ Lourẽço ſe faz mẽção da cidade de Chaul, q̃ro dizer ẽ cujo ſñorio he: & por ſer do reyno de Daquẽ, direy primeyro o q̃ dele pude ſaber. Eſte reyno he dos grandes da India, eſtẽdeſe muyto pelo ſertão p õde cõfina cõ o reyno de Narſinga, & cõ ho Doriã da parte do leuãte, & do ſul, & do norte cõ ho reyno de Cãbaya & do ponẽte cõ ho mar Indico em que tem de coſta ſetenta legoas: que tanto ha de Chaul per onde eſte reyno come ça ate a fortaleza de Cintacora onde acaba pela meſma banda como ja diſſe. Eſte reyno de Daquem foy regido em outro tempo per hũ ſõ rey, & ao preſẽte he regido por doze capitães, & a cauſa de ſer aſſi agora regido, & não co-

mo dãtes foy esta. Ho primeiro rey dos tres derradeiros que nele reynarã, foy hũ homẽ dado grãdemẽte a todos os vicios da sensualidade, principalmẽte ao da luxuria, & ao da gula. E a este tanto que se não auia por satisfeyto quando comia ate que se não embebedaua, & por esta rezão as mais das vezes estaua bebado, pelo qual nhũ cuydado tinha da gouernança do reyno, ho q̃ deu ousadia a que algũs reys seus vezinhos lhe tomassem dele algũa parte. A este rei sucedeo hũ seu filho homẽ muy desuiado de sua condição, assi em ser contrayro a leuar boa vida como ẽ ser muy cobiçoso de fama: & de grandes espiritos pera a ganhar. E por isso trabalhou por tornar a cobrar per força darmas, ho q̃ seu pay tinha perdido de seu reyno, & como a gente dele esteuesse effeminada do tempo de seu pay, desconfiou de se restituir coela em seu estado, & por isto mandou ao estreyto de Meca apregoar soldo & coisso aquirio muyta gente branca q̃ se foy a seu reyno. s. Turcos, Coraçones, Fartaquis, & algũs Abexis Mouros: E pera que arreigasse esta gente no seu reyno, & a soydade de suas terras os nam prouocasse a tornarẽse a elas: & assi porque mais facilmẽte cobrasse ho que seu pay perdera, escolheo antresta gente estrangeira doze homẽs dos mais principaes em valentia: & a cada hum deu hũa capitania de doze em q̃ repartio o seu reyno: E desta maneyra ho tornou a cobrar, & ho forneceo de valentes homens, & exercitados na guerra, como aqueles erão. Per morte deste sucedeo hum seu filho tão natural cõ seu auo na cõdição q̃ parecia q̃ resuscitara, & q̃ aquele era ho mesmo q̃ auia muytos ãnos q̃ staua enterrado: & como se prezasse mais de se dar à sensualidade q̃ de gouernar bẽ seu pouo deixou aos doze capitães q̃ o gouernassẽ de todo: os quaes ẽtendẽdo sua bayxeza de animo, teuerãose por desonrrados de obedecerẽ a tal señor. E por isso se lhe leuãtarão cõ a obediẽcia deyxãdoo todauia ficar no reyno cõ nome de rey: & cõ lhe goardarẽ toda acortesia q̃ era diuida a seu rey: porẽ não q̃ fizessẽ ho q̃ lhes mãdasse, nem q̃ recolhesse as rẽdas do reyno & as gastasse, q̃ eles as recolhião cada hũ as das terras de sua capitania: & delas cada hũ ẽ certo tẽpo do anno mãtinhã a el rey: & assi ho mãtinhã todos per seus giros dãdo lhe largamẽte ho necessario pa mãter seu estado como mãtinha q̃ndo era señor do reyno: & desta maneyra ficarão estes doze capitães sñores do reyno de daquẽ: & cada hũ ficou grã sñor ou pe q̃no segundo as terras que tinhão. Dos quaes foy hũ ho çabayo sñor de Goa de q̃ direy adiante, & outro Nizamaluco sñor de Chaul. Este reyno de Daquẽ q̃ndo era señoreado per reys, era todo de gẽtios melhores mercadores q̃ caualeyros, & despois q̃ foy regido p capitães, ẽcheose muyto de Mouros, Turcos & outras nações de gẽte estrãgeyra do mar roxo: dos q̃es se apousentarã muytos nos portos de mar: ẽ cuja costa tẽ algũs lugares nobres: mas pelo sertão tẽ muytas cidades grãdes, & muytas fortalezas. He terra muyto farta de todo genero de mãtimẽtos, & he muyto pouoada: os naturaes da terra, assi homẽs como molheres são deles aluos, outros baços, & outros q̃ declinão a pretos: he gẽte fermosa de rostos, & bẽ desposta de corpos: não tẽ tãtas idolatrias nẽ supstições como os Malabares & sã mais polidos no viuer: vestẽ hũas vestiduras cõpridas de pano brãco dalgodão del-

gado a que chamão cabayas, & debayxo ſuas camiſas do meſmo pano, & na cabeça grãdes toucas foteadas. Não comẽ vacas, comẽ toda a outra carne, eſpecialmente os bramenes de q̃ ha ãtre les muytos: & eſtes não bebem vinho. Eſtes Bramenes crẽ que ha hũ ſoo deos, porem não lhe fazẽ honrra, porque dizem q̃ deos he bõ que não faz mal a ninguẽ, & por iſſo não tẽ eles neceſſidade de ho hõrrarẽ: mas ao diabo ſi, porq̃ he ruim & faz mal, & porq̃ lho não faça ho hõrrão, & lhe fazẽ muytos templos a que chamão Pagodes. Crẽ que deos q̃ dorme no inuerno, & entã ſe caſão. Tẽ a openião de pythagoras acerca das almas, que dizẽ que as almas dos mortos ſe metem em outros quãdo nacem. Tem que ha paraiſo, porẽ não como nos temos, porque eles crẽ que laa comẽ: & aſſi tem que ha inferno em q̃ as almas pagã ho mal que cã fizerão: porẽ que nã padecem pera ſempre ſe não ate certo tempo, & deſpois ſaẽ dali & ſe metem nos que nacem, & que eſte inferno he debayxo da terra. Tẽ algũa ſombra do nacimento de noſſo ſenhor & de ſua payxão, & aſcenſão, & dizem que ha muytos annos que naceo hũ menino dhũa molher ſctã, cujo pay ſe não ſoube quem era: & eſte menino quanto mais crecia tanto mais crecia em bondade: & deſpois de homem por ſer aſſi boõ ho quiſera matar hũa gente muyto roi: & ele ſe eſcõdeo, & que nũca mais parecera, & que ſua mãy chorara tanto por ele ate que morrera. Tem eſtes Bramenes em grande veneração a noſſa ſenhora a que chamã ſanta Maria, & fazem grande acatamento a ſua imagem. Celebrão hũa feſta a que chamão a feſta da linha que he a do ſeu bautiſmo, & então ſe lauão. E eu vi em Goa fazer eſta feſta em hũ pagode que eſtã na ilha de Diuar que ſe chama çapatu, onde vem de longe dali: & lauanſe nũ braço de mar que eſta entrã balas ilhas: & eles crẽ que aquela agoa he ſanta, & que vem ali aquele dia ho Pagode ã dar naquela agoa: & deytãlhe ali muyto betele, & figos, & canas daçucar: & crẽ q̃ aquilo come ho Pagode. E chamaſe eſta feſta da linha, porque aos oyto ãnos deytão eles hũas certas linhas aos filhos que trazem como tiracolos a carão da carne: & eſte he ho ſeu bautiſmo. E aſſi tem outras feſtas muytas, & tem domĩgo q̃ fazẽ em ſeſta feyra: & tẽ quareſma q̃ jejũam & comẽ a noyte como os mouros. E aſſi tem outras muytas cerimonias que ſam muy largas de contar. Eſtes capitães deſte reyno tem muyta gente de caualo, & alifantes de guerra com q̃ a fazem a ſeus immigos.

Capitulo. XXXVI. De como eſta ſituada a cidade de Chaul, & do que hi fez dom Lourenço, & de como ſe tornou ã Cochim.

O Primeyro lugar que tem em ſaindo de Cãbaya pera ho ſul ao longo do mar, he a cidade de Chaul que eſta em xix. graos da linha da banda do norte, & eſtã cincoenta legoas da cidade de Diu, & hũa com a outra eſtão noroeſte ſueſte, eſtã Chaul ſituada na boca de hũ grande & fermoſo rio que ſe ali vem meter no mar por onde podem entrar naos grandes, & tinhão os da terra metidas no porto grãdes eſtacadas pera amarrarem a elas as naos porque ſão ali as corrẽtes grãdes. He eſte lugar muyto viçoſo de ortaliça.

Herasõ pouoado de mouros & de gentios:são baços assi homẽs como molheres, como ja disse: tem lingoa q̃ se parece cõ a dos guzarates q̃ são os do reyno de Cãbaya. Morão aqui muytos mercadores, & por isso he lugar de grande trato: porẽ os principaes vẽ do Sertão & trazẽ aqui suas mercadorias, & dahi leuão as que lhe trazem os Malabares que são especiaria & droga, principalmente pimenta, & cardamomo, & assi lhe trazem areca, cocos, açucar de palma que chamão jagra, pedraria, aljofar ferro, & esmeril, & leuão em retorno algodão fiado, & panos dele brãcos & pintados. Tambem vem aqui naos dou tras partes afora do Malabar que trazẽ cobre, & se gasta pelo Sertão em moeda & em vasos. E val ho quintal vinte cruzados: & trazem vermelhão, azougue, & coral q̃ tudo val muyto. E todos estes tratos se fazem em quatro meses .s. Dezembro, Ianeyro, Feuereyro, & Março. E nestes se faz toda a carga & descarga das mercadorias que ali vẽ he ho tẽpo em que os mercadores do Sertão morão mais em Chaul. E toda a outra parte do anno ha poucos mercadores, & estes leuão & trazẽ suas mercadorias ẽ cafilas de bois que carregão como azemalas, & em asnos, & em carretas. E posto que se aqui pagão poucos dereytos pelo grande trato assomão a muyto. Chegado dom Lourenço à barra desta cidade mandouselhe Nizamaluco ofrecer por vassalo del rey de Portugal: & mandoulhe hũ grande presẽte de mantimentos, ao que dom Lourẽço respondeo que ele não podia assẽtar coele nada sem licença do visorey: ou lhe pagasse de parias cinco mil cruzados cadano. E que entretanto lhe daria seguro como deu: & assi ficou. E carregadas as naos de Cochim partiose dom Lourenço coelas para Dabul cuydãdo dachar ainda as naos dos mercadores de Cochim & a armada de Calicut, & não achãdo nada se partio pera Cochi onde chegou em fim Dabril, & achou ho visorey muyto agastado contrele & contra os seus capitães pelo que Maymame fizera aos mercadores de Cochim, & dissélhe palauras descandalo culpando muyto a dõ Lourenço, & ele mostrou ho conselho que fizera sobre aquilo & os pareceres dos capitães, & regimento que leuaua, & visto isto pelo visorey mandou os prẽder & acusar & porque dom Lourenço se achou sem culpa foy ausoluto, & assi Felipe rodriguez por prouar ho que dissera em sa indo do conselho, & os capitães que aconselharão que não pelejassem como não teuerão defesa forão condenados em perdimento de suas capitanias. E q̃ fossem presos pa Portugal na primeyra armada q̃ partisse. Dada esta sentẽça ho visorey proueo logo os nauios de capitães, & deu a nao de Rodrigo rabelo a dom Lourenço, a taforea de Fernão bermudez a Pero barreto, a carauela de Gonçalo de payua a Antonio lobo teyxeyra, a Dantão vaz a Duarte de melo, a de Francisco pereyra coutinho a Francisco danhaia, a galee de Payo de sousa a Ioão serrão.

Capitulo. XXXVII. De como ho capitão môr Tristão da cunha se partio de Moçambique pera çacotorá, & de como queymou no caminho ho lugar de Hoia.

HO capitão môr que arribou com a tormẽta que lhe deu à trauês da ilha de são Lourenço foy ter cõ

toda a frota a Moçãbique. E hi soube per Afonso lopez da costa como Pero danhaia era falecido, & achou Ioão da noua que partido da ilha de Zãzibar onde inuernou, arribou a Moçãbique do cabo de boa esperança por lhe a naofa zer hũa grãde agoa cõ q̃ se ho piloto & mestre não atreuerão a proseguir sua viagem: & por ho capitão mòr ser com padre & grande amigo de Ioão da noua lhe rogou que fosse coele à India do que ele foy contente. E por isso ho capitão mòr mandou mudar a carga da sua nao à de lagos em que mãdou pera Portugal Antonio de saldanha que hia coele que folgou de tornar dali pera pedir a capitania de çofala, & ficando ho capitão mòr em Moçambique esperando mouçãо pera çacotora, vendo que não chegou ho comendador Ruy soarez q̃ auia dandar debayxo da capitania Dafonso dalbuquerque no nauio de Pero quaresma, por fazer boa obra a Afonso dalbuquerque que lho pedio lhe deu em lugar de Ruy soarez a Ioão da noua, cuja nao era grande & bẽ amarinhada, & com a gente dela se perfazião os quatrocentos & cincoenta homẽs que Afonso dalbuquerque leuaua ordenados de Portugal pera trazer na sua armada, cõ que auia de guardar ho cabo de Goardafum, & vindo a mouçãо de çacotora partiose ho capitão mòr ẽ Feuereyro de mil & quinhentos & sete. E forão coele Afonso dalbuquerque, Ioã da noua, Francisco de tauora, Antonio do campo, Manuel telez barreto, Afõso lopez da costa, Ruy diaz pereyra, Iob queymado, & outros dous. E partido de Moçambique foy ter à Quiloa, & hi achou ho capitão Pero ferreyra fogaça fora em parte do mando da capitania que lhe ho visorey tinha tirada por mexericos do feytor; & do alcayde mòr que lhe escreuerão dele, do que se ele queyxou a elrey de Portugal, & não auendo ele por bem ho que ho visorey tinha mãdado, escreueo a Pero ferreyra que se auia por seruido dele. E fezlhe merçe de sessenta mil reaes que lhe mãdou pelo capitão mòr, a que mandou q̃ tirasse de Quiloa ho feytor, & ho alcayde mòr & os leuasse presos, & fazẽdoo ele assi se partio pera Melinde, onde achou Lionel coutinho. E hi sembarcou & foy visitar el rey, & entregoulhe da parte del rey de Portugal hum mouro chamado Cide mafamede natural de Tunez que mandaua ao preste cõ cartas damizade pera que dali ho mãdasse & coele hũ mourisco Christão q̃ auia nome Ioão sanchez, & hũ Portugues chamado Ioão gomez hojardo, & encargado el rey de os mãdar partiose ho capitão mòr pera hũ lugar de mouros chamado Hoja vinte legoas de Melinde com cujo rey os gouernadores deste lugar que erão os mais velhos do pouo estauão de quebra. E por isso ho capitão mòr ho quis destruir senão quises se fazer paz coele, porque tendoa coele a teria com el rey de Melinde, & chegado ao porto deste lugar mãdou ofrecer paz à seus regedores, que por serẽ mouros & nossos immigos não quiserão somente ouuir ho recado do capitão mor & logo sairão todos à praya em som de guerra & muyto soberbos: & serião bẽ dous mil homẽs os mais deles frecheyros, & os nossos mil, & vendo ho capitão mòr engeitar a paz que ofrecia: pos em efeyto de destruir ho lugar, & dando disso conta aos capitães da frota deu a dianteyra do cometimento do lugar a Afõso dalbuquerque, que saindo em terra com muytos fidalgos, & outra gẽ

te foy cometer os mouros que mostrauão muyto esforço pelejando valentemente:& acabando os nossos de desembarcar todos q̃ se ajuntarão começouse hũa aspera peleja q̃ durou pouco,porq̃ os mouros não podẽdo sofrer ho impeto dos nossos acolherãose ao lugar que era raso,pelo que os nossos facilmente entrarão coeles matando quantos alcãçauão & poendo fogo ao lugar, ho que vendo os mouros como hião de vencida não teuerão coração pera fazer rosto aos nossos & vazarão fora do lugar, fugindo,& os capitães teuerão os nossos que os não seguissem contentando se com terẽ muytos mortos, & dos nossos nhũ,& acabando de queymar ho lugar se recolherão à frota.

Capitulo. XXXVIII. De como ho capitão môr Tristão da cunha chegou á cidade de Braua & assẽtou com seus capitães de a destruir.

DEstruydo ho lugar de Hoja,proseguio ho capitão môr seu caminho pera hũa cidade de mouros, chamada Braucha ou Braua como lhe os nossos chamão,oytenta legoas de Hoja cercada de muro bayxo, & de caua bem arruada de casas altas de pedras & cal, cidade de grande trato, por isso ha nela muytos mercadores, Não tem rey,& gouernase pelos mais velhos do pouo, & de caminho tomarão os nossos duas naos de Cambaya muyto ricas,& surto ho capitão mor cõ toda a frota no porto desta cidade, mãdou a terra Lionel coutinho com recado sobre ofrecimento de paz, & forão coele vinte dos nossos ficando todos os bateis da armada cõ as proas em terra cõ muyta gẽte pera lhe acodir se lhe os mouros quisessẽ fazer mal, eles estauã todos recolhidos na cidade, & quando virão que leuaua tão pouca gente sairão fora obra de cento. E hũ deles preguntou a Lionel coutinho que queria, ele lhe respondeo por hũ lingoa, dizẽdo que ho capitão moor daquela armada que era del rey de Portugal: queria assentar paz com aquela cidade. E por isso era ali vindo. Os mouros começarão logo de falar antresi. E o lingoa disse a Lionel coutinho que se recolhesse, porq̃ ho querião matar, & que isso era ho que dizião,& dom Ioão de lima, sobrinho de Lionel coutinho que hia coele,& seria de dezoyto ãnos quãdo isto ouuio disse que se os mouros aquilo dizião que não esperassem mais:& dessẽ Santiago neles,& não querendo Lionel coutinho este conselho:disse ao lingoa que dissesse aos mouros q̃ ele não hia pera pelejar senão pera assẽtar paz que ho deyxassem tornar com reposta ao capitão môr:& despois teriã tempo pa pelejar,& assi lhe foy dito:& os mouros não deixauão de dizerem hũs com os outros que ho matassem, então se recolheo Lionel coutinho quasi pelejãdo com os mouros que ho seguirão ate ho mar õde lhe socorreo Ruy pereyra coutinho com outros, & ambos voltarão a os mouros que fugirão logo, & Lionel coutinho foy ao capitão môr & lhe cõtou ho que lhe acontecera, ho que sabido por ele chamou logo a cõselho os capitães da frota & lhe propos o que mandara dizer aos mouros, & o que eles fizerão a Lionel coutinho ẽ lugar de reposta. Afõso dalbuquerque disse logo que pois os mouros não quiserão paz,

& erão tão soberbos q̃ respondião da-
quela maneyra q̃ se deuia de pelejar co
eles: & fazerlhe conhecer quã mal con
selhados forão, & deste parecer forão
Lionel coutinho, Ruy peyra coutinho,
& Francisco de tauora, os outros disse-
rão q̃ não deuiã de dar na cidade, porq̃
a fora estar forte de muros, & de caua
tinha muyta gente, segundo virão nos
muros, aqual a auia de defender, & que
eles não traziã petrechos pera lhe da-
rem cõbate, & tãbem que a desembar
cação era muyto perigosa, & que pri-
meyro que tomassem terra lhes auiam
os mouros de fazer muyto dano. Ouui
do pelo capitão môr ho parecer dãba-
las partes, olhou pera aq̃les que dizião
que se não desse na cidade, & dissehes
Bem sey eu señores que não vos pare
cer bem que demos na cidade que não
he por mingoa desforço, senão por de-
sejo de euitar ho perigo de vossa gente
assi como ho deuem de fazer os valẽtes
capitães como eu sey que todos sois, &
que se a metade dos que tẽdes forão da
vossa qualidade que posto que os mou-
ros forão ho tres dobro, & os perigos
muyto môres do que são, que vos saire
is em terra, & tomareis a cidade. Mas
porque receais que não tenhais parcey
ros que vos ajudem, tendes tambem re
ceyo de não leuardes auante ho que co
meçardes, & por esta causa vos parece
mal cometermos a peleja com os mou-
ros. E bem creo eu que me conselhaes
como homẽs esprementados, porẽ eu
que ainda ho não sou, ao menos nestas
partes, quero ver como cometem os
Portugueses, & como se defendem os
mouros, os quaes segundo estão sober
bos pola auentajem que nos tem no nu
mero, não duuido eu que nos não sayã
à receber fora da cidade, & se sairẽ eu
confio na misericordia de nosso señor
que ele acrecentara ho esforço dos nos
sos de maneyra que os mouros os não
possão sofrer, & se recolhão à cida-
de, & recolhendose eu fico por fiador q̃
os nossos entrem mesturados coeles. E
se se não recolherẽ que não escape nhũ
com a vida. E quanto ao perigo do des
embarcar, & que nos farão os mouros
muyto dano primeyro q̃ desembarq̃-
mos, nos desembarcaremos tanto ante
manhã que quãdo eles acodirem a pra
ya iremos nos caminho da cidade. E is-
to que digo vos peço que vos pareça bẽ
porque eu assi ho ey de fazer, & ainda
que volo não pareça tenho por muyto
certo que me aueis tambem dajudar cõ
mo que volo parecêra. Vendo os capi-
tães sua võtade disserão em q̃ tudo ho
seguirião, que fizesse ho q̃ lhe milhor
parecesse, & logo se assentou que desẽ-
barcassem ante manhã, & que Afon-
so dalbuquerque leuasse a dianteyra cõ
quatrocentos homẽs, & que fossem co-
ele Lionel coutinho, Ruy pereira couti
nho, Frãcisco de tauora, & outros fidal
gos. s. dom Afonso de noronha, dõ An-
tonio de noronha seu hirmão, Manuel
delacerda, dom Ieronimo de lima, dõ
Ioão de lima hirmãos Antonio daze-
uedo: & outros. E nas costas de Afon-
so dalbuquerque, hia ho capitão môr
com seiscentos homẽs em que entrauã
os outros capitães.

Capitulo. XXXIX. De como ho capitão môr tomou à cidade de Brauha, & â destruio de todo.

ASsentado isto ao outro dia
ante manhã sem nhũa con
tradição poiarão em terra,
& ja menhã clara mouerão

pera a cidade, em que auia passante de quoatro mil mouros segundo se despois soube. E sabendo eles que os nossos hião contreles sairão perto de dous mil fora da cidade, & os outros ficarão no muro: & todos estauão bem armados darcos, frechas, zagunchos, terçados, & cofos. Afonso dalbuquerque tanto q̃ ouue vista dos q̃ ho saião a receber mã dou dar Santiago neles, ho que os nossos fizerão muy rijamẽte. ao q̃ os mouros logo resistirão cõ grande esforço, & despois se retirarão pera à cidade pelejando sempre muyto bẽ, & assi se recolherão quasi todos senão algũs que fi carão pelejando, porque os outros podessem çarrar as portas como çarrarão & estes que a defenderão forão todos mortos, & feridos. Nisto acabarão de chegar Afonso dalbuquerque, & ho capitão môr com todo ho corpo da gente, & ẽtram pela caua, na qual como era darea solta cayrão logo na primeyra muytos dos nossos de que algũs forão feridos de frechas, & zagunchos que os mouros tirauão do muro, & cõ pedras & paos, & ate cõ cortiços dabelhas tanto trabalhauão por se defender: mas os nossos se leuantarão logo & remeterão com os outros ao muro com grande impeto, & parece que coele aprouue a nosso senhor que cayo hũ pedaço do muro per onde logo entrarão esses fidalgos q̃ hião com Afonso dalbuquerque, & ele com outros muytos dos nossos, de maneyra que quando os mouros quiserão acodir a defender aquele portal ja acharão os nossos antre ho muro & as casas: mas nem porisso deyxarão de pelejar com grande esforço por espaço de hũa ora pouco mais ou menos, em que aqueles fidalgos, & assi outros homẽs mostrarão bem a valentia de suas pessoas, porque por força leuarão dali os mouros ate os meterẽ pelas ruas da cidade. E neste tempo era ja dẽtro ho capitão môr cõ todos os nossos: & aqui foy outra peleja muy braua, com que os mouros forão deitados fora da cidade: & ho capitão môr mãdou que ninguẽ saisse a pos eles, & mandou fechar as portas & vigiar ho muro, fazendo logo bastecer ho pedaço que cahio. E despois disto mandou saquear a cidade, repartidos os capitães pelas ruas, por onde se não podia quasi andar cõ os mouros q̃ estauão mortos q̃ forão mil & quinhẽtos os q̃ morrerã a ferro, afora muytos feridos, sem dos nossos falecer nenhũ, soomente algũs q̃ stauã feridos. Os nossos como digo saquearão a cidade em q̃ acharão muy grossa riqza, douro, prata, & muytas mercadorias: antre as q̃ es auia muyto ãbar: & como muytos dos nossos ho não conhecião quando ho achauão, cuidauão q̃ era bosta de boys: & deixauão no, dizendo que não sabião peraque aqueles perros querião aquela bosta. E outros dessa gente miuda que topauão molheres com manilhas douro & de prata nos braços, & arrecadas nas orelhas, com pressa por se nã deterem em lhas tirar, cortauãlhe as mãos & as orelhas: & destas diz que se acharão perto doytocentas ate que ho capitão môr defendeo que tal se nã fizesse Tambẽ neste saco se tomarão muytos catiuos, & assi grande soma de mantimentos. E saqueada a cidade de todo foy queymada & destruida ate os alicesses: mas despois atornarão os mouros a pouoar. E acabando isto que ho capitã môr se queria embarcar se leuãtou hũ vento com que ho mar fazia grande escarceo: & com quanto ao capitão môr por esta causa lhe nã pareceo bẽ embar

carse, todauia sembarcou por não ter onde se recolher, & correria perigo se os mouros tornassem sabendo que ele assi estaua, & por isso a ẽbarcação foy muy trabalhosa, & ho batel do capitão mòr em que hia todo ho ouro, & à prata do despojo da cidade deu a costa, & perdeose tudo, mas ho batel saluouse, & disserão que assi a riqueza q̃ leuaua, porẽ a menos pareceo. E ẽbarcado ho capitão mòr com todos os outros capitães deu a vela caminho de Magadaxo que he hũa muy grande, & fermosa cidade, dezoyto legoas de Brauha na mesma costa ao nordeste, & esta ẽ tres graos da banda do norte, he lugar de grande trato de mercadorias, porque vem aele muytas do reyno de Cãbaya & Dadẽ com panos de todas as sortes, & cõ outras mercadorias despeciaria. E daqui leuão ouro, marfim, cera, & outras cousas: ha tãbẽ nesta cidade muytos mantimentos. Os moradores dela sam baços & outros brancos, são mouros & falão todos arauia: sam homẽs de poucas armas, as mais sam frechas em que vsam erua, tẽ rey sobre si. Pera esta cidade despachou o capitão mòr de Brauha a Lionel coutinho pera que chegasse là primeyro, & assentasse pazes, ho qual como chegou foy logo a terra no seu batel; & porque se não fiaua dos mouros pelo que lhacõtecera em Brauha: & sem sair em terra lançou fora hũ catiuo dos q̃ trazia pera por este pedir seguro, & arrefens, & os mouros segundo parece estauão ja auisados da ida do capitão mòr; & apercebidos de gente de guerra, porque chegado Lionel coutinho ao porto logo sairão à praya trinta de caualos acubertados, & armados de sayas de malha, & per detras de hũ medão darea aparecia muyta gente de pè. E como ho catiuo que Lionel coutinho lançou em terra foy visto pelos imigos foy logo tomado, & sem lhescutarẽ palaura ho fizerão em pedaços, & chegarãse aborda dagoa a falar com os nossos ameaçandoos que outro tãto lhe auião de fazer. E Lionel coutinho se afastou, & chegãdo ho capitão mòr lhe contou ho que passaua, & ouue cõselho sobrisso; & chamou aele os pilotos da frota à que preguntou se tinha ainda tẽpo pera ir a çacotora antes do inuerno, & elles lhe disserão que não se se ali de teuesse que lhe cõpria muyto fazer de legrãde prouisão: porque gastãdolhe ho que tinha pera ir a çacotora que viria ho inuerno, & ele naõ tinha por aquela costa outro porto onde inuernasse com tamanhas naos como as que trazia: & que se perderia, por isso q̃ se não detеuesse: & assi ho fez, & se partio logo pera çacotora.

Capitulo. XXXIX. Em q̃ se descreue a ilha de çacotora.

HA cẽto & setenta legoas deste lugar seguindo pela costa adiante ao nordeste, & quarta do norte foj ter ahũ cabo q̃ se chama de Goardafũ õde esta costa faz fim, & torna adobrar a loeste pera ho mar roxo, este cabo està na boca no estreyto de Meca: & todas as naos de Cãbaya, do malabar, Ceylão, Choramandel, de Bengala, de çamatra, de Pegu, de Malaca, & da China vão demandar este cabo, & daqui entrã pera dentro, delas pera Adem, & algũas pa Barbora & Zeyla & as mais pera Iudà E a este cabo as vem agora esperar as nossas armadas: & as tomão se vão sem

seguro do gouernador da India,ou daqueles que lhos podẽ dar. Està este cabo em doze graos da bãda do norte,& fica como digo da banda da Ethiopia, & da outra parte q̃ he da Arabia se faz outro cabo que se chama de Fartaque questà em altura de quinze graos: ãtre stes dous cabos jaz hũa ilha chamada çacotora trĩta legoas de hũ & trinta do outro que tem tres põtas hũa se chama Calancea,outra çoco,outra Deberũ. He de muy altas serras ha nela muytas carnes,leyte,& tamaras,que he bõ mãtimento da gente que he toda baça, assi homẽs como molheres que antigamẽte foy Christã,& perdeose a doutrina & ensinação Christaã, por mingoa de não auer nauegação pera esta ilha,& agora não tem mais q̃ ho nome de Christãos nem são bautizados,porem adorão a Cruz,& tẽ muytas em altares da maneyra dos nossos,& chamãse as molheres, Marias Isabeis,& Anas. E os homẽs dos nomes dos apostolos. He gẽte que não tem nhũ trato nem nauegação com outros humanos: tẽ lingoa sobre si,& andão nûs,assi homens como molheres,& cobrẽ as partes vergonhosas de seu corpo com panos dalgodão que cõprão a algũas naos que ali vã ter que vão da India pera ho mar roxo,a buscar sangue de dragão,de q̃ ha muyto na ilha,& assi ho Aloes que se chama çacotorino,por tomar ho nome desta ilha onde se apanha,& hambar,& conchas das que leuão pera a mina. Dizem os mouros que esta ilha foy ja pouoada Damazonas,& que per tempo se mesturarão coelas os homẽs. E algũa cousa parece disto,porque as molheres menistrão suas fazendas sem os maridos nisso entenderem que são froxos,& pa pouco,& conhecẽdo isso ho rey daquela terra de Fartaque,que he mouro, os sugigou,& mandou fazer nela hũa fortaleza na ponta que se chama ho çoco, & aqui tinha por capitão hũ seu filho chamado Coje abrahem muyto valẽte caualeyro,& sem nhũ medo,cõ cento & vinte homens de peleja todos Fartaquis que naquela terra & assi onde se achão são tidos por muy esforçados,& por isso os preza muyto quem os tẽ de sua parte. E estes estauão muy bẽ apercebidos de laudeis de malha,espadas, terçados,cofas,azagayas,zaguncho, pedras,& frechas.

Capitulo. XLI. De como Tristão da cunha chegou â ilha de çacotora & peleiou com Xeque abrahẽ filho del rey de Fartaque,& ho desbaratou.

Chegado ho capitão môr ao cabo de Goardafum,atrauessou pa çacotora onde chegou no mes Dabril que era então quaresma:& foy logo ter à põta de Calãçea a tomar agoa,por não leuar a sua nao mais que hũa pipa dela. E na mesma noyte surgio com toda a frota diante do çoco: & ao outro dia foy no seu batel ver a disposição da fortaleza:& forão coele nos seus bateis Lionel coutinho,& Ruy diaz pereyra:& coele hia hum mouro de Brauha pera lhe mostrar onde poderia desembarcar. E por este mouro mandou ho capitão mór dizer ao Xeque abrahem que aquela frota era del rey de Portugal,por cujo mandado hia cõquistar aquela fortaleza,que da sua parte lhe requeria que lha entregasse,& que fazendoho assi seria seu amigo. E se nã que lha tomaria como fizera â cidade

de Brahua:ao que Habrahē respondeo que não tinha poder de seu pay elrey de Farta q̄ pera entregar aquela fortaleza se não pera a defender ate a morte, & nisso estaua determinado: q̄ pois os nossos erão tão valentes q̄ fossem a terra, & que a tomassem se podessem, por q̄ lha não auia de dar doutra maneyra. E no tempo que se gastou nestes recados vio ho capitão mór ho sitio da fortaleza, q̄ estaua em hũa terra chaã perto de hũa serra que lhe ficaua da banda de leste: estaria do mar obra dhũ tiro đ bésta, era pequena & conchegada, com torre de menagē, & torre dalcayde, & algũs cobelos no muro dabāda de fóra & ho lanço do muro em q̄ estaua a porta principal estaua cercado de barbacaã & não tinha nenhũa artelharia: q̄ si pegada coela da bāda do sul estaua a pouoaçã da gēte da terra, de frōte da q̄l esta ua surta a armada. E da bāda de leste se fazia hũa feyção de baya na borda dhũ palmar que ficaua daquela banda ātre a serra & ho mar, que por ser baya estaua ali quieto & chão. E da banda do sul de fronte donde a frota estaua surta, por ser praya & descuberta fazia ho mar grande rolo, & era ali a desembarcação perigosa. E por isso pareceo bē ao capitão mōr cō conselho Dafonso dalbuquerque, & dos outros capitães desembarcar antes da banda de leste na baya posto que fosse hũ pouco mais longe, por ser a desembarcação segura, antes que da banda do sul polo perigo que tinha, posto que fosse mais perto: porque como na fortaleza não auia artelharia que lhe tirasse era melhor deterse mais hum pouco em chegar a terra sem perigo que chegar asinha coele. E vista pelo capitão moor a disposição da fortaleza, & ho lugar onde poderia desembarcar, tornouse aas naos sem os

mouros em todo aq̃le tempo se mostrarẽ nem fazerẽ nhũ aluoroço:porq̃ Habrahem confiaua tanto na valentia dos seus soldados pela muyta experiẽcia q̃ tinha deles,q̃ zõbaua de nenhũ poder do mũdo lhe tomar por força a fortaleza,quãto mais a gente q̃ viesse naquela armada.E por isso ouue por escusado fazer nhũa mostra se não ao tẽpo do peleјar.E vẽdo ele a vista q̃ ho capitão mòr dera à parte do palmar,& como se deteueta ali mais q̃ em outra,sospeitãdo q̃ hi auia de desembarcar mãdou logo na noyte seguinte fazer hũa estãcia dartelharia,& pos nela gente q̃ a goardasse. Ho capitã mòr tanto que foy nas naos chamou a conselho,em q̃ propos a determinação em q̃ estaua de dar naquela fortaleza,pedindo a cada hũ seu parecer.E despois que lho todos derão que era que ele desse na fortaleza,assentou se que desembarcasse no palmar polas rezões que ja disse:& que fosse ante ma nhaã,& que leuasse a dianteira:& assi se fez.E estando todos enbarcados em rõpendo a alua mandou remar pera terra em dereyto do palmar:& hião tendo co ele Ioão da noua,Lionel coutinho,Ruy diaz pereyra,Iob queymado,& outros dous capitães.E Afonso dalbuquerque hia a tras com os seus capitães.s.Frãcisco de tauora,Manuel telez barreto,Antonio do campo,Afonso lopez da costa & hião nos seus bateis:& Afonso dalbuquerque hia no seu esquife,porque deu ho batel a seu sobrinho dom Afonso de noronha que hia nele com quarenta espingardeyros,& leuaua no batel hum tiro dartelharia com hũa cabria,& dous troços descada pera sobirem ao muro da fortaleza.E indo assi vio Afonso dalbuquerque com a claridade do dia que ho mar estaua manso,& que se podia desembarcar sem perigo defronte donde as naos estauão,não quis mais dilatar sua desembarcação:porque desembarcãdo ali por ser mais perto que õde ho capitão mòr hia desembarcar, estaua em risco de ganhar toda a hõrra daquela empresa em chegar primeyro à fortaleza,& mandou que desembarcassem defronte dela,& assi foy feyto. E o primeyro batel que chegou a terra, & de que desembarcou gente foy ho de dom Afonso,& logo a dos outros muyto à sua vontade,porque xeque Habrahem que estaua esperando ho cometimento dos nossos,como vio encaminhar ho capitão mòr pera ho palmar acodio logo com todos a esperalo.E estaua tão soberbo que lhe parecia que abastaua com os seus a defenderlhe que nã tomasse terra:& segundo a sua gẽte era esforçada podera ser que se se deixara estar na fortaleza que se defendera ate lhe ir socorro:& que dera mao trato aos nossos.E indo esperar ho capitão moor ao palmar vio que Afonso dalbuquerq̃ desembarcaua pela outra parte,& acodio cõ parte dos seus pa lhe tolher a desembarcação.Ele hia armado em hum laudel de laminas de cetim carmesim, & leuaua na cabeça hũa celada antiga & hũa adarga de coyro muyto forte,& na cinta hũa espada rica,& na mão hũa azagaya darremesso,& deu com os de Afonso dalbuquerque,acabando eles de desembarcar:dom Afonso de noronha que estaua diante em vendo vir os immigos remeteo a eles com os seus espingardeiros,que em chegando os sacodirão tam rijo com as espingardas q̃ nunca xeque Habrahem pode ter os seus que se nã retirassem pa a fortaleza:o

que ele vendo deyxouse ficar nas costas deles com obra doytenta frecheyros pera os ir emparando dos nossos q̃ os hião seguindo, principalmente dom Afonso, & algũs marinheyros, que por irem desarmados podião andar mais que ele. E apos ele hião logo Iames teyxeyra, & hũ Pedraluarez que fora da copa del rey dom Ioão, & Nuno vaz de castelo branco, & outro Pedraluarez que fora paje do conde Dabrantes: & assi outros que serião ate oyto, & apos eles hia ho corpo da gente. E estes diãteyros que digo hião ferindo os immigos, os quaes se não ajudauão bem dos pees por estar naquele lugar ho jazigo dos mouros em que auia muytas sepulturas: porem Xeque abrahem os leuaua no melhor concerto que podia. E chegãdo perto da fortaleza fez volta aos nossos parecẽdolhe q̃ os faria afastar pa lhe darẽ lugar q̃ se recolhesse, ho que lhe sahio ao reues, porque em ele fazendo volta com os seus teue dom Afonso tempo de passar auante: & como hia desejoso de lhe chegar, fez tanto q̃ se igoalou coele. E ele ho esperou com muyto esforço confiando em sua valentia que abastaria pera matar a dom Afonso, mas ele ho matou, & logo com sua morte os seus forã muy asinha mortos: principalmente os oyto que voltarão coele, & em quanto se isto fazia desembarcou ho capitão mór a pesar dos mouros que trabalharão quanto poderão por lho defender. E ouue sobrisso feridos dambas as partes, & mortos algũs mouros, que tanto que virão ho capitão mór desembarcado, & que não auia remedio pera lhe contrariar, virarão as costas pera se acolherem â fortaleza, indo algũs dos nossos apos eles, & ho capitão mõr se deyxou ir de seu vagar acompanhandoho Nuno da cunha que era seu filho mais velho, & assi outros fidalgos, & capitães. E os mouros que hião fugindo pera a fortaleza chegarão onde Afonso dalbuquerque estaua ao tempo que os nossos acabauão de matar Abrahem, & os seus. E achando pejado ho caminho pera a fortaleza rodearão pera entrarem nela, & foranse ajuntar com os que hião com Abrahẽ que estauão â porta da fortaleza pelejando com os nossos muy esforçadamẽte, porque não entrassem coeles de volta na fortaleza de cuja porta ho postigo soomente estaua aberto. E nesta reuolta forão mortos muytos mouros, & obra de vinte & cinco ate trinta se meterão na fortaleza, & porque os nossos não entrassem dentro fecharão ho postigo, posto que ficauão fora perto de trinta & cinco que desesperarando de poder ẽtrar nem de se poderem emparar dos nossos fugirão pera ho palmar & dali se espalharão pola ilha, & assi se saluarão.

Capit. XLII. De como despois de morto Xeque Abrahem se recolherão algũs mouros â fortaleza. E de como Afonso dalbuquerque a entrou, & da dura resistencia que os nossos acharão nos mouros

Afonso dalbuquerque com a tenção & desejo que tinha dentrar â fortaleza não quis q̃ os nossos seguissem os immigos: antes como os vio fugir, &

que a porta da fortaleza ficou desapressada chegouse a ela acompanhado de todos aqueles fidalgos, & caualeyros, & outra gente que com ele estaua, com tenção de leuarem ho postigo nas mãos por não estar fechado de todo que parece que ho soabrirão os mouros parecendolhe que poderião ainda recolher os outros que ficauão de fora. E chegandose assi Afonso dalbuquerque com a gente, começarão de cair muytos cantos, & arremessos que deytauão os mouros dhũa goarita que estaua sobre a porta, & assi tirauão com fundas pela abertura do postigo, & com hũa cousa & com a outra ferirão muytos dos nossos. E a Afonso dalbuquerque lhe deu hũ canto na cabeça que ho derribou: mas não perdeo ho acordo. Porem afastouse, & fez afastar os seus, & mandou pelo tiro com a cabria, & pelos troços, & assi por machados pera quebrar as portas: & vindos os machados, & os troços que chegarão muyto primeyro que ho tiro, forão postos ao muro per onde logo sobirão, ho que leuaua a bandeyra Dafonso dalbuquerque, que se chamaua Gaspar diaz, & tambẽ sobio ho guião de Iob queymado: & assi sobirão algũs dos nossos. E vendo os mouros a bandeyra, & ho guião encima do muro despejarãno, & a goarita de sobela porta, & recolherãose à torre da menajem questaua çarrada com a torre do alcayde, & tãto q̃ despejarão da porta da fortaleza teuerão os nossos lugar de chegar sem perigo cõ os machados, & quebrarão as portas. E estes forão, dõ Afõso de noronha, dom Antonio seu hirmão, Manuel telez barreto, & dom Ieronimo de lima. E quebradas as portas entrarão dentro, & assi a outra gente. E sentindo dom Afonso que os mouros estauão recolhidos na torre da menajem chegouse à porta com seu hirmão dom Antonio james teyxeyra, Pedraluarez, & Nuno vaz de castelo brãco: & ho outro Pedraluarez cuydando que cõ suas forças leuarião a porta nas mãos, mas não poderão. E dom Ieronimo de lima, Antonio dazeuedo, dom Ioão de lima, Manuel delaçerda, Manuel telez, & Afonso lopez da costa cõ outros fidalgos vẽdo a dificuldade que auia na porta forão buscar pera verem se achauão outra entrada, & virão hũa escada que hia do muro a esta torre per onde sobirão: & forão ter ao terrado de la sem nunca poderem dar com os mouros, por estarem decima muyto bem fechados, & estauão no sobrado debayxo donde defendiam muy brauamente a porta com muytas pedradas: & azagayadas: com que tambem ferirão algũs dos nossos, mas isto não durou muito, porque logo as portas forão quebradas com machados. E ho primeyro que quisera entrar foy dom Antonio de noronha que era muy esforçado caualeyro, & em querendo meter a cabeça per ho buraco que estaua feyto lhe derão de dentro hũa cutilada per cima do capacete, & lhe ouuerão de cortar ho pescoço senão fora hũa adarga que lhe Afonso dalbuquerque deytou muy depressa quando vio sobrele a cutilada. E acabada de quebrar a porta recolherãose os mouros à torre do alcayde que era no sobrado do meyo, & seruiase com a da menajem per hũa escada cuberta da bobada: & não erão mais de vinte & cinco, porem tão valentes homens que tinhão ousadia pa se defender ẽ ate mor

te:& tanto que forão na torre do alcay de trancarão muy bem a porta que era pequena,& deyxaranse estar. E abalãdo Afonso dalbuquerque pera esta porta chegou ho capitão môr cõ seu filho Nuno da cunha & outros fidalgos com ho resto da gente & logo Afonso dalbuquerque mandou quebrar as portas cõ os machados; & os mouros de dentro estauão tanto alerta que assi como se fazia abertura na porta, assi sahião logo por ela as espadas com que dauão muy feras cutiladas segundo se pareceo nas adargis de Iorge barreto, & de Ioam fernandez ayo de Nuno da cunha, & doutros que sendo muyto fortes forão todas affatiadas de tamanhas cutiladas que lhe chegauão aos embracamentos. E como a porta era pequena & eles se defendião tão brauamẽte nã os podião os nossos entrar. E vendo ho capitão môr,& Afonso dalbuquerque sua grande valentia,pesoulhes de morrerem tão especiaes caualeyros, & cometeranlhes por hũ lingoa que se dessem,& que lhes darião as vidas: & eles estauão tão emperrados contra os nossos que antes quiserão morrer,parecendolhes que primeyro matarião algũs, & sendo os nossos desenganados que se não querião dar:hum Ioão freyre paje do capitão môr quis sobir ao terrado da torre com tenção dentrar por ali: & sobio por hũ pao:& porque ho terrado era cercado de peytoris altos,saltou delles no terrado. E parece que pelo salto foy sentido dos mouros, ou como quer que foy sairamlhe logo algũs per hũa portinha que sahia ao terrado que era tão estreyto que Ioão freyre se não pode ajudar da lança que leuaua pera se defender dos mouros,antes sembaraçou de maneyra que hũ deles ho pode matar ferindoho com hũa azagaya. E ainda ele não estaua bem morto quando Nuno vaz de castelo branco,que tambem sobira saltou no terrado,& assi Dinis fernandez de melo ho mulato:& hũ Antonio de lis,& logo os mouros em os vendo se decerão ao sobrado onde os outros estauão, & todauia defendendo valentemente ho lugar per onde decião que por ser muy perigoso,& por os mouros estarem debayxo,& poderem matar ali os nossos as estocadas, nam quiserão eles decer apos os mouros. E parecendolhes que decima lhes farião dano com hũa besta que leuaua Nuno vaz se deteuerão,& ele fez muy asinha no terrado hum buraco com hum punhal q̃ trazia,& dali fez quatorze tiros que todos empregou. E com tudo não aproueytaua pera debilitar os mouros que estauão como danados: & era passmo ver ho que fazião, ho que vendo Afonso dalbuquerque,& que se aquilo fosse auante que era nunca acabar, mãdou trazer dous padeses bizcainhos q̃ por sua fortaleza empararião os nossos sem os mouros os poderem offender,& leuandoos diante dous homens remetem à porta, indo outros muytos detras deles , & assi entrarão com os mouros,& como forão dentro matarãnos a todos em pouco espaço. E mortos ficarão os nossos senhores da fortaleza que foy tomada das seis oras da manhã ate ho meo dia. E morrerião dos mouros ate oytenta & cinco & não se tomou viuo mais q̃ hũ q̃ era piloto & auia no me Homar. E dos nossos morreo entã somente Ioão freyre, & forão feridos obra de cincoenta,de que despois morrerão sete. E tomada a fortaleza foy metida a saco,& por os mouros serẽ frõteyros acharã os nossos pouco despojo

de riqueza:& ho mais foy dalgũs mantimẽtos & darmas antre as quaes forão achadas algũas espadas com letras latinas que dezião ẽ latim, Deos ajudame: no que parecia que Christãos as fizerão, & as venderão aos mouros. E na pouoação da gente da terra acharão os nossos mais algũ despojo q̃ na fortaleza:por terẽ hi os mouros suas molheres & as suas casas, & não outras forão roubadas. E as molheres dos mouros nã forão catiuas por serẽ naturaes da terra, cujos moradores ho capitão mór não q̃ria anojar antes atrahelos a paz, & concordia co os nossos, pera que os que ficassem na fortaleza esteuessem seguros. E por isso despois de tomada mandou dizer à pouoação que lhes rogaua que não fizessem nhũ aluoroço por sua vinda:porque ele não vinha ali por mãdado del rey de Portugal senão pera os liurar do poder dos mouros, porque sabia que erão Christãos como eles rogãdolhes muyto q̃ por essa rezão quisessem ser seus amigos. Ho qual recado esses mais velhos que gouernauão a terra receberão com grande contentamẽto, & ho disserão a todos os da pouoação:que forão muyto contentes com a amizade dos nossos.

Capitulo. XLIII. De como despois de tomada a fortaleza de çacotorá aos mouros, fez o capitão mór amizade com a gẽte da terra, & do mais que sucedeo.

OVuido ho recado do capitão mór logo os mais velhos da terra, & algũs clerigos lhe forão falar aque ele disse ho que lhes mandara dizer pelo lingoa. E eles lhe derã cõta de como estauão sugeytos a el rey de Fartaque, & da gente que ali tinha cõ seu filho, & despois de lhes ho capitão mór dizer a causa de sua vinda, & como auia de deyxar gente naquela fortaleza pera segurança da terra concertou coeles que ho ajudassem com mantimentos, & que se fizessem Christãos, segũdo costume da igreja Romana, como logo começarã de fazer na mezquita à que ho capitão mór pos nome nossa Señora da vitoria, onde ele & todos os fidalgos, & capitães forão em procissão, & leuarão com grande festa os primeyros que se fizerão Christãos. E assentado isto, ho capitão mór entregou a capitania da fortaleza à dom Afonso de noronha, q̃ a trazia de Portugal, & deulhe cargo de afortalecer. E por quãto se ele auia de hir pera a India, & Afõso dalbuquerque auia de ficar por capitão mór do mar deulhe cuydado do prouimẽto da fortaleza, & pa q̃ a gẽte da terra lhe conhecesse s̃ñorio. Pelo q̃l Afonso dalbuquerque soube logo quãtos erão os palmares que os mouros tinhão, & tomou os, porq̃ erão dos mouros, & tomados os arrendou a homens da terra, pera que lhe pagassem renda de tamaras: & de milho, que são os principaes mantimentos da terra, & outros deyxou pera as mandar apanhar. E estando assi nesta amizade os mouros q̃ disse que escaparão da tomada da fortaleza como querião mal aos nossos trabalharão por induzir como induzirão a gente da terra que moraua em algũas pouoações afastadas da fortaleza que se leuãtassem contra os nossos fazendo lhes crer q̃ nã vinhão ali senão pa lhes tomar a terra, & a eles leualos catiuos cõ molheres & filhos: & q̃ se eles se leuã

tassem contra os nossos, & lhes não dessem mantimẽtos que não poderião sofrer estar mais na ilha, & se irião. E tomando os da terra este conselho ho poserão por obra, de que sucedeo auer antre eles & os nossos algũs descõcertos de guerra que ainda que durauão pouco, foram muytas vezes. E isto durou quasi todo ho inuerno que Tristão da cunha ali teue, por ser muyto perigoso atrauessara nele a India, & as naos da frota inuernarão no mar: por se não poderem tirar a monte, & esteuerão em hũa ponta chamada Benim que quer dizer emperadora dos ventos, & sempre ho capitão môr dormia no mar cõ sua gente, por os mouros lhe não fazerem algũa roindade nas naos com lhe poerem fogo, & Afonso dalbuquerque era ho que tinha quentender com a gẽte da terra quando se leuantaua.

Capitulo XLIIII. Como se começou de leuantar elrey de Cananor contra os nossos q̃ estauão na fortaleza & de como ho visorey os mandou socorrer per dom Lourenco.

NEste tempo reynaua em Cananor hũ rey que sucedera no reyno per morte do que era amigo dos nossos. E este fora feyto rey cõ fauor del rey de Calicut, & era grãde nosso immigo & desejaua muyto de lãçar os nossos de sua terra. E andaua esperando tempo pera se leuantar contra a fortaleza. E tomou causa pera ho fazer por amor do capitão da nao que Gonçalo vaz de goios tomou a monte Deli que deytou no mar, na barra de Cochi. E morreo como ja disse, do que se ele mãdou aqueyxar a el rey de Calicut, pedindolhe ajuda de gente, & armas pera se aleuantar contra os nossos. Elrey de Calicut que auia dias que lhe cõselhaua, ho mesmo lha mandou logo assi de gẽte como de vinte & quatro peças dartelharia mandandolhe muytos agardecimentos do que fazia, & ofrecimentos pera mayor ajuda se lhe fosse necessaria. E assi ho mandou muyto esforçar pera começar a guerra, & insistir nela com cuja reposta el rey de Cananor foy muy contente. E como era em Abril, & entraua ho inuerno, que era ho tempo que ele tinha por melhor pera dar seu desejo a execução começou de ho mostrar, porque fazia cõta que no inuerno a fortaleza não podia ser socorrida, por quam perigosa he a nauegação daquela costa em tal tempo. E antre a sua cidade, & hũ poço dagoa que estaua obra dhũ tiro de pedra da fortaleza de que os nossos bibião, mandou abrir hũa caua que atrauessasse de mar a mar: & mandou que deyxassem hũ caminho muyto estreyto pera ho poço, & não sabendo Lourẽço de brito, ho pera que aquilo era, quis nosso senhor que ho soube polo Principe de Cananor, & por hũ seu tio grandes seus amigos que lho mandarão dizer, auisandoho que se goardasse. & q̃ soubesse que ho caminho que ficaua da caua pera ho poço, ficaua pera seruentia de se defender por ali a agoa aos nossos, & pelejar coeles: & que defronte dele se auião de fazer estancias dartelharia. E assi ho auisarão da grande ajuda que el rey de Calicut daua a el rey de Cananor, & que tinha pera aquela guerra sessenta mil homens. Lourenço de brito mãdou muytas pe

ças ricas ao Principe & a seu tio per este auiso,& prometendolhes outras muytas porque lhe dessem outros do que el rey determinasse naquela guerra,ho q̃ lhe eles prometerão ,assi por serem seus amigos como polo que esperauão,q̃ são muy inclinados a receber ho q̃ lhes dão.E Lourẽço de brito escreueo logo ao visorey pedindolhe socorro & entre tãto mandou aos nossos q̃ nhũ não fosse a pouoação dos mouros. Ho visorey quando lhe chegou ho recado de Lourenço de brito andaua ocupado em ho processo contra os capitães que aconselharão a dom Lourẽço que não pelejasse com Maymame,& vẽdo a necessida de que Cananor tinha de socorro despachou logo pera la a dõ Lourenço em hũa nao:& hião coele muytos fidalgos, & outra gente:& mãdoulhe ho visorey que obedecesse em tudo a Lourẽço de brito,assĩ em ficar na fortaleza como ẽ se tornar. E chegando dom Lourenço a Cananor Lourenço de brito se carregou muyto coele,parecẽdolhe que hia pera inuernar hi:& disselhe logo que se auia ali de ter ho iuerno que ele se hiria pera Cochim:& dom Lourenço lhe disse ho que lhe seu pay mandara,por isso que logo se queria tornar. E assi ho fez deixandolhe a gente que trazia cõ que ficauão na fortaleza quatro centos ho mẽs antre Portugueses,& Malabares, posto que estes erão os menos,& dom Lourenço se tornou pera Cochim com muyto grande trabalho por achar ja muytas toruoadas,& tormentas.

Capit. XLV. De certos capitães moores de uiagem que partirão pera a India no anno de. M. Dvij. E de como foy Vasco gomez dabreu por capitão môr de çofala: & de Moçambique.

Deste anno de mil & quinhẽtos & sete ouue el rey de Portugal por bem que a armada que auia dir pera a India fosse repartida per tres capitanias mòres q̃ forão desta maneyra.s.Iorge de melo pereyra capitão da nao belẽ foy por capitão môr Dãrriq̃ nunez de lião q̃ hia por capitão dhũ nauio chamado santo Antonio,Felipe de crasto por capitão mòr de Iorge de crasto seu hirmão,Fernão soarez capitão mòr de Ruy da cunha,de Gonçalo carneyro,& de Ioão colaço,& todos hião em naos grossas.E cada hum destes capitães mòres assi como se acabaua da perceber se partia,& partirão todos ate Abril meado. Mandou tambẽ el rey por capitão mòr de çofala,& Moçambique a Vasco gomez dabreu que fora por capitão na armada do visorey,& mandaua fazer por ele hũa fortaleza na ilha de Moçambique onde auia destar feytor & alcayde môr:porque as armadas que ali hião fazer agoada achassem gasalhado,& auia de ser seu superior Vasco gomez. E assi lhe deu el rey pera leuar consigo a Ruy gonçaluez de valadares capitã do nauio sã Simã,& a Pero lourẽço do nauio são Ioã,& a Ioã chanoca capitão dhũa carauela: & ho nauio em que auia de hir ho capitão mòr se chamaua sam Romão cujo capitão se chamaua Lopo cabral. E estes quatro capitães hião ordenados pera auerem de fazer pola costa de çofala ate Melinde ho que lhe mandasse Vasco gomez dabreu:porque era a tẽçam del rey goardarem aquela costa que não leuassem os mouros dela nenhum ouro

seu desejo,& quanta desonrra se se não posesse,pois el rey de Calicut emperador do Malabar,& tam principal antre os reys da India lhe dera a mão naq̃la empresa auendo por certo que muyto melhor que ele mesmo rey de Calicut a poderia leuar auante. Ao q̃ ho Pricipe contradisse,dizendo que el rey de Calicut sẽdo em tresdobro mais poderoso que ele nunca podera desfazer ho nome dos Portuguezes do paſso de Cãbalão não sendo ainda oytenta homẽs, nem tendo fortaleza em que se defẽdessem,senão estando em dous nauios podres:& magoado disto queria ver se se podia vingar a sua custa dele rey de Cananor,& cõ meter tam pouco cabedal como era a ajuda q̃ lhe tinha dada queria auẽturar a ganhar tamanho ganho: ho que não podia ser:porque quando el rey de Calicut fizera tam pouco contra tam poucos Portugueses tendo tanto poder,que faria ele contra tantos q̃ntos entam erão,& tambẽ fortalecidos: que ouuesse boõ conselho,& que nam cresse as doudices del rey de Calicut nẽ os maos conselhos dos mouros,que mais pola imizade que tinhão com os nossos que por desejarem acrecentamento de seu estado trabalhauão,porque ele sosteuesse a guerra:porque por derradeyro vendo que ela não socedia como eles desejauão não tinhão mais q̃ perder q̃ hirse viuer a outra parte,por q̃ leuauão consigo sua fazẽda:& ele auia de ficar na terra que era sua,tão pobre,& desbaratado como el rey de Calicut cõ a guerra que teuera com os Portugueses,que tomasse exemplo nele:porque ho isso era escarmentarse homẽ em cabeça alhea. E com quanto este cõselho do Pricipe era ho verdadeyro,os mouros teuerão tanto poder:& tambem a má inclinação del rey que nunca pode seu juizo comprẽder quam boõ era:& todauia mandou a seus capitães que logo mandassem fazer casas dola ao longo da sua caua,porque soubesse sua gẽte que se não auião daleuantar dali ate não entrarem a nossa tranqueyra. E este mandado foy executado com muyta presteza tres dias despois que ho Principe mandou ho auiso ao capitão:& chegarão os immigos hũa tarde com muytos instrumentos de guerra diante,que vinhão fazendo grande estrõdo:& trazião suas balas que erão mais altas que hum homẽ,& de vara & mea de cõprido,& erão de cairo & dalgodã,porque os pelouros embaçassem nelas. Ho capitão que os vio acodio logo visitando cõ muyta presteza todalas estancias,assi da ponta como da trãqueyra em que os nossos poserão fogo a essa artelharia q̃ tinhão,& derão pelos imigos:em que nam fazia nhũa mossa os que a artelharia mataua:& assi esteuerão ate a noyte & nela acabarão os imigos de fazer suas casas. E ho capitão em se ela çarrãdo deu conta aos capitães das estancias,& a esses homens principaes da determinação dos immigos,& ho pera que trazião aquelas balas. E porem que ele cõfiaua em nosso senhor,& em seu esforço que tudo seria ao contrayro,& que a vitoria auia de ficar co eles. E porque se temeo que em quanto os immigos dessem combate á trãqueyra,ho desseẽ outros á ponta,mandou aos capitães das estancias dela:que por nhũa cousa se tirassem delas,& todos lhe responderão que descãsasse. E despois disto cearão & toda a noyte foliarão,& fizerã muyta festa por dar a entẽder aos immigos que os nam tinhão em cõta:cujos capitães ante manhã se começarão de poer

em ordem pera dar ho combate:de mo do q̃ manhã crara abalarão pera a nossa tranqueyra com grandes gritas leuã do suas balas diante que erão tãtas que quasi ocupauão outro tanto espaço como ho da tranqueyra:& com cada hũa delas vinhão dous homens que as rolauão,& detras vinha toda a gente empa rada com elas. E era como disse seu pensamento chegar a nossa caua,& atopila estando detras das balas,fazendo cõta que como a caua fosse atopida que logo a trãqueyra seria ẽtrada,& assi era por serem tãtos quantos erão. Os nossos q̃ ja estauão prestes poserão fogo a seus tiros,& ho primeyro foy hũ camelo cõ que lhe ho capitão mandou tirar,cuydando que arrõbasse a bala em que desse:mas não foy assi,porque ho pelouro com quam grosso era embaçou nela ho que deu tanto prazer aos immigos que leuantarão grande grita:que parecia q̃ fendia ho ceo,& fazia tremer a terra. E este embaçar do pelouro teue tanto poder que sentio ho capitão em algũs dos nossos que desacoroçoauão de se poderem defẽder. E dissel hes bradãdo,Homẽs de que desconfiaes,tẽde muyta fè em deos que não vos liurou ele tãtas vezes das armas destes cães quando passaueis per meo deles a tomar agoa pera vos desemparar agora. E dizendo isto supitamẽte lhe lembrou que estaua na fortaleza hũ tiro de metal chamado serpe,que era mais furioso que ho camelo: & mandou logo por ele:porque se mais tardara este remedio,os immigos ouuerão demparelhar com a caua,& os nossos ouuerão de passar perigo. E trazida a serpe:& asestada deulhe ho condestabre fogo,& tirou tão furiosa que a bala em que ho pelouro acertou foy pelo àr. que os nossos derão hũa grita tão espãtosa pera os immigos,camanho espãto foy ho que os entrou,vendo hir pelo àr os pedaços da bala,& ver quã pouca defensão tinhão nas outras contra os nossos:porque logo cõ a mesma serpe lhe começarão a desfazer as balas. E como os imigos forão desemparados das balas entrou a serpe coeles,& dũs leuaua as pernas,doutros as cabeças,outros partia pelo meo,& os pedaços deles andauão voãdo pelo àr. E despois cobriã ho chão,ho q̃ fez tamanho medo nos viuos que fugirão:& deyxarão as balas os nossos assi como os virão voluer as costas saltarão logo pela tranqueyra fora. E dão apos eles,& ate que os ençarrarão na sua caua os forão seguindo,matando tantos deles que ho campo ficou cuberto de mortos & de feridos,sem dos nossos auer morto nẽ ferido. E durou este combate quatro ou cinco oras, mas não soube em que dia foy:somẽte que era no mes de Iunho. E recolhidos os immigos ao seu arrayal,recolherãse tambem os nossos à tranqueyra onde ho capitão com todos eles derão muytas graças a nosso senhor pela merce q̃ lhe fizera. E ho capitão a eles muytos agardecimẽtos polo esforço q̃ tiuerão.

Capitulo. XLIX. De como per mãdado do capitão deu ho alcaydemór de noyte no arrayal dos ĩmigos,que por essa causa ho leuantarão,& se recolherão pera a cidade.

AS nouas deste feyto forão logo a el rey de Cananor q̃ não soomente ficou coelas triste,mas com crecimẽto dodio cõtra os nossos. E cõ nouo desejo de os destruir,& os mou-

pera o mar roxo, nẽ pera a India, nẽ pa nhũa outra parte, & per esta maneyra tolheria aos mouros a cõuersação cõ os Cafres: & se tornarião mais asinha a nossa santa fê catholica, & a ele resultasse tãbẽ mayor proueyto de çofala. E em cõpanhia de Vasco gomez forão tãbẽ dous fidalgos por capitães de duas naos, hũ chamado Martĩ coelho capitão da nao são Christouão & Diogo de melo da nao são Ioão, & estes dous capitães hiã dirigidos peraq̃ andassem na India tres annos darmada, onde fossẽ mais necessarios. E despachadas estas naos & nauios, partiose coelas ho capitão mõr Vasco gomez dabreu hũa terça-feyra vinte dias Dabril: & aos tres do mes de Mayo na costa de Guinê mandou à Ioão chanoca capitão da carauela que fosse diãte de toda a frota, & que leuasse ho forol por ser ho mais peq̃no nauio dela, & mais veleyro. E indo assi diante se perdeo hũa noyte na costa do reyno de Gelofo por mâ vigia: & saluou se toda à gente por ser muyto em terra: & os outros nauios se saluarão daquele desastre por graça de nosso sñor, q̃ deu sentido aos que hião neles pera ouuirẽ toar ho mar, & conhecerẽ quam perto estauão de terra, que não sabião da perdição da carauela, assi pola escuridão grande da noyte, como por a carauela ir mea legoa afastada da frota pera a costa, & conhecendo os pilotos ho perigo em que estauão surgirão, & assi esteuerão surtos ate ho outro dia, que ho capitão mõr soube como a carauela era perdida, & por a costa ser roim, & quebrar ho mar muyto nela, & ser em terra de roim gente não ousou de mandar a terra: & tambem porquesperaua de fazer agoada em Bezeguiche questaua dali perto, como de feyto fez: & quando chegou achou hi à gente da carauela, senão ho capitão, & escriuão, & perto de quize homẽs questauão reteudos per mãdado del rey de Gelofo, os quaes correrão muyto risco de os matarẽ, & os roubarão de tudo ho que leuauão, & ho capitão mõr os ouue com dificuldade.

Capitulo. XLVI. De como el rey de Cananor rompeo a guerra com ho capitão de Cananor, & do ardil que mestre Thomas fernandez teue pera que os nossos tomassem agoa sem perigo.

Despois de partido dõ Lourenço pera Cochĩ, Lourenço de brito capitão da fortaleza de Cananor seapercebeo pera a guerra quespe-raua, & mandou fazer hũa tranqueyra antre a fortaleza & ho poço, porem mais perto dele que da fortaleza, porque os nossos tiuessẽ menos que ãdar, quãdo fossem tomar agoa: porque como digo não tinhão outra que bebessem senão aquela. E esta tranqueyra chegaua tãbẽ de mar amar como a dos imigos:

& mandou deyxar hũa seruentia com hũa ponte leuadiça, que se leuantaua: & abayxaua per duas cadeas. E assi nesta seruentia como na trãqueyra mandou fazer estancias dartelharia, & hũ peda ço de caua. El rey de Cananor como sou be a maneyra de q̃ se ho capitão perce bia, não quis mais dilatar ho rõpimẽ- to da guerra q̃ ateli tinha dissimulado, & fez prestes sua gẽte q̃ serião bẽ sessẽ ta mil naires, & mouros. E na ẽtrada de Mayo sendo as tranqueyras dambas as partes acabadas, mãdou dar vista à for taleza com toda esta gente, & todos bẽ armados à sua vsança, hũs de frechas, outros de lãças, outros despadas & adar gas. E como erão tantos cobrião toda a terra, & era espanto velos: especialmen te que leuantarão grandes gritas: & pos elas desparararão essa artelharia que ti- nhão nas estancias, à que os nossos tam bem responderão das suas, que ho capi tão tinha ordenadas, & repartidas por esses fidalgos que auia na fortaleza que não nomeo, porque não soube ho no- me de todos. E Lourenço de brito aco- dio logo a tranqueyra onde os nossos es teuerão aos botes cõ os immigos, & ti- randose hũs aos outros com frechas, se tas, & arremessos, & espingardadas, & durou esta peleja hũ boõ pedaço que os immigos se recolherão a suas estan- cias. E logo ho capitão repartio oytẽta homẽs per quoatro quartos que vigias sem de noyte a tranqueyra, & a defẽdes sem se os mouros viessem. E assi orde- nou outros que pelo mesmo modo vigi assem a ponta de Cananor, onde a este tempo estaua a feytoria, & muytas ca- sas terreas cubertas dola em que mora uão Portugueses. E porque os imigos tinhão armada no mar, se temia que de noyte saltassem em terra, & posessem fogo às casas, a mandou vigiar, & a gẽte q̃ sobejou destas vigias ficou pera ele so correr coela quando fosse tẽpo, & jun to da porta da trãqueyra mãdou fazer hũa casa grande terrea cuberta dola, & cercada de bancos pera colheyta dos q̃ vigiauão, quando chouesse, & pera dor mirem quando não vigiauão. E daqui por diante pelejauão os nossos muytas vezes com os immigos, assi na trãquey ra que eles vinhão cometer, como quã do os nossos hião tomar agoa do poço: porque como os immigos sabião quan ta necessidade os nossos tinhão dela, trabalhauão com todas suas forças por lha defender. E ho capitão que isto sa- bia, porque lhe não matassem muytos quando a fossem tomar, mandaua pri- meyro sair fora da tranqueyra ao capi tão de cujo era ho quarto com sua gen- te a trauar peleja com os immigos: & co mo era trauada, sahia ho alcayde mòr com ho corpo da gente, & engrossaua a peleja: & estes embaraçauão os immi gos que não toruassem os que sahião a tomar agoa, que a tomauão em quanto duraua a peleja: em que nosso señor da ua esforço aos nossos que não sẽdo ma- is que ate duzentos homẽs: & os immi- gos quando menos vinte mil sostinhão ho seu impeto, não receãdo a multidão de frechadas, lãçadas, cutiladas, & arre messos, & muytos pelouros dartelha- ria, em quanto se tomaua a agoa: & ela recolhida se recolhião eles a tranquey- ra, matando sempre dos immigos: po- rem custandolhe muyto, porque nũca sahião a tomar agoa q̃ não viessẽ muy tos feridos, & algũs ficauão mortos, & pola sua pouquidade sentiase mais hũ deles que cincoenta dos immigos, que segundo erão muytos, era muyto fica- rem no campo tão poucos dos nossos,

que forçadamẽte sahião quasi cada dia a tomar agoa, porq̃ como os que sahião a tomala erão poucos, & a tomauão cõ tamanho perigo, não podião tomar se não pouca: & nesta punha ho capitão muyta prouisão, & se daua per tão estreyta regra, que não auia quẽ não padecesse sede. E por isso os nossos querião ãtes pelejar com os imigos que com ho trabalho da sede, & importunauão ho capitão que os deyxasse sair muytas vezes: & como ele pelo perigo ho não cõsentisse, algũs dizialhe que sahirião ainda q̃ ele não quisesse. E por isso lhe alargaua a redea com quanto lhe pesaua muyto dos que morrião. E auendo hũ mes que ho cerco duraua, & vendo que se os nossos leuassem ho caminho que leuauão, que antes de acabar ho inuerno, que era ho tempo quesperaua q̃ durasse, acabarião eles: deytouse a cuydar no remedio que isto teria: & parece olhe que despois de deos lho daria hũ Thomas fernandez mestre das obras del rey na India, que fizera essas fortalezas que auia nela: & era homẽ de boõ saber em sua arte, & de sutil engenho, a quẽ pedio remedio pera auer a agoa sem perigo. E cuydando mestre Thomas nisso inuentou de fazer hũa mina que fosse da fortaleza ate ho poço. E começouha logo, & assi como hião cauando hũ pedaço, assi era logo cuberto darcos de pedraria: & deste modo foy a mina ate tam perto do poço, que não falecia mais de hũ couto pera chegar a ele, & então ordenou per onde se podia tirar a agoa, & a mina era de tanta altura & largura q̃ podião ir por ela dous ho mẽs acaualo, & quando se acabou, foy grande festa feyta na fortaleza, & derãse muytos louuores a nosso senhor, & a mestre Thomas por tão boa inuenção como aquela foy. E dali por diãte forão os nossos abastados dagoa & fora de perigo, & do trabalho que tinhão em a ir tomar, porq̃ não sahirão mais a tomala. E receando ho capitão que os immigos com rayua de os nossos não sairem a tomarla, & os não poderẽ matar lhes deitassem nela peçonha, (porque logo auião dentender que a tomauão por dẽtro) por dentro da mina, mandou tambem fazer no meyo do paço hũ sobrado com palmeyras, & rama delas, & sobreste sobrado mandou arrunhar o poço: & assi ficou, de maneyra que os immigos lhe não podião fazer nhũ nojo.

Capitulo. XLVII. De como elrey de Cananor uendo que os nossos não sabião â tomar agoa: determinou de os tomar per cõbate, & de como ho Principe auisou disto ao capitão.

VEndo el rey de Cananor que no tomar da agoa não podia fazer mal aos nossos, tomou conselho com os mouros de q̃ maneyra lho faria: & eles lho derão, que mãdasse cõbater a tranqueyra muyto â miude, & assi se fazia, mas não lhe aproueytaua nada, porque sempre ficauão no campo muytos deles, ho que vẽdo os immigos começarão derecear a tranqueyra, & não querião correrlhe por mais que lho el rey mandaua: & esteuerão bẽvinte dias sem ho fazer. E a el rey não lhe deu disto, porque nestes dias lhe derão os mouros hũ ardil pera tomar a tranqueyra. E entre tanto que se fazião as cousas necessarias pera hũ combate q̃ se lhe auia de dar, com que sesperaua q̃

se tomasse, quis dar folga aos seus: & mandou os afastar, & assi a artelharia. E vendo ho capitã que os imigos nã vinhão como sohião espantouse muyto, & pareceolhe aquilo algũ misterio. E por outra parte parecialhe que se fora cousa que lhe comprira saber, que ho principe lhe dera auiso. Mas quãdo lhe lembraua que ho parentesco que tinha com el rey, & a cõuersação poderia mais que a amizade q̃ tinha coele: & mais passando de dous meses que a não exercitauão, não sabia se cõfiasse nele: & andando nesta duuida desejaua de se tirar dela, & saber ho porque os imigos não cõbatiã ã tranqueyra como dãtes. E hũ carpinteyro da fortaleza, que era amo de Tristão da cunha vendolhe esta võtade de tomar lingoa, lhe disse que ele armaria fora da tranqueyra hũ cepo, com que facilmente se tomaria lingoa dos immigos se viessem algũs: & assi ho fez. E pera que eles viessem mãdou ho capitão obra de quarenta espingardeyros que fossem contra Cananor onde os immigos estauão: q̃ vendo os nossos sahirã logo muytos a pelejar coeles, cuydando que os matassem. Os nossos se recolherão contra ho lugar õde estaua ho cepo. E chegando perto dele fizerão duas vezes volta aos immigos: & da derradeyra fizerão que fugião. E cuydando os immigos que era de verdade apertarão coeles, & ho principal cahio logo no cepo. Os nossos que ho virão fizerão volta aos imigos, & apertãdo coeles os fizerão fugir, & tomarão ho que caira no cepo: & leuarãno ao capitão, q̃ lhe fez preguntas da causa por que os imigos não vinhão correr a trãqueyra, & ho q̃ determinauã: & ele disse, que porque vião quã pouco lhe prestauam seus cometimentos, & que não sabia outra cousa. E porque este Nayre vinha ferido ho capitão ho mandou curar: & dali ã poucos dias ho Prĩcipe de Cananor mãdou dizer ao capitão que se percebesse dhũa tranqueyra muyto forte, porque lhe auiã de ser dado hum muy rijo combate com balas dalgodão que os immigos auiam de leuar diante pera embaçarẽ nelas os pelouros da nossa artelharia, & que determinauão de lhes atupir a caua com muytos materiaes que trazião pera isso, por isso q̃ oulhasse por si. E este recado lhe mandou per hũ criado seu que foy de noyte per mar à fortaleza en hũa almadia, ẽ que lhe leuaua da parte do Prĩcipe galinhas figos, & cocos. E este recado tomou ho capitão secretamente; & despedio ho messegeyro com muytos agardecimẽtos ao Principe: & assi com algũas peças ricas & ao outro dia disse ẽ secreto a certos fidalgos o que lhe mandara dizer o Principe: & apercebeose pera este combate, fortalecendo muyto mais a tranqueyra do que estaua.

Capitulo. XLVIII. De como os immigos derão hũ combate â tranqueyra, & de como forão desbaratados.

ACabadas de fazer as balas que os immigos fazião pera ho cõbate q̃ auiã de dar aos nossos, ꝑpos el rey de Cananor a seus capitães ho grande desejo que tinha de destruir os nossos: & apagar seu nome de sua terra dandolhes pera isso todas as rezões que pode, & assi lhe representou quanta hourra ganhaua em se poer em obra

ros ho forão logo visitar cõsolandoho, & fazendolhe muyto pouco ho desbarato das balas:& prometendolhe outro ardil pera tomarem a tranqueyra,dizẽ dolhe que na guerra acontecia muytas vezes não sairẽ os efeytos dos ardis cõformes ao pensamẽto de quem os inuẽtaua,mas que nem por isso se desespera ua de se não acharem outros que aproueytassem. Por isso que teuesse esperãça que auia de sair com sua empresa como ele desejaua, & que mãdasse a seus capitães que não aleuantassem ho arrayal,& se deyxassem estar,& corressem a tranqueyra: & mandasse tambẽ gẽte per mar cometer a ponta, & pegassem fogo na pouoação:& dizẽ que ele mesmo foy ao arrayal,& consolou os capitães:& os animou pera cometerẽ a tranqueyra,prometendolhe grandes merces. E assi as prometeo tãbem a outros que mandou per mar que cometessem a ponta. E assi hũs como outros trabalharão por fazer seu mandado, mas não aproueytou nada, porq̃ a trãqueyra defendiãna os nossos, & a ponta ela per si se defendia cõ a roim desembarcação q̃ tinha. E com tudo ho capitão se agastaua muyto com a estada dos immigos no arrayal,porque dauã muyto trabalho aos nossos,assi cõ a artelharia como cõ seus rebates a miude que os fazião estar de dia,& de noyte com as armas vestidas,& não tinhão nhũ repouso. E ho capitão cuydaua que desbaratadas as balas não ousarião os immigos desperar mais. E mais fazendolhe a ser pe muyto nojo,com que lhe mãdaua fazer muytos tiros:& vẽdo que não aproueytaua pera os immigos leuantarẽ ho arrayal andaua muy agastado. E entendendoo ho alcayde mòr que era castelhano,& se chamaua dalcunha Goadalajara valente caualeyro, & muyto boõ homẽ dissellhe,que pera que se agastaua pelo que estaua em sua mão fazelo se quisesse. E pois queria fazer leuantar ho arrayal aos immigos que ho fizesse com as armas,& não com se agastar. E que lhe parecia que ho deuia de deyxar sair a dar nos mouros hũa noyte,& que com cento & cincoenta homens que leuasse esperaua em nosso senhor de dar tal varejo nos immigos que eles ouuessem por seu barato de se ir: & q̃ ele iria com aqueles homẽs todos jũtos:& muy caladamente atè chegar ao arrayal onde darião todos a hũa em ele dando hũ brado:& que posesse este parecer em conselho, & se parecesse bem que sahiria logo na noyte seguinte. Ho capitão lhe teue muyto em merce seu conselho, & ofrecimento, & folgou muyto coele, & logo chamou a conselho, & propos nele este feyto, ho que pareceo bem a todos fazerse, & se ofrecerão a ser nele. E acertou logo que aquela noyte foy muyto escura,& chuuosa de chuua miuda,& primeyro que ho alcayde mòr saisse, mandou ho capitão poer muytas camaras ceuadas sobre a tranqueyra, pera despararem em os nossos dando nos immigos,& fazerem a cousa mais temerosa. E a prima noyte sahio ho alcayde mòr cõ os cento & cincoenta questauão ordenados pera sairẽ coele: ãtre os quaes forão estes fidalgos & caualeyros.s. Ruy pereyra, Fernão perez dãdrade, Vicente pereyra, Diogo pereyra, Ruy de são payo, Simão dandrade, Francisco pãtoja, Pero teyxeyra, Francisco de miranda, Iorge fogaça, Antonio paçanha ho bastardo, Aluaro de brito, Antonio raposo, Pero fernandez tinoco, Gonçalo vaz de goies, Gil casado, Ioão gomez cheyradi

nheyro, & outros a que não soube os nomes. E como fazia grāde escuro: & chuuia nūca forão vistos nem sentidos dos immigos senão quādo derão neles grā de grita, & em ela começando, despararão todalas camaras que estauão sobre a tranqueyra, & como era a noyte em si temerosa com a escuridão, & chuua & a grita dos nossos fosse muyto grāde & ho estrondo: & ho arroido das camaras tamanho, q̄ parecia que ho ceo & a terra se fundião foy a cousa tão medonha que os nossos que estauão fora do jogo pasmarão com medo: quāto mais os immigos sobre quem todos estes medos cahião como pera quem se fabricaua todo ho dano que deles resultaua. E pera os nossos lho fazerem ainda mayor do q̄ ho eles sentião tirarālhe cō hū camelo que estaua asestado em hūa das pontas da tranqueyra que fez tamanha esborralhada nas casas, & nos homēs que ho não poderão os īmigos sofrer, & fugirão quem mais podia: & como ho escuro era grāde, & a terra estaua molha da: hūs cahião outros esbarrondauão per decidas. E assi se acolherão deyxando ho arrayal desemparado, & ficando nele mortos passante de trezētos deles. E os nossos se recolherão a tranqueyra onde ho capitão deu muyto louuor ao alcayde mòr: & aos outros, & como foy manhā mādou logo roubar ho arrayal em que foy achado muyto despojo, prīcipalmente darmas antre as quaes se acharão sete bombardas de ferro, porē tambem feytas, & tão polidas que pareciāo de metal, & roubado ho arrayal foylhe posto fogo, & ardeo todo.

Capitulo. L. De como per desastre ardeo a nossa feytoria, & todas as casas da ponte forão queymadas. Em que ardeo a mòr parte dos mantimētos que auia na fortaleza. E da grāde batalha que foy antre os nossos, & os immigos dia de Santiago.

ESta destruição tão supita do arrayal dos immigos pos em grande cōfusão a el rey de Cananor, & lhe quebrou muyto a determinaçā que tinha de destruir os nossos, vendo que sendo tão poucos ousauão de cometer hū arrayal tão poderoso de gēte como ho seu estaua. E desespou de leuar sua empresa auante, & com menēcoria de lhe suceder tão mal seu proposito desonrraua seus capitães, & mais porque ho desenganarão que não auião de tornar a poer arrayal sobre a tranqueyra tão amedrontados ficarão do destroço daquela noyte, porē disseramlhe que quanto a ir correr a tranqueyra, & tornase a recolher a sua pouoação que ho farião de boa vōtade, porque assi fariā algum proueyto. E estando no arrayal não fazião mais que estarem a perigo de os queymarē a todos hūa noyte, porque os nossos erā muyto atreuidos, & sabião muytos ardis de guerra, de que senão podião aproueytar correndolhe sōmēte a tranqueyra, porq̄ era de dia. E aos mouros lhe parecerão bem estas rezões: & ainda nesta pratica ho Principe trabalhou por cessar a guerra, & el rey não quis por conselho dos mouros. E dali por diante não tornarão os imigos a assentar mais arrayal, & corrião a tranqueyra sōmente que era muyto menos opressão pera os nossos, porq̄ não lhe tiraua a artelharia q̄ era ho que lhe fazia mais nojo. E estando ja os nossos

mais desapressados do cerco, acõteceo hũ grande desastre, por onde se virão em muyto mayor opressão que dantes. E foy que hũ criado de Lopo cabreyra feytor que era de Cananor, deyxou de noyte hũa cãdea acesa na feytoria, que então estaua na põta em hũas casas cubertas dola, em que se ateou ho fogo da candea: de maneyra que ardeo, não somente a feytoria: mas quãtas casas auia na ponta forão todas queymadas, com quanta fazenda auia nelas, & na feytoria: & assi muytos mantimentos del rey questauão nela, & dos homẽs que estauão nas outras casas. E por mais deligẽcia q̃ os nossos poserão nunca poderão apagar ho fogo: & assi se perdeo tudo, de maneyra que os mais dos homens q̃ ali tinhão casas ficarão pobres. Porem ho que mais se sentio forão os mãtimẽtos que arderão, assi os seus de que estauão prouidos em suas casas, como os q̃ el rey tinha na feytoria: pelo q̃ dali por diante foy a fome muyto grande na fortaleza, em que não auia outros mãtimẽtos senão os questauão no almazẽ del rey, que por ser dentro na fortaleza escaparão. E estes erão poucos pa a muyta gente que auia, & pera quão longo tẽpo era necessario q̃ abastassẽ. O q̃ ho capitão logo pola manhã trabalhou por encobrir, porq̃ ho não soubesse a gẽte bayxa: & fugisse pera os imigos, cõ desesperação, & lhe descobrissem a mingoa q̃ tinhão de mantimẽtos. E estãdo a cousa assi, & os nossos apressados da fome q̃ ja se sẽtia quis ho capitão auer lingoa dos immigos: & pera isso mandou dia de Santiago fora da tranqueyra a hũ seu sobrinho, & a Fernão perez dandrade, & Pero fernandez tinoco, Francisco serrão, Gonçalo vaz de goes com outros que serião dez ou doze homens que se posessem em cilada junto da tranqueyra: & coeles forão seis espĩgardeyros a que ho capitão mandou q̃ fossem descobrir ho campo, & se mostrassem aos immigos, & como fossem vistos, q̃ os imigos fossem pareles se recolhessem pera onde estaua a cilada, & pera que os que estauão nela podessem tomar lingoa. E assi como ho capitão mãdou se fez, & descubertos os nossos espingardeyros pelos immigos, acodio logo hũ capitão com quatrocentos Nayres, parecẽdolhe que tinha tomados os espingardeyros, que se recolherão pa a cilada, tirãdo ora hũs ora outros, por q̃ assi lhe mandou ho capitão. Os Nayres que erão muytos, & vinhã muy denodados, com a furia de lhes lembrar q̃ aqueles serião dos que lhe fizerão leuãtar ho arrayal, & os poserão ẽ tamanho sobre salto como sentirão aquela noyte não recearão as espingardadas, & rompendo pelos pelouros chegarão tão perto dos nossos que per cima das espigardas cortarão hũa mão a hũ deles. E como isto era perto da cilada acodio ho sobrinho do capitão, & os outros q̃ stauã coele: & forão ferir nos immigos que os receberão com muyto esforço, & cercarãnos. E porq̃ ho sobrinho do capitão leuaua hũas armas ricas cuydauão os immigos que era ho mesmo capitão: & apertarão coele muytos pera ho catiuarem: porem ele se defendia valentemẽte, mas não tanto que não fosse muyto mal ferido, principalmente dhũa cutilada que lhe derão acima dos narizes ao traues: & foy tamanha que ho rosto dali pera bayxo lhe ficou dependurado sobelos peytos: os companheyros ho tomarão logo antre si pera ho susterem que não caisse, & pelejauão como liões porque os imigos apertauão coeles bra

uamente. Porẽ toda sua defensa não aproueytara se a este tempo hũ Gil afonso q̃ estaua sobre a tranqueyra não bradara ao capitão que acudisse aos nossos porque os matauão: & dizendo isto lançouse da tranqueyra abayxo, & foy ajudar os nossos. E este Gil afonso era priuado do capitão, & perderase no nauio de Lopo sanchez, & viera per terra ter a çofala como ja disse. Ouuindo ho capitão ho que lhe ele dissera arrebatou logo hũa lança: & posse âporta da tranqueyra pera defender aos nossos (que ja acodião) que não saissem, por não sairem desmandados, & se fazer hũ mao recado, porque os imigos recrecião, & poderião entrar a trãqueyra. E quãdo os nossos virão que lhes era defesa a saida pela porta guindaranse pelas lanças per cima da tranqueyra, & dauão consigo fora. O capitão que os assi vio sair, & que ho deyxauão sò, receandose do que podia acontecer, muy agastado disso lãçou mão dos cabelos, & oulhou pa ho ceo, dizendo em voz alta, Aa tredores a deos, a el rey, & amim, porque entregastes esta fortaleza aos infieis: mas nẽ por isso os nossos não deyxarão de sair todos, & forão ferir nos immigos q̃ doutra maneyra não escapara nhũ dos nossos que estauão antreles, porq̃ ja Fernão perez, Pero fernãdez tinoco, & outros estauão derribados de muyto feridos q̃ em quanto se poderão ter em pê ho fizerão muyto valentemẽte, jũcando ho chão de assaz de imigos hũs mortos outros feridos. E ho sobrinho do capitão quasi cõ as pernas decepadas ho leuauão os immigos catiuo, cuydando como digo que era ho mesmo capitão. E os primeyros dos nossos que hião de refresco que lhe acodirão forão tres, & hũ deles auia nome Ioam gregorio natural do Algarue, mancebo de vinte & cinco annos: & este com os dous remeterão aos imigos ferindo neles muy brauamente, & eles se abrirão logo, & fizerão rua per õde Ioão gregorio & os outros entrarão, & tomarão ho sobrinho do capitão, & ho recolherão sem os immigos ousarem de bolir consigo. E feytos em bastida dhũa parte: & da outra tinhão as espadas altas, & os escudos cosidos consigo, ho que pareceo milagre: & segundo se despois soube ali andaua Santiago, & ele era de quem os imigos auião medo que não ousarão de bolir consigo. E vẽdo ho capitão de cima da trãqueyra como seu sobrinho era recolhido, & quão bem os nossos ho tinhão feyto, bradoulhes que se recolhessem, & assi ho fizerão, deyxãdo mortos dos immigos bem trezentos: & deles morrerão quatro, & hũ deles foy Gonçalo vaz de goes, & forão muytos feridos: & destes forão, Fernão perez, & Pero fernandez tinoco.

Capitulo. L I. Da grãde fome q̃ auia antre os nossos por falta dos mantimẽtos que se queymarão, & da grã de multidão de lagostas que ho mar deytou na ponta de Cananor.

POsto que cada vez mais via el rey de Cananor cousas pera que esperasse de lhe suceder aquela guerra tão mal como lhe sucedeo, ho odio que tinha aos nossos lhe fazia de cada vez mais crecer a indinação cõ treles: & isto ho cegaua pera não conhecer quam de balde era seu trabalho, & se apartar de seu proposito: Ao que tã

bem ho ajudauão os mouros, que com falsas rezões lhe acõselhauão que não desistisse da guerra aindaque seu sobrinho,& seus vassalos lhe conselhassem ho contrayro poendolhe diante as vitorias dos nossos de cada vez que pelejauão coeles:& vendo sua obstinação lhe não quiserão falar mais nisso. E todauia despois que foy esta batalha esteuerão hũs dias quedos sem ousarem de tornar à tranqueyra,& neles se descobrio de todo a falta de mãtimẽtos q̃ auia na fortaleza, porq̃ se dauão per regra muy estreyta.E não era mais que arroz que se cozia em agoa tal sem mãteyga nẽ cocos. E assi ho comião os nossos altos & bayxos, & algũ pescado q̃ se tomaua da ponta,de q̃ todos começarão dadoecer, & auia grande trabalho ãtreles.Do que os imigos forão auisados per negros catiuos que fugirão da fortaleza com fome, & se forão pa reles crendo que achauão lâ de comer. E sabendo el rey de Cananor esta noua recebeo coela muyto prazer, parecendolhe que a fome lhe entregaria os nossos:& chamados seus capitães lhe deu parte de seu contentamento, dizendo lhe a causa porque ho tinha afirmando que aquele fogo com que arderão os mantimentos dos Portuguesesfora posto por seus Pagodes, cuja vontade era que fossem destruidos, & querião que ho fossem per aquela maneyra, por que recebessẽ mais pena ẽ sua destruição:& que agora que tinhão as forças debilitadas cõ a fome senão defenderião tambem como foyão, por isso que os fossem cometer,& lhe lançassem diante hum par de vacas pera que eles saissem a tomalas, & deste modo os acolherião fora da tranqueyra,& se vingarião deles;hoque assi como foy dito, assi foy logo feyto. E por isso ho Principe não teue tempo de mandar auiso ao capitão,que nunca pode ter os nossos q̃ não saissem a tomar as vacas como as virão.E os immigos que estauão a vista remeterão logo,cuydando que per fracos os desbaratassem, mas comoeles nũca enfraquecião fizerão fugir os immigos,& lhe tomarão as vacas que foy pareles asaz de dor, porque as adorão: & os immigos não quiserão fazer mais outra como aquela, ho que foy grande perda pera os nossos. Porq̃ fazião conta que se mãterião daquelas anegaças: & tornarão a padecer a fome como dãtes, porque despois que os mantimentos forão queymados, foy tamanha em quanto durou ho cerco que não ficou na fortaleza cão nem gato que não fosse comido. E assi os ratos quando se tomauão,& armauão laços aos adibes,& comiannos. E hũas duas molheres da terra matarão hum lagarto pequeno dagoa,& comerãno:& da pele fizerão hũa alcancara com que tangião. E estãdo os nossos muyto trabalhados com a fome em dia de nossa senhora Dagosto começouse daleuantar ho mar muyto alto,& correo assi aquele marulho pera a ponta:& descarregou na praya grande multidão de lagostas que os nossos apanharão dando muytos louuores a nosso senhor, & a sua gloriosa madre per cuja intercessão parecia que lhes daua aquelas lagostas pera seu mantimento,com que a todos se lhe leuantarão os espiritos. E ho capitão mandou logo leuar delas aos doentes que estauão no espirital com que supitamente se começarão dachar bem, & coelas se mantiuerão bem dez ou doze dias.

Capit. LII. Do grãde combate que os immigos derão aos nossos per mar & per terra. E como os immigos forão desbaratados.

OS mouros de Cananor estauão muy tristes de verem quã pouco fruyto dera a muyta diligẽcia que teuerão em cõselhar a el rey que fizesse guerra aos nossos. E como sabião que se chegaua ho verão: que era ho termo ate que poderia durar ho cerco da fortaleza, porque então viria ho visorey ou mandaria socorro: pelo que crião que de necessidade auia el rey de reformar as pazes com os nossos ou perderia seu estado: & auendo pazes eles auião de ficar com a peor. E isto os afrigia muyto, & querendo ainda tentar a fortuna se os ajudaria contra os nossos disserão a el rey que bem via como tinhão ho verão a porta em que a nossa armada que vinha de Portugal auia de socorrer aos nossos. E por isso ãtes que viesse lhes deuia de dar hum combate não soomente por terra: mas tambem por mar, que ja abrandaua de sua furia com a vinda do verão, afirmando que sendo ho combate deste modo, os nossos serião vencidos, assi por não serem tantos que podessem acodir ao mar, & aa terra como por estarem debilitados da fome, & pera ho combate do mar mandasse fazer dous castelos de madeyra pela vitola daqueles que el rey de Calicut mandara fazer contra Duarte pacheco: & que abalrroarião coeles a ponta sem lhe a artelharia dos Frangues poder fazer nojo. E que estaua certo não se poderem eles defẽder, & que os tomaria a todos viuos. E com ho desejo que el rey tinha daquilo pareceolhe facil cousa de fazer, & logo mãdou fazer os castelos. E em se querendo acabar mandou ho Principe auiso ao capitão do combate que se ordenaua, & que a moor força auia de ser per mar. E como ho capitão sabia quão maos os Nayres são de desembarcar, principalmente em roim desembarcadoyro, descarregou ho muyto saber, que a principal força do combate auia de ser per mar, porq̃ bem sabia quão maos desembarcadoyros auia na ponta. E cõ tudo mandou leuar laa hũa espera, porq̃ coeste tiro por ser furioso esperaua dedesbaratar os castelos dos imigos. E assi acrecẽtou outra artelharia nas estãcias q̃ estauão na ponta: & pos mais gente nelas do que auia dantes. El rey de Cananor tambem andaua em fadiga de mandar os petrechos pera ho combate, & ordenar sua gente per mar, & per terra em que tinha cincoenta mil homens, porque el rey de Calicut lhe mandara a moor parte deles, & algũs capitães, porem os mouros erão os mestres do dar do combate, & da ordenança dele, & ao dia que se ouue de dar ante manhaã se começou douuir na fortaleza ho estrondo dos tangeres dos imigos, & da sua artelharia. E ja a este tẽpo ho ca

pitão da fortaleza andaua visitando as estancias. E esforçando todos pera a defensão do combate: mas eu não pude saber como forão repartidas as capitanias das estancias. E manhã crara começão os immigos de mouer per terra pa a nossa tranqueyra com grandes alaridos. E assi abalou a frota questaua nabaya a demandar a ponta, & erão muytos tônes, & almadias grandes enjangadas com arrombadas muyto grossas de cayro, & paraôs pequenos da mesma maneyra. E tudo muy bem armado dartelharia, & bem fornecido de gente. E detras desta frota vinhão os dous castelos que erão tamanhos que traria cada hũ perto de cem homens. E tambem trazião algũs tiros dartelharia. E certo que era medonha cousa de ver, porque ho mar era cuberto com a frota, & a terra com gente. E os nossos no meo poucos, & todos muyto fracos da fome, & algũs não bem sãos de feridas: & outros doentes dos grãdes trabalhos com que auia seis meses que viuião. Porem assi como eles estauão lhe não faltaua esforço com ajuda de nosso senhor pera resistir aos immigos, de que como os que vinhão per terra, trazião menos ẽbaraço pera andar que os do mar: chegarão primeyro à sua caua, não estimando os muytos pelouros que lhe os nossos tirauão da tranqueyra com a serpe & com hum camelo. E como ali chegarão seruirão tambem falcões, & berços: & foy a bombardada tanta que os fez ali parar. E nisto começou a frota de se chegar â ponta. E a artelharia que tiraua assi do mar como da terra fazia tamanho arroido que parecia que ho ceo se abria, & ho mar, & a terra se fundião. E tudo era cuberto de fumo, & de fogo, mas como a artelharia dos immigos não era tão boa como a dos nossos, nem tiraua tão certo, fazia a dos nossos grande destruição nos immigos: especialmente a espera contra cuja furia não aproueytauão as arrombadas das jangadas: porque a hũas metia no fundo, outras arrombaua. E em todas fazia grande mortindade nos immigos, & assi a outra artelharia. E vendo eles ho mao trato que lhes dauão afastaranse pera hum cabo pera darem lugar aos castelos que chegassem como chegarão, mas fizerão tão pouco como as jãgadas, que com fauor dos castelos tornarão a dar outro apertão aos nossos de que per derradeyro leuarão ho peor. E ho mesmo que acontecia aos do mar acontecia aos da terra, que por mais que fizerão nunca poderão entrar a tranqueyra, nem os do mar chegar à ponta antes querendo perfiar sobrisso forão os castelos desbaratados com a espera, ho que quebrou tanto os coraçoẽs aos immigos que não teuerão ousadia pera mais agoardar: & deyxarão ho combate, & forãose. E vendose ho capitão desapressado da banda do mar acodio â tranqueyra de cujo combate os immigos tambem afroxarão pelo grande dano que tinhão recebido. E fugirão dandolhe os nossos grandes apupadas. Este combate foy muy rijo, & aturado. E durou de pola manhã ate tarde, ẽ que forão mortos muytos dos immigos assi no mar como na terra. E dos nossos não morreo nhũ.

Capitulo. LIII. Da destruição que ho capitão de Cananor fez na pouoação dos mouros. E de como chegou Tristão da cunha & deu socor

ro aos nossos. E el rey de cananor cometeo pazes, & dalgũs milagres que acontecerão no cerco.

Am sòmẽte despoys deste combate acabou de crer el rey de Cananor q̃ todo seu poder nã tinha vigor contra os nossos, mas comeņou de ter arrepẽdimẽto da guerra q̃ tinha mouida, porq̃ então conheceo quã necessaria lhe era a amizade cõ os nossos. E q̃ a guerra auia de ser sua destruição se mais fosse auãte. E auendo ja os mouros por partes nesta cousa não lhe quis dar conta de seu arrependimẽto, nẽ ao Principe cõ vergonha de não querer tomar seu conselho quando lho daua. Assi que dhũs & doutros se encobria: & porem mandou a seus capitães que por hũs dias esteuessem sem correr a trãnq̃yra, & q̃ deyxassem folgar sua gente que estaria cansada, & assi foy feyto. E disto ficarão os mouros muyto tristes. E porque tambẽ viã que craramente se parecia ja a malicia de seus conselhos, & a muyta perda que el rey tinha recebida por os seguir, não ousauão de ho apressar que auiuasse a guerra que ho nosso capitão ja então auiuaua como homem vitorioso. E a sesta feyra seguinte despois que foy este combate mandou tirar â pouoação dos immigos com hum camelo pera a parte onde estaua a mezquita que estaua chea de mouros por ser este dia ho seu domingo, & coessa tenção lhes mandaua ho capitão tirar. E quis nosso senhor guiar os pelouros do camelo tão dereytos que derribarão hum lanço da parede da mezquita, & matou muytos dos mouros que estauão dentro. E assi fez este camelo muyta destruição na cidade derribando muytas casas: & matando muyta gente: com que a viua andaua muy assombrada de medo, porque vião que se aquilo fosse auante que lhe seria forçado despejar a cidade, & bradauão a el rey que fizesse paz com os nossos. E andando nisto aos vinte & sete Dagosto de mil & quinhentos & sete estando ho capitão jantãdo derão os nossos que estauão na ponta hũa grã de grita. E cuydando os que estauão na fortaleza que erão os immigos que entrauão na tranqueyra acodirão rijo, senão quando virão ao mar hũa nao de Portugal, & por amor dela se daua a grita com prazer de a verem a tal tempo, & mais porque logo apos esta parecerão outras. E estas erão a frota em que Tristão da cunha partira de çacotorâ pera a India. E conhecida esta frota q̃ era de Portugal mandou logo ho capitão da fortaleza recado em hũa almadia a Tristão da cunha de como estaua pera que ho socorresse com gente. E ele respõdeo que se não partiria do porto ate que ele não esteuesse seguro dos immigos entenderem mais coele. E assi ho fez, o que vendo el rey de Cananor cuydou que aquilo era fazerlhe guerra E parecendolhe então que era bom tẽpo pera pedir a paz que desejaua, falouse com hum mouro mercador honrado & amigo dos nossos, & que nunca fora no conselho da guerra, & deulhe conta de seu desejo, rogãdolhe que ho ajudasse, & per sua intercessão pois era amigo dos nossos lhe ouuesse a paz E despois de este mouro ir algũas vezes ao capitão assẽtouse q̃ por q̃nto ele não podia assentar a paz sẽ darcõta ao visorey q̃ ele lhe mãdaria logo recado

per Tristão da cunha:& q̃ entretanto ouuesse tregoas,& assi foy feyto. E des pois que a paz foy feyta, foy grãde pra zer nos gentios:& logo tornarão a con uersar com os nossos como dantes. E os Nayres pregũtauão cõ grande eficacia por hũ Portugues que durãdo ho cerco quãdo os nossos sahião a pelejar, andaua antreles. E este era muyto mór de cor po que todos,& mais apessoado. E que não auia dia que os nossos saissẽ fora a tomar agoa q̃ ele não fosse diante de todos, & não matasse bẽ vinte dos imigos E dizião que ho trazião os frecheyros tanto ẽ olho que per vezes se ajuntarão quinhẽtos, & lhe tirauão todos juntos como a aluo por lhe ja terem tirados ou tros cada hũ per si sem ho poderẽ acertar:& q̃ os quinhẽtos sẽpre ho errauão & ele se recolhia sem ser ferido. E q̃ este soo ẽ todalas pelejas q̃ os nossos teuerão coeles no cerco, lhe fizera muyto mór espãto q̃ todolos outros jũtos, especialmẽte ẽ hũ dia q̃ fora ho de Sãtiago pelos sinaes q̃ eles dauão, no que os nossos conhecerão q̃ aquilo era milagre. E q̃ tamanhas vitorias como ouuerão nã podião alcãçarse sem ajuda diuina. E alguns teuerão pera si q̃ aquele por quẽ os Nayres pregũtauão seria ho Apostolo Santiago. E porẽ disserãlhe que aq̃le homẽ por quẽ pregũtauão ja ali não estaua. E que não era Portugues senão ho deos dos Portugueses: que era deos dos deoses,& señor de todolos senhores. E os Nayres ho crerão:& disserão que tãbem os mouros virão aq̃le homẽ. E que estes auião aida moor medo dele q̃eles: & q̃ dezião que aq̃le homẽ não era Portugues senão deos dos Portugueses. E sabẽdo os nossos isto: derão de nouo muytas graças a nosso señor pela merce que lhes fizera. E dali por diãte ficou el rey de Cananor mais firme q̃ dãtes ẽ nossa amizade,& assi os seus. E os mouros ficarão com mais medo dos nossos. E assentada esta paz cõ el rey de Cananor Tristão da cunha que ate então esteuera no porto de Cananor se partio pera Cochim onde chegou a saluamento com sua frota. E foy muy bẽ recebido do visorey, de q̃ posto q̃ ele hia isẽto ꝑ suas prouisões assi nas cousas q̃ tocauã a sua carrega como nas da justiça sobre a gẽte de sua armada não quis vsar dessa isenção. E renunciou ao visorey ho priuilegio q̃ trazia dizẽdo que não queria ter cargo de gẽte tão solta como era a da guerra. Ho q̃ ho visorey lhe agardeceo muyto. E logo entendeo em sua carrega.

Capitulo. LIIII. De como Afonso dalbuquerque que ficou por capitão moor na costa dalem se partio de sacotora a descobrir, & cõquistar ho reyno Dormuz, & de como chegou a Calayate, & do q̃ hi passou.

Afonso dalbuquerque q̃ ficaua na costa dalẽ por capitão mór ficou com quatro naos grossas,& dous nauios cujos capitães forão, ele Ioão da noua, Manuel telez barreto, Francisco de tauora, Antonio do cãpo, Afonso lopez da costa,& toda a gente q̃ lhe ficou nestas seis velas forão q̃ trecẽtos,& sesenta homẽs de que os mais erão doentes. E antresta gente auia muytos fidalgos, & caualeyros. E partido Tristão da cunha ꝑa a india a dez Dagosto, prouida a fortaleza de çacotora dos mantimentos que lhe ho capitão moor pode deyxar entendeo em ir darmada por aquela costa contra a ilha

Dormuz pera a descobrir, & cõquistar & a todo ho que podesse de seu señorio: porque isto auia por mais seruiço del rey de Portugal que andar ás presas no cabo de Goardafum. E nauegando por sua viagẽ ao lõgo da costa Darabia chegou ao cabo de Roçalgate q̃ se faz na mesma costa, & esta ẽ doze graos & dous terços da bãda do norte. E neste cabo faz a terra volta pa ho estreyto da Persia ou sino persico como lhe chamauão os ãtigos, continuandose todauia a costa Darabia que fica da mesma bãda do norte: & da outra q̃ he a do sul fica a Persia. E neste estreyto assi dhũa bãda como da outra tẽ el rey Dormuz sñorio que ẽ Arabia se começa deste cabo de Roçalgate pera dẽtro. E tẽ na Persia q̃ he de mouros muytos lugares que são muy abastados de trigo, ceuada, & de muytas carnes, pescados, tamaras, & outros mãtimentos. E assi na Persia como na Arabia ha tãbẽ lugares ẽ q̃ ha muyto ouro, & prata, & muytos caualos, & camelos. E são todos portos de mar, & de grande trato. Ho primeyro lugar q̃ está na costa Darabia pa dentro se chama Calayate q̃ he hũa cidade de muyta gẽte pouoada de mouros como o são todos os lugares desta costa. A esta chegou ho capitão mór a vinte dias Dagosto ou pouco mais. E surto defrõte da cidade, mãdou recado ao Xeq̃ dela dizẽdo q̃ era capitão mor del rey de Portugal. E que hia pa destruir aq̃la cidade se lhe não pagasse parias. Ho Xeq̃ que bẽ sabia como çacotora era dos nossos, & como fora tomada, ouue medo de se fazer ho mesmo a Calayate. E respondeo q̃ ele estaua prestes pa ser amigo do capitão mor, & lhe dar todo ho que lhe fosse necessario de sua cidade. E q̃nto ás parias lhe mãdaria dous mouros q̃ tomassẽ sobrelas assento, porẽ que lhe auia ele capitão mor de mãdar primeyro arrefẽs, porq̃ sẽ eles não queriáo ir os mouros. Sabido isto pelo capitão mor lhe mãdou logo os arrefẽs p Afonso lopez da costa, & per Ioão da noua q̃ os leuarão nos seus bateis. E forão Ioão estão escriuão da armada, & hũ page do capitão mor q̃ se chamaua Machado & hũ lingoa chamado Gaspar rodriguez, & este mãdou ho capitão mor dissimulado pa ouuir ho que os mouros diziáo acerca dele. E mãdou a estes dous capitães q̃ esteuessẽ a borda dagoa pa os recados que andassẽ dhũa parte pa a outra. Chegados estes capitães a terra entregarão os arrefẽs q̃ leuauão, & recebeṙão os mouros que auião dhir ao capitão mór os quaes lhe mandarão. E ele se pos destado pareles, porq̃ os mouros daq̃las partes segũdo vẽ que os homẽs se tratão assi os estimão: tinha vestido hũ gibão de veludo pardo, & hũas calças do mesmo, & hũa roupa frãcesa de veludo carmesim forrada de cetim pardo, & hũa gorra na cabeça do mesmo veludo encima dhũa coyfa de rede douro, & hũ colar douro esmaltado em q̃ tinha dependurado hũ apito tãbẽ da mesma maneyra. estaua assẽtado ẽ hũa cadeyra rica posta sobre hũ estrado dalcatifas, & dalmofadas de veludo, & tinha sobre hũa os pẽs, & sobre outra hũ esto q̃ rico, estauão ao redór dele todos os capitães da frota, & fidalgos: & caualeyros q̃ vinhão nela armados: & a tolda da nao toda alcatifada. os mouros q̃ndo entrarão ficarão espãtados de ver a magestade real cõ que ho capitão moor estaua que parecia hũ grãde Principe, & quiserãlhe beijar os pẽs, & ele não quis: antes lhe fez muyta honrra, & falando coeles na paz que vinhão assentar, lhes

disse que ele hia à Ormuz pera assẽtar paz com el rey,& por aquele lugar ser seu a queria logo hi começar & fauorecelo em todo ho que podesse. E com tudo lhe auia de dar de conhecença hũa certa cousa cadano, porque assi era ho costume dos Portugueses. Ao que os mouros responderão que aquela cidade era del rey Dormuz, & por isso ho Xeque não podia assentar nhũ partido senão quando fosse isento de seu senhorio. Ao que ho capitão mor repricou, & sobristo teue algũ debate cõ os mouros,& assentouse por derradeyro q̃ ho que lhe ho Xeque auia de dar de conhecença ficasse indeterminado ate ele capitão mór ir a Ormuz asentar com el rey. E entretãto lhe darião pera aquela armada dos mantimentos da terra. s. tamaras,& algũ gado,& deste partido foy ho capitão mór contẽte sem mais insistir que fosse satisfeyto ao q̃ ele queria,porque fazia cõta que aquele lugar era pouco proueytoso pera ho seruiço del rey seu senhor:&que lhe dauão mãtimentos que era ho de que tinha necessidade. E assi foy mais assentado que entretanto que ho capitão mór fosse a Ormuz estaria aq̃la cidade segura de lhe os nossos não fazerẽ mal a suas naos. E tambem entrou neste seguro hũa nao de mercadores Dadem que estaua no porto, os quaes derão por isso ao capitão mor cẽ Xerafins. E com ho recado deste asento foy hũ dos mouros ao Xeque, que mostrou ser disso contente, porque mais não pode &logo começou de mandar tamaras à frota, mas porq̃ era cõtra sua võtade mãdou q̃ escolhessẽ das mais roins. E coelas hia mestura do esterco de gado segundo se despois achou,& não se soube logo: porq̃ não forão vistos os fardos em q̃ vinhão senão algũs a decima por ser ja noyte,& não sòmente fez isto ho Xeque, mas os mouros. Em quãto estes recados quedigo andauão leuarão os nossos arrefens pela cidade com cor de lha mostrarẽ: & leuãdo os assi lhe dauão outros algũs encontros,& lhe dizião muytas injurias por sua lingoagem, ho que ho lingoa muy bem entendeo,& assi ho mais que lhe fazião. E logo ho mandou dizer a Ioão da noua per hũ gormete do seu batel,& assi à Afonso lopez da costa pera que ho fizessem saber ao capitão mor: ho q̃ eles não quiserão fazer. Acabado dassentar ho concerto, & trazidas as tamaras que foy perto da mea noyte, mandou ho capitão mór a Ioão da noua ho mouro que ficara na nao peraque com Afonso lopez ho entregassem, & cobrassem os seus arrefens como cobrarão,& tornarão coeles à frota, & logo ho capitão mor se partio. E indo a vela soube do lingoa ho que os mouros fizerão ẽ terra a ele,& aos outros q̃ lâ ficarão, ho q̃ ele sentio muyto,&ouue muyto grande menencoria dos capitães de lho não mandarem dizer,& se não fora a vela ouuera de vingar aq̃la injuria.

Capitulo. LV. De como ho capitão mor tomou a uila de Curiate, & do mais que fez.

Proseguido seu caminho cõ determinação de sugigar todos os pricipaes lugares daq̃la costa q̃ fossẽ do señorio del rey Dormuz foy ter a Curiate lugar raso q̃ esta oyto legoas de Calayate em altura de vinte& tres graos,& dous terços da bãda do norte cercado de grandes palmares da bãda do Sertão, antre os quaes auia outra pouoação:& em ãbas aueria perto de tres milhomens de peleja que ho

tinhão bem fortalecido com hũa forte tranqueyra defrõte do desẽbarcadoyro, que estaua mais dhũ tiro despingarda do lugar, & a tranqueyra com algũa artelharia, & de dẽtro dela estauão varadas cinco naos de Meca, & onze terradas. E mais abayxo em outro desembarcadoyro q̃ staua defronte dhũ ilheo quasi pegado cõ terra, estaua outra trãqueyra por estar a mezquita daq̃la parte. Ho Xeque com toda a gẽte q̃ tinha acodio logo âs tranq̃yras como vio chegar ho capitão mór que surgio lonje de terra por ho porto ser roim, & despois que surgio mãdou hũ lingoa a terra no seu esquife pera auer fala dos mouros, com q̃ falou da borda dagoa: & sabẽdo eles q̃ queria ho capitão mór paz, respõderão que se fosse a el rey Dormuz porque eles erão seus vassalos. E insistindo ho lingoa que se não auia dir sem outra reposta mais certa. Disserãolhe q̃ dissesse ao capitão mór que eles não erão os de Calayate pera lhe falarem senão com as armas na mão, & que sẽ elas não auia de ser ouuido. Sabẽdo ho capitão mór este desengano ouuese por desenganado: & determinou de dar no lugar ao outro dia por ser ja tarde, & como foy noyte mandou Antonio do campo & Afonso lopez da costa nos seus bateis ao ilheo que disse que estaua quasi pegado con terra pera que vissem õde poderia melhor desembarcar, ho que eles fizerão. E não poderão ir tão caladamẽte que não fossem sentidos dos imigos que estauão em vela, & tirarão logo algũs tiros sem fazerẽ nhũ dano aos dos bateis, que tornarão com recado ao capitão mór, & contaranlhe os desembarcadoyros que auia & as trãqueyras que tinhão os immigos, & sabido isto por ele descobrio aos capitães, & pessoas do cõselho ho que esperaua de fazer ao outro dia dizendo, pois sñores estes mouros nos tem dado ho desengano de quererem guerra connosco, rezão sera que lho demos de quam mal aconselhados forão em não quererẽ paz, & em crerem que por sermos poucos se desẽbaraçarão de nos em pouco espaço, ho que eu espero em nosso señor que sera ao cõtrayro, & q̃ polos rogos do bẽauẽturado apostolo Santiago vos dara ho esforço que eu sey que vos dà nos taes tempos pera q̃ ainda q̃ eles sejão muytos vos sereis os escolhidos. E bem sabeis quanto vay de poucos & boõs a muytos & maos como estes são. E não queyrais mais q̃ serem eles imigos de nosso senhor Iesu Christo, que aueis de crer que nos guiou a esta terra pera destruição de seus habitadores, que como tiranos lha tem ocupada, & brassemão nela ho seu santo nome, sendo criada por ele pera ser nela louuado, & porq̃ nos lho auemos de louuar nola ha ele de dar. Por isso senhores não tardemos mais, & vamos ante manhã coesta fê, & sem temor da artelharia dos immigos, & rõpamos suas tranqueyras, porque eu sey per Antonio do campo, & per Afonso lopez da costa q̃ temos boa desẽbarcação. Ao que todos responderão que assi se fizesse. Assẽtado isto mandou ho capitão mór pubricar pela frota q̃ ao outro dia em amanhecẽdo auia de dar no lugar, pera ho que se todos apercéberã. E ante manhã mãdou ele Afõso lopez da costa, Antonio do campo, & Manuel telez barreto que com a gente que tinhão se fossem nos seus bateis lãçar antre ho ilheo & a terra, pera q̃ esbõbardeassẽ por aquela parte, & cuydassem os immigos que por ali auia dacometer ho lugar, & acodissem hi todos, & que

entretãto cometeria ele a outra tranqy ra, aque acodirião tãto que vissem que ele desembarcaua,os capitães ho fizerão assi, & acharão boa resistencia de bõbardadas,&quasi manhã desembarcou ho capitão mor na tranqueyra das naos a que a mor parte dos immigos acodio cõ muyta presteza: & achandoo pegado com a tranqueyra, começarão logo com muyta furia a defenderse, & durarão assi hũ pouco,& esforçãdo ho capitão mor,os nossos apertarão cõ os imigos tão asperamente que não lhes aproueytando suas lançadas nẽ frechadas, começão de cair muytos mortos, & feridos. E isto os desmayou de maneyra que voluerão as espadoas fugindo pera ho lugar que como digo era dali mais dhũ tiro despingarda: pelo qual os nossos teuerão lugar de fazer neles matãça. As molheres que ficauão no lugar como sentirão a fugida dos imigos despejaranno logo dessas cousas melhores que tinhão,& fugirão. E os imigos despois que entrarão nele fizerão rosto aos nossos por pouco espaço,& logo fugirão seguindolhe eles hũ pouco ho ẽcalço: que não quis ho capitão mor que fossẽ mais auante,& felos recolher ao lugar,& assi nele como fora, forão achados quarẽta & quatro mouros mortos,& dos nossos nhũ. Despejado ho lugar ficou ho capitão mor em sua goarda com certos fidalgos & caualeyros:& mandou a outra gente que ho saqueasse: & assi ho fizerão,mas acharão muy pouca riqueza,porq̃ a mor parte tinhã os mouros posta ẽ saluo. E de mantimẽtos se achou muyta soma assi farinha como trigo, arroz,carnes, pescado seco,& em jarras mel,manteyga,& tamaras de que se a frota proueo pera boõs dias. E isto em tres dias & duas noytes. E feyto tudo isto q̃rendose ho capitão mor recolher mãdou dar fogo ao lugar & a mezquita que era muyto grande, & fermosa. E assi as naos q̃ estauão varadas & as tranqueyras. E recolheose a sua frota louuando nosso senhor por a grande vitoria que lhe dera.

Capitulo. LVI. De como ho capitão mor tendo assentada paz com ho regedor da uila de Mazcate, ueo socorro aos mouros, & se leuãtarão.

DEstruida a vila de Curiate partiose ho capitão mor p̃a outra chamada Mazcate, q̃ he mayor que Curiate:& mais pouoada, & de muyto boõ porto & degrande trato:& esta na mesma costa dez legoas auante dessoutra situada antre duas serras em que ho mar faz hũa baya, he de casas altas de pedra & cal,& era regida por hum capado que fora escrauo del rey Dormuz. E posto que esta vila fosse rasa, estaua muyto forte, porque da ponta de hũa das serras a outra tinha hũa tranqueyra de madeyra de duas faces,& de naos entulhada de terra. E não tinha mais de duas seruentias pera ho mar,& tão estreytas q̃ não cabia por elas mais que hũ homẽ,& fechauãse com portas,& em cada hũa delas estaua hũa bõbarda da banda de dẽtro,& auia outras na tranq̃yra. Ao porto desta vila chegou ho capitão moor aos dous de Setembro, & surgio dẽtro na baya. E mãdou a terra Pero vaz dorta hũ caualeyro honrrado,& criado del rey,& feytor darmada que sabia arauia que dissesse aos mouros q̃lhe fossem lo

go falar, & que podião ir seguros, & isto disse ele ao regedor q̃ estaua na praya com muyta gente, que logo mãdou hũ mouro hõrrado ao capitão mor cõ refresco: tamanho medo ouue da nossa frota quando a vio, q̃ lhe não lẽbrou a fortaleza da vila nem a gente que tinha pera a defender. Ho capitão mor não quis tomar ho presente que lhe ho mouro leuou, dizendo que ho não auia de to mar ate não saber ho que ho regedor queria assentar coele, porque se teuesse rezão de lhe cortar a cabeça q̃ lho não impedisse ho presente que tinha tomado. E isto disse com hũ geyto como se fora senhor do lugar, do que ho mouro ficou muyto espantado. E disselhe que tomasse ho presẽte: porque ho regedor & todos os grandes do lugar estauão a seu seruiço, & farião ho que lhes mandasse. Ho capitão moor disse q̃ assi lho conselhaua, porque sua võtade não era destruir nhũ lugar do reyno Dormuz se lho não fizessẽ destruir. E se ho anojassẽ q̃ não podia al fazer senão destruilo posto q̃ lhe pesaria muyto disso por ser hũ lugar tal como era. E contoulhe ho que passara em Calayate, & ho porque ho não destruira, & a causa porque destruira Curiate. E estas contas daua não por se gabar mas por meter medo aos mouros: & assi lho meteo mayor do que tinhão, porq̃ sabido pelo regedor ao outro dia mandou ho juiz da vila homẽ bem honrrado com ho mouro que leuara ho presente pera q̃ fizessẽ qualquer concerto que ho capitão moor quisesse. E despois de fazerem sua cortesia ao capitão mor: disselhe ho juiz pelo lingoa, Parecia ao regedor, & moradores desta vila, muyto grande capitão, & sobre todos bemauenturado, que a fortaleza que ela tem assi de tranqueyras, artelharia, munições, & abastança de gẽte bem armada: abastaua pera resistir a todo ho poder que viera sobrela, se tu não foras ho capitão, q̃ segundo temos sabido não te falece discrição pera ordenar, nem esforço pera cometer, nem dita pera bẽ acabar: & por isso está certo nhũa força te poder resistir. E tendo ho assi ho regedor desta vila & seus moradores quiserão escarmentarse cõ ho que fizeste em Curiate: querem fazer paz contigo com as condições que lhe forem possiueis. E calandose coisto despois de ho capitão môr responder ao q̃ lhe disse, foy concertado antreles, que pois ho capitão moor hia a Ormuz a fazer obedecer el rey a el rey de Portugal q̃ fosse, & q̃ eles prometião q̃ não q̃rẽdo el rey Dormuz obedecer a el rey de Portugal q̃ eles lhe obedecerião, & serião seus vassalos pa sẽpre. E assi ho serião aĩda que ele obedecesse, & não querẽdo el rey Dormuz obedecer que eles acoderião com toda a renda que ali tinha a el rey de Portugal: ho q̃ se acõtecesse ele capitão mor poeria ali quẽ cadano arrecadasse aquela renda. E entretanto que ele não fosse a Ormuz pagarião cadano a qualquer armada nossa que por ali passasse certos fardos darroz, & de tamaras, & certos carneyros, & galinhas: & de tudo isto, & de como erão vassalos del rey de Portugal lhe querião fazer hũa escritura. E ele capitão mor lhe daria hũa bandeyra cõ as armas reaes de Portugal que eles terião com muyta honrra sobre a sua mezquita. Ho capitão mor lhes disse que lhes dessem boõs mãtimentos, & não fizessem como os de Calayate q̃ lhos derão muyto roins, coeste recado se foy ho juiz ao regedor leuandolhe hũ anel do capitão mor pa seguro dos que fossem a

frota a vender ho que quisessem. E em todo aquele dia forão lá muytos: & leuauão agoa a Granel em almadias, & ho regedor começou logo demãdar os mãtimentos que auia de dar. E quando veo ao outro dia chegou do sertão hũ capitão com mil homẽs de peleja. E este cometeo ao regedor que pelejasse com os nossos, & não se lhe entregasse assi, dizendo que em cada nao das nossas não podião vir mais de cẽ homẽs, que erão por todos seis centos, & que fossem sete centos, que ele trazia mil homẽs, & na vila aueria tres mil: & erão quatro mil. E pois assi era como não auiao de pelejar quatro mil cõ setecentos, & não deyxarse vencer deles sem peleja, que não fizesse tal cousa, porque era muyto grãde vergonha. E co isto se aluoroçarão os mouros de maneyra que disserão ao regedor q̃ quebrasse a paz que fizera cõ ho capitão moor. E se leuantasse contrele, & por ho regedor ho não querer fazer ho injuriarão, & ho meterão ẽ hũa casa como preso. E co este aluoroço cessarão logo os mouros de leuar os mantimentos q̃ leuauão aos nossos bateis pa os leuarem a frota, & começouse muy grande rumor por toda a vila, determinando os mouros de pelejar com os nossos. E começarão de tocar atambores, & aparelhar armas. E hũ Magote deles acodio â praya gritando, & começarão despancar algũs gormetes nossos que fazião agoada. E eles se recolherão a hũ batel deyxãdo as pipas. E Pero vaz dorta q̃ staua no batel se foy logo á capitayna a dizelo ao capitão moor. Ho que sabido por ele mandou aos nauios pequenos que estauão mais perto da vila que ẽsbombardeassem: ho que logo foy feyto. E os mouros tambem tirauão de terra com sua artelharia. E vẽdo ho capitão moor que a da estãcia da mão dereyta tinha pouca gente em goarda, mãdou Afonso lopez da costa capitão da taforea que a fosse tomar com a sua gente, que logo saltou em terra co ela, & tendo tomado ho canto da serra onde estaua a estancia, acodirão sobrele muytos mouros tirando muytas frechadas. E ferirão aele & a cinco ou seis dos seus. E por isto & por os mouros serem tantos em demasia lhe foy necessario recolherse com sua gente ao batel sẽ tomar as bombardas. E despois de ho capitão moor ter cõselho de pelejar ao outro dia com os mouros por se lhe leuantarem, porque os cansasse, & lhes fizesse gastar poluora debalde, mãdou a Manuel telez barreto, & a Afõso lopez da costa que tirassem toda a noyte à vila ho mais que podessem, & assi foy feyto. E cuydando os inmigos que ho capitão moor queria desembarcar, fizerão grandes fogos ao longo da praya & nunca dormirão toda a noyte.

Capitulo. LVII. De como ho capitão moor pelejou com os mouros, & os desbaratou & lançou fora da uila, & a tomou.

O outro dia q̃ era domingo cinco de Setẽbro em amanhecẽdo fez ho capitão moor tres esq̃drões de sua gente, & cõ hũ auião de dar Frãcisco de tauora, & Afõso lopez da costa em hũ cabo da trãqueyra. E com outro Ioão da noua, & Antonio do campo em outro: & ho capitão moor, & Manuel telez auião de dar no meo com a bandeyra real, & todos ẽbarcados assolueos hũ clerigo que estaua reuestido na popa da capitayna com hũ crucifixo nas mãos encomendando a todos que se lembrassem que nosso señor padecera polos saluar: & coesta lẽbrança não duuidarião de pelejar por seu seruiço. E acabando de dizer isto tocarão as trõbetas, & os bateis começarão de remar pera terra poendo as proas nas partes da trãqueyra que auião de cometer: algũs dos imigos estauão aborda dagoa tirando aos nossos muytas frechadas, & pedradas: & ouue algũs que vendo que os bateis se chegauão a terra, se metiã pela agoa & hião jugar as lançadas com os nossos & tirauãlhe lanças darremesso. E era a reuolta muyto grande de hũa parte & da outra. E os immigos dauão grandes alaridos por espãtar os nossos que com tudo pelejarão tão esforçadamẽte que desembarcarão, porem com muyto perigo, & grande opressão dandolhe a agoa pelo pescoço, & pelos peytos. E matando aqui algũs dos immigos romperão por eles ate a tranqueyra: & dos primeyros q̃ chegarão a ela forão dos de Francisco de tauora, & Dafonso lopez da costa, q̃ assi como hũs pelejauão outros punhão fogo que se leuantou logo tão espantoso que os imigos ho não poderão sofrer & fugirão pera ho meo da tranqueyra onde a este tempo combatia ho capitão môr, & como a força da gente carregou aqui toda da parte dos immigos teuerão os nossos ali maisque fazer, porque ho impeto da resistencia era grande: & durarão os immigos nela muyto pouco: porque forão aqui mortos obra de cẽto de setadas, & espingardadas; & retiraranse pera ho lugar, indo os nossos apos eles matando: & ferindo ate os lãçarem fora do lugar que foy ganhado, & despejado em obra de tres oras. E dos primeyros que fugirão foy ho regedor que se apartou cõ vinte frecheyros, & recolheose per hũa serra acima que esta pegada com a cidade da banda do mar, & indo per hũa ladeyra acima seguiãno obra de doze dos nossos marinheyros, & outros homẽs ẽ cujas costas hião dõ Antonio de noronha cõ outros homẽs hõrrados, & vẽdo ho regedor q̃ ho apertauão como era gordo, & não podia andar tão depressa como lhe era necessario, pos as costas em hũ penedo & ho rosto pera os nossos q̃ ho seguião, & faloulhes: mas não ho entenderão, porque não auia quẽ soubesse a lingoa: & deuia de dizer q̃ lhe dessem a vida pois as pazes se quebrarão contra sua vontade, porem aqueles marinheyros que ho seguião não lhe quiserão receber disculpa, & hũ deles remeteo a ele com a lança, & matouho: & logo os outros nosos carregarão sobre os seus frecheyros, & matarannos a todos. Em quanto se isto fazia ho capitão moor q̃ hia apos ho corpo da gente dos immigos foy apos eles ate ho cabo dhũ descampado questaua fora do lugar: & não os seguio mais, porque se meterão per hũa serra, & os nosos hião cansados: & neste encalço fizerão tambem

os nossos grande matãça nos immigos & nhũ se pôde tomar viuo. E recolhen dosse ho capitão mòr ao lugar, mãdou a Nuno vaz de castelo branco que ficasse vigiãdo com oyto homẽs em hũas casas grandes que descobrião ho descampado ate onde seguira ho encalço, pera ver se tornauão os immigos: que por serem muytos se temia de tornarẽ. E ho capitão moor com toda a outra gente se foy a mezquita questaua no meo do lugar, onde achou q̃ nhũ deles faltaua, & que dezasete forão feridos na batalha, q̃ foy cousa milagrosa segũdo a pouqdade dos nossos, & a multidão dos imigos. E segundo despois se soube nosso sñor fez ali milagre pelos nossos, porq̃ despois de partido ho capitão môr ido à vela lhe ꝑgũtou hũ mouro hõrrado q̃ Nuno vaz de castelo brãco tomara nas casas em q̃ ficara vigiando, que se fizera dhũ caualeyro que na batalha andaua ẽ hũ caualo branco armado darmas brancas com hũ sinal vermelho no peyto, & q̃ pelejaua cõ hũa facha darmas, & que fazia tamanha matãça nos mouros que nhũ ousaua de ho esperar. E q̃ cria que com medo deste soo forão desbaratados. E por estes sinaes teue ho capitão moor pera si que aquele era ho apostolo Sãtiago em quẽ ele tinha muyto grande deuação. E por não dizer ao mouro ho que era, & cresse que sempre aquele caualeyro ho ajudaua lhe respõdeo q̃ aquele caualeyro hia na frota, & era hũ capitão que se chamaua Ioão da noua: que tinha hũas armas brancas assi como as q̃ ele dizia, de que ho mouro ficou muyto espantado. E disse ao capitão moor q̃ não era muyto vencer qual quer poder de gente, quem tinha taes caualeyros. Pois tomada a cidade ho capitão moor ficou nela oyto dias, em q̃ a mãdou saquear: & ho principal despojo foy de mantimentos. E assi mandou recolher a artelharia, & queymar a trãqueyra, & naos que estauão varadas: & dar fogo à vila que ardia muy bem, & mãdoulhe derribar a mezquita, q̃ era hũa casa muyto grande dabobada cõ hũ eirado por cima, & sostinhase a abobada sobre grandes piares de pedra. E andando tres bombardeyros cortando os piares pera lhe poerem barris de poluora, & não andãdo dentro outra nhũa pessoa, supitamẽte se deyxou vir a abobada ao chão q̃ era pera matar mil homẽs se tantos acolhera debayxo, mas parece que quis nosso senhor que se visse quanto lhe aprazia de ser derribada aquela maldita casa. E quis goardar os q̃ a derribauão que sem os ninguem desacaruar debayxo das pedras sahirão viuos, & sem aleyjão nhũa nem pisadura como q̃ não caira sobreles cousa algũa: de que ho capitão moor, & todos receberão muyto prazer, & derão muytos louuores a nosso sñor por aq̃le milagre.

Capit. LVIII. De como a fortaleza de Soar foy entregue ao capitão moor. E de como tomou por força a uila Dorfacão, & se partio pera Ormuz.

Partido daqui ho capitão moor foy surgir aos dezaseis de Setẽbro diante de hũa vila de mouros chamada çoar do señorio del rey Dormuz posta em costa braua, q̃ tinha hũa fortaleza cercada de muro, bem prouida de gente de pê & de caualo. E ao presente não estaua nela ho proprio capi-

tão q̃ era ido a ver el rey Dormuz: & deyxou nela por alcayde hũ seu cunhado: que ja sabia o que ho capitão mór tinha feyto nos lugares a tras, & cõ medo de lhe fazer outro tãto, determinou de lhe entregar a fortaleza ho mais a seu saluo que podesse. E surto ho capitão mór (que surgio ao mar por amor da costa que era braua) mandoulhe preguntar per hũ mouro que leuou hũa bãdeira de paz, que era o que queria daquela fortaleza. Ao que ele respõdeo q̃ vinha per mandado del rey de Portugal, cujo vassalo era por descobridor & conquistador pera assentar paz & amizade cõ quẽ a quisesse com el rey seu señor, que visse ele se a queria, & que logo lhe mãdasse a reposta. Que tornou logo a mãdar polo mouro: dizẽdo que ele estaua naquela fortaleza por hũ seu cunhado que era alcayde mór dela: & com tudo q̃ folgaria cõ a paz poys ele lha queria dar. Ao que ho capitão mór respõdeo que poys ele queria paz, que ele lhe daua sua fé de em nome del rey seu señor lhe fazer todalas honrras & mercês q̃ podesse: & que cresse q̃ acertaua muyto em fazer o que dezia, & que erraria fazendo outra cousa: porq̃ acharia nele ho contrairo do q̃ lhe mãdaua ofrecer. E a esta reposta mandou ho alcayde pedir seguro & arrefẽs, porque se queria ver cõ ho capitão mór. E ele lhos mandou por hũ fidalgo chamado Iorge barreto crasto. E entregues os arrefẽs trouue Iorge barreto ho alcayde ao capitão mór que ho recebeo cõ muyto prazer & lhe fez muyta honrra. E ho alcayde lhe disse pelo lingoa, Muyto forte no mar, & na terra, capitão moor do gran de rey de Portugal, que he mais poderoso q̃ todolos reis, a minha noticia veo a destruição que fizeste em Curiate, & a quãtos mouros tiraste a vida em Mazcate, porque não quiserão aceytar a paz que lhe ofreceste como piadoso, ho que eles de soberbos não conhecerão, & ta engeytarão. Pelo qual a tua espada se tornou irosa contreles espedaçando os de Mazcate, & ho teu fogo cõsumio os de Curiate. Que como pfiosos não querendo seguir aos de Calayate (que logo aceytarão tua amizade) ouuerão ho pago de sua contumacia, ainda que estauão tão fortes que erão mais pera serẽ temidos que pera temerẽ. Mas tu que es forte sobre os fortes derribaste sua soberba, & os tornaste como fracos: & sem nhũ poder. Ho que parece maisordenado per deos que feyto per homẽs: porq̃ os mouros muyto mais gẽte erão do q̃ he a tua. E estauão detras de fortes tranqueyras cõ mais artelharia do que era a tua. E vemos que tudo desbaratas tudo vences & destrues: pelo qual conhecendo eu que deos ho quer assi: não quis pelejar contrele, porque querẽdote resistir a ele resistia. E pois he doudice querer resistir contra seu poder, não me quis cõfiar ẽ minha gente nẽ em minha fortaleza. E obedecendo a sua vontade venho assentar paz cõtigo em nome del rey de Portugal: por cujo vassalo fico doje por diante com todos os de çoar, com condição que assentãdo tu amizade com el rey Dormuz eu fique liure, & não assentãdo por culpa del rey Dormuz: eu fiq̃ vassalo del rey de Portugal da maneyra que digo. Ho capitão mor folgou muyto douuir esta fala por ser dhũ barbaro, & seu imigo que bem via que a necessidade lhe fazia fazer ho que fazia. E dissélhe q̃ a principal cousa em que se neste mũdo conhecião os homẽs sesudos, era em conhecerem os tempos, & andarem coeles: especialmẽ

te se parecendolhe que conhecião a võtade de deos conformarse coela. E porqueho ele assi fazia era dino de muyto louuor por sua discrição que por ela, & não por couardia estaua craro fazer o que fazia, quanto mais que nẽ quantos pelejauão erão valẽtes, senão os que ho fazião quando era necessario. E que aqueles que pelejauão sem tempo mais se podião chamar doudos que esforçados. E pois ele teuera tão boõ conhecimento ele veria quão boõ amigo achaua nele, & quanto melhor lhe era a vassalajem que fazia que a resistencia que lhe podera fazer. E ali assentarão logo que ele alcayde mandaria apregoar vassalajem: assi na fortaleza como na vila, & pera mais abastança mandasse ele capitão moor là hũa bandeyra com as armas de Portugal aqual trarião quando dessem ho pregão. E que ficando a vila & fortaleza del rey de Portugal, pagaria de tributo o que podesse abastar â gente de goarnição que a goardasse. E de tudo isto foj feita hũa escriptura em arabigo, que tornada em portugues dezia, Encomendamonos a deos ho alcayde & moradores da fortaleza de çohar, & nos metemos nas mãos de Afonso de albuquerque capitão mõr del rey de Portugal, & senhor das Indias, que aos desaseys dias de Setembro chegou ao nosso porto pera nos destruir, & nos nos fomos lançar a seus pês pedindolhe que nos não fizesse guerra, que queriamos ser vassalos del rey de Portugal, & se quisesse a fortaleza que lha entregariamos logo posto q̃ fossemos delrey dormuz: mas pois nos não defendia, q̃ queriamos ser vassalos delrey de Portugal, que nos defendesse assi del rey de Ormuz, como de quaesquer outros reys, ou senhores q̃ nos quisessem fazer mal E ele nos recebeo por vassalos del rey de Portugal, & nos deu seguro, & a sua bandeira que recebemos sobre nossas cabeças, & posemos sobre a fortaleza. E doje por diante prometemos destar aa obediẽcia del rey de Portugal, & sermos seus vassalos, & entregarmos a fortaleza quando virmos seu mãdado, ou de seus capitães, & não obedecermos a outro rey se não a ele. E assi ꝓmetemos de fazer sempre seruiço a suas armadas dalgũs mantimentos que tiuermos: & fazendo ho cõtrairo q̃ ele nos possa destruir, com matar nossa gente, & queymar nossas fazendas. Porem concertãdo ele capitão mõr cõ elrey de Ormuz que obedeça a elrey de Portugal, obedeceremos a el rey de Ormuz, & se não ficaremos por vassalos del rey de Portugal. E quãto aos lauradores da terra ele capitão mõr lhe pode pôr ho tributo q̃ quiser de mantimentos, porque não tẽ outra cousa que pagar. E eles pagarã ho tal tributo âs armadas del rey de Portugal quãdo aqui vierem. E porque disto somos contentes mandamos fazer esta carta que assinamos todos. E assinada ho alcayde a deu ao capitão mõr: & ele lhe deu hũ capuz dezcarlata de sua pessoa, & hũ bacio grande de prata: & assi outras peças, que lhe derão os fidalgos & caualeiros que hião na frota. E Nuno vaz de castelo branco lhe deu hũ moçafo, que era hũ liuro do alcorão de Mafamede, que foy aualiado ẽ dozentos pardaos. E por ser ja noyte ficou a bãdeira que lhe auião de leuar pera o outro dia, que lha leuou Iorge barreto era sto acõpanhado dalgũs fidalgos, todos vestidos de festa, & das trombetas do capitã mõr. E ho alcaide ho saio a receber bẽ acompanhado aa praya; onde assi os nossos como os mouros caualgarão em fer-

mosos cavalos,& com as trombetas diante abalarão pera a fortaleza: ido pregoãdo diante, real real por el rey dom Manuel de Portugal: & dado hum pregão tocauão as trõbetas. Assi forão ate a fortaleza onde a bandeyra foy aruorada na torre da menajem,& assi ficou. E feyto de tudo hũ auto pelo escriuão da armada,& assinado pelo alcayde,& prĩcipaes da vila recolherãose os nossos à frota. E porque aos frõteyros da fortaleza se deuia algũ soldo mandoulho ho capitão mor pagar por finta que se deytou aos moradores da vila, feyto isto ho capitão moor se partio pera outra vila chamada Orfacão: ainda na mesma costa cercada de muros bayxos,& bẽ arruada,& de fermosas casas:& nos muros auia algũas bõbardas roqyras. Era gouernada por hũ regedor del rey Dormuz q̃ estaua bem acõpanhado de gẽte darmas: porẽ estaua ja despejada da principal fazenda nem no porto não auia nhũas naos. A esta vila chegou ho capitão mór a vinte & hũ de Setẽbro: os mouros estauão todos ao longo da praya, hũs olhando a nossa frota, outros andauão a caualo escaramuçando: & ninguẽ não foy falar ao capitão mór pelo que como foy noyte mãdou ele ho feytor em hũ batel que fosse correr a ribeyra,& visse se lhe falaua alguẽ,& que não falasse não lhe falãdo, mas os mouros não quiserão falar. Ho que sabido pelo capitão moor mandou aperceber os nossos,& ao outro dia cometeo a vila & não achou quem lhe defendesse a ribeyra que ja erão fugidos ho regedor com os principaes da vila:& ficauão algũs poucos q̃ em começando os nossos dentrar se acolherão cõtra hũa serra q̃ estaua sobre a vila. E seguirãnos algũs dos nossos matãdo & catiuãdo muytos deles:& por hũ vale da parte do sertão virão ir hum corpo de gẽte que hia fugindo cõ certos de caualo detras. E vẽdo ho capitão moor que no lugar não auia com quem pelejar mandou a dom Antonio de noronha seu sobrinho que cõ cem homẽs seguisse aquele corpo de mouros,& ele lhe hia nas costas cõ a bãdeyra cõ ho corpo da gente. E indo dõ Antonio apos os immigos, os de caualo lhe fazião rosto de quãdo ẽ quãdo com algũs de pê tirando muytas frechadas, & a outra gente miuda acolhiãse quanto podião:& assi forão obra de hũa legoa em que os nossos catiuarão bẽ vinte almas, homẽs & molheres que de cãsados não podião andar, nem os nossos de muyto afadigados do trabalho de andar. E da calma que fazia não poderão ir auante mais que hũa legoa: & tornaranse a recolher à bandeyra onde ho capitão moor estaua, que com toda a gẽte se tornou pera a vila: onde esteue tres dias despejãdo a dos mãtimentos,& do fato q̃ tinha,& despois a mandou queymar. E porq̃ nesta vila se acabauão os lugares que el rey Dormuz tinha na costa Darabia antes do Sino Persico ou mar da Persia determinou ho capitão moor de se ir a ilha Dormuz,& assi ho decrarou a seus capitães, a que pareceo bem,& cõ seu parecer se partio. E foy ter a hum cabo que se faz na mesma costa Darabia chamado ho cabo de Mocandomo que estaa em vinte & seis graos,& hum quarto da banda do norte, & ateli chega ho senhorio del rey Dormuz da banda Darabia. E deste cabo pera dentro começa a enseada do mar da Persia que faz fim na cidade de Baçora duzentas & vinte & cinco legoas da ilha Dormuz,& antre ho cabo de Mocandomo,& a terra da Persia q̃ he

a boca do mar Persio auera quinze legoas de trauessa, em que estão hũas pequenas ilhas de que hũa que he mór que as outras se chama Ormuz.

Capit. LIX. Em que se escreue a cidade Dormuz. E de como Coieatar que era gouernador do reyno se apercebia pera peleiar com ho capitão moor.

ESta ilha Dormuz estaa tres legoas da terrâ firme. E em altura de vite & sete graos da banda do norte tera de roda tres ou quatro legoas, não he viçosa daruoredo, nem de fõtes dagoa nem de rios. Ha nela hũa pequena serra que dhũa parte he hũa pedreyra de sal, & da outra he de veeyros dexofre: ho sal he tão aluo de dentro como neue & de fora ruyuo, & tirãno em pedaços assi como pedras da pedreyra. E as naos que ali vem de fora ho leuão por lastro outra cousa que aproueyte não dà esta ilha. E hũa legoa da cidade estão tres poços dagoa muyto boa: & não ha na ilha outra saluo de cisternas ou solobra. E com quanto a ilha he assi esterile por estar naquela paragem, & ter dous portos os melhores que podem ser, fundarão os mouros nela hũa cidade a que poserão nome Ormuz, & situaranna em hũa põta da ilha, & os portos ficão em bayas, hũ de leuante outro de ponente em que se podem tirar a monte naos de quatrocentos toneis, pera ho q̃ ha na cidade muyto breu, estopa, & cordoalha & todos os aparelhos q̃ hũa nao req̃re Esta cidade he rasa nem tẽ outra fortaleza senão as casas del rey: he de muytas & muy fermosas casas, & altas de pedra & cal, & gesso cubertas de terrados. E porque he muyto quẽte no verão tẽ as casas hũs catauentos q̃ são como chaminés, & fazẽnos no meo de hũa casa, & por eles lhe ẽtra ho vẽto: & ali estã pola calma: seus moradores tẽ a ley de mafamede, são Persios & arabios: & falão arauia, & lĩgoa persiana, os arabios são baços, & os Persianos aluos & bẽ apessoados: & são todos muyto dados a deleytações, assi no comer como ẽ outros apetites carnaes, principalmente na luxuria: são muyto grãdes caualgadores & tanto que jogão à choca acaualo: são naturalmente musicos assi de falas como de mãos, & trouadores & dados a lêr historias antigas Finalmente são inclinados a todas as boas manhas, & tem as mais delas: são muyto ciosos das molheres: & por isso lhas ninguẽ não ve & são elas muyto fermosas. E quando algũa ora saẽ de casa vão todas cubertas com hũ lençol que tem hũs buracos em dereyto dos olhos por onde vẽ, são tã bem muyto luxuriosas. E elas & eles andão muy bẽ ataujados. Os homẽs trazẽ cabayas de pano de lãa fino ou de seda ou de pano branco dalgodão, de que trazẽ debayxo camisas & ceroulas, calção çapatos de põtilha de coyro ou de seda: nas cabeças trazẽ toucas foteadas sobre hũs barretes vermelhos q̃ tẽ hũs cucurutes de cõprimento dhũ palmo, & de grossura de hũa aste de lança, & assi como andão bem ataujados de vestidos assi ho andão darmas. s. terçados ricos, & adagas, arcos turquiscos, & frechas: & são grandes frecheyros assi de pê como de caualo, & trazem hũs escudos a que chamão cofos, q̃ são de seda & dalgodão tão fortes que os não passa

nhũa frecha, estas armas trazẽ continuamẽte na paz: & na guerra acrecentão lanças, & armas defẽsiuas de malha, & de laminas de ferro, & daço, São os moradores desta cidade todos mouros, & muyto ricos, porq̃ todos são mercadores de grande trato: & assi estão aqui outros muytos estantes de diuersas partes do mũdo: & por isso de todas elas vẽ ali muytas & muy ricas mercadorias. Da India lhe vẽ toda a especiaria, droga, & pedraria, & muyta roupa dalgodão, tasciras & alaquecas. De Malaca, crauo, maça, noz, sandalo, cãfora, porcelanas, beyjoim, & calaim. De Bengala, sinabafos, beatilhas, chautares, mamonas, & rẽbotins, q̃ são generos de panos finos dalgodão que são antreles muyto estimados. Dalexãdria & do Cayro, azougue, vermelhão, açafrão, cobre, agoas rosadas, borcados, veludos, tafetás, graãs, chamalotes, ouro & prata ẽ barras, & ẽ moeda, & alcatifas. Da China, almizquere, reubarbo, & seda. E a fora estas mercadorias q̃ vẽ por mar lhe vẽ por terra da Persia & doutras prouincias de Asia outras muytas que não tẽ cõto. E daqui leuão as naos ẽ retorno aljofar, perlas, caualos Darabia, & da Persia, seda solta, retros, tamaras, passas, sal, enxofre, & outras muytas mercadorias. E posto q̃ nesta ilha não ha nhũs mantimẽtos, a cidade he a mais abastada deles q̃ outra algũa q̃ se sayba no mũdo, & todos lhe vẽ de carreto. s. trigo, arroz, carnes, mãteyga, pescados & todas as caças, & todas as fruytas que ha ẽ Espanha assi verdes como secas, & em cõserua, & outras muytas diuersas dasnossas. E muytas maneyras de cõseruas daçucar & de vinagre q̃ não ha antre nos & ate a agoa & lenha lhe vẽ de fora. E cõ tudo sempre nas suas praças se acha feyto de comer muyto grossamẽte posto q̃ seja de noyte: & fazẽno os mouros muy lipamẽte, & assão os carneyros inteyros, & por essolar: & pelãnos como leytões: & assi cõ a pele he a carne mais saborosa. E tudo se vende a peso ate a lenha por muy grande regimẽto & taixa. E qualquer pessoa que não vende por taixa, ou falsa ho peso he grauemente castigada: & goardase muyto a justiça a todos. A moeda que se aqui gasta he mourisca douro baixo: de prata muy fina & de cobre: a douro se chama xerafim, & val. ccc. rs: a de prata tãga & val tres vintẽs, posto que os mouros lhe chamã larins, por se fazerẽ em hũa cidade da terra firme chamada lara, a de cobre chamão faluz, & val sete ceitis. Ha nesta cidade muytos desenfadamẽtos, antre os quaes ha hũ pera homẽs curiosos, de feytos antigos: & he q̃ ẽ hũ alpẽdere grãde a certas horas do dia, pela menhaã & á tarde lẽ hũ mouro velho coronicas antigas ẽ Persiano, assi de Alexãdre, como doutros varões ilustres: & tẽ por isso premio da cidade. E isto fazẽ pera os mancebos irẽ ali ouuir, & se costumarẽ bẽ. Esta cidade he cabeça do reyno, q̃ dela toma ho nome que tem muytas cidades & vilas cõ fortalezas, assi na costa Darabia, como na da Persia: & as mais delas muyto abastadas de pão & de vinhas, palmares, & pomares. E delas pagaua el rey Dormuz tributo ao Xeq̃ ismael, ou Sofio, como lhe ca chamão: que era muy grande senhor de terras ẽ Persia, Arabia, & na India primeira, & em outros reynos. E os reys Dormuz estauão cõtinuamẽte nesta cidade, & nas outras tinhão regedores: & em Ormuz tinhão outro q̃ despachaua a mor parte das cousas do reyno, porque os reys não entendião ẽ cou

sa algũa da gouernãça do reyno, nẽ ser
uião de mais que pera se gouernar ho
reyno pacificamente. E se querião entẽ
der na gouernança, ou ser isentos como
os outros reys, tomauaos ho goazil dor
muz, que assi se chama ho regedor, &
quebrados os olhos, ele com os princi-
paes do reyno ho metião nũa casa que
pera isso estaua deputada, & ali lhe da-
uão de comer das rendas do reyno: & le
uantauão por rey algũ filho se o tinha,
ou algũ seu parente mais chegado, ao q̃
fazião ho mesmo se queria gouernar.
E com isto auia sempre reys cegos naq̃l
la casa, & o q̃ reynaua viuia sempre na-
quele medo, E tirando isto el rey Dor-
muz era grãde sñor: & seruiasse cõ grã
de estado assi fora como dẽtro, & gasta
ua muyto: & tinha sẽpre em sua goarda
muyta gẽte de pê & de caualo a que pa-
gaua grãdes soldos, & leuaua vida muy
descãisada ẽ todo ho genero de folgar:
principalmente em hũa ilha chamada
Queyxome tres legoas Dormuz muy
to viçosa dagoas: & daruoredos em que
tinha grande coutada de diuersas caças
a que hia a montear.

Capit. LX. De como Coieatar ouue a gouernãça do reyno Dormuz de que estaua de posse quando ho capitão moor hi chegou.

REynãdo desta maneyra es-
tes reys Dormuz veo a suce
der no reyno hũ chamado
Tuxura que teue tres filhos
de q̃ ho mayor se chamou
Corgol que seu pay ẽ sua vida fez rege
dor de Calayate, & estando lâ faleceo
seu pay ẽ Ormuz que deu causa a hũ de
seus hirmãos se leuãtar cõ ho reyno. E
ꝑa ter menos imigos tirou os olhos ao
outro hirmão. Sabido isto por Corgol
foyse logo â ilha de Baharẽ de q̃ direy a
diante. E dali cometeo a hũ rey de Ara
bia q̃ lhe desse ajuda ꝑa tomar Ormuz
& q̃ ele lhe faria doação daquela ilha q̃
era grande & rica. E mais de hũa forta-
leza chamada Catifa que està defrõte
dela na costa Darabia, o q̃ el rey Dara
bia fez, & ainda lhe deu ardil ꝑa que to
masse seu hirmão a quẽ arrãcou os o-
lhos. E feyto rey reynou trinta & tantos
annos, & como hũ seu filho mais velho
desejasse de reynar parecialhe que seu
pay viuia muyto: & por isto peytou a
hũs abexis grandes seus priuados q̃ ho
matassem, & como ele fosse rey os faria
grãdes sñores, ho q̃ eles fizerão. E fey-
to ele rey arrancou os olhos a todos seus
hirmãos: & assi a outros de q̃ se temia.
E começou de tiranizar ho reino demo
do q̃ parecẽdo mal aos mesmos abexis
q̃ ho fizerão rey: eles ho matarão auen
do dous meses q̃ reynaua, & eles gouer
nauão ho reyno. Estas nouas forão a el
rey de Lara q̃ he no sertão da Persia so
gro del rey Corgol, & parecẽdolhe que
cõ q̃lquer gẽte poderia tomar Ormuz
passouse â ilha de Queyxome ꝑa dali
passar a Ormuz: o q̃ sabendo os abe-
xins forão ẽ sua busca cõ muyta gẽte. E
como ainda el rey de Lara não teuesse
a sua toda, os abexis ho desbaratarão,
& matarãlhe & prẽderãlhe muytos: &
tornarãse a gouernar Ormuz. Neste tẽ
po estaua por regedor ẽ Calayate hũ ca
pado natural de Bẽgala chamado Coje
atar q̃ fora escrauo del rey Tuxura, &
grãde seu priuado, & ẽ quẽ tinha tanta
cõfiãça q̃ lhe ẽcomẽdaua cousa de muy
to peso de q̃ ele daua muyto boa conta
como homẽ sabedor & prudẽte. E sabẽ
do isto dele el rey Corgol despois q̃ foy
rey ho fez regedor de Calayate, onde
sabẽdo ele o que passaua em Ormuz a-

jūtou grāde frota, & foy sobrela pera a tomar aos Abexis q̄ achou ē Queyxome: & mādoulhes dizer que bē sabião como era tão velho como cada hū deles ē Ormuz que lhe desse hūa voz no reyno & q̄ ho terião por amigo, & como ele ja tiuesse inteligēcia cō aqueles de q̄ os Abexis se fiauão forão por eles cōselhados q̄ fizessē ho q̄ lhes pedia. E fizerānos ir a falar coele ao mar, ōde os ele prendeo: & leuou os a Ormuz, & lhe deu muy cruas mortes. E porq̄ parecesse que não q̄ria ho reyno para si, & el rey de Lara não viesse sobrele, & lhe impedisse ho q̄ determinaua de fazer, mortos os Abexis leuātou por rey a hū moço cego filho del rey Corgol, & neto del rey de Lara, q̄ por esta causa não acodio a Ormuz. E vendose Cojeatar liure deste receo q̄ tinha despois de reynar ho neto del rey de Lara ho matou, & leuantou ē seu lugar hū seu primo filho dhū hirmão del rey Corgol q̄ era cego mācebo de dezaseis ānos. E coeste se fez Cojeatar tirano do reyno Dormuz q̄ ele gouernaua ausolutamētepor q̄ estaua muyto poderoso de gēte: & de dinheyro que gastaua muy largamēte nas cousas que cōprião à segurança da sua tirania. E por isso nīguē não podia coele: posto q̄ era muyto mal quistopor assi tiranizar ho reyno ē que auia vinte meses q̄ estaua de posse tēdo aq̄le aque chamaua rey como catiuo. E Cojeatar sabia ja ho q̄ ho capitão mór tinha feyto nos lugares Dormuz: & tinha tanta fama dos nossos q̄ lhe dizião q̄ comião os homens: & como soube q̄ ho capitão mór andaua tão p̄to teue p̄a si q̄ iria a Ormuz. E por isso falou cō os señores de obra de cē naos estrājeyras q̄ stauão no porto carregando, ātre as quaes estaua hūa del rey de Cambaya chamada Meri que era de oytocētos toneis, & trazia p̄to de mil homens de peleja, & outra tābem grāde de hū filho del rey de Cābaya, & bē artilhadas: & Cojeatar tinha algūs nauios a que chamão terradas q̄ são tamanhos como galeões. Aos capitães daquelas duas grādes naos, & aos s̄nores das outras disse Cojeatar como esp̄aua polos nossos, cōtandolhe o q̄ tinhão feyto, pedidolhe que ho não desēparassē & ho ajudassem: ho q̄ lhe eles prometerão. E logo se fizerão prestes p̄a tomar a nossa frota.

Capit. LXI. Como ho capitão mór Afonso dalbuquerque chegou â cidade Dormuz. E dos recados que mādou a el rey Dormuz sobre amizade. E de como Coieatar dissimulaua coele.

ANdando Cojeatar apercebendose chegou ho capitão mór Afonso dalbuquerque a vista Dormuz a vinte & cinco dias de Setembro hū domingo a oras de vespera. E tāto que descobrio ho sorgidoyro das naos chamou â sua nao os capitães da frota p̄a saconselhar coeles do que deuia de fazer. E no cōselho ouue diuersos pareceres, porq̄ hūs dezião que a armada q̄ estaua no mar era grāde ē demasia, & q̄ pela mesma maneyra deuia de ter a gēte, porque craro estaua q̄ el rey Dormuz auia dajūtar quanta podesse pera se defēder pois auia de ter noua do que eles tinhão feyto por aq̄la costa & mais que dado caso que vencessē a frota não tinhão gente p̄a sairē a pelejar ē terra por ser a cidade muy grāde. E pois vencēdo a frota sē a cidade não se ganhaua mais que matarē algūs mouros. E não a

vencendo se auenturauão a perderēse, não se deuião dauenturar a tamanha p da como era perderense cõ a armada, & perderē ho credito q̃ tinhão ganhado. E perderse a honrra del rey de Portugal & ho credito de seu poder, que nã soomēte ficaua perdido naquelas partes, mas na India onde era tão necessario sosterse, por ganharem tão pouca cousa como seria a respeyto do que dizia vēcerse a frota dos mouros: pelo q̃l deuião de deyxar: ho de questauão desobrigados, & não merecião culpa se o não fizessem. E ir fazer aquilo a que tinhão obrigação, & merecião pena se o deyxassē de fazer, que era tornarse ao cabo de Goardafũ & goardalo como el rey mãdaua. Ho outro parecer foy que posto q̃ a frota dos immigos fosse tamanha como parecia q̃ pois ali se achauão que se não deuião descusar de pelejar coela por nhũ inconueniente, porq̃ não podia ser nhũ tamanho que o não fosse mayor pera perderē os imigos ho credito do poder del rey de Portugal, & a fè que tinhão da valentia dos Portuguesses, senão ver que não ousauão de pelejar cõ aquela frota vindo tão fauorecidos da vitoria de tantos lugares fortes como deyxauão conquistados, hũs per força darmas outros per vontade dos proprios moradores. E que estas vitorias lhe auião dajudar muyto a quebrar os corações dos imigos que estauão naquela frota: porque quando se eles vissē cometer mais asinha se lhes auia de representar diante a destruição dos outros lugares pera auerē medo que a auē tajem que lhe tinhão pera criarē esforço. E mais se os cometessem cõ seu impeto costumado, que logo se auião de desbaratar: & desbaratados os da frota poucos auião de ficar na cidade, & ja q̃ ficassem muytos, auião de ficar tão que brados q̃ auia de ser necessario a el rey Dormuz fazer algũ partido: & qualq̃r que fosse lhes auia de ser muyto horroso. E deste parecer foy ho capitão mór & este se goardou, & porq̃ os que erão do outro não ficassē descõtentes os louuou muyto: dizendo que bem sabia que mais pelo proueyto comũ que pelo interesse de suas proprias pessoas derão seus pareceres, & que bē se via ao pelejar quão pouco estimauão as vidas. E desta maneyra nhũ não ficou cõ escandalo. E assentado que se pelejasse com a frota dos imigos: assentouse mais que ho capitão moor deytaria hũa ancora, boya com boya com a nao meri. E Ioão da noua cõ a do Principe, & Francisco de tauora cõ outra que lhe parecesse q̃ estaua mais armada: & pelo mesmo modo ho farião os outros capitães, & logo forão surgir assi como se ordenou. As naos dos immigos estauão todas embãdeyradas que assi ho mandou Coieatar tanto que ouue vista dos nossos, & que escondessem a artelharia que tinhão, & que em surgindo ho capitão moor tãgessem seus atabales: peraque ele cuydasse que o recebião com festa q̃ tinha determinado de ho enganar, & detelo ate ho outro dia questeraua que lhe viesse mais armada da terra firme. Mas ho capitão mór não deu esse vagar, & mandou dizer ao capitão da nao meri que logo lhe fosse falar senã que ho meteria no fundo, & ele respondeo que logo iria. Ho capitão mór como soube q̃ ele auia de vir, pos se de grande estado pera autorizar ho carrego que trazia, & pera que os mouros ho teuessem em muyta conta: & assentouse em hũa cadeyra de veludo, & crauação dourada sobre hũa alcatifa, armado de hũas coy

raças de borcado cõ buçetes & fralda de malha muyto fina & hum capaçete dou ro. E dous pajes cada hũ de sua ilharga hum cõ hũa adarga & outro com hũ es toque, tudo muyto rico. E todos os fidal gos & capitães armados: & assẽtados ao derredor da tolda onde ele estaua, & a gente da nao em pẽ toda armada: & es- taua com tanta majestade que bẽ se sen tio no capitão da nao meri quando en- trou que ficou espantado, & debruçou selhe no chão pa lhe beijar os pés. Mas ele não ho consentio, & leuantandoho preguntoulhe cuja era aquela grãde nao & ele lho disse, & que ele era ho capitão dela, & q̃ se estaua fazendo prestes pa se ir. E preguntado mais se era verdade que Cojeatar era regedor Dormuz, & que el rey era ainda moço: respondeo que si: porq̃ estaua tão medroso que nã ousaua de negar a verdade. E ho capi- tão môr fazia todas estas preguntas pa deter ho capitão que bẽ entẽdia ho me do que tinha, & tambẽ pera fazer ma- yor misterio no q̃ queria mãdar dizer a Cojeatar, que foy que ele era capitão moor del rey de Portugal & seu desco- bridor & conquistador. E tinha cõquis tado todos os lugares do reyno Dor- muz na costa Darabia: hũs por força outros por vontade. E que agora vinha pera fazer Ormuz tributaria a el rey seu señor ou destruila que visse q̃l que ria, porque se quisesse guerra que folga ria muyto. porque andaua tão costuma do a ela que lhe pesaua cõ a paz. E mais que lhe seria muyto grande honrra ga- nhar por armas hũa cidade tão nobre como aquela. E quando ele isto dizia fa zia hũ geyto que parecia que ja estaua pelejando: de que ho mouro estaua qua si sem cor despantado do coração do ca pitão môr. E disse que ele leuaria aque- le recado a Cojeatar. E foyse a leuarlho & soubese que quando lho dera quelho representara muy bẽ. E que lhe dissera que olhasse por si, porque cõ aquele ho mẽ não se auia de jogatar. E que lhe pa recia q̃ ainda tinha necessidade de ma is gente pera pelejar coele. E Coieatar lhe disse que tinha mandado recado à terrafirme pera lhe vir, & que ao outro dia esperaua por ela: & por isso dissimu laria entretanto cõ ho capitão moor: & lhe mostraria que faria quãto quisesse. E pelo mesmo capitão lhe mandou hũ aluara asinado por el rey & por ele, que dizião que prometião de fazer com ho capitão moor toda a paz & cõcerto que ele quisesse. E coele hum presente de muytas fruytas & conseruas, mandan- dolhe dizer q̃ sua vinda fosse boa, & q̃ folgaua muyto coela. Ho capitão môr tomou ho aluara, & não quis tomar ho presente dizendo q̃ não auia de tomar nada de homẽ a que se comprisse auia de cortar a cabeça, & fezlhe tornar ho presente: & dissselhe que lhe não daua despaço pera tornar com reposta mais que ate ho outro dia as oyto oras, por q̃ aquele dia era tarde. E ho capitão disse que ele a traria, porem ele não tornou mais, por q̃ aquela noyte acabou de che gar ho socorro q̃ esperaua por mar da terrafirme. E a armada que veo com a que ele tinha sua propria era de cẽ ter- radas que cõ as cẽ naos dos estrãgeyros fazião duzentas velas. E assi nelas como na cidade auia trinta mil homens de pe leja, com que Cojeatar ficou muyto le- do parecendolhe que não poderião os nossos escapar, & mandou aos seus que sopena de morte não matassem nhũ se não que os tomassem viuos que os que- ria, porque sabia que erão valentes ho- mens, & que ho ajudarião nas guerras

que teuesse dali por diante, & mandou a sua armada que se posesse ao longo da terra, pera que dali esteuessem as naos grossas como fortaleza, & pelejassem: & as terradas que erão mais ligeiras a coderião pela bāda do mar, & cercariã os nossos, & assi não escaparião.

Capitol. LXII. De como ho capitão môr pelejou com a grande armada de Cojeatar: & da grāde uitoria que lhe deu nosso senhor.

O outro dia vendo ho capitão môr afastada pa terra a armada dos immigos, pareceolhe aquilo mal: & mais porque vio abertas as portinholas da nao meri com a artelharia assestada que era grossa, & outro tanto na nao do principe de Cambaya: & nelas, & nas outras estauão per bordo muytas lanças, & em cada hũa hũ cofo. E quando ele isto vio, porque parecesse que os não tinha em conta mandou logo aos seus bateys que fossem aleuātar as nossas ancoras que ficauão ao mar, dōde se as naos dos immigos arredarão: & que as fossem surgir nas suas gorjas, & assi foy feyto: & foy cousa marauilhosa de ver ho esforço com que ho fizerão antre tã grande armada de imigos. E feyto mãdou ho capitão môr preguntar â nao meri como não leuaua ho seu capitão recado, os da nao responderão que era no paço que logo viria: & ainda despois tornou a mandar preguntar, & responderão que ainda não viera, que não podia tardar nada. E estes recados dauão os mouros, porque se estaua Cojeatar pera começar a batalha, porq̃ logo da hi a pouco despois da segunda reposta

começarão os mouros que estauão na armada de brandiras espadas & cofos, & dar grandes gritas:& coisto arranca rão as terradas a remos,feytas em dous esquadrões,& forão se dereitas aos nossos pela banda do mar.E em hũa se sou be despois que hia Cojeatar pera esforçar os que hião nelas.E pera mandar os que ficauão nas naos deixou nelas hum grande seu priuado.Ho capitão moor que as vio arrancar mandou logo tirar cõ hũ camelo que tinha na tolda â nao meri,& ho mesmo fizerão os outros capitães âs outras,& elas tambem âs nossas sem fazerem nenhũ nojo aos nossos que lhe fazião muyto:principalmente da capitayna que cõ ho primeyro tiro deu a meri em hũa entena grossa que trazia de fora da amurada, cõ que matou & ferio muytos dos immigos:& cõ o outro tiro que tirou apos este. E assi se começou darear ho jogo de hũa parte & da outra que não auia quem se ouuisse com ho estrondo da artelharia,nem se enxergaua nhũa cousa de fora,porq̃ tudo era cuberto de grãde fumaça.Nisto se hião chegando as terradas,& delas & das naos tirauão muytas frechadas sem conto aos nossos,de que ferião algũs.Ho condestabre da capitayna q̃ vio que as terradas se chegauão muyto tirou com hũ tiro que se chamaua ortiga que tiraua pelouro de pedra , & deu pelas terradas que hião tão çarradas q̃ espedaçou seys ou sete ,em que matou & ferio muytos,& outros ficarão na bãda.E assi como este tiro desparou da capitaina,assi despararão outros das outras naos nossas,que todos se empregarão bem,& fizerão grande destruyção nas terradas:tanto q̃ não ousarã de passar auante,& teueranse não deixando de tirar muchas frechadas:& outro tanto fazião as naos grossas.E era espãtosa cousa de ver a grande reuolta q̃ hia de gritas & ho estrõdo dos diuersos generos darmas cõ que se pelejaua:porq̃ de hũa parte vinhão pelouros, doutra frechas & setas,em outras pelejauão com lanças,& cõ espadas,& cõ arremessos: & de tudo isto os immigos leuauão ho peor,porq̃ morrião deles tantos que as suas naos estauão cheas de corpos mortos.E assi ajudaua nosso senhor aos nossos q̃ os berços q̃ tinhão carregados pelos bordos das naos & ceuados a labareda q̃ se fazia quãdo punhão fogo a artelharia grossa os fazia desparar, & hião os pelouros dar ẽ terra & matauã muytos homẽs & molheres q̃ estauão vẽdo a batalha. E muytas molheres prenhes mouerão cõ ho grande estrõdo da artelharia : & muytos mouros mercadores hõrrados de barriga q̃ não pelejauão fugião da cidade cõ medo do q̃ vião ,& se acolhião a hũa mezquita q̃ estaua na serra em q̃ tinhão grãde deuação,por q̃ ali esperauão de se saluar.E os nossos posto q̃ leuauão immenso trabalho na batalha não enfraq̃cião põto,antes de cadauez se esforçauão mais por alcãçar a vitoria.E porq̃ ho principal em q̃ ela consistia era no desbarato da nao meri, & na do principe de Cãbaya,apertaua as ho capitão mòr muyto estreitamẽte cõ sua artelharia q̃ hũ põto não estaua ociosa.E de hũ tiro grosso foy a nao do prĩcipe metida no fũdo, & a gẽte ficou sobre a agoa:o q̃ vendo os immigos das outras naos & quã mal tratados estauã começaranse de deitar ao mar cõ medo pera q̃ se saluassem a nado.Os das terradas como isto virão começarão de fugir pera fora da ilha,se não Cojeatar q̃ se lançou a terra,& foy varar diante de hũ çarame del rey q̃ estaua defrõte dos

seus paços, em q̃ dizẽ q̃ el rey estaua vẽdo a batalha. Ho capitão mór dãdo louuores a nosso señor por tamanha vitoria mãdou logo q̃ fossem os nossos nos bateis & esquifes a ferrar cõ a frota dos imigos, pera q̃ os matassem antes que se lançassem ao mar. E logo dos da capitaina se meterão no seu batel obra de vinte. s. Iorge barreto crasto, Iorge da silueira, Iames teixeira, Nuno vaz de castelo brãco, Ioão teixeira, Gaspar diaz alferez do capitão mór, Iane mendez botelho, Lourẽço da silua, Gõçalo queymado, ho piloto mór, Iane mendez da ilha: & outros a q̃ não soube os nomes, & tirarão pa a nao meri. Os mouros q̃ ainda estauão nela q̃ erã muytos como virão os nossos ir pa a nao escõderãse. E chegados os nossos a bordo da nao acharão q̃ era muy alta em demasia, & sem exarcia, q̃ lhe fez a sobida muy trabalhosa, por não terẽ em q̃ pegar. Ho piloto mór como era auezado a trepar em naos mais q̃ nhũ da companhia sobio logo primeyro, & sobido ao bordo q̃ não vio nhũ mouro cuydou q̃ os não auia, & assi ho disse: pelo q̃ dos q̃ começauão de sobir, os que estauão mais embaixo se tornarão ao batel pa hirẽ a outra nao, & nisto os mouros q̃ vião ho piloto mór sayrão dõde estauã cõ pressa de ho matar, tirando lhe frechadas, o q̃ dous dos nossos q̃ estauã ja encima do bordo virão, & bradarã logo aos do batel q̃ se não alargassem da nao porq̃ estaua chea dimigos. E dizẽdo eles isto desparou da nao grãde multidã de frechas, & vẽdo as os do batel se tornarão à nao, & logo começarão de subir a ela Iames teixeira, Ioão teixeira, Gaspar diaz, Nuno vaz de castelo brãco, Iane mendez botelho, Lourenço da silua, & Iane mẽdez da ilha: & por a nao ser alta & não ter enxarcia tardarão hũ pouco em sobir: & entre tãto ho piloto mór & os dous q̃ estauão ẽcima passarão muyto trabalho em se defenderẽ dos mouros q̃ os apertauão rijo: & o piloto mór foy muyto ferido, & ouuerão d̃ matar se não sobreuierão estes q̃ digo, porq̃ cõ medo deles se acolherão os mouros â popa da nao q̃ a tinhão fortalecida cõ atrauessarẽ antrela & a proa a verga da nao & a vela: & coisto embaraçarão hũ pouco os nossos q̃ não passassem, tirando lhe muytas frechadas: & cõ tudo passarão, & em passando adiantouse hũ mouro & deu a Gaspar diaz hũa frecha da em hũ braço, & ele cõ dor da frechada deu a pos ho mouro & ferioho: & saltãdo ho mouro hũ perpao pa a tolda vio a Gaspar diaz ja d̃baixo dela; e cortoulhe a mão dereyta cercea aqual lhe deitou no chão leuando nela a espada apertada assi como a tinha: & tornãdo o mouro com outro golpe pera ho matar, acodirão Gonçalo queymado, & Nuno vaz de castelo branco q̃ matou ho mouro. E nisto chegarã todos os outros companheiros & apertarão cõ os mouros de maneyra que a hũs matarão outros se lançarão ao mar com medo. E como isto fizerão forão ajudar os outros da nossa frota que tinhão aferrado com os outros immigos, & feyta grãde destruyção neles, fizerãlhe despejar as naos, q̃ ficarão todas em poder dos nossos, q̃ de não terẽ cõ quẽ pelejar andauão nos bateis & esquifes das naos pelo mar a matar os mouros q̃ se saluauã a nado, assi das naos como das terradas & era ho mar coalhado de mortos, & a agoa parecia sangue. E não tendo ja a quem matar poserão fogo a algũas terradas das que tomarão: & em quãto elas ardião ho capitão moor se

meteo no seu esquife,& cõ ho seu batel
ꝗ̃ cõpanhia ambos armados de berços
se foy ao çarame delrey em q̃ ele estaua
& assi Cojeatar espantados de tal de-
struyção,como nũca cuydarão de ver.
Mas Cojeatar ainda teue acordo ꝑa mã
dar tirar ao batel & ao esquife cõ algũs
tiros q̃ ali tinha assestados:& ho capitã
mór lhe mãdou responder cõ os seus
berços tão rijo q̃ el rey & Cojeatar des-
pejarão ho çarame,& se forão pera a ci
dade cõ medo de sayrem os nossos em
terra:o q̃ ho capitão mór não fez por
não ir aparelhado ꝑa isso,que não hia a
mais q̃ a correr a ribeira,& assi foy cor
rendo ao lõgo da praya, ate chegar ao
varadoyro das naos,ondestauão cento
& quarẽta cõcertadas & breadas ꝑa as
lançarẽ ao mar q̃ era ja a moução ꝑa na
uegar:& coeste varadoyro estaua pega
da hũa pouoação q̃ tinha hũa mezqui-
ta forte como castelo:& isto era hũ tiro
de bombarda das casas del rey:& antre
a cidade & a mezquita se fazia ho vara
doyro.Chegãdo aqui ho capitão mór
chegarão tambẽ os outros capitães nos
seus bateis & esquifes,a q̃ o capitã mór
mãdou q̃ dessem na pouoação por ser
ꝑto,& eles ho fizerão assi:& tomarão
a mezquita em q̃ staua recolhida muy
ta gẽte,q̃ toda andou a espada:& despe
jada a mezquita foy posto fogo ã pouo
ação.E entre tãto ho capitão mór que
ficaua ao varadoyro mãdou poer fogo
às naos,& começãdo de arder chegarã
os capitães q̃ forão q̃imar a pouoação,
& saltarão em terra dãdo os nossos grã
de grita com ho prazer de ver arder as
naos,& como hião ledos começaranse
de desmandar & entrar pela cidade,q̃
q̃si q̃ os não podia ho capitão mór ter,
& dizião q̃ pera q̃ era se não queymar
tudo pois ja ali estauão. Porẽ como ele
via quã grande era a cidade & quã pou
ca gẽte tinha temeo q̃ se perdessem os
seus se os mouros tornassem sobreles,
& por isso não quis:& mandãdo os re-
colher a os bateis deixou os de largo,&
ele tornouse às naos cõ tamanha vito-
ria como lhe nosso señor deu em espa-
ço de seys oras,sem lhe matarẽ nhũ do
seus,& feriranlhe onze & estes muyto
mal.E dos mouros se achou despois q̃
forão mórtos perto de tres mil, assi no
mar como na terra,& feridos sem cõto:
& muytos fugirão da cidade cõ medo.
E ouuerão os nossos muyto & muy rico
despojo de terçados ricos,& adagas,co
fos,arcos,frechas,cabayas,fotas,aneis,
& outras joyas.

Capitolo.LXIII. De como el rey Dormuz,& Cojeatar mandarão pedir paz ao capitão mór, & ele lha cõcedeo,& cõ que cõdições. E de como foy manifestado o milagre q̃ nosso senhor fizera pelos nossos na batalha.

Espantado estaua Cojeatar
de ver tão asinha destroça
do todo seu poder ꝑ hũ tão
peq̃no como trazia o capi-
tão mór.E vendo q̃ não ti
nha remedio,& q̃ ho arrabalde da cida
de comeςaua darder, donde por auer
muytas casas dola ho fogo se atearia de
maneira q̃ se pegasse ã cidade & a quei
maria toda,porq̃ os mouros cõ medo
dos nossos q̃ tornassem a terra não ou-
sauã de sayr a apagalo. E assi andaua ja
o fogo ateado nas naos às q̃es se ardessẽ
ficauão as rẽdas da cidade de todo ꝑdi-
das,porq̃ a mór parte das q̃ elrey tinha
nela erão na sua alfãdega das mercado
rias que vinhã per mar.E por atalhar a

tamanhas perdas;consultou com Raix noradim q̃ era goazilmôr q̃ mãdasse pedir misericordia ao capitão mòr, pois a fortuna lhe fora tão cõtrayra,& mãdarão dous mouros cõ recado & hũ deles era natural de Tunez q̃ viuia na cidade & era hi casado. E forão em hũa almadia leuãdo hũa bãdeyra de paz & poserãse hũ pouco de largo dacapitayna esperãdo por seguro,que lhe ho capitão mandou por Gaspar rodriguez lingoa:& foy coele Nuno vaz de castelo branco. E vendo os mouros ho seguro foranse ao capitão moor a cujos pês se deytarão:& despois de leuantados porele,disse ho mouro de Tunez ẽ voz alta como quem trazia grande fadiga no esprito. He pera todos os desta terra & doutras,muyto esforçado & inuencíuel capitão tamanha a nouidade de tua sobre natural vitoria,que estou em duuida se folgue mais descapar com a vida pera viuer se pera ver tua excelente pessoa:mas ja que a vida he a todos tão apraziuel,digo que tanto a estimo pera te ver como pela causa que a todos estimamos:porque segũdo vejo não somẽte nos deuemos despantar do esforço& valentia que oje mostraste que tẽs:mas a beninidade com que recebes os teus vencidos,deuẽte todos de auer por tão estranha,quanto pela major parte ela ho he naqueles que os homens tẽ por esforçados & valentes. E cuydaua eu que a ousania de tua vitoria te ensoberbeceria de maneyra que nẽ as alimarias dessa cidade q̃rerias ver,quãto mais os homẽs:& despois que vi a piedade cõ que me recebeste acabey de crer q̃ estauas no mais alto grao da valentia,pois he acõpanhada de piedade que el rey Dormuz & Cojeatar te pedem que ajas dessa tão nobre & populosa cidade,porquẽ ja ho fogo começa de laurar, segundo podes ver do fumo que se nela aleuãta. Oo muyto grande capitão doete da angustia & afrição em que tẽs posto a seus moradores. E cesse ja tua ira,& nã mandes fazer mais destruição nela nẽ nas naos que estão varadas,porque elas são ho ennobrecimento da cidade por causa das mercadorias que trazẽ. E oulha que não he tanto alcançar a vitoria como he sabela conseruar, & conseruãdoa durarâ pera sempre tua fama:porque destruindo esta cidade acabara co ela tua gloria,porque não ficara quẽ diga que tu a destruiste. E durando ela sẽpre sera testemunha de teu louuor,porque nũca faltara quem diga que tu a sogigaste:que sẽdo el rey Dormuz tamanho Principe & señor de tanta terra & gente & de muyto tesouro,& Cojeatar que todo ho gouerna querẽ ser teus vassalos,se lhe quiseres conceder paz:& ficarão debayxo da obediẽcia del rey de Portugal:& como a capitão de seu rey & senhor te darão posse de todo ho reyno. E ainda farão mais se mais quiseres porque ja tẽ esprementado que assi he necessario q̃ ho façã. Ho capitão mòr ficou muyto ledo quando lhe ho lingoa declarou o que ho mouro dizia. E disse lhe que el rey Dormuz & Cojeatar tinhão culpa no que se fizera, ẽ não quererem aceytar a paz quãdo lha ele ofrecia. E porẽ pois lha pedião que lha não auia de negar,posto que a vitoria ficasse coele. E pois el rey Dormuz & Cojeatar conhecião ho mal que fizerão & q̃rião paz,que ele mandaria recado aos que queymauão as naos & a cidade que cessasse: porẽ q̃ era necessario q̃ entre tanto fosse ho outro mouro seu companheyro cõ recado a elrey:&lhe disesse da sua parte q̃ ele era cõtẽte de assẽtar

paz com as condições que lhe mãdara dizer por seu mensajeyro: & mais que auia de pagar parias a elrey seu senhor.
E logo ho mouro partio coeste recado.
E partio hum Portugues com outro aos capitães que estauão fazendo poer fogo ás naos, & ao arrabalde, que cessas sem & não fizessẽ mais dano, & a causa por q. E ho mouro que foy cõ recado a el rey tornou, dizendo q ele aceytaua a paz & que mãdaria hũ gouernador seu que a assentasse: & q se não mãdasse aq̃le dia por ser ja tarde q ho mandaria ao outro pela manhaã: & entretanto es teuessẽ lá os mouros ẽ arrefens. E se ho capitão moor esteuera tão poderoso q se atreuera a tomar p si posse da cidade ele a tomara & não vsára de cõprimentos cõ cojeatar. porẽ comodigo sua gẽte era tão pouca q não tinha hũ homẽ pa cada rua. E por q os mouros não vissem esta pouq dade quis q se lhe desse posse da cidade antes no mar q na terra. Mas Cojeatar q isto não sabia & lhe parecia q ho capitão mór tinha ho mũdo de gẽte, receando q se arrependesse da ssẽtar a paz, logo ao outro dia mandou Raix noradim cõ comissão pa asentar a paz cõ ho capitão mór. Os q̃es finalmente a asentarão cõ estas cõdições. Que el rey Dormuz recebia da mão do capitão mór ho reyno & señorio Dormuz de que ele capitão moor ho tinha desẽpossado per força darmas.
E q se fazia vassalo del rey de Portugal cõ lhe pagar dali por diante cadãno de pareas vinte mil xarafins, que valesse cada xarafim hum cruzado.
E que pa as despesas q se fizerão naquela guerra, & assi pa se fazer pagamento à gẽte que ho capitão mór trazia, el rey Dormuz lhe daria logo cinco mil xarafins q fosse cadahũ da valia dos outros.
E que el rey Dormuz daria hũ lugar fora da cidade que fosse a contentamento do capitão moor pera fazer hi hũa fortaleza, & auer nela feytoria em que este uessem mercadorias pera se gastarem na terra. E entretanto que se a fortaleza fizesse el rey Dormuz lhe daria à sua custa hũas casas as milhores q se achassem mais perto do lugar da fortaleza, pera estar nelas a feytoria.
E de tudo isto forão feytas duas escrip turas hũa em lingoa persiana pera ficar ao capitão moor, outra ẽ lingoa arabia pera que mãdasse a el rey de Portugal, & esta foy feyta em hũa folha douro batido do tamanho de hũa folha de papel E as letras erão abertas ao boril, & metida ẽ hũa caixa de prata feyta da feyção de hũ liuro, aqual se fechaua cõ tres brochas, & ambas erão assinadas por el rey, por Cojeatar, & por Raix noradim, & ẽ cada hũa auia hũ selo pẽdẽte: ho do meyo era douro, & este era dei rey, os dos cabos erão de prata: ho da mão dereyta de cojeatar, ho da ezquerda de Raix noradim. A escritura ẽ lingoa Persiana era escripta em papel com letras douro: & os pontos dazul metida tambẽ ẽ outra caixa de prata cõ os mesmos selos como a outra. E andãdo nestes cõtratos ao terceyro dia despois da batalha quis nosso señor manifestar ho milagre que fizera nela por parte dos nossos. E foy que começarão daparecer sobre a agoa do mar muytos corpos mortos de mouros, pregados de muytas frechas, ho que foy dito ao capitão mór, q espãtado daq̃lo, mãdou tomar algũs daq̃les corpos: & vio q verdadeyramẽte erão de mouros, & as frechas taes como aquelas com que os mouros tirauão na batalha. E chorãdo de prazer disse a todos q ali conhecerião ho mila

gēte q̄ nosso sñor fizera por eles, que as mesmas frechas que os mouros lhes tirauão tornauão sobreles & os matauão pelo qual lhe deuião de dar muytos louuores, & assi lhos derão sēdo ele ho primeyro que se pos ē giolhos: E oyto dias a reo sairão estes corpos sobre a agoa: & por isso os mouros da cidade os poderão bē ver: & estauão pasmados de tal cousa, & dizião que deos pelejaua pelos nossos. E ho capitão mor mādou cōtar os mortos que sayão ēcima dagoa, & achouse que erão nouecētos: & todos trazião terçados ricos & adagas, ē que os nossos ouuerão outro despojo.

Capitulo. LXIIII. De como ho capitão moor se uio com el rey Dormuz & cō Coieatar, & do que cōcertou coeles. E do mais q̄ sucedeo.

Feytos estes cōtratos de pazes per escripto, ordenouse que pa corroboração delas & pera q̄ suas cōdições ouuessē efeyto q̄ ho capitão mor se visse ē terra cō el rey Dormuz no seu çarame onde tambē estauão Cojeatar, & Raix noradim. E vindo ho dia ē que auia de ser a vista ho capitão mor se vestio de festa, por q̄ assi estaua cōcertado. E leuaua hūa roupa frācesa de cetī aueludado forrada de cetim aleonado, & hūa gorra de veludo carmesim ēcima dhūa escofia de seda negra, & hū gibão de veludo carmesim sobre hū cotão do mesmo: & calças descarlata com chapins de veludo carmesim. E na cīta hū estoq̄ rico. E jūto coele hū paje vestido do mesmo que lhe leuaua hūa adarga. Hião co ele os capitães da frota, & assi os fidalgos todos cō vestidos ricos, & assi hia a mōr parte da outra gēte: & foy no seu esquife: & hião tābē os esquifes & bateis da armada: & cō grāde tāger de trōbetas abalou pa terra, onde ho el rey Dormuz estaua esperando no çarame acōpanhado de Raix noradim, & de Cojeatar, & ho seu goarda moor, & porteyro moor, & assi estauão coele outros mouros principaes de sua corte & estaua cō grande estado, que assi ho tem os reys Dormuz que são grandes principes, assi de terras & gēte como de riquezas. E sabendo el rey q̄ ho capitão mor era desēbarcado sayo a recebelo a hūa varanda do çarame cō Coieatar, & Raix noradim & outros poucos & ali ho esperou ē pê. E ē entrando, el rey moueo logo parele & lhe abayxou a cabeça, q̄ he a mor cortesia q̄lhe podia fazer: porque a não fazē os reys naquela terra senão a outros reys. Ho capitão moor se chegou aele cō muyto grande reuerencia, & lhe tomou as mãos q̄ ātre os mouros he final damizade. E tendoho por elas falou a Coieatar & a Raix noradī, que lhe fizerão tābē muyto grāde cortesia, & logo se assentarão jūtamēte ho capitão moor em hū escabelo que pera isso estaua, & el rey & Cojeatar & Raix noradim ē hūa alcatifa, por quanto he seu costume assentarense como mo lheres: & despois de assētados esteuerã pto de duas oras, nas quaes el rey Dormuz, & Cojeatar, & Raix noradī jurarão ē sua ley que cōpririão as cōdições cō q̄ lhe ho capitão mōr concedera as pazes: & assentarão ōde auia de fazer a fortaleza, & que se começasse logo dentender nela: & q̄ el rey desse os officiaes que fossē necessarios pera toda a obra da fortaleza. E q̄ desse a casa pera a feytoria, a q̄l foy logo assinada ao capitão mor q̄ despois de tudo isto assētado se tornou pa a frota, onde lhe el rey Dor-

muz mãdou hũ presẽte.s.hũa cinta dou ro & pedraria q̃ foy aualiada em dous mil cruzados:& hũa adaga do mesmo que valia q̃nhẽtos:&quatro aneis,cada hũ cõ hũa pedra de muyto preço:& hũ caualo arabio fouueyro selado,& enfre ado de sua ꝓpria pessoa,& duas peças de borcadilho.E assi mandou ꝑa cada capitão da armada hũa peça de seda. Ho capitão mór lhe mandaua tãbẽ ou tro presẽte disso que tinha,& ao outro dia mãdou a terra Pero vaz dorta (que auia de ser alcayde mór da fortaleza:& feytor da feytoria,ꝑ hũa prouisão del rey de Portugal que leuaua)pera sẽtre- gar da casa ẽ que auia destar a feytoria, como ẽtregou.A q̃l estaua da bãda do mar perto do lugar ẽ que se auia de fa- zer a fortaleza,& hi se apousẽtou com os officiaes,& homens da feytoria,& a fez forte:& tambẽ mandou tirar a mõ- te a sua nao,& ho rey grande ẽ que an- daua Frãcisco de tauora:& os mantimẽ tos que tinhão forão despejados nos na uios Dãtonio do cãpo,Dafonso lopez da costa:& no de Manuel telez.E ẽ quã to se isto fazia mandou ho capitão mor tomar hũa terrada das que tomara aos mouros & fazela toda de cuberta com hũ toldo:& feyta a mandou artilhar de bõbardas de campo todas de metal,& muyto bẽ armada a mãdou ancorar jũ to cõ hũa põta darea que se faz na mes ma ilha,pegada cõ a cidade & cõ os pa ços del rey:na qual põta ꝑa a banda do mar se auia de edificar a fortaleza:&ne sta terrada auia ele destar de dia ẽquan to a obra durasse.Pera o que repartio sua gente per quartos,& a cada quarto ordenou certas capitanias,de que erão capitães os proprios da frota,& assi al- gũs fidalgos dos que ãdauão nela.E de stes hũs com sua gẽte auião dhir cõ os cauouq̃yros a tirar pedra,outros a auí- ão de trazer,outros auião de fazer cal, &outros betume de gesso & de terra.E assi se começou a obra,ẽ que todos ser- uião cõ muyta diligẽcia.E como ho ca- pitão mór fosse muyto atẽtado ẽ tudo, & cõsirasse o q̃ lhe era necessario,vio q̃ se os mouros entendessẽ quã poucos os nossos erão(q̃ não erão mais de quatro cẽtos)q̃ se arrepẽderião das pazes & se leuãtarião.E por isso mandou aos capi tães dos q̃rtos que de cada vez q̃ fossẽ a terra leuassẽ a sua gente armada de di uersas armas:& eles o fazião assi:& ora a leuauão cõ lãças & adargas,coyraças, & sayas de malha,ora cõ bestas,ora cõ espingardas.E cada vez q̃ os nossos sã hião cõ hũ destes generos darmas,cuy dauão os mouros q̃ vinhão outros ho- mens.E cõtando cada vez hũs achauã q̃ erão mil & duzẽtos,& dizião o a Co jeatar a quẽ pesaua grandemente de se fazer a fortaleza,por q̃ sabia que coela auia de perder todo ho mando que ti- nha ẽ Ormuz:& aos mouros tãbẽ lhes pesaua.E como naturalmente querião mal aos nossos acrecẽtauaselhes ho o- dio vẽdoos snõres de sua terra:prĩcipal mẽte a esses hõrrados,& a algũs rumes q̃ ali andauão:& hũs & outros,por q̃ se não podião vingar pubricamẽte faziã no cõ dissimulação dãdo grandes encõ tros aos nossos,como q̃ ho fazião por causa da muyta gente q̃ os apraua,que assi era ela muyta.Porẽ os nossos ho en tẽderão logo & assi por outros despre- zos q̃ recebião dos mouros:& disseran no ao capitão moor,lhes disse que não dissimulassẽ nhũa injuria,& que logo se vingassẽ cõ punhadas & bofetadas, por q̃ não parecesse q̃ era guerra:&que daq̃la maneyra se abayxaria a soberba dos mouros.Os quaes ido por seus des

prezos auãte, ouuerão dali por diãte a paga q̃ merecião, q̃ brãdolhe os nossos os dentes cõ punhadas & bofetadas: & como os mouros erão hõrrados magoa uaos mais a injuria q̃ a dor que recebiã & cõ grandes clamores se hião ao capitão mõr q̃ estaua na terrada, & ele lhes fazia muyta hõrra: & mostrãdo muyto espãto & menẽcoria lhes pgũtaua quẽ os injuriara. E q̃ndo lhe dizião q̃ os seus, parecia q̃ lãçaua os olhos ẽ aluo dizẽdo. Estes meus caualeyros são diabos: não ha trabalhos que os cãse: ja andão menencorios, porque não pelejão: seu prazer não he senão pelejar: ja me deso bedecem: & porẽ eu os ey de castigar, chamẽme ho meu meyrinho. E os mouros q̃ndo vião assi ho capitão mõr, pregũtauão ao lingoa ho q̃ ele dizia: & elle lho decraraua: & eles crião q̃ era assi, & ficauão atonitos de tal cõdição de gẽte q̃ não queria senão guerra. E vindo ho meyrinho dizia ao mouro q̃ lhe fosse mostrar quẽ lhe fizera mal: & mãdaua ao meyrinho q̃ lho trouuesse: & q̃ ho castigaria. E se ho mouro dizia q̃ ho não conhecia, dizia q̃ lhe pesaua muyto de ho não conhecer, porq̃ logo lhe fizera justiça: porẽ q̃ visse se ho conhecia. E cõ isto hia ho mouro satisfeyto & cõtẽte. E q̃ndo lhe ho mouro dizia q̃ conheceria quẽ lhe fizera mal se ho visse, ou ho nomeauão, mãdaua ao seu meyrinho q̃ ho fosse prẽder: & aos q̃ lhe nomeauão mãdaua ho meyrinho logo auiso que se goardassẽ, & aos q̃ lhe os mouros mostrauão daua dolho q̃ fugissẽ (q̃ assi lho tinha mandado ho capitão mõr) & assi hũs como outros fugião & se escõdião: pelo qual nũca ninguẽ era preso, & os mouros se ficauão cõ seu mal. E cõ tudo pela diligencia q̃ vião fazer ao capitão mõr, & por quão menẽcorio ho viã, do q̃ lhes era feyto ficauão muyto cõtẽtes dele, & dizião que não auia tal capitão no mũdo. E q̃ndo fazião queyxume a Cojeatar do mal q̃ recebião dos nossos lhe contauão o q̃ ho capitão mõr fazia. Mas vẽdo q̃ lhes não aproueytaua vsarão do q̃ lhe mais podia aproueytar, q̃ foy não serẽ soberbos dali por diãte. E primeyro q̃ isto fosse se passarão dias: nos quaes ẽ quanto se ajũtauão os materiaes de pedra, cal, & betume, mandou ho capitão mõr a Pero vaz dorta q̃ mãdasse começar dabrir os aliceçes dhũa torre da fortaleza: os q̃ es ele fez abrir ẽ altura de seis braças, porq̃ por ser area se não pode achar a terra firme em menos altura. E fazẽdose assi a obra ho capitão mõr como era manhã se hia â terrada, ondestaua ate noyte q̃ se recolhia a sua nao, & mãdaua aos nossos q̃ se vigiassẽ assi no mar como na terra: em que tambẽ el rey & Cojeatar mandauão a quatrocẽtos dos seus frecheyros q̃ vigiassẽ & goardassẽ a nossa feytoria da bãda de fora. E ho q̃ moueo esta goarda foy Raix noradim por estar muyto bẽ cõ ho capitão mõr: porq̃ lhe pedio nestes dias q̃ lhe restituisse dous filhos q̃ tinha q̃ estauão desterrados nas terras do Xeq̃ ismael, porq̃ quiserão matar a el rey Dormuz: do q̃l hũ dos filhos q̃ se chamaua Raix delãmixa era porteyro mõr: & o outro q̃ auia nome Raix xara fo era goarda mor. Dizendolhe q̃ pois ele era sñor do reyno por el rey de Portugal lhe pedia q̃ lhes pdoasse, & os mãdasse tornar. E por q̃ aquele caso era tão graue, não ho quis ele fazer: mas pedio a el rey & a Cojeatar que ho fizessẽ, & eles ho fizerão a seu rogo, & mãdarão seguro aos desterrados que estauão cõ ho Xeque ismael, pelo q̃ souberão lâ ho q̃ o capitão mõr tinha feyto ẽ Ormuz.

Capitulo. LXV. De como fazendo ho capitão moor a fortaleza Dormuz chegou hũ embaxador do Xeque ismael a pedir pareas a el rey Dormuz. E do que ho capitão mor lhe respondeo.

Juntos todos os materiaes que erão necessarios pera a fortaleza començou ho capitão mor de a edificar, & foy em hũ dia Doutubro pela manhã, no qual sahio ele em terra cõ todos os capitães, & fidalgos: & ele foy ho que pos a primeyra pedra no alicece, & em a pondo desparou toda a artelharia da armada. E os que stauão em terra fizerão grandes alegrias assi de tangeres como de cãtares, & era a festa muy grã de em todos, a que ele fauorecia cõ muyto riso & prazer. E lhe dezia cousas muyto bem ditas sobre ho fazer da parede, porque posto que auia muytos pedreyros da terra todos os capitães, fidalgos, caualeyros, & toda a outra gẽte ho erão tambẽ, & seruião em amassar cal, & acarretar pedra: de maneyra q̃ todos trabalhauão. E neste dia mandou elrey Dormuz hũ grãde almorço pera os officiaes, & hũ abastado presente de fruytas pa ho capitão mor, assi daçucar, como secas, q̃ ele repartio pelos fidalgos q̃ andauão na obra: ẽ que pera se dar mayor pressa assi como se abrião os alicesces se fazia a parede, q̃ neles era de vĩte pees: & era a tenção do capitão moor fazer hũa torre de tamanho vão q̃ atalhada pelo meo ficassem duas torres cada hũa de vinte & hũ couados de vão em quoadra, afora a largura da parede q̃ as partisse, & auia hũa das torres de ficar de dous sobrados cõ seu terrado & peytoril, & ameas: & a outra auia de sobir sobrela dous sobrados, & auia de ter curucheo. E parecendo a obra sobre a terra chegou à terra firme da bãda da Perssia hũ embaxador do Xeque ismael, hũ Principe que despois do grão Soldão não auia naquelas partes outro mais poderoso do q̃ ele era. E este embaxador vinha a el rey Dormuz per mandado do Xeque ismael a pedirlhe pareas, as quaes lhe daua cadãno como seu tributario que era, & mandaualhas pedir cõ quanto sabia que ho capitão moor lhe tinha ja ganhado ho reyno, que ho soube pelos filhos de Raix noradim que andauão em sua corte, quãdo lhes seu pay mandou ho perdão del rey Dormuz & de Cojeatar pera que se tornassem a Ormuz. E a vinda deste ẽbaxador deu muyto grande toruação a Cojeatar q̃ndo a soube. E logo ele & Raiz noradim forão falar ao capitão moor, & lhe contarão a vinda do embaxador: & ao que vinha. E lhe disserão como sua vinda fora despois do Xeque ismael saber como ele tinha ganhado ho reyno Dormuz, pedindolhe que lhe dissesse ho q̃ faria, porque ho ẽbaxador estaua na cidade. Ele lhe disse que não lhe desse nada da vinda do ẽbaxador, porque não era el rey Dormuz vassalo del rey de Portugal pera ho ser doutro rey nẽ Prĩcipe, posto que fosse ho mayor do mundo, nem temesse que ninguẽ ho anojasse, porq̃ ele ou seus capitães quaes quer que ali andassem ho defenderião de todo ho poder do mundo. E quanto à reposta do embaxador que lhe não dessẽ outra senão a que lhe ele mãdasse sopena de ho anojarẽ muyto. E lhe dar por isso castigo como por outro crime muy graue. E que se fossem embora, & idos

mãdou ho capitão mór tomar algũs pelouros de bõbardas, assi grossas como miudas. E tambẽ despingardas, & assi setas. E mandou os ao ẽbaxador do Xeque ismael per hum caualeyro: mãdandolhe dizer que aquela era a moeda q̃ se laurauã em Portugal pera pagar pareas a quem as pedia aos reys & sñores que erão vassalos del rey dom Manuel rey de Portugal & das Indias, & do rey no Dormuz, & que assi ho dissesse ao Xeque ismael. E que fosse certo que ele capitão mór esperaua de ho ir buscar, & a suas cidades & vilas, & trazelas todas por força darmas a obediencia del rey seu senhor. E q̃ entã se poderia ver coele, & receber as pareas que mãdaua pedir. Da qual reposta ho embaxador ficou muy espãtado, & calouse que não respondeo nada. E muyto mais espãtado ficou quando Cojeatar lhe deu amesma reposta, q̃ como digo assi lho tinha mãdado ho capitão mór, & por isso ho Xeque ismael quando a soube ho teue ẽ muyta estima por amor do que lhe mãdaua dizer, & ho mandou despois visitar sendo gouernador da India, & lhe mandou hum presente. E dali por diãte não quis mais por amor dele pareas Dormuz ate que soube que Cojeatar se leuantara contra ho capitão mór, & que não auia Portugueses em Ormuz, E então fez guerra ao reyno Dormuz. E tendo ho capitão mór mandado este desengano ao embaxador do Xeque ismael acertou de partir hũa nao de mouros do porto Dormuz pera a India, & por hũ mouro mercador Dormuz que hia nela, escreueo ho capitão mór ao visorey tudo o que tinha feyto des q̃ partira de çacotorà ate aq̃le dia: & chegada a nao a Cochĩ, o mouro deu a carta ao visorey q̃ achou de caminho pa Panane.

Capitulo. L X V I. De como ho uisorey peleiou na uila de Panane cõ muytos mouros, & os desbaratou, & lhe tomou a artelharia q̃ tinhão.

DEspois que Tristão da cunha chegou a Cochim que cõcertou as naos de sua armada estãdoas carregando teue ho visorey por noua certa que em Panane hũa vila porto de mar do reyno de Calicut quatorze legoas d̃ Cochim, estauão muytos mouros mercadores de Calicut que tinhão varadas suas naos por hũ rio acima que ali se vinha meter no mar. E tinhão em terra muyta especiaria & droga pera leuarẽ a Meca. E que pera goarda destas naos ate serem fora da costa da India estaua hũ capitão del rey de Calicut chamado Cutiale valente caualeiro, que tinha cõsigo perto de sete mil homẽs de peleja antre mouros & Nayres. E muytos paraos pera sua embarcação, & que os senhores das naos estauão todos rapados em sinal que auião de morrer sobre sua fazenda, se os nossos fossem pelejar coeles, pera o que estauão muy apercebidos de muytas estancias dartelharia q̃ tinhão feytas junto do lugar, que seria quasi hũa legoa pelo rio acima, & assi na boca do rio por onde não podião entrar nauios dalto bordo, senão galês & outros nauios rasos. Sabido isto pelo visorey determinou de ir pelejar coesta armada. E Tristão da cunha tambem lho pedio porque desejaua de ser naq̃le feyto, porque dandolhe nosso señor vitoria se fizesse caualeyro seu filho Nuno da cunha. E acabadas as naos de Tri

stão da cunha de carregar partirão todos pa Panane a vinte tres dias do mes de Nouembro de mil & quinhentos & sete. E os capitães da armada do viso rey forão dom Lourenço, Pero barreto de magalhães, Francisco danhaya, Antonio lobo teixeyra, Pero cão, Duarte de melo, Payo de sousa, Diogo pirez, Felipe rodriguez, Lucas dafonseca, Lopo chanoca, & Simão martis. Em toda esta frota & na de Tristão da cunha hirião ate setecentos Portugueses. E chegados a Panane que foy hũa tarde dous dias despois que partirão de Cochim, & surtos na boca da barra, em anoitecẽdo chamou ho viso rey a conselho, que foy na galê de Diogo pirez onde hia. E ali veo Tristão da cunha, que hia na de Payo de sousa. E juntos todos os do conselho, ho viso rey lhes disse. Poys senhores trazemos determinado de pelejar com os immigos: peçouos muyto q̃ vos lembre que pelejays pela fê de nosso senhor Iesu Christo, & que tenhais confiança nele que vos dara vitoria, como vola deu em outras batalhas em q̃ vẽcestes a estes cães seus imigos & vossos: & que vos lembre que neste lugar esta agora toda sua saluação: & porisso nela como em colheita muy segura recolherão suas riquezas: & assi como vos sempre esforçastes vos deueis de esforçar pera os destruir, & não ho fazendo assi dareis lugar aque se escureça a muy to grande fama que tẽdes ganhada nas notaueis façanhas que ate agora tendes feytas. E porque saybais pera onde aueys dhir, querouos mostrar ho lugar tirado pelo natural como ho eu mandey tirar pera que ho visseys. E dizẽdo isto mostrouho em hũ papel onde estaua pintado assi como estaua fortalecido: & tãbẽ lhes disse a gente que poderião ter. E com quanto pareceo a todos que staua muyto forte, todos acordarã que se cometesse, & que pelejassem com os immigos. E foy assentado pelo viso rey que Pero barreto cõ trinta homẽs bẽ armados fosse diante em hũ batel pelo rio acima ate onde as naos estauão varadas: & Diogo pirez fosse ẽ outro batel com outros tantos homẽs, & desem barcasse defronte da artelharia dos immigos, que estaua hũ pouco acima da boca do rio, em passando hũ baixo q̃ a liauia. E que a pos eles fossem dõ Lourenço, & Nuno da cunha cada hũ em seu batel, & assi todos os outros capitães do viso rey, & de Tristão da cunha: & que eles fossem nas duas galés, & que ninguem não abalasse sem as trõbetas do viso rey fazerẽ primeiro sinal. E antemanhaã estando todos embarcados em seus bateys, hũ crerigo capelão do viso rey, homẽ religioso & de boa vida se pos da sua galé a pregar aa gente, que estaua nos bateys ao derredor dela. & nesta pregação trouue a todos ã memoria aquelas cousas que fazião alcãçar ao Christão a graça de nosso senhor pera merecer a gloria do paraiso: afirmãdo que nenhũa podião ofrecer a deos que lhe mais proueytosa fosse pera apagar seus peccados q̃ pelejar por exalçamento da sancta fê catholica. E foy ho sermão per palauras tã deuotas que todos chorauão com deuação: & tinhão grão desejo de se verem emborilhados com os immigos. E esclarecendo ho dia todos muyto inframados com ho desejo de pelejar: ao som das trombetas do viso rey que fizerão sinal, acabada a pregação abalarão pelo rio acima, como estauão ordenados, sômente ho viso rey & Tristão da cunha, cujas galés ainda nã poderã nadar por auer pouca agoa:

& ficarão na boca do rio. Os imigos estauão com grãde esforço confiados na força que tinhão, assi de muyta gente, como de artelharia que faziã desparar fortemente. E era cousa medonha ver a grãde fumaça dos tiros & ho arroido que fazião, & a grita dos imigos. E cõ tudo Pero barreto não deixou de chegar ao lugar q̃ lhe foy ordenado & hi achou passãte de vinte mouros dos rapados q̃ tinhã jurado de morrerẽ ou vẽcerẽ: & estauão metidos nagoa esperãdo os nossos cõ muy grãde ousadia: & coela os receberã & se trauou logo a peleja. E pero barreto e os seus ho fizerã tãbẽ q̃ matarã todos aqueles mouros: posto q̃ muitos ficarão feridos: E foy morto hũ caualeiro chamado Gilcasado: & desta maneira tomou Pero barreto terra. E neste tẽpo desembarcou tambẽ Diogo pirez no lugar que lhe foy asiinado, onde tambẽ achou outros tantos rapados como Pero barreto. E assi hũs como os outros erão os senhores das naos & capitães delas) que ho receberão da mesma maneira, & ẽburilhados os nossos coeles, acodio ho corpo da gẽte dos imigos, fazẽdo grande resistencia aos nossos. E nisto desẽbarcou dõ Lourẽço com quẽ hião Rodrigo rabelo, Gõçalo de paiua & os outros a q̃ ho viso rey tirara as capitanias polo de chaul. E assi eles como todolos outros capitães tomarão terra cõ grande afronta, porque os imigos erão muytos & muy esforçados, & frechauã assaz dos nossos. Porẽ eles pelejauã sem nhũ medo, principalmente Dom Lourẽço cõ hũa alabarda que trazia cõ que matou seys mouros, sem os ninguẽ ferir se não ele. E andando assi parece que hũ dos imigos tinha tomado a estatura do corpo de dõ Lourẽço, & sinays de suas armas (segũdo se despois soube) pera o matar: & vẽdoo foy se a ele pera ho ferir: mas dom Lourẽço aleuãtou primeiro a alabarda, & deulhe: & como ho mouro se emparasse cõ ho terçado, foyse dom Lourenço ferir nele no colo do braço da parte de dẽtro & chegou a ferida ate a cana do braço. Os que hião coele hũs derão no mouro & matarãno, outros lhe acodirão logo, porque nã pode dar mais passo por lhe acodirẽ engulhos de arreuesar: & não por mingoa de coração, que bẽ tinha mostrado que lhe não falecia, em matar ẽ muyto breue espaço seys mouros. E estando ele assi ferido que ho leuauão à frota chegou Pero barreto, & disselhe, Senhor os amigos quando vẽ os amigos feridos não se detem coeles, mas vão os vingar de quem os ferio: & assi ho fez ele: & passando auante feria neles muy sem piedade. E ja a este tempo ho fogo andaua ateado nas naos que estauão varadas. Porque detendose dõ Lourẽço por causa da ferida, Nuno da cunha que lhe hia nas costas passou adiante com sua cõpanhia: & foy poer fogo às naos que erão treze. E tambẽ nisto teue assaz q̃ fazer, por lhe os mouros resistirem poderosamente. E nesta enuolta foy derribado hũ fidalgo chamado Iorge fogaça dhũa zagunchada que lhe deu hũ mouro, & passoulhe as couraças sobelo coração, & entrou ho ferro do zaguncho pela carne obra de hũ dedo, porẽ não chegou ao coração: & com tudo recebeo tamanho agastamento que se não pode ter, & cahio: & ouuera de morrer assi disto, como dos immigos que carregarão sobrele, se nã fora hũ caualeiro chamado Aluaro do quintal que ho defendeo, pelejando cõ tanto esforço, que fez afastar os immigos, & ho leuantou. E estando Iorge fo

gaça em seu acordo tornou a pelejar cõ os imigos que por serẽ muytos sosteuẽtanse hũ pedaço contra os nossos ate q̃ encheo a mare, com q̃ as galés poderã entrar. E entrarã desparando sua artelharia, com q̃ os mouros começarão dẽ fraquecer, & mais com a desembarcação do viso rey que saltou em terra cõ a bandeira real. Tristão da cunha não desembarcou por se achar doente, & a sua gente se ajuntou com ho viso rey: o qual deu nos imigos que não podendo soster ho impeto de sua vinda se desbaratarão, & fugirão pera a vila: indo os nossos a pos eles com grande matança que neles fazião. E ho visorey mandou poer fogo à vila porque os nossos a não roubassem, q̃ te meo de se tornarem os imigos a fazer em corpo & tornarẽ sobrele, & meterẽno ẽ afronta pelos muytos feridos q̃ tinha, antre os quaes era Fernão perez dãdrade, que foy ferido no rosto. E dos imigos forão mortos pto de duzentos, & feridos sem cõto. Posto ho fogo ao lugar ho viso rey se recolheo à praya, mandando primeiro recolher a artelharia dos imigos q̃ tomou toda. E por memoria daq̃le feyto armou algũs caualeyros, ãtre os quaes foy Nuno da cunha, & Luys patricio Romano de q̃ atras fiz menção. E feyto isto embarcouse & foyse à Cananor, assi por ser ja la leuado dom Lourẽço pera o curarẽ, como pera ver partir dahi Tristã da cunha, que auia de partir pera Portugal, donde partio a sete dias de Dezẽbro cõ q̃tro naos de sua armada, & chegou a Portugal a saluamento.

Capit. LXVII. De como Afonso de albuquerq̃ fazia a fortaleza ẽ Ormuz: & do q̃ algũs capitães fizerão contrele uendo que não decraraua quẽ auia de ser capitã dela.

HO capitão mor Afonso Dalbuquerque que estaua em Ormuz fazendo a fortaleza, dauase muyto grande pressa em a acabar: & ho mays do tempo andaua na obra com a gẽte, mostrandolhe ho muyto grãde gosto que tinha em a fazer: & dizendolhe muytas vezes o que elrey seu senhor tería dela. E sobre isto polos animar ao trabalho que era muyto lhes dezia mil lisonjarias por lhe fazer sede dele. E certo que assi mostrauã todos tela segũdo a diligencia que punhão em trabalhar, principalmẽte aqueles que tinhão em fantesia de serẽ capitães da fortaleza: & estes erão Iorge barreto Crasto q̃ vinha puido de Portugal despois de dõ Afonso de noronha: & tambẽ Afonso lopez da costa, & Ioão da noua cuydauão que por seus seruiços a darião a cada hũ deles. Porẽ ho capitão mor não mostraua mais vontade a hũ que ao outro. E vendo eles que hia a torre sobela terra em altura de hũ homẽ, & q̃ se nã decraraua quem auia de ser ho capitão pareceolhes q̃ ho capitão mor a queria pera si, & que se leuantaria com ela contra el rey Dormuz, porque cõ a gente que tinha ho poderia fazer, a qual ficaria coele de boa vontade pola abastãça da terra. E começarã de murmurar cõ trele, fazendo conselhos com os outros em que dezia, que ho dessem ao demo que a ele não lhe lembraua Portugal, nẽ auia la de tornar nũca. Veloeis que ha de ser tredoro, & não faz esta fortaleza se não pera se aleuantar com Ormuz, & roubalo. Isto não he bẽ que se sofra, & mais sendo nos fidalgos criados del rey de Portugal & seus capitães, de quẽ ele confia ho seu seruiço, & assi dizião outras muytas cousas de que ho capitã

mòr não ſabia parte nẽ ſoſpeytaua que as diſſeſſẽ. E vendo todauia os capitães que ele não declaraua capitão, eſtando ja a torre em altura pera ſe ẽmadeyrar no primeyro ſobrado, fizerãlhe hũ requerimento per eſcripto, cuja ſuſtãcia foy: q̃ por quãto era vinda a moução pa ele ir goardar ho cabo de Goardafum pa o q̃ el rey de Portugal lhe dera a armada q̃ trazia, pelo muyto q̃ importaua a ſeu ſeruiço goardarſe: q̃ lhe requerião da ſua parte como ſeus capitães q̃ erão, q̃ ele ho foſſe goardar, & não gaſtaſſe ho tẽpo ẽ fazer hũa fortaleza de que el rey não auia dauer nhũ proueyto, nẽ era ſeu ſeruiço fazerſe. E eſte req̃rimento lhe foy dado pelo eſcriuão de ſua armada, eſtãdo os capitães preſentes. A q̃ ele diſſe q̃ ho requerimẽto fora eſcuſado, ſenão ſe lhe parecia mal oque fazia acõſelharlhe como deles eſpaua que ho não fizeſſe. E porẽ pois vinhão per requerimẽto q̃ ho fizeſſẽ ẽboora, que lhes não auia de reſpõder, porque não lhe auião eles de tomar cõta doque fazia ſenão el rey ſeu ſeñor, a cujo ſeruiço ele ſabia bẽ qual ĩportaua mais, ſe ir goardar ho cabo de Goardafũ, ſe fazer aquela fortaleza: porque goardar ho cabo de Goardafũ era pera fazer preſas, que eſtauão em vẽtura de ſe fazerẽ, ſenão per crua guerra. E que o fim pa que ſe fazia aquela fortaleza era pa ſegurãça das pareas del rey Dormuz, & da feitoria que ali eſpaua de ter el rey ſeu ſenhor: em q̃ eſtaua ho ganho mais certo que nas preſas do cabo de Goardafum: por iſſo que ho deyxaſſẽ fazer. E eſta repoſta nã ouuerão eles por boa: porque na verdade ja que deſeſperauão de cada hũ ſer capitão da fortaleza, lembraualhes mais ho proueyto particular q̃ farião no cabo de Goardafũ nas preſas (de que ſempre auerião ſecretamẽte a melhor parte) que o del rey que lhes ho capitão môr repreſentaua que ſe faria ẽ Ormuz. E por iſſo inſiſtirão em ſeu requerimento, requerendolhe muy eſtreytamente que ho cõpriſſe. E ele cõ menẽcoria vendo q̃ o não querião deyxar tomou ho requerimẽto, & rompeo ho: & roto ho mandou meter debayxo de hũa pedra do rebate da porta da fortaleza, ſẽ lhes dar mais outra repoſta: o q̃ eles ſentirão muyto. E vendo q̃ não daua por ſeus requerimẽtos, nẽ queria reſponder a eles, crerão mais firmemẽte que ele ſe queria aleuantar cõ a fortaleza & que pa iſſo a fazia, & aſſi ho dezião nos ajuntamẽtos que fazião cõtra ele. E ele pelo que tinhão feyto não lhes moſtrou nhũa mâ võtade, antes os agaſalhaua tambẽ como dãtes, & lhencomendaua ho ſeruiço del rey. Porẽ eles cõ quanto iſto vião, vendo que não podia auer effeyto ſeu requerimento, & q̃ niſſo não tinhão remedio, conceberão grande odio contrele, & procurauão de ho danar poſto que foſſe acuſta do ſeruiço del rey de Portugal. E não acharão melhor remedio pa lhe impedirẽ que não foſſe auante cõ a fortaleza, & ho fazerẽ ir dali, que metelo ẽ odio cõ el rey Dormuz & cõ Cojeatar, que ſe leuãtaſſem cõtrele. E teuerão maneyra como ſoubeſſe ho requerimẽto que lhe fizerão pa que ſe foſſe: & que a cauſa diſſo era verẽ como ſe perdia ho ſeruiço del rey de Portugal que não lhe mãdara fazer ali fortaleza, ſenão goardar ho cabo de goardafũ. Cojeatar folgou ẽ eſtremo com aquela noua, porque ſe arrepẽdia muyto de dar lugar pera que ſe fizeſſe a fortaleza, & tinhão grande dor de a ver fazer, porque ſabia que eſtãdo ela em Ormuz, & aſſi feytoria que auia

logo de ser lãçado de todo ho mando q̃ tinha. E como soube a dissensão q̃ auia antre ho capitão môr & os seus capitães pareceolhe que aquele era boõ caminho pa se leuãtar. E porẽ porque não tinha artelharia não ousou logo de ho fazer descubertamente. E viose cõ ho capitã môr, & cometeolhe que se fosse dali, porque el rey Dormuz como vassalo del rey de Portugal acabaria a fortaleza ẽ que poderia deyxar a gẽte que quisesse: & que isto lhe cometia por quãto sabia q̃ muytas naos de mercadores q̃ vinhão pera Ormuz deyxauão de vir cõ medo dele: & como toda a renda del rey Dormuz era dos dereytos q̃ lhe pagauão as mercadorias que vinhão per mar, se elas não viessẽ não teria ele cõ q̃ pagar as pareas ẽ que estaua obrigado a el rey de Portugal. E isto cometia ele não pola causa que dizia, mas cõ tẽçào de matar os que o capitão moor deyxasse na fortaleza, & roubar a fazẽda que ficasse na feytoria. E assi como ho ele cuydou assi imaginou ho capitão môr q̃ podia ser: & não lhe quis conceder o que pedia, dizẽdo que el rey seu senhor lhe defẽdia q̃ se não fosse dõde fizesse fortaleza ate a não acabar: o que Cojeatar sospeytou que podia ser. E posto q̃ segũdo a danada tẽçào que tinha podera daqui tomar argumento pa rõper a guerra como desejaua, dissimulou por nãestar aparelhado parela, pricipalmẽte de artelharia, sem q̃ não podia fazer dano aos nossos. E andando nisto teue maneyra como aquirio dos nossos q̃tro fũdidores dartelharia. dous dartelharia de metal & dous dartelharia de ferro: & tres erão gregos & hũ Portugues mulato, & natural da ilha da Madeyra: & todos andauão na armada por marinheyros, & estes lhe fundirão secretamẽte por muy grossas peytas algũs tiros de metal & de ferro, & lhe descobrirão mais largamẽte a dissensão q̃ auia antre ho capitão môr & os capitães sobre ho fazer da fortaleza: & quão poucos os nossos erão. Ho que deu ousadia a Cojeatar pa se leuantar. E pa auer causa de se rõper a guerra fez cõ aq̃les quatro que ficassẽ coele, & se fossẽ pa a terra firme: & q̃ se ho capitão môr lhos mãdasse pedir q̃ lhos não daria: & sobristo se rõperia a guerra. E determinado nisto mãdou fazer gẽte à terra firme, que entrauão na cidade como mercadores. E tudo isto fazia cõ tanta dissimulação q̃ ho não entẽdia ho capitão môr. Esta dissimulação durou assi algũs dias, não somẽte ẽ Cojeatar, mas nos mouros da cidade, que tambẽ se ẽcobrião ate ver ẽ que paraua a fũdição da artelharia que os quatro Christãos fundião. E como eles virão feytas algũas peças com ho aluoroço delas começarão logo de se ẽpolar cõtra os nossos q̃ndo hião à cidade, dandolhe encõtros, & encarãdo neles frechas embibidas nos arcos, então deyxauãnas cair: & riãse como que lhe q̃rião fazer medo: & assi lhe fazião outras sobrãçarias, em q̃ os nossos atentarão: & disserãno ao capitão môr, q̃ considerando o q̃ lhe os seus capitães requererão acerca de sua ida, & o q̃ lhe Cojeatar despois disso cometera, & o q̃ agora os mouros fazião estando dantes co eles mujto cõuersaueis, pareceolhe mal & creo que aquilo era vespera dalgũ aleuantamento, & q̃ os mouros deuião de ter sabido quã pouca gẽte tinha: & por essa causa lhe pareceo que era tẽpo de dissimular, & não mandar aos seus q̃ se vingassem logo, como à primeira, senã que dissimulassẽ como cõ seus amigos, & assi lho mãdou: & eles assi ho fazião

porẽ ele mãdou logo afestar dous tiros grossos ẽ dous paraos, & mandou os surgir junto da terra ẽ que estaua, sem dar conta a ninguẽ da causa porq̃ ho fazia.

Cap. LXVIII. De como Coieatar se leuãtou cõtra ho capitão mór & se começou a guerra antreles.

Andãdo isto assi os nossos q̃ fũdiã a artelharia a Cojeatar, acabarão de fazer dous falcões pedreyros, & algũs berços de metal, & outros tiros de ferro. E pa se Cojeatar a ꝓueytar deles no q̃ espaua mandou abrir no muro das casas del rey (questaua da parte do mar) bõbardeyras pareles, ficãdo çarrada a face da parede da banda de fora, porque os nossos as não vissẽ & entẽdessẽ o q̃ determinaua. E como ja tinha mãdado auiso à ilha de Baharẽ & à cidade de Lara q̃ lhe mandassẽ armada, & ele tinha na cidade muyta gente & artelharia q̃ lhe abastasse pa começar a guerra, pos ẽ efeyto rõpela. E pera parecer q̃ a não rõpia sem causa, cometeo aos nossos q̃tro q̃ se fossẽ pera elrey Dormuz, & eles ho fizerão. Ho que sabido pelo capitão mór acabou de cõfirmar o q̃ lhe parecia do leuãtamẽto dos mouros: & dissimulãdo ainda mandou dizer a el rey & a Cojeatar pelo feytor q̃ se chamaua Pero vaz de caminha q̃ lhe fugirão q̃tro Christãos pa a cidade o q̃ ele cria que eles não sabiã, q̃ lhes pedia q̃ logo lhos mãdassẽ. A este recado el rey & Cojeatar se fizerão muy espãtados, dizẽdo q̃ não sabião parte disso: porẽ que logo ho saberiã, & castigariã muyto bẽ quẽ os acolhera & lhos mandarião: & dali a dous ou tres dias mandou el rey dizer ao capitão mór que ele & Cojeatar mãdarão fazer diligencia sobre se buscarẽ os quatro Christãos q̃ dizia q̃ fugirão pa a cidade, & que acharão q̃ forão là ter, porẽ que logo se passarão a terra firme, & dizião que cõ receo de os ele mãdar pedir & lhos entregarem. Desta reposta ficou ho capitão môr muy descõtẽte: porq̃ lhe pareceo escusa de lhos não darẽ, q̃ bẽ sabia que sabião fũdir artelharia, & por isso lhe pesaua q̃ adeuinhaua ho paq̃ Cojeatar os queria: & cõ tudo dissimulou por se achar cõ tão pouca gẽte como tinha, & daua pressa â fortaleza se acabar: deque hũa das torres era ja sobradada no primeyro sobrado: & tinha ẽ quoadra vĩte & hũ couados de vão. E nisto hũ mouro mercador hõrrado q̃ era grande seu amigo, & se chamaua Coje abrahẽ lhe deu auiso muy secretamẽte do q̃ Cojeatar determinaua de fazer, & da artelharia q̃ lhe os quatro Christãos tinhã feyta, & quãta era, & da maneyra que estauão as bõbardeyras, & como tinha os Cristãos: & que eles forão os q̃ lhe descobrirão quã pouca gẽte tinha, & a dissensão ẽ questaua cõ os seus capitães sobre estar ali: & q̃ algũs deles forão causa de Cojeatar auer os quatro Christãos. Doque ho capitão mór ficou fora de si dauer antre Christaos tamanha maldade, que por lhe auerẽ enueja ofẽdião tão grauemente a deos & a el rey. E porẽ calou este auiso porque sabia q̃ nto os capitães auiã de folgar cõ se os mouros leuantarẽ: os quaes cada vez erão mais soberbos cõtra os nossos: & diziãlhe q̃ não auia Mafamede de querer q̃ tã poucos como eles erão fizessẽ fortaleza em sua terra. Ho q̃ sabido pelo capitã mór & assi o que sabia pCoje abrahẽ pareceolhe que era necessario declararse cõ el rey, posto q̃ disso se seguisse rotura de guerra antreles, porque segũdo a cousa hia se ho assi não fizesse ou os mouros

lhe auiã de matar os seus poucos & poucos, ou a gẽte bayxa cõ medo se lãçaria coeles. E tornou a mãdar dizer a el rey & a Cojeatar q̃ ele era certo que os q̃tro estauão na cidade, mas não ẽ que parte & que aq̃las pessoas ꝑ quẽ os mandarã buscar lhes não falarão verdade ẽ lhe dizerẽ que erão passados a terra firme: q̃ lhe pedia q̃ os mandassẽ buscar, & q̃ lhos mãdassẽ. Cõ o qual recado Cojeatar mostrou mayor espãto que cõ o primeyro, de estarẽ os Christãos na cidade, & não lho dizerẽ. E mostrou q̃ mandaua fazer grãde diligẽcia sobre os buscarẽ, & não os acharão, & assi lho mandou dizer: pedindolhe muyto que não cresse q̃ ele sabia parte dos Christãos, nẽ menos el rey. E mostrauão pesarlhes muyto de não aparecerẽ: do q̃ ele ouue muyto grande menẽcoria, porq̃ vio q̃ de todo se hia rõpẽdo a guerra por parte de Cojeatar: & mais porq̃ os nossos capitães lhe dizião que não deuia tãto dinsistir em pedir os quatro christãos, mas dissimular, porque Cojeatar nã tomasse causa de quebrar coele, & rõpesse a guerra, que lhe deuia alẽbrar quã pouca gẽte tinha, & que lhe seria forçado irse. E ele q̃ sabia que aquilo desejauã eles, dizialhes q̃ posto q̃ teuesse menos gẽte da q̃ tinha não auia de sofrer a Cojeatar nenhũa sobranceria, porq̃ sõmẽte cõ ho cirne lhe faria a guerra quando não teuesse quẽ ho ajudasse: & coesta reposta os fez calar. E do dia que mandou ho recado a Cojeatar não quis que fosse mais nenhũ dos seus â cidade, nẽ tãpouco dela lhe trouuerã dali pordiante mãtimẽtos, nẽ ho cõuersauão como dantes: & isto por mãdado de Coieatar o qual ho capitão mõr entẽdia bẽ a dor que tinha porq̃ se fazia fortaleza, & q̃ a não deixaria fazer, posto q̃ lhe alargasse os quatro christãos: & por isso determinou de fazer o q̃ podesse. E mandou lhe dizer pelo feytor, que sabia certo q̃ lhe tinha os seus homẽs, & que lhos não queria mandar, & q̃ os tinha ꝑa lhes fazer cõ eles a guerra: & que não era aquilo o q̃ elrey dormuz & ele jurarão no cõtrato q̃ fizerão coele, q̃ ndo os ele tinha de todo desbaratados: & pois ele queria quebrar a paz q̃ fizessem o q̃ quisessẽ porq̃ lhe fazia a saber q̃ se ate dous dias primeiros seguintes lhe não mandasse os seus q̃tro Christãos, q̃ ele auia de ser o primeyro q̃ começasse a guerra. E que esꝑaua ẽ deos pois tinha a justiça de sua parte, q̃ os auia de poer no apto em que os posera dãtes: & então ele sabia o que auia de fazer Cojeatar mostrou muyto grãde sentimẽto deste recado, principalmẽte por ele q̃rer q̃brar a paz. E respõdeo que sespãtaua muyto dele, sẽdo hũa pessoa tão prudẽte, crer q̃ el rey & ele lhe auião de ter os seus homẽs, & rõper a guerra cõ quẽ ja tinhão espremẽtado quã pouco ganhauão nisso, & pelo não tornarẽ a espremẽtar ꝑderião hũa cousa de muyto preço, quãto mais q̃tro homẽs ẽ que não ganhauã nada: q̃ lhes pesaua muyto de lhes pedir o q̃ lhe não podião dar: porque lhe jurauão em sua ley q̃ daqueles quatro Christãos não sabião mais q̃ o que lhe mãdarã dizer. E q̃ cresse q̃ se os poderão auer da terra firme que mãdarão poreles. E q̃ não podião crer q̃ por tão pouca cousa quisesse fazer guerra aos vassalos del rey de Portugal, a quẽ se mãdarião queixar ꝑ mar ou ꝑ terra se ele quebrasse a paz que estaua assentada antreles. E rogou muyto ao feytor que de sua parte rogasse aos capitães q̃ tirassẽ ho capitão mõr da openião ẽ questaua cõtrele & cõtra el rey. E dizẽ q̃ nestes recados ẽ que ho

feytor ãdou lhe deu Cojeatar peçonha de que despois morreo em çacotorá. E a peçonha foy diamão moido. E quando ho feytor tornou coesta reposta ho capitão moor a recebeo perante todos os capitães com tenção de lhes dizer o que determinaua. E eles ouuindo a reposta del rey & de Coieatar, estranharão muyto ao capitão môr poer em tamanho abalo ho q̃ tinha seguro por amor de quatro homens, que ainda que forão dez era pera dissimular por não virem a rotura de guerra. Ele lhes disse que se não fora mais que perder aqueles quatro homens, que isso tinha ele pera os alargar, porem que Coieatar posto que lhos alargasse não auia de deyxar de fazer aguerra & impedir a fortaleza; pola magoa que tinha de a ver fazer: porque coela ho auião de tirar do mãdo que tinha ẽ Ormuz: que se lhe pareceria q̃ Coieatar ouuera de deyxar hir a fortaleza por diante que ele não pedira os Christãos. Mas pois que a não auia de deyxar acabar os que ria pedir. E contoulhe tudo ho que lhe Coieabrahem dissera senão ho emque os culpaua, pelo qual não auia duuida senão que Coieatar estaua leuantado, & tomaua aqueles homẽs por achar q̃ pera romper a guerra: & por ele saber isto não queria mais dissimular. E com quanto ele deu todas estas rezões, auia ali capitães que estauão tão danados contrele, que todauia mostrarão parecerlhe mal não dissimular cõ os quatro homens, & deyxalos. E com tudo ele assentou de ho não fazer & mandou recolher aquela noyte a fazenda que se pode recolher da feytoria, que a outra ficou em terra por se não poder leuar: & assi mandou recolher esses homens nossos que tinhão ẽ terra cuydado dos trabalhadores, & toda a munição dotrabalho. E mandou q̃ não fosse mais a terra nhũa pessoa da armada: por q̃ ao outro dia pela manhaã aparecerão abertas as bõbardeyras dos imigos: & os tiros estauão chegados a elas. E quando ele os vio mandou chamar os capitães, & disselhes q̃ ja crerião a vontade q̃ Coieatar tinha pera a paz: por isso que se aparelhassẽ pera a guerra: & mãdou chegar os paraos ẽ que tinha affestados os tiros ao muro da fortaleza dos imigos: dos quaes parecerão logo muytos armados, assi no muro como ẽcima das casas del rey: como q̃ dauão mostra da gẽte que estaua na cidade. E por q̃ se não fossẽ assi mãdoulhes ho capitão môr tirar com os tiros dos paraos, & os imigos responderão com os seus. E começouse hũ aspero jogo de bombardadas dhũ cabo & do outro. E desta maneyra se começou a guerra, auendo hũ mes pouco mais ou menos que os nossos estauão ẽ Ormuz, porque a guerra se rompeo quasi na fim de Nouẽbro, & a fortaleza se começou em Outubro. E durando assi este cõbate mandou cojeatar alar a terra certas naos que estauão no mar, porque se receou que lhas queymassem os nossos. E não se enganou porque ja a este tempo ho capitão moor mandaua a isso ho seu esquife, & ho batel de Francisco de tauora: & leuaua cada hum seu berço: & fazendo seu caminho ao longo da ribeyra tirauãlhe os immigos com arteiharia que ja tinhão affestada em estancias per aquela parte. E por isso os nossos não saltauão em terra: & assi por os cõtrayros serẽ muytos. Porẽ tirauãlhe cõ os berços que leuauão, mas não foy muyto a seu saluo: porque das primeyras bõbardadas lhe matarão os imigos ho piloto de Francisco de tauo-

ra. E cõ tudo o batel & ho esquife chegarão âs naos a que hião, & poserãlhe fogo & queymarãnas. E entretanto os outros bateis & os dous Paraos q̃ estauão diãte das casas del rey lhe tirauão amiude & fazião muyto dano nos imigos, o que eles não fazião aos nossos por mais bõbardadas que tirauão: porq̃ era bayxa mar, & os paraos & bateis ficauão tão bayxos q̃ os tiros dos imigos passauão por alto. Assi durou ho cõbate ate noyte, ẽ que os imigos queymarão hũ barganti que ho capitão mòr mãdara fazer, & estaua começado. E hũ dos quatro arrenegados q̃ se lançarão cõ os imigos dizia alto, como que fazia escarnio do capitão mòr. Afõso dalbuquerq̃ socorred al barganti, que le quema maestre Martin: q̃ assi se chamaua hũ deles. E coisto dauão grandes apupadas. E ho capitão mòr lhe mandou tirar cõ a artelharia: & não mandou saltar ẽ terra por auer nela grande multidão de imigos: porq̃ como Cojeatar se temia disso mãdou poer muyta gẽte darmas pera que goardassẽ as estancias da artelharia, & defendessẽ a saida aos nossos se quisessẽ desẽbarcar: que se ho capitão moor ho podera fazer ele desẽbarcara & posera fogo a cidade: mas via q̃ não tinha gente pera pelejar ẽ terra, & por isso assentou de lhe fazer a guerra per mar.

Cap. lxix. Como o capitã mòr deu dez dias bateria â cidade: e esbõbardeou a ribeyra. E da goarda q̃ pos pera q̃ nã uiessẽ mãtimẽtos, e o q̃ mandaua fazer aos mouros que tomauão.

E Porque sabia pelo reqrimẽto q̃ lhe os capitães fizerão, que lhe auião de contrariar que fizesse guerra â cidade: não lhe quis dar conta de como a q̃ria fazer, senão logo ao outro dia pela manhaã mandou dar bateria â cidade: da maneyra que se lhe dera ho dia passado: & não tanto por lhe fazer nisso muyto dano como por atormẽtar aos imigos, que bẽ sabia q̃ ho dano verdadeyro q̃ lhe podia fazer era tolherlhe os mantimẽtos, que como disse lhes vinhã todos de fora. E pera lhos tolher mãdou poer ẽ tres passos per onde entrauão a Manuel telez barreto, Antonio do cãpo, & Afõso lopez da costa. E mãdoulhe q̃ cõ os seus nauios goardassem aq̃les passos cõ muyto cuydado ꝑa que não entrassẽ nhũs mantimẽtos na cidade. Ao que eles respõderão q̃ ho regimẽto del rey de Portugal q̃ ele trazia não mãdaua q̃ fizesse guerra a Ormuz nẽ menos era bẽ que lha fizesse cõ tão pouca gẽte, que era mais perder tẽpo q̃ outra cousa: & gastarse debalde ho soldo q̃ el rey daua â gente: a q̃l se ainda fora muyta se sofrera fazer a guerra porq̃ se espara dela algũ fruto: mas assi não sespaua mais q̃ ho q̃ tinha tirado dauer dous meses q̃ fazia a fortaleza: & por derradeyro lhe fizerão os imigos deyxar a obra vẽdo a pouca gẽte q̃ tinha: & q̃ o tẽpo q̃ ali gastara se ho despendera no cabo de Goardafũ como lhe el rey mãdara lhe fizera muyto proueyto em muy grossas presas q̃ tomara. E pois aquele era ho fim ꝑa que lhe el rey dera aq̃la armada, & assi o mãdaua no regimẽto q̃ lhe dera, q̃ de sua parte lhe requerião q̃ se fosse ao cabo de Goardafũ, & nã esteuesse ali gastãdo tẽpo & dinheiro sem nhũ ꝓueyto: requerẽdo ao escriuão darmada que de tudo o que requerião lhes desse acadahũ seu estormẽto. Ho capitã mòr posto q̃ sabia deles quã culpados estauão a deos & a el rey no que tinhão feyto, nã lho quis descobrir nẽ acoymar por ser ho tempo que era,

E dissélhe q̃ ele via bẽ quã ãmigos eles erão do seruiço del rey, & posto que ho q̃ ele fazia lho não parecesse tinha ꝑa si q̃ fazia nisso muyto seruiço a sua alteza a quẽ daria a cõta q̃ndo lha tomasse E pois fazẽdoho ele mal a pena auia de ser sua, que o deyxassẽ fazer. E que lhe requeria da parte del rey seu sñor q̃ lhe obedecessẽ como a seu capitão mõr, & que fossẽ goardar os passos q̃ lhe mãdaua. E mandou ao escriuão da armada q̃ sopena de morte não desse os estormẽtos q̃ lhe pediã. E assi se passarão outras muytas cousas. E cõ tudo eles se forã goardar os passos q̃ lhe erão ordenados, & estarião hũ do outro hũa legoa pouco mais ou menos. E como era noyte rodeauão os bateis a ilha, porque os mãtimẽtos que não entrauão de dia não entrassẽ de noyte. E assi mandaua os esquifes aos q̃rtos que varejassẽ de noyte cõ artelharia as estancias dos imigos q̃ estauão ao lõgo da ribeyra, cõ que os atormẽtauão grandemẽte: porque na ora q̃ aparecia a cãdea logo lhe tirauão. E porẽ tudo isto não era nada a respeyto da fadiga que os imigos padecião despois que lhes tolherão os mantimẽtos, cõ q̃ forão tomadas algũas terradas que logo pela primeyra (antes de saberẽ a goarda que auia) vierão descuydadas dar cõ os nossos. E tomadas forão leuadas ao capitão moor, que mais ꝑa espanto dos moradores Dormuz (ꝑa auerẽ medo) que por ser cruel de sua cõdição mãdou tomar essa gẽte que vinha nas terradas: & aos que erão frecheyros ou marinheyros mandaua cortar os narizes, orelhas & as mãos, porque não podessẽ mais tirar nẽ remar. E aos q̃ não erã do mar, nẽ frecheyros mandaua cortar os narizes & as orelhas, & hũ pé pelo meyo, porque não podessẽ andar: & de noyte os mandaua deytar na ribeyra, cõ escritos em arabigo ꝑa Cojeatar em que decraraua as causas porque mandaua assi justiçar aq̃les homẽs: cõ ameaço que assi auia de fazer a quantos trouuessẽ mantimẽtos â cidade: & que não auia de deyxar de fazer a guerra ate q̃ não morressẽ cõ fome quantos estauão nela. E os primeyros mouros que amanhecerão na ribeyra poserão grandissimo espanto nos da cidade, assi nos moradores dela, como nos outros da Persia que forão ẽ socorro. E como padecião grande trabalho de fome & de sede, desesꝑados de se remedearẽ pola goarda que auia nos passos, foranse queyxar a el rey & Cojeatar: & dizião ẽ vozes muy altas que lhe acodissẽ â necessidade q̃ tinhã dagoa & de mantimẽtos, porque perecião por falta destas duas cousas. E Cojeatar lhes disse que se sofressẽ q̃ muy cedo chegaria hũa armada que esꝑaua de Baharẽ & de Lara: & como viesse pelejaria cõ os nossos, & faria que leuãtassẽ ho cerco: & que entretanto lhe daria algũa agoa pera seu soportamẽto. E esta era dos poços de Turũbaque, õde cõ medo do capitão mõr que lhes não mãdasse çujar tinha posto em goarda hũ capitão chamado Cidehamet cõ duzẽtos frecheyros & vinte & cinco de cauallo que tinha asentado seu arrayal. E na ilha Dormuz como disse não auia outra agoa doçe senão esta, & dalgũas cisternas da cidade: mas toda q̃si que não abastaua pera molhar as lingoas dos q̃ estauã na cidade, tãtos erã. E por isto farião eles cada dia grandes exclamações a Cojeatar: & mais vẽdo q̃ q̃si cada dia amanhecião mouros na ribeyra justiçados, como disse: os quaes os nossos tomauã nas terradas, & as vezes em almadias em que se eles auenturauão de

& com os outros, & lhe contarão o que fora. Ele desembarcou logo cõ determinação de toda via assentar ho berço on de dezia, & achouse cõ cento & cincoenta homẽs pouco mais ou menos, & os mais deles escolhidos, & por isso lhe creceo mais a vontade que trazia pera pelejar com os immigos, com determinação que quando fossem tantos q̃ não podesse com eles que em sua mão estaua recolherse quãdo quisesse, & assi ho disse aos capitães, por isso que fossem auante. E eles disserão que fizesse o que lhe bem parecesse. E logo mãdou a Pero vaz dorta por ser bõ caualeiro & sabido na guerra q̃ fosse diante cõ obra de trinta homẽs a descobrir. E apos ele mandou dom Antonio de noronha cõ obra de outros trita, pouco mais ou menos: & antrestes hiã Iorge barreto crasto, Iames teyxeira, Ioã teyxeira, Nuno vaz de castelo branco, Iorge da silueyra, Diogo neto, Diogo guisado, Iane mendez botelho, Ioão estão, & hũ paje do capitão mòr, cujo nome era Christouã de figueiredo. Pero vaz dorta que foy diante descobrir os imigos, quãdo chegou acima ao outeiro como era homẽ grosso hia tão cansado q̃ lhe foy forçado descançar, mas como se dali descobria acidade, & outra muyta terra virão os seus hũ mouro de caualo cõ algũs frecheiros em hũ vale ao pê do outeiro, que erão da cõpañia de Raix delamixa porteiro mòr del rey, que vinha diante dele, & de Cojeatar descobrindo terra, & começaua de ẽtrar por aquele vale. Os de Pero vaz como virã ho de caualo & os frecheyros, lançarãse a eles, & eles lhe fugirão pelo vale a diante contra dõde vinha Raix dilamixa, que traria obra de trinta de caualo acubertados, & trezẽtos frecheiros de pee. E ele vinha armado em hũa saya quarteada de laminas daceiro, & de malha toda dourada, & sua fota na cabeça & nas mãos hũ pique pintado em voltas douro & dazul: & na cinta hũ terçado rico, & no arçã hũ arco com sua funda de frechas: & ho caualo acubertado de cubertas da maneira da saya, cõ sua testeira & penachos nela, tudo dourado per partes. E indo Pero vaz a pos os immigos contra onde ele vinha: ex q̃ chega dom Antonio com os seus: & vendo os nossos ir no encalço dos imigos bota a pos eles. E nisto adiantaranse dos de Raix delamixa oyto de caualo, & sairã aos nossos com as lanças baixas pera os enrestarẽ, & algũs frecheiros coeles tirando suas frechas: & logo tornarão a tras, porque Diogo guisado, & Nuno vaz de castelo branco q̃ hião na enuolta dos outros se adiantarão hũ pouco, & começarão de tirar cada hũ com sua besta que trazião a destro, & Nuno vaz pregou hũa seta na testa dhũ caualo, & Diogo guisado outra nos peitos doutro de que os caualos virarão fugindo. Então se deixarã os imigos ir todos de rol dão, & apertarão tão rijo com os nossos que os poserão em perigo, pricipalmẽte a Nuno vaz & Diogo guisado que os frecharão muyto: & assi esteuerão aos pês dhũas aruores defendendose, ate q̃ dõ Antonio chegou cõ os outros: & entã se trauou apeleja de verdade, por q̃ era ja chegado Raix delamixa cõ toda sua gente, & assi vinha de cada vez mays, da q̃ vinha com el rey & cõ Cojeatar os quaes não passarão a diãte, por lhes dizer hũ feiticeiro q̃ ho não fizessem que lhes auia de hir mal fazendoho: & por isso não passarã dali. Mas como dígo mãdauão sua gente que se fosse ajũtar com Raix dilamixa: que com os seus

pelejou com os nossos hũ bõ pedaço:& os nossos se defenderão muy esforçadamente com quãto a multidão dos mouros era demasiada. E valeolhe ser a terra darea,& atolarem os caualos dos immigos,que assi coisso,como com a grãde calma que fazia afrontauão de maneira que senão podiã bolir,nẽ bolirão se lhes não tirarã as cubertas. E em q̃nto se os mouros detinhão nisto teuerão os nossos algũ folego,& se retirarão pa hũas paredes velhas,& sempre cõ ho rosto nos imigos,porque os de pé os ꝑsiguião mortalmente:& assi os de caualo como se desembaraçauão das cubertas. E neste retirar derribou Ioão estão hũ mouro de caualo,aque acodio Raix dilamixa,& ho saluou,tomandoo nas ancas do caualo com hũ estribo que lhe deu. E tambẽ os mouros matarã ho paje do capitão mór:a que acodirão dom Antonio,Iorge da silueira,e Nuno vaz mas não ho poderão saluar:antes forão muyto feridos nas pernas,principalmẽte dom Antonio de seys frechadas, Iorge da silueyra de dez:& Nuno vaz de duas,& assi ho estauão todolos outros ou pouco ou muyto. E correrão todos risco de se perderẽ,se nosso señor não trouuera ho capitão mór cõ obra de oytenta homẽs,que estando os nossos neste conflito chegou a hũa assomada,a cujo pé se posera Raix dilamixa q̃ se sayra da batalha pera recolher os q̃ Cojeatar mandaua. E quando ho capitão mór vio tanta multidão de imigos arrependeose de ter mãdado goardar ho outeiro:& não ho deu a entender a Antonio do campo,& a Afonso lopez, porque estes forão o que lho mais contradisserão. E pareceolhe que não era bõ cõselho passar dali,nem pelejar cõ os immigos,porque se poderia perder & q̃ o milhor era recolherse aos bateis E mandouho dizer a dom Antonio on de estaua,& que trabalhasse por se ajũtar coele pera se recolherem. E disse a Antonio do campo,que com trinta homẽs daqueles que trazia se posesse antre ho outeiro & ho mâr,& que defendesse aquele passo porque lho não tomassem os immigos,& lhe tolhessem a embarcação. E mãdou a Afonso lopez que fosse aos bateys & os teuesse bẽ chegados a terra com a artelharia prestes pera desparar nos immigos se fosse necessario quando se ele recolhesse. E ele ficaria com ate vinte homẽs,os mais deles fidalgos:& assi foy feyto. E em se estes dous capitães apartãdo dele vio ele vir dom Antonio que se vinha recolhẽdo pera ele com os seus muyto apertado dos immigos. Ho capitão se foy logo a juntar coele,& fez volta aos immigos chamando por Santiago: porem não fez nenhũ nojo,porque como eles erão tantos como digo erão as frechadas tã bastas que pregauão nas lanças dos nossos,que a muytos lhes fenderã as astes. E Gõçalo queimado que era alferez ouue hũa frechada em hũ olho,antre ho bugalho & a sobrancelha,mas não lho quebrou,nem ele soltou a bandeira. E se ho capitão mór não leuara hũa saya de malha que cuspia as frechas ele ouuera de ser muyto ferido,porque todos os nossos ho forão. E tão rijo apertarão os immigos coeles,que não podendo os nossos sofrer ho impeto lhe foy forçado retirarense contra a praya:& não hião mais longe dos imigos que a bote de lança. E indo assi cõ muyta afrõta,ẽdecẽdo os nossos pa a praya q̃ se fazia ali hũ releixo,chegou raix dilamixa diante dos seus:& ficãdo sobre o capitão mór lhe tirou cõ o piq̃,mas não o ferio:

E ali se deteue com sua gente que não quis passar a diante, vendo quão perto os nossos estauão do mar: & por q̃ vio q̃ pelos penedos da praya estauão muytos mouros esperando ho capitão mór cuydando que lhe auião de tolher a embarcação. E estes mouros impidirão a Antonio do cãpo, & a Afonso lopez da costa q̃ não fizessem o que lhes ho capitão mór mandou: & não fizerão tã pouco quando se acolherão aos bateys, os quaes fizerão alargar de terra cõ medo dos mouros. E por esta causa se embarcou ho capitão mór com assaz dafrõta & não ficou nenhũ dos seus q̃ não fosse ferido muyto ou pouco: & tambem dos mouros ouue assaz feridos. E raix dela mixa foy ferido de hũ falcão que despa rou quando tirou com ho pique ao capitão mór, & leuoulhe hũ quadril. Assi se recolheo ho capitão mór quasi desbaratado & se tornou pera as naos: o que foy causa de lhe tornarem os capitães a requerer muyto estreitamente que se fosse & desistisse daq̃la guerra: O que era voz & fama que eles não requerião tãto pelo seruiço del rey, como pelo proueyto que esperauão de fazer nas presas do cabo de Goardafũ: & porque ho ele sabia, & tambẽ porque via craramẽte que fazendo ã guerra per mar ã cidade, & tolhendolhe os mantimentos, q̃ Coieatar auería por seu barato de consẽtir fazerse a fortaleza, insistia na guerra, & não daua pelos requerimentos q̃ lhe fazião. Antes mandou aos capitães dos nauios que estauão nos passos q̃ so pena de tredores se fossem pareles, & goardassem os passos: & eles ho fizerão assi. E fazendo o q̃ dantes fazião se passarã algũs dias que ho capitão mór não fazia mais que dar oppressão ã cidade pela parte do mar.

Capit. LXXII. De como Vasco gomez dabreu chegou a çofala, & do que socedeo a algũs dos capitães que forão coele de Portugal.

VAsco gomez Dabreu que hia por capitão mór de çofala & de Moçãbique, despois que se perdeo a carauela de sua conserua no rio de çanagã, como a tras disse, tornou a sua viagem caminho de çofala, onde cõ muyto roins tẽpos que lhe socederão em sua nauegação, chegou com os nauios de sua armada aos oyto dias do mes de Setẽbro, de mil & quinhẽtos & sete: & aos noue sahio ẽ terra, & achou por capitão da fortaleza a Nuno vaz pereira que ho viso rey mandara por capitã por morte de Pero Danhaya. E nuno vaz lhe entregou a capitania: & ele ho mandou pera Moçambiq̃ no nauio de ruy gonçaluez em cõpanhia de Diogo de melo, & de Martim coelho, que se partirão de çofala aos dezanoue dias do mesmo mes: & na viagem teuerão muytos contrastes de ventos contrairos & das agoas q̃ corrião contra eles, & assi de calmarias. E indo a rẽ das ilhas primeiras dez ou doze legoas, aos cinco dias doutubro topa rão com Iorge de melo pereira capitão da nao Belẽ, & hũ dos tres capitães mõres que partirão aquele anno de Portugal pera a India. E ele lhes contou como não podera dobrar ho cabo de sancto Agostinho na costa do Brasil, e dali tornara a demandar ho Cabo do mõte na costa de Guinẽ, & despois tornara a fazer sua viagem emque correra muytas tormẽtas: & não vira mais nenhũa nao das que partirão aquele anno de Portugal, & q̃ trazia muytos doentes, & muy

to pouca agoa requerẽdolhe que ho nã desẽparaissem, & eles ho fizerão assi. E dali a sete dias tendo muyto roim tẽpo, por Iorge de melo ter tamanha necessidade dagoa, foy ho seu piloto & ho do nauio de Martim coelho nos seus bateis auer hũ rio pa buscarem dẽtro agoa, & as naos ficarão surtas ao mar: & sẽdo os pilotos a descobrir ho rio, que era obra doyto legoas a rẽ das ilhas primeyras, sobreueo de noyte hũ ponente que era boõ pera a viagẽ de Moçambique, & polo perigo ẽ que andaua a gente de Iorge de melo pela falta dagoa q̃ tinha, pareceo bem aos capitães que por quanto estauão em ventura acharem os pilotos agoa que Iorge de melo se deuia de fazer à vela com aquele vento pois era prospero pera sua viajẽ, & que Diogo de melo fosse em sua companhia: & que Martim coelho recolhesse os bateis, & assi se fez. Mas ele os nã pode recolher por ser ho tẽpo contrayro pera sairẽ do rio: & ele tão pouco os não pode esparar mais que hũ dia por ser ho tempo muyto. Pelo qual se partio caminho de Moçambique, onde chegou hum domingo à tarde a vinte & quatro dias Doutubro & dentro no porto achou a nao belẽ, & são Ioão em que hia Diogo de melo, & são Simão em que hia Ruy gonçaluez, & sctõ Antonio em q̃ hia Anriq̃ nunez de lião da conserua de Iorge de melo. E foy ho prazer muyto grande em todos: & assi souberã que ainda os outros capitães mõres não erão passados pera a India. E ao outro dia logo chegou ho piloto de Iorge de melo que vinha no seu batel que cuydauã que era perdido & trazia a gente do batel de Martim coelho, porque ho batel se perdera. E despois de passarem algũs dias em q̃ Martim coelho pos ho seu nauio a monte & ho corregeo, se partirão ele & Diogo de melo aos dezoyto dias de Nouembro pera a India: pera onde se Iorge de melo pereyra não partio por ter muytos doentes & recear os leuantes que cursassem ja, que erão contrayros pera a viajem da India: os quaes Diogo de melo & Martim coelho acharão, & não poderão chegar mays que ate as ilhas de Maluane, onde vieram ter coeles dous zambucos de mouros, & forão tomados pelos nossos. E dali lhes foy forçado tornarem a Moçambique, onde chegarão em dia de sam Nicolao, a seys de Dezembro. E ainda não acharão nehũas nouas das outras naos que aquele anno partirão de Portugal. E assi ficarão inuernando em Moçambique.

Capitul. LXXIII. Da coniuraçã que algũs dos capitães dAfonso dalbuquerq̃ fizerão contra ele. E de como Afonso lopez da costa, Antonio do cãpo, & Manoel telez barreto fugirão pera a India com os seus nauios.

O Capitão mõr Afonso dalbuquerque que tinha cercada a cidade de Ormuz, despoys q̃ vio q̃ não tinha gente pa que per nenhum modo podesse pelejar em terra com os mouros, trabalhaua por lha fazer por mar a mais cruamẽte que podesse, assi de dia, como de noyte, que nunca a sua artelharia estaua ouciosa, ou esbombardeando as casas del rey, ou as estancias dos imigos, ou tirando tiros perdidos à cidade cõ q̃ fazia muyto dano. E rodeãdo de noyte a ilha, & vigiãdo q̃ não en

trassem mantimentos de que os nossos tomauã cadadia muytos.&assi mouros que os traziã,a que ho capitão mór mãdaua a Cojeatar da maneira que ja disse.E assi a fome como a guerra daua tãta oppressam ao pouo da cidade,que de a não poderem sofrer,& vendo que ho não podiam dizer a el rey, nem a Cojeatar quantas vezes querião, como era noyte se hião poer derredor das casas del rey,& cõ grandes gritas de molheres,& de meninos lhe pedião,& a Cojeatar que ouuesse piedade deles,porque se nã podião ja soster com fame,& que fizesse paz com ho capitão mór.Mas os fidalgos aconselhauã que não:& isto fazião com medo de Cojeatar,que sabião que não queria paz:& todos lhe auião medo por ho grande poder que sabião que tinha no reyno.E como ho capitão mór sabia o q̃ hia na cidade,deyxauase estar de vagar,porq̃ tinha mantimẽtos em abastança,assi pera sua frota,como pera mandar a çacotora,onde sabia que auia necessidade deles:& esta ua pera mandar Ia Manuel telez barreto que os tinha no seu nauio.E como os capitães sabião tudo isto, desesperauã de cada vez mays de ele aleuantar ho cerco:& não cessauão de seus requerimentos,polo que ele daua pouco. Pelo qual eles determinarão de lhe desobedecer,& não irem a seu chamado,parecendolhes que por aqui ho obrigarião a leuantar ho cerco.E porẽ auia de ser com cór que a sua gente era a que não queria que eles lhe obedecessem.E tendo isto assi forjado,algũs mouros desses que os nossos tomauão, confessarão per tormento ao capitão mór, que de Baharem erã partidas certas terradas grandes & armadas, que se auião dajuntar em Lara com as outras que hi estauão, que fazíam per todas sessenta, & que auião de ir em ajuda da cidade, pera pelejarem coele no mar.E sabẽdo ele isto mandou fazer sinal a Francisco de tauora,& a Ioão da noua pera irẽ a sua nao.Francisco de tauora que nã era da liga foy:& Ioão da noua porque ho era em q̃rendo ir poseranse os da nao abordo,dizẽdo que ho não auião de deyxar ir porque não querião obedecer ao capitão mór q̃era hũ doudo que nã tinha siso pera capitanear hũa almadia quãto mais hũa frota como aquela.E dizendo outras muytas descortesias q̃ todas ho capitão mór ouuia por ser muyto perto da sua nao.E Ioão da noua bradaua dizendo que não dissessẽ taes cousas por q̃ ho auião de pagar muyto bẽ,& fazia que punha força pera sair da nao,& eles pegauão nele.Ho capitão mór que via tudo como era discreto,julgou pelos requerimentos dos outros capitães o que aquilo era.E meteose logo no seu batel com algũs homẽs armados & ele tambem hia armado,& foyse à nao de Ioão da noua:& como entrou logo todos estes uerão quedos.E Ioã da noua se foy pera ele aqueyxandose da sua gente:& ele lhe disse que como a não tinha melhor ensinada,& que muytas vezes os capitães tinhão culpa no mao ẽsino de sua gẽte.E dizendo isto leuouho pelos peytos & prendeoho & ele começou de bradar que ho injuriaua & que ho prendia sem rezão:& que todos lhe fossem testemunhas que lhe lançara mão às barbas & lhas arrancara:& logo mostrou quatro ou cinco cabelos,os quaes ele parece q̃ arrancou por lhe crerem que se queyxaua de verdade:ho capitão moor disse q̃ ele ho não injuriaua,mas q̃ o prendia por q̃rer ser trédor ao seu capitão mór q̃staua ẽ pessoa delrey de Portugal

&logo hi tirou certas testemunhas, preguntadas pelo que sospeytaua, &achou que era verdade, & por isso pos na nao outro capitão, & leuou a Ioão da noua pa a sua. E vendo a cousa ir daquela maneyra não quis auer conselho do que faria sobre a vinda da armada dos imigos porq̃ sabia que o q̃ lhauiã daconselhar auia de ser que se fosse. E mãdou dizer aos capitães que estauão nos passosque esteuessem sobre auiso porque vinha a armada. E vendo eles quã pouco aproueytauã requerimentos com ho capitã môr, porque não queria deyxar de fazer sua võtade, & que lhe não aproueytauão ardis pera ho mudarem de seu ꝓposito: & vendo tambem como prendera a Ioão da noua ouuerão por bom cõselho de se não poerem coele mais ẽ põtos, senão irse pera à India. E sabẽdo do piloto Dafonso lopez da costa que os leuaria lâ, partiranse hũa noyte, sem lhe lẽbrar quanto nisso desseruião a el rey porque se se não forão & ajudarão ao capitão môr a fazer a guerra q̃ fazia, Cojeatar deyxara acabar de fazer à fortaleza. E não sòmente fizerão isto mas ainda Manuel telez barreto leuou no seu nauio os mantimentos que ho capitão môr tinha pera mandar a çacotorâ, a dom Afonso que sabia que estaua em estrema necessidade deles, & assi leuarão os que auia pera a frota. E não atentando mais que a seus apetites a deyxarão sem mantimentos & sem gente. E não faltou quẽ dissesse ao capitão môr que tambem Francisco de tauora estaua conjurado pera se ir & deyxalo. E ou por ho capitão môr achar q̃ era assi, ou pelo crer ho prẽdeo, & ẽtregaua a capitania da nao a dõ Ieronimo de lima que hia na mesma nao, q̃ por ser muyto parente de Francisco de tauora a não quis aceytar: antes disse ao capitão môr que Francisco de tauora não tinha culpa nẽ podia ser tela, porq̃ bem sabia que não auia de poder leuar auante tal pensamẽto se lhe viesse, porque andauão coele taes fidalgos que lhe não auião de deyxar fazer o q̃ não deuesse. E ho mesmo lhe disserão dom Ioão de lima & dom Cristouão de lima, hirmãos de dom Ieronimo, & Manuel delacerda, Antonio de sâ, Bastião de mirãda, & outros que andauão cõ Francisco de tauora. Mas não aproueitou que ho capitão môr andaua tão cheo de sospeitas pelo q̃ via, que se fiaua de muy poucos. E todauia entregou a capitania da nao a Dinis fernandez de melo, que foy despois patrã môr da India, pelo qual aqueles fidalgos que andauão nela não quiserão ficar nela, & se forão pera a nao do capitão môr.

Capitul. LXXIIII. De como ho capitão môr deu hũa antemanhaã na ilha de Queyxome, & do salto que fez nela.

HO qual posto que via todos estes encontros pera a determinaçã que tinha de fazer guerra à cidade se não mudou, antes a fazia como dantes, se não que lhe daua fadiga a esperãça que tinha da armada que lhe fizerão crer que auia de vir, o que parece que foy echadizo, cuydando que com medo de sua vinda aleuantaria ele ho cerco & se iria. E vendo ele que não vinha a armada, & que tinha muyta falta de mantimentos polos que lhe leuarão os seus capitães, determinou de hir dar em hũa ilha chamada Queyxome que estaua obra de tres

legoas Dormuz, onde auia hũ lugar abastado de mantimẽtos, porque os mãdaua elrey Dormuz ter ali todo ho ãno em muyta abastança pera algũas vezes que hia lâ estar. E pera goarda deles tinha hi hũ capitão cõ trinta de caualo, & dozentos frecheiros de pê porque os nossos não podessem ir lâ tomar agoa. E na pouoação tinha el rey hũas casas fortes que suprião por fortaleza, onde se ho capitão recolhia cõ a gente de sua capitania. E auendo ho capitão mõr de ir a esta ilha perdoou a Ioão da noua, & tornoulhe a sua nao, & assi a Francisco de tauora: & feytas as amizades partio hũa noyte pera Queixome, leuãdo ate cem homẽs nos bateis das naos q̃ tinha em que hiã os capitães. E antemanhaã chegou aa pouoação, onde desembarcou muy caladamente: & quis deos que assi os moradores da pouoação, como a môr parte da gente da goarda dormiã fora, que foy causa de os nossos terẽ tẽpo de matar neles mais â sua võtade. E sentindo os imigos os nossos como acordauão desatinados de tal sobresalto, desacordarão de se defẽder, & fugirão: deles hũs pela ilha, outros pera as casas del rey, onde estaua ho capitão que ouuindo a grita & reuolta se leuantou a recolhelos, & a defender que ho não entrassem os nossos. Ioão da noua foy ho primeyro que chegou âs casas & cometeo logo de quebrar as portas com hum vay & vem & estauão coele Iames teyxeyra, Iorge barreto, Ioã teyxeyra, Nuno vaz de castelo branco & outros que erão vinte & cinco, porque os outros hião com ho capitão môr que hia apos a outra gente que fugia. E com quanto as portas das casas erão fortes os nossos as arrobarão & entrarão a pesar dos mouros que as defendião muy rijo, & ao entrar foy morto hum homem de Ioão da noua, & despois que os nossos forão dentro foy a peleja muyto mayor, porq̃ os mouros tomauão as escadas & as portas & ali se defendião com muyto esforço, principalmente ho capitão que ao sobir de hũa escada ferio a Ioão da noua em hũa mão & em hũ braço, & deu coele pela escada abayxo, & nisto acodiram Iames teyxeyra, Ioão teyxeyra, Nuno vaz & outros, & per força ho fizerão recolher a hũa casa onde estauão outros mouros, & ali foy morto coeles, & assi outros per outras casas ate que as despejarão de todo, & então forão em busca do capitão môr que andaua ainda apos os immigos, & despois que não acharão a quem matar forão roubar a pouoação onde acharão tamaras, & arroz de que carregarão os bateis & duas terradas que leuauão, & assi dagoa: & daqui se tornarão pera as naos não morrendo dos nossos mais que o homẽ que disse, & ouue algũs feridos. E Cojeatar quando isto soube mandou logo mais gente a Queyxome.

Capitulo. LXXV. De como ho capitã môr fez outro salto em outro lugar da ilha de Queyxome. E de como se partio pera çacotora.

Despois que ho capitão môr fez este salto, teue noua como a fortaleza de çacotora estaua em muyta necessidade, assi por fome, como por guerra q̃ lhe faziã os Fartaqs, dando muytos saltos na ilha cõ ho fauor da gẽte da terra. E assi por lhe hir socorrer

como por ver que não tinha gente nem pera fazer a guerra por mar, porque se viesse armada dos immigos ho poería em grande afrõta, determinou de se ir pera çacotora. E porque podesse partir dos mantimentos cõ a gente da fortaleza, determinou de fazer outro salto na ilha de Queixome em hũ lugar chamado ho meloal onde lhe pareceo que nã auería goarda, & pa dar nele se fez prestes: & hũa noyte partio pera lá cõ os bateis da frota & duas terradas, & chegou ante manhaã: mas não achou a cousa tam segura como cuydaua que esteuesse, porque no lugar estauão apousentados dous sobrinhos del rey de Lara que vinhã em socorro del rey Dormuz cõ quinhẽtos frecheyros, & vierão àquela ilha pera dali passarem a Ormuz, & sabẽdo como auía pouco que ho capitão mór fizera ho salto passado estauão a recado, & com suas vigias postas pera q̃ se ele tornasse acodissem eles: como acodirão sendo auisados q̃ hía. E chegãdo ele a este lugar desẽbarcou obra de mea legoa dele & leuaua .lxxx. homẽs. Os dous irmãos ho saírão a receber hũ pedaço fora do lugar, porẽ os nossos não se toruarão cõ ver os imígos q̃ não esperauão dachar, & dõ Antonio de noronha q̃ hía na diãteyra cõ algũs fidalgos deu logo santiago nos mouros, que teuerão ho rosto quedo pelejando como valentes homẽs, & assi ho fizerão despois q̃ se os nossos reuoluerã coeles, de q̃ matarãalgũs, & então se retirarão os imigos pera ho lugar fazẽdo muytas voltas aos nossos, & assi forão até se meterem no lugar onde fizerão rosto, & se tornou a renouar a peleja que durou hũ pedaço em que morrerã os dous sobrinhos del rey de Lara & assi muytos dos seus, pelo que os outros fugirã & despejarão ho lugar que ficou em poder dos nossos, que ho roubarã em perto de quatro horas, em que se acharão tantos mantimẽtos que os bateis & terradas forão carregados, & Nuno vaz & Iorge barreto crasto acharão em hũa mezquita do lugar hũa alcatifa tamanha q̃ quatro homẽs a nã podíão bẽ aleuãtar. E esta derão ao capitão mór que lha pedío pera mandar a Santiago como despois mandou. E sabendo ele como aquela gente com que alí pelejara vinha em socorro da cidade & quem vinha coela, mãdou leuar os corpos dos sobrinhos del rey de Lara, & assi algũs outros & mandou os meter nas terradas pera os mandar a Cojeatar. E feyto isto mãdou pôr fogo ao lugar que foy todo queymado, & assi a mezquita que era hũ nobre edificio, ẽ que foy achado hũ mouro hermitão a que ho capitão mór deu a vida pera ho mandar cõ os mortos, q̃ mandou deytar na praya aquela noyte seguite, & ele contou tudo o q̃ acontecera a Cojeatar, & ele & elrey ficarão muyto tristes cõ estas nouas. E na cidade foy feyto grande pranto pelos sobrinhos del rey, porque erão nela muy emparentados. E sẽpre el rey & os nobres fizerão paz com ho capitão mór se Cojeatar não fora, q̃ os tinha tão sugeytos que não podião bolir consigo: posto que todos lhe querião mal como ja disse. Ho capitão mór cõ quanto tinha determinado de se ir eralhe tão forte de fazer, que ho nã podía acabar consigo: & por isso esteue ainda alí oyto dias despois que deu ho rebate no meloal: & neste deu asaz dafrõta a cidade. E então disse a seus capitães que se quería ir & pera onde, & a todos pareceo bem. E logo alí lhe pedío Ioão da noua licẽça pa se ir caminho da India & ele lha deu cõ condição q̃ fosse coele

ate em dereyto de Calayate, & que não se apartasse sem sua licẽça. E isto porq̃ tinha em pensamento de se vingar da offensa que lhe fizera ho xeque quãdo per hi passara. Tambẽ lhe pedirão a mesma licẽça Iorge barreto crasto, & assi Gaspar diaz que fora seu alferez & lhe cortarão a mão na peleja da nao meri: & ele lha deu, & escreueo ꝑ eles ao visorey sobre o q̃ determinaua de fazer se se lhe os capitães não forão. E logo estes se passarão pera a nao de Ioão da noua: & ho capitão môr se fez hũa noyte à vela, & se partio na volta de çacotora, ja na fim de Dezembro, de mil & quinhentos & sete. E com quanto lhe Ioão da noua prometeo que senão aparraria dele se não em dereito de Calayate, & ainda com sua licença, indo a trauez de Mazcate desapareceo, & se foy caminho da India. E por esta causa ho capitã môr não pos em obra o que leuaua determinado de fazer em Calayate, & se foy dereito a çacotora, onde achou dõ Afonso de noronha em grande necessi dade, & a gente da fortaleza muyto doente de fome, & perseguida da guerra que cessou logo com sua chegada, & nã ousarão os imigos de fazer mais saltos. E vendo ho capitão môr que os mantimẽtos que trazia ainda erão poucos ꝑa os dar todos à fortaleza, partio coeles os q̃ pode: & mãdou Francisco de tauora a Melinde na sua nao que os fosse lá buscar. E ele se foy na sua nao cõ oytẽta pessoas que leuaua ao cabo de Goardafũ a esperar as naos dos mouros que poderião per hi passar ate ho Março seguinte.

Capit. LXXVI. Em que se contã os muyto grãdes dereytos que tinha ho grão Soldão no Cayro, & em Alexandria, da especiaria que os mouros de Meca leuauão ao mar roxo. E de como ho soldão mandou socorro à India contra os nossos.

ANtes deste nosso descobrimẽto da India recebião os mouros de Meca muyto grã de proueyto com ho trato da especiaria. E assi ho grão Soldão por amor dos grã des dereytos que lhe pagauão. E assi ganhaua muyto a senhoria de Veneza cõ ho mesmo trato que mãdaua comprar a especiaria a Alexandria, & despois a mandaua vender por toda Europa, & era desta maneira. Estes mercadores mouros morauã em Meca, & em Iuda & tinhão seus feytores em Calicut, de que lhe mandauã especiaria, droga, pedraria, & panos finos dalgodão em grã des naos que faziã no malabar, porque no mar roxo nã ha madeira ꝑa fazerẽ naos. E pera comprarẽ a especiaria, & ho mais que digo que lhe leuauão da India mandauão estes mercadores a seus feytores, ouro amoedado em hũa moeda que se chama Xarafim dadẽ que val cada hũ quatrocentos & vinte rees, & assi ouro por amoedar prata, cobre, estanho, latão, vermelhão, azougue, pedrahume, verdete, açafrão, agoas rosadas, panos de laã de cores, chamalotes, veludos pintados de meca, borcadilhos coral laurado e por laurar, & ouro fiado E todas estas cousas se leuauão Dalexã dria ao cayro pelo nilo acima, & do cayro erã leuadas por terra ẽ camelos àcida de de çuez q̃ esta no cabo do estreyto do mar roxo na costa Darabia, jornada de tres dias do cairo. E ẽ çuez se carrega

estas mercadorias ẽ nauios peq̃nos q̃ se chamão Gelbas:& se leuauão a Iudâ cẽto & sesenta legoas de çuez,& hião nestas gelbas por irem mais seguras,porque em nauios grandes corrião perigo,por os muyto bayxos que ha de çuez a Iudâ,onde as carregauão nas naos: & as leuauão a Calicut,donde seus feytores lhe mandauão em retorno o q̃ ja disse.E nesta viajem de ida & vinda ganhauão tanto que muytas vezes fazião dhũ oyto.E ho Soldão ganhaua muyto mais,porque todos os mercadores que hião de Calicut a Iudâ erão obrigados a leuar ho terço da carrega em pimẽta pera ho Soldão,& darlha pelo preço que lhe custaua em Calicut.E se hum mercador leuaua tres mil cruzados em outra mercadoria que não fosse especiaria erão obrigados a darlhe mil cruzados de pimenta que comprauão ẽ Iudâ quando a não leuauão.E posto que lhe custasse muyto caro dauãna ao Soldão pelo preço que valia em Calicut.E dos outros dous mil cruzados que lhe ficauão auião de pagar dez por cento,& ficauanlhe mil & oytocẽtos,de que pagauão quatro por cento: de maneyra que ficaua deuendo aos feytores que ho Soldão tinha em Iuda duzentos & setenta & dous cruzados,& sobre eles lhe fazião os feytores pagamento do dinheyro q̃ lhe auião de dar pola pimẽta.E em desconto do resto lhe dauão cobre a rezão de doze cruzados por quintal,q̃ era ho mayor preço,porq̃ os mercadores ho vendião em Calicut: & em Iuda valia a sete cruzados.E nestas trocas & partidos fazião grandes tratos sem auẽturarem nada:& com ho cobre que lhes dauão os feytores do Soldão,& com outras mercadorias que comprauão,tornauão logo a fazer outra viajem a Calicut em que ganhauão o que disse.E estas mercadorias da India que aqui comprauão os mercadores de Iudâ leuauãnas a çuez onde pagauão outros dereytos ao Soldão que erão cinco por cento a dinheyro de contado,& senão leuauã dinheyro pera pagar,tomauanlho em bancos que ali auia,& pagauanlho no cayro seus respondentes:& de çuez alugauão camelos ate ho cayro a q̃tro cruzados por camelo pera lhe leuarem a especiaria de que não leuaua cada camelo mais de quatro quitaes,porque leuauã mantimento & agoa pera ho senhor da mercadoria & pera quẽ ho guiaua q̃ sem isto não se pode caminhar por ser deserto & tudo areaes:& cursã aq̃ as vezes hũs vẽtos tão furiosos q̃ fazẽ correr a area de maneyra q̃ alagão os camelos com os que vão neles,& matãnos.E destes homẽs que aqui morrẽ se faz a Carnemomia a que chamão solda.E despois deste trabalhoso caminho em que os mercadores punhão tres dias,chegauã a hũa grãde casa que está mea legoa do Cayro & ali descarregauão suas mercadorias q̃ erão resistradas per escriuães do Soldão,& resistradas as leuauão ao Cayro,& hi vẽdião ho bahar da pimẽta por oytenta cruzados.E os mercadores que aqui comprauão a pimenta erã obrigados a tomar ao Soldão a sua pimenta por esta maneyra,se hũ mercador leuaua dez quintaes dela auia de tomar hũ bahar ao Soldão em cẽ cruzados,& tornauaho logo a vender por oytenta como valia na terra,& perdia vinte cruzados em cada bahar,& mais os dereytos que pagaua ao Soldão que erã a cinco por cento.E os que comprauão estas mercadorias as leuauão embarcas pelo rio nilo a hũ lugar que está hũa legoa Dalexandria.E daqui as leuão em

camelos a Alexãdria a cujas portas erã registradas por escriuães, & buscados muyto bẽ todos aquelesque hião coelas porque não furtassẽ dos dereytos que auião de pagar. E feytos estes exames cõprauãnas mercadores venezeanos estantes em Alexandria, & assi os vẽdedores como os cõpradores pagauão de dereytos a cinco por cento, & quãdo os venezeanos as tornauão a carregar pa Veneza pagauão outro tãto, & ho mesmo pagauão ao alcayde domar porlhas segurar. E das q̃ leuauão a vender a Alexandria pagauão a dez por cento. E cõ todos estes dereytos ainda se ganhaua tanto que aos mouros & aos venezeanos foy muyto grãde perda perderem este trato. E ho Soldão ꝑdeo mais que todos em perder tantos dereytos como perdeo, pelo qual determinou de mandar â India hũa grossa armada pa deytar fora dela os nossos, pera o que se afirmou que a senhoria de Veneza lhe mandou muytos carpinteyros de naos: & calafates, & fundidores dartelharia, posto que auia antiga amizade antrela & a real casa de Portugal. E auendo tão pouco tẽpo que el rey dõ Manuel tinha mandado em seu socorro cõtrâ ho turco aquela muy poderosa armada, de q̃ foy por capitão môr dõ Ioão de meneses Conde de Farouca, prior do crato, & seu moordomo mór. E ainda se afirmou que por os venezeanos perderem muyto em ho Soldão não ter ho trato da especiaria lhe acõselharão que fizessem aquela armada, & porque na costa do mar roxo não auia madeyra pera a fazer lhe derão industria que a mandasse leuar de Turquia, pa o q̃ tãbẽ lhe derão grande ajuda, & lha leuarão per mar â Alexandria: & dahi em barcas grandes ao cayro: donde laurada pera naos, galés & galeões, foy leuada em camelos a çuez: onde forão armadas quatro naos de gauia, & hũ galeão, & duas galês reaes, & tres galeotas, & todas estas velas da maneira que sam as nossas & forão leuantadas em espaço de cincoenta dias. E estando as aleuantando chegou da India ao Soldão hũ mouro chamado Maimame que el rey de Calecut & os outros reys da India tinhão por sancto, & por isso mandarão dizer por ele ao soldão oque os nossos tinhão feyto na India. Requerendolhe da parte de Mafamede que asocorresse, por q̃ os mouros nã fossem destruidos pelos nossos, & a ley de Mafamede se perdesse na India. Ouuida esta embaxada polo Soldão, forneceo logo de gente a frota que estaua feyta, & deu a capitania môr dela a hũ Mameluco seu parente chamado Mirocẽ que era sñor de Iudâ & deulhe dous mil homẽs ẽ que entrauão muytos arrenegados assi Genoeses como Venezeanos & outros de diuersas nações da Europa, & Mamelucos & mouros degrâda, todos armados de sayas de malha enlaminadas por dentro de laminas de ferro & de cornos, & outros de corsoletes. E muytos deles erão espingardeyros, & os mais frecheyros & fornecida esta armada de muyta artelharia, & de muytos mantimentos partiose Mirocem coela na entrada de Feuereyro do ãno de mil & quinhẽtos & seis. E hia coelẽ Maymame em hũa fusta ẽ que fora de Calicut. E forão inuernar â ilha de Camarão que estâ das portas do estreyto pera dẽtro trezẽtas & vinte legoas de Iudâ, ẽ q̃ pos quatro meses por amor dos muytos bayxos q̃ ha por este mar roxo, & dos roins tempos pera nauegar que nele cursão. E passado ho iuerno que dura da fim de Ma

yo ate ho cabo Dagosto, tornou Mirocẽ a sua viajem pera à India. E no atrauessar daquele golfão, apartouse ho galeão que leuaua da sua cõserua, & foy arribar a Dabul onde Rumecão patrão dele ho fez tirar a monte pera se correger. E Mirocẽ cõ a outra frota chegou aos vinte de Setẽbro do mesmo anno à cidade de Diu, de que era sñor el rey de Cambaya: a quẽ hia dirigido pera cõ seu fauor sair dali a pelejar cõ os nossos E leuaualhe hũ rico presente da parte do Soldão, & outro leuaua pera Meliquiaz senhor de Diu pera ho fauorecer cõ el rey de Cãbaya, porque era grande seu priuado, & assi ho fez. E coesta frota do Soldão se ensoberbecerão muyto os mouros da India crendo que desbaratarião os nossos de todo. E porque tomassẽ ho visorey de supito tinhão isto em grãde segredo ate se a frota refor mar como reformou em Diu cõ ajuda de Meliquiaz, que a este tẽpo despois del rey de Cãbaya, era ho mòr senhor de seu reyno: ele era tartaro de nação, & mouro na ley: era muyto boõ caualeiro & de muyta experiencia & saber, assi na paz como na guerra, ho seu proprio nome era Quejaz, & ajuntaranlhe os mouros meli, que na sua lingoa quer dizer gouernador ou capitão, como ele era da cidade de Diu, que el rey de Cãbaya lhe deu por ser muyto grande seu priuado: & alem de Diu pera ho norte lhe deu as cidades de Mangalor & Patane, & na enseada de Cambaya, Guoga, Currate, & Reynel, cidades ricas. E cõ ser senhor delas & Almirante do mar tinha hũ conto douro de rẽda, sua estada era sempre ẽ Diu, q̃ he a melhor de toda a costa de Cãbaya. Os Arabios & Perses lhe chamã Diu, & os indios Debixa: està situada em hũa das põtas da enseada de Cambaya da banda do norte que ho mar cortou, & fez hũa pequena ilha quasi pegada cõ a terra firme: & tanto que dela pera a cidade se seruem por hũa ponte de pedra: a cidade esta ẽ vinte & tres graos seria do tamanho de Euora cercada de bõs muros fundados da banda do ponẽte sobre hũa grande & alta rocha em que bate ho mar, & da banda da terra tinha hũ baluarte fũdado na agoa, de que atrauessaua hũa cadea de ferro muyto grossa aos muros da cidade, que se leuantaua & abaixaua com cabrestãtes, & coela se çarraua ho porto de maneyra que as naos questauã dẽtro ficauão muyto seguras, & não podião entrar nele outros estrangeyros sem lhe abayxarem a cadea. São todas as casas desta cidade de pedra & cal, & de sobrados, tem muyto bõ porto & limpo, saluo que tẽ na entrada hũ banco: he pouoada de muytos mercadores, mouros & gentios. E por isso he de grande trato, & mayor que todas as cidades da costa de Cambaya, que era causa de rẽder muyto a el rey de Cambaya. E as mais das mercadorias que ali hião, cõpraua Meliqueiaz que despois as vendia aos mercadores do sertão, & as mandaua a outras partes õde valião, cõ que ganhaua muyto dinheyro, de que tinha grã de tesouro que gastaua largamente cõ muyta gente de guerra que tinha comtinuamente a que pagaua grandes soldos: & por isso vinhã muytos estrãgeyros a seruilo. Tinha tãbem no mar grã de armada de fustas grandes a que chamão atalayas bem fornecidas de gente & dartelharia: seruiase com mayor estado que nhũ senhor daquelas partes, & mais polidamente. Quando hia ver el rey de Cãbaya leuaua nouecẽtos de caualo, & vinte caualos a destro, & outros

tantos pera dar a el rey de Cãbaya. Des pois que os nossos senhorearão a India & vio q̃ tinhão raizes nela desejou sem pre de ter paz cõeles pera auer das nos sas mercadorias, principalmẽte cobre. E muytas vezes cometeo a hũ Portugues q̃ lâ foy têr degradado de Melinde q̃ lhe leuasse recado ao visorey pera lhe mandar hũ par de naos carregadas de cobre & despeciaria pa ter trato cõ os nossos, & ho Portugues não quis reçe ando que fizesse treyção.

Capitulo. LXXVII. De como dom Lourenço foy darmada a Chaul. E de como soube que os Rumes estauão em Diu.

PArtido Tristão da cunha pera Portugal, logo na ẽtrada de Ianeyro de mil & quinhẽtos & oyto, se partio dom Lourenço cõ sua armada ao lõgo da costa ate Chaul pera dar goarda às naos de Cochim. E forão coele Perobarreto, Antonio lobo teyxeyra Duarte de melo, Feliperodriguez, Frãcisco danhaya, Payo de sousa, & Diogo pirez. E na costa do Malabar ficarão Garcia de sousa, Pero cão, Simão martinz. E seguindo dõ Lourenço seu caminho dos ilheos queymados por diante, entrou em todos os rios, & portos q̃ hâ naquela costa: hũas vezes cõ toda a frota, outras com os nauios rasteyros, & bateis: & neles tomou muytas naos de mouros hũas per força. & outras que se lhe entregauão cõ medo: & todas roubaua & queymaua: & não sòmente no mar, mas em terra fez grande destruyção, cõ que os mouros estauão muy espantados, & muyto descõfiados de poderem os Rumes resistir a nossa armada. E estes erão os do Soldão q̃ estauão ẽ Diu, que assi lhe chamão na India. E indo os nossos muyto ledos cõ suas vitorias & cõ seus nauios embandeyrados & toldados, chegarão ao rio de Dabul ẽm cujo porto entrarão fazendo grãde arroido dartelharia, & muyta festa com trombetas. E dom Lourenço leuaua determinado de fazer neste lugar todo ho dano que podesse em vingança da destruyção que Maymame ali fizera nas naos de Cochim: & parece que receando isto os mouros señores dalgũas naos que estauão no porto, mandarão logo cometer a dõ Lourẽço por dous judeus q̃ lhas resgatasse: o que foy feyto cõ cõselho dos capitães da frota. E recebido ho resgate dõ Lourenço deu a vela pera Chaul, onde foy surgir dentro no porto, porque auia desperar por vinte naos de Cochim que hi estauão pera carregarem, & esperou por elas acerca dhũ mes. E neste tempo muytos dos nossos hião folgar a terra, & algũs dos moradores dela que erão seus amigos lhes dizião que os Rumes estauão em Diu cõ grande frota pera irẽ pelejar coeles, & que erão gente branca & esforçada, & q̃ tinhão armas & artelharia como eles: porisso que se fossem. E dizianlhe don de os Rumes vinhão & por cujo mãdado, & ao que vinhão. E com quanto os nossos cuydauão que os Guzarates lhe dizião aquilo por lhes meter medo; todauia ho disserão a dom Lourenço que se rio disso, dizẽdo que se assi fora, que de Cochim ou de Cananor ho disserão a seu pay, & ele lho mãdara dizer: & ho mesmo respõdeo ao tanadar de Chaul que lho mãdou tambẽ dizer. E não ho querendo crer chegou Pero cão no seu

nauio,& lhe disse como despois de partido de Cananor fora dito ao visorey a noua dos Rumes que à primeyra fazia disso tanto escarnio,q̃ respondia a quẽ lho dizia. Ve ve Rumes: ate que Lourẽço de brito lho mandou dizer de Cananor,que ho soube per carta de timója: & então ho crêra ho visorey, & se fora logo na nao Sãtisprito a Cananor,õde ouuera conselho se se iria ajuntar coele pera pelejarem cõ os Rumes: & lhe fora cõselhado que não,porque abastaua a frota q̃ estaua em Chaul,se os Rumes ho fossem buscar. E por isso lho mandaua dizer,& que ho mandaua pera ficar coele: & que lhe encomẽdaua que se pelejasse que se ouuesse com muyto siso: & que seguisse em tudo ho parecer de Pero barreto,porque sabia que lhe auia daconselhar a verdade. Porem não ir ho visorey ajudar a seu filho, foy logo tachado de algũs: & pronosticarão o q̃ despois foy. Porque se ho visorey fora forão os Rumes desbaratados de todo. E sabendo dom Loureço a certeza dos Rumes,creo então que estauão ẽ Diu & mandouho dizer a seu pay: & comeꝯou de dar pressa aos de Cochim q̃ carregassem suas naos,porque se queria ir & ele se fazia prestes dissimuladamẽte pa pelejar com os Rumes se viessem q̃ assi lho acõselhauã os outros capitães.

Capitulo. LXXVIII. De como Mirocem se partio pera Chaul pera peleiar cõ dõ Loureço. E do que fez em chegando.

Estando Mirocem em Diu aparelhãdo sua armada pa ir pelejar com ho visorey, soube como dom Loureço estaua ẽ Chaul,& a armada que tinha com que logo determinou de ir pelejar parecendolhe que tinha muyto certa a vitoria,& que desbaratada aquela frota iria pelejar cõ essoutras velas que andauão na costa do Malabar,& que tambẽ as desbarataria, & desbaratadas todas tomaria muy asinha as fortalezas de Cananor & de Cochim cõ ajuda del rey de Calicut,& assi desarraygaria de todo os nossos da India. E deu disto cõta a Meliquiaz,a quem prouocou q̃ fosse coele com trinta & quatro fustas bẽ artilhadas & fornecidas de muyta & boa gente,porque quasi lhe pareceo q̃ aueria efeyto ho que dizia Mirocen: & se ho ouuesse esꝑaua de selhe atribuir a mòr parte daq̃le efeyto. E ajuntada a frota de Meliquiaz com a de Mirocen, que eram bas de xlv. velas, em que entrauão quarenta fustas & gales, & hũ galeão, & quatro naos, partiranse de companhia pera Chaul,que estaa sesenta legoas de Diu. E como Meliquiaz era manhoso não quis entrar com Mirocẽ em Chaul,& deyxouse ficar atras,fazẽdo conta que assi como visse que sucedia a Miroçem com dõ Lourenço assi faria: porque se Mirocen fosse vencido não queria que soubesse ho visorey que ho hia ajudar & ficasse seu imigo. E posto que não quisesse entrar cõ Mirocẽ no rio de Chaul,nẽ porisso receou Mirocem de entrar com sua armada somẽte: & ao meo dia de hũa sesta feyra entrou com a viração que fazia muy fresca. E a este tempo vinha ele hũ pouco a lamar com as naos & galeão,& ficauão as galês antre elas & a terra,com que ficauão encubertas: & porisso não ouuerão os nossos vista mais que das naos & galeão,que erão cinco: & vendoas ouue antreles grande aluoroço,porque hũs dizião que erão os Rumes, outros que

era Afõso dalbuquerque,que vinha da costa dalem,por quem esperauão cada dia:& nisto se afirmauão mais,porque as naos hião correndo de longo da terra,como que hião pera Goa,& emparelhando com hũ morro que faz a terra junto da barra,amaynarão as que hião diante pera esperarẽ por as que ficauã mais atras:& ajuntandose todas derão traquetes & mezenas,& entrarão pera dentro da barra.E hia toda a frota embandeyrada de bandeyras brancas, & vermelhas & os ostais forrados do mesmo,&as galês toldadas de toldos tão cõpridos que chegauão a agoa,& nas bandeyras trazião hũas lũas pretas.A gẽte darmas hia toda armada como disse cõ cabayas de graã,& de seda sobre as armas.De modo q̃ hia muy luzida:&coeste aparato entrarão pelo rio tocando muytos instrumẽtos de guerra,que cõ ho luzir das armas fazia a frota muy temerosa.E entrando desta maneyra acabarão os nossos de crer que erão os Rumes.Dom Lourençço mandou logo fazer sinal pera que os nossos que estauã em terra se recolhessẽ, & recolhidos se poserã todos ẽ armas.Dõ Lourẽço trazia na sua nao cem homẽs pouco mais ou menos,todos fidalgos & caualeyros: & por o que estaua determinado q̃ pelejasse com os Rumes se viessem:pos se logo pera isso:& ele & Pero barreto se poserão sobre ancora diante de todos quasi a meo do rio,hũa nao junto da outra:& os outros nauios polas suas quadras com as proas defrõte donde os Rumes auião depassar:pera os fustigarem com a artelharia.E estando assi Mirocẽ que hia diante dos seus como chegou a tiro de bombarda dos nossos,mandou desparar algũa artelharia & foyse dereyto â nao de dom Lourenço & ẽ chegãdo deulhe hũa tamanha çurriada de frechadas que parecia que chouião ; os nossos respõderão logo cõ setadas,espingardadas & lãças darremesso & sem se afferrarẽ se trauou antreles hũa peleja que foy bẽ ferida dãbas as partes, mas não durou muyto,porque achando Mirocẽ nos nossos muyto mais resistencia do que cuydaua passou a diante, & ho mesmo fizerão as suas naos q̃ cada hũa pelejou com cada hũ dos nossos nauios em quanto ele pelejou com dom Lourẽço,& forão todos surgir acima da nossa frota junto da cidade,& neste rencontro receberão asaz de dano da nossa artelharia,& os nossos ho receberão tambẽ das frechadas de que forão feridos bem trinta pessoas na nao de dom Lourenço & outras tantas na de Pero barreto:que nestas duas naos hia a frol de toda a gente da frota:nos outros nauios tambem forão feridos algũs antre os quaes foy hum Ruy pereyra fidalgo q̃ era capitão do conues da nao de Duarte de melo:&nas galês dos immigos nã foy feyto nenhũ dano, porque passarã da outra bãda do rio cosidas com a terra.Dom Lourenço posto que dos seus ficarão tantos feridos quisera abalroar com Mirocem,& pera isto mandaua leuar ancora o que os outros capitães tambem mandarão fazer o que Mirocem entendeo,& por se não atreuer a pelejar com os nossos sem Meliqueiaz mandou âs suas galês que tirassem com a artelharia aos nossos esquifes que andauão leuando as ancoras da nossa frota, &assi ho fizerão.E dos primeyros tiros foy ho de dom Lourenço arrombado q̃ não poderão mais trabalhar nele.E assi por isso como por sobreuir a noyte cessou dom Lourenço de sua determinação & deyxou a peleja pa ho outro dia

& curados os feridos ouue conselho sobrisso com seus capitães, em q̃ foy acordado que pera que melhor soubessẽ ho que auião de fazer, mandassem a terra Baltesar filho de Gaspar que seruia de lingoa, com dissimulação de ir buscar refresco pera que soubesse como estauão os da terra com Mirocem, & ho q̃ ele determinaua. E Baltesar partio logo & soube do tanadar, & dalgũs mouros amigos de dom Lourenço que Mirocẽ estaua prestes pera pelejar coele ẽchegando Meliqueiaz, por quem esperaua que trazia grande poder, & aconselhauão a dõ Lourẽço que se ouuesse de pelejar que fosse ao dia seguinte, porq̃ dali por diãte chegaria Meliquejaz & darlhe hia bem que fazer. Sabido isto por dom Lourẽço, & pelos outros capitães assentarão de pelejar mostrando todos muyto esforço pera isso. E determinarão que dom Lourenço & Pero barreto afferrassem ambos a nao de Mirocem porque era mayor que todas, & que ambos afferrassem por humbordo, & que dom Lourenço abalroasse do masto pa rẽ por ser a sua nao mais alterosa que a de Pero barreto, & ele do masto por dauante, & Felipe rodriguez, Pero cão, & Duarte de melo aferrassem com as outras naos, & galeão, & os outros capitães com as gales, isto assentado recolheo se cada capitão a fazerse prestes, & aencomendarse cõ sua gente a nosso s̃nor.

Capitu. LXXIX. De como dom Lourẽco teue desbaratado Mirocem, & a causa porque ho não acabou de desbaratar.

Despois que foy noite trabalhou Mirocem por aquirir ẽ seu fauor ho tanadar da cidade & os moradores dela pera ho ajudarem contra os nossos, & lhe darem mantimentos: & ainda coisto se não atreueo a peleiar com dom Lourenço sem Meliqueiaz, se não defenderse se ho cometesse, & pera isso ordenou sua frota acima da nossa, da parte da cidade junto de terra encadeadas todas as velas hũas com as outras que ficauã como ponte, & deytadas pranchas perase poderem todas seruir: & porque a corrente da agoa as não leuasse, q̃ era muyto grande quando decia a maré mãdou amarrar ẽ terra cabos, & rageyras, enmendados de tal maneyra que de cada vez que quisessem se podessem arriar a eles, & ele ficou na dianteyra de todos E vindo ho outro dia q̃ era sabado em ventando a viração: dom Lourenço se fez à vela dando traquetes p̃ase chegar aos immigos, & ho mesmo fizerão os seus capitães. E porque a nao de Mirocem era mais alterosa que a sua, mãdou leuar a mea enxercia ho arpeo com que auia dabalrroar, porque a não errassem ao deytar, & em os nossos desfirindo começa de jugar a artelharia dos imigos & a nossa a responderlhe, & fazerse hũ muy aspo jogo & assi sobreuinhão grãdes nuuẽs de frechas da parte dos imigos despois que se os nossos chegarão a eles. Mirocem que vio que dõ Lourẽço se chegaua parele alouse polos cabos pa terra onde sabia que lhe não auia de poder chegar por ser ho vento ja tã fraco que lhe não auia de poder surdir a nao, & assi foy. E por esta causa ho não poderão os de dom Lourenço aferrar que logo mãdou surgir hũa ancora tão perto da nao de Mirocem que se chegauão de hũa a outra cõ arremessos, & pelejauão mortalmente hũs com os outros, o que tambem fazião da nao de Pero barreto

que não pode aferrar com Mirocẽ pela causa que não aferrou dom Lourenço, & fez como ele. E ho mesmo aconteceo a Felipe rodriguez, Duarte de melo & Antonio lobo porem não ficarão tão ꝑto das naos dos immigos. E com tudo com as popas na boca de sua artelharia que varejaua muy rijo, & fazião muyto dano aos nossos, principalmẽte a dõ Lourenço que estaua mais perto de Mirocem, cuja nao como era mais alterosa que a sua, não se podião os nossos aproueytar de suas setadas, & espigardadas quã bem se os immigos aproueytauão das suas frechadas & arremessos com q̃ ferião muytos dos nossos, antre os quaes foy dom Lourenço, porque sempre andaua na diãteyra. Esses fidalgos que andauão coele lhe disserão então que se afastasse dali pois não podia abalrroar com Mirocem, & não fazia mais q̃ matarẽnos, & ele nã queria. Mas nisto lhe derão outra frechada no rosto: então se afastou alandose por hũa ancora q̃ mãdou surgir pelo rio acima, & ficou a tiro de berço dos immigos, & outro tanto fez Pero barreto, aquem tambẽ tinhão ferida muyta gente: & poserãse ambos âs bombardadas com os immigos. Em quanto se isto fazia as nossas galês & carauelas latinas aferrarão as galês dos immigos por mais bombardadas que lhe tirarão, & assi frechadas que forão tantas q̃ os mastos da galé de Payo de sousa & da de Diogo pirez estauão todos pregados, & muytos dos seus feridos: & com tudo eles não deyxarão dentrar os immigos. E os primeyros que entrarão da galé de Payo de sousa forã ele, Ambrosio paçanha, Fernão perez dandrade & outros que todos forão feridos, fazẽdo eles grande matança nos imigos: de que os viuos por se saluarem, se lançarão ao mar & deyxarão aq̃las duas galés em poder dos nossos. E assi ficarão outras duas, & outras duas fugirão pelo rio acima. E nesta reuolta foy morto Maymame, ho mouro santo de Calicut que fora leuar recado ao Soldão pera q̃ mandasse os Rumes. E estando ele pedindo a Mafamede q̃ desse vitoria aos immigos, entrou hum pelouro pelo tẽdal da sua fusta onde fazia oração & matouho. E coisto aconteceo juntamente hum caso muy estranho, que estãdo os nauios tão perto hũs dos outros, tirãdo de hũ dos nossos a outro dos immigos pera ho meter no fundo sobreleuou tãto ho tiro que ho pelouro lhe foy dar na gauea, & a fez em pedaços com quãtos estauão nela. E cuydando os immigos que estauão nas outras gauias que lhe farião outro tanto decerãose delas, o q̃ foy grande bem pera os nossos por quãto mal lhe delas fazião. Neste tẽpo ho mar andaua todo cuberto dos immigos que fugião a nado pera terra, o que vendo Francisco danhaya meteo a carauela & a sua barquinha antre os immigos & a terra: & mataua os âs lançadas, & se isto não fora ouuerão os imigos de despejar toda a sua frota, porque vendose eles assi apertados, & que não se podiã acolher a terra tornauãse a sua frota, & os nossos que andauão nos bateis se tornarão aos nauios. Payo de sousa & Diogo pirez leuarão as galés que tomarão a dom Lourenço que estaua com Pero barreto âs bombardadas com Mirocẽ & com os seus que estauão tão desbaratados que não ousauão daparecer. E a nossa gente bayxa os ameaçaua cõ cordas com que dizião que os auião defor car. E vendo dom Lourenço que a cousa estaua neste estado posto que estaua ferido, & tinha muytos feridos quisera

aferrar com os immigos: & que assi ho fizerão todos os seus capitães. Porque a inda que não auia vento chegarã os na uios a toa com os bateis, & assi lho disse em conselho. A que eles responderão q̃ não era bem fazerse assi por ele estar muyto ferido, & a mayor parte da gẽte & toda muyto cansada: & que com qual quer resistencia que achassem nos imi-gos acabarião de cansar de todo. E que co este fim poderia ser que se os imigos mostrauão tão destroçados, o que eles não podião estar, pois estaua tão craro que não auião de ter tantos feridos como eles; que ho mais seguro seria mete rẽlhe os nauios no fundo, porque tinhã necessidade destarem descansados pa a batalha que esperauão com Melique jaz, que posto q̃ achasse os Rumes desbaratados não auia de deyxar de pelejar, cuydando que os nossos estariã cansados. E deste parecer não foy dõ Lourenço, dizendo que não era rezão que se metessem tão boõs nauios no fundo como erã os dos immigos, que melhor os leuarião a seu pay que auia de folgar muyto coeles: & algũs ouue do seu parecer: pelo qual se debateo muyto pela par te dos que tinhão ho contrayro, que era ho mais certo. E se os nauios se meterão no fundo ficarão os nossos com a vitoria, & não fora o que despois foy. E está do os nossos neste debate entrou Meliq̃ jaz pelo rio de Chaul seria quasi sol posto & leuaua sua frota embandeyrada & toldada com grande estrõdo de instrumentos de guerra, & cada fusta leuaua de trinta homẽs de peleja ate quarenta & tres peças dartelharia, & sẽ tirar nhũ tiro foy surgir no lugar donde se a nossa frota leuãtara aquele dia. Os Rumes como ho virão entrar cobrarão coraçã & os que se acolherão a terra se tornarão logo â frota fazendo grandes alegrias, & dando muytas apupadas de prazer, ameaçando os nossos que agora saberião a quem auião denforcar. E os da terra derão logo os nossos por perdidos & descubertamente se poserão da parte dos Rumes tirãdo aos nossos muytas frechadas, com que a batalha se tornou a renouar muy brauamẽte. Entã conhecerão os nossos ho mao conselho que teuerão em não meterẽ os Rumes no fun do ou os aferrarẽ, & a batalha andaua muy baralhada: & tão viua como se então fora ho começo, Meliquejaz tambẽ varejaua muy rijo com sua artelharia, & por fauorecer mais a Mirocem man dou a tres atalayas das suas q̃ se passassem auante ao ajudar. E começãdo elas de ho fazer sairanlhe Payo de sousa, & Diogo pirez ao encontro, & arrombarão hũa delas com a artelharia, & as ou tras lhe foy forçado varar em terra, & Meliqueiaz ficou tão assõbrado disto que não bolio mais cõsigo, nem menos foy necessario, porque sobreueo a noyte que os apartou a todos. E Meliquejaz se foy ajuntar com Mirocem, & espantouse muyto de ho achar tão destroçado sendo os nossos nauios tão poucos & com tão pouca gente. E partio da que trazia coele, & assi das munições.

Capitulo. LXXX. De como dom Lourenço & os capitães da frota ouuerã conselho que se fossẽ sem mais peleiar cõ os Rumes. E do que acõteceo â nao de dom Lourenço por culpa do seu mestre.

N Esta batalha, assi os imigos como os nossos ficarã muy destroçados não sômẽte de muytos mortos

& feridos, principalmente da parte dos immigos, mas tambem dos nauios desaparelhados, & das munições gasta das senão que aos nossos lhe ficou dom Lourẽço ferido a que acodio hũa febre tão rija que foy necessario sangrarẽno. Os capitães se ajuntarão a conselho, & praticada a maneyra de que estauão, & ho socorro que era vindo aos immigos & tudo muy bẽ examinado, assentarão que não era bem que tornassem a pelejar coeles: & que se fossem pois as naos de Cochim estauão ja carregadas, & sobristo dizião os mais, que pois se auião de partir que partissem como ventasse ho terrenho que era da mea noyte por diante, porque os immigos os não sentissem. Mas Pero barreto & principalmente Pero cão forão muyto cõtraisso dizendo que pois que seus pecados querião que fugissem, q̃ ao menos não mostrassem aos immigos que fugião, porq̃ se não perdesse ho credito que os Portugueses tinhã na India. E que se partissẽ as naos malabares diante & eles partissem pela manhaã, porque não cuydassem os immigos que deyxauão ho campo cõ medo. E assi se assentou, & partindose as naos malabares que foy da mea noyte por diante, logo os nossos capitães começarão de mandar leuar ancoras; & aparelharse pa a partida, sem as naos apitarem nem çalamearẽ por não serẽ sentidos dos Rumes, mas não poderão deyxar de ho ser, porque Pero barreto como era esforçado não quis cortar ho estrem da ancora cõ que surgio primeyro junto da nao de Miroçẽ & lá a mandou alar, indo ele no esquife a fazelo, tirãdolhe os immigos muytas frechadas & arremessos, & todauia Pero barreto recolheo a ãcora & se tornou á sua nao. E sentindo os immigos como os nossos se hião leuantarão tambẽ suas ancoras pera os seguirem fazẽdo tudo como os nossos muy caladamente: dos quaes dõ Lourenço foy ho derradeyro que se acabou daparelhar pera se fazer á vela que assi o quis ele pera ir detras de todos, & quando se leuou quisera ele mandar pola ancora que estaua jũto da nao de Mirocẽ, mas ho seu mestre a mandou cortar, porque amanhecia & tinha medo dos immigos: & mandou dar a vela, & se foy: & logo duas naos dos immigos q̃ estauão menos daneficadas derão os traquetes & se forão apos ele, & assi foy Meliquejaz com as suas fustas cercandoho de todalas partes, & tirandolhe muytas bombardadas, & trabalhando por lhe quebrar ho leme, principalmẽte da fusta de Meliquejaz de que lhe derão hũa bõbardada ao lume dagoa cõ hum camelete no payol do arroz, & pelo buraco lhe começou logo dentrar muyta agoa sem nhũ dos nossos ho ver nem sentir, pela muyto grande ocupação que todos tinhão ẽ se defender dos immigos & ofendelos. E indo assi acalmou ho vẽto & como a corrẽte da agoa que decia fosse muy tesa, & nã auia vento que ajudasse á nao, deu a corrente co ela antre hũa estacada de pescadores q̃ ho rio tinha da outra bãda, & era dare queyras, & a culpa desta nao ir aqui ter foy do mestre, porque quãdo deu aa vela com medo de passar per junto da frota dos imigos, como ouuera de passar indo caminho dereyto como as outras velas forã, mandou ir tãto de lõ q̃ se afastou pa a bãda da estacada õde foy logo cair como acalmou ho vento, oq̃ lhe nã acontecera se fora por onde forão as outras velas: & Payo de sousa que hia junto da nao lhe mandou logo dar hũ cabo pera a rebocar, mas não aproueytou,

porque como a nao carregaua muyto de popa com a soma dagoa que leuaua nela, aleuãtaua de proa algũ tanto quã do cayo na estacada, & porisso ficou caualgada per duas percintas dhũa bãda, & da outra sobre as pontas de duas estacas, passando per antrelas. E poristo nã aproueitaua a força que os da galé de Payo de sousa punhão ao remo pera tirarẽ a nao da estacada. E atentando os nossos no que os encalhaua, & parecendolhe que erão sòmẽte as pontas das estacas sobre que a nao caualgaua, acodirão logo a cortalas com machados: mas tampouco lhes aproueytou, porque como a agoa que entraua na nao crecesse de cada vez mais, assi tambẽ carregaua mais, & tornaua assẽtar sobelas estacas posto que as cortauão. E vendo dõ Lourenço que a nao se hía encodãdo de popa, & que não podia sayr, mandou abaixo ho piloto que fosse ver o que era, & ele achou a nao alagada, & ho arroz todo a nado: & tornou a dom Lourẽço todo trespassado, & disselhe a maneira de que a nao estaua, & que não auia remedio pera se tomar a agoa, porque ho arroz impedia q̃ a não podessem tomar: & que não auia tempo pera ho baldearem, nem gente que ho podesse fazer, porque quasi toda estaua ferida. E coisto se meteo debaixo de cuberta, & dizem que morreo de medo. E com tudo dom Lourenço mandou ver se se podia a agoa vedar. E em quanto se via Meliquiaz se vinha chegando com suas fustas: & entendendo como a nao estaua fazendo conta que a tinha na mão, mãdou apartar algũas fustas pera que fossem tomar a galé de Payo de sousa, que tinha a nao de toa. E como todos os da galé estauão muyto feridos, & não podião pelejar cortarão ho cabo, porque estaua a nao atoada, & isto sem ho ele saber, & disserão que arrebentara com a força que punhão os remeyros pera arrancar a nao: & pola agoa decer rija, como a galé ficou desamarrada leuouha muy tesa polo rio abaixo: posto que Payo de sousa mandou logo cear pa virar sobre a nao, com determinação de pelejar com os mouros, ainda que a sua gente estaua tam ferida como digo: mas a galé nunca pode virar, com a corrente q̃ a leuaua. E assi se foy ate chegar onde Pero barreto, & Duarte de melo, & Diogo pirez estauão surtos, porque logo surgirão como virão que a nao de dom Lourenço não surdia, & ho mesmo fizerão Pero cão, Francisco da cunha, & Antonio lobo teixeyra, que eram ja na boca da barra da banda de fora.

Capit. LXXXI. De como foy morto dom Lourẽço, & oytenta dos seus, & uinte forão catiuos, & a sua nao foy metida no fundo.

Desamarrada a galê de Payo de sousa da nao de dom Lourenço, as fustas de Meliquiaz se poserão atirarlhe ás bõbardadas. E vendo esses fidalgos que estauão com dom Lourenço como

a nao não tinha remedio pera sair dali, disserão algũs deles ao cõtra mestre da nao que aparelhasse ho parao cõ algũs marinheyros que remassem bem, & q̃ saluarião nele a dom Lourenço. E tendo ho contra mestre ho paraô prestes disserão os fidalgos a dõ Lourenço que pois a nao tinha tão pouco remedio pera se saluar, quão pouco eles merecião ade os por seus pecados, que se saluasse ele pois ẽ sua saluação estaua a honrra ou desonrra dos Portugueses, porq̃ ele era ho preço de todos: & que eles pois deos assi era seruido ficarião pelejando ateq̃ morressem. O que ouuido dom Lourẽço lhes disse que bem sabia ho amor q̃ sempre lhe teuerão: & porque lhe ele tinha ho mesmo que nunca deos quisesse que se ele saluasse ficando eles em perigo: que não desesperassẽ da misericordia de deos que era grande, & que os capitães da frota ho socorrerião. E porq̃ os fidalgos quiserão repricar, disse que lhe não falasse ninguem em saluarse, se não que lhe tiraria com hũa alabarda q̃ tinha na mão com que pelejaua. E logo ordenou sua gẽte pera se defender em quanto podesse, porem não tinha mais sãos que trinta homẽs: & os outros que erão setenta muyto feridos: mas com a pressa todos se leuantarão, & era pieda de velos todos ẽprastados, q̃ q̃si se não podião soster nas pernas, & mostrarẽ todos muy grãde coração pa pelejarẽ. Dom Lourenço os repartio ꝑ tres capitanias a da tolda tomou pa si: & a do cões deu a Ioã rodriguez paçanha filho de Manuel paçanha, & a Iorge paçanha seu hirmão. A do castelo dauãte deu ao feytor da armada q̃ se chamaua Frãcisco de nouaes. E nisto se vinhão chegando as naos dos Rumes tirando muytas bombardadas a dom Lourenço. E vendo ho contra mestre que estaua no parao como se ele não queria saluar, não quis mais esperar com medo dos immigos, & foyse pera onde estauã os outros capitães surtos, que por a agoa decer rija & não auer viração não podião ir socorrer dom Lourenço: posto que ho desejauão muyto, principalmẽte Payo de sousa que ainda então trabalhaua ao lõgo de terra se cõ a reuessa dagoa ho poderia socorrer. E Pero barreto que estaua acima dos outros capitães que estauão surtos foy ho primeyro que vio ir ho contramestre no paraô, & preguntoulhe como hia assi. E ele por nã dizer que fugia disse que lhe mandaua dizer dom Lourẽço que ho socorresse: então chegou a bordo & lhe contou como ficaua. E logo Pero barreto se foy no paraó à galé de Diogo pirez, onde tambẽ foy Duarte de melo: & sabendo como dom Lourenço, estaua determinarã de ho ir socorrer na mesma galé: dizendo Duarte de melo à Diogo pirez que em sua mão estaua a saluação de dom Lourenço q̃ remassem todos & que lhe iriã socorrer, & saluarião a ele & a gente, & deyxarião a nao ou a estarião defendendo ate que viesse tempo pera se sairem. & Diogo pirez chorando muytas lagrimas pedia a todos que socorressem dõ Lourenço, o que he de crer pois ele ho criara: & que não podendo ir dereytos à não por a corrente ser grande, atrauessarão a terra pa ir ao longo dela, parecẽdolhe que não seria laa a agoa tão tesa que os remeyros a não vencessem: mas não foy assi, porque como eles hiã muyto cansados do dia passado, & deles feridos, não poderão fazer cousa com q̃ surdissem auante: ho que vendo Pero barreto & cuydando que ho faziã acinte começou de os ferir com a espada, &

não aproueytou que eles não podiã ma ys:& nisto matou obra de sete deles, & assiferio algũs dos nossos, que quisera fazer remar que tampouco nã poderã, & entã nã curou de mais perfiar, & tornouse pera a sua nao pera esperar a viração com que ele & os outros iriã socorrer a dom Lourenço, a quem em quãto a galé de Diogo pirez assi andaua, os mouros derão tãta bõbardada que lhe deffezerã todalas obras mortas da nao. E era cousa de pasmo como se os nossos defendião a tanta multidão dimigos & de tantas frechadas que cobrião ho ceo & assi de tantos tiros dartelharia, cuja fumaça era tamanha:que tudo cercaua de neuoeiro, & a grita dhũs & doutros era tam grande, que parecia que estaua ali todo ho mundo. Mirocem que era chegado com a sua frota estaua espantado da valentia dos nossos: & porque tambẽ lhe matauão dos seus com a artelharia os quisera abalroar, mas não pode, porque dom Lourenço com os seus lho tolherão, que pelejauão como homẽs que se querião vingar antes q̃ morressem, & matauão, & ferião muytos dos imigos. E se a outra frota os podera ajudar aquele dia acabarão os rumes. E nesta reuolta foy dom Lourenço ferido dhũa bõbardada que lhe leuou hũa coxa, & cayo:os seus ho leuãtarão muyto tristes por ho assi verẽ:& ele os esforçou, & mandou que ho assentassem em hũa cadeira ao pê do masto, & dali esforçaua os seus. E nisto lhe deu outra bombardada nos peytos que ho matou E logo foy leuado junto do fogão, onde se foy lançar sobrele hũ seu camareiro chamado Lourenço freyre, chorando sua morte: & hi foy tambẽ morto. E a nao estaua tã rasa que mais parecia põte que nao: & toda estaua cuberta, assi ho cões, como a tolda & a proa, de pernas & braços, & de muytos corpos mortos, assi dos nossos, como dos imigos, q̃ nesta peleja quatro vezes entrarã a nao & outras tantas os deitarão os nossos fora:que aquele dia forão todos tam valẽtes, & fizeram taes finezas, que parecẽ que as não crerâ se não quem as vio. E por derradeiro não ficando mais que muyto poucos dos nossos, & estes muyto feridos, foy a nao ẽtrada dos Rumes que começarão de bradar, Canalha debayxo de cuberta senão todos andareis a espada, ho que algũs dos nossos fizerão, & outros se auenturarão a ficar encima. Entrados os Rumes na nao forãse logo obra de cento & tantos debayxo de cuberta pera a roubar que não a uia quem a defendesse. E como ela tinha muyta agoa com ho peso desta gente assentou na area, ficando descuberta dagoa ho conues, tolda & proa:& por isso os que ficarão encima forão saluos: & os que forão abayxo assi Rumes como nossos todos se afogarão. Meliquejaz como vio a nao assentada acodio logo, & saluou os nossos que forão dezanoue, & estes estauão tão feridos que não sentião nada:& Meliquejaz os tomou pera si, & assi a hum marinheyro natural do porto chamado Andre fernandez que foy dos que ficarã encima de cuberta, & se acolheo â gauia da nao onde todo aquele dia & parte do outro seguinte se defendeo tambem dos Rumes, que nunca ho poderão tomar: nẽ nunca se dera se lhe Meliquejaz nã mãdara hum seguro â gauia. Assi acabou dom Lourenço & os oytenta Portugueses que com ele morrerão, antre os quaes forão, Ioão rodriguez paçanha, Iorge paçanha, Antonio de são payo, Diogo velho, ho feytor darmada, & hum

hirmão de Pero barreto. E aſſi outros a
que não ſoube os nomes, & dos que eſ-
caparão hum foy Triſtão de Gaa: & ou
tro Baſtião rodriguez que agora he eſ
criuão da caſa da moeda.

Capitulo. LXXXII. Do que fizerão os outros capitães deſpois da morte de dom Lourenço: & do mais que fizerão os immigos.

NEtida no fundo a
nao de dõ Lourẽço
duas naos dos Ru
mes paſſarão logo
auãte pa ir pelejar
cõ a noſſa frota cu-
jos capitães vendo
ſumir a nao de dõ Lourẽço ouue algũs q̃
leuarão logo ancora, & derão âs velas
& partirã, & eſtes forão Antonio lobo
teyxeyra, & Frãciſco danhaya: & algũs
querem dizer que picarão as amarras
com ẽpreſſa de ſe ir parecẽdolhe que os
auião os immigos de tomar. Mas não ho
fez aſſi Pero barreto, & eſtandoſe leuã
do, chegou Payo de ſouſa donde eſtaua
ſurto, vendo que ja não aproueytaua eſ
tar ali mais: & diſſelhe que fazia porq̃
não daua â vela que ja não tinhão ſobre
a terra porquẽ eſperaua. Ele lhe reſpon
deo que bem ho ſabia por ſeus pecados
mas que não auia de deyxar nhũa anco
ra ainda que os immigos vieſſem. E le-
uada ancora, & dado ho traquete porq̃
ho vento era fraco, deulhe Payo de ſou
ſa hum cabo pera ho leuar â toa, porque
lhe não acõteceſſe outro deſaſtre como
a dom Lourenço. E indo aſſi adiantou-
ſe hũa nao dos immigos. E determinan
do Pero barreto de pelejar coela, diſſe
a Payo de ſouſa que lhe alargaſſe ho ca
bo, & eſperouha: ho que vẽdo os immi
gos ſurgirão, parece que com medo de
pelejar com os noſſos: de q̃ ouue algũs
que em a nao amaynando ſe lançarã no
eſquife, o que pareceo a Pero barreto q̃
era com medo, & diſſimulando, deſpo
is que a nao dos Rumes ſurgio fez reco
lher os do eſquife, & reprendeos da co-
uardia que entendera neles: do q̃ ſe eles
diſculparão dizẽdo que hos não fizerã
ſenão pera reuocar a nao ſe fora neceſſa
rio. Porem hũ caſtelhano que hia coe-
les, chamado Gonçalo tareiro diſſe per
ante todos a Pero barreto, que todos ho
fizerão com medo dos Rumes: porque
ho ſeu fora tamanho q̃ quiſera ter aſas
pera voar, quãto mais batel pera fugir.
E vendo Pero barreto que a nao dos im
migos ſe detinha, & q̃ a ſua frota ſe che
gaua tornou a dar ho traquete, & par-
tioſe com Payo de ſouſa indo os immi-
gos apos ele: & quando chegarão â bar
ra virão ir os outros noſſos nauios bem
lonje dela. E ſe mais tardarão hum pou
co em ſair não poderão eſcapar a Miro
cem, que parecendolhe que os noſſos ſe
hião com medo creceolhe mais a ſober
ba que tinha pela morte de dom Lourẽ
ço: & quiſera ſeguir os noſſos cõ ſua fro
ta ſomente, com determinação que ſe
os não podeſſe alcançar de ir inuernar
â ilha de Goa: porque no verão ſeguin-
te ſe achaſſe mais perto do viſorey
pera pelejar coele: & teria de ſua mão a
cidade de Goa que tinha boõ porto, &
era abaſtada de muytos mantimen-
tos. E ſe alcançaſſe os noſſos & os deſ
barataſſe ir ſe a Calicut, & ajuntarſe
com el rey em hũ corpo pera ficar mais
poderoſo. E iſto diſſe a Meliquejaz, q̃
lhe conſelhou que ho não fizeſſe, porq̃
a ſua frota eſtaua muyto danificada da
artelharia dos noſſos, & como ſaiſſe ao

mar logo se auia de ir ao fundo, que me lhor seria repayrala pa a poder leuar a Diu, õde se aperceberia pera ho verão seguinte, & assi ho fez. E hi ouue algũa deferença antre Meliquejaz, & Mirocem sobre quem leuaria os catiuos que escaparão da nao de dom Lourēço: por que Mirocem os queria pera os mãdar ao Soldão pera testemunhas de sua vitoria. E Meliquejaz lhos não quis dar, & ficarão em seu poder. E a todos Meliquejaz mandou curar muyto bem & tratauaos como a liures, porque os estimaua muyto por saber quão bem pelejarão. E trabalhou logo por saber se era algũ deles dõ Lourēço: & sabendo q̃ era morto mostrou q̃ lhe pesaua muyto. E mãdou buscar ho seu corpo pa lhe dar sepultura, mas não se pode achar, & tãbem quisera tirar fora a sua nao & não pode, porem despejouha da artelharia & de quanto estaua nela per mergulhadores. E repayrada a frota de Mirocem pera poder sofrer ho mar ate Diu partirãse. E chegandola lhes foy feyto muy festejado recebimento. E assi el rey de Cãbaya, como todos os principaes do reyno, os mandarão visitar: & despois todos os reys & senhores da India, que a todos foy ter aquela noua, & não que fora hũa sô nao nossa metida no fundo, nem da maneyra que foy, senão que fora a peleja com toda a nossa frota de q̃ hia por capitão mõr ho filho do visorey que morrera na batalha com todos os de sua companhia, & a sua nao metida no fundo & seus capitães desbaratados & fugidos. Porque os mouros da India como querião mal aos nossos, & deseiauão de ver a terra leuantada contre les alargauão a cousa ho mais que podiã. E donde ate li tinhão na India aos nossos por cousa monstruosa nos feytos da guerra, ouuindo dizer seu desbarato todo ho espanto que tinhão deles ho teuerão dos Rumes: & não se falaua na India em outra cousa senão naquela vitoria: & foram feitas cãtigas & trouas em seu louuor. E Meliquejaz & Mirocem erão tidos em grande veneração. E todo ho inuerno ouue embaxadores dos principes da India ē Diu: & ouue grãdes festas. E Meliqueiaz mostraua aos que ho vinhão visitar os nossos que tinha catiuos. E despois de descansar os leuou a el rey de Cambaya pera que os visse: & ele folgou muyto de os ver & lhes mandou dar cabayas a todos. E hũ mouro granadi chamado Cideale, que viuia com el rey de Cãbaya disse a Meliquejaz que goardasse muyto bem os nossos, porque ainda lhe auião daproueytar pera por eles auer paz cõ ho visorey: porque sabia certo que os nossos erão taes que auião de vingar muy bē os que forão mortos. E que do tempo q̃ viuera ē Grãda sabia que erão gente q̃ nunca começarão guerra assi contra mouros como cõtra christãos que a nã leuassem auante: & contoulhe muytas vitorias que os nossos ouuerão nas guerras que teuerão com Castela. E cõselhaua aos nossos que se não tornassē mouros: porque ele lhes daria maneyra com que se resgatassem.

Capitulo. LXXXIII. De como Pero barreto & os outros capitães acharão no mar os capitães que fugirão Dormuz a Afonso dalbuquerque: & a causa porque não tornarã a peleiar com os Rumes.

PArtidos Pero barreto & Payo de sousa da barra de Chaul teuerão bem que fazer em alcan

çar os outros capitães que hiã diante,& algũs cõ tamanho medo de irẽ os immigos apos eles, q̃ ho melhor de vela lhe parecia que andaua menos. E coisto se alargarão tanto de terra Francisco da nhaya & Antonio lobo que a não virão mais ate que chegarão a monte deli. E Pero barreto & os outros forão ao lõgo da costa. E logo ao outro dia lhe parecerão tres velas ao mar,& segũdo senxergaua na grandeza dos velames pareciã naos grossas: no que assentarão que erã de Mirocem que os buscaua:& sobristo se ajuntarão logo a conselho pera determinarem ho que farião. E ouue algũs q̃ disserão que se fizessẽ na volta do mar porque os não alcãçassem os immigos ao longo da costa:& se os alcãçassem estaua craro acabarennos de matar por quã pouca gente leuauão,& quã ferida hia. Pero barreto se pos muyto aspero contra este parecer,dizendo que sespãtaua muyto de taes caualeyros & a que sucedera tambem na peleja com os imigos auerẽlhe tamanho medo tẽdo rezã de os terẽ em pouco, pois ho desastre q̃ acõtecera mais fora por culpa da fortuna q̃ por pouco coração dos nossos, nẽ por sobejo esforço dos imigos: que eles bẽ podiã fazer o que quisessem,mas q̃ ele não auia de deyxar ho caminho que leuaua, E que ainda que se fizessem na volta do mar que tambem os immigos auião de ir apos eles. E estando nestas praticas as tres velas q̃ vião se chegarã tãto pareles que lhenxergarão cruzes vermelhas nas velas,& conhecerã que erão de Portugueses,& erão Afonso lopez da costa,Manuel telez,& Antonio do campo que fugirão Dormuz ao capitão mor Afonso dalbuquerque. E sabendo eles o que acontecera a dom Lourenço quiserão q̃ tornarão todos a vingar sua morte:& praticado isto acharã que ho não podiã fazer porq̃ não tinhã gẽte que podesse pelejar por ir muyto ferida a que leuauão. E então tomarão seu caminho pera Cananor. E a traues de Dabul acharão Garcia de sousa na sua carauela que ho visorey mandou apos Pero cão pera ajudar a dom Lourẽço se peleiasse com os Rumes. E forão lhe os ventos tão contrayros por ser em Ianeyro que não pode chegar. E chegados estes capitães a Cananor, lhes disse Lourenço de brito que não deuiã de tomar desupito ho visorey com aq̃la noua:& por isso lha mandarão diante por Francisco danhaya,que quãdo chegou a Cochim não ousou de dar a carta ao visorey,& mandoulha: & deranlha estando falando com algũs fidalgos. E q̃ndo ele vio o que dizia nela olhou pera Manuel paçanha:& cõ as lagrimas nos olhos lhe disse, Vossos filhos & ho meu sam mortos: não me pesa senão da honra del rey de Portugal que fica mazcabada,que eles nacerão pera morrer. E com esta derradeyra palaura se leuantou chorãdo & meteose na sua camara. E todos ficarão muyto tristes assi por os mouros ficarẽ tão fauorecidos como ficauão,como pela morte de dõ Lourẽço,porq̃ de todos era muyto bẽ quisto por sua boa condição com que aprouey taua a todos:& não trataua os homẽs se não como companheyro & amigo. Ho visorey esteue ençarrado tres dias sem ho ninguem ver. E despois foy visitado del rey de Cochim & dos fidalgos Portugueses,& algũs lhe reprenderão mostrar em pubrico tanta tristeza por a morte de seu filho: & hum destes foy Manuel paçanha que lhe disse que não deuia de mostrar tanto sentimento pois seu filho morrera na guerra , & com

tanta honrra como estaua sabido:& q̃ aos mouros deuia de mostrar aquele sentimento em se vingar deles, & não aos seus em o chorar, porque os não enfraquecesse mais do que estauão pelo passado, como por ho verem tão triste. Ho visorey lhe teue em merce aquele conselho:& dali por diante se mostrou menos triste. E ho primeyro dia que se mostrou disse a esses questauão coele. Peçouos senhores que me perdoes a fraqueza que ategora mostrey no sobejo sentimẽto que tiue pela morte de dom Lourenço meu filho & vosso companheiro:porque ainda que ele fosse pera estimar, todauia pera Christão excedi ho modo, em mostrar que não era contente com aquilo com que nosso señor foy seruido:& de ho não ter assi feyto me acho tão comprehendido em culpa coele & conuosco, que hei por necessario pedir perdão, a ele de lhe não dar graças, & a vos do descontentamento q̃ vos causey com ho meu. Todos folgarã muyto de lhe ouuir estas palauras, & se lhe offrecerã pera a vingãça da morte de dom Lourenço. E despois que se pode falar ao visorey aqueles tres capitães que fugirão a Afonso dalbuquerq̃ lhe derão cõta do porq̃ se vierão Dormuz:dando toda a culpa de sua vinda a Afonso dalbuquerque, requerendolhe da parte del rey que pera limpeza de sua honrra mandasse tirar deuassa na gente que vinha coeles da causa de sua vinda. E entregaranlhe dous mouros de resgate que tomarão no caminho em hũa nao de Meca, que disserão que darião por si vinte seis mil cruzados:& Gaspar ho lingoa disse que os poderiã dar. E porque aqueles capitães vierão naquela conjunção em que auia deles tanta necessidade, não quis ho visorey estranharlhe sua vinda & deixarẽ ho seu capitão mór:porem algũs disserão que ele folgara de fazerem aquilo a Afonso dalbuquerque, porq̃ lhe não parecia bem andar ele darmada na outra costa, & assi ho dizia. E dali algũs dias chegou Ioão da noua com licença Dafonso dalbuquerque. E disse ao visorey que segundo as injurias que tinha recebidas dele, que se lha não dera q̃ se viera sem ela. E mostroulhe os cabelos que dizia que lhe arrancara da barba:& disse como ho prendera na bomba da nao mas não a verdade do porq̃. E deulhe hũa carta de Francisco de tauora, em q̃ lhe dizia grandes males Dafonso dalbuquerque:pedindolhe que ho mãdasse ir pera a India. E tantas cousas diziã ele & os outros Dafonso dalbuquerque que todos se espantauão. E com quãto Afonso dalbuquerque não era presẽte mãdou o visorey tirar as testemunhas que estes capitães requererão que se tirassem contrele, dizendo que tambem tiraria outras contra os capitães quãdo lho Afonso dalbuquerque requeresse.

Capitulo. LXXXIIII. De como ho comendador Ruy soarez pelejou com hũa nao de mouros indo pera a India, & do que lhe mais aconteceo.

ATras fica dito como ho comendador Ruy soarez partio de Moçambique pera a India, leuando em sua conserua a nao que fora de Ioão gomez dabreu, de que hia por capitão Iorge botelho, & por acharem ho vento cõtrayro inuernarão ambos ẽ Lamo hũa terra na mesma costa:& esteuerão ali sete meses sempre no mar, & ho mais do tẽ

po em peleja com os da terra que por força os queriã matar. E nestes sete meses por lhes faltar ho mantimento não comião senão ho peixe que tomauão, nem bebião senão a agoa que chouia: & passarão muyto grande trabalho & fadiga. E acabados os sete meses q̃ ouuerão de partir pera a India a requerimẽto do feitor da nao que fora de Ioão gomez passarão a mercadoria que leuaua pera ho nauio do comendador, por que a nao não estaua pera nauegar, & queymaranna por não ficar aos immigos. E partindo daqui por seu caminho toparão naquele golfam hũa nao grãde de Meca que trazia bem quinhẽtos mouros brancos, que conhecendo a nossa nao, que trazia pouca gente foranse a ela determinados de a aferrar. Ho comẽdador se apercebeo pera os receber, posto que não teria mais de setenta pessoas: & deu a capitania do castelo dauãte a hũ caualeyro chamado Gõçalo baixo: & ho conués a dõ Manuel pereyra: & ele ficou na tolda & chapiteo. E agrauado Iorge botelho de não ẽtrar nesta repartição determinou de não pelejar & foyse encostar no seu catle. E nisto chegarão os immigos & aferrarão os nossos, & pelejarão coeles hũ grande pedaço, em que lhe ferirão muytos: & não auẽdo quasi quem podesse pelejar entrarão os imĩgos coeles pelo castelo dauante ate ho cõués, em que os nossos atrauessarão hũa entena com hũ reposteiro por cima de q̃ fizerã tranqueira & ali se defendião. E achando ho comendador aqui menos a Iorge botelho preguntou por ele, & sabendo ondestaua entendeo ho porque ho fazia, & foy lhe pedir perdão de lhe não dar nhũa capitania na nao, & leuouho â peleja, em que ele ajudou de maneyra q̃ forão mortos os immigos que estauão na nao & dos outros não entrou mais nenhũ: mas vendo que achauão tamanha resistencia, desaferrarão os nossos, de que não ficou nenhũ que não fosse ferido. E partido dali ho comendador deulhe tamanha tormenta por ser ja inuerno que escorreo Cochĩ, & foy ter ao cabo de Comorim, & acolheose detras dele. E por terra foy noua ao visorey que estaua ali aquela nao, & não quem era ho capitão dela, & que tinha muyta gente ferida, & que estaua em grande necessidade. E pareceo ao viso rey que seria Afonso dalbuquerque: & porque sabia que não podia tornar a Cochim se não em Setembro, & que auia dinuernar ali, rogou a Garcia de Sousa que fosse lâ leuarlhe mezinhas pera os feridos, & hũ estrem da nao de Ioão da noua pera a nao estar mays segura no mar. E com quanto a ida era muy perigosa q̃ era inuerno, Garcia de sousa se partio por ser seruiço del rey, & deulhe nosso senhor tam bom tempo, que chegou onde estaua a nao, & deu hũa carta do viso rey ao rey daquela terra pera que mandasse dar mantimento aos nossos & lhes fizesse bom gasalhado, & ele ho fez assi. E de tudo isto mandou Garcia de sousa recado ao viso rey por terra. Que aquele inuerno se apercebeo pera pelejar com Mirocem no verão seguinte, que ele dilatou, porque não podia hir a buscalo por terra. E por quebrar ho coração aos mouros, com cuydarem que tinha muyta certeza de vijrem aquele anno muytas naos de Portugal, & mais que tinha grande tesouro, mandou com licença del rey de Cochim lançar pregão em sua cidade, que quem quisesse leuar pimenta aa feytoria que lha pagarião logo,

& que ninguem a desse fiada aos mouros sopena de a perder. Com o que lhes a eles pesou muyto, asi por cuydarem o que ho visorey queria que cuydassem, como porque perdião muyto em se lhe não vender a pimenta fiada, que tinhão em costume de a comprarem asi aos gentios, & despois regatauão coela, & a vendião na nossa feitoria, onde ganhauão grossamente. E coeste ardil ouue ho visorey assaz de pimenta, & deu mà vida aos mouros.

Capitolo. LXXXV. Do que aconteceo aos capitães mô-res que inuernarão em Moçambique.

TRistã da cunha como atras fica dito partio de Cananor pera Portugal a sete de Dezembro, chegou a Moçãbique aos noue dias de Ianeyro de mil & quinhentos & oyto cõ tres naos da sua frota, onde achou os quatro capitães môres que hi inuernauão. E a nao de Lionel coutinho que hia com Tristão da cunha se achou tão aberta que por não ser pera nauegar a deixou em Moçambique com recado a Anrrique nunez de lião que baldeasse no seu nauio a carrega que ela leuaua, & se fosse pera Portugal: pera õde se Tristão da cunha partio a dezasete de Ianeiro: & de caminho descobrio a ilha da Ascensam, & chegou a Portugal. E despois de sua partida chegou a Moçãbique Iob queymado capitão da sua cõserua, & asi ho nauio sancto Antonio: & partirão em companhia Danrrique nunez de lião pera Portugal a onze de Feuereyro: & do cabo das correntes, arribou Iob queymado a Moçambique, & pos a sua nao a monte & tornouse a partir a noue de Março. E antes disto estando Iorge de melo pereyra, Diogo demelo, & Martim coelho que hi inuernauão esperando, pera com os primeyros ponentes partirem pera çacotorá a visitar Afonso dalbuquerque, chegarão Fernão soarez, que partira de Portugal ho anno passado, por capitão mór de Ruy da cunha, & de Gonçalo carneyro que tambem chegarão coele. E Felipe de crasto capitão mór de Iorge de crasto seu hirmão. E chegados estes capitães, porq̃ era em março & esperauão cada dia por ponentes com que podião nauegar pera ho cabo de Goardafum, & pera a costa Dadem, acordarão todos que seria bem que fizessem hũa cabeça que os regesse, & fossem fazer algum seruiço a el rey de Portugal pois auião dinuernar seys meses em Moçambique: & que fossem tomar Adem, como Tristão da cunha tomara çacotorà. Porem forão muy discordes na eleyção que Fernão soarez disse que fosse a cabeça feita por vozes, Iorge de melo pereyra que por sortes, Iorge de crasto q̃ gouernasse cada hũ deles âs somanas pera que não ficasse nenhũ descontente, & coisto se não poderão concertar. E tambem jurarão os mestres & os pilotos que não sabião yr a Adem, & que não tinhão ancoras nẽ amarras, & os capitães se forão coeles, & assi não fizerão nada. E por ventarem ponentes partiranse Diogo de melo, & Martim coelho pera ho cabo de Goardafum a treze de Março, cinco dias andados da quaresma: & Ior

ge de melo não foy coeles por ho seu piloto estar doente,& ficou cõ os outros capitães.

Capitolo.LXXXVI.De como ho capitão mór Afonso dalbuquerq̃ inuernou em çacotorá: & passado ho inuerno se tornou a Ormuz,& de como tomou a cidade de Calayate.

Iorge de Melo,& Martim coelho q̃ hião caminho do cabo de Goardafũ, chegarão a Melinde vespera de nossa senhora de Março, onde acharão Francisco de tauora capitão do rey grande q̃ Afonso dalbuquer que mandou buscar mantimentos,& esperarão por ele ate quatro Dabril q̃ partirão dali todos,leuando cõsigo Cide Mafamede,& Ioão sanchez,& Ioã gomez ho jardo, q̃ ainda elrey de Melinde não tinha mandado ao preste:& leuarannos pera os Afonso dalbuquerque mandar: & indo seu caminho aos sete dias do dito mes,tomarã todos tres hũa nao de mouros de fronte de Magadaxó: a q̃l selhe entregou sem peleja:& roubada a queymarão,& partidos dali chegarão ao cabo de Goardafũ aos dezoyto Dabril,onde acharão surto ho capitão mór Afonso dalbuquerque, q̃ hia em tres meses que ali estaua: & em todo este tempo se não tomara mais q̃ hũa só nao de mouros que hia das ilhas de Maldiua pera ho estreito:& hia nela por capitão hũ turco que sem peleja se deu a Iorge da silueira,& a Nuno vaz de castelo branco que era quadrilheiro mór das presas.E nesta nao foy tomado hũ mouro mercador q̃ despois mãdou ho capitão mór a el rey de Portugal pera lhe dar rezão do Cayro,& de Meca,& do Prestejoão,& lá se tornou Christão,& el rey foy seu padrinho:& chamouse Miguel nunez,como ho seu tesoureyro q̃ entã era.Chegados estes tres capitães ao outro dia que era quarta feira de treuas forão visitar ho capitão mór á sua nao:& ele lhes fez muy alegre recebimento:& asi foy ele muy ledo por sua vinda.E sabendo ele como trazião Cide Mafamede & seus companheiros pera yrem ao Preste ordenou de os mandar,como mãdou a sesta feira dendoenças que forão vinte hum Dabril,dandolhes cartas que tinha del rey pera ho preste:& asi lhes deu mais dinheiro do q̃ trazião pera sua despesa & per Nuno vaz de castelo branco os mandou leuar a hũa pouoação de mouros chamada Felix,que está tres legoas do cabo de Goardafum:& mãdoulhes que dissessem que erão mouros que ele trazia catiuos,& que lhe fugirão naq̃le esquife:& asi ho fizerã:& estes homẽs forã ter ao Preste,& p̃ eles soube a raynha Helena mãy do Preste que então era,como os Portugueses ãdauã na India,& mandou Mateus por embaixador,como direy a diãte. Partidos estes p̃a ho Preste,ho capitão mór se deteue aida dez dias no cabo p̃a ver se passaua

algũa nao:& vendo que não vinha por ser ja entrada dinuerno, se partio pera çacotorà aos dous dias de Mayo, onde chegou aos quatro. E por Frãcisco de tauora não trazer de Melinde tantos mantimentos como erão necessarios, mandou recolher as mais tamaras que pode auer da ilha, sobre ho que ouue algũa desauença antre os da terra & os nossos.E com tudo se pacificou.E passado ho inuerno que teue em çacotorà deixando a fortaleza prouida ho melhor que pode,se partio em dia de nossa senhora Dagosto caminho do cabo de Roçalcate,cõ determinaçam de tornar sobre Ormuz,& de caminho vingarse do Xeque de Calayate da descortesia que lhe fizera quando per hi passou da outra vez.E de caminho deu em seco de quatro braços perto da ilha da Maceira:& se ouuera toda a frota de perder:& aos vinte cinco Dagosto foy ter a Calayate.E porque sabia que a cidade era grande & tinha muyta gente,& ele muy pouca quis vsar de hũa manha. E obra de duas legoas antes de Calayate mandou a Nuno vaz de castelo branco que era capitão de hũa fusta q̃ fez em çacotorà,que fosse diante:& se da cidade viessem a ele que preguntasse pelo capitão mòr del rey de Portugal,se estaua em Ormuz ou õde era,& se acabàra a fortaleza & que gente estaua nela.E preguntasse tambẽ por el rey Dormuz como estaua: & se lhe preguntassem que naos erão aquelas,que dissesse que erã de Portugal, & que detras vinha hũa grossa armada:& que preguntasse se passarão por ali algũs nauios de Portugal. E mãdou que fossem na fusta dõ Antonio,Iorge da silueira,& outros: porq̃ se fosse cousa que quisessem tomar a fusta que ouuesse quem a defendesse.E indo Nuno vaz caminho da cidade achou a meyo caminho hũa almadia em que vinhão dous mouros honrrados,que mãdaua ho xeque da cidade a saber q̃ naos erão aquelas.E despois de se saluarem hũs aos outros,disse ho comitre da fusta que sabia falar a lingoa ꝑsiana, que se chegasse, porque aquelas naos erão de Portugueses que erão gente amiga. E os mouros por dissimularem abordarão com a fusta & esteuerã à fala.E por lhe ho comitre dizer o que lhe ho capitão mór dissera crerão os mouros que as naos vinhão de Portugal,& não sabião do que acontecera em Ormuz ao capitão mòr.E rogãdolhe ho comitre que fossem falar ao capitão mòr daq̃la frota pera lhe darem nouas Dormuz, forão cuidando que coisso ho enganarião,& ho farião ir a Ormuz pera ho matarem com quantos hião coele. Ho capitão mòr que vio a detença que a almadia fez com a fusta,& como vinha pera a nao,fez capitão mòr de Francisco de tauora,& ele meteose na camara. E ẽtrado ho catual cõ ho outro mouro foy bẽ recebido per Francisco de tauora,que despois de ho mouro assentado lhe preguntou pelo capitão mòr,& se acabara a fortaleza Dormuz: ele lhe disse que não,& que despois de a ter começada deixara hi cico homẽs(& isto dizia pelos arrenegados)&assi fazẽda: & se fora,não sabia se pera à India, se pera onde. Ho capitão mòr que tudo ouuia sayo da camara,& ho mouro em ho vẽdo ficou q̃si morto,porque ho conhecia da outra vez que esteuera em Calayate:ho capitão mòr ho segurou q̃ não ouuesse medo prometẽdolhe merce se lhe dissesse se estaua por regedor ẽ Calayate o que estaua quando ele por ali passara:porq̃ ele vinha ꝑa se vingar

da roindade que lhe fizera, fazẽdolhe ele tãto bẽ:& que lhe prometia que quã do entrasse á cidade que mãdaria que em sua casa se não bolisse, nẽ nas de seus filhos se as teuessẽ: ho mouro lhe disse que ho mesmo regedor q̃ estaua em Calayate era ho porquẽ preguntaua: & disculpouse do que lhe fora feyto, dizẽdo que não fora disso sabedor. E pedindolhe que ouuesse misericordia coele: ho capitão mòr lhe disse que postoque teuera toda a culpa lhe ꝑdoara:& q̃ cresse ho que lhe dizia porq̃ lhe daua sua fé de lhe comprir o q̃ lhe prometia. E detendo os mouros assi como hia a vela, mandou embarcar a gente nos bateis, pera logo desẽbarcar em surgindo antes que se ho gouernador fizesse prestes pera se defender: que quando soube como ho catual entrara na fusta, & se fora aas naos, descansou parecendolhe q̃ não auia necessidade de peleja. E sòmẽte com os frecheyros da sua goarda sahio à praya, & meteose em hũa mezquita grande q̃ staua pegada com ho mar. E isto seria a oras de meyo dia. Ho capitão mòr em as naos surgindo mandou logo remar pera a cidade:& então virã os mouros a gente armada, mas ouue tã pouco espaço antre os verẽ, & eles chegarem a terra q̃ não poderã mais mouros ir à praya que aqueles da goarda do gouernador, que fugio logo. E os da sua goarda quiserão defender a desembarcação aos nossos mas não poderão. E fizerãnos recolher a mezquita, onde os nossos derão em saindo: & a despejarã por força matando algũs dos immigos & ferindo outros:& dali quiserão cometer a cidade & ho capitão moor nã quis por ser perto da noyte, & a cidade ser grande, & ter as ruas muyto estreytas, & temerse que dos terrados das casas lhe matassem a gente aas pedradas: E por isso mãdou recolher os seus na mezquita pera passar ali a noyte, em que os mouros desesperados de se poderẽ defender dos nossos despejarão essa riqueza que tinhão, & ho mais deyxaranno: & sairanse com suas molheres & filhos pera hũa serra que hi estaua perto.

Capitulo. LXXXVII. De como os mouros quiserão saltear os nossos & de como forão desbaratados.

O outro dia sentindo ho capitão moor que tinhã os mouros a cidade despejada mandou poer atalayas pelos muros, pera verẽ se descobrião algũs mouros, porque se temia de lhe poerem cilada pera tomarem os seus dentro na cidade q̃ era grãde, & tinha as ruas estreytas. E vendo q̃ não parecião nhũs mouros, & que a cidade estaua despejada, mandou aos capitães que com a gente de suas capitanias a roubassẽ, tendo suas vigias nos muros com sobre roldas:& ele estaua na ribeyra fazendo recolher aos nauios os mantimentos, que foy ho principal roubo que os seus acharão na cidade: & como os mantimentos fossem muytos detinhãse os nossos em os acarretar. E vendo ho capitão mòr q̃ a detença auia de ser per algũs dias, repartio as vigias ꝑ q̃rtos, de q̃ erã capitães os mesmos capitães da frota, & algũs fidalgos dela, q̃ hião vigiar à cidade:& ho capitão mòr ficaua cõ a outra gẽte na mezq̃ta. E auẽdo cico dias q̃ duraua ho roubo, determinarã os mouros q̃ fugirã de tornar

pera ver se poderião fazer mal aos nos sos: pera o que se ajuntarião bem mil de les, & entrarão hũa noyte poucos & pou cos pela parte do sertão, onde os nossos não hião vigiar por ser lõje da mezqui ta: & acabarão dentrar ate o quarto da lua, que era de dõ Antonio de noronha a quem sucedeo Martim coelho, a quẽ os mouros cometerão, ido dõ Antonio: de cuja capitania ficarão atras quatro homẽs, que acertando de ver os immi gos, forão logo dar auiso a dom Anto nio que mandando recado ao capitão mór, foy contra os immigos com quem estauão ja pelejando Martim coelho, & Diogo de melo q̃ acertou ali de che gar com algũa gente de sua capitania. E os immigos se ajudauão muy bem de suas frechas que erão muytas, & tinhã os nossos em aperto. Mas chegando dõ Antonio cobrarão os nossos coração, posto que não serião mais que ate setẽ ta homẽs, & os immigos mil, os quaes se chegarão sem nhũ medo, ate os ferirẽ com as lanças, com que começarão de derribar muytos: de modo que os fize rão retirar pelas ruas, porem os nossos os seguião matando & ferindo neles q̃ os fazião desatinar & fugir quanto ma is podião. E hião tão cheos de medo, q̃ topandose Manuel de la cerda, com quẽ hião seis homens, com hũ boõ magote deles, derribarão quarenta ate a porta per que entrarão, & por ela tornarão a fugir muytos. E outros appressados dos outros capitães que lhe não deyxauão acertar a porta deytauanse pelos muros fora: & assi per hum cabo como pelo ou tro forão mortos muytos. E nisto che gou ho capitão mór, porque a cousa foy feyta em tão breue espaço q̃ não pode ele chegar mais cedo: & vendo o que os nossos tinhão feyto fez muyto gasalha do aos capitães, & assi aos outros dando a todos muytos louuores, & beyjãdo os nas faces. E deyxando ali suas vigias se tornou à ribeyra, onde armou algũs ca ualeyros dos que vierão então de Por tugal: porque os outros ja ho erão. E des poys disto esteue ainda ali tres dias, em que acabou de despejar a cidade dos mantimentos, & a queymou: & aos trin ta dias dagosto se partio pera a agoada de Teuhi, que he quatro legoas de Ca layate, que he a milhor agoa que se po de achar. E ali està hũa pouoação de mouros que se chama Teuhi, onde os moradores de Calayate forã ainda ter coele, & teuerã algũas pelejas dous dias que ali esteue fazẽdo agoada: & os mou ros como se vião apertados dos nossos: acolhianse a hũa serra que a hi estaua, donde deitauão muytas galgas aos nos sos: & não que lhe fizessem coelas mal: & dos mouros forão mortos algũs. Fey ta aqui agoada partiose ho capitã mór pera Ormuz, onde chegou a treze de Setembro.

Capit. LXXXVIII. *De como ho capitão mór cercou a ilha Dormuz, & das nouas que soube da cidade, & do mais que sucedeo.*

CTemendose Cojeatar q̃ elle ali tornasse, fez acabar a torre que dei xara começada, & aca bouse em dous sobra dos, & terrada por ci ma & bem artilhada da artelharia que lhe fundirão os arrenegados. E mãdou tapar de paredes muyto fortes todas as bocas das ruas que sahiã ao mar: de ma neira que daquela bãda ficaua a cidade

cercada: & assi tinha feytas estancias dartelharia ao longo da ribeyra & tinha muyta gente darmas que mandara vir de fora, assi que estaua bemfortalecido. Este dia que ho capitão mór chegou esteue surto defronte de Turūbaque pera ver se podia tomar lingoa, pa saber o que passaua na cidade, & mandou a isso ho seu batel, mas nunca a poderão tomar. E vēdo que não podia ao outro dia pos cerco a ilha, & Francisco de tauora foy posto da banda de Queyxome, & Martim coelho da banda de Turumbaque, porque não viessem por aquelas partes mantimentos à cidade, defronte de quem ele foy surgir cō Diogo de melo hum pouco de largo, por quāto lhe tirauão de terra com artelharia. E daqui mandaua nos bateis & esquifes com gente aos quartos que fossē tirar denoyte às estancias dos mouros: & assi onde quer que vissem lume: & destes quartos erão capitães Iorge da silueyra, dom Ieronimo de lima, Manuel delacerda, & Antonio de saa, os quaes fazião muyto dano aos immigos: & matauão em terra muytos. E andando assi hūa noyte Iorge da silueyra no esquife da capitayna topou hūa almadia q̄ hia pera a cidade com refresco, & foy apos ela: & vendo os mouros que não podiā escapar vararão ē terra & fugirão, deyxando a almadia desemparada sem Iorge da silueyra poder tomar nhū: & então a mandou alar per hū cabo pera ho mar, & andando nisto chegarão algūs mouros pa ver se a podião defēder, & não poderão que a acharão ja no mar. E dhū dos arrenegados que vinha cō os mouros que era genues soube Iorge da silueyra que viera hūa nao Dormuz q̄ era na India: & esta disse q̄ erão lá os capitães que fugirão: & que aquela nao trouuera seguro do visorey, em que dizia que em caso que ali tornasse Afonso dalbuquerque que lhe não obedecesse, nem ele teuesse quentender com as naos dos mouros, & que podessem nauegar por onde quisessem. E por isso que ho capitão mór se deuia de ir pera a India: & tambem porque a cidade estaua muyto forte, & tinha muyta gēte. E Iorge da silueyra respondeo q̄ ho capitão mór não vinha com proposito de se ir senão de fazer tāta guerra à cidade ate q̄ Cojeatar pedisse misericordia: & que afora aqueles dous nauios que vinhā cō ele que vierão aquele anno de Portugal esperaua por mais, que ficauão atras. E coisto se foy Iorge da silueyra à capitayna onde leuou a almadia que hia carregada de romãs, & doutra fruyta, & contou ao capitão mór o que lhe dissera ho arrenegado: mas ele não creo que ho visorey mandasse tal seguro aos mouros, antes determinou de lhe fazer cruel guerra. E porque pera sua estada ali tinha necessidade dagoa mandou a Antonio de saa que fosse goardar os poços da ilha de Laraque, q̄ he legoa & mea Dormuz pera dali se prouer dagoa, porque lha os mouros não çujassem & mandou coele vinte espingardeyros & besteyros, & leuou ho Nuno vaz de castelo branco na sua fusta, porque ele auia de estar no mar. E estando aqui hum dia em amanhecendo parecerão ao mar muytas terradas que vinhão de terra firme carregadas de tamaras, & vinhão pera entrar per antre a ilha Dormuz, & a de Laraque, & as leuarem à ilha de Queyxome, pera dali as passarem a Ormuz: parecēdolhe q̄ não auia goardas q̄ lho estoruasse. E auēdo Nuno vaz vista delas determinou de lhe sair pa ver se podia tomar algūa por q̄ a sua fusta estaua

bẽ esquipada,& saindolhe as terradas se fizerão na volta do mar,onde as ele foy alcançar,& andou coelas as bõbardadas de pola manhaã ate ho meyo dia sem nũca poder tomar nhũa: porq̃ erã muyto veleyras & remeyras,& muyto boas de balrauento. E acertando quatro de se apartar das outras, seguioas Nuno vaz,& duas delas se virão em tamanho aperto que vararão ẽ terra na ilha de Queyxome, & estando ele alando hũa delas ao mar veo ter coele outra q̃ ho não via por jazer em hũa enseada, & tanto q̃ ho vio fezse na volta do mar Nuno vaz foy logo apos ela deyxando algũs homẽs na terra daque tinha tomada,& andou coela âs bõbardadas sem se lhe querer dar,& estaua pegado coela,& não queria amaynar & ele mesmo com hũ berço lhe matou quatro remeyros,& então a euestio & entrou nela cõ os seus pelejando com os mouros que se defenderão hum pedaço. E isto fazia hum mouro honrrado capitão destas terradas,que vinha na terrada grande priuado del rey Dormuz & de Cojeatar,& este vendo que não tinha remedio pera escaparem se despio dos ricos vestidos que trazia por não ser conhecido & vestiose como remeyro,& ẽcaruoiçouse & posse a hum remo. E como isto fez entregarãse os mouros a q̃ Nuno vaz preguntou se vinha ali algum homem honrrado,& eles disserão que não, que tudo erão marinheyros que leuauão tamaras a Ormuz: os nossos que entrarão na terrada andando a reuoluẽdo forão dar com os atauios do capitão que erão muyto ricos & derannos a Nuno vaz que preguntou aos mouros cujos erão,& por eles responderem cousa que a ele lhe pareceo mentira mandou meter hum a tormento,& em lho querendo dar confessou a verdade, & mostrou ho capitão. E vindo em seu poder por quanto era ja sobre a noyte não curou mais das terradas,& foyse õde deyxara a outra,& tomandoas ambas a toa se foy a Laraque:& ao outro dia ao capitão môr,& lhe contou o que fizera,& ele folgou muyto com as tamaras que erão muytas & lhe abastarão ate a India,& os mouros q̃ se tomarão em hũa destas terradas que erão quarẽta repartios pelas naos,& tomou hũ deles com os narizes cortados & com as orelhas, & mandou ho deytar de noyte defronte das casas del rey com hum escrito que dizia como tinha ho mouro seu priuado,& que soubesse certo que nunca ho mais auia de ver,& que se não auia dhir dali ate lhe nã fazer tanta guerra que lhe fosse necessario pedir misericordia. E com as nouas deste escrito forão el rey & Cojeatar muyto anojados por amor da prisão do mouro seu priuado.

Capitulo. LXXXIX. De como ho capitão môr Afonso dalbuquerque deu em hum lugar chamado Nabande & do que hi fez.

Proseguindo assi ho capitã mòr a guerra contra a cidade soube que ela se prouia dagoa de certos poços dhũ lugar chamado Nabande na terra firme tres legoas Dormuz pelo estreyto dẽtro & determinãdo de ir çujar estes poços mãdou espiar ho lugar por q̃ sabia q̃ tinha cojeatar ẽ guarda deles hũ capitão com duzentos frecheyros. E mandou espialo por dom Antonio

de noronha & pelo piloto môr que forã com Nuno vaz na sua fusta, & vista a disposição do lugar & sua grandeza & desembarcadoyro que era boõ pera ho capitão môr desembarcar, tornarãlhe cõ reposta, & ele se fez logo prestes ꝑa ir, & foy na fusta de Nuno vaz. E dom Antonio no seu batel: & Francisco detauora no seu, & a gente que leuaua seria per toda cento & trinta homẽs ou pouco mais, & partio pera lâ a hũa sesta feyra â noyte treze dias Doutubro. E ao sabado no quarto da lua chegou Nabâde & por se ho piloto môr embaraçar com hũs edificios que estauão acima do lugar onde sohia de ser a pouoação, foy lâ ter duas oras ante manhaã, & despois de conhecer q̃ não era ali Nabande correo a ribeyra de lõgo. E neste tempo forão auisados da ida dos nossos assi ho capitão da goarda dos poços como outros dous capitães do Xeque ismael que erã ali vindos com quatrocẽtos frecheyros segundo se soube, & chegarão despois de dom Antonio ter espiado ho lugar, & sabendo eles como os nossos hião recolheranse a hũa mezquita grande que estaua defronte do desembarcadoyro, & quasi pegada coele, & ãtre a mezquita & ho desembarcadoyro fizerão hũa vala darea pera os nossos cairẽ nela quãdo quisessem entrar na mezquita. E pa os emparar da nossa artelharia se lhesti rasse, & eles tirarem de detras dela com suas frechas. E entretanto ho capitão môr hia ao longo da terra: & os dous bateis hião ao mar desuiados dele, & chegando ele defronte da mezquita mandou deytar hũa fateyxa ꝑ popa, & chegar a proa a terra & ali mandou deytar outra & correr prancha a terra. E ja as frechas dos imigos começauão de chouer, & feriranlhe tres remeyros, & vendo ele isto mandou aos seus que os adargassem cõ as adargas: & mandou tirar com dous berços que tinha de proa, porem não fez nhũ nojo aos immigos por estarem detras da vala que digo & dos peytoris do tauoleyro da mezquita dõ de tirauão tantas frechas que em pouco espaço juncarão a praya coelas, & ferião os nossos, & ho capitão moor não quis alargar a fusta, antes vendo que os bateis não vinhão não quis mais agoardar por eles & saltou em terra cõ vintoyto homẽs que nã leuaua mais, & foy se dereyto â mezquita rompendo por aquelas nuuẽs de frechas que os imigos tirauão. E chegando â vala parou pera passar de vagar. E porque os immigos se sentirão mal das setadas & espingardadas que lhe os nossos tirauão alargaranse da vala, & hũs se sobirão ao tauoleyro da mezquita outros correrã ao lõgo dela per hum cabo & pelo outro. E logo os nossos passarão a vala & seguirão apos eles & cometerão ho tauoleyro pelas escadas que os immigos defendião muy rijo, mas todauia sobirão os nossos. E dos primeyros forão Antonio de saa, Lourẽço da silua, Iames teyxeyra, Simão velho, Gonçalo queymado, & outros: & fizerão recolher os imigos â porta da mezquita em que entrarã deles & outros ficarão de fora por os nossos não ẽtrarem coeles. E nisto chegou ho capitão môr que tambem teue assaz de trabalho em hũa escada per onde sobio, & ali derão hũa frechada a Nuno vaz perante ho barbote & ho capaçete que lhe quebrarão dous dentes, & indo polo tauoleyro deu cõ certos mouros q̃ ho cometerão muy rijo: & hũ deles lhe deu ꝑ detras hũa cutilada per cima do capaçete que ho fez ajeolhar, & querendo ho mouro tornar sobrele acodiolhe

Nuno vaz & leuantouho:& ho capitão môr matou ho mouro com a lança, & Nuno vaz ferio outro em hũa perna: & assi os fizerão fugir. E foranse ajuntar com Antonio de saa; & cõ os outros que estauão â porta da mezquita pelejandocom os immigos de que matarão quatro, & os outros meteranse na mezquita & fecharão as portas. E vendo ho capitão môr que não tinha ali mais q̃ fazer por não ter aparelhos pa q̃brar as portas da mezquita sayose do tauoleyro & meteose pelo lugar a dar nos mouros que se meterão nele, que posto que ainda não era manhaã por ser ho tempo claro os vião os nossos muy bẽ: & como eles sentirão ho capitão môr deitarão a fugir caminho dos poços, & hião coeles dous capitães a caualo. E neste tempo chegarão os bateis & a gẽte desembarcaua sem ho capitão môr ho saber, & não cuydando que tinha mais gente da com que desembarcara não deixou de seguir os immigos coesses q̃ ho acompanhauão:& neste encalço matarão os nossos quinze mouros, mas a mayor parte deles forão frechados; q̃ os immigos com quanto fugião sempre voltauão atras. E seguindo os assi ho capitão môr chegarão aos poços que jazẽ em hũ vale pegados com ho lugar, & tem derredor hũa cerca de valos, & nã tem mais que hũa entrada da parte do lugar:& dhũs poços pera os outros tem caminhos como talhos de marinhas por amor da lama. E dẽtro deste cerco estauão muytos mouros que receberão ho capitão môr com grande ousadia, & se começou hũa aspera peleja dos nossos coeles. E neste tempo mandou ho capitão môr a Nuno vaz que fosse â fusta p algũas rocas de fogo, & ho posesse ao lugar por ser de casas palhaças, & ele ho fez assi. E por sentir que estauão algũs mouros na mezquita em tornando com as rocas ele com hũ Gaspar machado, & outros quatro homẽs com hũ pao grosso que acharão derão vay & vem â porta & a abrirão quebrãdo ho fecho de dentro: oyto mouros que laa estauão acodirã logo a defẽdela. E por mais q̃ fizerão Nuno vaz & os outros os entrarão, & matarão âs cutiladas:& hũ deles se soube despois q̃ era hũ dos capitães do Xeque ismael, & ho outro foy morto nos poços por hũ Lopaluarez; & da mezquita foy Nuno vaz poer fogo ao lugar & começou darder em grãdes chamas. E isto & assi a mortida de que os nossos tinhão feito nos immigos que pelejauão nos poços com ho capitão môr os espantou de maneira que não teuerão coraçam pera se mais defẽder; & fugirão:& ho capitão môr mandou acabar de poer fogo ao lugar & assi â mezquita: derredor da qual foy achada hũa cafila de tamaras, & de farinha, & darcos, que auia quatro dias que chegara pera se meter em Ormuz. E esta mandou ho capitão môr leuar â fusta, & aos bateis, onde se recolheo despois de mandar çujar os poços; & dos seus nam morreo nenhũ, & forão feridos algũs. E recolhendose aos bateis saytão do lugar hũ homem; & hũa molher velhos; & pedirão misericordia ao capitã môr, & ele folgou coeles porque nam podera tomar nenhũ viuo no lugar: & destes soube dos capitães do Xeque ismael, & da cafila:& leuou os cõsigo deixando todo ho lugar abrasado, & assi queymadas algũas terradas que estauã no porto. E tornando muyto ledo pera âs naos como foy noyte mandou ho velho & a velha em hũa almadia, pera q̃ dessem nouas a el rey Dormuz & a Co

jeatar do que fizera em Nabande, com o que eles receberão muyto nojo.

Capitol. XC. De como matarão Diogo de melo, & de como ho capitão môr se partio pera a India.

Em ho capitão môr ficou sem ele porque neste mesmo dia que ele ouue a vitoria em Nabande, Diogo de melo que estaua no passo q̃ guardaua determinou de ir fazer algũ salto onde Nuno vaz de castelo brãco tomara as duas terradas com refresco. & pera isso falouse com hũs mouros q̃ tinha catiuos, os quaes por saberẽ que onde Diogo de melo dizia vinhão sempre ter terradas bem apercebidas pera ho matarem & se liurarem do catiueiro em que estauão, aconselharanlhe que fosse, & que faria grande presa, & que os leuasse consigo pera que falando enganassem os outros mouros & cuydassem que eles ho erão. Feyto este cõcerto meteose Diogo de Melo em hũa terradinha pequena cõ tres ou quatro dos nossos, & dous daqueles mouros: & partio de noyte, & foy ter a hũ posto antre Queixome & a terra firme, õde vierão ter coele quatro terradas grandes da cõpanhia de quarẽta que vinhão darmada em socorro Dormuz, & erão de Iulfar: & os mouros que ele tinha disserão aos outros como ele estaua. E como os mouros erão muytos, & a defensa que ele podia fazer era muy pouca matarãno, & não se soube como: ainda que despois disserão que a sua terradinha fora çoçobrada, & ele morrera afogado com os outros. E quando ho capitão môr ho soube ficou muyto triste & deu a capitania do nauio a dom Antonio de norõnha: & sabendo ele como aquela armada de Iulfar era vinda, & andaua por ali mandou que fossem pelejar coela: dõ Antonio no seu nauio, & Marti coelho no seu com seus bateis: & assi ho de Frãcisco de tauora & Nuno vaz de castelo brãco na sua fusta. E eles partirão a vinte tres Doutubro em busca da armada, q̃ sabião q̃ estaua surta na ilha de Queixome, & chegarão muyto perto dela & não lhe poderão chegar. E em os immigos os vendo se fizerã logo à vela, & vẽdo que os nossos lhe não podião chegar tornarão a surgir. E parecendo aos nossos que os esperauão fizeranse prestes pera ir a eles, & Iorge da silueira se meteo na fusta com Nuno vaz, & dõ Geronimo de lima se meteo no batel do rey grãde, & Martim coelho no seu & chegarão acerca deles ja de noyte, & os immigos derão logo ao remo & fugirão: & os nossos forão a pos eles tanto ate q̃ os perderão de vista com a escuridão da noyte, & tambem por ho vento & a agoa ser contreles. E assi escaparão os immigos & eles se tornarão cõ muyto trabalho pera onde estauão os nauios, & dali se forão pera ho capitão môr, & lhe derão conta do que passara. E despois disto se tomou de noyte hũa terradinha perto da cidade, em que hião certos frecheiros, de que ho capitão moor escolheo quatro pera mãdar a el rey de Portugal por serem singulares homẽs de seu officio: & aos outros, & assi aos remeyros mãdou cortar meas mãos, & os narizes, & as orelhas & os mandou deitar na praya. E vendo ele como não tinha gente pera sair em terra a pelejar com os immigos, & que por toda estoutra guerra Cojeatar lhe nã auia de dar a fortaleza, & tãbẽ por a sua nao fazer

muyta agoa, q̃ quasi se não podia valer cõas bõbas, determinou de se ir caminho da India. Pera onde se partio aos tres dias de Nouembro. & perdendo a ilha Dormuz de vista vio Frãcisco de tauora hũa terrada grande, & foy a ela sem ele ho ver por ser no quarto da lua: & indo a pos ela pera dentro do estreyto escasseoulhe ho vento, & surgio, & ficou la sem a tomar: & isto foy causa de não ir com ho capitão mòr, que cuydãdo que ho leuaua diãte seguio seu caminho. E logo ao outro dia que erão quatro de Nouembro antes de chegar ao cabo de Maçendo ouuerão vista doutra terrada que hia ao longo da terra: ao longo daqual tambem hia Nuno vaz na sua fusta, & foy a ela, & tomouha sẽ peleja q̃ logo se lhe entregou, & achou que vinha carregada de pedrahume & dalcaçuz, & assi lhe acharão hũa soma daljofar. E dali seguido ho capitão mòr sua rota se foy caminho da India.

Capitolo. XCI. De como foy feyta a torre de Moçambique, & se perdeo Vasco gomez dabreu com outros capitães.

PArtidos Diogo de melo & Martim coelho de Moçambique chegou hi Duarte de melo que Vasco gomez dabreu mandaua de çofala pera começar de fazer hũa fortaleza em Moçãbique, em q̃ auia de ser feytor & alcayde mòr da jurdiçã de Vasco gomez, q̃ despois de ho ter mãdado, deixãdo por capitão a Ruy de brito, se embarcou: hũs dizem q̃ pera ir a Moçãbique a fazer a fortaleza, outros pera ir às presas ao cabo de Goardafum. E como quer que foy, assi ele, como dous capitães q̃ hião coele se perderã no mar: mas em que paragem, nẽ como ninguẽ ho soube: sòmẽte que a Quiloa foy ter hũ masto que parecia ho do nauio de Vasco gomez, & esta noua foy ter a Moçãbique despois de partidos pa a India os tres capitães mòres q̃ hi inuernarã: os q̃es com sua gẽte acabarã de fazer a torre de Moçãbique ate ficar em dous sobrados. E meado Agosto se partirão pa a India, onde chegarão a Cochim, & acharão ho visorey, q̃ foy muyto ledo com sua vinda: porque ele nã podia sayr de Cochim sem eles virem, & ate não saber se pa ssauão a India as naos q̃ partirão aquele anno de Portugal, por amor da carrega que auião de leuar, a q̃ ele auia de ser presente. E entre tanto q̃ assi estaua esperãdo, & não podia ir pelejar com os rumes, peraque os mouros soubessem ho proposito que tinha mãdou hũa armada q̃ andasse esperando de Calicut ate Batecala & goardasse aq̃la costa: & por capitã mòr dela mãdou Pero barreto de magalhães, & os outros capitães erão Manuel telez barreto, Antonio do cãpo, Afonso lopez da costa, Felipe rodriguez, Aluaro paçanha, Pero cam, Luis preto, Payo de sousa, Diogo pirez, Simão martinz. E primeyro q̃ esta armada sayisse de Cochí sayo outra de Calicut que el rey mãdou a Diu a se ajuntar com Mirocem, a que cada dia hião muytos rumes, & outros mouros do mar roxo: segundo ho visorey teue por noua certa de Lourẽço de brito, a quem Timoja deu ho auiso. E esta noua pos ho visorey em grãde cuydado porque não tinha armada pa pelejar com a dos rumes, especialmẽte de naos grossas de q̃ ele tinha necessidade

& não ousaua de tomar nenhũa daqlas dos capitães mores por hirẽ carregadas:& porque era quasi na fim de Setẽbro & nã vinha a armada de Portugal. E estando coeste cuydado chegou hũa nao ḋ Portugal q̃ deu nouas das outras.

Capit. XCII. De como partio Iorge daguiar de Portugal por capitão mór pera ho cabo de Goardafum, & se perdeo: & das naos que aquele anno chegarão a India.

ESte anno de mil & quinhẽtos & oyto ouue el rey de Portugal por seu seruiço que ho visorey acabasse ho tempo da gouernança da India,& que ficasse em seu lugar Afonso dalbuquerq̃ como atras fica dito, que traria na India hũa pequena armada com ate quinhentos homẽs,que tantos lhe dezião que abastariã pera goardar a costa do malabar que não saisse dela nenhũa especiaria pera o mar roxo, & na vagante de Afonso dalbuquerque andaria outro capitão mór no cabo de Goardafum com hũa armada poderosa,cuja jurdição se estenderia ate Cambaya,isento em tudo do gouernador da India. Porq̃ tinha el rey por enformação que seria mais seruiço de Deos conquistar ho estreyto de Meca ꝑa destruyr a ley de Mafamede que a India,& q̃ assi ficaria ela goardada de não poderẽ os mouros ir lá por especiaria:& ho estreyto conquistado que era a fonte prĩcipal dõde eles manauão. E ꝑa capitão moor desta armada do cabo de Goardafum escolheo a hũ fidalgo de sua casa chamado Iorge daguiar,que hia em hũa nao chamada sam Ioão,em q̃ auia de ir ate Moçambique,& dali se auia a nao de ir à India pera leuar ho visorey pera Portugal, & por sota capitão de Iorge daguiar hia outro fidalgo seu sobrinho chamado Duarte delemos capitão de hũa naueta chamada sãcta cruz. Os outros capitães que auião de ficar com Iorge daguiar erão Tristão da silua que hia na nao Madanela que era de carga & auia de ir nela ate a India pera lhe ẽtregar ho gouernador as duas galés q̃ lá andauão,& assi outros nauios q̃ el rey assinaua pera os leuar a Iorge daguiar,& andar coele darmada. E assi Vasco da silueira que hia em hũ nauio chamado ho rosayro, & Diogo correa,& Pero correa seu hirmão:hia tambem por capitão Francisco pereyra pestana na nao Lionarda por capitão de Quiloa:& nesta nao auia deficar Iorge daguiar. Hião mais por capitães em naos de carga Vasco carualho em sctã Maria do castelo, Aluaro barreto em sancta Marta,Ioão rodriguez pereyra em bota fogo,Ioão colaço na judia. E primeyro q̃ esta armada partisse despachou el rey outra pera a India de quatro naos,cuja capitania mór deu a Diogo lopez de sequeira seu almotaçé mór ꝑa ir descobrir a cidade de Malaca onde tinha por enformação q̃ vinha muyto crauo,& drogas: & que de caminho descobrisse a ilha de sam Lourenço pera ver se auia hi prata & gigibre como disserão a Tristã da cunha,& se era cõueniẽte pera se fazer ali hũa fortaleza. E os capitães que hião coele erão Ieronimo teixeira,Gonçalo de sousa,& Ioã nunez:& partio de Lisboa neste ãno de mil & quinhentos & oyto a cinco dias Dabril,& Iorge daguiar partio a noue. E nauegando ele pelo val das egoas in-

do toda a frota em cõserua lhe deu hũa tormenta muy braua com que algũas das naos se espalharão:& hũa delas foy a de Frãcisco pereyra pestana que lhe quebrou ho masto grande com a braueza do vento,& por isso se tornou a Lisboa:donde despois partio a dezoyto de Mayo do dito anno,& foy inuernar ás ilhas primeiras trinta legoas a ré de Moçambique,& a capitayna arribou á ilha da madeira,por lhe arrebentar ho mastareo da gauia grande pera se ir hi aparelhar,& forão coela Tristã da silua & outras algũas naos.E aparelhado ho capitão môr partiose dali quarta feyra de treuas:& ainda na costa de Guiné se apartarão dele algũas naos com toruoadas.E seguindo daqui sua derrota indo na volta do cabo de boa Esperança pto das ilhas de Tristão da cunha,se achou com Aluaro barreto,& ao q̃rto da prima se leuantou hũ vento rijo com que a nao Daluaro barreto que era pequena não pode sofrer tantas velas como leuaua,& amaynou delas,& ficou a tras da capitaina que por ser grãde sofreo as velas,& nã amaynou.E indo por aq̃le rumo Aluoro barreto se achou em amanhecendo cõ as ilhas de Tristão da cunha & não vio mais a capitayna:seguindo as velas que leuaua indo tambẽ por aquele rumo poderia ir dar cõ algũa das ilhas ao quarto da modorra,& como fazia escuro não a veria,& q̃braria nela,& assi foy segundo despois pareceo.E das outras naos não ha mais q̃ cõtar,se não da de Vasco carualho que pera dobrar ho cabo de boa Esperãça se pos em quarenta & sete graos,onde no mes de Iulho achou tanta neue que com pâs a não podiã deitar fora da nao:& ho frio era tamanho em estremo que dele lhe falecerão oyto pessoas,que morrerão estando assentadas falando hũas cõ as outras:& daqui foy ter á Moçambique,& dahi a India,õde ate a entrada de Nouembro forão ter cinco naos de carga desta armada,& a derradeira foy Daluaro barreto,que passando per Moçãbique achou hi Duarte de lemos cõ os outros capitães que auião de ficar darmada,& lhe contou como se apartara do capitão môr,& lhe deu a rezão por que se temia de ser perdido:& por isso Duarte de lemos se deixou ali ficar ate ver daquilo mais certo recado.E Aluaro barreto se foy caminho da India onde chegou a vinte noue Doutubro do dito ãno,onde ja achou em Cochim os outros quatro capitães.s.Ioão colaço, Tristão da silua,Aluoro carualho,Ioão rodriguez pereira:& daq̃la armada nã se pdeo outra nao,se não a capitayna.

Capitolo.XCIII. De como houiso rey soube que elrey ho mandaua hir pera Portugal,& de como se partio pera Cananor.

PEr algũs destes cinco cinco capitães forã dadas cartas ao visorey delrey dõ Manuel de Portugal,em que lhe escreuia que auia por seu seruiço q̃ ele se fosse pera Portugal,& lhe sucedesse na gouernança Afonso dalbuquerque:& ho mais que auia de fazer saberia pola nao sam Ioão.E assi escreueo a Lourenço de brito capitã de Cananor,que entregasse a capitania a Afonso dalbuquerque,pera a dar a dõ Afonso de noronha.E per estas cartas soube ho visorey q̃ elrey ho mãdaua ir,& ho souberã todos os que estauão em Cochim.Os quaes,assi pelo amor que tinhão ao visorey,como pelo medo q̃

tinhão Dafonso dalbuquerque segũdo os males que ouuião dizer dele aos capitães que lhe fugirão Dormuz, se começão daluoroçar, & reqrer ao visorey q̃ se não fosse pa Portugal, posto q̃ viesse a nao em que ho el rey mãdaua ir: & ele respondia que não podia al fazer se nã comprir ao pé da letra o q̃ lhe el rey seu senhor mandasse. E por esta causa, & assi polo grande trabalho q̃ os Portugueses sofrião na India, muytos lhe pedirão licẽça pera se hirẽ pera Portugal nas naos que se carregauão, principalmente os q̃ tinhão acabado ho tẽpo de seus officios: antre os q̃ es foy dõ Aluaro de noronha capitão de Cochim, do q̃ pesou muyto ao visorey por ser pessoa de singular saber, & caualeyro muy esforçado em quẽ cõfiaua muito. E na sua vagante deu a capitania de Cochim a Iorge barreto crasto, por ter hũ aluara del rey, que a primeyra capitania q̃ vagasse no mar, ou na terra q̃ lha dessem: daq̃l dada Manuel paçanha se agrauou muyto. E mais porq̃ ho visorey lhe disse q̃ pois tinha acabado ho tempo da capitania Dãjadiua, q̃ lhe não podia dar mais tempo ho ordenado dela. E por isso lhe pedio Manuel paçanha licẽça pa se ir pera Portugal, porẽ despois reconciliarão & não se foy. E sabẽdo ho visorey como cada dia vinhã rumes a Diu, & a necessidade que tinha dalgũa nao grossa, vendo quãtas aqle anno vierão d̃ Portugal pareceolhe bẽ tomar algũa das del rey pera q̃ ficasse na India: o q̃ pos em conselho, & nele foy acordado q̃ se fizesse. E se assentou q̃ ficasse a nao Belẽ, de que era capitão Iorge de melo pereyra: q̃ folgou muyto de ficar vẽdo a necessidade que auia disso sem lhe lẽbrar o perigo de sua vida q̃ estaua tão certo. E carregãdose as naos que auião de ir pa Portugal chegou Nuno vaz pereyra capitão da nao Sancto spirito, q̃ era na ilha de Ceilão abuscar as parias, que dõ Lourẽço dalmeida assentara cõ ho rey desta ilha que pagasse a elrey de Portugal: & não trouue parias nẽ fez lá nhũ resgate q̃ não quis el rey por induzimẽto dalgũs mouros de Calicut q̃ hi estauão. Tambẽ neste tempo que era a q̃tro dias de Nouembro, foy dado recado ao visorey per hũ mouro mercador de Cochim, q̃ el rey de Coulão lhe pedia amizade, & que pagaria trezentos bahares de pimenta pela fazẽda que se lá perdera na nossa feytoria. E esta paz aceytou ho visorey cõ cõdição que lhe desse el rey de Coulão dous rubis muy ricos que tinha pa os mãdar a el rey de Portugal: mas isto não ouue effeyto. E despachadas sete naos da carga partirãse duas primeyro, de q̃ hia por capitão mór dõ Aluaro de noronha & cĩco despois de q̃ era capitã mór Fernã soarez. E vendo ho visorey que tardaua a nao em q̃ el rey ho mandaua ir determinou de não agoardar mais; & irse, porquãto ja as outras naos que auião de ir pa Portugal estauão quasi carregadas: & hũa delas era a de Tristão da silua, q̃ vẽdo como não vinha a ꝓuisam pa lhe darẽ as galés & nauios que auia de leuar ao cabo de Goardafum, disse ao visorey que se q̃ria tornar na nao em q̃ fora, & tornouse. E antes do visorey partir pa Diu ouue cõselho se indo de caminho daria em Calicut: & assentouse q̃ não por ho perigo ser grande & ho ꝓueito nhũ. E isto assentado partiose de Cochim pa Cananor a vinte cinco de Nouembro, onde achou Fernão soarez q̃ se estaua acabãdo de carregar, & aqui se deteue ho visorey esperãdo polas outras naos, & pa acabar de ꝓuer sua armada que

auia de leuar a Diu.

Capitolo XCIIII. De como Afonso dalbuquerque chegou a Cananor & mostrou ao visorey a prouisam q̃ tinha pera gouernar a India na sua uagante: & como ho visorey a não quis comprir.

PRoseguido Afõso dalbuquerque sua viagẽ pa India, aos vinte oyto dias de Nouembro foy auer vista dela, & a primeyra terra que vio forão os ilheos de Barecalà, õde dõ Antonio tomou hũa nao de mouros q̃ vinha das ilhas de Maldiua, & dalí a leuou à toa ate Cananor, onde chegarão hũa terça feira cinco dias de Dezẽbro. E em descobrindo Cananor foy grãde aluoroço, assi na armada Dafonso dalbuquerque, como na do visorey, cuydã do hũs dos outros que erão rumes. E lógo ho visorey se fez à vela cõ sua armada, & sayo da ponta contra Afonso dalbuquerque pelo que cuydaua. E ele cuydando ho mesmo se começou de fazer prestes pera pelejar, com quanto não trazia mais de tres nauios. E ho visorey chegou à meo caminho de mõte Deli, donde se tornou conhecendo que erão velas Portuguesas: & os Dafonso dalbuquerque repousarão da sospeyta que leuauão. E ele como soube que alí vinha ho visorey mandou emrolar a bandeira que trazia na gauea, & saluou ho com sua artelharia & trombetas: ho visorey lhe mãdou respõder pela mesma maneyra, & ho mãdou logo visitar & cõuidar pera a cea, o que Afonso dal buquerque fez como surgio: & foy recebido do visorey com muyto prazer, & despois de cea se tornou a dormir a sua nao. E ao outro dia indo a terra ouuir missa com ho visorey pera jantar coele soube dos capitães que aquele anno vierão de Portugal, & assi de Loureço de brito a carta que tinha del rey pera entregar a fortaleza a dom Afonso de noronha, ou a Afonso dalbuquerq̃ se ele não esteuesse na India. E assi em acabã do de comer ficãdo sô com ho visorey ele lhe disse como el rey ho mandaua ir aquele anno pera Portugal, & que lhe entregasse a gouernança: & isto era em hũ capitulo dhũa carta missiua, porque na nao sam Ioão vinha a via em que vinha tudo o que se auia de fazer, & a nao pera se ir nela: & que se a nao viesse que ele se hiria pois lho el rey mandaua. Ouuido isto per Afonso dalbuquerque determinou de mostrar a prouisam que tinha, & requerer ao visorey que lhe entregasse a gouernãça da India, & se fosse: & mandando à não por a prouisam, pedio a Lourenço de brito, Fernão soarez, & a Ruy da cunha q̃ fossem coele ao visorey pera perãte eles & Dãtonio de Sintra, que seruia de secretario por Gaspar pereyra que ficaua em Cochi lhe dizer hũa cousa que compria a seruiço del rey: & eles forão à nao onde ho visorey estaua aquẽ Afonso dalbuquerque disse q̃ ele tinha dito que el rey seu senhor ho mãdaua ir pera Portugal, & que ele ficasse por capitão mór & gouernador da India: ao q̃ ho viso rey respondeo que era verdade que em hũ capitulo dhũa carta geral lhe dizia que auia por bem que aquele anno se fosse pera Portugal: & com tudo que aquilo não fazia ao caso porque ele mãdaua a nao sam Ioão em que vinha a via do q̃ se auia de fazer, q̃ se viesse veria o q̃. S. A. mandaua, & assi ho faria. Deu entã

Afonso dalbuquerq̃ a sua ꝓuisam a An tonio de sintra, & disselhe que a abrisse por virtude do sobrescripto q̃ dezia q̃ se abrisse aq̃la prouisam quãdo Afõso dalbuquerq̃ ho requeresse: & isto era assinado cõ ho sinal del rey de Portugal, & a ꝓuisam vinha çarrada & asselada. Abrio Antonio de sintra a ꝓuisam que era pelo teor da do visorey, & com ho mesmo ordenado q̃ erão seyscẽtos mil rs cadano, & que empregasse dous mil cruzados despeciaria cadãno carregados ao meyo: & q̃ quãdo fosse ꝑa Portugal podessẽ carregar despeciaria a camara do cirne de q̃ pagaria em Portugal q̃rta & vintena. Lida a ꝓuisam per Antonio de sintra, ho viso rey disse o q̃ ja tinha dito. Evẽdoo Ant. de sintra agastado disse, q̃ ainda q̃ aq̃la ꝓuisa viesse çarrada, & fosse vista, q̃ se calasse, & q̃ ele a tornaria a çarrar como vinha. Ao q̃ Afõso dalbuquerq̃ respõdeo q̃ se ele aquilo costumara & costumaua q̃ não queria que ho costumasse naquela ꝓuisam, porq̃ os poderes & prouisões de S. A. quãdo se abriã não se auião de tornar a cerrar sem ho ele mandar. Respõdeo então ho visorey q̃ ele estaua de caminho cõ ajuda de deos ꝑa ir pelejar cõ a armada do soldão q̃ estaua ẽ Diu, ou onde quer q̃ a achasse: aqual esperaua ẽ deos de desbaratar, & vingar a morte de seu filho, onde espaua de fazer muyto seruiço a deos & a el rey: & q̃ ainda corria ho tẽpo de sua gouernãça ate todo janeyro q̃ra ho tpõ q̃ as naos da carrega tinhão pera poderẽ ir a Portugal, & q̃ ainda estauã na entrada de Dezẽbro. Afonso dalbuquerq̃ lhe disse q̃ q̃nto ao que dezia que queria esperar pela nao sam Ioão pera fazer o q̃ el rey mandasse, que isso era escusa ꝑa o nã fazer, pois ho não fazia mandandolho el rey duas vezes, hũa na sua prouisam, outra na carta q̃ dezia que lhe escreuera, a q̃l chamaua geral, que sendo del rey não mõtaua mais ser geral que especial ꝑa se auer de fazer o q̃ nela mãdasse, q̃nto mais que a vinda da nao estaua muy incerta de ser aq̃le ãno porq̃nto nã tinha vindo ate li, sendo todas as outras naos vindas auia tanto. E quẽ seq̃ria cõprir ho mãdado del rey, tinha ali & em Cochĩ cinco naos de carga, & Belẽ que viera ho outro anno q̃ era de .cccc. toneis, ẽ que podia ir bẽ agasalhado, & leuaria as outras debaxo de sua capitania, & q̃ ele iria pelejar cõ a armada do soldã, & vingaria a morte de seu filho. E cõ tudo ho viso rey respõdeo q̃ não auia de ir sem vir a não sam Ioã ꝑa saber inteiramẽte o q̃ el rey mãdaua q̃ fizesse. Afonso dalbuquerq̃ disse que ja tinha dito o q̃ auia de dizer, & recolheo sua prouisã, dizẽdo a Antonio de sintra q̃ fizesse assento do q̃ requerera ao viso rey, & assi foy feyto, & nã quis gastar mais pratica sobre aquilo que vio q̃ era por demais: porẽ ofreceose ao viso rey pera ir coele naquela viagẽ: & ele não quis, dizẽdo que vinha cãsado, que seria bẽ descãsar ali em Cananor, onde ficaria na fortaleza, porq̃ Lourẽço de brito folgaria de ir co ele, ou ẽ Cochĩ. Afonso dalbuquerque disse que como não fosse cõ sua señoria que antes queria ficar em Cochim.

Capit. XCV. Como se Afonso dalbuquerque partio pera Cochim, & pera Portugal os capitães das naos de carga.

ASsentado isto disse ho viso rey q̃ fossem coele Martĩ coelho, e dõ Antonio nos seus nauios, & assi Francisco detauora na sua nao q̃

chegou dous días despois Dafonso dal buquerque,& trouue hũa carta de dom Afõso de noronha ao visorey em q̃ lhe screuia como ficaua muyto doẽte,& cõ grande necessidade de mantimentos, pedindolhe que ho socorresse coeles. E logo ho visorey quisera mandar hũ nauio cõ mantimentos a socorerlhe, mas dissélhe Afonso dalbuquerque que não mandasse:porq̃ ate todo Ianeyro erão tamanhas çarrações de neuoa sobre a ilha q̃ a não poderiã topar:& q̃ ate entã se poderia soster a gẽte da fortaleza cõ ho mantimento q̃ lhe deixara,que era milho & tamaras. E praticãdo se sobre esta fortaleza quão sem proueito era,& quão mao conselho fora poerse ali gẽte conselhauão Lourenço debrito & Fernão soarez ao visorey q̃ a mãdasse derribar:ele disse que ainda q̃ lhe assi parecia q̃ ho nã auia de fazer pois lhe elrey não mandaua q̃ ho fizesse. E vendo ele como Afonso dalbuquerq̃ auia de ficar em Cochi,& parecẽdolhe q̃ ho requerimento q̃ lhe fizera delhentregar a gouernança era cõ necessidade de dinheiro,ou quiça por ho afagar lhe mandou dizer por Antonio de sintra,q̃ do ordenado & quintaladas q̃ ele visorey auia dauer aq̃le ãno,lhe aprazia darlhe o q̃ lhe el rey ordenaua pa quãdo teuesse ho cargo de gouernador da India: o q̃ Afonso dalbuquerq̃ lhe mandou ter muyto em merce & ho visorey, o qual screueo ao feytor de Cochi que lho desse:& assi a Iorge barreto q̃ se Afõso dalbuquerq̃ quisesse pousar na fortaleza, q̃ ho agasalhasse. E antes q̃ Afonso dalbuquerq̃ partisse pa Cochi:mãdou ao visorey duas perlas muito ricas que lhe Cojeatar dera em descõto dalgũa parte das pareas que auia de dar. E ho visorey preguntou a Gaspar o q̃ fora judeu que valião,& ele disse que muytas vira, mas não taes,nẽ de tanto preço: & que lho não sabia poer porq̃ valião o q̃ lhe posessem. E ho visorey tornou a mandar as perlas a Afonso dalbuquerq̃,dizendo que as mãdasse a el rey se lhe bẽ parecesse:& ele as ẽtregou a Fernão soarez & assi os q̃tro frecheiros q̃ tomou sobre Ormuz como atras disse,os q̃es lhe deu vestidos de cabayas de borcadilho carmesim,& seus carapuções de cetim carmesim,& suas fotas finas & adagas ricas,cõ baynhas de prata anilada & dourada:& assi erão as baynhas das limas das frechas,& as citas:& lhe deu mais hũ fio de cõtas daljofar grosso pa a raynha. E isto ẽtregue partiose pa Cochim leuando Nuno vaz na fusta:& fazia ho cirne tanta agoa que lhe entrauã peixes pelas costuras,& seys bõbas lha não podião q̃ si vencer a agoa,& leuaua por popa a nao que dõ Antonio tomou aos ilheos de Batecalà,pa se partir em Cochim a carga q̃ leuaua. E atraues de Panané o alargou cõ hũ terrenho q̃ lhe deu:& chegado a Cochi não quis pousar na fortaleza,por não pousar cõ Iorge barreto,por algũa desauença q̃ auia antreles,posto q̃ lhe acõselharão q̃ se a pousẽtasse nela,porq̃ steuesse de posse q̃ndo ho viso rey viesse, porẽ não quis & agasalhouse em hũas casas de Antonio real. E logo mãdou fazer outras pa pousar cõ os seus: & mãdou as cercar a redor dhũa estacada forte. E como Gaspar pereira soube a prouisam q̃ trazia, porq̃ queria mal ao viso rey se ajũtou co ele,dizẽdolhe q̃ seria đ sua parte,& lhe ajudaria a req̃rer ao viso rey q̃ lhe desse a gouernãça. Mas afonso dalbuquerque disse q̃ não tinha necessidade dajuda. & despois đ partido Afõso dalbuquerq̃ pera Cochim, se partirão os capitães

que hião pera Portugal, & perderanse Fernã soarez & Ruy da cunha q̃ nũca mais parecerão, & os outros chegarão a Portugal no ãno de noue & todas passarão se não Tristão da silua que inuernou em Moçambique.

Capitolo. XCVI. De como ho uisorey partio pa Diu em busca dos rumes: & de como chegou á cidade de Dabul.

PArtidas as naos pa Portugal, partiose ho visorey pera Diu em hũa segunda feira que forã doze dias de Dezẽbro de mil & quinhẽtos & oyto, leuou dezoyto velas. s. cinco naos grossas de q̃ erão capitães Ioão da noua, esta era a capitayna, Iorge de melo pereyra, Nuno vaz pereyra, Francisco de tauora, Pero barreto de magalhães. E quatro nauios de gauea, de que erão capitães Garcia de sousa, Manuel telez barreto, dom Antonio de noronha, & Martim coelho. E quatro carauelas redondas, de que erão capitães Antonio do campo, ho comẽdador Ruy soarez. Felipe rodriguez, & Pero cã. E duas carauelas latinas, capitães Aluaro paçanha, & Luis preto. E duas galês, capitães Payo de sousa, & Diogo pirez. E hũ bargatim de q̃ era capitão Simão martinz. E em todas estas velas irião mil & duzẽtos homẽs, pouco mais ou menos. Partido ho visorey de Cananor, foyse dereito a Batecalá e surgio na barra por amor de Timoja que lhe mãdou pedir que ho fauorecesse contra el rey de Batecalá q̃ lhe fazia guerra: & despois se concertarão, & por isso ho visorey não teue que fazer: & dali se foy a Honor onde se Timoja vio coele, & lhe leuou grandes presentes de refresco. E neste rio forão queymados certos paraos de Calicut p Payo de sousa & Simão martinz, que ho fizerão per mandado do visorey, & matarã obra de dozẽtos mouros q̃ goardauão os paraos. E daqui foy ho visorey á Anjadiua a fazer agoada: & porq̃ ele presumia q̃ poderia achar a frota dos rumes no caminho, teue aqui cõselho do modo que teria em lhes dar batalha. E assẽtou que ou os achasse no caminho, ou em Diu, q̃ ele fosse ho primeiro que abalroasse cõ a capitayna; & que ẽ sua cõpanhia iria ho comẽdador Ruy soarez, q̃ fora criado đ seu irmão dõ Diogo dalmeyda prior do crato. E q̃ se a peleja fosse em Diu da barra pa dentro, que fosse diante dele sondando Diogo pirez na sua galé, por amor do baixo. E coesta determinação partio Danjadiua, & indo na volta de Dabul onde auia de dar pera começar de mostrar aos mouros a vingança q̃ auia de tomar pela morte de seu filho, parecendo mal aos capitães ser ele ho primeiro que cometesse os immigos porque ho poderião matar, por sempre naqueles primeyros impetos ser ho mayor perigo das batalhas, & que morrẽdo ele posto que os immigos fossem vencidos ficauão os nossos deshonrrados: & mais perdiase ho estado da India, se ajuntarão todos os capitães & forão a capitayna, & Antonio do campo por ser ho mais velho propos ao visorey em nome de todos o que querião, dando as rezões q̃ digo, & outras muytas pa que não fosse na dianteira. E ele com as lagrimas nos olhos do cõtẽtamẽto de ver ho amor q̃ lhe tinhã, & da lẽbrãça da morte de seu filho lhes disse, que bẽ sabia ho grãde amor q̃ lhe tinhã, & q̃ deos sabia ho cõtẽtamẽto q̃ teria morrẽdo ás mãos dos q̃

matarão seu filho: porque esperaua de vingar primeiro muy bẽ sua morte: & pois lhe eles punhão diante ho estado del rey de Portugal, que por isso deixaria a dianteira que lhe tinhão dado, & a daua a Nuno vaz pereira: & que depos ele fosse Iorge de melo pereira: a quem seguiria Pero barreto de magalhães, & despois os outros. E indo assi caminho de Dabul, sahio Payo de sousa ẽ hũ lugar de mouros a fazer carnajem sem licença do visorey, & no lugar acertou de star hũ capitão com muyta gente que sayo de supito a Payo de sousa, que foy morto na peleja & sua gente desbaratada. E ꝑ morte de Payo de sousa deu ho visorey a capitania da sua galé a Diogo pirez: & a de Diogo pirez a hũ Diogo mẽdez que vinha prouido dela de Portugal pera andar darmada com Iorge daguiar. E daqui foy ho visorey a portar a cidade de Dabul a trinta de Dezẽbro, que he no reyno de Daquem, & está ẽ dezoyto graos da bãda do norte, situada ao pé de hũa serra em terra de pedra ao longo de hũ fermoso rio q̃ se alí vay meter no mar de largura de tiro de bombarda. Tẽ esta cidade de comprimento tanto espaço como da porta da cruz de Lisboa, ate os fornos da cal de boa vista: & de largura como da porta da ribeyra à porta de sancto Antão: da bãda do rio estaua toda cercada de hũa tranqueyra de madeira muyto larga de duas faces, & entulhada darea com portaes per que se seruia muyto bẽ artilhada, & cercada de caua. Na entrada da barra tinha hũ baluarte muyto forte com artelharia: & na largura do rio ate ho meo dele da bãda do norte está hũa baixa darea, que de baixa mar fica em seco, & por isso os q̃ entrão se encostão a bãda do sul: & a fora a fortaleza da cidade tinha aqui ho Hildação señor do Balagate cuja era, hum capitão mouro muyto valente caualeyro cõ quinhẽtos turcos de peleja, & da gente da terra teria seys mil homẽs, & os mais destes frecheiros: & no porto estauão q̃tro naos grãdes delrey de Cambaya em q̃ tambẽ auia muyta gẽte de peleja. He esta cidade muyto viçosa d̃ pomares & hortas, em q̃ a assaz de chorros de muyto gentil agoa, que decem da serra. E na cidade ha muytos nobres edificios de casas de pedra & cal & de mezquitas: he pouoada de muytos mercadores & por isso he de grãde trato, & he muyto abastada de mantimentos, que lhe vem da carreto, que os não ha na terra por ser serrania. Ho capitão como soube q̃ ho visorey vinha confiado na fortaleza da cidade & na muyta gente q̃ tinha, mãdou trazer pera ela a sua prĩcipal molher que estaua fora, & assi ho seu tesouro. E mandou apregoar q̃ sopena de morte, & perdimento da fazenda ninguẽ fosse ousado de se sayr da cidade.

Capitolo. XCVII. De como ho visorey peleiou cõ ho capitão de Dabul & o desbaratou & q̃ymou a cidade.

Surto ho visorey na barra de Dabul, mãdou sõdar ho porto da cidade aq̃la noyte, & sabida sua disposição, determinou de dar nela ao outro dia como a marê começasse dencher. E antes de a cometer estãdo jũtos os capitães da frota & assi fidalgos & pessoas principaes de la lhes disse. He cõpanheyros muyto necessario q̃ não sòmẽte saybão os rumes, q̃ sẽdo nos tão poucos & eles tãtos os temos ẽ tã pouco q̃ os himos buscar: mas que nos temos por tão valẽtes que

posto que himos pelejar coeles não estimamos estoutros:& por isso queria eu com ajuda de nosso senhor & vossa, q̃ tomassemos esta cidade,em que a fora ganhardes seruir a Deos & a el rey, & alcançar honrra & fazenda,ganhais espantar estes imigos que himos buscar, que certo ficarão muy espantados,sabẽdo que sabeis vos que estando eles tão poderosos & soberbos com a morte de meu filho & dos outros,quereis indo os cometer mostrar primeyro vossas forças em outras empresas:pelo q̃l vos rogo muyto que sintã agora os cães desta cidade em vos tamanho esforço, que estoutros que principalmente himos buscar percão o que tẽ pera nos empecer: & crede q̃ daquisse ha de começar nossa vitoria.E despois de nos a nossa artelharia fazer o caminho pa sayrmos, eu por hũa parte & Pero barreto pela outra leuaremos a dianteyra,& mostraremos aos mouros o que ha em nos:& espero em nosso senhor que não ousem de nos agardar.Isto assentado cada hũ dos capitães se tornou a seu nauio,tẽdo os todos embãdeirados & apadessados & os bateis fora. E como a viração começou se fizerão todos à vela & entrarão no rio,as galés diante:& a pos elas as carauelas latinas,& despois os nauios redondos & as naos,& os nossos hião todos armados & prestes pera em surgindo desembarcarem logo.E ho visorey tinha mandado que ninguem pojasse em terra ate ele não desembarcar com a bandeira real,& emparelhãdo as galês com ho baluarte & com a trãqueyra deixarãse vir dambos hũa grande coriscada de pelouros de bombardas que logo começarã de jugar,& tudo se começou de cobrir de fumo:& as galés ardiã em fogo dos muytos tiros que tirauão & ajuntandose coelas as carauelas & as naos q̃ não tardarão muyto,fazião treme a terra & ho mar com ho grande estrondo da artelharia.E em quãto ela jugaua ho visorey desembarcou defrõte da mayor força da artelharia que lhe não fez nenhũ nojo,porem fezlhe algũ a gente das quatro naos de Cambaya com muytas frechas que tirauão:& cõ tudo os nossos leuarão ho baluarte nas mãos:ho capitão da cidade sayo a receber ho visorey fora da tranqueyra com toda sua gente,de que a mais erão frecheiros:& coeles por desprezo dos nossos vinhão hũs sete mouros(que parecião honrrados)em andores com seus sombreiros de pé.Ho visorey quando os vio olhou pera algũs dos nossos,dizendo que aquilo era pronostico da vitoria que nosso senhor lhes auia de dar, & por aqueles mouros terem certo que auião de ser vencidos vinhão assi de festa. E com muy grande impeto ele por hũa parte & Pero barreto pela outra derão Santiago com sua gente nos immigos:& os primeyros que morrerão forão os dos andores,& cõ sua morte os outros começarão de fugir por aquela parte:& com sua fugida desordenarão os que pelejauão com Pero barreto:& ficando no campo algũs mortos & feridos,os outros fugirão pera a cidade:& ho visorey com todos os nossos entrarã coeles,& os seguirã ate as casas do capitão,o q̃ se soube q̃ foy dos primeyros q̃ fugio da batalha,& se acolheo à serra,& a molher que hia a pos ele em hũ andor foy tomada dos nossos junto das casas,& logo foy morta pela gente miuda,que não perdoaua a nenhũa idade assi polas casas como pelas ruas.E algũs auia que tomauão os meninos dos colos das mãys pelas pernas, & da-

nã coeles nas paredes, & assi os matauã: finalmente que nenhũa cousa viua dey xauão com vida. Dõde antre os indios nacco aquela maldição que dizem a ira dos frãgues venha sobre ti. E desta ira he a primeira cousa que os mercadores rogã a deos que os liure. Durou esta re uolta ate sol posto, & forã mortos muy tos mouros, posto que pelejarão valẽte mente, & dos nossos nã falleceo nenhũ: & por ser tarde nã quis ho viso rey pas sar da cidade, & recolheose a hũa mez quita com sua gente, & ali se fez forte, & armou muytos caualeiros por hõrra daquele feyto. E por seu mãdado os ca pitães como foy manhaã fizerão estã cias nas bocas das ruas pera se defende rem se os mouros tornassem: & feytas soltou cada hũ vinte homẽs por cada rua pera as roubarẽ: & tudo quanto to mauão leuauã à praya, pera se meter ẽ hũa nao, & ser despois repartido. E assi roubarão as quatro naos de Cambaya em que forão tomados algũs mouros q̃ ho viso rey mandou goardar: & as naos forão queymadas. E dizem que despo ys que ho viso rey vio roubada grã par te da cidade, & q̃ auia muyto mais por roubar, temẽdo q̃ toda a gẽte se não des mandasse a roubar, & viessem os mou ros, & os achassem embaraçados cõ ho roubo, & se vingassem, como se ás ve zes acontece, mandou secretamẽte po er fogo à cidade, com que foy q̃ymado tudo o que estaua por roubar. E ho viso rey por dessimular, mostrou pesarlhe do fogo: & pos diligencia em saber quẽ ho posera. E dizẽ que a fazenda q̃ se q̃y mou valeria hũ conto douro, a fora to das as casas que arderão: & forão quey mados muytos mouros que jaziã nelas escõdidos, & assi molheres & meninos & outros sayão meos queymados q̃ fo rão mortos pelos nossos: & tambẽ ardeo hũa estrebaria do capitão em que esta uão sessenta caualos selados, & outros muytos que arderã em outras casas: & despoys que a cidade acabou de arder, tornarão os nossos a rebuscar a cidade, & ainda em couas & em poços acharão muyta riqueza q̃ os mouros tinhão hi metida antes da peleja: & tambẽ foy re colhida a artelharia da trãqueira, & do baluarte. E despois foy ho visorey a ser ra a pelejar com os mouros que se lá aco lherã, & pos os seus ẽ fieyras adargados & detras de cada fieira certos bésteiros os quaes indo assi fizerão grande dano nos imigos, por mais pedradas & lãça das que tirauão de cima: & fizerã nos fu gir, & saquearanlhe as casas q̃ la tinhão & queymaranlhas. E por algũs catiuos que se aqui tomarão dizerẽ ao visorey que dali a cinco legoas pelo rio acima es taua hũ lugar grande & rico, foy lá nas galés, & no bargantim: & não achando tal lugar se tornou: & da volta queimou muytas aldeas que estauão ao longo do rio, & forã mortas muytas vacas que se trouuerão ás naos. E aqui lhe foy dada hũa carta de Meliquiaz em q̃ lhe pedia amizade, & outra dos nossos q̃ estauão catiuos em Diu, em q̃ escreuião ho bõ trato q̃ lhe dauão, & a determinaçã de Mirocẽ.

Capitolo. XCVIII. De como ho ui so rey fez tributario delrey de Por tugal a Niza maluco señor de Cha ul, e o q̃ mais fez ate chegar a Diu.

Acabadas todas estas cousas cõ tanta hõrra, ho viso rey se partio de Dabul a cinco dias de Ianeyro, de. M. & D. & noue, & porque determinaua de

apertar cõ Nizamaluco sñor de Chaul que pagasse parias a el rey de Portugal: porque se não deteuesse lhe mãdou dizer diante por Pero barreto de magalhães q̃ lhas teuesse prestes.s.trinta mil cruzados a dez mil por anno. E não podendo Nizamaluco auer tanto dinheiro, & escusandose que ficaria a terra de todo destruida. Assentou com ho visorey quando chegou que se contentasse com dous mil cruzados por ãno, porq̃ ainda isto não podia bẽ suprir a pobreza dos mercadores, de quẽ auia de tirar aquele dinheiro, pera o que pedio prazo de seys dias, & a fora os dous mil cruzados de parias cadãno: ele seruiria a el rey de Portugal como leal vassalo, & cada vez q̃ hi fossem suas armadas lhes daria mantimentos, & se obrigaria a fazerlhe cõprar das mercadorias de Portugal dez mil cruzados cadano: & que não tinha rezão de lhe fazer mal por ter seguro de seu filho dom Lourenço. E ho visorey se contentou das parias cõ as cõdições que ho Nizamaluco dizia: & quãto ao seguro de seu filho que lho mostrasse & q̃ ele lho goardaria. E por Nizamaluco pedir espaço pera mãdar por ele onde ho tinha, & se fazer tarde ao visorey pera sua viagem, não quis esperar & lhe mandou dizer que lhe teuesse tudo prestes pera quando tornasse de Diu. Do q̃ Nizamaluco ficou espantado ter tamanha confiança q̃ auia de tornar indo pelejar com homens q̃ estauão tão poderosos como os rumes: & isto soou pela terra. E partindo daqui ho visorey foy ter ao rio de Mãy, hũ domingo vinte hũ de Ianeyro: & este rio he na costa de Cãbaya: & logo hũ pouco a diante pela entrada estauão duas pouoações, hũa da banda do norte, outra do sul; & esta era mayor que a outra, & tinha hũa fermosa muralha. Ho visorey porq̃ estes lugares erão del rey de Cambaya com que desejaua de fazer amizade não lhe quis fazer guerra & mandou lá da boca do rio a Diogo pirez q̃ por seu dinheiro pedisse naq̃les lugares lenha agoa & arroz, ou a troco de mercadorias, & Diogo pirez achou despejada a pouoação da banda do norte, que ho medo da nossa armada & ho que fizera em Dabul a fez despejar, & foyse a banda do sul que tambẽ estaua despejada: mas ainda hi achou ho capitão a que deu ho recado do visorey: & ele se escusou dizendo que não tinha arroz: porem que mãdaria fora por algũ. E parecendo ao visorey que aquilo era malicia, desembarcou no lugar, õde nã achou gente nem mantimentos, se não algũas vacas que mandou matar: & vio acerca do lugar que era larga, & tinha portas muy fortes lauradas de cãtaria: & dela auia no lugar muytos edificios, principalmente hũa muyto grande & fermosa mezquita com adro ao derredor como as nossas igrejas, em q̃ aueria cem mil cabeceiras, E ãdãdo os nossos a pos as vacas por palmares que hi auia acharão muytas casas, & mezquitas cõ muytas cabeceiras, & letreyros nelas muy bem feytos. E preguntando ho visorey a causa disso a algũs mouros catiuos disserã lhe, que naquele lugar auia scripturas antiquissimas que ho capitã tinha em grande estima, em que dizia, q̃ Hercules ho grande viera ter a aq̃la terra, onde ouuera duas grandes batalhas campaes com ho rey dela: & que dos que morrerão dambalas partes q̃ forã muytos, ficarão aq̃las cabeceiras q̃ vião, q̃ de geração em geração forão sempre goardadas cõ muyto acatamẽto. Eu vi estas cabeceiras indo cõ Nuno

da cunha a primeyra vez q̃ foy a Diu, & quasi que diziāo isto algũs homens daquela terra. E estando ho visorey pa se partir, se lhe mandou desculpar ho capitão del rey de Cambaya de quam descortesmente ho fizera coele: & que se achaua muy corrido de ho nã poder seruir com arroz porque não tinha mais que hũ pouco que lhe mandaua, com quatro carneyros, & algũas laranjas. O que ho visorey lhe mãdou muyto agardecer: porque era grãde amigo del rey de Cambaya: & mãdou vestir ho mouro que lhe trouue ho presẽte, & deulhe pera ho capitão doze couados de graã, & cinco de cetim amarelo, & hũ barrete vermelho: & mais lhe mandou hũa carta pera el rey de Cambaya. E feyto isto se partio pera Diu.

Capi. XCIX. De como indo ho uisorey desesperado de aferrar Diu, foy ter ao seu porto: & de como Meliquiaz conselhou a Mirocem que nã sayße da barra de Diu a peleiar com ho uisorey: & do mais que se fez este dia.

Por ser enformado q̃ dali pera Diu era boa nauegação ir ao longo da terra mandou ir toda a frota ao lõgo dela, indo sempre os pilotos sondando porque não dessem em seco: porem surdia a frota muy pouco, ou nada por ventarem ja os noroestes q̃ erão por dauante. O que vẽdo os pilotos disserão ao visorey que daquela maneyra não poderião chegar a Diu, que pera poderem ir era necessario empegarẽse & assi ho fizerão: & com os ventos que erão rijos & as correntes rijas engolfaranse no mar muyto mais do que quiserão. E fazẽdo volta á terra pera saberẽ quanto estauão dela não ho podião saber: & a rezão era porque a costa se corre de norte a sul, & ho mar ficaua leste hoeste cõ a terra, & porque dhũ ao outro se não pode tomar altura por a não auer não a podião eles tomar, & como a não tomauão não podião saber onde estauão: & pelo muyto que se tinhão en pegado lhes parecia que tinhão escorrido Diu, & q̃ era impossiuel aferralo daq̃la volta, & assi ho disserã ao visorey: do que ele ficou assaz agastado, & chamou a conselho. Em que ouuidas as rezões que os pilotos dauão pera daquela volta não poderem aferrar Diu, & pera ho terem escorrido: & por ser ja na boca do inuerno ẽ que a frota se se detevesse muyto em tornar à India corria risco de lhe dar hũa toruoada & perderse. E mais porque sendo caso que os rumes fossem em busca do visorey com a fama do que ele fizera em Dabul não auião dousar de ho esperar no mar, & se meterião em algũs esteiros õde a nossa frota não podesse ẽtrar coeles, & por isso não lhe auia daproueitar achalos: assi que per todas estas rezões era bem tornarse. E espalhandose esta noua pela nao hũ piloto mouro que hia nela catiuo, daqueles q̃ forão catiuos em Dabul, ouuindo q̃ ho visorey se queria tornar por se os seus pilotos não atreuerẽ a ir a Diu, lhe mandou dizer que se ho aforrasse que ele ho leuaria: o que ho visorey lhe ꝓmeteo, & alem disso de lhe fazer merce. E ho mouro mandou gouernar a sueste que era ho rumo q̃ seruia pera a nauegação de Diu, de que ho mouro disse que não estaua longe. E assi foy que aos dous dias de Feuereyro, que era dia da purificaçã de nossa seño

ra pola menhaã, bradou ho gajeiro da gauia da nao do visorey, dizendo que via hũa cidade ẽ terra,& naos ao mar dela:& ho mouro disse q̃ era Diu. Cõ a qual noua se leuantou grande grita de prazer ꝑ toda a frota;& ho visorey mã dou logo dizer a salua:& forão dados muytos louuores a nosso senhor pola merce que lhe fizera, que todos hião muyto tristes por se tornarẽ sem pelejar com os rumes. E nisto pareceo clara mente Diu;& as naos que estauão ao mar:& quanto mais se chegauão a ela, tãto mais se enxergaua dela a nossa frota, que logo foy conhecida: porque cada dia esperauão por ela, que bẽ sabia Mirocem que vinha ho visorey,& o q̃ fizera em Dabul. E dizia ele mil rebolarias contra ho visorey, tachãdo os de Dabul de fracos & couardos:& isto de muyto confiado no poder que tinha no mar q̃ erão passante de cẽ velas. S. a sua armada era de tres naos & tres galeões & seys galés, em q̃ auia. xx. peças dartelharia grossa a fora a meuda,& q̃tro naos muito grãdes de mouros d̃ Cãbaya. E hũa delas era de Meliq̃az mais forte que hũa fortaleza & toda çarrada por cima que se não podia entrar senão pelas portinholas;& a fora ter muyta artelharia estauão nela. cccc. homẽs brãcos q̃ todos forã capitães de Miliquiaz. As outras velas erã as suas fustas,& para os de Calicut que per todos chegauão a cento,& nenhũa não decia de tres quatro bombardas,& muytas delas grossas. Os rumes erão oytocentos & todos muy bem armados de sayas de malha fina,& laudeis de laminas de ferro & de cornos de bufaros, & outra muyta gente branca do mar roxo,& abexins: & desta era a mayor parte das fustas de Meliquiaz, que na India he gente de preço,& q̃ se estima muyto ꝑa a guerra. Pois os malabares tambem erã gẽte de feyto: & assi hũa, como outra era sẽ conto, não somente no mar mas em terra. E por isso Mirocem como vio a frota do visorey lhe quisera logo sayr ao encontro. E Miliquiaz como era muy sesudo,& nã lhe faltaua nada pera ser mais esforçado q̃ ele, lhe fez hũa fala, dandolhe conselho per ante os seus capitães,& ho del rey de Calicut, & outros mouros principaes, dizendo, Se pelas mostras que fazemos se julga o q̃ temos na vontade, pelas que eu fiz em te ajudar contra os frangues, deues de crer que me não falece desejo pera os destruir & desarreygar da India,& pera te ajudar a fazelo: por isso deues de crer que o que te agora acõselhar mais he por desejar a honrra & proueito dãbos de dous, que por querer poupar os frãgues, com os quaes he meu parecer que se não deue de pelejar, eu não digo tu soo com tua frota mas todos juntos, porque se como prudẽte te queres aproueytar da experiencia (que he a q̃ nos ensina) jà a tens da valẽtia dos frãgues quando em Chaul te tinhão desbaratado,& se eu não socorrera te destruyrão de todo,& viste que despois ho seu capitão môr pelejou soomente cõ sua nao com toda a nossa frota,& os que estauã nela que erã tão poucos como sabes nos deitarão fora dela quatro vezes,& pelejarão com tanto esforço que quasi todos morrerã defendendose: & os q̃ tomey foy mais por falta de forças que de coraçam,& esta he a verdade. Pois se tu isto viste, como q̃res agora pelejar cõ hũa frota tão auantejada como esta vem da queloutra, com hũ capitão moor tão esprementado nos feytos das armas,& tã magoado da morte dhũ soo filho que ti

nha,& tanto pera sentir:& que quãtos ho acompanhão vem tambem magoa dos. E posto que não tanto despois dẽ uoltos na peleja ho feruor dela lhe acen derâ a yra, lembrandolhe a deferença de nossa ley & da sua:& que nos fomos os que matamos a seus naturaes. O que por ventura despois que foy a destruyçam da nao em Chaul trazem tanto na imaginação que mouidos dela vem determinados de vencer ou morrer:& se não vẽ o q̃ fizerão em Dabul, pelo q̃l meu conselho he que se não deue de pelejar coeles senão estarmonos quedos, & se eles quiserem entrar comnosco defendermonos. Mirocem disse que seu conselho era muy bõ: porẽ que ho não auia de tomar, posto que soubesse perder a vida, porque ho soldão seu señor ho escolhera pa aquele feyto, & deixara de mandar outros muytos capitães: & não ousaria daparecer diante dele se não fizesse mais do que tinha feyto:& que auia de sayr a pelejar com ho visorey que o ajudasse ele. Meliquiaz disse que ajudaria cõ sua frota, mas que sua pessoa não auia dentrar na batalha, por amor da amizade que mandara pedir ao visorey. E isto assentado mãdou Mirocẽ âs suas galés, & aos paraos de Calicut, & âs atalayas que sayssem pera fora do baluarte do mar, & assi ho fizerã: & por lhe acalmar ho terrenho com q̃ sayão surgitão ao longo da terra, junto das quatro naos de Cambaya que estauão auante do baixo pera fora, & aqui esperarão ho visorey.

Capitolo. C. De como ho uisorey & Mirocem capitão mór do soldão se aperceberão pera se darem batalha ao outro dia.

Ve tambẽ surgio com acalmar ho terrenho pera esperar pela viração: & neste espaço se afirma mais q̃ ele chamou a cõselho pera ordenar como auia de ser a peleja cõ os turcos:& vindos lhes disse. Louuado seja nosso senhor pera sempre que me deyxou ver este dia, que podeis crer meus cõpanheiros que despois da destruiçã da nao em que se acabou a vida de meu filho, nunca por mĩ foy outra cousa mays desejada:& pois este desejo ouue efeito, espero em deos nosso señor que por sua misericordia, & pelos merecimẽtos de sua gloriosa madre, em cujo dia me quis mostrar esta cidade, nos dé vitoria contra estes cães imigos de sua sancta fé: por cujo exalçamento primeiramẽte arriscamos nossas vidas, & despoys polla honrra & estado de nosso rey, & pera vigarmos a morte de meu filho, o qual vos peço que vos não esqueça q̃ de hũa vez com oyto nauios desbaratou a Mirocem com toda sua frota, em que auia tanta gente como sabeys: & outra com sua nao sômente fez tamanha destruyçã na frota dos rumes como tendes sabido:& assi na de Meliquiaz, & q̃ mais se perdeo pelo que mereci a Deos, que por valentia dos immigos: os quaes posto que então fossem menos assi passamos nos agora do dobro dos que meu filho tinha. E tambem ha muyta deferença de cometer a ser cometido:& mais cometermos aos questauão pera nos yr cometer, que sô isto abastara pera lhes quebrar os spiritos com a vitoria q̃ trazemos de Dabul. E pois ha tãtas causas pera esperarmos a destes, rezão temos pera confiarmos em nosso senhor que nola dara. E crede que em vencer

estes vencemos toda a india, porque toda ela tem sua esperança nestes, & eu espero de ser ho primeiro que va aferrar â sua capitaina. Ao q̃ todos respõderã que não vinha ali nenhũ que não desejasse muyto de ho tirar daquele trabalho, nem partira de Cochim com outro desejo se nã dabalrroar cõ os rumes, & q̃ assi se fizesse tãto q̃ viesse a viração & não perdessem mais tẽpo. E ali se assentou os que ho auiã logo de seguir: & tomado este assento cada hũ se tornou a seu nauio a esperar pela viração q̃ veo muy tarde, & muyto fraca. E por os nossos nã ficarem fora da barra, em começando a viração de bafejar, mandou ho viso rey desferir ho traquete, & ho mesmo fizerã os outros capitães: & assi foy ate se poer hũ tiro de bõbarda grossa das naos dos rumes, & ali surgio por auer vista do bayxo, & vazar a agoa tanto que em vendo ho bayxo acabaua ho piloto de tomar doze braças, & tornando logo a sondar achou seys, & como surgio, os nauios de remo dos imigos q̃ sayrão pera fora se leuantarão, & forã a remo surgir a tiro de falcão da nossa frota, & poserãse coela âs bõbardadas. E em começando de tirar fizerã outro tanto dos muros da cidade, & do baluarte do mar: & nestes dous lugares auia quarenta peças dartelharia grossa, a fora a meuda: & pelos muros da cidade se mostrou muyta gente, & pela praya. E neste jogo de bombardadas esteuerã ate a noyte, & entã se recolherão os nauios de remo dos imigos pera dẽtro do baixo. E nesta noyte se afirma que pedirão os capitães ao visorey que não fosse ho dianteyro, mas que ficasse na traseyra, dandolhe pera isso as rezões que disse. E então deu a dianteira a Nuno vaz pereira, dizendo que lha daua porque ho tinha por amigo, & porque a sua nao era velha, & posto que se perdesse, que se perdia nela pouco, & pera que se lhe acontecesse algũ perigo lhe acodir fosse coele Diogo pirez, & a pos Nuno vaz irião os outros, como ja he dito, & de dous ẽ dous abalrroarião as naos dos rumes pera os despacharem mais asinha. E a galé de Diogo mẽdez & ho bargantim, & ho carauelão de Aluaro paçanha auião dandar per antre a frota pera acodir onde fosse necessario & que ho visorey ficaria na traseyra pa pelejar com a frota de Calicut, & cõ as atalayas. E ho visorey mandou q̃ sopena do caso mayor ninguẽ se fizesse â vela ate a sua nao não tirar hũa bombardada, & que ho não liuraria da pena posto que sayisse com a vitoria. Assentada esta ordem que auião de ter logo se passarão da nao do visorey pa a de Nuno vaz pereyra, hũ filho de Manuel paçanha a que não soube ho nome, & Antonio de sousa de Santarem, Ioão gonçaluez de castelo brãco, & Ioão gomez cheira dinheiro & outros. E pera a de Iorge de melo Fernã perez dandrade: & seu hirmão Symão dandrade pera a de Francisco de tauora, que era seu cunhado. E nesta noyte repartio Nuno vaz as capitanias da sua nao, a proa deu a hũ fidalgo chamado Ruy pereyra: & teria doze homens, s. Ioão gomez cheira dinheiro, Anriq̃ machado, Antonio de sousa de Santarẽ, Ioã gõçaluez de castelo brãco de Coĩbra, Frãcisco da madureira, Francisco lamprea, Symão velho de Soure, dos outros não soube os nomes. A capitania do conués deu a hũ Ruy de nabaes: & a ele ficou a popa. E assi como se os nossos aperceberão se fizerão os immigos prestes. E Mirocẽ mudou ho proposito que tinha de sayr

fora a pelejar cõ ho viso rey,&pareceo lhe melhor esperalo do baxo pera dentro,porque ali ho poderia ajudar a artelharia da cidade,& a gente que estaua em terra,& ele se pos na dianteira com suas naos encadeadas de duas em duas, & a sua no meyo,& detras as galês & atalayas & paraos,a que mandou q̃ lhe acodissem despois destar aferrado com os nossos:& as naos de Cãbaya,& a de Meliquiaz deyxou de fora do baxo como estauão ao longo da terra.

Capitol. CI. De como ho Visorey peleiou no porto de Diu com Mirocem capitão mór do soldão, & com a armada del rey de Calicut, & cõ a de Meliquiaz: & os desbaratou a todos.

O outro dia que era dia de sam Bras,em começando a viraçã que nosso señor quis que começasse ás noue horas do dia pera os nossos terem mais tẽpo de fazer ho destroço que fizerão nos imigos,mandou ho viso rey fazer ho sinal da bõbardada,pera se todos leuarem,o que logo foy feyto.E nuno vaz pereyra desferio com grande grita dos seus, que serião per todos duzentos homẽs , ou pouco menos, os mais deles fidalgos & gente limpa.E assi desfirirão os outros capitães pela ordẽ que estaua assentada,saluo Iorge de melo pereira que por culpa do seu mestre se não pode leuar, & foy porque estando a nao a duas ancoras mandou Iorge de melo leuar hũa delas pera estar mais a pique:mas por ainda decer a marê muyto rija caçaua a nao, de maneira que foy necessario tornar a lãçar outra ancora:aqual por ho mestre estar mal coele,& desejar de se vingar quis q̃ fosse de forma, q̃ era muyto mais pesada q̃ nenhũa das outras:porq̃ cõ a deteẽça q̃ fizesse em se dasamarrar nã podesse ser ho segũdo no abalrroar cõ os immigos,como não foy : porque como os outros não estauão mais q̃ sobre hũa ancora leuaranse logo:peloqual Iorge de melo nã pode aferrar com os rumes.Meliquiaz como vio desferir a nossa frota mãdou que jugasse a artelharia da cidade,& a do baluarte do mar:& jũtamente desparou coela a da frota dos immigos,& era a fumaça tamanha que tudo estaua cuberto dhũ grosso neuoeiro.E como dẽtro soauã os estouros das bombardadas , & aparecessem as labaredas do fogo fazia a cousa tão espantosa que mais parecia de diabos que de homẽs:& sobre tudo ho chouer dos pelouros,que quasi cayão tão meudos como quando choue pedras,&alguũs erão de maneyra,que hũ que acertou de dar na nao de Nuno vaz matou dez homẽs juntos que hião caçando hũa ezcota no conués,& hũ deles foy Ruy de nabays. E cõtudo Nuno vaz não deixou de passar auante indo sempre a galé de Diogo pirez pegada coele,cujo comitre hia sõdando.Nisto abriranse as naos de Mirocem ,como que esperauão que a nao de Nuno vaz passasse por antrelas. E ele por ainda ficar hũa atrauessada diãte da nao de Mirocem mandou a Ioão delacamara seu condestabre que lhe tirasse cõ hũ tiro grosso , & ele lhe tirou & deulhe por baixo da amûra ao lume dagoa & passoulhe ambos os costados. E cuydando os rumes que não era mais que hũ poseranse da outra banda pera lhe darem pendor,o que ajudou a irse a nao mais asinha ao fũdo,& os mais dos

que hião nela se afogarão, ao que os nossos derão hũa grande grita. E esta nao dizem que era a sota capitayna de Mirocem: & indo Nuno vaz muyto perto de Mirocem surgio, por q̃ lhe fez Diogo pirez sinal que surgisse que auia pouca agoa. Mirocem receandose q̃ ho metessem no fundo como a outra nao, vendo surgir Nuno vaz alargou a amarra, & dando ho traq̃te o foy aferrar, & ele que tãbẽ estaua prestes pera fazer ho mesmo aferrou ho per hũ bordo, & as naos ficarã hũa ao longo da outra, & logo Ruy pereyra, & os que hião de proa saltarão na proa de Mirocem, & cometerão os imigos com tamanho impeto que por mais que se quiserão defender os leuarão ate ho conuẽs onde ja andauão outros nossos enuoltos com outros immigos que ho defendiã per cima, & per baxo, porque a nao era cuberta de rede, & debaxo dela estauão tambẽ os imigos que matarã logo Anrrique machado. E assi se começou a peleja muy braua: porque eles se defendiã cõ muyto esforço: principalmẽte os Abexins q̃ andauã cõ os rumes. E mais por q̃ neste tẽpo hũ capitão dhũ galeão da conserua de Mirocem, alandose pela amarra, foy aferrar Nuno vaz pelo outro bordo de modo que ho tomarão no meo, & como erã muytos dauã que fazer aos nossos, que mostrauão bẽ aos imigos q̃ erã pera os terem em mais estima do q̃ os eles tinhão dantes: & pelejauão com tanta furia, que era cousa de pasmo, especialmente Nuno vaz que andaua na nao de Mirocẽ, de que muytos com medo dos nossos se lançauã ao mar: & tẽdo ha q̃ si rẽdida começou Nuno vaz dafrẽtar de cansado de pelejar, & por trazer hũ gorjal de baixo do barbote. E estãdo abaixando ho barbote pera tirar ho gorjal vem hũa frecha desmandada & trancalhe ho pescoço pela guela, & como a ferida era mortal cayo logo desati

nado,& foy recolhido na sua nao por al gũs dos seus porque os outros ho nã vis sem,& ficou em seu lugar outro que tinha nomeado por capitão,a que nã sou be ho nome. Nisto chegou Frãcisco de tauora:& cõ os seus se arremessou dentro na nao de Mirocem cõ tamanho im peto que a rede se foy coeles abaxo, onde derão cõ os immigos q̃ là estauão,& se renouou a peleja q̃ cada vez era mais aspera;não somẽte nesta nao, mas em todalas outras. Porque jà Pero barreto estaua aferrado cõ outra nao de Mirocem. E Iorge de melo estaua pelejando com as naos de Cambaya,que não pode aferrar se nã coelas por amor do seu mestre. E Pero cão se ajuntou tambem cõ hũ galeão dos rumes, & sem ho aferrar saltou sobela rede cõ os seus q̃ não erão mais de vinte dous,& os imigos estauão debaixo da rede:& como a corrente era grande & ho galeão não estaua aferrado, foyse à carauela de Pero cão pela agoa abaixo,& Pero cão & os seus ficarão no galeã dos rumes cõ que começarã de pelejar,& eles os tratauã muyto mal por estarem debaixo da re de,& os nossos lhe não poderẽ chegar. E assi aferrarã os outros capitães como poderão:saluo ho visorey que ficaua de tras & não passou abaixo,donde meteo no fundo hũa nao dos rumes. E ali teue ele que fazer mais q̃ todos, & ficou no mayor perigo:porque como ho capitão de Calicut vio os nossos aferrados sayo dondestaua,& as galés dos rumes,& as fustas de Meliqaz,&começarão todos de descarregar sua artelharia na nossa frota,& assi infinidade de frechas:& fizerão grãde dano se não fora a nao do visorey:que ardia em fogo,porq̃ tinha tres andaynas dartelharia. E dizẽ que lançou de si aquele dia mil & nouecẽtos pelouros:& nã seria menos segũdo a di ligẽcia que ho viso rey punha:o qual tra zia hũas coiraças de veludo carmesim, & fralda de malha & capacete & adarga:& ãdaua tã fragueiro & ligeiro,q̃ pa recia q̃ em todas as partes da nao era sẽ pre p̃sente. E ele foy o q̃ sosteue ho mòr peso dabatalha,& ho mayor perigo dos tiros daterra & domar. E a peleja se ate aua cadauez mais assi cõ ferro como cõ fogo & ho mar ãdaua tinto de sãgue de muitos dos imigos,que se lãçauã a ele fe ridos por fugirẽ dos nosos: & outros ficauã mortos nos nauios. E cõ tudo nũca mĩgoauã porque meliquiaz os ceuaua sempre de terra,onde andaua ao longo da praya com hũ terçado nu na mão,& como alguem vinha fugindo da peleja que ho ele via matauao logo. E estando a batalha neste conflito,Pero cão que estaua no galeão que disse com os seus se vio tão mal tratado dos imigos q̃ lhos matauão per baixo da rede,que determinou dentrar coeles pela janelada do galeão,porq̃ não podia por outra parte,& deixando os seus pelejando foy pe ra ho fazer. E metendo a cabeça foy visto per hũ rume que lha cortou. E porẽ forão os nossos socorridos & todos os imigos forão mortos & ho galeão ficou em poder dos nossos. E nisto foy rẽdida a nao de Mirocẽ cõ a mòr parte da sua gente morta & a outra se lãçou ao mar, & ele tambem muyto ferido. E os do galeão que tinha aferrada a nao de Nuno vaz a desaferrarão,& fugirão,& por al gũs dos nossos capitães ho seguirẽ se lã çarão ao mar,& deixarão ho galeão desemparado,& como tinha dado ho tra quete assi sò com a viração & cõ a corrẽte se foy pera dẽtro,& hi esteue sem ninguem oulhar por ele,tamanho era ho destroço nos imigos,que como Mi-

rocem fugio se começarã logo de desbaratar: & os paraos de Calicut forã os primeiros q̃ fugirã, & nã pararã ate calicut: & hião dizẽdo q̃ ho visorey fora desbaratado. As atalaias de Meliquiaz tãbẽ se recolherão pera dẽtro, & assi as galès dos rumes: & ẽ as duas primeiras fugĩdo vioas o comẽdador Ruy soarez & mandou seguir a pos elas, & entrou per antrelas porque hião juntas: & ficãdolhe dãbos os bordos mandou deitar em cada hũa delas hũa ancora, & assi as teue: & saltãdo os nossos dẽtro as axorarão dos ĩmigos, que se lançarão logo ao mar; & ho comẽdador tomou as galès & as leuou ao viso rey, que vio bem quãdo ele lançou as ancoras nelas: & pregũtando quẽ era aquele capitão, & sendo lhe dito que era ho comendador, disse que seria, porque fora criado de seu hirmão ho prior do Crato, q̃ fazia taes homẽs como aquele. E fugindo assi os imigos algũs dos nossos se lãçaram aos bateys pera os matarẽ, & matarão muytos. E ho viso rey mandou aferrar a nao de Meliquiaz, de q̃ muytos dos nossos forão aquele dia feridos: & como ela era toda çarrada por cima & forrada de coiros crus, & não a podiã entrar se não pelas portinholas que disse, q̃ auia de ser em pés & em mãos, nã apodiam os nossos entrar: & algũs que ho quiseram fazer da maneira que digo forão feridos de frechas, q̃ todos os mouros que estauã dentro erão frecheiros. O que vẽdo ho viso rey mandou que lhe tirassem ás bõbardadas, & foranlhe dadas muytas porque tinha os costados tã grossos & taes arrõbadas por dẽtro, q̃ quasi a não podiã passar os pelouros. E p derradeiro a carauela de Garcia de sousa lhe deu hũa bõbardada ao lume dagoa, cujo buraco os mouros nã poderão tapar, & entam se lançarão muytos ao mar, & outros se deixarão ficar dentro, & hi forã mortos & a nao se foy ao fundo: porem era tam alta que ficou algũa parte dela sobela agoa. E metida esta nao no fũdo ja noite, forã os ĩmigos acabados de desbaratar, que tinhão tã grãde poder como disse: & forã desbaratados do meyo dia ate noite. E neste espaço cõ ajuda de nosso senhor os nossos fizerã cousas tã marauilhosas em armas que se não podem cõtar, nẽ ho trabalho que passarã por q̃ não ouue nhũa vela nossa em q̃ se nã achassem pelouros de bõbardas: & nhũa não foy arrõbada. E em muytas delas se acharão passante de cinco mil frechas. E não forão mortos dos nossos mais de trinta & dous, antre os quaes foy Nuno vaz pereira, q̃ faleceo dahi a tres dias. E dos ĩmigos se soube despois q̃ forão mortos passante de quatro mil: & dos Mamelucos nam escaparão mais q̃ vinte dous. E meteramlhe duas naos no fundo. E tomarãlhe tres & duas galês: & duas naos de Cãbaia. E meterã no fundo a nao de Meliquiaz, & muytas das suas fustas, & algũs dos paraos d̃ calicut. E nestas naos & nauios que forã tomados foy achado despois muy grosso & rico despojo, assi de moeda douro como de prata, & muytos borcados & sedas, & outras cousas ricas, & muyta roupa dalgodão: & muytas armas & artelharia: & tres bandeiras do soldão cõ a sua diuisa, que era hũ caliz com hũa ostia metida nele & aleuãtada. A qual diuisa dizia que trazia por amor da casa sancta de Hierusalem, que tinha em seu poder.

Capitulo. C II. Como Meliquiaz pedio paz ao uisorey & ele lha concedeo.

Esbaratados os immígos, & não auendo no mar cousa com q̃ se pelejasse, correo ho viso rey todos os nauios pa saber os q̃ forão mortos, que forão os que ja disse, & fazer curar os feridos: & mãdou leuar Nuno vaz pereira a sua nao, q̃ morreo dahi a tres dias. E porque da cidade lhe dauã muyta oppressam cõ a artelharia, & por se temer de lhe lãçarem balsas de fogo cõ que lhe queimassem a frota, lhe pareceo bem sairse pera fora, o que fez aquela noyte cõ muyto trabalho de sua pessoa & dos outros. E em saindo com a vazãte & terrenho, sayo tambẽ ho galeã dos rumes, que ainda estaua sem ninguẽ, & desamarrado. E cuydando ho visorey que erão rumes mãdou contreles algũs capitães, que ho tomarão & lho trouuerão. E andando neste trabalho, Meliquiaz fez logo despejar a cidade da gẽte que não era pera pelejar: porque vendo ele a destruyção da frota dos rumes, & da sua: & os malabares fugidos, teue pera si que ho viso rey auia de dar na cidade. E achouse muy soo sem os rumes & sem Mirocem, que com medo q̃ Meliquiaz ho entregasse ao viso rey, fugio logo pera el rey de Cambaya. Pois tendo Meliquiaz este receyo logo ao outro dia pela menhaã mandou pedir paz ao viso rey por Cide ale ho torto. E este bradou de terra mostrando hũa bãdeira branca. E foy por ele Ioão da noua q̃ ho leuou ao viso rey: a que Cide ale deu hũa carta de Meliquiaz, em que se lhe desculpaua do acolhimẽto que dera aos rumes: porq̃ era costume dos capitães & caualeyros taes como ele, acolherẽ a quẽ se acolhia a eles: & que lhe daria os Christãos que tinha catiuos da nao de dõ Lourenço, & dali por diãte seria leal seruidor assi del rey de Portugal, como seu. Ho viso rey posto q̃ podera tomar a cidade, não a quis tomar porq̃ não tinha gente pera a soster juntamẽte cõ as fortalezas da India. E mais porq̃ tinha certo fazerlhe logo el rey de Cambaya guerra, & não tinha poder pa lhe resistir. E porisso outorgou a Meliquiaz a paz q̃ lhe pedia, cõ condição q̃ auia de jurar em sua ley que nunca mais acolheria em seu porto a armada do soldã, nẽ lhe daria nenhũa ajuda nẽ fauor, & cõsentiria que cada anno se gastassem em Diu certos mil cruzados đ mercadoria del rey de Portugal: & mais lhe entregaria a Mirocem, & os rumes q̃ escaparã da batalha, & assi as suas quatro galés. E coisto despedio Cide ale, a que fez merce de quatrocentos cruzados douro. E de todas as condições Meliquiaz foy cõtente, se não da entrega de Mirocem & dos rumes: dizendo q̃ visse ho viso rey se entregaria ele homẽs q̃ se acolhessẽ a ele, & se fiassem em sua fé, & se ho ele fizesse q̃ ele ho faria, & que as galés lhe entregaria pera as mandar queimar logo naq̃le porto antes q̃ se partisse. E vẽdo ho viso rey que tinha rezão aprouue lhe dissso. E Ioão da noua foy pelos catiuos q̃ erão desasete, que ja não auia mays, & vinhão todos vestidos de cabayas de seda. E perante Ioão da noua jurou Meliquiaz đcõprir as cõdições da paz & logo lhe entregou as galés, que hi forão queymadas: & cõ os catiuos vinha hũ moço mourisco Dafrica, que fora escrauo de dõ lourenço, & era Christão: & q̃ndo ho viso rey ho vio, folgou muyto coele, & preguntoulhe como se não fizera mouro. E ele respondeo, porque determinaua morrer na fé de Christo: & que rogara aos christãos que não dis

sessem aos mouros que ele fora mouro porq̃ ho não matassem. Feyta a paz ho viso rey despachou logo pera çacotora a dõ Antonio de Noronha pa socorrer a seu hirmão dom Afonso cõ mãtimẽtos que cõprou em Diu: & assi lhe mandou dar roupa de Cãbaya q̃ se tomara nas naos, pa a fortaleza. E partido. determinãdo ho viso rey de tirar ho dõ q̃ trazia por seu filho, fez hũa fala aos capitães & prícipaes da frota, cõsolãdoos pela morte dalgũs parẽtes & amigos q̃ pderã na batalha, dizẽdo, Que pois nosso senhor fizera tamanha merce como fora darlhe tã grande vitoria, que lhe deuião de dar por isso muytos louuores: & que dos mortos se não deuião dalembrar pera terẽ por eles tristeza, pois as vidas corporais que perderão estauã tã bẽ vingadas cõ a morte & destruiçã dos imigos: & tinhão cobradas outras pduraueis na gloria, onde se deuia de crer q̃ estauão, pois morrerão martyres pola fé de Christo: pelo qual não deuião de sentir tristeza, se não muyto prazer como ele tinha com a vingança que ali tinha tomada da morte de seu filho, que lhe não lembraua pera mais que pera ser muyto contente de ho perder em tambõ officio como fora o em q̃ falecera: que lhes rogaua muyto que dali por diante ho fizessem assi todos, & fizessẽ as barbas. E assi ho fizerão todos, & ele foy ho primeiro, & se vestirão de borcados & sedas, & faziã grãdes alegrias. E porque ho viso rey achou que não podia leuar todas as naos que tomou, deyxou duas dos rumes pera leuar carregadas de mantimentos: & as outras, & as de Cãbaya mãdou vender no mesmo porto a mercadores, assi carregadas de fazenda como as tomarão, pelas q̃es ouue muyto dinheyro, que se partio pelos soldados. & cõ ele & cõ ho mais ficarã todos muyto ricos, & ficando em paz & amizade cõ Meliquiaz se partio ẽ hũa sesta feyra a dez diaz de Feuereiro, deyxando hi a tristão degã pera carregar as duas naos de trigo, & doutros mãtimẽtos que lhe despois leuou a Cochim. E partido ho viso rey, Meliquiaz mandou tirar a sua nao que fora metida no fundo: & a mandou varar & cobrila de telha, cõ ho telhado tã alto q̃ a podessẽ ver, & as bõbardadas q̃ recebera, & tẽuea assi muyto tpo por memoria de nã ser vẽcida em tã braua peleja como aq̃la foy, & desbaratada tã grossa armada sem ho ela ser: porq̃ se a meterão no fũdo fora pelejando, & fazẽdo o q̃ deuia. & às molheres daq̃les q̃ nela forão mortos, fezlhe muyta merce. E aos q̃ fugirã mãdou os encher de mel & de pena, & leuar pelas ruas & praças à vergonha. E despoys soube ho soldão ho des barato da sua frota, & o q̃ fez se dira a diãte.

Capit. C III. De como tornãdose ho viso rey pera Cochim lhe pagarão algũs senhores daq̃la costa parcas.

PArtido ho viso rey do porto de Diu, oyto dias a reo despoys que partio virã os nossos no mar muytos corpos de mouros mortos dos que matarã em Diu, no que virão mais craramẽte a grã mortindade que fizerão neles, & chegado ho viso rey a Chaul, q̃ foy aos doze de Feuereiro, cõcedeo paz a Nizamaluco cõ as condições q̃ já disse, & logo pagou as parias daquele ãno, & ho viso rey lhe deu carta de vassalagẽ. E assi ouue aqui ho viso rey de Nizamaluco hũ moço q̃ tinha catiuo dos q̃ catiuarão na nao de dõ Lourenço: & gastados tres dias ni

sto tornou a sua viagẽ aos.xv.de Feuereyro,& aos.xix.chegou a Honor pera se ver cõ Timoja, & nã ho achou q̃ era fugido cõ medo del rey de Narsinga q̃ hi era vindo a se pesar a ouro em hũ seu pagode. E ali se veo ver cõ ho viso rey el rey dHonor,& lhe deu mais.ccl.pardaos de pareas,afora os mil q̃ lhe daua & ho viso rey ho fez amigo cõ Timoja E daqui se partio,& chegou a Batecalà a.xxv.de feuereiro,& el rey desta cidade ho veo ver à praya, & se fez tributario a el rey de Portugal cõ lhe pagar cadãno dous mil fardos darroz giraçal,& logo pagou os da q̃le anno,cõ que ho viso rey folgou pera mãtimẽto da gẽte:& daqui mandou a Garcia de sousa, & a Martim coelho a monte Deli pera andarem hi darmada,& ele se partio pera Cananor,& à vista da fortaleza mãdou eforcar nas vergas dos nauios desses rumes q̃ trazia catiuos, & outros mãdou poer nas bocas das bõbardas, & coeles saluou a fortaleza. E os mouros por dissimularẽ ho pesar q̃ tinhã do desbarato dos rumes,& mostrarẽ que folgauã,sairão a receber ao mar em paraos enramados,& em acabando de se saluar cõ a artelharia,leuantarã grande grita, & tirando às laranjadas aos nossos, entrarã esses honrrados na capitayna: & visitarão ho viso rey da parte del rey de Cananor,dandolhe ho prolfaça da vitoria de que todos os mouros da India, estauão muyto espantados,& quasi sem esperança de nunca vencerẽ os nossos. E saindo ho viso rey em terra cõ todolos capitães & fidalgos, vestidos de borcados & sedas,& outras louçaynhas & riq̃zas:achou Lourenço de brito que ho sahio a receber à praya em procissam cõ toda a gente da fortaleza,cõ cruz & palio. E el rey de Cananor vinha ali, & abraçou ho viso rey,& lhe fez muyta festa louuando sua vitoria. E aqui em Cananor mãdou ho viso rey que ficassem dom Ieronimo de lima, dõ Ioã de lima seu hirmão, Bastião de miranda, Manuel delacerda, Antonio de saa, & outros fidalgos que vierão cõ Afonso dalbuquerque dormuz, & mandoulhes q̃ inuernassem na q̃la fortaleza pera a goardarem,dizẽdo que se receaua de cerco,o q̃ eles não teuerã a bẽ, porẽ ficarã.

Capit.CIIII. De como ho visorey chegou a Cochĩ, & de como Afonso dalbuquerque lhe pedio a gouernãça, & ele lha não quis dar: & do q̃ mais passou.

De Cananor se partio ho viso rey p̃a Cochĩ onde chegou a oyto dias de Março: & como surgio Gaspar pereira & outros officiaes que auiã de seruir cõ Afõso dalbuq̃rque pelas puisões q̃ disso tinhã del rey de Portugal,forãse pera Afonso dalbuquerq̃ que ja dantes acõpanhauão como a seu gouernador,& ele acõpanhado de todos eles,& de seus criados, foy receber ho visorey à praya,q̃ foy recebido muy solẽnemẽte. E Afonso dalbuquerq̃ lhe falou,dizẽdo q̃ sua senhoria fosse muy bẽ vindo,& que ele estaua muyto ledo de sua vitoria. E ho viso rey lho teue em merce algũ tanto carregado, & não se lhe deu muyto,o que Afonso dalbuq̃rque teue a mao sinal:& porisso determinou de requerer logo sua justiça, & chegando ho viso rey à porta da fortaleza pera entrar se lhe atrauessou diante,& lhe disse que sua senhoria lhe dissera q̃ el rey lhe mãdaua q̃ se fosse p̃a o reyno

& ele tinha vĩgada a morte de seu filho & que ho tempo de sua gouernança era acabado, que lhe requeria da parte del rey q̃ lha entregasse, pois lha ele tinha mandado entregar. Ho visorey respõdeo que não era tempo pera se falar naquilo, que ho deixasse descansar, & dar de jantar aos fidalgos & caualeyros que vinhão coele, & despois falarião de vagar no que lhe dizia. Requereo então Afonso dalbuquerque estreytamente da parte del rey que lhe entregasse a gouernança, fazẽdo grãdes protestações, & mandando a Gaspar pereyra a que chamaua seu secretario que fizesse auto do que via passar: ho visorey lhe disse que por amor de deos ho deixasse ir descansar, & se fosse pera sua casa, porque ele não tinha secretario nem era gouernador em quãto ele esteuesse na India. E dizendo isto lhe passou por de baixo dhũ braço & se meteo dẽtro na fortaleza, & os outros a pos ele & fecharão a porta. E Afonso dalbuquerque ficou de fora, chamando por Gaspar pereyra, o qual & assi os outros officiaes desaparecerão logo vendo o que ho visorey fez. Então chamou Afonso dalbuquerque a Ioão estão que fora escriuão da sua armada, & disselhe q̃ fizesse hũ auto cõ testemunhas do q̃ ali vira passar. E co isto se foy pera sua pousada, onde dali por diãte começou de pagar aos da sua armada (que vierão cõ ho visorey) ho soldo que lhes era diuido, & daua mesa aos q̃ vierão coele Dormuz na sua nao, que serião bem oytẽta homẽs: & da sua cozinha comerião coestes cento todos muy abastadamente & comião pão de trigo que ele trouuera de Calayate. E despois que fez aquele requerimẽto ao visorey quãdo veyo de Diu, esteue assi hũs dias sẽ fazer mais nada. E todauia foy algũas vezes despois douuir missa falar com ho visorey à ribeyra acompanhado daqueles a que daua mesa, & ali se apartauão & falauão sem ninguẽ os ouuir. E dele ir assi acompanhado pesaua muyto a Ioão da noua, Antonio do campo, Manuel telez barreto, & Afonso lopez da costa, que erão seus imigos, & receberão muyto contentamẽto de lhe ho visorey não entregar a gouernãça, & buscauão outros q̃ lhes ajudassẽ a requerer que lha não desse: porque desseruiria nisso muyto a Deos & a el rey: dando pera isso todas as rezões que podião. E ho visorey lhes disse q̃ ele nã auia dentregar a gouernãça se não quãdo se fosse pera Portugal porq̃ assi lho dezia a sua prouisam, & não auia outra em contrayro pera a entregar. E esta rezão era muy boa, & parecia muy bem aos immigos Dafonso dalbuquerque, & aos de sua liga: & zombauão dele hũs com os outros, & artemedauão: & nã sòmẽte faziã isto em sua ausencia, mas ainda quando ele hia verse com ho visorey à ribeira lhe chamauã da fortaleza muytos nomes injuriosos, & tão alto q̃ os ouuia, & com muyta paciencia dizia aos que ho acompanhauão que ouuissẽ oq̃ lhe dizião. E assi sabia a zõbaria q̃ fazião dele antresi, o que ele sufria com muyto siso, & dizia que tudo aquilo era por seus pecados, & bẽ lhe parecia por quam descubertamente seus immigos ho injuriauão, que era com fauor do visorey mas dissimulaua. E vendo ele que lhe não queria entregar a gouernança pareceolhe que se queria ajudar de sua prouisam & estar em posse dela ate que se fosse pa Portugal, & determinou de não falar mais nela, se não pedir a armada pa a fazer concertar & ater aparelhada pa o seruiço del rey. E por Pedromẽ

escriuão da feytoria de Cochim, mandou hũ recado em escripto ao viso rey, em que lhe requeria q̃ lhe mandasse entregar a armada da India pera a mãdar correger pera ho tẽpo necessario, & q̃ nto à gouernãça não falaua, porq̃ ele lha entregaria quando fosse tẽpo. E de tudo isto Afonso dalbuquerq̃ deyxou ho trelado. Porẽ o viso rey não respõdeo a bẽ de feyto, saluo que dahi a hũs dias mãdou dizer per Andre diaz que não era necessario entregarlhe a armada, q̃ esteuesse como estaua. E Afonso dalbuquerque disse a Andre diaz, que não auia de tomar dele nenhũa reposta, por quanto não era escriuão nẽ official del rey, & posto que seruisse de tesoureyro de Cochĩ não era por prouisam del rey que podia irse embora, porque nas cousas dantrele & do viso rey, & nas q̃ cõprissem ao seruiço del rey seu senhor, não auia de dar reposta a quẽ zombaua dele como tinha sabido, & q̃ assi ho podia dizer ao viso rey, a quem Afonso dalbuquerq̃ logo mãdou dizer q̃ dali por diante lhe não mandasse recado se não por Pedromẽ, ou por Diogo pereira que erã escriuães da feytoria, ou por outros escriuães de quaesquer carregos porque Andre diaz lhe era sospeyto, & por isso lhe não respondera por ele.

Capitulo. CV. De como ho uiso rey mandou a Afonso dalbuquerque que não sayße fora de sua casa, & de como mandou prender a Gaspar pereira, & a Ruy daraujo, & a causa porque

Parecendo bẽ ao viso rey o q̃ Afõso dalbuquerque dezia dali por diante lhe mãdaua recados por Pedromẽ, ou por Diogo pereira, & logo no começo era a cousa muy branda, porque ho viso rey era brando de sua condição: no q̃ pareceo que tudo o que fez neste caso, mays foy por maos conselhos, que por maa incrinação, porque os imigos Dafonso dalbuquerque nunca ho deixauã & não contentes com lhe impedir a gouernança, zõbauã de a querer & pedir & de dar mesa, & andar acõpanhado, & arremedauanno como falaua, & tachauanlhe quanto fazia, & ho mesmo fazião outros seus amigos, q̃ por amor deles querião mal a Afonso dalbuquerque, o que ele muy bem sabia, & sufrião com muyta paciencia, attribuindo tudo a seus peccados, sem nunca falar nenhũa mà palaura em perjuyzo de pessoa algũa, & todauia seus imigos sofriã muyto mal velo andar acõpanhado daqueles a que daua mesa, & assi doutros que ho hião esperar quando auia de ir à igreja, & assi saberẽ que os trombetas lhe dauã aluoradas aos domingos & festas, porque se ceauão que dali se viesse a meter de posse da gouernança. Pelo qual fizerão com ho viso rey que lhe mandasse dizer, como mandou, q̃ lhe pedia por merce que por se escusarem desseruiços de deos, & del rey que se se guião de sua ida à igreja, que ouuesse por escusada sua ida là, & que em casa poderia ouuir missa. E assi ho fez Afonso dalbuquerque, respondendo ao viso rey, que pois ho assi auia por bẽ que ele ho faria, do que seus imigos se ouuerã por muyto vitoriosos, mas não ficarão satisfeytos com esta quebra que crião que Afõso dalbuquerque recebia, porq̃

auião por muy grãde de suas pessoas, ter ele algũas na India que teuessem sua voz,& que fossem do seu bando. E porque ho secretayro Gaspar pereyra ho era:& por isso não queria seruir seus officios cõ o visorey,determinarão de ho destruir:& fizerão com ho visorey que lhe mãdasse que seruisse ambos os officios.s.secretayro & tesoreyro mór. E mandandolho respondeo ele q̃ tinha justa causa pera ho nã fazer,porque el rey lhe mandaua em seu regimẽto que seruisse com Afonso dalbuquerque, a quem mandaua que fosse gouernador da India,& coele auia de seruir,& não com outrẽ:& a fora isso não auia de seruir porque ele visorey metia coele officiaes seus contrayros,& contra ho regimento delrey. Ho visorey posto que ficou escandalizado desta reposta dissimulou então coela,ate ver conselho sobre o que nisso faria:& mais porque se dizia que Gaspar pereyra fazendo cabeça Dafonso dalbuquerque respõdia tão ousado. Do que pesou muyto a Afõso dalbuquerque quando ho soube,porque em nenhũa cousa queria contradizer ao visorey,nem queria que ninguẽ ho fizesse por sua parte, porq̃ de todo fosse sẽ culpa nas sem rezões que recebesse do visorey & de seus immigos, E mãdou dizer a Gaspar pereira por Nuno vaz de castelo branco,que ele sabia que não queria seruir seus officios, que lhe pedia por merce q̃ os seruisse,porq̃ se fizesse ho contrayro seria grande deseruiço del rey seu senhor, & perda de sua fazẽda:& disse a Nuno vaz que insistindo Gaspar pereira em não querer seruir os officios,que lhe dissesse q̃ lhe requeria da parte del rey que os seruisse & selho podia mandar lho mandaua. E assi ho fez Nuno vaz:& contudo Gaspar pereyra ho não quis fazer dizendo que encorresse em quãtas penas quisesse:ao que Afonso dalbuquerque não repricou,vẽdo que nã auia daproueitar. E da hi a poucos dias tornou ho visorey a mandar a Gaspar pereira que seruisse os officios:& insistindo ele em não querer,mandou ho prender em ferros,& metelo em hũ cobelo,& assi a Ruy daraujo que por amor Dafõso dalbuquerque não queria seruir de tesoureyro de Cochim,de que fora ꝓuido de Portugal. Com a prisam destes dous homens começou a negoceação dantre ho visorey,& Afonso dalbuquerque de se encruar muyto,& a descobrirse ho desejo de gouernar a India,& ter mãdo sobre tantos fidalgos & caualeyros. E ja os immigos Dafonso dalbuquerque dizião mal dele descubertamente,o que ouuindo hũ dia Iorge de melo pereyra q̃ era seu amigo lhes foy a mão principalmẽte a Francisco de tauora,com que sobrisso ouue tã màs palauras que ho mãdou desafiar:& indo Iorge de melo pera ho posto que assinara foy preso por mãdado do visorey,a quem Frãcisco detauora descobrio ho desafio. E dali por diante ninguem ousaua de falar por Afonso dalbuquerque,& quassi que nĩguẽ hia a sua casa,nem ousaua,vẽdo como a imizade do visorey hia coele tão descuberta,posto que ho viso rey a encobria: & todo o que fazia dizia que ho fazia por lho requererẽ aqueles fidalgos & capitães,dizẽdo que assi compria a seruiço del rey,& por lhe el rey mandar como tinha por hũa prouisam que não entregasse a gouernança se não quãdo se embarcasse. E como quer que Afonso dalbuquerque fosse priuado de ir a igreja, & polos incõuenietes q̃ auia não queria ir a outra parte ꝑa tomar algũa recreaçã

& desabafar de quãta payxão ho cerca ua, sayase de casa polas manhaãs & tardes pa onde chamão a cabeça seca pto de sua casa, õde passeaua aolõgo da praya: & esses que pousauão em sua casa, & comião coele se hiã pa ho acõpanhar. E porque isto era ajuntamento em que se fazia cabeça Dafõso dalbuquerque, negocearão seus immigos q̃ tambẽ lhe fosse tirado pelo visorey este passatẽpo defendendolhe que não fosse ali mais, porque ho ajuntamento que se ali fazia era em desseruiço del rey. E Afõso dal buquerque não sayo mais de casa: & de todas estas cousas não tiraua estormẽtos, porque não auia quẽ lhos desse que nenhũ escriuão ousaua de ho fazer cõ medo do visorey, que trazia por espia do que se dele dizia a hũ homẽ chamado ho Timudo que ho auisaua de quãto se dizia contrele.

Capitolo. C VI. De como Duarte de lemos ficou por capitão moor da armada do cabo de Goardafũ per morte de Iorge da guiar: & como inuernou em Melinde.

TEndo Duarte de lemos ho inuerno em Moçambique soube como Francisco pereyra pestana iuernaua nas ilhas primeyras, onde ho mandou logo visitar per hũ caualeyro chamado Gregorio da q̃dra, que fora criado do marques de vila real, & mandoulhe mantimentos. E despois desta visitação foy ter Francisco pereyra a Moçambique a onze de Feuereyro de mil & quinhentos & noue: & estauão cõ Duarte de lemos estes capitães. s. Vasco da silueira, Diogo correa, & Pero correa. E Duarte de lemos sabia por Aluaro barreto a maneyra de que se Iorge daguiar apartara dele, pelo qual presumia que fosse perdido: & acabou de ho certeficar porque lhe disse Francisco pereyra que na parajem das ilhas de Tristão da cunha vira hũ pedaço d̃ nao que parecia quilha, & assi muytas lanças & algũas arcas. E sabido isto fez Duarte de lemos conselho, & nele se assentou pelo que Aluaro barreto, & Francisco pereyra tinhão dito, que Iorge da guiar era perdido, & q̃ Duarte de lemos entrasse na sua vagãte, & se fosse ao cabo de Goardafum cõ a armada. E isto determinado passouse Duarte de lemos ã nao de Francisco pereyra pestana, porque vinha pera capitayna & deu a em que andaua a Vasco da silueira: & ho nauio rosayro de q̃ ele era capitão deu ho a Diogo correa, cujo nauio deu a Pero correa seu hirmão, & ho de Pero correa deu a hũ fidalgo chamado Antonio ferreyra, sobrinho de Pero ferreyra fogaça capitã de Quiloa: & mandoulhe que se fosse diante a Quiloa onde leuaria Frãcisco pereyra pestana que auia dentrar na vagãte de Pero ferreyra, que por prouisã del rey de Portugal tinha a capitania de çacotorã: & assi lhe mandou que ficãdo Frãcisco pereyra em Quiloa tomasse a Pero ferreyra & ho fosse esperar a Melinde, onde prazendo a Deos esperaua logo de ir. E partido Antonio ferreyra deu Duarte de lemos a capitania do nauio sam Gião que ficara da armada de Vasco gomez dabreu a hũ fidalgo chamado francisco pereyra de berredo: & leuãdoo em sua conserua, & assi aos outros capitães que disse, se partio pera Melinde, onde chegou a saluamento, & por lhe não terçar ho tempo pera sua viajem inuernou ali.

Cap.CVII. De como Diogo lopez de sequeyra descobrio a ilha de sã Lourẽço pela banda de fora. E indo pa Malaca forçado do tẽpo arribou a Cochĩ.

Diogo lopez de sequeira despois que partio de Lisboa seguio sua rota ꝑ sua viagẽ, & dobrado ho cabo de boa esperãça foy ter a agoada de sam bras: & partido da hi chegou aos medaõs do ouro a vinte de julho, & hi se deteue cinco dias por amor dos leuantes que ja vẽtauão. E ali foy ter coele Duarte de lẽmos que se perdera de Iorge daguiar com tempo & por erro se tornaua pera Portugal: & sabendo como hia se deteue pera ir na conserua de Diogo lopez. E estando assi todos em dia de Sãtiago se comeꝑou de fazer hũa grande çarração & a pos ela veo hũa tormenta grãdissima de vento, chuua, relampados, & toruões: pelo q̃ foy necessario a Diogo lopez fazerse à vela & fugir, porque não desse à costa. E coeste temporal atrauessou pera a ilha de sam Lourenço que estaua dali duzentas legoas: o que Duarte de lemos parece que não quis fazer & foyse caminho de Moçãbiq̃: & aos quatro dias dagosto ouue Diogo lopez com toda sua armada vista da ilha de sam Lourenço, & aos dez dias deste mes amanheceo com bonança dũas legoas dhũ cabo pela banda de fora, a que foy posto nome cabo de sam Lourenço. E indo assi foy ter a hũas ilhas, onde veo a ele hũ Portugues daqueles que ficarão na ilha de sam Lourẽço da companhia de Ioão gomez dabreu: & este lhe contou a desauentura de Ioão gomez, & como despois se forão os que ficarão coele: & este Portugues q̃ auia nome Andre não quis ali mais ficar, & foyse com Diogo lopez, que seguindo daqui ao longo da costa foy ter a hũa pouoação grande de casas palhaças, que auia nome Turouaya, & era reyno & tinha rey mouro, cõ que se Diogo lopez vio: & aqui achou outro Portugues chamado Antonio q̃ tambẽ leuou. E nauegãdo daqui foy ter a hũas ilhas q̃ estão ao mar, da ilha obra dhũ tiro de bõbarda, & estão em altura de vinte q̃tro graos & meyo, & pos lhe nome as ilhas de sctã Crara: & entrou em hũa baya q̃ tẽ abrigada de todolos vẽtos, & sayo ẽ terra por ser muyto viçosa de aruoredo, & auer muytas vacas & porcos monteses, arroz & inhames, q̃ tudo lhe agẽte leuaua a vẽder, por ser muyto mãsa & domestica. Partido daqui hũa sesta feyra. xiij Doutubro foy aferrar terra no reyno de Matatana, õde desembarcou: & por fazer grande escarceo se lhe çoçobrou ho batel & morreo nele hũ homem. E aqui forão ter coele dous dos nossos q̃ ja dantes tinha mãdados por terra a descobrir este reyno: & disseranlhe q̃ andarão por ele cincoenta legoas, & que não acharão se não hũ pouco de gingibre q̃ nacia por si: & que toparão dous mouros de Cambaya q̃ auia trinta anos que ali forão ter cõ tempo indo ꝑa çofala, & forão tomados da gẽte da terra & morta toda sua companhia. E dali foy sempre ao longo da costa ate ho rio de Matatana õde ficou Ioão gomez dabreu, & aqui cobrou outros tres Portugueses dos que ali ficarão. E dali indo a diuersas pouoações achou hũa grande baya em que se metião tres rios, & pos lhe nome ho porto de sã Sebastião, por ser no dia deste sancto. E sem achar mais outra cousa, se partio leuando a rota da ilha de Ceilã, e por nã apoder tomar

com tempo arribou a Cochim, onde chegou a vinte hũ Dabril do mil & quinhentos & noue despois de ter ho visorey mandado a Afonso dalbuquerque q̃ não saysse da pousada pera nenhũa parte:& foy muy bẽ recebido do visorey,& agasalhado na fortaleza:& suas naos forão corrigidas do que lhes era necessario.

Capitolo.C VIII. De como Diogo lopez de sequeyra,& Manuel paçanha apresentarão hũs capitulos cõtra Afonso dalbuquerque pera não ser gouernador, pelos quaes foy iulgado por inabil pera gouernar a India.

SAbendo Afõso dalbuquerq̃ a chegada de Diogo lopez de sequeyra, folgou muyto, porque lhe pareceo homem de qualidade & idade que acõselharia ao viso rey que se tirasse do proposito em que estaua de lhe não dar a gouernança,& de lhe fazer as injurias que lhe fazia:& que não fauoreceria mais contrele aqueles capitães seus imigos, por que encobrissem ho deseruiço que fizerão a Deos & a el rey, em serem causa do aleuantamẽto Dormuz. E tudo isto mandou dizer por escripto a Diogo lopez,& ainda mais largamente, pedindolhe muyto que se quisesse ver coele. O que Diogo lopez não fez por rogo dos immigos Dafonso dalbuquerque: nem menos lhe respondeo cousa algũa. Porque sabendo eles que Afonso dalbuquerque queria tomar por medianeiro daquele negocio a Diogo lopez, fizerã de maneira que ho tiuerão da sua bãda & fizerão que cresse Dafonso dalbuquerque o q̃ eles dizião. E como a cousa hia tão descuberta cõtrelé que algũs do pouo começauão datẽtar nisso,& dizião que era forte cousa não se dar a gouernança da India a quem el rey mandaua. Compilarão hũa capitulação cõtra Afonso dalbuquerque por consentimẽto do visorey, porque leuasse auãte o que tinha começado, porque tambẽ receaua que vendo ho pouo como queria gouernar por força se leuantassem com Afonso dalbuquerque,& ho desposessem de visorey. E os capitolos da capitulação forã, que ele era homẽ fora de rezão,& tão feyto de sua vontade q̃ não queria tomar ho conselho de ninguem:& era de muyto mà condição, tã to que não auia quem ho sofresse,& q̃ era muyto desmanchado. E q̃ não era pera ser capitão de hũa almadia quãto mais pera gouernador: & que bem se mostrara a verdade de tudo isto em p̃der Ormuz, que se não perdera por outra causa se não por seu pouco saber & mà condição, porque os capitães que andauão coele, lhe acõselhauão que não quebrasse a paz que tinha assentada, & ele não quisera, antes por lho conselharem os prendera & injuriara: no que el rey de Portugal perdera a fora os quinze mil xerafins de parias mais de vinte mil q̃ podera ganhar cadã no cõ sua feitoria. Pedindo ao visorey que por todas estas rezões ho ouuesse por inabil pera a gouernança como era & lha não desse:& assi lhe requerião da parte del rey q̃ ho fizesse: porq̃ se el rey soubera q̃ Afonso dalbuquer q̃ tinha estas qualidades nã lhe dera a gouernança. E nesta capitulação,& reqrimẽto assinarão Iorge barreto crasto, Diogo lopez de sequeyra, Antonio do cãpo, Manuel telez barreto, Afonso lopez da costa, Ioão da noua,& Manuel paçanha,

com lhe dizer ho viſorey que a ele auia
dentregar a gouernança quando ſe foſ-
ſe,& não a Afonſo dalbuquerque:& aſ
ſi aſsinarão quaſi todos os fidalgos que
eſtauão em Cochim. E ate Lourẽço de
brito mandou por terra hũ aſsinado,
em que dizia que ſe auia por aſsinado
naquela capitulação,& requerimento:
que deſpois de aſsinada foy offrecida
ao viſorey por Diogo lopez,& Manuel
paçanha,ao que ele reſpondeo que de-
terminaua de ſe partir na entrada do
verão,& que então entregaria a gouer-
nança a quem elrey mandaſſe:porq̃ ele
eſtaua na India muyto contra ſua von-
tade. E a cauſa de não ſer ido pera Por-
tugal fora não chegar a nao em que ho
el rey ſeu ſenhor mandaua ir,& ſe não
entregara a gouernança a Afonſo dal-
buquerque que ho fizera por lhe el rey
mandar em ſua prouiſam que a não en
tregaſſe em quanto eſteueſſe na India:
porem que ſeu propoſito era irſe pera
Portugal,ou de là vieſſe armada,ou nã:
& coeſſe fundamẽto varara certas naos
pera ſe ir nelas:& que no que lhe reque
rião ele não podia fazer nada,porque
em parte parecia aquela cauſa ſer ſua,
& por iſſo ſe daua por ſoſpeyto:que ho
conſelho da India ho julgaſſe cõ ſe dar
primeiro a viſta a Afonſo dalbuquerq̃,
& aſsi lhe foy dada. Mas como ele en-
tendia ho jogo,& ſabia que ainda que
fizeſſe milagres não auia dauer quẽ ho
diſſeſſe tendo ele tão principaes immi-
gos,como tinha. Não quis reſponder,
dizendo que não reſpondia,porque tu
do aquilo era compilado por ſeus immi
gos:& mais que aquilo não pertẽcia jul
garſe ſe não por el rey ſeu ſenhor,pera
quem apellaua de tudo ho que ſe julgaſ
ſe por aquela capitulação. E todauia co
eſta repoſta,& pelo que na capitulação
dizia foy julgado per todos geralmẽte
que Afonſo dalbuquerque era inhabil
pa gouernar,& portãto ſe lhe não ẽtre
gaſſe a gouernança. O que ſabido por
Afonſo dalbuquerque ho recebeo com
muyta paciencia ſem ſe a queixar do vi
ſorey,ſe não atribuindo tudo a ſeus pe-
cados. E ja a eſte tempo ninguem não
hia comer coele,nẽ ouſaua de o ir ver.

Capitolo.C IX. Do que Duarte de ſouſa cõſelhou a Afonſo dalbuquerque que fizeſſe contra ho viſo rey,& do que ſe fez ſobriſſo.

PAſſados algũs dias deſ
pois deſte acordo que
foy feito cõtra Afonſo
dalbuquerq̃. Eſtando
ele hũ dia na ſua pouſa
da praticando com hũ Simão diaz heſ
perico,& com hũ criado ſeu,q̃ tambẽ
ſabia da eſpera,foy ter coele hũ fidalgo
chamado Duarte de ſouſa,que ſendo
degradado em Portugal Afonſo dalbu
querque pedira a el rey que lhe mudaſ-
ſe ho degredo pa a India:& ho leuara
na ſua nao com hũ ſeu filho muyto bẽ a
gaſalhados,& fazendolhe mil hõrras:
& deſpois que começou a conquiſta do
reyno Dormuz lhe perdoou ho degre
do por virtude de ſua prouiſam,dizen
do per ſua certidão que fizera couſas
por onde merecia perdã,& ho mãdou
aſſentar em ſoldo & tornarlhe a mora-
dia de que eſtaua riſcado:& lhe fez aſ-
ſentar hũ filho em moradia. Aſſi que ti
nha recebidas boas obras dele:porem
deſpois que forão as ſuas deferenças cõ
ho viſorey não ho vio mais,& por iſſo
Afonſo dalbuquerque como eſpãtado

de ho ver em tal tẽpo lhe disse, Que no uidade he esta senhor Duarte de sousa que ha tanto tempo q̃ me não vedes, & todauia fazeis bem segundo as cousas andã. E sem Duarte de sousa respõder ao que lhe dizia lhe disse. Venhouos senhor dizer q̃ fazeis pois soys gouernador & el rey mãda q̃ ho sejais, & a gẽte & pouo ho quer, & não desejam senão que mostre vossa merce seus poderes & và com hũa bãdeira por hi fora & tome posse da gouernança, & và prender ho viso rey pois quer gouernar forçosamente. O q̃ ouuindo Afonso dalbuquerq̃ & vendo quã fora de proposito vinha, sospeitou q̃ aquilo era echadiço de seus imigos pera q̃ fazẽdo ele algũa cousa do q̃ lhe Duarte de sousa cõselhaua teuessem cõ verdade a que se pegar: & receoso desta sospeita lhe respõdeo, E a isso vindes, enganado estays vos & os que isso cuidão de mi, porque ainda que se agora ajũtassem quantos ha em Cochim, & os clerigos viessem com cruzes, & as palmeiras virassem as rayzes pera ho âr, & as frãças pera baixo, eu não tomaria por força a gouernãça, nem as fortalezas que me el rey manda entregar liuremente. E folgo muyto de me cometerdes isso perãte estes dous homẽs, porque serão testemunhas se for necessario: & se me vos vindes coisso não venhais aqui mais. E isto disse ja agastado: & Duarte de sousa estando muyto seguro lhe tornou a dizer que falaua de siso, & q̃ deuia de fazer o que lhe dizia, ao que Afonso dalbuquerq̃ lhe disse que se fosse embòra, & q̃ lhe nã viesse com tais historias. E coisto se foy Duarte de sousa. E dahi a algũs dias cõtou Afonso dalbuq̃rque isto a Nuno vaz de castelo brãco q̃ pousaua em sua casa, a q̃ estãdo doente forão ver Gaspar diaz q̃ na conquista Dormuz fora alferez Dafonso dal buquerq̃, que por lhe cortarẽ nela hũa mão lhe daua dez mil rs de tença. E assi Duarte amado, & hũ Ruy diaz q̃ despois foy enforcado no rio de Pangim em Goa. E estãdo em pratica disse hũ deles a Nuno vaz como Duarte de sousa fizera queixume dele ao viso rey: que na repartição das presas que Afonso dalbuquerque fizera na conquista Dormuz, em que ele Nuno vaz fora quadrilheiro mòr fizera muytas cousas mal feitas, & q̃ tiraua aas partes do que lhe cabia: & q̃ seu filho fora hũ dos a que se a quilo fizera. E sabẽdo ja Nuno vaz ho aluitre cõ que ele fora a Afõso dalbuq̃rque disse. Esse mao homẽ não se quer ele emẽdar, prometo uos que mãde chamar ho Timudo, & que lhe diga que diga ao viso rey ho q̃ ele veo dizer a Afonso dalbuq̃rque: & disselhe o q̃ dissera. E como quer q̃ entã todos ou os mais q̃ não tinhã medrãça a querião acquirir por mexericos, forã estes tres contar isto a Ioão da noua, & a Antonio do cãpo, & eles ho disserão logo ao viso rey, parecendolhe que seria aquilo cousa por onde fizessem mais mal a Afonso dalbuquerque do que lhe tinhão feito. E ho viso rey mãdou chamar os tres que aquilo disserão, & preguntãdolho lho tornarão a contar: & logo ali foy dito que Nuno vaz era amigo Dafonso dalbuquerque, que cõmunicaua coele seus segredos: & pois ele soltaua aquilo que mais era: & assentarão que fosse tirado por testemunha. E ho meyrinho ho foy chamar da parte do viso rey: & indo ele a seu chamado achou à porta da feitoria Andre diaz, diogo pereira, & Francisco lamprea q̃ era escriuão do judicial: & Andre diaz lhe disseque ho viso rey era no varadouro

das naos, & que lhes mãdara que soubes sem dele por juramento ho que Duarte de sousa passara cõ Afonso dalbuquerque, & ho que lhe Afonso dalbuquerq̃ despois dissera. E nuno vaz ho disse cõ juramẽto, & ho affirmou, referindose aos dous q̃ estauão cõ Afonso dalbuquerq̃ Simão diaz, & Afonso gomez, q̃ tam bem neste caso forão tirados por testemunhas per mandado do visorey: & todos concordarão em seus testemunhos cõ ho que Nuno vaz dissera. E parece q̃ como esta inquirição era mais pera saber se Afonso dalbuquerq̃ era culpado que pera castigar a culpa emque Duarte de sousa fosse cõprendido, não se procedeo contra ele em cousa nhũa, posto q̃ foy achado em assaz de culpa: o q̃ vẽdo Afonso dalbuquerq̃ começou de dizer que bẽ entendia ho jogo, & quẽ ho ordenara, & pois Duarte de sousa tinha tanta culpa que rezão fora que se fizera nele algũ comprimento de justiça.

Capitu. CX. De como forão dados tratos a Duarte de sousa sobre o q̃ a cõselhara a Afonso dalbuq̃rque cõtra ho uisorey: & como não disse mais do que as testemunhas tinhã dito.

Sabido o que Afonso dalbuquerq̃ dizia por seus imigos, pera encobrirem aquilo & que parecesse q̃ senão tirarão as testemunhas sem causa fizerão com ho visorey que mandasse prender Nuno vaz de castelo branco & Simão diaz & Afonso gomez: & ele os mãdou prender & meter em hũ tronco cõ ambos os pés: & a Nuno vaz porque era mais amigo Dafonso dalbuquerq̃ foy deitado hũ grosso grilhão cõ que senão podia reboluer senão jazia sempre de costas. E defendeo q̃ nhũa pessoa falasse coeles, principalmente con Nuno vaz. E a causa por que dizião queos prẽderão, era porque logo não disserão ao viso rey ho q̃ Duarte de sousa cõselhaua a Afonso dalbuquerque q̃ cometesse contrele, chamãdolhe treição, & crime lese maiestatis. E despois disto foy preso Duarte de sousa pera dissimulação, porque tẽdo ele tãta culpa ho meterão antre os outros que não tinhão nhũa: o que não careceo de sospeita, que foy cõ fundamento q̃ vendo Nuno vaz & os outros presos que aquele fora causa de sua prisão ho matassem cõ ira, ou ferissem pera que se fizesse deles justiça por aquilo, pois pelo al senão poderá fazer, cõ quanto se consultou cõtra Nuno vaz q̃ deuia ser metido a tromento por não descobrir logo ao viso rey ho que soubera de Duarte de sousa, porquanto era treição, que tãto mõtaua como ser cometida contra el rey, pois era cometida contra ho viso rey que estaua em seu lugar. E a rezão que se daua pera darem tratos a Nuno vaz, era porque posto a tromento diria mais do que tinha dito em seu testemunho, & affirmauase que era treição calarse com o que sabia de Duarte de sousa, polo nã descobrir logo ou ao menos antes de passarẽ tres dias, que era ho termo que a ordenação del rey dá aos que sabẽ a treição que se lhe ordena pera lha descobrirẽ pera não serẽ nela culpados & tudo isto era dito de maneira q̃ Nuno vaz ho soubesse: porq̃ cõ medo disesse ho mais q̃ cuidauão que ele sabia Dafonso dalbuquerq̃, pera q̃ ouuesse causa de ho mãdar pera Portugal, que isto era ho fim a que seus imigos fazião todas estas cousas cõ ho viso rey. E vẽdo que per aquela via Nuno vaz não q̃ria

dizer mais do q̃ tinha dito, deitarãlhe alguũs seus amigos, ou que ele cuidaua q̃ ho erão, pera q̃ lhe conselhassem q̃ dissesse ho mais que sabia naq̃le caso: & se não sabia mais que mãdasse pedir ao viso rey que lhe perdoasse, porque era tã manifico q̃ vsaria coele de misericordia & que eles ho diriã ao viso rey. Ao que Nuno vaz respondia q̃ ele não tinha de que pedir misericordia ao viso rey, mas ele lhe deuia de pedir perdã de q̃n to mal lhe fazia: & que soubesse q̃ ainda que esteuesse ardendo no inferno, & po desse ser por ele saluo ho nã q̃reria ser. E mais disse a hũ q̃ lhe dizia aquilo da parte Dantonio de sintra q̃ seruia de secretario q̃ lhe dissesse que ele nã fizera porq̃ pedisse misericordia senã a deos: & ele era ho q̃ tinha rezão de a pedir ẽ portugal a el rey, & que ele esperaua em deos de ir lá, & liure & solto se ir ꝑa sua casa & ele ir pera acadea, & assi foy. E sabẽdo os imigos Dafonso dalbuquerq̃ & ho viso rey esta reposta de Nuno vaz não lhe mãdarão mais nhũ echadiso com recado: & parecendolhe q̃ seria grande dissolução dar tratos a Nuno vaz no mais q̃ cõ a causa que auia, não falarão mais nisso. E pera parecer justiça o que estaua feyto mãdarão os dar a Duarte de sousa: & deranlhos muyto brãdos, & neles confessou o que dissera a Afonso dalbuquerq̃, & ho que lhe ele respondera. E por isso foy cõdenado, & derribarãlha casa & semearãlha de sal. E Nuno vaz de castelobranco, Simão diaz, & Afonso gomez forão degradados por sentẽça posta em escrito pera a armada de Diogo lopez: & Nuno vaz a fora este degredo que ho fosse tambẽ pera Portugal: & dizia na sentença q̃ se lhes daua esta pena por não descobrirem logo ao viso rey o q̃ Duarte de sousa dissera cõtrele. E assi forão degradados ꝑa aquela armada Ruy daraujo por não q̃rer seruir seus officios, & hũ mestre Anrrique q̃ Afõso dalbuquerq̃ leuara de Portugal por seu medico & cirurgião, & tomoulho ho viso rey em Cochim: & por se Afonso dalbuquerq̃ aqueixar disso lhe foy assacado que se carteaua cõ hũs judeus de Crãgalor, q̃ são de hũa geração antiga mestiços malabares & judeus, & que se queria ir ꝑa reles tornar judeu, & pera terem rezão de ho degradar lhe assacarão aquilo.

Capitulo: C XI. do que Afonso dal buquerq̃ passou cõ ho viso rey: & de como Diogo lopez de sequeira se partio pera Malaca.

NEste tẽpo se virão Afõso dalbuquerq̃ & ho viso rey no varadoiro das naos: mas pera q̃ esta vista foy eu a não soube, soomẽte q̃ Afonso dalbuquerq̃ leuaua hũ paje cõ hũa lança & cõ hũa adarga. E apartaranse ele & ho viso rey a falar que ninguẽ os ouuisse: & segũdo se despois soube nesta pratica disse ho viso rey a Afonso dalbuquerq̃ que quãdo fora de Cananor a Cochi leuaua determinado de tomar a fortaleza por força a Iorge barreto q̃ era capitão, & q̃ ele lho dissera. Ao q̃ Afonso dalbuquerque respondera que sespantaua muyto dele crer tal cousa, que antes queria hũ nouilho no cãpo de Santaren que tomar por força as fortalezas que lhe elrey mãdaua ẽtregar liuremente: & mais que se ele quisera tomar a fortaleza que não deixara de pousar nela, pois ho ele mãdaua agasalhar nela, & que assi como lhe dizião

aquele falso testemunho, assi lhe dezião outros muytos as pessoas q̃ lhe querião mal. E daqui vierão a taes palauras, que ho viso rey lhe preguntou que pera que era aquela lãça & adarga que lhe trazia ho paje: & ele disse que pera seus immigos que sua senhoria fauorecia cõtrele. A que ho visorey respondeo cõ muyta colera & alto, q̃ se aqueles fidalgos por quem ele aquilo dizia não oulharão a fazerem o que deuião ao seruiço de Deos & delrey seu señor, que pouco lhe aproueitara sua lança nem sua adarga, & q̃ se fosse logo pera sua casa. Ao que Afõso dalbuquerque não quis responder, antes se despedio dele muy cortesmẽte & se foy: porque se desse toda a culpa ao viso rey de tudo, & vissem todos quẽ elle não tinha nenhũa. E como isto era ja em Agosto que era moução pera se poder ir a Malaca, despachou ho viso rey a Diogo lopez de sequeyra pera que se partisse. E porque sua armada lhe pareceo pequena acrecentoulhe a taforea q̃ fora Dafonso lopez da costa, & fez capitão dela a Garcia de sousa, a quẽ mandou que carregãdo em Malaca se fosse com Diogo lopez pera Portugal. E por esta taforea ir assi ordenada & Nuno vaz de castelo brãco estar degradado pera Malaca, & pera Portugal mãdou ho visorey que fosse na taforea com os outros degradados: & mandou que os embarcassem metidos em hũa corrẽte como que teuerão feytos grãdes males: & querendo os embarcar mandou ho visorey que lhos leuassem ao varadoyro onde andaua, & não faltou quem disesse que isto mandaua ho viso rey por comprazer aos immigos Dafonso dalbuquerque, que por saberẽ a amizade que Nuno vaz tinha coele folgauão de ho ver assi mal tratado. E parecẽdo isto assi a Nuno vaz disse a hũ moço da camara que leuaua ho recado dizey ao senhor visorey que não queira fazer tãto a vontade aos que tem feyto tãto deseruiço a sua alteza, que me mande leuar como tem mandado, porque eu nã hei dir là se não se me leuarem a rasto. E indo este recado chegou ho meyrinho da armada dizendo da parte do visorey q̃ como tardauão tanto os presos que os não leuauão: ao que Nuno vaz disse q̃ sespantaua muyto de sua senhoria querer fazer a võtade (como lhe tinha mãdado dizer) aos que tinhão fugido ao seu capitão mòr, & ho deixarã na guerra: & a ele que no ficara acompanhãdo quererlhe dar tanto tormento, que não auia dir lã se não se ho mandasse leuar arasto, & que assi lho dissessem, & que aquilo parecia mais de cõtrayro que de quem gouernaua a justiça. E co isto não foy mais recado que leuassem os presos ao visorey: & ho meyrinho os leuou a taforea, & os entregou a Garcia de sousa que deu conhecimẽto de como os recebia: assi que acrecentada esta taforea a armada de Diogo lopez que coela ficou de cinco naos ele se partio de Cochim a dezoyto Dagosto de mil & quinhentos & noue. E aos vinte hũ deste mes ouue vista da ilha de Ceilão, dõde começou datrauessar ho golfão pa Malaca: & gouernando a leste passou a vista das ilhas de Nicobar que sam duzẽtas legoas de Ceilão, & estão em sete graos dabãda do norte, & ha nelas muyto & bõ ambar.

Capitolo. CXII. Da grande ilha de çamatra: & de como ho capitão mòr assentou nela paz com el rey de Pedir, & com el rey de Pacem, & se partio pera Malaca.

Vistas estas ilhas fizerã os pilotos sua derrota pa a ilha d çamatra, q he a propria segundo se crê a que os cosmographos ãtigos chamarão Taprobana: & he a mayor, & a melhor, & a mais rica que se sabe no que do mũdo he descuberto: tem setecẽtas legoas de roda cõtadas pelos mouros que a nauegão, por ãbas as bãdas està noroeste sueste. Atrauessà ha pelo meo a equinocial, he toda geralmẽte abastada d muytos mantimentos: & por toda ela nace pimenta, & em algũas partes beijoim q he melhor que ho de Pegu, & muyta canfora: & assi hũ como ho outro he rezina daruores, & em toda ela ha muytas minas douro: he repartida em muytos reynos, dos quaes os q se sabẽ sam estes, Pedir que he ho principal, & està da banda do norte contra Malaca: & neste nace muyta pimenta longa & redonda, & tão forte como a do Malabar, & assi ha muyta seda: & chamasse Pedir por a principal cidade dele que tem este nome. Outro reyno se chama pacem tambem de hũa cidade assi chamada que he ho melhor porto de toda esta ilha, & nele ha tambem muyta soma de pimẽta que carregão naos dela: ha outra que se chama Achem tambẽ da bãda do norte que està em hũ cabo desta ilha em cinco graos, outro ha nome Campar contra Malaca, outro Menancabo da banda do sul, & aqui he a principal fonte do ouro desta ilha, assi de minas como que se apanha em pô d prayas dos rios, que he cousa de pasmo: outro se chama çunda por hũa cidade assi chamada que està em quatro graos & hũ terço da banda do sul. E neste reyno ha tambem pimenta sem conto: outros dous ha que se chama hũ Andragide, outro Auru: & he no sertão, em que ha hũs homẽs gentios que comẽ carne humana, principalmente daqueles que matão na guerra. Em todos estes reynos ha muytas & muy grandes cidades porem rasas, & de casas palhaças: as que estão no sertão pouoadas de gentios, & as da costa do mar de mouros: que sam todos grandes mercadores & nauegão pera todalas partes, & de todas vão tã bem outros a estes portos cõ suas mercadorias, em que se ganha muyto, principalmente nas de Cambaya, & em coral, azougue, & em vermelhã. Os mouros que viuem nela sam muy desleais, & muytas vezes matão os reys que tẽ, & fazem outros: & assi eles como os gẽtios falão a lingoa malaya, & tem os costumes malayos. E nauegando ho capitão mòr pera esta ilha foy ter â cidade de Pedir que està situada em costa braua em hũa enseada, & despois de surto se foy no seu batel pegar com terra: & sabendo que era reyno porsi mãdou dizer a el rey quem era, & donde vinha, & como lhe queria falar. E por el rey estar doente não lhe pode ir falar, & mãdouselhe desculpar disso por seu regedor, com quẽ ho capitão mòr assentou paz, & que podessem os nossos tratar ẽ seu porto: & em sinal disso foy leuãtado em terra hũ padrão cõ as armas reaes d Portugal. E daqui se partio ho capitã mòr pera a cidade de Pacẽ vinte legoas de Pedir, que està por hũ rio dentro obra de hũa legoa situada na borda dele em terra alagadiça: & na boca do rio estauão hũas casas de madeira, em que pousaua hũ almoxarife que arrecadaua as ãcorajẽs das naos que ali aportauão. Aqui chegou ho capitão mòr aos seys dias de Setembro, & logo q ele apareceo ao mar, seys naos q estauão no por-

to se fizerão à vela,& fugirão,& nũca quiserão tornar:posto que ele mandou a pos elas hũ batel com hũa bãdeira de paz,porque soubessem em terra que ele não hia pera fazer guerra.E despois dalgũs recados ho capitão môr se vio em terra com hũ parente delrey por ele não poder vir,& assentou coele amizade,& trato:& pos outro padrã como em Pedir.E el rey lhe mandou hũa carta pera el rey de Portugal que dizia.

¶ Louuores a Deos que trocou os prophetas polos reys da terra em suas prouincias pera suas religiões,& reynos se rem regidos por eles.E ho lugar da folgança salue deos com sua paz,& os prophetas & messejeiros:& seja louuado ho senhor sempre.E despois da paz este he ho esteyo fundado sobre amor & amizade posta ẽ vossas mãos:os vossos chegarão a nos,alçarão bãdeira de trato,& mostrarão sinal damor:vierão à nossa companhia,& nos os recebemos em nossas mãos cõ a melhor maneyra que podemos,agora ha antre nos & vossa amizade amor,& ho odio he lõge de nos.He concertado que mandeis cada no vossas naos & gente com mercadori as das vossas terras pera se começar ho trato,proueito,& ganho:& tornarẽ cõ o que nos teueremos,& ouuer em nossa terra,& a paz seja sobre os que forem mercadores dela:& ho Deos q̃ he verdade mostre ho caminho da verdade. E assélada do seu selo a mandou aberta ao capitão môr pera que a visse:& ele se partio coela pera Malaca.

Capitolo.CXIII.Em que se escreue ho sitio da cidade de Malaca,& sua grande riqueza:& como se fez reyno.

ESta cidade de Malaca està na costa dhũ grã de reyno chamado Sião situada na boca de hũ pequeno rio q̃ ali se mete no mar ẽ hũa angra.Està em dous graos da banda do norte,& tem muyto bõ porto:ao derrador ha muytas & boas fruytas,assi como vuas que vem de quatro em quatro meses,& duriões q̃ sam da feyção dalcachofres,& do tamanho de grãdes cidras:& de tão singular sabor que diz a gente que naquele pomo pecou Adão. Ha tambem castanhas,figos da India & outras muytas fruytas deferẽtes das nossas,e ha muy boas agoas:& todo ho mais mantimento lhe trazem por mar doutras partes,porque não ha na terra mais que o que digo,& por ser tão viçosa he muy doẽtia.Esta cidade era a este tempo do comprimento que ha Dexo bregas ao mosteyro de Belem,& porẽ estreyta:aueria nela perto de trinta mil fogos.Parte a ho rio ẽ duas partes:& a seruẽtia de hũa pera a outra he per hũa ponte de madeira,de que sam muytas das casas:principalmente da banda do mar,& as outras sã de pedra & cal muyto nobres.Em hũa destas partes da cidade que està da banda do sul estão os paços del rey sobre hũ oyteiro,& nela estaa a sua mezquita mayor,& morão todos os fidalgos.E da banda do norte morão mercadores,à que chamã Quelins & isto he onde a cidade he mais larga que em nenhũa das outras partes. Ho rey desta cidade he mouro,& assi ho sam os seus naturaes,& tem lingoa sobre si que se chama malaya q̃ he muy doçe & facil de tomar:sam todos brancos bem despostos,& bẽ proporcionados,& viuem nobremẽte:na-

turalmẽte ſam galantes,muſicos,& namorados,& as molheres tambẽ:& pola mayor parte ſam fermoſas,& ſam todos amigos de leuar boa vida.E quãdo ſenfadão na cidade vanſe deſenfadar a quintaãs que tem muyto deleytoſas fora ao longo do rio.E com tudo iſto ſam homens de guerra, em que ſe ſeruem de lanças,eſcudos,terçados,& frechas. Ha tambem muytos eſtranjeiros mercadores,que como diſſe morão em pouoação ſobre ſi,& ſam mouros & gẽtios:& os gẽtios principalmente de Paleacate que erão eſtantes,& os mais ricos, & de mayor trato que ſe a eſte tempo ſabião no mundo:& não aualiauão ſuas fazendas ſe não por bahares douro,& auia algũs que tinhã ſeſſenta quintaes douro.E não ſe auia por rico ho mercador que em hũ dia não atraueſſaſſe tres & quatro naos carregadas de mercadoria muy rica,& as tornaua a carregar & pagar de ſua propria fazenda:& por iſſo era eſte porto a mayor eſcala & das mais ricas mercadorias que ſe então ſabia no mũdo:porq̃ aqui vinhão juncos da china q̃ trazião ouro,prata,aljofar, perlas,almizquere,reubarbo,borcadilhos,cetis,damaſcos,tafetãs,ſeda ſolta, & retros,porcelanas,cofres dourados: & outros bricos & lidezas muyto mais polidas q̃ os de Frãdes.E mais leuauão ferro & ſalitre:& fazião ſeu emprego ẽ pimenta,panos de Cambaya,de Bẽgala:& de Paleacate,grãs,açãfrão,corall laurado,vermelhão,azougue,ãfião,droga de Cambaya,que chamão cacho & pucho:& outras mercadorias que hião pela via do mar roxo.Hião tambẽ jũcos da ilha da Iaoa com muytos mantimentos,& com muytas & boas armas. .ſ.lãças,azagayas,eſpadas,terçados,criſis que ſam como adagas,& rodelas:tu-do de muy fino aço,& laurado d tauxia de que ſam grandes officiaes.E eſtes jũcos,que aſſi chamão ãs naos da q̃las partes ſam muyto grandes & muyto deſuiados de todas as naos do mundo:por q̃ da meſma feição he a proa q̃ a popa, em cada hũa tẽ hũ leme:& não tẽ mais que hũ maſto,& hũa vela,& eſtã de rota de Bẽgala, q̃ ſam caninhas delgadas & andã ao derrador como debadoira, & por iſto nunca virão como as noſſas naos.E quando amaynão nã tem neceſſidade de fraldar a vela, porque cae toda junta:& coiſto ſam eſtes jũcos muy ſeguros no mar,& ſam de muyto mais carrega q̃ as noſſas naos,& muyto mais fortes,& tem as amuradas tão groſſas que as não paſſa hũ camelo: porque de cada vez que os hão de renouar lhe lãção hũ forro de tauoado nouo,& breã nos com hũ betume branco,a que chamão gala gala:& ha junco que tem ſete forros,& por iſto durão muyto. Vinhã tambẽ a eſte porto paraos carregados douro em pô da ilha de çamatra do reyno de Menancabo, & muyta pimẽta da meſma ilha:& aſſi do Malabar. E aſſi hião mercadores de toda a India,& de Choramandel, Bengala, Tenaçarim, Pegu com muytos mantimentos,& ricas mercadorias:& aſſi trazião aqui crauo de Maluco,canfora de borneo,maça & noz debanda,ſandalos brãcos & vermelhos de Timor:pelo qual como digo era a mais rica eſcala que ſe naquele tẽpo ſabia no mundo.E poſto que eſta cidade eſtaua no reyno de Sião não obedecia ao ſeu rey que he gentio,antes tinha rey ſobre ſi q̃ era mouro como diſſe.E iſto foy porque deſpois q̃ os mouros eſtranjeiros & tratantes aſſentarão ſeu trato nela,enriquecerão tanto que ſe fizerão muy poderoſos,& leuantarã

se contra os naturaes da terra que erão gentios & sugigarã os, & despois de sugeitos fizerão os da sua ley: & leuãtarão rey antresi, que era o que reynaua a este tempo: & como se vio poderoso não quis conhecer senhorio a el rey de Sião & ficou isento dele. E parece que por el rey de Sião ser senhor de muyta terra como he, & estar metido pelo sertã não atentou pela perda daquela cidade: & el rey de Malaca despois que se vio pacifico senhor da cidade, não curou mais que de leuar boa vida, & enrriquecer. E encomendou a gouernança do reyno a hum seu tio, homem muyto grande tirano & immigo de todo los homens que não erão mouros.

Capitolo. CXIIII. De como ho capitão mór Diogo lopez de sequeyra chegou ao porto de Malaca, & se vio com el rey: & assentou trato, & amizade, & da treiçã que se lhe ordenou.

Esta cidade chegou ho capitão mór com sua armada aos onze de Setembro de mil & quinhentos & noue: & em seu porto achou muytos jũcos, antre os quaes estauão quatro da China. E sabẽdo os chĩs sua vinda, por estarem afeyçoados aos nossos pela fama que tinhão deles ho mandarão visitar os senhores dos jũcos offrecendolhe sua amizade: & a pos isso ho forão ver. E ele lhe deu conta do que hia fazer, & lhe mostrou as mercadorias que leuaua: & ficarã tão amigos que ao outro dia foy comer coeles. E despois de comer fizerão os chĩs saber a chegada do capitão mór a elrey de Malaca, & a seu tio ho regedor, que na lingoa malaya se chama bendara: & eles mostrarão que folgauão com a vinda do capitão mór, & mais porque era pera assentar trato. E logo foy cõcertado que ho capitão mór saysse em terra a falar com el rey, & assentar trato coele & com ho bendara. E desembarcado ho capitão mór foy recebido de muytos senhores malayos por mandado delrey & assi de quantos auia na cidade, que todos corrião ao ver: & da praya foy leuado aos paços encima de hũ alifãte da pessoa del rey, que assi ho costumão fazer aos grandes homens estranjeiros, & hia com grande aparato de festa, & destado: el rey & ho bendara ho recebérão com muyta hõrra. E despois do recebimento assentarão paz perpetua ãtre el rey de Portugal, & el rey de Malaca: & q̃ ele & ho bẽdara dessem hũas casas pera el rey de Portugal ter nelas sua feytoria, & sua fazenda segura: & que as suas naos serião primeyro carregadas que outras nenhũas, assi estranjeiras como naturaes, & que ho crauo, droga, & maça se lhe daria pelo preço da terra compradas por dinheiro, ou a troco de mercadorias do que se mais contentassem. E de tudo isto foy feyta

hũa escritura assinada por elrey de Malaca,& pelo bendara:& foy dada ao capitão mór,que tornado à frota mãdou logo a terra Ruy daraujo que hia por feytor,& assi outros officiaes da feytoria,& pessoas ordenadas a ela:& assi Pero lopez do basto feytor das partes. E ho bendara deu logo hũas casas ao feytor alẽ da cidade pera ho sertão, pegadas com hũ esteiro. E daqui por diante ouue ho capitão mór a paz por tão firme. & por tão segura a ida dos nossos a terra,que soltou geralmente a licẽça a todos pera irem là,nem menos a negaua aos malayos pera irem a sua armada: & assi a todolos outros estrangeiros, a que pesaua muyto do assẽto que os nossos tomauão naquela cidade,principalmente aos jaos & guzarates que recebião mayor perda que outros nenhũs estrãgeiros,& por isso querião mayor mal que todos aos nossos, & desejauão de os destruir. E cõmunicado este odio com algũs mouros de Calicut estantes em Malaca,ordenarão de os desarreigar da terra,dizendoho ao bendara,& aconselhandoho que ho fizesse, porq̃ os nossos não hião pera tratar, se não pera tomar a terra com cór de trato: & que lhe lembrasse que com aquela dissimulação fora a Cochim & a Cananor onde logo fizerão fortalezas,& assi farião em Malaca:por isso que os matasse em quanto podia,& que lhe tomasse suas mercadorias. E posto que não teuera outra causa pera ho fazer, abastaua serem Christãos immigos de sua ley. E o que mais insistia nisto era hũ mouro xabandar dos guzarates chamado Nahodabeguea:& assi outro mouro filho de hũ jao homẽ muyto rico, & despoys del rey ho mór senhor de Malaca,que auia nome Timutaraja,tã rico que tinha seys mil escrauos todos casados. E como ho bendara de seu natural fosse tredoro & tirano, pareceolhe bem o que lhe aconselhauão:& pera isso falou com el rey, & fez com ele que tambẽ lho parecesse. E consentindo naquela treyção, concertarão pela deuassidão que vião no capitão mór, de lhe dar hũ banquete em terra,& assi aos capitães & pessoas principaes da frota, com quem viria a mayor parte do outra gente,& que ali os matarião a todos. E ho filho de Timutaraja se ofreceo de matar por sua mão ho capitão mor, & de leuar consigo todos os catiuos de seu pay pera fazer coeles aquele feyto,& que não queria pera isso outra gente. E pera ordenar ho banquete, começarão de fabricar hũ muyto grande cadafalso de madeyra no começo da pouoação dos Quelins, perto da ponte. E como isto foy assentado, logo começarão de dilatar a carrega ao capitão mór,dando por escusa que lhes tardauão dous juncos que erão a Banda,& a Maluco,por noz,maça,& crauo & por sua detença lhes faltauão estas mercadorias, & que não tinhão a soma que antes cuydauão pera comprir coele,como tambẽ com algũs mercadores estantes de muyto tempo, a que tã bẽ erão obrigados a dar crauo & droga:& porem que farião o que podessẽ & que lhe perdoasse se a mercadoria que lhe dessem não fosse tam boa como a que derão no começo. E isto porque algũa que então dauão era molhada & çuja. Ho capitão mór como era de boa condição,cria estas cousas que lhe ho bendara & el rey mandauão dizer não lhe lembrando que quando foy ho asento do trato lhe disserão, que lhe darião carrega pera sessenta naos.

& que logo na primeyra lhe derão mer cadoria muyto limpa & enxuta. E mais tendolhe mandado dizer os capitães dos Chins por hũ dos nossos chamado Francisco serrão que se não fiasse daquela gente, porque era muyto falsa: & isto lhe mandarão dizer vendo quanto se fiaua deles. Porem ele nunca quis dar credito a este auiso.

Capitolo. CX. De como foy descuberta ao capitão mor a treição que os immigos lhe ordenauão, & de como a eles poserão por obra.

Querendo nosso senhor que esta treição não ouuesse effeyto tão inteiramente como os immigos determinauão. Acertou hũ duarte fernãdez christão nouo, & alfayate que sabia a lingoa persiana de pousar quando hia a terra em casa de hũa moura persiana estalajadeira: & parece que por este Duarte fernãdez saber a lingoa ho agasalhaua, ou porque queria nosso senhor que por meyo desta moura se saluasse a moor parte dos nossos. Por que sabendo ela o que se lhe ordenaua mandou dizer ao capitão môr por este Duarte fernandez que desejaua de falar coele cousas q̃ comprião muyto a sua vida, & de todos os da armada. E ainda isto não abastou pera gerar sospeyta nele do que se lhe ordenaua: & muyto repousado respondeo que não auia de falar cõ a moura, que lhe mãdasse ela dizer o que queria. E desta reposta se queixou ela muyto, & mandoulhe dizer que não auia de dizer nada se não a ele, & se quisesse iria de noyte falarlhe â sua nao por que a não visse ninguem nẽ conhecesse. E deste recado zombou ele muyto, & disse, que entendida era a moura: & que todos aqueles segredos auião de ser quererlhe trazer algũa filha que teria pera dormir coela, & porq̃ não enxergasse se era fealha q̃ria trazer de noyte. E preguntou rindose, se tinha a moura algũa filha fermosa, & não quis que lhe falasse. E vendo a moura que de todo em todo ele a não queria ouuir mandoulhe dizer a treyção que se lhe ordenaua: o que ele não quis crer, & despois os capitães dos Chins lhe descobrirão ho mesmo, conselhãdolhe que se el rey ou ho Bendara ho cõuidassem pera ho banquete que se escusasse fazẽdose doẽte, dizendo todauia que ho faria achandose melhor: & ele ho fez assi, & não foy. E vendo os immigos que sua treiçã não podia ir auante, com aquele ardil inuentarã outro pera matarẽ os nossos no mar, & lhe tomarẽ a frota: & fizerão pa isto hũa muyto grande armada de juncos, lancharas, balões, & manchuas que sam nauios de remo, grandes & pequenos: & os balões & manchuas alastrados de frechas, arremessos, & adargas, & porcima mantimentos. E poserã estes nauios detras dos juncos, porque os nossos os não vissem, & mandarão dizer ao capitão môr que pois não vinhão os juncos que esperauão, que querião comprir coele ãtes que com outrẽ, & mais porque se lhe acabaua a mouçã da India: & que lhe querião dar a carrega toda junta pera mais breuidade, que mandasse todos os bateis por ela cõ muyta gente pera a carregarem logo. E isto com tenção de lhos tomarem, & matarem a gente que fosse neles: & tambẽ a outra que estaua na feytoria. E tinhão concertado que em começan

do esta obra, fizessem com hũ fumo sinal à sua armada pera que tomasse lo go os nossos que estauão no mar. E ho capitão deste feyto auia de ser ho filho de Timutaraja, & a gente que auia de leuar auião de ser os catiuos de seu pay & auia de ir coele Nahodabeguea, & durando ainda ho capitão môr na cõfiança que tinha nos immigos, mandou tres bateys à terra, & ficou ho da taforea porque lhe estauão calafetãdo à cuberta, & ele seruia nisso cõ ho breu. E tanto que os bateys forão a terra que era hũ dia em amanhecendo sayrão lo go os balões & manchuas donde esta uão, & foranse à nossa frota cõ mostra de vender os mantimentos que leuauã & coeles cegarão os nossos que não vissem a grande soma de gẽte que hia nas manchuas & balões, que dãtes não costumaua de ir. E eles mesmos os apressa não que chegassem a bordo: & chegauão tantos que não auia nao que não esteuesse cercada de muytos balões & mã chuas, & os jaos hião como mercadores & coeles ho filho de Timutaraja, q̃ entrou com os outros na capitaina. E pera mais enganarem os nossos que não atẽ tassem por quantos erão, dauanlhe tudo muyto barato: & em quanto hũs vẽ dião, os principaes que digo se sobião a os chapiteos das naos pera os tomarem porque dali tomarião mais asinha a não. E andauão tão dessolutos que atentou nisso Garcia de sousa, & vio tantos na taforea que lhe pareceo mal, & mais vẽ do hũ sobido no chapiteo: & recolheose a sua tolda com obra de doze dos nossos desses principaes que trazia, pera se aproueitar de hũ cauide de chuças & lã ças que hi estaua, se os imigos bolissem consigo: & dali lhes começou de bradar que saryssem da taforea, & mandou lo go dizer ao capitão môr por Fernã de magalhães, que se via ele a soma das manchuas & balões que estaua ao derrador da nossa frota, & a muyta gente que trazião. E logo fez por força sayr os immigos da taforea, que sayrão por serem poucos, & por não verem ainda a sua. E fernã de magalhães que foy ao capitão môr, achouho jugando ho enxadrez muy descuydado do que se lhe ordenaua: & sem nenhũ sentimento de oyto jaos que stauão dentro na nao, & hũ deles era ho filho de Timutaraja, q̃ hia pera matar ho capitão môr que ouuindo ho recado de Garcia de sousa, disse ao contra mestre ainda muyto de vagar que mandasse â gauea a ver se vinhão os nossos bateys que erão em terra: mas com tudo não deyxou ho jogo. E ho contramestre subio logo à gauea, & dela vio que ho filho de Timutaraja estaua sobre ho capitão môr com hũ cris meo arrancado, como que ho queria ferir, & hũ dos outros immigos lhe acenaua que ho não fizesse, como que ainda não era tempo: porem eles vião ja ho sinal do fumo em terra, onde neste instante os imigos derão nos nossos que andauão pela cidade tão seguros como que fora de Portugueses, & matarão muytos deles: o que se pode bem fazer por quam descuidados estauão. E tambẽ por não valerem forças nem esforço de tam poucos pera tantos, & por isso os que poderão fugirão pera a feytoria, onde se recolherão vinte com Ruy daraujo, & se começarã de defender da multidão dos immigos que esta ua sobreles, combatendoos fortemente. E porque ho filho de Timutaraja adiuinhaua isto polo sinal do fumo que via se apressaua a ferir ho capitão môr posto que tinha cõsigo tã poucos, & ace

nandolhe ho companheiro que não era tẽpo meteo ho cris na baynha: mas como eles sam muy determinados, & viã crecer a fumaça em terra, tornou a tirar o cris: & ẽ ho arrãcãdo bradou o cõtra mestre da gauea dizẽdo oq̃ vira. A isto se leuãtou ho capitã mòr posto em grã de alteraçã. E em ho jao ho vendo aleuantar daquela maneira, pareceolhe o que era, & lançouse logo aos balões que estauão a bordo, & ho mesmo fizerão os outros. E todauia algũs forão mortos pelos nossos, que vendo assi escapar os imigos lhe começarão de tirar cõ a artelharia pera ver se se podião vingar.

Capitolo. C X V I. De como Ruy darau jo, & os outros questauão cercados na feytoria se entregarão ao Bendara: & de como ho capitão mòr se partio pera a India.

ENisto bradou ho contra mestre da gauea que vinha hũ batel nosso fugindo de terra, & que ho seguião muytas manchuas pelejando coele, & parecia que ho apertauão muyto. E assi era como ele dezia, & naquele batel vinha Frãcisco serrão que quando os imigos derão na feitoria se saluou cõ ho piloto mòr, & se foy recolhendo pera os bateis, defendendose dos imigos que os seguião: & os nossos não leuauã mais armas que as espadas & capas com que se emparauão: & ho piloto mòr hia tam ferido que não pode ter com Francisco serrão, & ficou a tras, & matarãno: & neste embaraço q̃ eles teuerão teue Francisco serrão tempo pera chegar aos bateys, & meteose logo no da nao de Ioam nunez, onde estauão tres gormetes: & cortando ho cabo do batel que estaua em terra alargou se dela: & os imigos que a este tempo estauão no mar acodirão logo, & tomarã dous bateys nossos, & matarão os gormetes que estauão neles, & outros muytos em manchuas & balões seguirão a Francisco serrão, defendendose ele cõ a espada somente, & os gormetes com os remos que não tinhão outras armas. E indo nesta agonia chegarão a outro nosso batel em que não estaua mais de hũ gormete, que em vẽdo estoutro batel perto se lançou dentro, & atoandoo por popa ajudou aos outros gormetes. E com quanto se Francisco serrão defẽdia valentemente com ajuda dos gormetes, os imigos erão tantos, & apertauão coele tam rijo que lhe entrarão ho batel duas vezes, & dambas forão deytados fora com muytos mortos & feridos. E por derradeiro perdeo ho batel que hia atoado ao seu, que tambem lho ouuerão de tomar se não socorrera ho dataforea, em que lhe forão acodir Fernão de magalhães, Nuno vaz de Castelo branco, Martim guedez, ho escriuã da taforea, & hũ escudeiro de Diogo de mendoça, cujos nomes não soube. E chegando atiro de berço dos imigos, despararão hũ que leuauão na proa do batel, & dando por antreles matarão algũs. E tambẽ começou logo de tirar a artelharia das naos, com cujo medo se os imigos recolherão recebẽdo muyto grã de dano: & assi escapou Francisco serrão, que leuado ao capitão mòr lhe contou o que fora feyto aos nossos questauão em terra. Pelo que fez logo conselho sobre o que faria: & muytos ouue que disserã que fossem queimar a frota dos imigos nos bateis cõ panelas de poluora, & que a artelharia os defenderia

que os não abalrroassem, & mais a das naos que hirião em seu resgoardo: & q̃ compria muyto a seruiço del rey de Portugal fazerse assi; porque se aquela treição ficasse sem vingāça perderião os nossos todo ho credito que tinhão. E deste parecer foy contrayro Ieronimo teixeira que era sota capitão dizendo q̃ aquilo fora muyto bō fazerse se ho poderão fazer com dous bateis: mas que dous bateis ainda que fossem muyto bē artilhados era tão pouca cousa pera os muytos calaluzes, lancharas, māchuas & balões que tinhão os immigos q̃ não aproueitarião nada: porque ainda que tirassem por hū cabo virião eles pelo outro. Quāto mais que dous bateis cō dous tiros cōtra aquela multidão de fustalha, que podião fazer que os não cercassem em acabādo de desparar os berços ātes que lhes atacassem as camaras, por isso que era escusado falar em queymar tantas velas com dous bateis. Mas que antes que se os immigos acabassē dembarcar se deuião de sayr do porto & andarião ās voltas a vista de Malaca pera verem se podião a ver por algum partido a Ruy daraujo, & os outros catiuos. E deste parecer foy ho capitão mōr: & assi se fez, & sahirão ā toa. E vēdo ho Bendara que ja não podia tomar os nossos como tinha cuidado, determinou de os auer por manha: & foyse ā feytoria, onde se Ruy daraujo ainda defendia com seus companheiros: & como q̃ não sabia nada do que se fazia fez apartar os immigos, & per meyo de Ninachatu hū mercador gentio rico, & de grande credito, se lhe entregarão Ruy daraujo & os outros com seu seguro & del rey. E como forão entregues mandou hū recado ao capitão mor de grādes disculpas de não saber do passado, & mostra de lhe pesar de ser feyto: & q̃ se não espantasse de se fazer. Porque como a cidade era grāde & auia nela muytos estranjeiros, a que pesaua muyto cō a nossa feytoria, principalmēte aos jaos & Guzarates, que eles forão os que fizerão aquela treição, & q̃ ja os tinha presos pera os castigar, pedindolhe que ho passado não fosse causa de se quebrar a amizade que estaua assentada, & que fosse acabar de carregar: & que no porto lhe mandaria entregar Ruy daraujo & os outros questauā viuos & sãos. E per conselho dos capitães lhe respondeo ho capitão mōr, que tinha por certo não ser ele em consentimento da treição q̃ lhe fora feyta: & porem que se quisesse que tornasse ao porto que lhe mādasse primeyro Ruy daraujo & os outros, & então iria. E leuada esta reposta ao Bēdara tornou a repricar que fosse ho capitão mōr ao porto, & que lá lhe daria os seus & tudo ho mais que quisesse. E elle lhe respondeo que pois lhe não queria dar os nossos que ele andaria por ali ās voltas ate que lhe fosse socorro da India, onde ho mandaria logo pedir pera ir sobre Malaca com tanto poder que a tomasse, & entre tanto tomaria quantas velas fossem pera entrar no seu porto, & então saberiā os seus o que ganharão na treição que fizerão: ao que ho Bendara não tornou reposta. E vēdo ho capitão mōr que lha não mandaua ouue conselho sobre o que faria: & foy acordado que por quanto em Malaca auia hūa armada tão poderosa, que era doudice querer cometer pelejar coela: não deuião de tornar ao porto, mas irse pera ā India antes que se acabasse a mouçāo pequena, porque se começaua de gastar: & se não partissem naquela auião desperar tres ou q̃tro meses q̃ auia ate a

moução grande, & perdersehião por não terem onde esperar, & que melhor era perderense os que ficauão em terra que a frota toda, que não deixara de se perder se peleijara com a dos imigos, q̃ estaua prestes pera lhe sayr se a nossa se mais detreuera.

Capit. C VII. Do que aconteceo ao capitão môr ate a ilha da poluoreira & de como se partio pera Portugal do cabo de Comorim sem ir á India, & a causa porque.

ISto determinado fez se ho capitão môr á vela cõ os outros capitães & partiose. E indo ainda a vista das ilhas q̃ estão junto de Malaca a horas de sol posto vio hũ junco peq̃no que vinha de contra a Iaoa. E como hia diante dos outros capitães, foy ho primeiro que chegou a ele quasi noyte, & indo pera o aferrar não poderão, & ele foy sua via: & querendo os outros capitães aferralo, bradoulhes que ho não fizessem, & por isso se teuerão. E sentindo os imigos que a nossa frota era de seus imigos, por lhe fugir começou darribar sobre hũa daquelas ilhas, o q̃ vendo Garcia de sousa capitão da taforea, que hia detras de todos, meteose antre ele & a terra, & atalhado assi ho junco surgio, & ho capitão môr surgio perto dele, & os outros capitães afastados, q̃ a nenhũ quis ele dar licença que ho aferrassem, nem que surgissem perto dele, parecẽdolhe que trazia muyta riqueza, porq̃ lha não furtassem. Os Iaos que estauão no junco vendo os nossos surtos, & que era tẽpo pera fugir determinarão de ir varar em terra pera onde a agoa echia, & por isso alargarão a amarra, & tẽdoa bẽ larga começarã de dar á vela pera se acolher, ao que os capitães bradarã ao capitão môr, que era vergonha irselhe assi aquele jũco, que ou ho aferrasse, ou lho deixassẽ aferrar. Então deu licença a Nuno godinz que ho fosse aferrar: & este Nuno godinz era capitã do nauio de Gonçalo de sousa, a quẽ ho capitão môr tirara a capitania dele, porq̃ estando no porto de Malaca dera hũa bofetada a Ioão frz de beja feytor daquela armada. Os jaos vendo q̃ os hião aferrar fizerão sua cerimonia de juramento q̃ eles fazem ãtes que pelejẽ, de se não darẽ & morrerem todos quãdo se não poderẽ defender de seus imigos. E coeste juramẽto os achou Nuno godinz, que todauia os aferrou: porẽ eles se defẽdiã como homẽs que tinhão determinação de morrer, antes que se dar. E com quãto era noyte matarão logo dous bõbardeiros dos nossos, q̃ punhão fogo a hũs berços questauão de proa, por onde entrarão no nosso nauio, & cometerão os nossos tão brauamente que os fizerão recolher ao conues: & neste recolhimẽto foy ferido Nuno godinz, que foy causa de os nossos correrẽ mayor perigo, & certo que estauão em muyto grãde, se a este tempo não socorrera Frãcisco serrão no batel de Ioão nunez cõ algũa gẽte da sua nao, & cõ sua vinda se esforçarã os do nauio, de maneira q̃ ho despejarã dos imigos q̃ temẽdo q̃ os nossos lhẽ trassem ho jũco se recolherão com suas molheres, que tãbẽ trazião, a hũ parao grãde que leuauão de popa, & começarãse dalargar pa a ilha. Ao q̃ Francisco serrã logo acodio arremessãdose no seu batel, & Frãcisco lopez filho de ruy lopez, veador del rey dõ Manuel: & dous

bombardeiros: & ele hía na proa com hũa lança nas mãos & hũa adarga embraçada: & assi cometeo os immigos q̃ estauã de escudos redondos, & lãças muyto cõpridas com ferros colobrinos de grande cõprimento: & ho iurameto que tinhão feyto os fez esforçar grandemente pera se defenderem dos nossos, tirandolhe muytas lançadas, & ho primeiro que ferirão foy Francisco serrão a que derão hũa lançada per hũa ilharga, & foy cõ tanta força que lhe cortou hũa costa, & deu coele na agoa. E quis deos que estaua ali hũa amarra de hũa ancora que jazia ao mar, & nela se pegou & se saluou, & tanto que ele foy derribado entrarão os imigos de roldã no batel por mais que se defendiã os que estauã nele, & derribarã antre as tostes a Frãcisco lopez muyto ferido, & matarão quatro dos remeiros, & hũ bõbardeiro & ho outro ferirã muyto mal, & assi dous dos remeiros. E estando eles señores do batel, chegou ho batel da taforea, e que hião Fernão de magalhães, Nuno vaz de castelo branco, Martim guedez & outros que por todos erão seys a fora os remeiros. Os imigos ainda que era d̃ noyte enxergarão bẽ ho batel com a ardentia da agoa: & parecendolhe que por ir de refresco leuaria gente que os posesse em afronta, recolherãse ao seu paraõ que estaua pegado com ho batel de Frãcisco serrão. Os que vinhão de refresco poserão a proa do seu batel no paraõ, & tomarãno de traues inuestido coele, & foy tamanho ho encontro que lhe derã que ho fizerã ir a outra banda, & as molheres que tambẽ carregarão a ela ho fizerão peder tanto que tomou agoa por bordo: o que elas sentindo, cuydãdo q̃ se alagaua se lãçarã ao mar, & a pos elas os homẽs por as saluar. O que visto polos nossos se meterão logo coeles â calcada, & matarão os mais deles. E isto feyto porq̃ não auia mais q̃ fazer tomarão ho batel de Francisco serrão, & leuarã os feridos à capitayna, & ao outro dia foy despejado ho junco do que leuaua, que foy arroz, sandalo, aguila, & canela da jaoa. E porque no nauio que fora de Gonçalo de sousa, não auia gente q̃ abastasse pera ho marear, pareceo bẽ ao capitão mór passar a gẽte pera as outras naos & queymalo, & coele ho junco: ho q̃ sabido por Nuno vaz de castelo brãco, lhe mandou dizer por Garcia de sousa, que a India ficaua em muyta necessidade de nauios & naos, por isso que não queimasse aquele, & que lho desse, que ele buscaria quem lho ajudasse a leuar. E ho capitão mór não quis se nã mãdalo meter no fundo: do que se despois arrependeo porque lhe fez mingoa. E seguindo despois seu caminho ao lõgo da costa a quatro legoas dele surgio cõ tẽpo contrairo: & estando surto metia ali grande mar: & coisto por ser a nao de Ioã nunez roim, de sobre amarra quebroulhe hũ terço do masto, & por não auer maneira pera se cõcertar lhe enxirirão hũa antena, onde sofria leuar hũa pequena vela. E partido daqui veo ter com a frota hũ junco, que fazia mostra de leuar carga de duzentas toneladas: & Garcia de sousa que hia diante foy ho primeiro que chegou a ele, & ho afferrou: & com quãto os imigos quiserã defender a entrada aos nossos não poderão & forã entrados, & em os nossos entrando muytos dos imigos se lançarão ao mar, & outros se meterão debaixo de cuberta, & abrirão logo hũs rombos que trazem nos juncos pera estes tempos, porque se os immigos os entrã destapão os rombos & alagão os juncos

em que se os imigos afogão, & eles não porque sam grãdes nadadores, & tamanhos mergulhadores que sofrẽ estar debaxo dagoa por espaço de hũa hora: & cuydãdo eles de afogar os nossos desta para os rõbos: & quasi que ho ouuerão de fazer, porque esses que entrarão no jũco, cuydando que estaua despejado dos imigos, meteranse logo a buscar q̃ roubassem: & andando nisto começouse ho junco de ir ao fundo cõ a agoa que lhe entraua, no que atentando os outros que estauão na taforea bradarão aos q̃ andauão no jũco, que se acolhessem, como acolherão, & cõ quanto a pressa foy grãde, ja ho jũco estaua cuberto dagoa & Nuno vaz de castelo brãco se saluou a nado cõ dous marinheiros, & os imigos assi como sentiã que ho junco se hia ao fundo, assi surdião acima: & coeste ardil se saluarã. E ao outro dia sendo a frota tanto auante como a hũa enseada q̃ esta oyto legoas de Malaca, sẽdolhe ho vento contrairo, veo ter coela hũ junco muy grande, que segũdo se despois soube hia muy rico, & a taforea como era muy veleyra hia sempre diante, & por isso chegou a ele primeiro q̃ outra nao hũ grande pedaço: & tiroulhe dous ou tres tiros pera amaynar, o q̃ os imigos não quiserão fazer, q̃ foy causa de Garcia de sousa mandar que ho aferrassem: & sobristo ouue hũa rija peleja dos nossos cõ os imigos, & despois de aferrado ao entrar, & erã as pedradas muytas, & lançadas, assi das gaueas, como doutras partes: & cõ tudo ho junco foy entrado pelos nossos, de que forão feridos ate q̃tro, & dos imigos muytos, & mortos doꝯ ou tres. E os outros cõ medo lãçarãse algũs ao mar, por ser perto de terra, outros ficarão escondidos por essas peitacas do junco, que sam como camaras. E nisto chegou ho capitão mór, & muyto menẽcorio, cuydando que ho junco era roubado dos nossos que estauão dentro começou de lhes chamar ladrões, & q̃ se saissem logo: & mandou dar hũ cabo de sua nao ao junco pera ho leuar à toa, que queria dobrar hũa ponta, mas nũca pode por ser ho vento contrairo, & se deitou com a frota na enseada que digo perto de terra, onde se fazia hũ descuberto, per que entraua tamanho vento que fazia ho mar grãde escarceo, & por que auia ali ho capitão mór de fazer detença ate abonançar ho tẽpo, mandou a Ieronimo teixeira q̃ se metesse no jũco cõ vintoito homẽs pera o goardar, & pa ver o que trazia, & assi ho fez. E cõ quãto era de noyte & fazia grãde escuro se leuaua dele muyta mercadoria pera a capitaina no batel da taforea. E rẽdido ho quarto da prima os imigos destaparão os rõbos do jũco pera o meter no fũdo como costumauão. E sabendo ho capitã mór como se hia ao fundo, temendo q̃ lhe leuasse a nao consigo por ser ali muyto fundo mãdou logo cortar ho cabo q̃ lhe tinha dado, & alargalo de si, & Ieronimo teyxeira, & os outros bradauão q̃ lhes valessem, porq̃ ho jũco era ja cheo dagoa, & foisse ao som do mar pera onde a agoa corria, que era pera Malaca, mas nem porisso não quis ir ho capitão mór a pos ele, nẽ menos a nao de Ieronimo teixeira, nẽ a de Ioã nunez. E indo assi bradando Ieronimo teixeira, & os outros que se acolherão a hũa goarita na popa do junco, bradauão muy fortemẽte que lhes valessem. E forão afastados da taforea que jazia ao mar, onde se ouuião craramente os brados cõ ho vento que corria da parte donde se dauão. E ainda que cõ ho escuro os da taforea não enxergasse ho junco, enxergauão hũa

soma que presumirão ser ho junco que se desamarrara. E assentado que era ele pos se ho capitão mór em conselho se lhe acodirião: porque pera lhe acodir era necessario que cortassem hũa amarra que tinhão ao mar, & não tinhão outra nem menos as outras naos: & por esta rezão erão ho piloto & ho mestre muyto contrairos a se lhe acodir. E estãdo neste debate disserão Fernão d magalhães, & Nuno vaz de castelo brãco, que pera não ficarẽ de todo sem a marra que metessem dentro a mais que podessem, & então a cortassem posto que não teuessem mais que hũa, porque nã podião fazer melhor presa que saluar aquela gente que se perdia no junco. E acordado isto poserã dous marinheiros na gauea com hũa agulha de marear pera demarcarem pera onde ho junco podia ir, mandandolhe que teuessem sempre olho naquela soma que parecia, & quando a perdessem que se marcassem pela agulha: & logo se meterã todos ao cabrestante, & muy asinha meterão dẽtro todo ho auste, & metẽdo ho se fizerão à vela seguindo a via que estaua demarcada pera onde hia ho junco: & como virão a soma tomarão a vela grãde & pondoa em torno despada com ho traquete se forão chegando ao junco amaynando pouco & pouco, & correranlhe por popa com muyto pouca vela, bradando aos nossos que todos se posessem na popa: porque tanto que a tore a emparelhasse com ho junco saltassem nela: & assi foy feyto, & ho junco foy ter a terra, onde despois os immigos saluarão a mercadoria. E saluos os nossos, & tornando ho capitão mór à sua viajem foy ter a Poluoreyra onde fez agoada, & fazẽdose daqui à vela querẽdo a nao de Ieronimo teixeira sayr de hũa enseadinha em que estaua, tomou ho hũa agoajem, & felo tomar por dauante de maneyra que foy dar de popa em terra: & deu de tal feyção em hũ penedo questaua debaxo dagoa q̃ abrio a nao, & ficou enforcada, & a gente se saluou: & assi muytos mantimentos, & artelharia, & ali ficou, mandando ho capitão mór desenxarciar: & por Ieronimo teixeira ficar sem nao, & ir por sota capitã lhe deu ho capitão mór a nao de Ioão Nunez. E proseguindo daqui sua viajẽ em Ianeyro de mil & quinhẽtos & dez foy ter a Trauancor hũ porto no cabo de Comorim, onde soube que ho viso rey era partido pera Portugal, & Afonso dalbuquerque gouernaua a India. E parecendolhe que Afonso dalbuquerq̃ tinha rezão destar mal coele por quão cõtrayro lhe fora por parte do viso rey não ousou de ir à India: pera onde mãdou dali a Garcia de sousa & a Ioão Nunez nas suas naos, que despois forão lá ter como direy a diante: & ele se partio pa Portugal, & passou per ãtre as ilhas de Maldiua caminho do cabo de boa esperança, & foy ter a Lisboa no anno de mil & quinhentos & dez.

Capitolo. CXVIII. Do que aconteceo ao capitão mór Duarte de lemos indo pera çacotorá, & do mais que fez.

Passado o inuerno que Duarte de lemos teue em Melinde como disse, ele se partio cõ sua armada a vinte Dagosto do anno de mil & quinhentos & noue pera çacotorá, pe-

ra meter de posse da fortaleza a Pero ferreyra fogaça. E nauegando ao longo da costa foy ter a Magadaxo, hũa cidade de que faley a tras. E hia com determinação de a tomar se visse que a terra estaua em desposição pera isso: & por ser ja tarde não pode fazer mais aquele dia que surgio na barra. E estãdo a frota surta aconteceo que se cortou a marra do bargantim de Grigorio da quadra estando toda a gente dele dormindo, que por isso ho não sentirão desamarrar: & por ser pequeno & fazer escuro não foy visto de nhũ da frota. E desamarrado se foy com a corrente da agoa contra ho cabo de Goardafum: & quãdo os que hião nele acordarão que virão como hião não poderã ver a nossa frota. E não sabendo ondestauão deixarã se ir ao longo da costa, crendo que tornauão pera Magadaxo: & assi forão ate chegar ao cabo de Goardafum, que està cento & setenta legoas de Magadaxo. E dobrando este cabo forão ter à cidade de Zeyla cinco legoas das portas do estreito de Meca: & hi forão catiuos de mouros, de q̃ a cidade he pouoada, & Grigorio da quadra & outros forã leuados em presente a el rey Dadem. E despois de este Grigorio da quadra ajudar a elrey Dadem em muytas guerras que teue cõ os turcos no sertão foy ter a Ormuz em tẽpo do gouernador Lopo soarez de meneses, como direy a diante. E vindo ho outro dia despois da noyte, em que aconteceo isto que digo ao bargantim, ficou Duarte de lemos muyto triste quando ho achou menos: & mais porque ho não poderão achar algũs bateis que mãdou em busca dele ao longo da costa. E estando na determinação que trazia de dar em Magadaxo, ele ẽ pessoa foy no seu batel a ver que desembarcadoyro tinha, & pa ver se veria mostra da gente que aueria na cidade: & quanto se mais chegaua a terra tãto mais via nela muyta gẽte, assi de pê como de caualo, & toda muy luzida que parecia gẽte de feyto: & no meo da cidade parecia hum castelo que mostraua ser grande & forte. E chegado ao desembarcadoyro vio que era muyto roĩ, por fazer ho mar grande escarceo, & bem ho sentio ele: porque estando ho vendo lhe deu hum mar tamanho que quasi lhe çoçobrou ho batel. E tornado à frota deu conta do que vira aos capitães, que examinada bem a desposição da cidade, & ho pouco nojo que lhe podião fazer, & quanto poderião receber desembarcãdo, acordarão q̃ se não desembarcasse & se fossem, & assi ho fizerão, & partirão caminho de çacotorã: & chegando sobrela carregou tanto ho vento contrayro pera a tomarem que nunca a poderão aferrar. O que vẽdo ho capitão mòr mãdou que fossem via Dormuz, onde ainda era goazil Cojeatar, & rey aquele que reynaua quando Afonso dalbuquerque hi foy ter: ho capitão mòr como surgio no porto mandou recado a Cojeatar, dizẽdo q̃ ele era ali vindo por mandado del rey de Portugal seu senhor com aquela armada pera ho fauorecer & ajudar: & assi pera acabar a fortaleza que Afonso dalbuquerque tinha começada, & pera assentar feytoria, & se comprirem todas as mais condições do contrato de vassalajem que elrey Dormuz & ele erão obrigados a comprir como vassalos del rey de Portugal. Coeste recado não foy Cojeatar nada contente, porque por nhũa cousa daria fortaleza nem deixaria assentar feytoria pelo medo que tinha, q̃ com qualquer destas cousas perderia

ho mando que tinha em Ormuz,& cõ quanto estaua bem prouido de gẽte & artelharia & mantimentos não se quis arriscar a perdelo & vir a rotura de guerra:& respondeo ao capitão mór q̃ sua vinda fosse muy boa,& que ele esta ua prestes pera agasalhar os nossos;& darlhe todo o que lhe fosse necessario daquela cidade como a amigos, & que ho seruiria no que lhe mandasse:& que estaua prestes pera pagar quinze mil xerafins de conhecença.Porque vinte mil que Afonso dalbuquerque quisera que pagasse a terra não ho sofria,& leuantarsehia ho pouo:& que pera conhe cença,como lhe Afonso dalbuquerque chamaua abastauão quinze mil xerafis sem opressam do pouo,& de boa võtade.E ouuindo ho capitão mór esta reposta muyto fora do proposito do que lhe mandara dizer tornoulhe a mãdar ho mesmo recado que lhe mandou primeyro.E Cojeatar lhe respõdeo como dantes,se não que meteo mais,que fortaleza nossa em Ormuz,& feytoria erã duas cousas,que se não auião de poder a cabar sem sangue.E cojeatar falaua assi afouto,porque sabia que Afonso dalbuquerque não era gouernador da India,& polo que lhe ho viso rey fizera. E com todas estas palauras mandou hũ grande presente de refresco ao capitão mór:que vendo a reposta de Cojeatar, & como não queria pagar todas as pareas,chamou a conselho os capitães,& principaes da frota,& disselho:dizendo mais que bem vião quam pouca gẽte erão,pera começarẽ de fazer guerra a hũa cidade tão poderosa como aquela estaua,& mais estando tão longe dõde lhes podia ir socorro:& por derradeiro farião tão pouco como fizera Afonso dalbuquerque no tempo que lhe fez a guerra,que ja não falaua na fortaleza, & feytoria:mas quanto às pareas lhe pa recia que deuião de tomar as que lhe dauão:porque cinco mil xerafins que tira ua Cojeatar do que assentara com Afõso dalbuquerque não importaua nada ao seruiço delrey,& importaualhe muy to ter aquela cidade quieta,& pacifica pera as armadas que queria trazer no estreyto.E vendo algũs que a vontade do capitão mór parecia ser q̃rer tomar os quinze mil xerafins que daua Cojea tar,& estar em paz coele forão de voto, que assi se fizesse.Porem Pero ferreyra fogaça como era muyto valẽte caualeyro foy de parecer contrayro,& disse q̃ se não auia de sofrer,que aleuantãdose Cojeatar contra Afonso dalbuquerque despois de receber o reyno de sua mão tendo lho tomado por força darmas,& em justa guerra,que lhe tomassem me nos pareas das que assentara com Afon so dalbuquerque:que ele não auia por seruiço del rey de Portugal fazẽdo Co jeatar o que fizera tomarenlhe menos pareas das que era obrigado a dar:& mais sendo a cidade tão rica como era, que pareceria muy grãde cobiça tomarennas:& sobrisso ouue grãde debate, porque Pero ferreyra queria sostentar seu parecer,& ho capitão moor ho con trayro,& ajudauanno os capitães.E foy a cousa de maneyra que passarão mâs palauras antre ho capitão moor,& Pero ferreyra:mas não foy mais porque ouue logo apazigoadores.E com tudo a cordouse que ho capitão moor tomasse os quinze mil xerafins que daua Cojeatar, & se sosteuesse coele a amizade, por as rezões que disse:& assi se fez. E por não ser amoução pera ho capitão moor tornar pera çacotorà ficou ali dous meses.E neste tempo foy tirado a

monte ho nauio de Francisco pereyra, & os nossos hião a terra, onde andarão sempre muyto seguros, & receberã bõ gasalhado dos mouros. E vinda a mouçáo partiose ho capitão mór pera çacotorá, & de Mazcate despedio pera a India a Vasco da silueira a pedir quem gouernasse a armada q el rey de Portugal mandaua, que ele trouuesse no cabo de Goardafum: & na nao de Vasco da silueira mandou tambẽ Diogo correa pera ir logo da India por capitão dhũa das galês que là andauão, & Vasco da silueira auia dandar por capitão da outra: & hũ Antão nogueira cunhado do capitão mór auia de tornar por capitão desta nao de Vasco da silueira, & por isso hia tambem coele. E partido Vasco da silueira de Mazcate partiose ho capitão mór pera çacotorá, õde chegou em Outubro, ou na ẽtrada de Nouẽbro: & ẽtregou logo a Pero ferreyra da capitania, & da alcaydaria mór a Antonio ferreyra seu sobrinho, por amor dele que lhe pedio que lho deixasse ali pera companhia: & deu a capitania do seu nauio a Simão de lemos hirmão de lẽ capitá mór, & despois disto adoeceo de febres: & por a ilha ser doẽtia se foy pera Melinde que he lugar sadio pera se curar là. E deixou recado a Francisco pereyra de berredo que leuasse pera a India na primeyra mouçãoa dom Afõso de noronha, & a Fernão jacome seu cunhado: e como os leuou direy a diãte.

Capitolo. CXIX. De como ho viso rey mandou Afonso dalbuquerque pera a fortaleza de Cananor. E como estando pera partir chegou de çacotorá dõ Antonio de noronha seu sobrinho.

Partido Diogo lopez de sequeyra pera Malaca: não se sabe porque causa mandou ho viso rey dizer hũ dia a Afõso dalbuquerque, que lhe pedia por merce que sembarcasse na nao Sancto sprito, porque compria muyto a seruiço del rey seu senhor irse pera Cananor: porque se apagasse aq̃le fogo que andaua ãtreles. Afonso dalbuquerque pelo que lhe tinhão feyto, & mandalo ho viso rey pera Cananor sẽdo ho tempo ainda muyto verde & mãdando ho em hũa nao tão velha como era Sancto sprito, presumio que o viso rey ho mandaua ir pera que lhe desse hũ traueessam na viajem que desse com a nao à costa, & morresse. E cõtudo dissimulou & fez que entẽdia q̃ ho visorey ho mandaua prender, & foyse logo à ribeira onde andaua, & disselhe, Assi senhor que me prẽde vossa senhoria. Ao que ho viso rey respondeo com ho barrete na mão, dizendo que não prendia, se não que lhe pedia muyto por merce q̃ se fosse a Cananor, porq̃ assi era seruiço de Deos & del rey. E todauia Afõso dalbuquerque insistio que ho mãdaua prender, & pois assi era q̃ ele se hiria â prisã: & logo se foy embarcar na mesma nao q̃ ho viso rey dizia, & dela mãdou pelo seu fato. E isto fez pera mais sua justificação, & porque não teuessem seus imigos que lhe dizer: do que eles ficarão bem espantados. E embarcado Afõso dalbuquerq̃, pedio ho viso rey a Martĩ coelho q̃ fosse por capitão daq̃la nao, & despois q̃ posesse Afõso dalbuquerq̃ em Cananor, fosse a Honor por Pero frz tinoca q̃ hia por ẽbaixador a el rey de Narsinga: & estaua ali porq̃ soube q̃staua çarrado o caminho

pera Bisnagar por auer guerra ãtre ho çabayo senhor do Balagate & el rey de Narsinga:& que pois nao podia por esta causa fazer seu caminho q̃ ho trouuesse. E por quanto por ser ainda ho tẽpo verde não auia ninguem que se embarcasse na nao, mãdou ho visorey embarcar ate quinze criados seus, os quaes goardauão Afonso dalbuquerque dez ou doze dias que esteue no porto por não fazer tempo pera sua partida: nos quaes leuou muyto mà vida de chuuas & ventos:& nestes dias estaua Martim coelho em terra. E desamarrãdose hũa vez a nao com tormẽta, & indose pola agoa abaixo foy na fortaleza grãde reuolta pera que lhe acodissem: porque dizião os imigos Dafonso dalbuquerque que fugia;& se leuãtaua cõ a nao, & fizerão com ho viso rey q̃ mãdasse, como mandou muyta gente em paraos, & bateis:& chegãdo à nao que acharão o que era bem quiserão dissimular ao que vinhão:mas Afonso dalbuquerque ho entendeo, & mandou dizer ao viso rey que se espãtaua muyto de sua senhoria dar tãto credito a seus imimigos, que cresse que se auia daleuãtar em hũa nao podre:& ho viso rey mandou então embarcar Martim coelho, & que esteuesse sempre na nao posto q̃ não partisse. E despois disto chegou ao porto dom Antonio denoronha sobrinho Dafonso dalbuquerque, que ho viso rey mandara de Diu com hũ nauio de mantimentos a çacotorà, onde inuernou com dom Afonso de noronha seu hirmão, & era partido pera a India quãdo là foy ter ho capitão mór Duarte de lemos. E achando dom Antonio Afonso dalbuquerque naquele estado, & sabendo o que ho viso rey lhe tinha feyto não quisera ir a Cochim, nem falarlhe, se não irse dalli coele pa Cananor. Mas Afonso dalbuquerque lhe pedio q̃ lhe fosse falar, & lhe deisse conta do que fizera & ficasse em Cochim descansando: porq̃ ficãdo lhe aproueitaria muyto em lhe mandar auisos do que se ordenaua contrele, porque não ficaua em Cochim de quẽ se fiasse: & assi ho fez dom Antonio. E sabendo ho viso rey como não quisera ir com Afonso dalbuquerque pera Cananor agardeceolho muyto cuydando que ficaua pera ho acompanhar:& ꝓmeteolhe a capitania de Cochim, porque sem nhũa duuida se auia de ir aquele anno pera Portugal & que auia de leuar cõsigo a Iorge barreto crasto:& coesta promesa lhe pedio a capitania do seu nauio que lhe ele alargou;& ho viso rey a deu a Fernã perez dandrade, & foy a primeyra capitania que teue na India. E jà a este tẽpo Martim coelho era partido com Afõso dalbuquerque pera Cananor:& passarão no caminho grandes toruoadas com q̃ se a nao ouuera de perder atraues de Calicut.

Capitolo. CXX. De como aquiridos por Afonso dalbuquerque os fidalgos que inuernarão em Cananor se soltou, & do que passou com Lourenço de brito.

Chegados a Cananor desembarcou Afonso dalbuquerq̃, & foyse à fortaleza acõpanhado de Martĩ coelho, & dos q̃ hião na nao:& de muytos daqueles fidalgos q̃ inuernarão em Cananor, que sabendo que vinha como erão seus amigos ho sahirão a receber, & vendo ele a Lourenço de brito disselhe, Senhor aqui me manda ho viso rey preso por isso tratayme

como a preso,& ele lhe respondeo que não hia se não solto,& pera folgar naquela fortaleza onde lhe faria todo ho seruiço q̃ podesse,assi polo merecimẽto de sua pessoa como por lho ho viso rey mandar em hũa carta que lhe mostrou.E Afonso dalbuquerque q̃ sabia que Lourenço de brito fora ho principal que assinara nos capitulos pera lhe não darem a gouernança, disselhe que não tinha de ver com palauras pois as obras que lhe fazião erão tão roins,como estaua notorio na merce que lhe tirauão q̃ lhe el rey seu senhor fizera da gouernãça da India:& sobrisso injuria do por tantas maneyras,& preso:porq̃ ele por tal se tinha,& bẽ ho adiuinhaua Afonso dalbuquerque.Porque despois q̃ ele foy agasalhado na fortaleza Lourenço de brito lhe tomou secretamente a menajẽ que não saisse dela sopena de menos valer:& isto porque se não fizesse na India algũ aluoroço de que deos & elrey fossem desseruidos,& que lhe mãdaua ho viso rey tomar a menajem assi secretamente porque se não soubesse: & porem que no mais que ho tratasse muyto bem,& assi ho fazia.E Afonso dalbuquerque goardaua bem sua menajem em não sayr nunca da fortaleza,se não com Lourenço de brito:nem disse a ninguem da menajem que lhe era tomada,& trabalhaua por acquirir a amizade de todos aqueles fidalgos q̃ stauão na fortaleza pera os ter da sua parte,& daua a todos dinheiro q̃ ho tinha muyto,& assi lho dizia por isso que gastassem afouto:& coisto aquirio a amizade de muytos,principalmente daqueles q̃ andarão na sua armada da costa dalem E coesta noua amizade ouue logo dous bandos hũ Dafonso dalbuquerque outro de Lourenço de brito,&começarão os mexericos de teçer & coeles começarão de nacer nouos desgostos antre hũ & outro,porem secretos,que em pubrico parecia que erão os mayores amigos do mundo:& quanto passaua em Cananor escreuia Lourenço de brito ao viso rey,& era a negoceação tamanha que nũca ho caminho da terra de Cananor pera Cochim estaua sem patamares q̃ leuauão cartas dauisos, assi pela parte do viso rey como pela Dafonso dalbuquerque,a que foy dada hũa carta que ho viso rey mandaua por ele,& pera isso se ficaua aparelhando Fernão perez dandrade.O que ho pos em grãde trabalho & a seus parceaes,presumindo q̃ pois ho viso rey mandaua por ele era pera ho mãdar pera Portugal.E auido sobristo seu conselho acordarão de ho não consentir,porque vindo a armada de Portugal que esperauão que auia de ir dirigida a Afõso dalbuquerque pois ho elrey tinha por gouernador,que melhor lhe obedeceria achandoho ali que em Cochim onde lhe ho viso rey poderia muyto danar,porq̃ como ho achassem em posse da gouernança obedecerlhião.E assi acordarão que pera fazer melhor o q̃ lhe era necessario não poussasse mais dentro na fortaleza se não fôra,ainda que pesasse a Lourenço de brito.E isto assẽtado no domingo seguĩte antes de jantar despois de missa andando Afõso dalbuquerque passeando de fora da porta da fortaleza com Lourenço de brito,passou hũ escriuão da feytoria a quem Afonso dalbuquerque disse que queria que ho ouuesse por seu capitão mór,a q̃ ele respõdeo q̃ como seria aquilo se ho viso rey estaua na India,q̃ ele não podia obedecer a dous capitães mores.E sentindo Lourẽço de brito q̃ Afonso dalbuquerque dezia aquilo ao

escriuão perase decrarar coele, dissimulou, fazendo que ho não entendia, dizendo, Ande vossa merce & vamos jantar que sam horas:& tomoulhe a mão, como que era por amizade. Afonso dalbuqrque puxou por ela rijo, & tirouha dizendo que ho deixasse. E logo Lourẽço de brito pegou nele pera ho leuar pera dentro da fortaleza. Ao que Afonso dalbuquerque chamou aque dos seus: & então lhe acodirão todos esses seus amigos que erão muytos:& desapegarã dele Lourẽço de brito, que ho tinha bẽ aferrado, & bradaua da parte del rey q̃ lho deyxassem meter na fortaleza, porque estaua preso por mandado do viso rey, & quebraua a menagem que lhe tinha dada. E os da parte de Lourenço de brito acodirão tambẽ:& ouuerase de fazer hũ mao recado, porque eles erã menos, & ouuerão de passar peor se a cousa viera a rotura: & porisso Lourẽço de brito os apazigou, & tambẽ Afonso de albuquerque aos de sua parte. E Lourẽço de brito lhe disse que porque lhe nã goardaua a fe q̃ lhe tinha dada:& Afonso dalbuquerque respondeo, que porq̃ lhe não entregaua ele a fortaleza q̃ lhe el rey seu senhor mandaua entregar, & que ele nunca lhe dera tal fe: & mais q̃ como lha auia de dar se ele andaua solto & por solto lhe dissera perante todos q̃ ho recebia, & que assi lho mandara ho viso rey por hũa carta sua, que tambẽ lhe mostrara perãte todos. E coisto ho deixou, & se foy pera a ponta onde se aposentou em hũas casas de palha, jũto de nossa senhora da vitoria. E esses que ficauão com Lourenço de brito lhe disserão que deuia de hir cõ mão armada prender Afonso dalbuquerque: & ele disse que ho não faria, porque não soubesse a gente da terra que erão tam mal sufridos que pelejauão hũs com os outros estando tã poucos em terra de imigos, & tão apartada da sua. E se isto não fora bem tinha Lourenço de brito coração & esforço pera fazer o que lhe dizião.

Capitolo. CXXI. De hũa carta q̃ ho uiso rey mandou a Afonso dalbuquerque por Fernã perez dandrade, & de como se soube que hia armada de Portugal.

Estando assi a cousa a q̃la tarde chegou Fernã perez dandrade a Cananor:& quando Afonso dalbuquerque soube que vinha chamou logo todos os da sua liga, & animou os a fazerem o q̃ lhe tinhã prometido, & eles lho tornarão aprometer. E porq̃ ele nã teuesse rezã de ir ver Fernã perez, fezse doente. E Lourẽço de brito sabendo que hia Fernã perez ho foy receber ao desembarcar, & contoulhe o que Afonso dalbuquerque tinha feito, & ele lhe disse q̃ ja não tinha necessidade de tender coele, porq̃ a determinação do viso rey era entregarlhe a gouernãça da India, & irse pera portugal nas naos q̃ tinha prestes se fosse caso q̃ não chegasse a armada atẽpo pera se poder ir nela:& sobrisso lhe mãdaua hũa carta que lhe trazia, & dali se auia de ir darmada ate Baticalà, & sòmẽte pera dar aquela carta tomara aq̃le porto. E dali se foy a ver Afonso dalbuq̃rque sabẽdo como estaua doente:& despois de ho ele receber cõ muyta festa lhe preguntou pola disposição do viso rey, & dizendolhe Fernã perez lhe deu a carta que lhe trazia, em que Afonso dalbuquerque achou q̃ ho viso rey lhe certificaua sua ida pera

Portugal,& que se ficaua fazendo prestes pera isso,& que então lhe entregaria a gouernança, pedindolhe muyto por merce que não cresse a que lhe dissesse que se não auia dir pera Portugal, porque prazendo a deos se auia dir em todo caso. Coesta carta foy Afonso dalbuquerque muyto ledo,& disse q̃ sempre esperaua do visorey que auia dusar coele de rezão:& disse dele mil bẽs, atribuindo toda a culpa do que lhe era feyto a seus immigos: então se leuantou,& se foy pera Lourenço de brito,& lhe pedio perdão do que passara coele, dizendolhe que ho mandasse pelejar,& que poria a bandeira onde quisesse. E Lourẽço de brito lhe disse que lhe não lembraua ho passado: porem que se os deos leuasse a Portugal que ainda lhe là auia de demãdar o que passara antreles ambos que lhe não quisera comprir: ao q̃ Afonso dalbuquerque não quis responder por escusar brigas & falou em al. E partido Fernão perez que foy ao outro dia, chegou a Cananor seu irmão Simã dandrade,& disse que a monte Deli tomara hũa nao que vinha de Portugal cujo capitão se chamaua Gomez freire & dele soubera como vinhã de Portugal quatorze naos & por capitão mòr de todas dom Francisco coutinho ho marichal,& que não tardaria tres dias. Da qual noua Lourẽço de brito ficou muyto agastado por ser o marichal muyto parente de Afonso dalbuquerq̃: & era muyto caualeyro,& auia destranhar muyto o que lhe fora feyto. E Afonso dalbuquerque soube logo esta noua pelo alcaide mòr da fortaleza, pedĩdolhe aluissaras,& ele lhe deu mil cruzados, pedindolhe perdão de lhe não poder dar mais. E como quer que Lourẽço de brito se achaua muyto culpado contra Afonso dalbuquerq̃ não quis esperar ali ho impeto do marichal & entregoualhe a fortaleza pera se ir pera Cochĩ, não lhe dizendo ho pera que: porẽ Afonso dalbuquerque a não quis tomar. Então a entregou Lourẽço de brito ao alcaide mòr secretamente:& assi se foy pera Cochim com Simão dandrade q̃ logo partio pera lá:& per eles soube ho visorey a vinda do marichal,& que trazia por regimẽto que desse em Calicut & que era sua võtade de dar logo nela. E por isso despachou na ora ao mesmo Simão dandrade na sua carauela,& a Antonio pacheco em outra cõ muytos fidalgos,& caualeyros escolhidos,& bẽ armados:& mandoulhes que fossem receber ho marichal ao caminho pera ho ajudarem em Calicut:& mãdoulhe dizer que aquele era ho melhor refresco que tinha pera lhe mandar. E coisto se partirão em sua busca.

Capitolo. CXXII. De como partio pera a India por capitão mòr da armada dom Frãcisco coutinho marichal de Portugal: & como chegou lá,& do que fez.

NEste anno de mil & quinhẽtos & noue partio de Lisboa pera a India hũa armada de quinze naos a vinte de Março, de que foy por capitão mòr dom Francisco coutinho marichal dos reynos de Portugal, caualeyro de muyto esforço: a que el rey dõ Manuel mandou que se ainda ho visorey esteuesse na India, que ho mãdasse pera Portugal,& metesse de posse da gouernança da India a Afonso dalbuquerque. E deulhe pera fazer aquela vi

agem hũa grande & fermosa nao, chamada nossa senhora de Nazare. E forã os capitães da frota estes fidalgos & caualeyros. s. Pedrafonso daguiar na nao galega: & hia por sota capitão Francisco de saa em sam vicẽte, Bastião de sousa em sam Iorge, Frãcisco de sousa mãçias em sam boauentura, Ruyfreyre na garça, Gomez freyre no bretão, Iorge da cunha na Madanela, Francisco caruinel em Santiago, Rodrigo rabelo na bastiaina velha, Francisco marecos em outro bretão: & este inuernou em Moçambique, Lionel coutinho em frol da rosa, Bras teixeyra no ferros, Luys coutinho no seu nauio, Iorge lopez bixorda em Santa cruz. E partidos estes capitães de Lisboa todos, saluo Francisco marecos que inuernou, forão ter a Cananor em Outubro, sem lhe acontecer na viagem cousa que seja de contar: & chegada esta frota Afonso dalbuquerq̃ foy ver ho marichal ã nao, & lâ lhe contou os agrauos que lhe forão feytos, assi em Cochim, como em Cananor, & como Lourenço de brito era partido, & deyxara a fortaleza ao alcaide môr. Sabido isto pelo Marichal, pareceolhe bẽ sayr em Cananor, posto que ho não trazia na võtade, & a hi se enformou muyto bẽ do que lhe Afonso dalbuquerque dissera, & achando ser tudo assi, estranhouho muyto, principalmẽte não lhe ser dada a gouernança que el rey mandaua que se lhe desse. E assentou em cõselho com seus capitães de ho leuar pera Cochim poys era gouernador, & as cartas delrey de Portugal, & instruções que trazia vinhão dirigidas a ele. E estando aqui em Cananor, forão ter coele Simão dandrade, & Antonio pacheco, & lhe derão ho recado do viso rey, & ele folgou muyto de ver a boa gente que trazião. E não deu em Calicut por lhe Afonso dalbuquerque aconselhar que ho não fizesse, se não despois de ir a Cochim, porque traria mais gente. E partidos de Cananor, chegarão a Cochim: & em chegando, ho visorey mandou visitar ho Marichal ao mâr, & offerecerlhe a fortaleza pera pousar nela, & ho marichal lho mãdou ter em merce, & dizer que auia de pousar com Afõso dalbuquerque. E â desembarcaçã do marichal ho sahio ho visorey a receber â praya com todos os fidalgos que estauão em Cochim, & outras pessoas principaes. E foy ho arroydo muy grãde da artelharia ao desembarcar. E da praya se tornou ho viso rey pera a fortaleza, & ho marichal se foy com Afonso dalbuquerque a sua pousada, acompanhados de todos os de sua valia, & dos que chegarão de Portugal que erã muytos. E passados dous dias, ho marichal foy ver ho viso rey: & perante ho capitão da fortaleza, feytor, alcayde môr, & outros officiaes, & muytos fidalgos & caualeyros lhe disse, que ele hia dirigido de Portugal pera Afonso dalbuquerq̃, a quem el rey seu senhor tinha por gouernador: & q̃ ho achaua desapossado da gouernãça, & preso: que folgaria de saber como aquilo era, porque trazia poder pera ho meter de posse dela se fosse necessario: & pera fazer a carga de sua armada, sem ho gouernador da India entender nisso. E logo mostrou as prouisões que trazia. Ho viso rey disse que Afonso dalbuquerque não estaua preso, nem nunca ho esteuera, que estaua em Cananor por estar mais a sua võtade: porque não auia de gouernar a India em quanto ele viso rey esteuesse nela, como tinha por hũa prouisam delrey seu senhor. Então deu as causas porque

se não fora pera Portugal, como a tras fica dito: & assi disse como estaua pera se partir, pera o q̃ tinha corrigidas tres naos, se fosse caso que não viessem ou tras: & pois as deos trouuera que lhe daua muytos louuores, & estaua prestes pera partir logo, porque tinha compra da carga pa aquelas tres naos. E tomou as prouisões do Marichal, & beijando as & pondo as sobre a cabeça disse que as auia por boas & lhe obedecia. E ali foy logo assentado que por quãto el rey de Portugal se obrigara a dar carga a muytas das naos que ho Marichal leuaua que erão de mercadores, & por serẽ muytas se duuidaua se aueria carga pera tantas: que das naos q̃ tinha corrigidas pera leuar não leuasse mais q̃ a nao Belem, de que era capitão Iorge de melo pereyra, & as outras ficarião & hiriã em seu lugar com a carga que estaua prestes duas da conserua do Marichal .s. a nao garça & a nao sancta cruz, & Ruy freyre & Iorge lopez que erão seus capitães ficarião com ho Marichal: & logo se deu pendor a estas duas naos. E acabadas de concertar entregou ho viso rey a gouernança da India a Afonso dalbuquerque perante ho Marichal & perãte todos os fidalgos, capitães & officiaes que stauão em Cochim. E esta entrega foy feyta à porta da fortaleza estando ho viso rey da parte de dentro & Afonso dalbuquerque da parte de fora: & desta entrega da India, & cõ quãtas fortalezas, & quãtas naos, & nauios, & peças dartelharia, & quantos homẽs entregaua ho viso rey a India foy feito hũ auto per hũ tabaliã pubrico, & por ele mesmo foy dado conhecimento em forma ao viso rey & assinado por Afonso dalbuquerque de como recebia a India. E feyta esta solenidade ho viso rey se foy logo embarcar na nao garça em que auia de ir, & forão coele ate a nao quantos fidalgos andauão na India mostrando todos muyto sentimento por sua partida: porque os mais se auião de ir coele pera Portugal que nenhũ não ousaua de ficar na India por amor do q̃ tinhão feyto a Afonso dalbuquerque. E despois do viso rey ser embarcado foy a sua nao carregada & assi as outras duas: & em q̃nto aqui esteue sempre Afonso dalbuquerque lhe cometia as cousas da gouernança da India q̃ ele não queria fazer & lhas tornaua a mandar. Porem por debaixo destes comprimẽtos sempre ãtreles ouue muytos desgostos emcubertos, fazendo Afonso dalbuq̃r que quanto podia contrele: & ate os mãtimentos lhe tolhia dissimuladamente: & sobristo foy hũ dia acutilado hũ cõprador do viso rey & Afõso dalbuquer que se vingou em parte do que lhe ele fizera. E acabadas d̃ carregar as outras naos de que erão capitães Iorge de melo & Lourenço de brito, partiose coelas a dezanoue de Nouembro de mil quinhentos & noue, & foyse a Cananor pera se abarrotar. E no tempo que aqui esteue daria passante de dez mil cruzados a algũs fidalgos que hião coele por irem pobres & a todos daua de comer. E neste tempo mandou logo ho gouernador Afonso dalbuquerque sondar a barra de goa por lhe dizer o Marichal que trazia instrução del rey pera ho fazer, & pa ver que naos podião entrar nela: & sõdada a barra não se fez mais nada, do q̃ os q̃ stauão em Cananor cõ ho visorey zombarã muyto & fizerão sobrisso trouas, porque auiã por impossiuel tomarse Goa, por camanha cousa era, & quão poderosa degẽte: porẽ despois se tomou, como direy a diante.

Capitolo. CXXIII. De como ho uisorey se partio pa Portugal: & de como ho matarão cafres na agoada de Saldanha, & a outros muytos fidalgos.

ACabado ho viso rey da barrotar, & assi os outros capitães partio se de Cananor ho primeyro de Dezembro do anno sobredito. E nauegando por sua viajẽ foy ter a agoada de Saldanha que he hũa fermosa ribeira que se mete no mar junto do cabo de boa Esperança, & ali fez agoada. E tẽdoa quasi feyta acertou de ir pelo ser tão hũ Diogo fernandez labaredas & foy ter a hũa aldea pouoada de negros que se tratão da maneyra que disse no primeyro liuro: & esta era hũa legoa da agoada, & dela trouue hum carneyro muyto grãde & gordo, como os ha por aquela terra, & deu o ao visorey, a que gabou muyto a terra & a multidão do gado que auia nela, q̃ foy causa de mouer ao viso rey que mãdasse là resgatar daquele gado pera fazer carnajem, & mandou a isso ho mesmo Diogo fernãdez, & irião coele obra de doze homẽs dos nossos. E chegando à aldea que os negros virão as cousas que leuauã pera resgatar agasalharannos muyto bem, & fizerãlhe hũ banquete com hũ carneyro. E estando os nossos e fora dal dea, onde estauão agasalhados, saluo Diogo fernãdez que andaua na aldea, disse hũ que era parente de Ioam homẽ que seria bõ que tomassem hũ negro daqueles pera ho leuarẽ ao viso rey que ho vesteria, & por isso lhe darião os negros muyto gado, & ho leuarião a agoada. E parecendo isto bẽ aos outros determinarão de ho fazer: & nisto veo hũ negro com hũs carneyros, & eles ho tomarão, & poseranlhe hũ punhal nos peytos porque se calasse: mas todauia el le deu dous ou tres muyto grandes bra dos. E os nossos assi polo não ouuirẽ como porque se recolhesse Diogo fernandez q̃ staua na aldea começarão de bradarlhe indose com ho negro, & Diogo fernandez se recolheo logo a eles: & vẽdoho os negros ir, & tambem ouuindo os brados do q̃ leuauão acodirão muytos a pos os nossos, tirãdolhe muytas pedras, de que se grandemẽte ajudão nas pelejas. O que nã parecia aos nossos nẽ que os negros os perseguirião tão brauamente como os perseguirão, cercando os de todas as partes, & ferido algũs, principalmente a hũ bombardeiro a q̃ tratarão muyto mal. E vendo os nossos como a cousa hia de maneyra que se durasse muyto nã escaparia nhũ deixarã ho negro, parecẽdolhe que os deixauão os negros: mas não foy tão asinha, que ainda despois os seguirão hũ pedaço. E escapãdo desta apertada, de que algũs como digo ficarão feridos chegarã onde ho viso rey estaua, a quem contarão ho passado, não dizẽdo que eles forão causa de se leuantarem os negros, se nã que eles de sua propria malicia ho fizerão, & lhe não quiserão resgatar nhũ gado: mas sobrisso se leuantarão cõtre les. Do que indinado ho viso rey cõtra os negros entrou em conselho sobre se destruyria aquela aldea. Em q̃ Lourenço de brito, Iorge de melo pereyra, & Martim coelho forão de parecer, que não, porq̃ offensa feyta per homẽs tão bestiaes como erão aqueles negros não se deuia de sentir, & mais sendo de tão pouca importãcia como era não lhe da

rem quatro carneyros, & posto que im-portara mais, não era pera se tomar dela vingança com tamanho risco como seria leuar gente por terra que não sabião, & de que não tinhão nenhũa noticia: & mais estando a aldea hũa legoa pelo sertão que era muy lõge pera gẽte que auia dir a pé, & pelejar logo no cabo da jornada, que assi auia de ser necessario pois não tinhão õde se agasalhar. Ao q̃ Pero barreto de magalhães, Antonio do campo, & Manuel telez barreto cõtrariarão, dizendo que posto que aqueles negros fossem bestiaes que nẽ por isso se deuião de deixar de castigar pelo que fizerão não tãto por amor do presente como por amor do futuro: porque como daquela agoada se auião de seruir muytas das armadas que fossem pera a India, & tornassem pera Portugal, & se não esteuesse pacifica seria parelas grãde perda, porque muytas chegarião ali desfalecidas de carnes, & não as tomando pereceria a gẽte: & porque os negros ficassem escarmentados, & resgatassem com os que ali aportassem se nã deuia de passar sem castigo o que fizerão. E quanto a se não saber a terra que os negros não erão tão destros na guerra que lhe posessem essas ciladas, & que pera ate a aldea que bẽ auia quẽ soubesse ho caminho: & pera não chegarem afogados & hirem muyto de vagar partirião em anoytecẽdo, & chegarião em amanhecendo: & pera quã curto era ho caminho era ho tempo q̃ auiã de gastar nele tão longo que chegarião descansados pera fazerem o que auião de fazer. E deste parecer forão todos os outros, & tambem ho viso rey: & por isso se assentou nele, & q̃ fossem da mea noyte por diante por não hirem desuelados; & que os capitães hirião por terra com obra de duzentos homẽs, & ho viso rey hiria nos bateis desembarcar no cabo daquela enseada q̃ era mea legoa menos da aldea que por terra, & assi se fez: & quasi todos os nossos hião sem armas defensiuas porque não fossem carregados & ãdassem melhor, & hia por sua guia hũ chamado brita lãças dalcunha. E chegarão a aldea em amanhecẽdo ho primeyro dia de Março de mil & quinhentos & dez: & Pero barreto, & Iorge barreto com a gente repartida ẽ duas partes derão nela cada hũ por sua parte, q̃ assi hia ordenado. Os negros os sentirão logo & acodirão muy prestes cõ suas pedras, de q̃ trazião cheos fardeis de coyro de cabelo cingidos: & assi trazião neles muytos ferros da feyçã dos nossos farpões engastoados em obra dhũ palmo daste: & estes metião em varas tostadas do comprimento de azagayas em hũs encasamentos onde os logo enxirião: & trazião estas varas ãs costas em molhos. E parece que estauão ja ceuados do dia dantes, porque sẽ nenhũ receo das lanças nem bestas dos nossos remeterão logo co eles ãs pedradas & azagayadas: & dos primeyros tiros matarão hũ hirmão de Manuel de lacerda, cujo sobre nome era pereyra. E cõ tudo os nossos lhe tomarão muyto gado grosso que tinhão derredor da aldea: o que visto pelos capitães mandarão recolher: & hianse pera onde ho viso rey estaua com a bandeira real, que a este tempo estaua ja desembarcado, & poserase obra de dous tiros de besta da aldea a esperar os nossos & os recolher quando fossem com ho gado, & deixou os bateis pera despois se tornar neles. E indo se os nossos com ho gado pera õde ho viso rey estaua, ele que os vio parecẽdolhe que estaua a cousa segura aba-

lou pera ondedeixara os bateys, que ja hi não estauão, porque Diogo dunhos mestre da capitaina os tornara a leuar pera a agoada, posto que, como digo ho viso rey os deixaua pera tornar neles: & não vendo ele os bateis tomou ho caminho pera a agoada, & hiase diãte por não se encher do pô que ho gado leuantaua, ho qual hia diante dos nossos, & leuauãno tres homẽs: & ho corpo da gẽte hia hũ pouco a tras pera resistir aos negros se acodissem. E indo assi eylos vem correndo com grande ligeireza, & foranse dereitos ao gado que logo fizerão estar quedo com lhe falarem: & nesta chegada matarão os tres que hiã coele, a que ho corpo da nossa gẽte que ficaua a tras acodio, & começouse despalhar: & os negros tambẽ se espalharã & começarão de pelejar com os nossos muy brauamente, & algũs deles que ficauão com ho gado se começarão de ir coele. E isto era ja pegado com ho viso rey, que vendo ho esforço dos negros & seu modo de pelejar, & como os nossos hião desarmados, & ho perigo que corrião, não quis tornar a tras, se não acolherse: & fazia que não via ho gado que lhe leuauão. Mas lourenço de brito parecendolhe que ho não via lhe disse tres vezes. Señor que nos leuão ho gado. E importunado ho viso rey lhe respondeo, Day ora ao demo ho gado, que nolo hão de leuar, & a nos coele. E coisto fez volta aos negros & os fez afastar. E vẽdo a cousa como hia recolheo os nossos em hũ corpo, & assi seguio seu caminho, & os negros ho tornarão a seguir, perseguindo os nossos muy fortemente de pedradas & azagayadas, leuãdo ho gado antreles, pera coele se defenderem dos nossos: & tinhãno assi ensinado que estaua quedo, ou ãdaua quãdo lhes era necessario, & coisto tinhão milhor maneira pera ferir os nossos: & como hião todos em pinha nunca os errauão, & erão as feridas tantas q̃ algũs começarão de cair, principalmente os que não tinhão criados que os ajudassẽ a soster: & estes assi como cayã assi erão pisados, & afogados dos outros, que se não podião valer, por não leuarem armas defensiuas. E hião tam afadigados do aperto com que os leuauão que hião quasi desbaratados: & bẽ ho entendião os negros, & como a homẽs que não tinhão em conta lhe fazião muytos biocos & geytos medonhos pera os mais espantar. O que vendo Pero barreto não ho pode sofrer, & remeteo a hũ que os mays perseguia coestes biocos, & por lhe fugir foy tanto a pos ele que ho alcançou & vazou a lança nele, & derribou ho, porem ele tambẽ cayo morto das muytas pedradas & azagayadas q̃ chouerão sobrele: o que ho viso rey sentio muyto, & muyto mais nã lhe poder valer. E indo assi com tamanho trabalho como digo, parece que adeuinhando ho viso rey o que auia de ser, disse a Iorge de melo que lhe entregaua aquela bandeira delrey seu senhor, como que era pera morrer sobrela, & que não ficasse aos negros. E perto dagoada sahio dãtreles hũa lança darremesso sem ferro, & deu pela garganta ao viso rey, & passoulhe a guela, que não leuaua barbote, & ele ajoelhou logo com as mãos na lança: & sentindo que se afogaua soltou as mãos da lança, & leuantou as pera ho ceo, como que se encomendaua a nosso senhor, & assi cahio morto.

Capitolo. CXXIIII. Dos costumes do uisorey & de como despois de sua morte ficou por capitão Iorge barreto crasto, & como chegou a Portugal.

EM caindo ho viso rey disse hũ dos nossos a Lourẽço de brito, q̃ de cãsado ho leua ua hũ seu paje sobraçado. Sñor ho viso rey he morto. E vẽdo ele como era verdade, de muy to triste por isso, disse ao paje q̃ ho dei xasse, & deyxouse cayr dizẽdo que po ys ho viso rey ficaua morto, que ele não queria ir viuo a Portugal. E ho mesmo disse Martim coelho que hia ferido, & tambẽ se deyxou cair dizendo cõ gran de magoa, O caualeiros que direis em Portugal, porque não morreis, pois tu do he embarcar, & tanto monta à tarde como pela menhaã. E carregando os ne gros sobre os nossos, como nã auia quẽ os esforçasse, nẽ metesse em acordo pe ra se irem sostendo contra ho impeto dos imigos, desbarataranse de todo, & fugirão a quem mais podia pera a agoa da, deyxando estes dous capitães viuos antre os imigos, a cujas mãos acabarão suas vidas. E assi ficou a bandeira real, que não ouue quem a defendesse: & os negros seguirão os nossos ate a agoada com tanto aperto que lhes foy necessa rio meterense pola agoa pera irẽ tomar os bateys, que estauão tão longe, que a alguũs daua a agoa pelo pescoço. E vẽdo os os negros embarcar tornaranse dali deyxando mortos sessenta & cinco, an tre os quaes forã onze capitães com ho viso rey, cuja morte pos grande espãto por ser tã desastrada, & em lugar onde se tão pouco esperaua que fosse, escapã do das muy perigosas batalhas que con tey. E bem parece que pronosticaua ele que auia de ser sua morte se nisso aten tara, porque vindo pera aquela agoada hũ dia ãtes de chegar a ela fez testamẽ to, dizendo que ho queria fazer, por q̃ não sabia se lhe cairia hũa polé na cabe ça & ho mataria: & ele morreo destou tra maneyra, sendo de pouco mais de cincoenta annos. Foy homẽ de corpo meão & membrudo, & de rosto graue & de grande magestade, foy muyto de uoto & amador de nosso senhor, & go ardaua seus mandamentos segundo pa recia. Foy tam piedoso que nunca casti gou ninguem que primeiro ho não re prendesse tres vezes. Foy de condição muyto magnifica & liberal, segundo se vio nos muytos bẽs que fez aos homẽs em quanto gouernou, assi à sua custa co mo a del rey no que se estendia seu po der. Foy muyto isento pera fazer o que lhe parecia bem, porem com cõselho: & foy muyto prudente & discreto, & foy de tam altos pensamentos que muy tos lho atribuyão a vaidade, principal mente seus amigos, & de feyto dizem q̃ se queria louuado, & que era tençoeiro com quẽ lhe erraua, mas que ho sabia bem dissimular. Nas cousas da guerra foy sempre muyto atentado, com quan to era muyto esforçado. Teue por con crusam, que por mais honrrado que hũ homẽ fosse não deuia de deixar de sair ao desafio que lhe fizesse outro, posto que fosse muyto bayxo. E foy muyto cõ trayro a se fazer na India nenhũa con quista ate a costa do malabar não estar de todo assentada. Em quãto gouernou a India no tempo que estaua em terra se leuantaua cõtinuamẽte ante menhaã & ouuia missa, & em amanhecendo se hia a ribeira a fazer trabalhar nos naui

os, ou no trabalho da edificação da fortaleza de Cochim, onde andaua cõ a gẽte ate ho meo dia que tornaua a comer: E por animar a gente muytas vezes ajudaua ẽ qualquer cousa. Comião coele à mesa de fidalgos ate moços da camara del rey, & os daqui pera bayxo comião cõ ho seu veador que era tamanha mesa como a sua. Tinhase tal ordem q̃ em se pondo a igoaria ao viso rey se punhã juntamente aos outros, despois de comer se recolhia obra de hũa hora: & despois vinhão os officiaes del rey da fazẽda, & da justiça a despachar coele: & estaua em despacho ate quebrar a calma que se tornaua ao trabalho onde andaua ate a tarde que se tornaua a cear, & acabada a cea sahiase pera ho terreyro da fortaleza com os fidalgos, capitães & caualeiros, & praticaua coeles nas cousas da guerra & exercicios dela, & nos notaueys feytos em armas dos antigos: & no modo dos desafios, ao que se ajuntaua muyta gente, porque a fora a materia da pratica ser muyto gostosa, folgauão todos muyto de ouuir ho viso rey porque não dezia cousa que não fosse de notar. Cada anno quando vinha ho inuerno tiraua inquirição dos capitães dos nauios, de como tratauão a gente q̃ trazião: & se os capitães goardauão pera si os mouros que tomauão de presa, ou se os vendiã. Assi que metidos os nossos nas naos, aquele dia jà tarde forão Iorge de melo, & Iorge barreto, acompanhados de muyta gente pera enterrarẽ ho viso rey, que acharão desarmado de hũas couraças que leuaua de veludo carmesim: & estaua aberto pelos peytos & pela barriga. E ele enterrado forã tambẽ enterrados algũs dos mortos q̃ estauã perto da praya, & despois se tornarão pera as naos, onde ouue grande porfia antre Iorge de melo, & Iorge barreto, sobre quem auia de ficar por capitão mõr. E por derradeyro ho deixarã no parecer da gente que hia na capitayna que dissesse de qual era contẽte que ficasse por capitão mõr, & q̃ esse fosse. E a gente disse que a bãdeira auia de hir onde hia, & que Iorge barreto a uia de ser seu capitão mõr, & assi ho foy. E ao outro dia que forã dous de Março se partirão pera Portugal, onde chegado Iorge barreto, contou a el rey dom Manuel a morte do viso rey.

Laus Deo.

Foy impresso este segundo liuro da historia da India em a muyto nobre & leal cidade de Coymbra por Ioão de Barreyra, & Ioão aluarez empressores del rey na mesma vniuersidade. Acabouse aos vinte dias do mes de Ianeyro. De M. D. LII.

1554 1) 2 ff. n. ch. + 186 ff. mal
ch. 202

1552 2) 4 ff. n. ch. + 239 pp. avec
qq. fautes de num.
(p. 91 à replacer à
sa position)

c. c. [illegible]